Simona Ailenii

Os Primeiros Testemunhos da Tradução Galego-Portuguesa do Romance Arturiano

Dissertação de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas
sob a Orientação do Professor Doutor José Carlos Ribeiro Miranda
e do Professor Doutor Constantin Frâncu
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Faculdade de Letras da Universidade "Alexandru Ioan Cuza" de Iași
2012

Iubi-Te-voi, Doamne, vîrtutea mea.
Domnul este întărirea mea
și scăparea mea
și izbăvitorul meu.

Nota Prévia

A viagem enquanto aluna Erasmus para as belíssimas longínquas terras lusitanas proporcionou-me em 2004 um encontro inesquecível com o Professor Doutor José Carlos Ribeiro Miranda no âmbito do Curso de Estudos Pós-Graduados da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Deste encontro resultou um longo e profícuo percurso de (in)formação em torno da literatura medieval ocidental. A sua dedicação e o seu rigor científico no estudo da literatura medieval ocidental veio ao encontro do meu entusiasmo pelo estudo dos testemunhos de literaturas e línguas românicas, que se concretiza neste trabalho, com o estudo da materialidade e da textualidade dos primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano.

Os meus agradecimentos são para ele, Professor Miranda, sempre paciente e disponível para esclarecer as minhas dúvidas, dando-me conselhos sábios e apoiando-me como Orientador, mas também como amigo com quem sempre pude contar.

Uma palavra de agradecimento vai igualmente para o meu Orientador da Universidade "Alexandru Ioan Cuza" de Iaşi, o Professor Doutor Constantin Frâncu, a quem devo o entusiasmo pelo estudo da história das línguas neolatinas. Agradeço a sua compreensão e apoio neste projecto ao longo dos anos com paciência e competência científica.

Não poderia deixar de agradecer também à Professora Doutora Ana Sofia Laranjinha que seguiu sabiamente este trabalho linha a linha. Agradeço a sua dedicação e incessável disponibilidade para me ouvir, corrigir e acolher ao longo destes anos. Uma preciosa orientação com tino e doçura, cuja memória estará sempre presente.

Uma palavra de agradecimento deve ser dirigida à Professora Outi Merisalo da Universidade de Jyväskylä, cuja disponibilidade em seguir e corrigir o meu trabalho em torno de questões de paleografia é memorável.

Queria também agradecer ao Professor Doutor Alexandru Gafton, a quem devo a paixão pela paleografia. Agradeço a sua disponibilidade em fazer comentários certeiros quanto às minhas dúvidas ao longo destes anos, bem como a oportunidade de leccionar na Faculdade de Letras da Universidade "Alexandru Ioan Cuza" de Iaşi.

Também queria agradecer aos meus colegas e amigos do *Seminário Medieval, Literatura, Pensamento e Sociedade* que contribuíram decisivamente para a

realização desta tese. Os longos seminários de doutoramento dirigidos pelo nosso Orientador, o Professor Miranda, proporcionando a partilha de medos, alegrias e reflexões científicas, serão gravadas na memória desta tese, bem como os nomes dos seus participantes, a Professora Maria do Rosário Ferreira a quem sempre agradecerei as críticas certeiras e sorriso encorajador, Isabel Correia a quem não poderia esquecer de agradecer a disponibilidade de me corrigir e animar, Rafaela Silva, a quem sempre agradecerei a amizade e partilha da fé, Rita Braga, a quem sempre agradecerei a leitura meticulosa do meu trabalho, Mariana Leite, Joana Gomes, Elsa Vieira e Filipe Morreira a quem não deixaria de agradecer a amizade, apoio amigo e partilha de reflexões em torno deste trabalho e de vida.

Também queria agradecer os ensinamentos pacientes e marcantes, principalmente no início do processo, das Professoras Doutoras Fátima Marinho, Clara Barros e Fátima Outeirinho da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Outro agradecimento em especial para a Professora Cristina Marinho da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, cujo apoio, inestimável compreensão e atenção paciente foram tão importantes quando dava ainda os primeiros passos na investigação.

Uma justa palavra de agradecimento deve ser dirigida à minha amiga Marta Afonso, tanto apoio profissional e amigo e tanta disponibilidade em seguir igualmente linha a linha este trabalho, corrigir, animar e partilhar dúvidas, ansiedades e alegrias que me impediram, também, de desistir em muitos momentos difíceis. Também agradeço aos pais da Marta Afonso o caloroso acolhimento de muitas tardes de domingo.

Há ainda outras pessoas cuja presença na minha vida ao longo deste percurso teve um imensurável contributo para esta tese. Assim, aos meus amigos, Elena Gott, Fátima Teixeira, Roman e Irina Chertovskih, Paula Barbosa, Laura Bădescu, Brînduşa Grigoriu, Feodor Stoicev, agradeço as palavras de amizade e confiança em mim.

Agradeço também à minha prima Paula Ciocârlău e ao meu amigo Nelson Bandeira o empenho na leitura atenta de inúmeras tabelas desta tese.

Aos meus pais agradeço os irmãos que me deram.

Finalmente, ao Rui, cuja presença na minha vida faz toda a diferença, agradeço a paciência e o sorriso, sem os quais este trabalho teria sido muito mais árduo em muitos momentos.

Devo à Fundação para a Ciência e a Tecnologia o apoio financeiro para poder realizar esta dissertação, deslocar-me a bibliotecas e arquivos onde pude consultar e estudar vários manuscritos medievais, bem como participar em vários congressos da especialidade.

Introdução

A matéria arturiana representa uma página muito significativa na história da literatura e da língua em romance e, já desde o século XIX, se tem reflectido sobre o papel fulcral que os romances arturianos desempenharam também no conhecimento do mundo medieval. Esta matéria narrativa configura-se nas primeiras duas décadas do século XIII como uma organização cíclica em prosa designada por Ciclo da Vulgata. Este conjunto cíclico conhece, entre 1230-1240, uma versão expandida ou condensada, de acordo com diferentes estudiosos que se debruçaram sobre o problema, designada por Pseudo Robert de Boron.

Originário de solo francês, o romance arturiano conta desde a segunda metade do século XIII com expressões transpirenaicas. A Península Ibérica será o primeiro berço das traduções da matéria arturiana e os testemunhos preservados atestam também versões em três línguas: galego-português, castelhano e catalão.

Este trabalho propõe-se realizar um estudo interdisciplinar dos primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano conservados nos arquivos e nas bibliotecas hispânicas — os fragmentos da *Estória do Santo Graal*, do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan* que chegaram até nós. Para avançar solidamente neste estudo, consideramos oportuno a análise pormenorizada da sua materialidade física e textual.

O carácter arcaico dos textos arturianos transmitidos nas traduções galego-portuguesas tem sido debatido com base em testemunhos tardios (a *Demanda* portuguesa, o *Livro de José de Arimateia*), que revelam um substrato de língua muito antigo (Nunes, 1908, Castro, 1984). Ora, a confirmação deste pressuposto veio com a descoberta, como veremos, de alguns dos manuscritos literários mais antigos em galego-português, que atestam um estado da língua literária muito antigo, configurando-se como os mais antigos testemunhos do ciclo do Pseudo Robert de Boron.

O nosso trabalho está dividido em quatro partes. As primeiras duas partes centram-se na descrição do suporte material dos testemunhos e as últimas duas no estudo do texto destes testemunhos.

Devido ao paradeiro desconhecido durante décadas do manuscrito do *Livro de Tristan*, a primeira parte inclui uma descrição codicológica completa de apenas dois

testemunhos, ou seja, do manuscrito da *Estória do Santo Graal,* que será referido como manuscrito de Santo Tirso (ST), conservado no Arquivo Distrital do Porto (ms. NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012) e do manuscrito do *Livro de Merlin*, conservado na Biblioteca da Catalunha (ms. 2434), referido como manuscrito da Catalunha (LM). Todavia, em relação ao manuscrito do *Livro de Tristan*, é necessário referir que, infelizmente, tomámos conhecimento da notícia da sua redescoberta através da BITAGAP e do portal do Arquivo Histórico Nacional de Madrid num momento posterior ao trabalho já realizado em torno de descrição codicológica e paleográfica. Assim sendo, a parte dedicada a questões de codicologia inclui, no que diz respeito a este manuscrito, apenas a descrição de itens observáveis através das imagens disponibilizadas pelo Arquivo Histórico Nacional de Madrid, onde se conserva. Em relação à descrição paleográfica do manuscrito, baseamo-nos, na medida do possível, no fac-símile incluído na edição de Pensado Tomé de 1962.

Na segunda parte, ocupamo-nos da descrição paleográfica dos testemunhos medievais. Esta parte divide-se em quatro capítulos. Os primeiros três capítulos debruçam-se sobre a descrição paleográfica de cada um dos três testemunhos arturianos.

No quarto capítulo, propomos um estudo paleográfico comparativo entre seis documentos do *scriptorium* de D. Dinis e o manuscrito BC, 2434 (*Livro de Merlin*). Tendo disponíveis para a análise documentos régios datados, localizados e assinados, considerámos relevante levar a cabo um estudo paleográfico comparativo, no sentido de adiantar hipóteses sobre o lugar de produção e até o possível responsável da cópia do códice arturiano. Não pretendemos, contudo, com este estudo, realizar uma abordagem exaustiva desta questão, mas apenas chamar a atenção para a possível relação entre a produção documental e librária coeva e incentivar futuras investigações mais específicas e detalhadas, baseadas num *corpus* mais vasto.

Assim, nas duas secções iniciais em que se descreve o suporte material dos primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano e a representação física do texto traçado, tentámos iluminar o percurso destes testemunhos ao longo dos séculos. O estudo das características da letra e o seu enquadramento na tipologia da escrita gótica no momento em que esta alarga o âmbito do seu uso no Reino de Portugal constitui um outro objectivo deste trabalho.

A terceira parte desta dissertação dedica-se às questões de *collatio*. Esta parte divide-se, igualmente, em três capítulos que tratam o problema da colação entre os primeiros testemunhos galego-portugueses do romance arturiano e os correspondentes da tradição textual francesa. O primeiro capítulo incide sobre a tradução galego-portuguesa da *Estória do Santo Graal* transmitida em dois testemunhos, um datado dos finais do século XIII-inícios do século XIV e outro do século XVI, comparando-os com dois correspondentes franceses (trata-se do manuscrito editado por Oskar H. Sommer (1909), que transmite a redacção breve e o editado por Jean-Paul Ponceau (1997), que representa a redacção mista da *Estoire del Saint Graal*).

No segundo capítulo desta terceira parte, propõe-se a análise comparativa entre a tradução galego-portuguesa do *Livro de Merlin*, que se conserva em testemunho único (eds. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António, 2001), e o texto correspondente em três testemunhos da tradição francesa. Trata-se do ms. Add. 7071 de Cambridge University (trans. Amadeu-J. Soberanas, 1979), do ms. Huth (ed. Gilles Roussineau, 1996) e do ms. BNF, fr. 112 (ed. Gilles Roussineau, 1996).

O terceiro capítulo debruça-se sobre o caso da tradução galego-portuguesa do *Livro de Tristan* (eds. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António, 2001), em comparação com cinco testemunhos da tradição textual francesa, a saber, os mss. BNF, fr. 99, fr. 750, fr. 756; 2542, Viena (ed. Philippe Ménard, 1987) e 404, Carpentras (ed. Renée Curtis, 1963-1985).

Na última parte do nosso trabalho, dividido em quatro capítulos, abordamos o processo de tradução. Nos primeiros três capítulos, comparam-se os três textos traduzidos em galego-português com o texto/modelo francês representado pelos mesmos textos utilizados na análise de *collatio*, distinguindo-se um conjunto de técnicas e procedimentos de tradução (ausência, amplificação, reformulação, adaptação, modificação estrutural) que será apresentado em função de cada texto. Um quarto capítulo trata de casos comuns aos três textos galego-portugueses e/ou casos afins nos textos franceses e com soluções distintas de tradução nos galego-portugueses (expressão idiomática com cariz religioso, formas de tratamento social, “travailliez et si navres”, “compaignons”, “grant piece” / “granment”, “meismes”, “on”, “morteus home”).

O estudo de colação, na terceira parte, pretende mostrar a relação entre os testemunhos galego-portugueses e os correspondentes da tradição textual francesa,

evidenciando a antiguidade do texto que se transmite no primeiro, segundo o caso, e a configuração da fonte francesa que originou a tradução peninsular.

Com o estudo de tradução pretendemos ainda ilustrar as possibilidades da língua de chegada de exprimir os conteúdos da língua de partida, as características individuais dos três textos traduzidos em galego-português, bem como delinear o(s) perfil(s) do tradutor e o seu comportamento perante o seu modelo.

Parte I

Descrição codicológica

A primeira parte do nosso trabalho é dedicada à descrição dos mais antigos suportes materiais dos textos que transmitem a tradução galego-portuguesa do ciclo do Pseudo-Robert de Boron. Dada a escassez do material existente, não se pode, na realidade, realizar um estudo codicológico completo, mas apenas uma descrição física daquilo que sobreviveu aos séculos.

Trata-se dos primeiros testemunhos fragmentários conhecidos, em pergaminho, do romance arturiano em galego-português, a saber, o manuscrito de Santo Tirso que transmite a *Estória do Santo Graal*, conservado no Arquivo Distrital do Porto (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012), o manuscrito da Catalunha que transmite o *Livro de Merlin*, guardado na Biblioteca da Catalunha (ms. 2434) e o manuscrito de Madrid que transmite o *Livro de Tristan,* preservado no Arquivo Histórico Nacional (AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7). Em seguida, procedemos à descrição de cada manuscrito apresentando os elementos codicológicos pertinentes do ponto de vista do material conservado, de acordo com o modelo de ficha elaborada por Carlos Alvar, Pedro Sánchez-Prieto Borja, Joaquín Rubio Tovar, José Manuel Lucía Megías, M.ª Jesús Torrens, Paciencia Talaya, M.ª Carmen Fernández e Antonio Alvar para o projecto *Manuscritos románicos no castellanos*[1], com base no modelo proposto por Emanuele Casamassima em 1963[2]. Assim, da ficha codicológica mencionada serão seleccionados apenas os itens codicológicos[3] que correspondem ao material físico em

---

[1] Alvar, Carlos (1994), "Manuscritos románicos no castellanos. Presentación", *Revista de Literatura Medieval*, VI, pp. 185-191. Também disponível em: http://dspace.uah.es/jspui/bitstream/10017/5226/1/Manuscritos%20Románicos%20no%20Castellanos.%20Presentación.pdf (19.XII.2011).

[2] Casamassima, Emanuele (1963), "Note sul metodo della descrizione dei codici", *Rassegna degli Archivi di Stato*, XXIII, nr. 2, pp. 181-205.

[3] Eis o modelo apresentado por Carlos Alvar *et alii*: "Título. Autor. Língua. Biblioteca e cota. **Descrição externa**: **1.** Códice: **1.1** Homogéneo. 1.2 Composto: A. Factício. B. Organizado. **2.** Material: **2.1** Pergaminho. 2.2 Papel: 2.2.1 Filigranas. **3.** Fólios: **3.1** Número. 3.2 Ausência de fólios. **3.3** Dimensões: Altura-largura. **4.** Numeração: **4.1** Tipo: **A.** Romana. B. Arábica. **4.2** Localização. 4.3 Erros. 5. Cadernos: 5.1 Número. 5.2 Número de fólios por caderno. 5.3 Reclamos: 5.3.1 Tipo: A. Vertical. B. Horizontal. 5.3.2 Localização. **6.** Página: **6.1** Número de colunas. **6.2** Dimensões da caixa de escrita. **6.3** Interlocunas.

estudo. Para a descrição dos manuscritos, além dos dados recolhidos na observação empírica, foram igualmente considerados os elementos significativos fornecidos pela base de dados BITAGAP[4].

A forma como se conservaram estes testemunhos e como chegaram às bibliotecas e aos arquivos hispânicos permite entender, por um lado, o percurso que teve o pergaminho medieval após a época da sua produção e da sua recepção inicial e, por outro, permite compreender melhor uma fase da produção do livro logo após o advento da imprensa. De facto, estes suportes materiais consistem em meios fólios, fólios e bifólios de pergaminho que chegaram até nós enquanto encadernações (os manuscritos de Santo Tirso e de Madrid) e reforço de encadernação (o manuscrito da Catalunha) de vários documentos e obras datados de épocas posteriores aos séculos em que o pergaminho era o único suporte da escrita.

6.4 Número de linhas. **6.5** Rubricas: **6.5.1** Tipo. **7.** Escrita: **7.1** Mãos: **7.1.1** Localização. **7.1.2** Tipo(s) de letras e características. **7.1.3** Uso das tintas. **7.2** Correcções [Com a indicação da mão executante ou se se trata de uma mão diferente da do texto]. 7.3 Notas marginais. **8.** Capitais: **8.1** Tipo: **A.** Simples. **B.** Extendidas. C. Decoradas. D. Historiadas. **8.2** Localização. 9. Encadernação: 9.1 Dimensões: Altura-largura-lombada. 9.2 Material. 9.3 Decorações. **10.** Observações sobre o estado de conservação. **Descrição interna**: **1.** Título [indica-se o título que aparece no códice]. **2.** Incipit. **3.** Explicit. 4. O princípio e o fim de cada livro ou das subdivisões importantes do livro. **5.** Observações sobre o conteúdo. **6.** Datação. **7.** Historial: 7.1 Antigas assinaturas. **7.2** Antigos possuidores ou procedência. 8. Bibliografia". Cf. Alvar, Carlos et alii (1994), *op. cit.*, p. 188. Os itens relevantes para a descrição dos fragmentos de códices em análise aparecem assinalados em negrito.

[4] Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html (22.III.2011).

A. O Manuscrito de Santo Tirso[5]

(ADP, NOT/CNSTS01/001/0012)

Título: [*Estória do Santo Graal*]

Autor: desconhecido

Língua: galego-português

Lugar de conservação[6] e cota: Arquivo Distrital do Porto, NOT/CNSTS01/001/0012

Descrição externa

1. Códice

1.1 Fragmento de códice.

2. Material.

2.1 O material do fragmento de códice é o pergaminho.

3. Fólios

3.1 O fragmento é constituído por um bifólio.

3.3 Dimensões dos fólios.

Devido aos cortes dos lados exteriores dos fólios e a outras marcas dos acidentes sofridos, o bifólio apresenta dimensões irregulares:

f.1	f.2
271-273 x 193-222 mm	271-272 x 220-222 mm

4. Numeração.

Não é visível qualquer indicação de numeração. Este facto parece dever-se ao corte que o bifólio sofreu nas margens exteriores, para o adequar às dimensões de um

[5] Ver imagens em Apêndice 1.

[6] Substituímos o termo "biblioteca" da ficha codicológica de Alvar, Carlos *et alii* (1994, *op. cit.*) pela expressão genérica "lugar de conservação", sendo os manuscritos em estudo conservados tanto em bibliotecas como em arquivos.

livro notarial, mais pequeno do que o próprio bifólio pergaminháceo, ou a outro tipo de acidentes com consequências idênticas.

6. Página.

6.1 O texto está escrito em duas colunas.

6.2 Dimensões da caixa de escrita.

f. 1r	**col. I**	225 x 82 mm
	col. II	226 x 82 mm
f. 1v	**col. I**	226 x 79 mm
	col. II	197 x 74 mm
f. 2r	**col. I**	225 x 85 mm
	col. II	209 x 6974 mm
f. 2v	**col. I**	210 x 66~76 mm
	col. II	204 x 8590 mm

6.3 Intercolunas.

12-14 mm

6.4 Número de linhas.

f. 1r		**f. 1v**		**f. 2r**		**f. 2v**	
col.I	**col.II**	**col.I**	**col.II**	**col.I**	**col.II**	**col.I**	**col.II**
33		35	34	36		35	

7. Escrita.

7.1 Identifica-se uma única mão responsável pelo texto, pelas correcções e, provavelmente, pela pigmentação a vermelho do enchimento do contorno de várias letras.

7.1.2 A letra é uma *hibrida*[7] cujas características são devidamente descritas na segunda parte desta dissertação.

7.1.3 A tinta de cor castanha é utilizada para o texto, enquanto as capitais são traçadas a vermelho. Esta mesma tinta é igualmente utilizada no enchimento do contorno das iniciais maiúsculas (**A**, **D**, **E**, **M**, **Q**); um traço vertical em tinta de cor vermelha acompanha outras iniciais maiúsculas (**E**, **C**); o enchimento do contorno de algumas minúsculas (**a**, **q**, **p**) encontra-se esporadicamente marcado a tinta vermelha, assim como a marcação das correcções de palavras ("*era*", f.2v/col.II/l.6) e letras ("*e*", f.2v/col.II/l.9); um traço quase horizontal assinala uma abreviatura em "*Sancta*" (f.1r/col.II/l.12) e uma vírgula de módulo pequeno em cima de "cob*e*rta" (f.2v/col.II/l.13) indica a ausência do "e".

7.2 Correcções.

No manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 são visíveis algumas correcções de palavras e letras omissas. A palavra "era" (f.2v/col.II/l.6), as letras "a" em "mays" (f.1r/col.I/l.33) e "e" em "Deus" (f.2v/col.II/l.9) aparecem sobrepostas. É de notar ainda que, ao longo do material em análise, existe uma segunda correcção da letra "a" no vocábulo "mays" (f.1r/col.I/l.18), conquanto, neste caso, a correcção não se justifique, pois a respectiva letra está presente no corpo da palavra. Assim, tratar-se-ia provavelmente de uma hipercorrecção induzida por outras grafias incorrectas da mesma palavra, já assinaladas. Outra correcção assinala-se no vocábulo "cob*e*rta" (f.2v/col.II/l.13), em que o "e" é representado a vermelho por um traço muito curto. As respectivas correcções provêm de uma mão vigilante que procurou destacar os *lapsus linguae* pela utilização de uma tinta diferente daquela em que o resto do texto é redigido.

7.3 Notas marginais.

As notas marginais visíveis nas margens do texto do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 pertencem aos utilizadores do século XVII deste material[8] e não se relacionam com o texto principal do manuscrito. São anotações de ordem notarial sem relevância para o nosso estudo.

---

[7] Seguimos, neste estudo, a nomenclatura de Derolez, Albert (2003), *The Paleography of Gothic Manuscript Books*, Cambridge, Cambridge University Press.

[8] Uma mão posterior à do texto do manuscrito, provavelmente oriunda do notário tirsense, redige, por exemplo, o ano 1632 no canto esquerdo do lado inferior do f.1v.

8. Capitais.

8.1 Assume-se que as capitais eram desenhadas após a redacção do próprio texto. Assim, é possível observar esta prática no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 pela invasão da tinta vermelha utilizada no traçado das capitais (**A**, f.1r/col.I) no espaço do texto em que é utilizada a tinta de cor castanha. As capitais são simples, mostrando, contudo, um tratamento estilístico esmerado na passagem do traço grosso para o fino (**A**, **C**, **D**, **E**, **M**, **R**) ou no enquadramento geométrico do traçado do **C** (f.2v/col.I) e **A** (f.1r/col.I). As capitais marcam a divisão do texto por parágrafos.

10. Estado de conservação.

O manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 encontra-se num estado de conservação bastante precário. O pergaminho apresenta várias lesões. É possível entender que algumas dessas lesões podem ter resultado da preparação do material enquanto encadernação, funcionalidade que lhe foi atribuída no século XVII, datação do documento notarial encadernado. Explicam-se assim os cortes dos lados exteriores dos fólios e os furos do lado interior do bifólio. Do manuseamento do próprio documento encadernado em pergaminho resultaram, naturalmente, outras marcas visíveis no material conservado, como por exemplo, a ondulação do pergaminho do lado exterior do bifólio ou o apagamento do texto do mesmo lado exterior do suporte material. Orifícios de várias dimensões, pigmentação descolorida do lado interior do fólio 1r, vários cortes dos lados exteriores dos fólios, várias manchas devidas às condições de humidade ou de sujidade são outras marcas que podem ter resultado do manuseamento do próprio bifólio enquanto encadernação e/ou enquanto ainda parte integrante do códice arturiano.

É importante observar um outro elemento codicológico neste material que suscitou a nossa atenção. Trata-se de um nó, também de pergaminho, mas de uma textura mais fina e mais clara do que a do próprio bifólio[9]. Este elemento situa-se no meio do primeiro fólio. É pouco provável que a sua incorporação tenha sido efectuada

[9] Ver imagens em Apêndice 2.

na fase de preparação do próprio códice porque, na superfície do pergaminho que ocupa, se encontra texto redigido escondido. Por outro lado, a forma como se encontra o documento notarial, que o bifólio em pergaminho encadernava, não indica sinais de utilização do respectivo nó neste conjunto material. Por isso, é difícil vislumbrar a verdadeira funcionalidade deste elemento auxiliar. Tratar-se-á provavelmente de um indício de um percurso intermédio do próprio bifólio, entre a fase em que se integrava no códice arturiano e a fase em que serviu de encadernação ao documento notarial oriundo do cartório notarial de Santo Tirso.

Descrição interna

2. Incipit.

[f. 1r] osta m[...] de q*ue* podya. E ffezeralhe hũa camara | p*er* tam g*r*ã soteleza ...

[f. 2r] tẽ […]g[…] [...] [...] […] | […] […] [...] […] | onde nõ pode ho[…] [...] […] | […]aue nõ ousa de pass[…] […] | pa*r*te podyã [...] […] […] | yto de Ssiujlha Aq*u*el […] […] | uos uydes ...

3. Explicit.

[f. 1v] Er[…]ã[…] [...] ey [...] | disse ermo[…] aq*ue*le [...] e por De*us* | [….]guntar q*ue* he Ca ey [...] […] […] |

[f. 2v] Ca eu q*ue*rya auer t*ẽ*po e logar | de ffalar cõtjgo e de sser em tua cãpanha | E sse tu nõ q*u*iseres rreçear mjnha cõpa |

5. Observações sobre o conteúdo.

Trata-se de alguns episódios — a destruição do objecto idólatra, a cristianização do rei Mordão e do seu povo, várias experiências oníricas do rei Mordão — da primeira parte da tradução galego-portuguesa do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, a *Estória do Santo Graal*, também designada por *Livro de José de Arimateia*. Mais exactamente, esta matéria corresponde à parte final do capítulo 57, ao capítulo 58 integral, ao início do capítulo 61, ao capítulo 62 integral e ao início do capítulo 63 do manuscrito 643 quinhentista do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que transmite integralmente a *Estória do Santo Graal*. Os parágrafos do manuscrito tirsense são marcados apenas por

uma capital de cor vermelha, mas sem corresponder às rubricas do texto contido no manuscrito lisboeta.

6. Datação.

Finais do século XIII-início do século XIV[10].

7. Historial.

7.2 Antigos possuidores ou procedência

O trabalho do aluno Nuno Garcia Guina[11], realizado em 1992, no âmbito da Disciplina de Codicologia do Instituto de Paleografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a responsabilidade do Professor Doutor Saul António Gomes, apresenta um levantamento de manuscritos encontrados em capas de livros notariais dos fundos dos cartórios de Santo Tirso e de Penafiel conservados no Arquivo Distrital do Porto. No respectivo levantamento, o autor identifica vários fragmentos de pergaminho servindo de encadernação para documentos notariais. A pedido do Professor Saul António Gomes, Aida Fernanda Dias analisou as fichas codicológicas com informação geral sobre o material recolhido pelo autor, informação que diz respeito à datação do livro notarial, ao nome do notário, à tipologia do texto que o respectivo pergaminho contém, à língua do texto do pergaminho, ao tipo de letra, ao formato do texto, à datação do próprio pergaminho, às dimensões do pergaminho e à legibilidade do texto. Assim, quanto ao manuscrito em análise, o autor fornece os seguintes dados codicológicos: a datação do livro notarial (1632), o nome do notário (João da Costa), a tipologia do texto que o respectivo pergaminho contém (Literário — Crónica (Real) ?), a língua do texto do pergaminho (português), o tipo da letra (gótica), uma sucinta

---

[10] Ver também Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, Manid 3747: http://ucblibrary4.berkeley.edu:8088/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/3747MsEd.xml&style=BITAGAP/templates/MsEd.xsl (29.III.2012). Ver também os trabalhos de Dias, Aida Fernanda (2003-2006), "A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergaminháceo", *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra, vol. XXV, tomo I, pp. 145-221 e Nascimento, Aires A. (2008), "As voltas do *Livro de José de Arimateia*: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado", *Península. Revista de Estudos Ibéricos,* n.o 5, pp. 129-140. Este assunto será ainda debatido na segunda secção deste trabalho.

[11] Guina, Nuno Garcia (1992), *Levantamento de manuscritos em capas de livros notariais do Arquivo Distrital do Porto, cartórios de Santo Tirso e Penafiel*, [texto policopiado], Coimbra, Universidade de Coimbra.

descrição do formato do texto (texto a duas colunas com iniciais a vermelho), a datação do próprio pergaminho (os séculos XIII-XIV), as dimensões (280x400) e breves observações sobre a legibilidade do texto (parte verso bastante legível; parte recto em mau estado)[12]. Um estudo mais atento deste material leva Aida Fernanda Dias a identificar correctamente o texto do pergaminho que serviu como encadernação ao livro notarial de João da Costa de Santo Tirso[13]: trata-se, como atrás indicámos, de várias passagens narrativas com correspondência parcial nos capítulos 57, 58, 61, 62 e 63 do testemunho quinhentista conservado no Arquivo Nacional da Torre de Tombo (ms. 643), que transmite integralmente a respectiva obra medieval. A divulgação da notícia da descoberta do pergaminho medieval vem a lume mais tarde, em encontros científicos de 2002 e de 2003, quando a investigadora portuguesa torna público o pergaminho conservado no Arquivo Distrital do Porto[14].

No levantamento atrás mencionado, Nuno Garcia Guina identifica várias línguas em que são redigidos os textos dos respectivos pergaminhos oriundos dos fundos de Santo Tirso e Penafiel. Assim, o autor identifica pergaminhos pertencentes a obras medievais, transmitindo texto em latim, inglês e galego-português[15].

Um trabalho recente de Isabel Sofia Calvário Correia e José Carlos Ribeiro Miranda[16] vem divulgar a existência de duas tiras de pergaminho conservadas na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que transmitem, desta vez, um texto em francês de uma obra muito apreciada pelos leitores medievais, o *Lancelot en prose*. Estas duas tiras de pergaminho serviram de reforço a uma encadernação de um livro jurídico do século XVI, informação que se encontra registada com letra do século XX, segundo os autores, na margem esquerda de um dos fragmentos: "Joannes Corasius (encadernado em França?), *Varia in Varia Iuris*, Lugduni, 1546"[17].

---

[12] *Ibidem*.
[13] Dias, Aida Fernanda (2003-2006), *op. cit*., p. 153.
[14] Trata-se dos encontros científicos de 2002, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, de 2003, em Coimbra, na homenagem ao Professor Costa Pimpão e do mesmo ano, 2003, em Lisboa, em comunicação apresentada na Academia Portuguesa da História. Cf. Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html (22.III.2012).
[15] Guina, Nuno Garcia (1992), *op. cit*.
[16] Correia, Isabel Sofia Calvário / Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), "Os fragmentos A19 da BGUC e a tradição textual do *Lancelot*". *Guarecer* on-line. Disponível em www.seminariomedieval.com (3.I.2012).
[17] *Idem*, p. 4.

Estes factos permitem formular algumas hipóteses sobre o historial dos manuscritos medievais usados em encadernações de livros impressos. A primeira apontará para que os manuscritos já se encontrassem em território ocidental hispânico em bibliotecas régias ou privadas e, só a partir do século XVI, altura em que o comércio de pergaminho era muito dinâmico, estas obras se tenham tornado um material vendável para fins secundários da imprensa como, por exemplo, servir de encadernação ou de reforço de encadernação. Uma segunda hipótese aponta para a possibilidade de estes manuscritos terem circulado já cortados nos países de proveniência e, em seguida, terem sido comercializados, para serem, finalmente, utilizados nas encadernações ou como reforço de encadernações[18]. Com base em documentação do distrito de Leiria, o estudo de Ana Bela Vinagre constata, também, o mesmo fenómeno[19]. Estes factos vêm assim revelar uma fase da história do pergaminho após o advento da imprensa.

B. O manuscrito da Catalunha

(ms. BC, 2434)

Título: [*Livro de Merlin*]

Autor: desconhecido

Língua: galego-português

Lugar de conservação e cota: Biblioteca da Catalunha, ms. 2434

Descrição externa

1. Códice.

1.1 Fragmento de códice.

2. Material.

2.1 O material do fragmento é o pergaminho.

---

[18] Várias visitas ao Arquivo Distrital de Braga proporcionaram-nos, também, a consulta de 175 pergaminhos aí conservados que serviram de encadernação para várias obras. Os pergaminhos transmitem, em exclusividade em latim, texto religioso (bíblico, antifonário, missários). Estes fragmentos de pergaminhos são guardados no Arquivo de Braga sob a designação Fragmentos, encontrando-se já separados dos livros que encadernavam.

[19] Vinagre, Ana Bela (1995), "Manuscritos de capas de livros paroquiais e notariais do distrito de Leiria do séc. XII e XIX: inventário preliminar", *Actas do II coloquio sobre a história de Leiria e sua Região*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, pp. 13-54.

3. Fólios.

3.1 Trata-se de um meio fólio e de um bifólio.

3.3 Dimensões dos fólios.

Devido aos cortes dos lados exteriores dos fólios e a outras marcas dos acidentes sofridos, os fólios apresentam dimensões irregulares:

f. Lxvij	**f. Cxxij**	**f. Cxxiij**
290-292 x 136-139 mm	288-298 x 209-210 mm	284-289 x 207-209 mm

4. Numeração.

4.1 A. É utilizada a numeração romana no centro da margem superior do lado verso dos fólios. As letras romanas aparecem traçadas num quadro da mesma tinta castanha utilizada na redacção do texto. O meio fólio apresenta a numeração Lxvij e o bifólio atesta a numeração Cxxij e Cxxiij.

6. Página.

6.1 Número de colunas.

O texto está disposto em duas colunas.

6.2 Dimensões da caixa de escrita.

O meio fólio (f. Lvij):

f. Lvij r		**f. Lvij v**	
col. I	**col. II**	**col. I**	**co. II**
—	220-247x71-75mm	220-231x72-75mm	—

O bifólio (ff. Cxxij - Cxxiij):

f. Cxxij r		**f. Cxxij v**	
col. I	**col. II**	**col. I**	**col. II**
220-229x~65mm	227-233x~70mm	226-231x~71mm	225-231x~71mm

f. Cxxiij r		f. Cxxiij v	
col. I	**col. II**	**col. I**	**col. II**
219-227x62-69mm	222-229x66-70mm	218-232x67-69mm	221-229x68-70mm

6.3 Interlocunas.

O espaço entre colunas é irregular devido à presença da capital. Assim, observam-se as seguintes dimensões:

O meio-fólio f. Lvij:

f. Lvij r	f. Lvij v
18-19 mm	10-19 mm

O bifólio ff. Cxxij - Cxxiij:

f. Cxxij r	f. Cxxij v
~19 mm	14-17 mm

f. Cxxiij r	f. Cxxiij v
16-24 mm	13-19 mm

6.4 Número de linhas[20].

f. Lvij r	**col. I**	31
	col. II	
f. Lvij v	**col. I**	31
	col. II	

[20] A diferença tão grande entre o número de linhas dos fólios 67, por um lado, e 122 e 123, por outro, poderia explicar-se como uma consequência de um cálculo impreciso no que diz respeito à quantidade de pergaminho que iria ocupar o texto. Ou seja, é possível que tenha ficado menos texto a ser redigido no epaço que devem ter oferecido os fólios com a numeração 122 e 123 e daí o alargamento entre as linhas e menos linhas na coluna.

f. Cxxij r	**col. I**	25
	col. II	
f. Cxxij v	**col. I**	26
	col. II	
f. Cxxiij r	**col. I**	26
	col. II	
f. Cxxiij v	**col. I**	25
	col. II	

6.5 Rubricas.

6.5.1 Tipo.

O texto está dividido por rubricas traçadas a tinta de cor vermelha. Existem cinco rubricas ao longo do material analisado com o seguinte texto:

C*omo* Anast*en* con pauor de Asen seu padre fez a camar*a* na pena. (f. Lvij r / col. II)
C*omo* a donzela do Lago disse M*er*ly*n* q*ue* lhy most*r*arya a camara. (f. Lvij v / col. I)
C*omo* a donzela disse q*ue* a dona no*n* era uelha ante era muy fremosa. (f. Cxxij v / col. I)
Como Marot e Galuan achar*on* .os xij. yrmaas adeuiadores na pena q*ue* metera y merly*n* p*or* encantame*n*to. (f. Cxxij v / col. II)
Como as donzelas da pena diser*on* a Gal<...> a morte e de se<...>yo R<...>rtur. (f. Cxxiij v / col. II)

Tendo observado os manuscritos da obra de Chrétien de Troyes do século XIII e posteriores à esta datação e os romances em prosa, num estudo dedicado às rubricas e à recepção do romance, leva Keith Busby[21] a concluir que a disposição da matéria por rubricas evolui progressivamente a partir do século XIV, dado que manuscritos anteriores a esta data deste autor não apresentam este tipo de estruturação textual. Ou seja, trata-se de uma prática tardia no romance arturiano também estudada por Cedric E.

[21] Busby, Kieth (1999), "Rubrics and the Reception of Romance", *French Studies*, LIII (2), Society for French Studies, pp. 129-141.

Pickford[22], com base em manuscritos datados dos séculos XIV e XV. Ora, o ms. BC, 2434 vem atestar uma prática que, ao mesmo tempo, se torna indício da sua datação. Os mesmos elementos estarão também presentes, como veremos adiante, no ms. AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7.

7. Escrita.

7.1 Mãos.

Os fragmentos do manuscrito que transmite matéria do *Livro de Merlin* registam uma única mão.

7.1.2 Tipo(s) de letras e características.

A segunda parte desta dissertação é dedicada a um estudo paleográfico em que são apresentadas as características da gótica cursiva bastante semelhante à documental coeva em que se encontra traçado este manuscrito.

7.1.3 Uso das tintas.

É utilizada tinta castanha para o texto e tinta vermelha para desenhar as capitais e as rubricas.

7.2 Correcções

É adoptado um sistema comum na época na prática das correcções, ou seja, a letra subponteada indicando a sua eliminação. Um outro sistema de correcção consiste em palavra riscada. Exemplos da primiera categoria são "ca" (f. Lvij r/col. II/l.2) e "a" (f. Lvij r/col. II/l. 9) e da segunda a palavra "donas", que é riscada e substituída por "molheres" (f. Cxxij v/col. I/l.11). Estas formas de execução das correcções representam um outro critério diferenciador das fases de preparação do texto. Ora, a forma como é executada a correcção da palavra "donas" e a sua substituição por "molheres" na mesma linha constitui o critério diferenciador das fases a que pertencem as correcções legíveis no manuscrito. Ou seja, esta correcção deve pertencer à fase de redacção efectiva do texto e não à fase de revisão final do texto que normalmente segue

[22] Pickford, Cedric Edward (1960), *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Âge d'après le manuscrit 112 du fond français de la Bibliothèque Nationale*, Paris, A. G. Nizet, pp. 154-175. Sobre este assunto, ver também Petrucci, Armando (1995), *Writers and Readers in Medieval Italy: studies in the history of written culture*, Yale University Press.

à fase de conclusão da redacção do texto (ver acima exemplo da forma de corrigir por letra subponteada). É, assim, revelador o acto interveniente da parte do copista/redactor deste manuscrito, dado que se assume que nos situamos perante uma copia da tradução do *Livro de Merlin*.

A mão executante das correcções apresenta características similares à do texto. Na execução das correcções é utilizada a cor de tinta idêntica à do texto.

8. Capitais.

Ao longo do material conservado registam-se capitais simples (**E**, **Q**) e estendidas (**A**, **Q**). Além dos traços estendidos ou simples, cada capital é igualmente ornada no seu interior com motivos florais e/ou circulares, acompanhando o texto encolunado e prolongando-se até às margens inferior e superior dos respectivos fólios. As capitais marcam a divisão do texto por parágrafos.

10. Observações sobre o estado de conservação.

O excelente trabalho de restauro das tiras de pergaminho em discussão permite ainda vislumbrar os traumas que os fólios sofreram no manuseamento do próprio códice e, posteriormente, na fase em que os fólios, retirados do códice, foram utilizados como reforço na encadernação da edição de 1491 do *Chronicon* do arcebispo de Florença Antonino Pierozzi (1389-1459). Trata-se, então, de quatro tiras com as quais foi possível, graças ao trabalho de restauro, reconstituir um bifólio e um meio-fólio. Segundo a indicação do investigador Amadeu-J. Soberanas[23] e a nossa observação empírica do respectivo material, as tiras de pergaminho situavam-se no interior da lombada da encadernação de dois volumes do referido incunábulo. Cada tira apresenta, então, os sinais dos três orifícios em que encaixavam as partes cosidas da lombada. São ainda visíveis vários orifícios que podem ter sido consequências do manuseamento do próprio códice, bem como do processo da manufactura da encadernação em cuja composição entrou. Os fólios parecem ter sido cortados, também, nas margens superiores, apresentando dimensões muito irregulares. A humidade deve ter sido um outro factor exterior que deixou fortes marcas nestes fragmentos de pergaminho. O lado

[23] Soberanas, Amadeu-J. (1979), "La version galaïco-portugaise de la *Suite du Merlin*", *Vox Romanica*, XXXVIII, pp. 177-178.

verso do meio-fólio Lxij apresenta alguns sinais de apagamento do texto, o que pode indicar marcas de humidade ou até consequências da utilização de qualquer material específico na manufactura da própria encadernação do lado em que encaixava a respectiva tira de pergaminho.

Descrição interna

2. Incipit.

[f. 67r/col.II] t*e*rra hũu Rey q*ue* chamaua*n* | Asen. muy bõo cạ home. *e* muy bõo | cau*alei*ro. E auya hũu ma*n*çebo ffilho ...

[f. 122r] q*ue* se conbatya*n* esteue e conheçeus | logo nas armas *e* marauilhousse | porq*ue* esta guerra naçera an|trel*e*s ...

3. Explicit.

[f. 67v/col.I] Qvando A donz*e*la do | lago oyo estas nouas | ffoy muy leda. *e* ouue ende | gram prazer. ca logo penssou || qu*e* Al<...>

[f. 123v] Ento*n* <...> cuydaro*n* *e* ouuiro*n* | o q*ue* hũa <...> disse. Se|nhor destes dous cau*alei*ros q*ue* <...>

5. Observações sobre o conteúdo.

Trata-se de dois episódios — a história de amor do príncipe Anasten e parte da narrativa da *Roche aux Pucelles* — da segunda parte da tradução galego-portuguesa do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, o *Livro de Merlin*. Este testemunho é particularmente importante para o estudo da tradição manuscrita do *Merlin* por não existir nenhum outro em galego-português, francês ou espanhol que contenha os dois episódios em conjunto.

6. Datação.

Primeira metade do século XIV[24].

[24] Ver também Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, Manid 1604: http://ucblibrary4.berkeley.edu:8088/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/1604MsEd.xml&style=BITAGAP/templates/MsEd.xsl (29.III.2012). Ver também o trabalho de Soberanas, Amadeu-J. (1979), "La version galaïco-portugaise de la *Suite du Merlin*", *Vox Romanica*, XXXVIII, p. 174-193. Este

7. Historial.

7.2 Antigos possuidores ou procedência.

Devemos a descoberta deste manuscrito ao investigador Amadeu-J. Soberanas[25] que, em 1979, enquanto estudava, na Biblioteca da Catalunha, a edição de 1491 do *Chronicon* do arcebispo de Florença Antonino Pierozzi (1389-1459), observou que a encadernação dos dois volumes da obra mencionada continha várias tiras de pergaminho com texto redigido. As tiras serviam de reforço à encadernação dos dois volumes. A ocorrência dos nomes próprios como Asen, Anasten, Yvã, Galuam, Marot, Donzela do Lago, Merlyn et Artur facilitou logo a identificação do texto. A Biblioteca da Catalunha conserva apenas dois dos três volumes do incunábulo estudado por Amadeu-J. Soberanas. Este facto levou o investigador espanhol a incentivar a averiguação da hipótese de a encadernação do terceiro volume da respectiva edição, que a biblioteca catalã não preserva, incorporar também tiras de pergaminho do mesmo manuscrito arturiano. Depois de ter identificado exemplares da mesma obra em várias bibliotecas espanholas, o investigador ponderou a hipótese de o terceiro volume da colecção da Catalunha se encontrar numa destas bibliotecas. Além da possibilidade de este terceiro volume conter na sua encadernação tiras de pergaminho, Amadeu-J. Soberanas considerou, também, relevante averiguar a hipótese de outros exemplares de edições diferentes do respectivo incunábulo conterem nas suas encadernações pergaminho. Assim, o autor refere quatro bibliotecas que preservam exemplares da colecção completa do incunábulo mencionado – Biblioteca Universitária de Barcelona, Biblioteca Pública de Gerona, Biblioteca Universitária de Madrid e Biblioteca Pública de Pontevedra. Outras bibliotecas contêm a colecção incompleta, como a Biblioteca Universitária de Salamanca e a Biblioteca da Catalunha que conservam exemplares dos primeiros dois volumes, ou a Biblioteca da Catedral de Segóvia e a Biblioteca Pública de Palma de Mallorca que guardam exemplares do terceiro volume[26].

Respondendo ao incentivo do investigador espanhol, as nossas demandas pelas bibliotecas espanholas, mais exactamente, na Biblioteca Pública de Pontevedra,

---

assunto será ainda debatido na segunda secção deste trabalho.
[25] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit*.
[26] *Idem*, p. 175, n. 7.

Universitária de Barcelona, Universitária de Madrid, Catedral de Segóvia, permitem formular uma conclusão negativa quanto à existência de outro material de pergaminho da obra medieval na composição das encadernações dos respectivos exemplares. Além desta constatação, foi, também, possível identificar que na Biblioteca Universitária de Barcelona não se conserva a colecção completa do incunábulo em discussão, assim como refere Amadeu-J. Soberanas[27], mas apenas dois exemplares do segundo volume do incunábulo referido. Concluímos, também, pela forma e pelo material do encapamento, que o terceiro volume desta obra conservado na Biblioteca da Catedral de Segóvia não deve fazer parte da mesma colecção incompleta preservada na Biblioteca de Catalunha, mas de uma colecção diferente. Um exemplar de um terceiro volume do incunábulo, que nos foi impossível observar, encontra-se na Biblioteca Pública de Palma de Mallorca. Poderá ter sido este o exemplar do terceiro volume da colecção preservada na Biblioteca da Catalunha. Ou não.

Esta análise permite ainda formular algumas hipóteses interessantes sobre os responsáveis pela incorporação das tiras de pergaminho na encadernação dos primeiros dois volumes da edição de 1491 do *Chronicon* do arcebispo de Florença. A primeira aponta, assim como refere Amadeu-J. Soberanas, para a possibilidade de o responsável pela utilização das tiras como reforço de encadernação ser o autor da encadernação que, na época, era o livreiro que se encarregava, também, da distribuição do impresso. Mas, como nas encadernações dos outros exemplares da mesma obra foi impossível detectar tiras de pergaminho, esta hipótese pode carecer de fundamento. Assim, uma outra hipótese, que parece mais provável, aponta para a possibilidade de os utilizadores do manuscrito arturiano serem os herdeiros da biblioteca do Santo de Florença, Antonino Pierozzi que teriam mandado encadernar o códice com materiais existentes naquela biblioteca. Esta hipótese baseia-se nas referências às personagens arturianas como Merlin, Uterpendragon e Artur no volume II do próprio *Chronicon* de 1491[28]. Este facto

---

[27] *Ibidem*.

[28] "Vortigernus consilio inito cum sapientibus quod agere deberet ad iuramen sui iussic venire artificeo ut ei turrim fortissimam construeret Si cum ope eorum tellus absorberet suasum et ei a divinis ut volei sine patre quereret et in eius sanguine lapides et cementum aspergi faceret quasi ab facto fundamentum stare potuisset. Inuentus igitur adolescens cui nomen erat merlinus qui dicebat patrem non vie. Adductaque et mater eius qui confessa en coram rege se non de vole [...] exspu[...] in specie vola apparente concepisse quod fuit [...] per demonem incubum. Hic autem docuit ne occideret modum repandi illi absorptioni. Hic autem merlinus multa obscura reuelauit multa futura prophetauit. Apuit .n. sub fundamento lacus [...]. Sub lacum duos latere dracones quorum unus rubeus populum britonum alter albus gentem saxonum

revelaria o conhecimento por parte de Antonino Pierozzi da matéria do *Livro de Merlin*, que teria sido direccionado para outros objectivos em épocas posteriores.

C. O manuscrito de Madrid

(AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7)

Título: [*Livro de Tristan*]

Autor: desconhecido

Língua: galego-português

Lugar de conservação e cota: Arquivo Histórico Nacional de Madrid, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7

Descrição externa

1. Códice.

1.1 Fragmento de códice.

2. Material.

2.1 O material do fragmento é o pergaminho.

3. Fólios.

3.1 Número.

Trata-se de um bifólio.

4. Numeração.

---

designaret et quis in conflictu suo adincicem preualeret. Predixit etiam aurelium ambrosiu[s] devicto beugisto et cobusto vortigerno regnaturum fratemque eius uterpedragon successurum in regno et utrumque veneno periturum. Arthurum pro quem aprum cornubie vocat prophetauit que [...] dei succurreret que insulas occidentales sibi subiugaret que gallicanas prouincias possideret que romano exercitui terribile se exhiberet et que exitum dubium haberet." Cf. Antonino de Florença, Santo (1491), *Chronicon*, Basilea, Bicolaus Kesler, Segunda Parte, Título XI, Capítulo II. Agradeço ao Professor Adrian Muraru da Universidade "Alexandru Ioan Cuza" Iaşi a preciosa ajuda na tanscrição desta passagem.

Não é visível qualquer indicação de numeração. Este facto dever-se-á provavelmente ao corte que o bifólio sofreu nas margens exteriores, para o adequar às dimensões da encadernação em que se incorporava, mais pequena do que o próprio bifólio pergaminháceo.

6. Página.

6.1 Número de colunas.

O texto está disposto em duas colunas.

6.4 Número de linhas[29].

f. 1r		**f. 1v**		**f. 2r**		**f. 2v**	
col. I	**col. II**	**col. I**	**col. II**	**col. I**	**col. II**	**col. I**	**col. II**
34	33	32	34	30 (?)	31 (?)	34 (?)	38 (?)

6.5 Rubricas.

6.5.1 Tipo.

O texto conservado está dividido por treze rubricas:

Como a Reyna Rogou a glingai*n* q*ue* estas nouas fosse*n* poridad*e* (f. 1r / col. I)

Como o home bóó Rogou a dom la*n*çalot q*ue* lle no*n* metesse mão em seu fillo (f. 1r / col. I)

Como la*n*çarote sse achou co*n* Brandeliz *et* co*n* q*ue*ya destrauz (f. 1r / col. I)

Como Brandeliz *et* q*ue*ya pusfaçaro*n* de dom lançarot (f. 1v / col. I)

Como Neroueix derribou q*ue*ya destrauz na ponte (f. 1v / col. I)

Como Neroueix derribou Brandeliz ena ponte (f. 1v / col. II)

Como o escudeyro do castello desfiov a dom lançarote (f. 2r / col. I)

Como dom lançalot derribou huu Cauall*ei*ro *et* foy ferir os Çinq*u*o (f. 2r / col. II)

Como lançarot sse conbateu co*n* q*u*atro caualeyros (f. 2v / col. I)

Como ho Cauall*ei*ro disse q*ue* lancarot auya de ue*n*çer os iiij (f. 2v / col. I)

[29] Devido aos danos provocados pela humidade, orifícios de várias dimensões e manchas escuras do lado superior do bifólio é impossível indicar o número real de linhas das colunas do f. 2r-v.

Como o ssenor do Castelo soubo porq*ue* era a volta (f. 2v / col. II)

Como o ssenor do Castelo ssayu a dom la*n*çarote (f. 2v / col. II)

Como Neroueix enuyou ss<...> donzela por ueer o q*ue* faria do*n* la*n*calot (f. 2v / col. II)

7. Escrita.

7.1 Mãos.

7.1.2 Tipo(s) de letras e características.

A segunda parte desta dissertação é dedicada a um estudo paleográfico em que são apresentadas as características do tipo da gótica atestado neste manuscrito, com tendência comuns ao que se deve ter desenvolvivo em Castela e Leão no século XIV[30].

7.1.3 Uso das tintas.

Castanho para o texto e vermelho para as capitais e as rubricas.

8. Capitais.

8.1 O bifólio apresenta capitais ornadas no interior com traços óbliquos (**Q**) ou com motivos circulares (**D**, **E**, **F**) ou quadrados (**L**, **Q**). Nota-se também uma tendência para estender a cauda da capital **Q**. As capitais apresentam uma extensão ornamental, acompanhando a coluna de que se abrem e marcam a divisão do texto em parágrafos.

Descrição interna

2. Incipit.

[f. 1r]

rubrica: Coõ̃o a Reyna Rogou a glingai*n* que estas nouas fosse*n* | poridad*e*

texto: Por estas noua q*ue* disso Glingaym | ffoy a Reyna ta*n* confortada ca be*n* crija | ela q*ue* llo no*n* diria se no*n* fosse u*er*dade ...

[f. 2r]

rubrica: <...> COMO O ESCVDEIRO | DO CASTELO DESFIOV A DOM LANÇA|ROTE [sic]

[30] *Infra*, segunda parte desta dissertação.

texto: Depoys q*ue* Lançarot foy partido de seus conpaneyros caualgou p*or* la montana ata | q*ue* chegou p*re*to da montana do Castelo ...

3. Explicit.

[f. 1v] Caual*ei*ros aue*n*turos<...> | ora podedes passar a ponte sse q*ui*serdes ora <...>ia | disser*on* os Caual*ei*ros mays se q*ui*serdes iustar co*n*nosco || <...>

[f. 2v] Quando Lança*rote* oyu diz*er* aos do castelo ue|des aly o bom Caual*ei*ro marauillousse | mays sse fosse em cornualla no*n* sse ma <...>

5. Observações sobre o conteúdo.

O manuscrito de Madrid inclui três episódios. A primeira passagem narrativa conta a alegria da rainha Iseu devido às novas de Glingain sobre Tristan, a segunda e a terceira narram as aventuras de Lancelot à procura do Cavaleiro da Saia Mal Tallada.

6. Datação.

Segunda metade do século XIV[31].

7. Historial.

7.2 Antigos possuidores ou procedência.

O manuscrito que transmite fragmentos do *Livro de Tristan* foi descoberto, pela primeira vez, por Manuel Serrano y Sanz em 1928[32] enquanto examinava o arquivo da Casa ducal de Osuna, mais exactamente os documentos do poeta do século XV, D. Iñigo López de Mendoza, Marquês de Santillana. Assim, o investigador identifica, embora incorrectamente, que o manuscrito utilizado na encadernação de uma cópia notarial do testamento deste poeta continha um fragmento do *Lanzarote del Lago*. Mais

[31] Ver também Philobiblon / BITAGAP, Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, Manid 1483: http://ucblibrary4.berkeley.edu:8088/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/1483MsEd.xml&style=BITAGAP/templates/MsEd.xsl (29.III.2012). Ver também os trabalhos de Serrano y Sanz, Manuel (1928), "Fragmento de una versión galaico-portuguesa de *Lanzarote del Lago*", *Boletín de la Real Academia Española*, Vol. 15, pp. 308-314 e de Pensado Tomé, José L. (1962), "Fragmento de um *Livro de Tristan* galaico-portugués", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Anejo XIV, Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Gallegos. Este assunto será ainda debatido na segunda secção deste trabalho.

[32] Serrano y Sanz, Manuel (1928), *op. cit.*

tarde, em 1962, José L. Pensado Tomé[33] identifica correctamente o texto e inclui, na sua edição, um fac-símile parcial do fragmento. O paradeiro do manuscrito permaneceu durante décadas desconhecido até 30 de Outubro 2009, quando o fragmento foi relocalizado através do portal do Arquivo Histórico Nacional de Madrid por Pedro Pinto, com uma nova cota acima indicada. Como cotas antigas do manuscrito registam-se: Leg. 1267, n. 10 (2); Leg. 1762, n. 8 (7)[34].

A descrição codicológica deste manuscrito limitou-se a apresentar os itens observáveis através das imagens disponibilizadas pelo Arquivo Histórico Nacional de Madrid.

[33] Pensado Tomé, José L. (ed. 1962), *op. cit*.
[34] Cf. Philobiblon/ BITAGAP: http://ucblibrary4.berkeley.edu:8088/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/1483MsEd.xml&style=BITAGAP/templates/MsEd.xsl (29.III.2012).

Parte II

Descrição paleográfica

Tomando em consideração a escassa investigação paleográfica que existe sobre os três mais antigos manuscritos arturianos em galego-português, de que nos temos vindo a ocupar, propomos, nesta parte do nosso trabalho, uma abordagem paleográfica, enquadrando os testemunhos em estudo no âmbito geral do fenómeno da escrita gótica no ocidente da Península Ibérica. Com esta abordagem procuraremos reunir os factos mais relevantes que permitirão, por um lado, situar os três manuscritos estudados na tipologia da escrita e no período cronológico em que se enquadram (mais especificamente, a escrita dos séculos XIII e XIV, no âmbito hispano-ocidental) e, por outro lado, possibilitar um conhecimento mais aprofundado da escrita em vernáculo em Portugal, cujas origens já se devem colocar, segundo revelam os estudos dos últimos anos[35], na segunda metade do século XII no âmbito da produção documental. Os manuscritos em estudo vêm, assim, testemunhar o alargamento dos âmbitos do uso do romance em Portugal.

Assim, em primeiro lugar, a nossa atenção incidirá sobre a análise paleográfica individual dos fragmentos dos códices arturianos de Santo Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012), da Catalunha (ms. BC, 2434) e de Madrid (AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7), dando especial destaque aos elementos gráficos mais relevantes da escrita gótica revelada neste material. Em segundo lugar, realizar-se-á uma análise comparativa entre a escrita gótica atestada no manuscrito BC, 2434 e a exemplificada por seis cartas régias do *scriptorium* de D. Dinis, datadas entre 1293 e 1313. Propomos, assim, uma comparação entre a escrita de um fragmento de códice e alguns exemplos de escrita documental. Quais serão as razões para uma tal comparação?

[35] Souto Cabo, José António (2003), "Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do séc. XII", *Diacrítica. Ciências da Linguagem* 17, pp. 329-385; Souto Cabo, José António (2004), "Novas perspectivas sobre a génese da *escripta* romance na área galego-portuguesa. Textos e contextos", *Aemilianense* 1, pp. 569-599; Martins, Ana Maria (2007), "O primeiro século do português escrito", *Na nosa lyngoa galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*, ed. Ana Isabel Boullón Agrelo, Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 161-184; Souto Cabo, José António (2011), "*A cessão do mosteiro de Armeses à condessa Dª Sancha Fernandes* (1222). Intercecções escriturais no primeiro documento romance na Galiza", *Revista Galega de Filoloxía*, 12, p. 220.

Em primeiro lugar, chamou a nossa atenção a aproximação em nota de rodapé entre a escrita do ms. BC, 2434 e a escrita de um documento dadato de 1309[36] do *scriptorium* de D. Dinis no estudo de Amadeu-J. Soberanas[37].

Em segundo lugar, um olhar atento sobre a escrita do fragmento de códice e algumas cartas[38] assinadas pelos escribas do *scriptorium* do rei revelou-nos também a presença de traços bastante similares.

Em terceiro lugar, uma outra tentativa de aproximar a escrita de um manuscrito do âmbito librário da escrita de um documento do âmbito administrativo do espaço ocidental peninsular vem consolidar a ideia do paralelismo entre estas duas realidades paleográficas distintas de forma que se identifique e/ou se aproxime o lugar de produção. Referimo-nos aos fragmentos que transmitem sete cantigas d'amor de D. Dinis, descobertos em 1990 por Harvey L. Sharrer na encadernação de um livro do Cartório Notarial de Lisboa[39]. Ora, estes fragmentos revelam, segundo o investigador americano, "dois estilos caligráficos diferentes"[40]. O aspecto de considerar é que Harvey L. Sharrer afirma que o segundo estilo de escrita é comum aos documentos régios na época de D. Dinis, ilustrando-o através de um documento do rei, datado de 1299[41]. Observamos, assim, uma vez mais, a atenção que se centra sobre a possível similaridade entre a letra de fragmentos de factura librária e a de factura documental dos *scriptoria* de D. Dinis.

Ora bem, apesar de ser mais lógico fundamentar a execução de um manuscrito contendo produção lírica atribuída a D. Dinis num *scriptorium* régio ou de ponderar a

[36] O documento encontra-se reproduzido na estampa n.º 91: 1309 Ag. 26, Torres Vedras - *Inquérito sobre os rendimentos das quatro freguesias da vila de Torres Vedras* (T. T., Colegiada de S. Miguel de Torres Vedras, <<*Livro das emquirições*>>, fl.1) em Costa, Avelino de Jesus (1997), *Álbum de Paleografia e Diplomática portuguesas*, 6ª ed., Coimbra, IDP da FLUC.

[37] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, p. 177, n. 10.

[38] A oportunidade de incluir neste estudo os seis documentos régios surgiu como continuação das investigações na área da paleografia da Professora Cristina Cunha da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e ao incentivo do Professor José Carlos Miranda da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, orientador da presente dissertação.

[39] Sharrer, Harvey L. (1991), "Fragmentos de Sete Cantigas d'Amor de D. Dinis, Musicadas — uma Descoberta", *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. I, Sessões Plenárias, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 13-29.

[40] "O primeiro, uma letra gótica francesa minúscula usada para o texto de cada primeira estrofe acompanhada de notação musical, é uma letra comum aos textos literários da zona ocidental da Península que já é utilizada no século XIII e continuará a sê-lo no século sequinte. Por ser um estilo constante e duradoiro, é difícil datá-lo com precisão. O segundo estilo, usado nas estrofes não acompanhadas de notação musical, também é letra gótica minúscula, mas trata-se de outro estilo caligráfico comum aos documentos régios da época de D. Dinis" Cf. Sharrer, Harvey L. (1991), *op. cit.*, p. 16. Sobre este assunto, ver também Guerra, António J. R., "Contribuições para a Análise Material e Paleográfica do Fragmento Sharrer", *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. I, Sessões Plenárias, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 31-34.

[41] O documento encontra-se reproduzido na estampa n.º 88: 1299 Nov. Portalegre — D. Dinis doa à Ordem de Avis o padroado da igreja de Santa Maria do Castelo de Portalegre e de todos os templos sujeitos a ela. (T. T., Ordem de Avis, m. 2, n.º 82) em Costa, Avelino de Jesus (1997), *op. cit*.

hipótese de ter existido também *scriptoria* privados onde a cópia do códice arturiano poderá ter sido realizada, não invalida, porém, a possibilidade de encontrar no paralelo entre a escrita do códice conservado na Biblioteca da Catalunha e várias cartas assinadas pelos escribas de D. Dinis elementos paleográficos que conduzam a um numidor comum no que concerne ao lugar de produção e até ao responsável pela escrita do códice arturiano.

Assim, ao incentivo das referências adiantadas nos estudos mencionados e com base numa observação empírica tanto dos fragmentos do códice arturiano como dos seis documentos régios acima referidos, desenvolviremos num quarto capítulo desta parte uma reflexão sobre alguns factos paleográficos.

Como vimos na descrição codicológica dos três manuscritos objecto de estudo deste trabalho, trata-se de suportes materiais fragmentários de pergaminho sobre os quais se tem adiantado a datação de finais do século XIII e a segunda metade do século XIV. Recorde-se que os nossos comentários codicológicos e paleográficos sobre o manuscrito Leg. Carp. 1501 B, n. 7, AHNM são limitados pelo facto de, na altura em que desenvolvemos esta investigação, termos tido disponível para a análise apenas o fac-símile da edição de Pensado Tomé de 1962. Como já dissemos atrás, o paradeiro deste manuscrito permaneceu muitas décadas desconhecido depois de ter sido estudado e editado pelo investigador espanhol. Assim, apesar destas limitações em termos de acessibilidade ao material, pelas razões já expostas, consideramos relevante manter destacadas as letras do manuscrito Leg. Carp. 1501 B, n. 7, AHNM na forma como aparecem no mencionado fac-símile, tendo em conta a utilidade da exemplificação paleográfica. Num futuro trabalho de índole codicológica e paleográfica o material poderá ser observado a partir do original.

Já desde a segunda metade do século XX que vários estudiosos se dedicaram à organização de uma nomenclatura da escrita gótica, nem sempre chegando a conclusões consensuais. Com o objectivo de definir uma nomenclatura para a escrita gótica librária, Gerard Isaac Lieftinck[42] participou em 1953[43] num congresso em que propôs uma classificação em quatro tipos: textual, notular, cursiva e bastarda. Cada categoria apresenta subdivisões. É importante mencionar que este autor entende utilizar o termo

[42] Lieftinck, Gerard I. (1954), "Pour une nomenclature de l'écriture livresque de la période dite gothique", *Nomenclature des écritures livresques du IXe au XVIe siècle, Premier colloque international de paléographie latine (Paris, 28-30 avril 1953)*, Paris, Colloques internationaux du C.N.R.S., Sciences humaines, 4, 1954, pp. 15-33.
[43] Ver http://www.palaeographia.org/cipl/colloq.htm

textualis com aplicação ao âmbito da escrita librária. No que diz respeito ao tipo textual, o autor apresenta as subdivisões *littera textualis formata* (mais caligráfica), *littera textualis* simples ("tout court", para livros comuns "de bonne facture"), *littera textualis currens* (para manuais e glosas). Em relação à segunda categoria, a escrita notular, o autor afirma que é utilizada para pequenos apontamentos no corpo do livro, nas glosas e até em documentos administrativos. Quanto à cursiva, presente nos livros efectivamente depois do século XIII, são indicadas as categorias seguintes: *littera cursiva formata* (mais caligráfica), *littera cursiva textualis* (menos caligráfica), *littera cursiva currens* (em registos e actas). E, finalmente, no que concerne à bastarda, derivada da *littera textualis* e da cursiva, será dividida em *littera cursiva bastarda* e *littera cursiva bastarda currens*[44].

No sentido de complementar o sistema de Gerard Isaac Lieftinck e de definir uma nomenclatura da escrita gótica aplicável a nível europeu, o estudo de Albert Derolez revela-se, até aos nossos dias, a mais abrangente e mais precisa contribuição[45]. A letra bastarda do sistema do autor holandês será substituída por Albert Derolez pela designação Cursiva *formata*[46], *hibrida formata* ou *semihibrida formata*. E, tendo em conta a morfologia da letra **a** com dois compartimentos na cursiva e com um só compartimento na *textualis*, o autor entende utilizar para o primeiro caso a designação cursiva *antiquior* e para o segundo, *semitextualis*[47]. Assim, baseando-se na escrita dos livros europeus (região centro-oeste), a partir do século XIII até ao início do século XVI, o autor propõe a nomenclatura seguinte: *textualis*, *semitextualis*, cursiva *recentior* (cursiva)[48], cursiva *antiquior*, *semihibrida* e *hibrida*. Albert Derolez destaca no âmbito da *textualis* outras duas subdivisões: uma variante frequente no Norte (Inglaterra, França, Países Baixos, Alemanhã, Centro e Leste europeu), designada também por *textualis* simples e outra no Sul (zona mediterrânea), conhecida por *rotunda*[49]. A primeira subdivisão caracteriza-se por um traçado caligráfico e vertical, enquanto a segunda por um traçado redondo e angular. Também como características gerais da *textualis* se destacam o perfil grosso da escrita e a ausência de hastes descendentes e de arco nas hastes ascendentes. A segunda divisão, *semitextualis*, mantém as características idênticas da *textualis*, evidenciando-se, neste caso, o uso do **a** com um só

[44] *Idem*.
[45] Derolez, Albert (2003), *The Paleography of Gothic Manuscript Books*, Cambridge, Cambridge University Press.
[46] Utilizaremos os termos em latim quando não há correspondente em português.
[47] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, pp. 23-24.
[48] Adoptaremos a designação cursiva em vez de cursiva *recentior*, segundo o mesmo uso que o autor dá no início do capítulo referente a este tipo de escrita gótica. Cf. Derolez, Albert (2003), *op. cit*., p. 142.
[49] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 73.

compatimento. Em relação às cursivas, mencionamos entre as características gerais: a extensão das hastes ascendentes e descendentes, a introdução do arco nas hastes ascendentes, o desenvolvimento de ligaduras, o tratamento extendido das hastes inicial e final do **m** e **n**. Por sua vez, a cursiva conhece duas subdivisões: cursiva *antiquior* e cursiva *recentior* (cursiva), com traços distinctos. Ou seja, no primeiro caso, o autor destaca o uso do **a** com dois compartimentos, arco à direito nas hastes de **b**, **h**, **k** e **l** e o **s** extendido abaixo da linha, enquanto, o segundo caso, difere apenas no uso do **a** com um só compartimento. O tratamento das hastes ascendentes define a divisão designada como *hibrida*, isto é, distinguem-se como traços específicos: a extensão abaixo da linha do **f** e **s**, o arco das hastes ascendentes, bem como o uso do **a** com um só compartimento. Esta letra representa, de facto, a conjugação de formas típicas da cursiva e da *textualis*. Segundo a prática dos escribas, o autor considera relevante delinear uma fase intermédia entre a cursiva e a *hibrida* designada por *semihibrida*, tomando em conta a forma aleatória no traçado em arco das hastes ascendentes das letras.

Para a análise dos manuscritos em estudo seguiremos, em geral, a nomenclatura do trabalho de Albert Derolez, o mais recente e mais completo sobre a classificação da escrita gótica. Esta escolha baseia-se também numa descrição estrutural sistemática dos elementos paleográficos que o autor faz, bem como numa ampla exemplificação do âmbito europeu da escrita gótica, o que faz com que a referência seja um instrumento imprescindível para a análise empírica dos códices europeus.

A partir dos anos 80 do século XX destacam-se estudos de grande fôlego sobre a escrita gótica e a sua evolução no espaço ibérico, como por exemplo, o *Tratado de paleografia española* de Agustín Millares Carlo e José Manuel Ruiz Asencio (1983)[50] ou *Da visigótica à carolina. A Escrita em Portugal de 882 a 1172 (Aspectos técnicos e culturais)* de Maria José Azevedo Santos (1988)[51]. Distinguem-se, também, outros investigadores que se dedicaram ao estudo da escrita gótica baseando-se em material paleográfico espanhol, como é o caso de Jesús María Torrens Álvarez (1995, 2002) ou, no espaço português, Maria João Oliveira e Silva (2010)[52], que se debruçou sobre a

[50] Millares Carlo, Agustín / Ruiz Asencio, José Manuel (1983), *Tratado de paleografia española*, Madrid, Espasa-Calpe.
[51] Santos, Maria José Azevedo (1988), *Da visigótica à carolina. A Escrita em Portugal de 882 a 1172 (Aspectos técnicos e culturais)*, Dissertação de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.
[52] Torrens Álvarez, Jesus María (1995), "La paleografía como instrumento de datación. La escritura denominada littera textualis". *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, 20, pp. 354-380; Torrens Álvarez, Jesus María (2002), *Edición y estudio linguistico del Fuero de Alcalá (Fuero Viejo)*, Alcalá, Fundación Colegio del Rey; Silva, Maria João Oliveira (2010), *op. cit*.

escrita gótica da chancelaria da Sé do Porto entre 1247 e 1406. Estes trabalhos constituirão, assim, guias de referência para o estudo da escrita gótica documental, representada por seis cartas avulsas régias, analisada comparativamente com a escrita do ms. BC, 2434.

Ainda como ponto de referência serão considerados os elementos que Agustín Millares Carlo enuncia como relevantes na datação da escrita de códices. Rerefimo-nos às formas das letras **d** e **r** e da presença da união de traços curvos opostos das letras que se encontram em contacto, como por exemplo, **be**, **bo**, **pe**, **po, oc**[53]. Na mesma linha, encontramos entre as características mais importantes da escrita cursiva, também presentes no campo librário, como referimos atrás, segundo Maria José Azevedo Santos[54], a perda do traço à esquerda da letra **a**, o uso predominante do **d** uncial, a forma em traços de arranque na base das letras **m** e **n**, a mesma união de curvas opostas, resultando em conexão, referida pelo autor espanhol[55]. Trata-se, assim, de características típicas de qualquer escrita considerada gótica.

Poucas e inseguras são as linhas dedicadas à descrição paleográfica dos três fragmentos de códice arturiano. Aida Fernanda Dias afirma, num estudo anterior, que no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 (*Estória do Santo Graal*), estamos perante uma gótica cursiva "datável [...] do fim do séc. XIII, início do XIV"[56], observação, a nosso ver, insuficientemente fundamentada quanto ao tipo de escrita gótica, por carecer de uma apresentação prévia de argumentos paleográficos. Aliás, a simples observação dos três fragmentos pergaminháceos permite constatar que cada um atesta um tipo de escrita gótica com características diferentes, como veremos adiante. Amadeu-J. Soberanas[57] afirma, com reservas, que, no manuscrito BC, 2434 (*Livro de Merlin*) se atesta uma escrita gótica cursiva *formata*, remontando à primeira metade do século XIV. Ora, sobre esta letra, Gerard Isaac Lieftinck afirma que aparece apenas por volta de 1400 e que no século XIV só na Itália se poderia encontrar uma "cursive stylisée"[58]. Por conseguinte, este dado inviabiliza a indicação de a letra do manuscrito BC, 2434 ser uma cursiva *formata*.

Quanto ao manuscrito Larg. Carp. 1501 B, n. 7, AHNM (*Livro de Tristan*), José L. Pensado Tomé (1962) não se pronuncia em relação ao tipo de escrita em que se

[53] Millares Carlo, Agustín / Ruiz Asencio, José Manuel (1983), *op. cit.*, vol.I, p. 185.
[54] Para uma descrição detalhada sobre o tema, ver Santos, Maria José Azevedo (1988), *op. cit.*, pp. 187-194.
[55] Trata-se, de facto, da conhecida lei de Meyer que se refere, não só à regra da fusão das letras com barriga em contacto (**bo**, **oc**, **po**), mas também à utilização do **r** redondo em contacto com letras com barriga ou traço vertical (**b**, **d**, **h**, **p**, **v**, **y**).
[56] Dias, Aida Fernanda (2003-2006), *op. cit.*, p. 154.
[57] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, p. 177.
[58] Lieftinck, Gerard I. (1954), *op. cit.*, p. 22.

enquadra a letra deste manuscrito. O autor retoma quase literalmente a informação de carácter geral oferecida pelo investigador que trouxe à luz a existência do manuscrito, Manuel Serrano y Sanz (1928):

> *<...> los caracteres de su letra, debe atribuirse a mediados del siglo XIV*[59].

> *La fecha que Serrano y Sanz ha atribuído al texto, mediados del siglo XIV, es perfectamente válida y puede demostrarse facilmente su semejanza con otros textos contemporáneos. La letra, según nuestras observaciones, puede centrarse mejor hacia el último tercio del siglo XIV que hacia mediados*[60].

Sobre a escrita gótica sabe-se que abrange os séculos XII-XV e que se divide em dois tipos principais: a gótica librária e a gótica cursiva. O primeiro tipo de escrita gótica é utilizado em códices. No que concerne ao segundo tipo, apesar de ser usado maioritariamente em documentos, também está presente em códices ou livros. É importante mencionar-se, por conseguinte, também, que o fenómeno de invasão pela escrita cursiva no campo librário esteve na base da evolução da última durante os séculos XIV e XV[61]. Ora, este é também o período em que se dá o grande florescimento das literaturas em línguas vernaculares, factor que, segundo alguns especialistas[62], deve também ter contribuído para a intromissão da cursiva no traçado dos códices. Não é nosso propósito rastrear este tema, mas, à luz destas observações, num primeiro momento, será provavelmente necessário colocar a hipótese de recuar em relação à presença das articulações cursivas na escrita librária testemunhada em vernacular ocidental peninsular e, num segundo momento, indagar como se concretizou esta intromissão da cursiva no campo librário no caso dos fragmentos dos códices em estudo e quais são as características desenvolvidas desta escrita, tendo em mente a distinção que Albert Derolez faz em relação às escritas cursiva e documental, partindo dos dois significados do termo *cursiva*: um refere-se à técnica rápida de execução de qualquer escrita opondo-se, assim, a uma execução caligráfica e o outro aplica-se às escritas derivadas desta técnica rápida, mas com características de cursividade ou rapidez

[59] Serrano y Sanz, Manuel (1928), *op. cit.*, p. 307.
[60] Pensado Tomé, José L. (1962), *op. cit.*, p. 12.
[61] Lieftinck, Gerard I. (1954), *op. cit.*, p. 16; Stiennon, Jacques (1973), *Paléographie du Moyen Âge*, Paris, Librarie Armand Colin.
[62] Sanz Fuentes, Mª Josefa (1991), "Paleografía de la baja Edad Media castellana", *Anuario de Estúdios Medievales*, vol. 21, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, p. 531.

reduzidas a fim de obter uma escrita formal destinada tanto aos documentos como aos livros[63].

Em trabalhos da área dedicados ao estudo da escrita gótica documental avançou-se a hipótese de a intromissão do modelo cursivo no campo librário se dever à realização de códices nos *scriptoria* em que se executavam os documentos[64]. Ou seja, aquilo que provavelmente poderíamos vir a constatar nos casos dos manuscritos BC, 2434 e AHNM, Leg. Carp. 1501 B, n. 7, que representam dois fragmentos de códices, mais exactamente, um bifólio e um meio fólio, no caso do primeiro, e um bifólio, no caso do segundo, atestando uma letra completamente distinta do que veremos no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012.

Partimos então, num primeiro momento, para a análise da escrita gótica documentada nos três fragmentos de códices arturianos e, num segundo momento, para a análise comparativa entre um destes fragmentos e seis cartas avulsas do *scriptorium* de D. Dinis, tendo em mente duas questões essenciais: aferir quais são as categorias da escrita librária documentada nos três fragmentos de códice e quais são as possibilidades de identificar como lugar da produção de um fragmento de códice arturiano o *scriptorium* de D. Dinis.

A. O manuscrito de Santo Tirso
(ADP, NOT/CNSTS01/001/0012)

1. A representação do <a>

No manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 (*Estória do Santo Graal*), a letra **a** desperta a atenção pelo seu traço particular em determinados contextos gráficos. Trata-se, de uma forma geral, de um **a** com um só compartimento. À primeira vista poderíamos ter a impressão de que estamos até perante traçados distintos desta letra, mas uma observação mais atenta revela que se trata de uma mera alteração do primeiro traço à esquerda do **a** com um só compartimento, em contacto com letras com haste

[63] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 123.
[64] Silva, Maria João Oliveira (2010), *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média (Estudo Diplomático e Paleográfico)*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 242.

superior inclinada à direita (**c**, **f**, **r** longo duplo, **s**, **t**) (Figura 1: "cob*e*rta", "sarraua"). Deste encontro resulta uma conexão ou uma mera ligação, sugerindo uma abertura do compartimento superior da letra **a**. Esta ligação entre **a** e uma letra anteposta com haste inclinada à direita não é uma constante no material estudado. Um exemplo disto, pode ser observado no contexto com **r** longo simples (Figura 2). Contudo, há casos isolados de **a**, sugerindo uma vaga forma com extensão à esquerda em contacto com **r** longo (Figura 3). Este facto poderia indicar vestígios de hábitos do traçado da *textualis*.

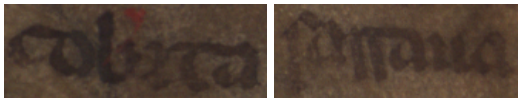


Figura 1: Exemplo de conexão de letras contendo **a**: "cob*e*rta" (ST/f.2v/col.II/l.13), "sarraua" (ST/f.1r/col.I/l.11)

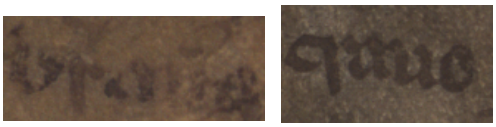


Figura 2: Exemplo de **a** + **r** longo: "brauo" (ST/f.1r/col.II/l.33), "crauo" (ST/f.1r/col.I/l.18)



Figura 3: Exemplo de **a**: "estranha" (ST/f.1r/col.I/l.28)

Em todo o caso, em relação à escrita do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 teremos a oportunidade de observar traços híbridos tanto em relação à letra **a**, já referida, como ao **r** longo, **f** e **s** iniciais duplicados ou à extensão descendente das hastes de **s** longo e **f**, o que faria deste manuscrito um testemunho de uma escrita híbrida, segundo a classificação de Albert Derolez que atrás referimos[65]. Mais adiante exporemos outros elementos.

2. A representação do <d>: d uncial

Apesar de a letra **d** uncial (**d** de haste inclinada à esquerda) ser a forma normal na *texrtualis* e a única utilizada no ms. ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, considerámos

[65] Derolez, Albert (2003), *op. cit*.

interessante destacá-la, tendo em conta a presença de um **d** em arco inclinado à esquerda, como veremos adiante, nos outros dois fragmentos estudados. Do encontro com várias letras deparámo-nos com comportamentos diferentes no desenho desta letra. Por exemplo, na proximidade com as vogais **e** e **o** resulta uma fusão de letras em curva, o que é usual na escrita gótica (lei de Meyer) (Figura 1), ao encontro com **a** ou **y** dá-se uma mera conexão de letras sem qualquer perda de traços (Figura 2), e, finalmente, na vizinhança com **i** e **u**, mantém-se a morfologia de cada letra sem qualquer alteração (Figura 3).



Figura 1: Exemplo de **d** uncial + **e / o**: "poder de" (ST/f.2v/col.II/l.9), "todos" (ST/f.1r/col.I/l.8)

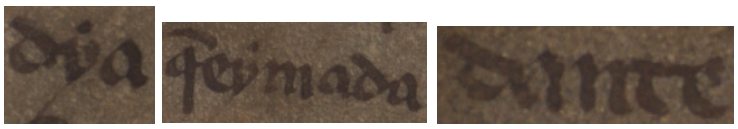


Figura 2: Exemplo de **d** uncial + **y** / **a**: "dya" (ST/f.1r/col.I/l.31), "queymada" (ST/f.1r/col.I/l.33), "dante" (ST/f.1r/col.I/l.26)



Figura 3: Exemplo de **d** uncial + **i** / **u**: "dizer" (ST/f.1r/col.II/l31), "dultaua" (ST/f.1r/col.II/l.33)

3. A representação do <i>: i breve, i caudado

No manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, documentam-se dois alógrafos da letra **i**: **i** breve e **j** ou **i** caudado. Quanto à evolução das formas da letra **i**, Albert Derolez[66] descreve a situação do duplo **i**, que não se distinguia da letra **u** usada na escrita pré-gótica. Assim, a confusão criada do **i** duplo com o **u** determinaram novas propostas gráficas. Neste sentido, distinguem-se duas soluções relativamente a este problema: a colocação do diacrítico encimando o duplo **i** ou, por outro lado, a extensão da haste do segundo **i**. As duas soluções serão praticadas estando, também, — ainda na

[66] Derolez, Albert (2003) *op. cit.*, p. 59.

escrita gótica — sujeitas às preferências dos escribas ou aos hábitos escriturais, como veremos nos manuscritos em análise. Por exemplo, nos contextos gráficos **uju**, **mj̃** e no numeral **vij** é usado o **i** caudado (**j**), devido à morfologia das letras com hastes verticais curtas (**m**, **n**, **u**, **v**) (Figura 1). Entre os tipos da letra **i**, ao longo do manuscrito analisado, o predomínio pertence ao **i** breve (Figura 2) seguido pelo **i** caudado.

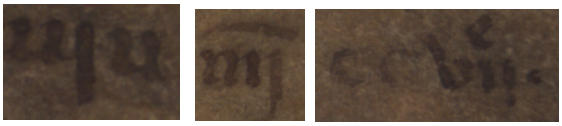


Figura 1: Exemplos de **j** em contextos gráficos com letras de morfologia similar ou duplo **i**: "uju" (ST/f.2v/col.II/l.12), "mj̃" (ST/f.2v/col.II/l.30), "cc e vij" (ST/f.1r/col.II/l.10)



Figura 2: Exemplo de **i** breve: "mais" (ST/f.1r/col.II/l.19)

Especial atenção deve ser dada à grafia da palavra "imagem", em duas ocorrências, em que deparamos com uma hesitação na utilização do **j** ou do **y**, como soluções gráficas do **i**. A representação do fonema "i" é condicionada, no contexto gráfico desta palavra, pela presença da letra **m**, cuja morfologia impossibilita a utilização do **i** breve, segundo a regra referida atrás. Seria este o contexto gráfico que o copista do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 soluciona de formas distintas. No primeiro caso, o copista parece marcar uma dupla solução gráfica do fonema **i**: **j** e **y** em conjunto (Figura 3). Tendo em conta a segunda ocorrência da palavra, umas linhas adiante na mesma coluna, em que se observa apenas o emprego do **j** como solução gráfica do fonema **i** (Figura 4), poderíamos concluir que se trata, no primeiro registo, da intromissão errónea do **y** que foi elimidado no segundo caso. É, todavia, interessante observar que a forma do **j**, utilizado neste contexto, excede as letras antepostas e pospostas. Esta forma emprega-se, de facto, na grafia da consoante pré-palatal em palavras como "jouue", "jazya" (Figura 5).



Figura 3: Exemplos de **j** e **y**: "a j'ymagẽ" (ST/f.1r/col.I/l.20)

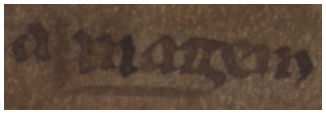


Figura 4: Exemplos de **j**: “a jmagem” (ST/f.1r/col.I/l.32)

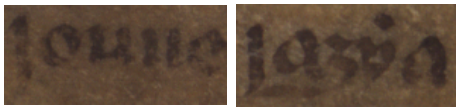


Figura 5: Exemplos de **j** com valor de consoante: “jouue” (ST/f.1r/col.II/l.23), “jazya” (ST/f.1r/col.II/l.28)

4. A representação do <y>

Através da análise deste material evidencia-se uma particularidade do grafema **y**, no que diz respeito ao emprego predominante em contexto com letras com hastes verticais (**n**, **u**) (Figura 1).



Figura 1: Exemplos de **y** seguido por **n**, **u**, **m**: “pyntadas” (ST/f.1r/col.I/l.16), “partyuse” (ST/f.1r/col.II/l.2), “q*u*eymada” (ST/f.1r/col.I/l.32)

No que concerne ao seu conjunto gráfico, observamos a utilização sistemática do **y** encimado por um ponto, também presente noutros manuscritos, como veremos adiante. Aliás, esta característica está de acordo com a observação de Albert Derolez sobre a presença do ponto encimando a letra **y**, que se regista desde os tempos carolíngios[67].

Examinando o material paleográfico, constatámos que **y** ocupa todas as posições. Mais especificamente, em início de palavra, esta forma aparece em duas formas do verbo “ir”: “ya” e “yr” (Figura 2). Como se pode ver na Figura 1, o emprego do **y** no interior da palavra explica-se não apenas por uma preferência genérica por este alógrafo, mas também por critérios paleográficos, como a proximidade em relação a letras de morfologia similar, ou seja, de hastes curtas: **m**, **n** ou **u**.

[67] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 95.

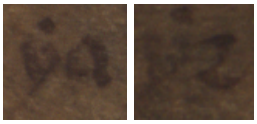


Figura 2: Exemplos de **y** inicial em palavra monossilábica: “ya” (ST/f.1r/col.II/l.7), “yr” (ST/f.2v/col.I/l.2)

A posição final é dominada neste manuscrito pelo **y** (Figura 3), com excepção das sequências **mj̃** e **vij**, anteriormente observadas, em que se regista o desenvolvimento de um **i** caudado (**j**) (**3.** Figura 1).

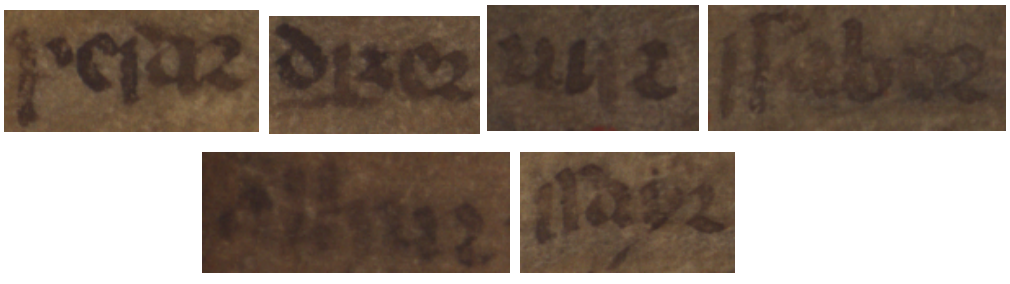


Figura 3: Exemplo de **y** final: “ssayrey” (ST/f.2v/col.II/l.28)

5. A representação do <r>: r longo, r redondo, r curto

A letra **r** encontra-se traçada de três formas distintas no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012: o **r** redondo, documentado em determinados contextos gráficos, o **r** longo e o **r** curto. A variante longa define-se graficamente pela extensão da haste vertical abaixo da linha de escrita, enquanto na curta a haste não desce. A utilização do **r** longo, estendendo a haste vertical abaixo da linha, é uma característica cursiva no meio de traços *textualis*, o que faz deste manuscrito um testemunho de uma escrita *hibrida*, segundo a nomenclatura de Albert Derolez[68]. Explicamos em seguida a repartição de cada elemento gráfico em função dos contextos e posições.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para a forma redonda. Este alógrafo não se regista em posição inicial, onde domina a forma longa. No interior da palavra, após **j** e **y**, regista-se, com uma única excepção, a forma redonda; precedido por **a** e **e** aparece alternativamente com o alógrafo longo. Independentemente das letras precedentes, a letra **r**, em posição final, é sistematicamente grafada, neste manuscrito, com o **r** redondo (Figura 1).



[68] *Idem*, pp. 172-173.

Figura 1: Exemplos de **r** redondo final: “pesar” (St/f.1r/col.II/l.26), “dizer” (ST/f.1r/col.II/l.31), “uijr” (ST/f.2v/col.II/l.12), “ssabor” (ST/f.2v/col.II/l.25), “alhur” (ST/f.2v/col.I/l.17), “ssayr” (ST/f.2v/col.II/l.19)

É ainda de assinalar a conhecida lei de Meyer referente à utilização do **r** redondo na proximidade de letras com barriga (**b**, **p**) (Figura 2), presente no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, com uma única excepção (Figura 3).

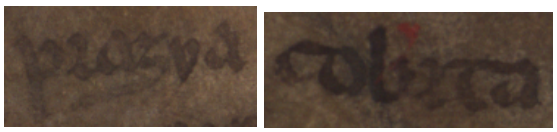


Figura 2: Exemplos de **r** redondo em contacto com letras com curva: “prazya” (ST/f.1r/col.I/l.5), “cob*e*rta” (f.2v/col.II/l.13)



Figura 3: Exemplo de letra em curva (**b**) seguida por **r** longo: “brauo” (ST/f.1r/col.II/l.33)

Em segundo lugar, referimo-nos à forma longa que, como dissemos atrás, aparece sistematicamente duplicada em posição inicial (Figura 4). É importante assinalar que este alógrafo duplicado ocupa também a posição interior (Figura 5) e, tanto no início, como no interior da palavra, o traço horizontal à direita não apresenta qualquer bifurcação anterior, criando apenas uma ligadura com a geminada **r** e, respectivamente, com a letra posposta. Contudo, a forma longa simples (Figura 5: “sospirou”) apresenta uma bifurcação anterior do traço horizontal semelhante à forma *textualis*, o que faz com que o manuscrito em análise se revele híbrido no modelo de escrita traçado.

O alógrafo longo conhece igualmente uma bifurcação, como veremos adiante no manuscrito BC, 2434, antes de a haste horizontal se estender à direita, tanto na variante duplicada, como na simples. A diferença consistirá na forma da bifurcação.



Figura 4: Exemplo de **r** duplo longo inicial: “rrecear” (ST/f.2v/col.II/l35), “a rraynha” (ST/f.1r/col.II/l.28)

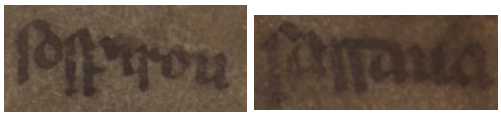


Figura 5: Exemplo de **r** longo simples: “sospirou” (ST/f.1r/col.II/l.27), “sarraua” (ST/f.1r/col.I/l.11)

E, finalmente, em terceiro lugar, no que concerne ao emprego do **r** curto, podemos dizer que se regista esporadicamente em posição interior (Figura 6), como característica da *textualis*.



Figura 6: Exemplo de **r** curto: “parecya” (ST/f.2v/col.II/l.15)

Parece, também, interessante observar o sistema de abreviaturas em que é implicada a letra **r**. Assim sendo, segundo os casos legíveis neste manuscrito, distinguem-se três situações de letras sobrepostas:

— um **r** redondo de módulo menor sobreposto indica a sua presença na respectiva palavra: “pa*r*te” (Figura 7);

— um **o** sobreposto representa a sílaba **ro**: “dest*ro*yr” (Figura 7);

— um **i** breve de módulo pequeno sobreposto significa a sílaba **ri**: “ab*ri*a” (Figura 7).

Há ainda um sinal em forma de **s** largo que tem o valor da sílaba **er**: “c*er*tas” (Figura 7). Saliente-se que este sinal sobreposto em forma de **s** redondo largo com valor de **er** é, ainda, legível, com o traçado idêntico enquanto grafia da letra **s** em posição final: “c*er*tas” (Figura 7).



Figura 7: Exemplos de **letras** e **sinais** sobrepostos: “pa*r*te” (ST/f.2v/col.II/l.4), “c*er*tas” (ST/f.2v/col.II/l.29), “dest*ro*yr” (ST/f.1r/col.I/l.5), “ab*ri*a” (ST/f.1r/col.I/l.19)

Tratar-se-ia, pois, de um hábito gráfico que reflectiria uma estratégia de economia do espaço da escrita.

Em relação a outros contextos que o **r** protagoniza, destaca-se ainda a abreviatura da desinência das formas verbais da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Esta abreviatura realiza-se de duas maneiras neste manuscrito, isto é, através da adopção da forma simbólica — duplo **r** redondo em que o segundo é de módulo mais pequeno na forma de **22** — utilizada geralmente para as terminações masculinas e neutras de

genitivo plural da segunda declinação latina (**-orum**)[69] (Figura 8: "ssouber*om*", "partyr*om*") ou através do traço horizontal indicando o **m** (Figura 8: "oyro*m*"). Outras formas de abreviatura serão objecto de estudo mais adiante.



Figura 8: Exemplos de abreviaturas da terceira pessoa plural do pretérito perfeito: "ssouber*om*" (ST/f.1r/col.II/l.7), "partyr*om*" (ST/f.1r/col.II/l.13), "oyro*m*" ST/(f.1r/col.I/l.27)

Os fenómenos detectados não têm necessariamente um carácter inovador no que à escrita gótica diz respeito, mas a relevância desta descrição reside na observação do processo gráfico do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 em relação aos outros dois que veremos adiante. A partir desta comparação serão, também, observadas com facilidade outras características híbridas da *littera* que este manuscrito testemunha.

6. A representação do <s>: s alto, s de dupla curva

Duas são as formas que representam a letra **s** neste manuscrito: um **s** alto e um **s** de dupla curva ou redondo. O alógrafo alto utiliza-se nas posições inicial e interior, enquanto o de dupla curva está presente em posição final (Figura 1). Contudo, existem situações excepcionais em relação à regra enunciada. Deparamo-nos com um único caso ao longo deste material do **s** alto final na palavra "mais" (Figura 2). É ainda de assinalar o emprego do **s** alto no interior de sequência gráfica: "as portas" (Figura 3).



Figura 1: Exemplo de **s** redondo final: "Josephes" (ST/f.1r/col.I/l.8), "Jornadas" (ST/f.1r/col.II/l.18)



Figura 2: Exemplo de **s** alto final: "mais" (ST/f.1r/col.II/l.19)

[69] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, pp. 98-99.



Figura 3: Exemplo de **s** alto no interior de sequência gráfica: “as portas” (ST/f.1r/col.I/l.15)

Quanto à forma alta da letra **s**, observe-se o tratamento gráfico da terminação em bengala do seu traço vertical num exemplo isolado: “esto” (Figura 4).



Figura 4: Exemplo de **s** alto com terminação em bengala: “esto” (ST/f.1r/col.I/l.16)

Em relação ao **s** de dupla curva ocupando a posição final, é interessante observar o seu traçado em “Josephes”, por exemplo, (Figura 1). Sobre este traçado, os especialistas dizem que era utilizado por razões de economia do espaço na escrita *textualis* e Albert Derolez regista o respectivo traçado na *textualis* encontrada na Itália[70].

Contudo, a extensão da haste vertical do **s** alto abaixo da linha da escrita não se encontra na *textualis*, o que nos leva a crer que se trata de uma característica híbrida da escrita do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012.

7. A representação do <g>

A morfologia da letra **g** deste manuscrito apresenta a cauda simples inclinada à esquerda, sublinhando a palavra até ao seu início (Figura 1). Nos manuscritos BC, 2434 e AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 veremos uma elaboração ainda mais estilizada da cauda desta letra.



Figura 1: Exemplo de **g**: “delgado” (ST/f.1r/col.I/l.12)

[70] *Idem*, p. 107.

Entre as particularidades da escrita *hibrida* da Península Ibérica, o estudioso Albert Derolez menciona o traçado do **g** com cauda muito prolongada à esquerda[71] que o manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 também revela.

8. As fusões

O fenómeno gráfico da fusão favorecido pelo aspecto redondo da escrita gótica consiste na junção de duas letras em curva, de que resulta a perda de um traço. Um exemplo é o uso do **d** uncial que permite a fusão de letras pospostas, com preponderância para **e** e **o** (Figura 1). Também se regista fusão entre o **b** em contacto com **o**: "ende", "todos", "coydo", "cabo" (Figura 2).



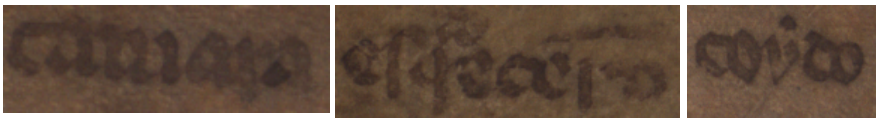
Figura 1: Exemplos de fusões **de**, **do**: "ende" (ST/f.1/col.II/l.30), "todos" (ST/f.1/col.I/l.21), "coydo" (ST/f.1r/col.I/l.2)



Figura 2: Exemplo de fusão **bo**: "cabo" (ST/f.2v/col.II/l.28)

9. As ligaduras de letras

As letras cuja morfologia apresenta uma haste vertical inclinada à direita estabelecem uma ligadura com a letra posposta. No manuscrito estudado, deparámo-nos com uma expansão desta prática gráfica no manuscrito estudado que é favorecida, como no caso das fusões, pelo carácter redondo da escrita gótica. Assim, além da comum ligadura do grupo **st**, no manuscrito analisado observámos outros contextos: **c** + **r** / **o** / **y**; **ç** + **a** / **e** / **o**; **g** + **a** / **e** / **r** / **u** / **y**; **r** + **a** / **e** / **o** / **y**; **s** alto + **e** / **c** / **p** / **t** / **y**; **t** + **a** / **e** / **i** / **j** / **o** / **r** / **u** / **y** e, finalmente, a geminação de **f**, **s** e **r** (Figura 1).



[71] *Idem*, p. 172.



Figura 1: Exemplo de ligaduras de letras: **ca**, **ce**, **co**, **cr**, **cy**, **ga**, **ge**, **rre**, **ss**, **st**, **ta**, **ff**: "camara" (ST/f.1r/col.I/l.1), "esquecero*n*" (ST/f.2v/col.I/l.31), "coydo" (ST/f.1r/col.I/l.2), "crauo" (ST/f.1r/col.I/l.12), "parecya" (ST/f.2v/col.II/l.15), "delgado" (ST/f.1r/col.I/l.12), "engenho" (ST/f.1r/col.I/l.11), "rrecear" (ST/f.2v/col.II/l.33), "sseestra" (ST/f.2v/col.II/l.11), "coberta" (ST/f.2v/col.II/l.12), "ffezeralhe" (ST/f.1r/col.I/l.1)

10. As abreviaturas

Segundo Jacques Stiennon[72], o recurso às abreviaturas não era uma prática necessariamente motivada pela economia de tempo ou de suporte material. Contudo, em relação à razão da economia do espaço, consideramos a questão em aberto, pois poderá conjugar-se com a economia do texto, de que nos vamos ocupar na quarta parte desta dissertação, pelo menos no caso do manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7. O exame dos documentos mostra um uso sistemático dos mesmos processos abreviativos, afectando os mesmos contextos gráficos. Seria possível, neste sentido, explicar este fenómeno como uma tendência, generalizada na escrita gótica, para manter uma tradição gráfica do sistema abreviativo.

Detenhamo-nos agora no sistema abreviativo desenvolvido no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, a fim de observar os aspectos mais interessantes deste comportamento gráfico. O escriba utiliza um sistema bem definido para abreviar a letra **r** e as sílabas em que esta está presente.

Atesta-se, em primeiro lugar, a prática comum das letras sobrepostas com a seguinte função e repartição:

[72] "Un peu de pratique enseigne néanmoins que le tracé de certains signes abréviatifs prend autant de temps, sinon plus, que celui des lettres qu'il remplacent et qu'ils occupent parfois sur le feuillet le même espace que ces dernières. Il y a donc quelque mystère dans les abréviations, et la raison de leur emploi peut avoir des origines dont le souvenir s'est perdu ou altéré au cours des âges." Cf. Stiennon, Jacques (1973), *op cit.,* p. 125.

— um derivado do **a** aberto visigótico com a primeira haste desenvolvida à direita é utilizado na abreviatura de sílabas com a vogal **a**: a sílaba "ra" e o ditongo "ua" — "t*ra*balhes", "q*ua*ndo" (Figura 1). Contudo, uma situação peculiar verifica-se no exemplo "esq*ua*ecero*m*" em que se nota a sobreposição do mesmo **a** aberto entre **q** e **e** (Figura 2). Tendo em conta os exemplos em que esta sobreposição significa a abreviatura do grupo "ua", inferir-se-á a forma "esq*ua*ecero*m*" em que o **e** seria grafado com o ditongo latino "ae".



Figura 1: Exemplos de **a** aberto sobrescrito: "t*ra*balhes" (ST/f.2v/col.I/l.28), "q*ua*ndo" (ST/f.1r/col.I/l.31)



Figura 2: Exemplo de **a** aberto sobrescrito: "esq*ua*ecero*m*" (ST/f.2v/col.I/l.31)

— um derivado do **i** curto sobrescrito apresenta a mesma situação de múltiplas significações tendo todas em comum a inclusão da vogal **i**, ou seja, esta aparece em expoente com o valor do ditongo "ui" e da sílaba "ri": "ab*ri*a", "q*ui*sesse" (Figura 3)

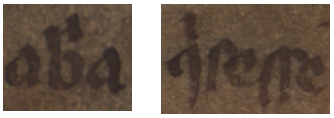


Figura 3: Exemplos de **i** sobrescrito: "ab*ri*a" (ST/f.1r/col.I/l.19), "q*ui*sesse" (ST/f.1r/col.II/l.31)

— a letra **o** sobrescrita indica a sílaba **ro**: ent*ro*u (Figura 4)

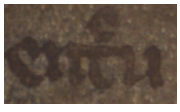


Figura 4: Exemplos de **o** sobrescrito: "ent*ro*u" (ST/f.1r/l.I/l19)

— o alógrafo **r** redondo de módulo menor sobrescrito indica a letra **r**: "pa*r*tyr", "po*r*" (Figura 5)



Figura 5: Exemplos de **r** menor redondo sobrescrito: "pa*r*tyr" (ST/f.1r/col.II/l.4), "po*r*" (ST/f.1r/col.II/l.16)

Em segundo lugar, evidencia-se o recurso à prática da modificação literal[73] do **p** com o traço vertical cortado, tendo o significado de "per" (Figura 6) e **q** com o traço horizontal com valor de "q*ue*" (Figura 6).



Figura 6: Exemplos de modificação literal do **p** e **q**: "p*er*" (ST/f.2v/col.II/l.30), "p*er*o" (ST/f.2v/col.II/l.20), "q*ue*" (f.1r/col.II/l.22), "aq*ue*la" (ST/f.1r/col.II/l.23)

Em terceiro lugar, sublinhe-se o uso da letra tironiana em forma de **9** com valor de "us" em "De*us*" (Figura 7).



Figura 7: Exemplo de letra tironiana em forma de **9**: "De*us*" (ST/f.2v/col.II/l.9)

A importância de detalhar as características do traçado do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 deveu-se, em primeiro lugar, ao facto de considerarmos que, tratando-se provavelmente de um dos primeiros manuscritos que atesta literatura em vernacular do ocidente peninsular, mereceria que conhecêssemos a letra que o seu copista teceu. Em segundo lugar, tendo em análise outros dois manuscritos — BC, 2434 e AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 — que documentam a mesma literatura em romance com textos diferentes, foi possível observar, à primeira vista, que a sua letra se enquadra num tipo completamente distinto do primeiro, em primeiro lugar pelo *ductus* e pelo perfil da letra.

[73] Sobre o sistema abreviativo intitulado "modificação literal" cf. Santos, Maria José Azevedo (1988), *op. cit.*, p. 185.

Assim sendo, depois de termos observado com detalhe as características do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, é possível adiantar algumas hipóteses sobre o tipo da escrita que nele se documenta. Em primeiro lugar, destaca-se uma característica dominante que é o seu perfil grosso resultante naturalmente da utilização de uma pena de bico largo. Esta é, segundo Albert Derolez[74], a característica dominante da *textualis* ibérica.

Em segundo lugar, a forma do **d** uncial é também específica da *textualis*, embora a ausência de arco nas hastes verticais de **d**, **h** e **l** seja uma particularidade da cursiva, como teremos a oportunidade de observar na análise dos manuscritos seguintes. Entre outras características distintas no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, registámos o uso do **j** anteposto ou posposto a **i** e às letras com haste vertical (**m**, **n**, **u**), bem como o desenho das hastes verticais curtas das letras **m** e **n** dentro da linha da escrita, observáveis nos exemplos destacados. O traçado longo das hastes verticais de **f** e **s**, excedendo a linha da escrita, indica uma hibridização, dado que a *textualis* se destaca pela menor extensão das hastes superiores e inferiores. Também, a utilização do **r** longo, em primeiro lugar, do **f**, **r**, **s** duplos no início da palavra, em segundo lugar, e do **g** com a cauda estendida excessivamente à esquerda, em terceiro lugar, define o carácter híbrido desta escrita que se deveria ter desenvolvido no campo librário, comum na Península Ibérica[75].

Por último, em relação à datação do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, é possível formular duas hipóteses. Em primeiro lugar, como referimos atrás, a intromissão no âmbito librário da escrita normalmente utilizada no campo administrativo é invocada como base da evolução da librária durante os séculos XIV e XV. Em segundo lugar, o surgimento da literatura em vernacular é, também, invocado como factor que contribuiu para a invasão do campo librário pelo modelo cursivo. Por outro lado, tem sido defendido que o ciclo arturiano teria entrado na Península Ibérica em meados do século XIII, aquando o regresso de Afonso III ao Reino de Portugal e que a tradução para português teria sido realizada nos finais deste século[76]. Assim, podemos pôr duas hipóteses: ou na Península Ibérica existem desde os finais do século XIII tendências de cursividade na escrita librária atestada no manuscrito em estudo ou este é um dos primeiros testemunhos de escrita librária que atesta traçados cursivos

[74] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 113.
[75] *Idem*, pp. 172-173.
[76] Castro, Ivo (1983), "Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata", *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, pp. 81-98; Miranda, José Carlos Ribeiro (1996), "Como o Rei Artur e os Cavaleiros da sua Corte Demandaram o Reino de Portugal", *Colóquio-Letras*, 142, pp. 83-102.

estilizados no início do século XIV. O estudo do texto que o fragmento encerra, objecto de estudo das secções seguintes, terá, também, o objectivo de equacionar estes dados.

Em relação à escrita atestada nos manuscritos BC, 2434 e AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, que analisaremos adiante, documenta-se, sem dúvida, uma escrita cursiva. Trata-se assim do segundo sentido da palavra, como referimos atrás, ou seja, de um desenvolvimento formal da escrita derivado da técnica de execução rápida específica da escrita do campo documental. Assim, parafraseando Albert Derolez[77], a cursiva utilizada na execução dos códices junta a velocidade da execução com o formalismo da *textualis*. Contudo, os dois manuscritos seguintes revelarão aspectos distintos no tocante à forma redonda e contínua da cursiva que cada um documenta. Prosseguiremos com a análise individual dos dois manuscritos que procurará pôr em evidência as particularidades da cursiva que neles se revela.

B. O manuscrito da Catalunha

(ms. BC, 2434)

Procurando identificar as características da escrita cursiva do manuscrito BC, 2434 (*Livro de Merlin*), centremos a atenção na análise dos elementos gráficos mais relevantes em função da sua posição e outras condicionantes gráficas.

1. A representação do <a>

Neste fragmento, destaca-se um **a** angular com um compartimento (Figura 1). Em dois dos **a**s representados nesta figura, é possível observar um **a** angular em dois traços que estará presente ao longo do material estudado. É de assinalar uma variante esporádica de **a** aumentado em posição inicial de palavra ou sequência gráfica (Figura 2).

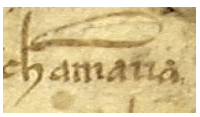


Figura 1: Exemplos de **a**: “chamaua” (LM/f.67r/col.II/l.1)

[77] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 124.

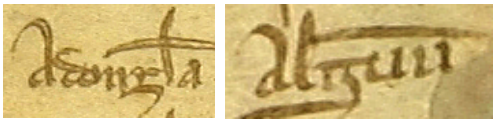


Figura 2: Exemplo de **a** aumentado inicial: “a donzela”(LM/f.67v/colI/l.1), “algũu” (LM/f.67r/col.II/l.29)

2. A representação do <d>

Entre as principais características da gótica cursiva é costume mencionar-se a forma em arco fechado da haste superior das letras **b**, **d**, **h**, **k**, **l**. No manuscrito BC, 2434, a única letra desta série que se integra neste tipo gráfico é a letra **d**. O uso exclusivo e em qualquer posição da letra **d** com traçado em arco é um primeiro critério na classificação desta escrita como cursiva. Em determinados contextos gráficos, ou seja, **d** seguido pelas vogais **a**, **e** e **o**, realiza-se a fusão de letras (Figura 1).

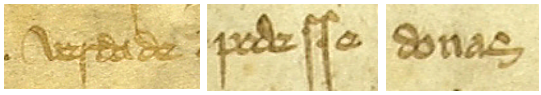


Figura 1: Exemplos de fusões **d+a**, **d+e**, **d+o**: “verdade” (LM/f.122r/col.II/l.10), “podesse” (LM/f.123r/col.II/l.8), “donas” (LM/f.123r/col.II/l.4)

3. A representação do <i>: i curto, j

Como já vimos na análise anterior, no manuscrito BC, 2434 encontramos também um **i** breve e um **i** caudado ou **j**. Este manuscrito não conhece a configuração da letra **j** como grafia da consoante pré-palatal, ao contrário do que se observou no manuscrito anterior.

O alógrafo **i** curto está presente em qualquer posição. Como sucedeu na descrição anterior, a utilização do alógrafo **j** é reduzida às sequências “mj” de “amjgos” e “ij” de “xij” (Figura 1) por se encontrar em contextos com letras de morfologia similar.



Figura 1: Exemplos de **j** em contextos gráficos com letras de morfologia similar: “amjgos” (LM/f.67v/col.I/l.6), “uijr” (LM/f.123r/col.I/l.24), “xij” (LM/f.122v/col.I/l.9)

4. A representação do <y>

Como já se referiu na descrição do manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, o uso do diacrítico do **y** indica vestígios da escrita carolíngia em que esta letra aparecia assinalada com um ponto na entrelinha superior[78]. Esta forma está presente nas posições interior e final da palavra na proximidade ou não de uma letra com haste vertical (Figura 1) e é tem um largo uso neste manuscrito.

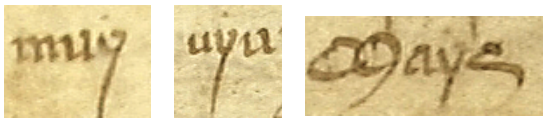


Figura 1: Exemplo de **y**: "muy" (LM/f.67r/col.II/l.2) "uyu" (LM/f.67r/col.II/l.15); "mays" (LM/f.67r/col.II/l.12)

5. A representação do <r>

Existem dois tipos de **r** no manuscrito BC, 2434: o **r** redondo com um uso esporádico e o **r** longo que acaba por se impor em qualquer posição e será usado independentemente do contexto gráfico, inclusivamente, depois de letras com curvas contrapostas (**o**, **p**).

Observámos, assim, a utilização reduzida do alógrafo redondo em contacto com o **o** e outras letras cuja morfologia apresenta uma curva contraposta (**p**) (Figura 1).

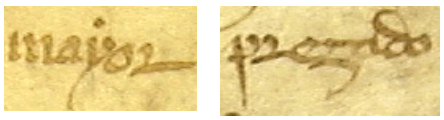


Figura 1: Exemplo de r redondo atrás de **o**, **p**: "mayor" (LM/f.123v/col.I/l.1), "prezado" (LM/f.67r/col.II/l.4)

Contudo, a exclusividade do **r** redondo manifesta-se em posição final quando este é posposto à letra **o** (Figura 1). Em qualquer outro contexto e posição, como referimos atrás, o **r** redondo alterna com o longo. Assim, teremos o alógrafo longo também presente no interior da palavra posposto ao **o** (Figura 2).

[78] Derolez, Albert (2003), *op.cit*., p. 95.

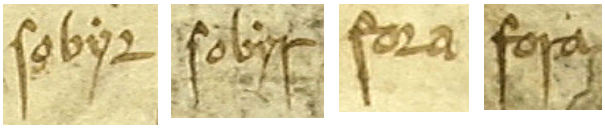


Figura 2: Exemplo de **r** redondo final **y**, **r** longo final, : **“**sobyr” (LM/f.123r/col.II/l.7), “sobyr” (LM/f.123r/col.II/l.13), “fora” (LM/f.123r/col.I/l.2; f.123r/col.II/l.15)

Em posição inicial emprega-se, com regularidade, o alógrafo longo. A utilização do **r** longo duplo no início e no interior da palavra já foi assinalada como uma característica da escrita cursiva documentada também neste manuscrito (Figura 3).

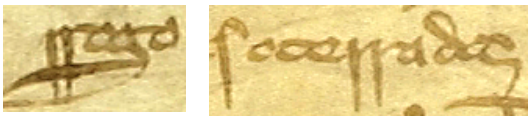


Figura 3: Exemplo de **r** longo duplo em posição inicial e interior: “rrogo” (LM/f.67r/col.II/l.16); “soterrados” (LM/f.67v/col.I/l.22)

Pelo exposto, constatámos a tendência para a utilização do **r** longo mesmo que posposto ao **o**, indício de desvio da conhecida lei de Meyer. O mesmo fenómeno sucede quando se marca pelo grafema duplo a vibrante [R], no interior da palavra (Figura 4).

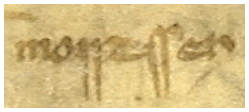


Figura 3: Exemplo de **r** longo duplo posposto ao **o**: “morressen” (LM/f.123v/col.I/l.12)

Chamando ainda a atenção para o traçado do alógrafo **r** duplo, considerámos interessante a bifurcação em **v**, específica da escrita cursiva, que conduz à ligação com a letra posposta. O mesmo fenómeno de união foi também observado no manuscrito anterior com a diferença de o desenho do **r** longo duplo apresentar, neste caso, um traço vertical, sem qualquer bifurcação da base, mas o **r** longo simples revelar o traçado da *textualis*.

6. A representação do <s>

A letra **s** encontra-se representada de duas maneiras: o **s** alto e o **s** de dupla curva larga. Revela-se o emprego, com regularidade, do alógrafo alto em posição inicial e interior.

Os dois alógrafos são utilizados de forma alternativa em posição final: de um total de 159 casos, em 130 documenta-se o alógrafo de dupla curva larga (Figura 1) e em 29 o alto. Ao observar os casos em que o alógrafo alto ocupa a posição final, note-se que este se encontra quase exclusivamente posposto às vogais **a**, **e**, **i** e, num único caso, ao **o** (Figura 2).

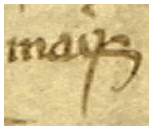


Figura 1: Exemplo de **s** de dupla curva larga: "mays" (LM/f.67r/col.1/l.28)



Figura 2: Exemplo de **s** alto atrás de **o**: "os" (LM/f.122v/col.II/l.13)

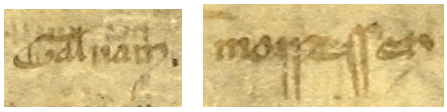
Em relação ao desenho destas letras, observámos a excessiva extensão da cauda de **s** final que se revela um traço significativo da cursiva aqui atestada e a bifurcação à esquerda da haste do alógrafo alto (Figura 2).

7. As representação de <g>, <m>, <n>

No manuscrito BC, 2434 destaca-se a letra **g** pelo desenvolvimento da extensão em arco fechado abaixo da linha da escrita inclinada à esquerda (Figura 1). No manuscrito anterior observámos, quanto a esta letra, apenas um desenvolvimento simples da cauda inclinada à esquerda. É ainda importante chamar a atenção para as letras **m** e **n** finais. Os traços finais estendidos quase horizontalmente abaixo da linha da escrita destas letras estão relacionados com a tendência natural da escrita mais rápida da cursiva aqui representada[79] (Figura 2). Teremos a oportunidade de observar o mesmo fenómeno no manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7.



Figura 1: Exemplo de **g**: "castigo" (LM/f.67r/col.II/l.16)



[79] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 127.

Figura 2: Exemplos de **m** e **n** finais: “Galuam” (LM/f.123v/col.I/l.18), “morressen” (LM/f.123v/col.I/l.12)

Entre as características gerais da cursiva, já referidas, mencionamos a forma de um **m** e **n** apresentando uma extensão inclinada à esquerda da haste final como se pode observar na Figura 2.

8. As fusões

A escrita gótica em que é traçado o manuscrito BC, 2434 evidencia-se também pelo uso abundante de fusões de letras em curva, o que denota o seu carácter cursivo. Qualquer letra que apresente uma morfologia em curva cria uma união com a letra precedente ou/e posposta. Assim, observem-se as seguintes fusões de letras: **ba**, **be**, **bo**, **da**, **de**, **do**, **ha** (esporadicamente), **ho**, **og**, **os**, **or**, **pa**, **po** (Figura 1). O desenvolvimento do **v** inicial como grafia do fonema consonântico determina em contexto com a vogal **o** a fusão de letras: “vos” (Figura 1).



Figura 1: Exemplos de fusão de curvas: **ba**, **be**, **bo-os**, **da**, **de**, **do-os**, **ha**, **ho**, **og-oo**, **pa**, **pe**: “bastyu” (LM/f.67v/col.I/l.16), “sabe” (LM/f.122v/col.I/l.14), “anbos” (LM/f.67v/col.I/l.21), “dema*n*dades” (LM/f.122r/col.II/l.3), “soterrados” (LM/f.67v/col.I/l.22), “uelha” (LM/f.122v/col.I/l.3), “escarnho” (LM/f.122r/col.II/l.6), “meogoo” (LM/f.123r/col.I/l.2), “paz” (LM/f.122r/col.I/l.13), “penssou” (LM/f.67v/col.I/l.31), “podesse” (LM/f.67r/col.II/l.28), “vos” (LM/f. 123v/col.I/l.21)

9. As ligaduras

Este fenómeno tem uma acentuada presença no manuscrito em estudo, como característica da cursiva representada. Uma morfologia particular apresentam as letras **g**,

r longo, **t** e **z**, cujas hastes superiores se estendem horizontalmente criando esporadicamente ligaduras tanto com a letra antecedente como com a posposta (Figura 1).

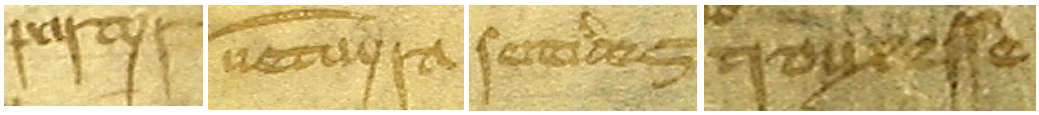


Figura 1: Exemplos de nexos de letras: **r-t-y**: "partyr" (LM/f.67r/col.II/l.14); **e-t-u**: "ue*n*tuyra" (LM/f.122r/col.II/l.10); **n-t-i**: "sentides" (LM/f.122r/col.II/l.13); **t-r-o**: "trouxesse" (LM/f.122r/col.II/l.21)

As geminadas **ff**, **ss**, **rr** evidenciam-se, também, pelas ligaduras que apresentam (Figura 2).

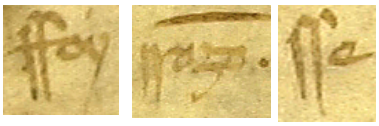


Figura 2: Exemplos de nexos de letras geminadas: **ff**, **rr**, **ss**: "ffoy" (LM/f.67v/col.I/l.30), "razo*n*" (LM/f.122r/col.II/l.13), "sse" (LM/f.122r/col.II/l.4)

Além das ligaduras realizadas entre **o** e qualquer letra em curva posposta (Figura 3), há, ainda, a registar os seguintes contextos de ligaduras: **ca**, **ch** (esporadicamente), **co**, **cr**, **ça**, **çe**, **ço**, **dr**, **er-ra**, **fa**, **fe-ez**, **fi**, **fo**, **fr-re**, **fy**, **gr-ra**, **pr**, **ra/ry**, **rd**, **ro**, **rt-tu**, **st, ta/to**, **te**, **tr**, **zo**, **zy.**

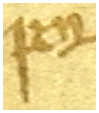


Figura 3: Exemplo de nexo entre **o** e outra letra em curva: "por" (LM/f.67v/col.I/l.15)

10. As abreviaturas

Evidenciam-se, entre os mais frequentes processos abreviativos, a contracção e a suspensão, que consistem na omissão de letras intermédias (síncope), assinaladas por um traço horizontal sobrescrito, mantendo-se as iniciais e as finais (Figura 1) e na suspensão da parte final (apócope) (Figura 2).

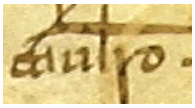


Figura 1: Exemplo de abreviatura por contracção: "cau*aley*ro" (LM/f.67r/col.II/l.3)



Figura 2: Exemplo de abreviatura por suspensão + **a** aberto sobrescrito: "Gal*uan*" (LM/f.123v/col.II/l.21)

Outros métodos de abreviação utilizados referem-se aos sinais especiais e às letras sobrescritas. Entre os sinais especiais encontram-se presentes:

— o traço horizontal que assinala a ausência de um **m** ou **n** e acompanha as abreviaturas por contracção e por suspensão;

— a letra tironiana em forma de **9** com valor de **-us** (Figura 3)



Figura 3: Exemplo de letra tironiana em forma de **9** com valor de **-us**: "De*us*" (LM/f.122r/col.II/l.3)

— o sinal especial de abreviação de sílaba formada por **r**+**e** ou **e**+**r** (Figura 4)

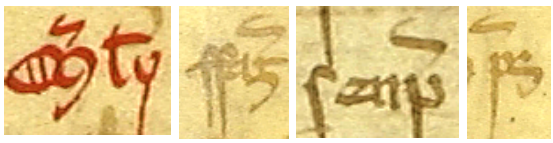


Figura 4: Exemplos de sinal especial de abreviação de sílabas **re**/**er**: "M*e*rly*n*" (LM/f.67v/col.I/l.27), "ffazer" (LM/f.123v/col.I/l.7), "senp*re*" (LM/f.67r/col.II/l.21), "pr*e*s" (LM/123v/col.I/l.3)

Um outro sistema abreviativo importado das escritas anteriores à gótica consiste em modificações literais ou abreviaturas ligadas a certas letras, segundo as designações de E. Borges Nunes[80]. As principais letras que apresentam uma modificação literal no manuscrito BC, 2434 são o **p**, cuja cauda aparece cortada por um traço horizontal, e o **q**, com a mesma morfologia, em que:

[80] Nunes, Borges E. (1981), *Abreviaturas paleográficas portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras, pp. 7-12.

— **p** indica "por" (Figura 5)

— **q** indica a conjunção "que" ou "quan" (Figura 5)

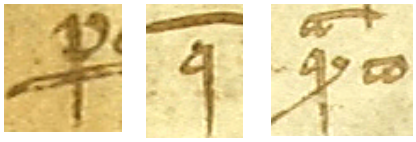


Figura 5: Exemplos de modificação literal do **p**, **q**: "p*or*" (LM/f.67v/col.I/l.4), "q*ue*" (LM/f.67r/col.II/l.10), "q*uan*to" (LM/f.123r/col.I/l.4)

Letras sobrepostas representam ainda uma outra forma de abreviatura abundantemente utilizada neste manuscrito. Trata-se de vogais e consoantes de módulo menor colocadas acima das letras, correspondendo a letras ou sílabas intermédias ou finais da respectiva palavra abreviada[81]. Destacam-se, como se apreciou no manuscrito anteriormente descrito, os contextos gráficos em que ocorre a letra **r** seguida pela vogal **a**.

Letras sobrescritas:

— um derivado do **a** aberto visigótico, cuja primeira haste se desenvolve à direita, indicando a abreviatura de várias sílabas, todas contendo a vogal **a**: o ditongo "ua" e as sílabas "ar", "ra" (Figura 6)

— um derivado do **i** curto encimando **q** e **g** representando o ditongo "ui" (Figura 7)

— o segmento "er" no final da linha sobrescrita com o **r** redondo (Figura 8)

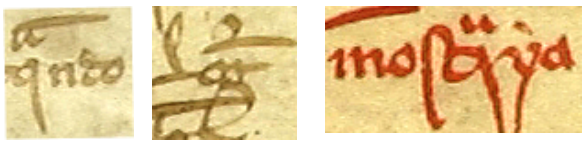


Figura 6: Exemplos de letras sobrescritas: **a** aberto com valor de "ua" e **r** redondo: "q*u*ando" (LM/f.123r/col.I/l.7), "log*a*r" (LM/f.67r/col.II/l.11), "most*r*arya" (LM/f.67v/col.I/l.27)



Figura 7: Exemplos de letra **i** sobrescrita com valor de **ui**: "aq*ui*" (LM/f.122r/col.II/l.21), "g*u*isa" (LM/f.123r/col.II/l.12)

[81] Cf. Cruz, António (1987), *Paleografia portuguesa*, Porto, Cadernos Portucale.



Figura 8: Exemplos de **er** sobrescrito na final da linha: “creer” (LM/f.67v/col.I/l.14)

Voltamos a atenção, em seguida, para algumas situações de índole escritural específicas deste manuscrito. Ao contrário do que observámos no manuscrito anterior em relação ao sistema de abreviar as formas verbais, o manuscrito BC, 2434 oferece as formas verbais da segunda pessoa do plural do presente do indicativo sobrescritas com um sinal especial em forma de vírgula: “demandades”, “aued*e*s”, “ueed*e*s” (Figura 9) e as formas verbais da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito: “pedreçero*n*”, “podreçera*n*” (Figura 9) assinaladas com um traço horizontal indicando a nasalidade.

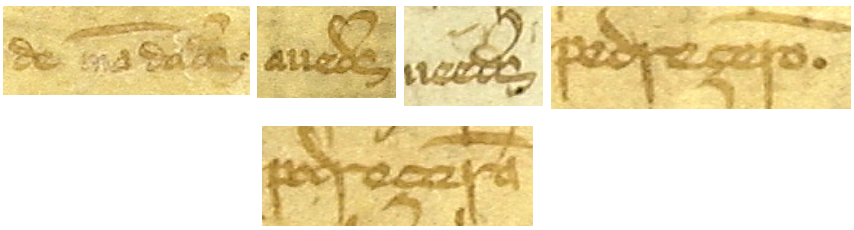


Figura 9: Exemplos de abreviatura de formas verbais: “dema*n*dad*e*s” (LM/f.122r/col.II/l.1), “auedes” (LM/f.122r/col.II/l.14), “ueedes” (LM/f.123r/col.II/l.3), “pedreçero*n*” (LM/f.67v/col.I/l.24), “podreçera*n*” (LM/f.67v/col.I/l.25)

É de notar que são duas as maneiras de assinalar a síncope de **e** em função das formas em que este fenómeno ocorre. Por exemplo, o sinal especial em forma de vírgula indicando a síncope de **e** aplica-se nas formas verbais, enquanto nas formas nominais e pronominais se utiliza o traço horizontal variável no seu comprimento. Exemplos destes fenómenos encontram-se em “el*e*s”, “donz*e*la”, “conpasador*e*s”, “<...>ador*e*s” (Figura 10).

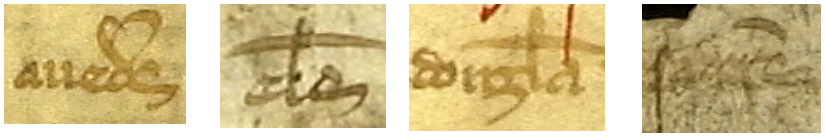


Figura 10: Exemplos de sinais de abreviatura indicando a síncope de **e**: “auedes” (LM/f.122r/col.II/l.14), “el*e*s” (LM/f.122v/col.I/l.19), “donz*e*la” (LM/f.67v/col.I/l.28), “(co*n*pa)-sador*e*s” (LM/f.123r/col.I/l.26)

A variedade de sistemas abreviativos encontrados no manuscrito BC, 2434 poderia reflectir, além da atestação de uma tradição taquigráfica, outros hábitos escriturais específicos do copista desenvolvidos talvez à luz da execução rápida da letra.

Procurando também averiguar os fundamentos paleográficos da similitude, acima referida, entre a escrita dos fragmentos do códice BC, 2434 e a de um documento do *scriptorium* de D. Dinis no estudo de Amadeu-J. Soberanas, verificámos, de facto, mais diferenças do que semelhanças. Mencionemos, a título de exemplo, duas das dissemelhanças mais relevantes: em primeiro lugar, o uso alternativo, na escrita do documento, de dois tipos da letra **d** (o **d** uncial e o **d** em arco), enquanto no manuscrito BC, 2434, como temos vindo, se utiliza apenas o alógrafo em arco; em segundo lugar, a ausência neste manuscrito de arco nas hastes ascendentes das letras **b**, **l** ou **h**, como se pode apreciar no fac-símile do documento reproduzido na estampa noventa e um do *Álbum de Paleografia e Diplomática portuguesas*[82]. Assim, a classificação de Amadeu-J. Soberanas quanto ao tipo de escrita do ms. BC, 2434 como cursiva *formata* carece de fundamentos paleográficos.

Para concluir, podemos também dizer que a maioria dos elementos gráficos destacados, como o uso geral de um **a** angular em dois traços; o predomínio do alógrafo longo da letra **r**, mesmo em contextos de fusão de curvas com as letras **o**, **b**, **p**; o **d** em arco inclinado à esquerda; a cauda em arco fechado muito largo do **g**; a abundância das fusões; as hastes verticais excessivamente estendidas das letras **s** longo e **f**; a mesma extensão da haste inferior inclinada à esquerda das letras **n**, **h** e **s** em dupla curva final, permitem-nos classificar a escrita deste manuscrito como cursiva. Além da extensão descendente, foi possível observar sinais horizontais com uma função meramente ornamental. Esta característica estará, também, presente no manuscrito AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7. Dada a ausência no manuscrito BC, 2434 de arco fechado nas hastes das letras **b**, **h**, **f** e **l**, que também define a cursiva segundo Albert Derolez[83], seria ainda necessário considerar que outros traçados, como por exemplo, o **a** aumentado, — que, como veremos, é também frequente na produção documental[84] —, ou a excessiva extensão da cauda de **s** final poderiam representar particularidades da cursiva desenvolvida no campo librário na Península Ibérica.

[82] Ver estampa n.º 91 em Costa, Avelino de Jesus (1997), *op. cit.*
[83] Derolez, Albert (2003), *op. cit.*, p. 142.
[84] *Infra*, p. 79-80.

Uma análise exaustiva da presença da gótica cursiva com as suas particularidades no campo da librária e a sua especificidade no campo administrativo da Península poderia levar a uma classificação mais concludente deste tipo escritural.

C. O manuscrito de Madrid

(AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7)

(fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962)

Apesar de termos disponível apenas um fac-símile, é possível observar que no manuscrito AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7 (*Livro de Tristan*) se atesta um tipo de cursiva distinto do que temos vindo a analisar no manuscrito anterior (ms. BC, 2434). Por exemplo, a escrita do manuscrito AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7 apresenta a particularidade de uma forma redonda mais acentuada e contínua, resultante da execução com uma maior velocidade de *ductus*. Também se notam as excessivas ligaduras e o traço vertical da base do **s** longo em curva inclinada à esquerda. Não tendo, todavia, a possibilidade de observar empiricamente o material paleográfico, limitámo-nos a supor, com reservas, que se poderia tratar de tendências comuns ao novo tipo de cursiva redonda desenvolvido no campo documental em Castela e Leão no século XIV[85], modelo escritural que poderia ter sido encontrado, de um modo estilizado, na escrita librária. Assim, a análise limitar-se-á apenas a apresentar os elementos gráficos, sendo inseguro avançar hipóteses sobre o tipo de cursiva atestado.

Centremos a atenção, como nos casos anteriores, na análise dos elementos gráficos da escrita cursiva documentada no manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, em função da sua posição e determinação gráfica contextual.

[85] Millares Carlo, Agustín / Ruiz Asencio, José Manuel (1983), *op. cit.*, vol. I, pp. 221-236; Sanz Fuentes, Mª Josefa (1991), *op. cit.*, p. 533 e ss.

1. A representação do <a>

No manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 distinguem-se duas grafias de **a**: um **a** com um só compartimento (Figura 1) — em qualquer posição e independente do contexto gráfico — e, esporadicamente, um **a** inicial aumentado (Figura 2).

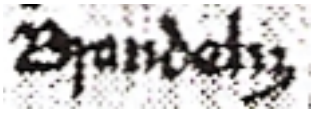


Figura 1: Exemplo de a com um só compartimento: "Brandeliz" (LT/f.1r/col.II/l.14)



Figura 2: Exemplo de **a** inicial: "assy" (LT/f.1r/col.II/l.12), "andou" (LT/f.1r/col.II/l.16), "ay" (LT/f.1r/col.II/l.4), "ao" (LT/f.1r/col.II/l.8), "ardidos" (LT/f.1r/col.II/l.22)

2. A representação do <d>

Neste manuscrito, surpreendemos uma dupla grafia da letra **d**: o **d** de haste em arco inclinado à esquerda e o **d** uncial. A alternância dos dois alógrafos parece constituir uma característica da cursiva testemunhada neste manuscrito.

Embora a distribuição dos alógrafos não responda a critérios claros, tentemos descrever, em seguida, a sua repartição começando pela determinação da posição e dos contextos em que estes aparecem.

No material paleográfico de que dispomos, pode constatar-se que o alógrafo uncial ocupa, de um modo geral, a posição inicial nos contextos gráficos **da-**, **di-**, **do-** (Figura 1). Contudo, contam-se dois casos em que este alógrafo aparece em posição interior no contexto gráfico **-de-**: o primeiro encontra-se numa das ocorrências do nome próprio "Brandeliz" (Figura 2); o segundo caso apresenta uma situação particular pela mudança da linha no interior da palavra, o uso do alógrafo uncial coincidindo por isso com o início da linha no exemplo "ue-des" (Figura 2). O alógrafo uncial documenta-se em posição inicial em 4 casos de um total de 10 da sequência gráfica **da-**, em 5 dos 18 casos do contexto gráfico **di** e em 3 das 18 ocorrências do contexto **do-**. Pode observar-se que o alógrafo de haste em arco inclinado à esquerda predomina neste manuscrito em qualquer dos contextos referidos. O uso alternativo de dois alógrafos diferencia este

manuscrito do anterior (ms. BC, 2434), em que, como vimos, se documenta exclusivamente o alógrafo de haste em arco inclinada à esquerda.

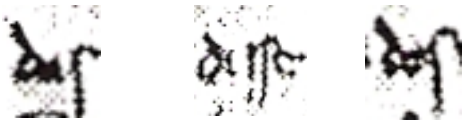


Figura 1: Exemplos de **d** uncial inicial: “das” (LT/f.2v/col.II/l.32), “disse” (LT/f.2v/col.I/l.19), “dos” (LT/f.2v/col.II/l.15)

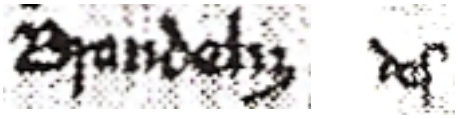


Figura 2: Exemplos de **d** uncial interior: “Brandeliz” (LT/f.1r/col.II/l.14), “(ue)-des” (LT/f.2v/col.II/l.37)

3. A representação do <i>: i curto, j

De acordo com os comentários anteriores em relação à forma **j**, observámos que esta entra na composição dos numerais (Figura 1) e, noutros casos, pelos critérios paleográficos da proximidade de uma letra de morfologia similar (**i**, **n**, **u**), é utilizada para evitar a confusão gráfica: “crija”, “nj*n*huu”, “sanguj” (Figura 2).

Este material paleográfico oferece, por outro lado, outros casos em que se observa o emprego do **i** curto em contextos gráficos com letras de morfologia similar a esta letra, como podemos observar nas sequências **in** de “Glingaym”, **iu** de “sobiu” , **ui** de “todauia” e **uiu** de “uiuo” (Figura 3).



Figura 1: Exemplos de **j** no numeral romano: “iiij” (LT/f.2v/col.II/l.16), “vj” (LT/f.2v/col.II/l.25)

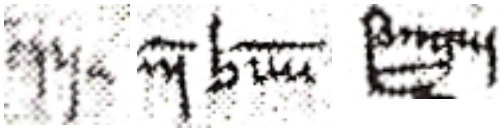


Figura 2: Exemplos de **j** em contacto com **i**, **n**, **u**: “crija” (LT/f.1r/col.I/l.3), “nj*n*hũu” (LT/f.1r/col.I/l.9), “sanguj” (LT/f.2v/col.II/l.25)

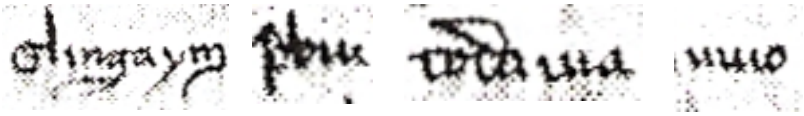


Figura 3: Exemplos de **i** curto nas sequências **in**, **iu**, **ui**, **uiu**: "Glingaym" (LT/f.1r/col.I/l.8), "sobiu" (LT/f.2v/col.II/l.29), "todauia" (LT/f.1r/col.I/l.12), "uiuo" (LT/f.1r/col.I/l.10)

4. A representação do <y>

O comportamento gráfico do **y** é semelhante aos anteriores. Observámos, assim, que **y** aparece nos contextos **yn**, **ym**, **uy**, **yu** (Figura 1), evitando a confusão gráfica na vizinhança com letras de hastes curtas verticais. Contudo, como vimos atrás, em contextos gráficos similares ocorre o alógrafo **i** curto. Daí resulta a irregularidade na importação dos hábitos da escrita cursiva que se atesta neste manuscrito. Ao contrário do que constatámos nos hábitos escriturais da letra **y** nos manuscritos anteriores, em AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 não parece marcada em cima com o ponto.

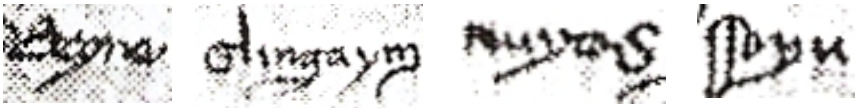


Figura 1: Exemplos de **y** nas sequências **yn**, **ym**, **uy**, **yu**: "Reyna" (LT/f.1r/col.I/l.6), "Glingaym" (LT/f.1r/col.I/l.8), "muytas" (LT/f.2v/col.I/l.11), "ssayu" (LT/f.2v/col.II/l.21)

5. A representação do <r>

No manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, a repartição dos dois alógrafos da letra **r**, o redondo e o longo, seguem critérios claros. A variante redonda documenta-se em dois tipos de contexto: em posição final, independentemente da vogal precedente (Figura 1); e em qualquer posição, quando precedido pela vogal **o** com uma única excepção (Figura 2). Quanto ao alógrafo longo, nota-se a sua utilização em todos os outros contextos gráficos e em qualquer posição, excluindo a final, governada pelo **r** redondo (Figura 3). Como se pode notar, este manuscrito selecciona o alógrafo redondo exclusivamente depois da curva **o**, evidenciando-se o **r** longo depois de qualquer outra curva documentada, como, por exemplo, **b** (Figura 4).

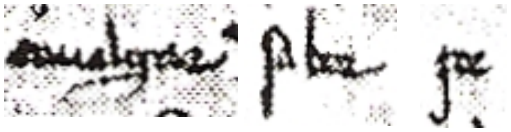


Figura 1: Exemplos de **r** redondo final depois de **a**, **e**, **o**: "caualgar" (LT/f.1r/col.I/l.31), "saber" (LT/f.2v/col.I/l.21), "por" (LT/f.1r/col.II/l.9)



Figura 2: Exemplo de **r** longo interior depois de **o**: "mayores" (LT/f.2v/col.I/l.27)

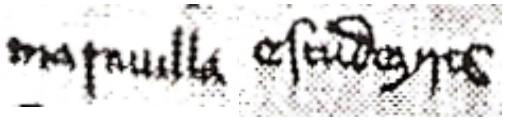


Figura 3: Exemplos de **r** longo interior: "marauilla" (LT/f.2v/col.I/l.14), "escudeyros" (LT/f.1r/col.II/l.18)

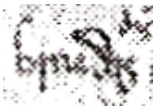


Figura 4: Exemplo de **r** longo interior depois da curva **b**: "braados" (LT/f.2v/col.II/l.10)

6. A representação do <s>

Uma particularidade deste manuscrito prende-se com o traçado do **s** alto. Por um lado, observa-se que em alguns casos — sem determinação contextual — o **s** desenvolve uma extensão da haste inferior em forma de gancho, cuja descrição mais adequada seria **s** longo em vez de **s** alto (Figura 1). Noutros casos, o **s** alto corresponde à descrição com "bengala".

Quanto ao traçado do **s** de dupla curva larga, também denominado "**s** redondo", em posição final, acontece, por vezes, que as curvas se unem formando um **8**, e noutros casos, em contacto com o **o**, dá-se uma modificação morfológica ainda mais profunda, de que resulta a eliminação da parte superior do traçado do **s**.

Este par de alógrafos, **s** alto e **s** de dupla curva, conhece uma distribuição praticamente regular. De facto, o exame do material paleográfico revela uma constância do **s** alto em posição inicial e interior e do **s** de dupla curva larga, em final de palavra. Contudo, é necessário ressalvar que o alógrafo alto não apresenta uma total regularidade de repartição, ocupando a posição final em alguns casos isolados. Resumindo, de um

total de 129 casos de **s** final, em 12 documenta-se o alógrafo alto e nos restantes, o alógrafo de dupla curva larga. Relativamente aos 12 casos isolados de **s** alto final, pode-se dizer que se trata de seis formas monossilábicas, das quais duas formam sequências gráficas, de que resultam ligaduras de letra: **sp**, **su** (Figura 2).



Figura 1: Exemplo de **s** longo: “di-ssesse” (LT/f.1r/col.I/l.9)

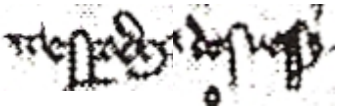


Figura 2: Exemplos de **s** alto final nas sequências gráficas **sp**, **su**: “taes parados” (LT/f.2v/col.II/l.16), “dos uossos” (LT/f.2v/col.II/l.15)

7. A representação de <g>, <m>, <n>

O exame paleográfico deste manuscrito revela um traçado muito particular de outras três letras: **g** (Figura 1), e **m** e **n** finais (Figura 2). Existem duas concretizações da extensão do segundo traço vertical do **m** como se pode observar na Figura 3. Por um lado, esse traço final do **m** prolonga-se à esquerda numa ondulação e, por outro, sai da pena sem qualquer estilização, apenas estendido à esquerda. Em relação à letra **g**, repare-se numa diminuição do arco inferior em relação ao documentado no manuscrito BC, 2434, diminuição que pode reflectir o *ductus* específico da letra deste manuscrito. (Figura 1).



Figura 1: Exemplo de **g**: “logo” (LT/f.1r/col.I/l.7); (LM/f.67v/col.I/l.5)

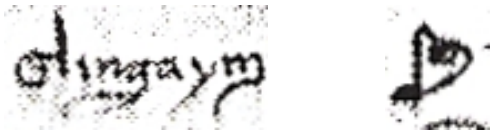


Figura 2: Exemplos de **m** e **n**: “Glingaym” (LT/f.1r/col.I/l.8), “son” (LT/f.2v/col.II/l.16)

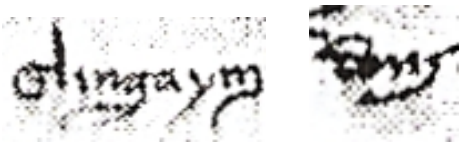


Figura 3: Exemplos de **m** final: “Glingaym” (LT/f.1r/col.I/l.8), “dom” (LT/f.1r/col.I/l.25)

8. As fusões

O fenómeno das fusões está, também, presente neste testemunho. Na cursiva, como na *hibrida*, atestadas nestes manuscritos, são utilizadas as mesmas fusões. No manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 são visíveis as fusões seguintes: **be**, **bo**, **da**, **de**, **di**, **do**, **ho**, **pe**, **po** (Figura 1). Do exame deste material, ressalta esporadicamente a fusão **de** e, ainda que pouco presentes, as fusões **di** e **ho**. É de notar, ainda, a realização da fusão entre a maiúscula **R** e as vogais **e** e **o**, favorecida pela linha em curva do segundo compartimento da maiúscula **R** (Figura 2).

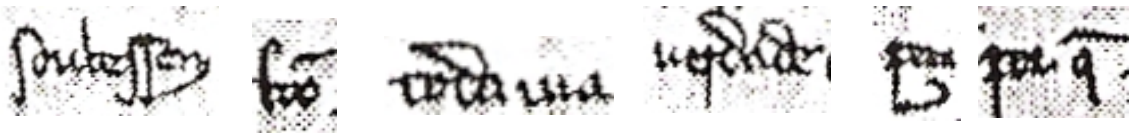


Figura 11: Exemplos de fusões **be**, **bo**, **da**, **de**, **pe**, **po**: “soubessen” (LT/f.1r/col.I/l.10), “bõo” (LT/f.1r/col.I/l.21), “todauia” (LT/f.1r/col.I/l.12), “uerdade” (LT/f.1r/col.II/l.9), “peça” (LT/f.2v/col.I/l.20), “porq*ue*” (LT/f.1r/col.II/l.23)

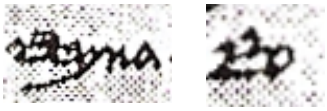


Figura 2: Exemplos de fusões entre **r** maiúscula e **e**, **o**: “Reyna” (LT/f.1r/col.I/l.14), “Ro-gou” (LT/f.1r/col.I/l.21)

9. As ligaduras

Sendo uma escrita rápida, por excelência, por razões de ordem pragmática, a cursiva caracteriza-se por uma abundância de ligaduras de letras e de abreviaturas. Estudaremos, pois, estes aspectos paleográficos no manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7.

A ligadura mais frequente é **st**, mas outros grupos começando por s alto inicial e, esporadicamente, em posição interior estão também presentes.

No material paleográfico aqui estudado, são ainda visíveis outras ligaduras em que se implica a letra **o**: **or**, **to**. A letra **g**, pela linha horizontal desenvolvida na parte superior do primeiro compartimento, propicia, também, este tipo de ligação em contacto com o **o** (Figura 1).

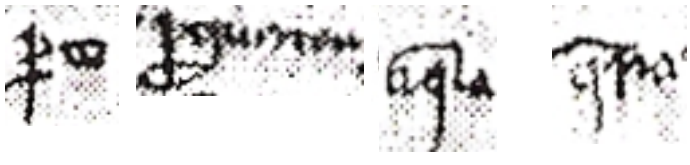


Figura 1: Exemplos de ligaduras **to**, **or**, **og-go**: "tornada" (LT/f.1r/col.I/l.7), "logo" (LT/f.1r/col.II/l.25)

10. As abreviaturas

Ressalta a existência dos mesmos padrões dos sistemas abreviativos que temos visto nos outros manuscritos: modificação literal, letras sobrescritas, sinais especiais, contracção; mas o factor diferenciador dos manuscritos reside na técnica de execução dos respectivos sinais e letras. Um exemplo disto oferece o manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, cuja análise revela vários sistemas abreviativos, que enunciamos em seguida:

— modificações literais do **p** com valor de "par", "per", "por", "pre", "pro" (Figura 1) e **q** com significado da conjunção "que" e da respectiva sílaba (Figura 1). Observem-se, neste manuscrito, dois comportamentos distintos no desenho da letra **q**, com valor de conjunção "que": , . O segundo traçado do **q** com a cauda formando um arco seria, assim, uma característica distinta da cursiva que se documenta neste manuscrito. Esta característica não se encontra contemplada na descrição nem da *cursiva antiquior*, nem da *cursiva requentior (cursiva)* de Albert Derolez, o que faria deste traço uma particularidade próxima à documental presente na Península Ibérica no século XIV[86].



[86] Millares Carlo, Agustín / Ruiz Asencio, José Manuel (1983), *op. cit.*, pp. 221-236; Sanz Fuentes, Mª Josefa (1991), *op. cit*.

Figura 1: Exemplos de modificações literais do **p**, **q**: "p*ar*te" (LT/f.1r/col.I/l.17), "p*re*guntou" (LT/f.2v/col.II/l.29), "que" (LT/f.1r/col.I/l.10), "aq*ue*la" (LT/f.1r/col.I/l.12), "q*uer*ya" (LT/f.1r/col.I/l.9)

Uma outra categoria de técnicas de abreviatura é formada pelos sinais especiais:

— verifica-se neste manuscrito a redução apenas ao valor de **con-** da letra tironiana em forma de **9** (Figura 2) no início da palavra, enquanto os outros dois manuscritos já analisados oferecem exemplos em que se identifica o de **-os**/**-us**.

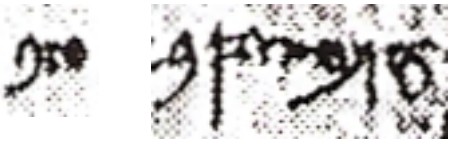


Figura 2: Exemplos de abreviatura por letra tironiana em forma de **9**: "c*on*to" (LT/f.1r/col.I/l.17), "c*on*paneyros" (LT/f.1r/col.II/l.19)

A utilização do **s** de curva dupla larga em posição final permite desenvolver uma fusão com **o**, **u** e, às vezes, **e** precedentes resultando a supressão quase completa da primeira curva da letra **s** (Figura 3).



Figura 3: Exemplo de técnicas da grafia das terminações **-os**, **-es**: "armadeuos" (LT/f.2v/col.II/l.14), "ent*re*les" (LT/f.2v/col.I/l.15)

— o sinal de abreviação em forma de **s** de curva larga indica as sílabas **er**, **re** (Figura 4)



Figura 4: Exemplo de abreviação das sílabas **er**, **re**: "t*r*ouxe*er*a" (LT/f.1r/col.I/l.18); "ent*re*les" (LT/f.2v/col.I/l.15)

— o traço horizontal dá-se nas seguintes ocasiões: ausência de **n** e **e** (Figura 5)

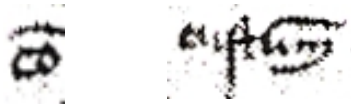


Figura 5: Exemplo de uso do traço horizontal indicando **n**, **e**: "co*n*" (LT/f.2v/col.II/l.28), "custum*e*" (LT/f.2v/col.I/l.32)

As letras sobrescritas representam o sistema de abreviatura mais utilizado. Destaquemos os casos relevantes e legíveis no material paleográfico estudado:

— a letra **o** sobrescrita indica a sílaba **ro**: "t*r*oux*er*a" (Figura 6)

— um derivado do **a** aberto visigótico indica o **a** e a abreviatura da sílaba "ra": "fora", "quando", "entrarara" (Figura 6)

— um derivado do **i** curto sobrescrito indica o **i**: "bl*i*oberyz" (Figura 6)

— a sílaba "ur" do nome próprio "Artur" encontra-se sobrescrita de forma algo indecifrável (Figura 6)

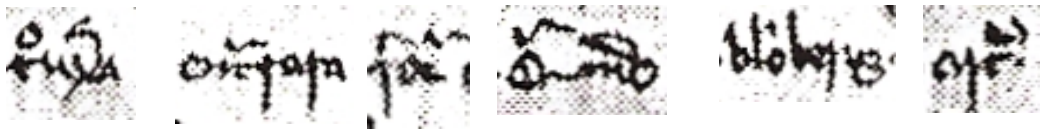


Figura 6: Exemplos de **a**, **e**, **r** e sílabas contendo esta letra (**er**, **ur**, **ra**, **re**), **i**, **u** abreviados: "t*r*oux*er*a" (LT/f.1r/col.I/l.18), "ent*ra*rara" (LT/f.2v/col.I/l.15), "for*a*" (LT/f.2v/col.II/l.18), "Quando" (LT/f.1r/col.II/l.22), "bl*i*oberis" (LT/f.2v/col.II/l.23), "art*ur*" (LT/f.1r/col.II/l.19)

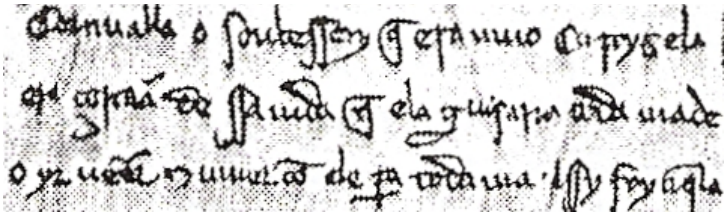
E, finalmente, a abreviatura por contracção, através de um traço horizontal, encontra-se presente com os seguintes exemplos (Figura 7).



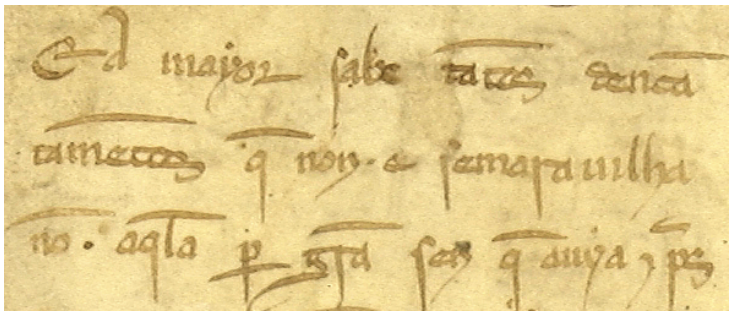
Figura 7: Exemplos de abreviaturas por contracção: "caual*eyr*o" (LT/f.1r/col.I/l.20), "p*r*im*ei*ra" (LT/f.2v/col.I/l.28)

Apesar de não termos disponível, como já referimos, o material original para uma observação empírica, é possível delinear algumas particularidades comuns nos manuscritos que atestam uma letra cursiva. Entre as características gerais deste tipo da escrita presente nos manuscritos BC, 2434 e AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, mencionamos a extensão excessiva das hastes ascendentes e descendentes das letras **f** e **s**. Um outro aspecto visa o equilíbrio entre o corpo da letra e a altura da sua haste,

específico da dominante *textualis* ilustrada no manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012, que não se mantém na cursiva atestada nos outros dois manuscritos. Daí resultam, através da extensão das hastes, ligações sistemáticas entre as letras da linha superior e/ou inferior nos respectivos manuscritos. Como característica geral, é ainda interessante assinalar a combinação do perfil grosso com o fino no traçado das hastes observável pelo menos no manuscrito BC, 2434. Segundo os especialistas, trata-se de uma pressão propositada na pena na execução do perfil grosso, enquanto na *textualis*, como referimos atrás, este perfil se deve à utilização de uma pena de bico largo[87]. Este traço não é tão pronunciado no manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, embora, como já referimos, este manuscrito se individualize pela forma redonda e continua das letras. Daí resultam traços mais económicos e, implicitamente, mais palavras numa linha e mais linhas na caixa da escrita, como se pode ver na Figura 1, em comparação com o ms. BC, 2434 que se distancia por uma disposição mais larga das palavras na linha.



AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7 (fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962)
(f.1r/col.I/l.10-12)



ms. BC, 2434 (f.123v/col.I/l.1-3)

Figura 1

[87] Derolez Albert (2003), *op. cit.*, p. 127.

D. Estudo de caso: documentos régios *versus* BC, ms. 2434

Como já referimos, não pretendemos com este estudo fazer uma análise exaustiva da escrita gótica, mas observar as particularidades da sua variante cursiva presente nos campos administrativo e librário, tendo como base material paleográfico coevo. Assim, observaremos em seguida seis cartas avulsas do *scriptorium* de D. Dinis, datadas de 1293, 1300, 1302, 1303, 1305 e 1313, conservadas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo[88] e no Arquivo de Braga, que vamos comparar com o manuscrito BC, 2434. Sabe-se que existem dois tipos góticos difundidos no campo documental: o formal e o cursivo[89]. Entre os documentos avulsos consultados, os de 1293 e de 1305 destacam-se pelo tipo mais caligráfico, enquanto nos outros encontramos o cursivo. Além da datação exacta, os respectivos documentos avulsos contêm a assinatura dos copistas/escribas, que são os seguintes: Francisque Anes (1293), Francisque Anes (1300), Afonsso Martirez (1302), Roy Vaasquez (1303), Francisque Anes (1305), Bertolameu Perez (1313). Através de um estudo comparativo dos mesmos elementos averiguados nos três manuscritos anteriores, ou seja, **a**, **d**, **i**, **j**, **y**, **g**, **m**, **n**, **r**, **s**, e ainda das fusões, das ligaduras e das abreviaturas, procura-se entender as diferenças e as semelhanças paleográficas entre os documentos avulsos e o manuscrito BC, 2434. Esta comparação indicar-nos-á, assim, em que medida a possibilidade de identificar o lugar de produção do fragmento arturiano um *scriptorium* régio se pode manter.

Por outro lado, como já dissemos[90], no fragmento Sharrer se identificam dois tipos de escrita gótica, um caligráfico solene e outro caligráfico comum[91]. O último corresponde, segundo Harvey L. Sharrer, a algo semelhante utilizado na escrita administrativa traçada num estilo mais caligráfico na época de D. Dinis. Tendo isto em mente, procuramos observar se esta aproximação poderia representar um indício para a análise que propomos em relação ao ms. BC, 2434 e seis cartas oriundas do *scriptorium* de D. Dinis. Prosseguiremos com a análise individual dos elementos gráficos.

---

[88] 1293 Abril 3 (T. T., gav. 3, n.º 4, n.º 10); 1300 Julho 12, Lisboa — *D. Dinis doa a D. Martinho, arc. de Braga, a Igreja de Santa Maria de Vilarinho da Castanheira* (A. D. B., gav. 2ª das Igrejas, n.º 92); 1302 Novembro 22 (T. T., Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 2); 1303 Novembro 15 (T. T., Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 6); 1305 Doação de Paderne (T. T., Ordem de Avis e Convento de S. Bento de Avis, mç. 4, n.º 369 ou mç. 3, n.º 292 (translado)); 1313 março 19 (T. T., gav. 3, n.º 3, n.º 15).

[89] Sanz Fuentes, Mª Josefa (1991), *op. cit*., p. 530.

[90] *Supra*, p. 34.

[91] Sharrer, Harvey L. (1991), *op. cit.*, p. 16; Guerra, António J. R., "Contribuições para a Análise Material e Paleográfica do Fragmento Sharrer", *op. cit.*, p. 32;

1. A representação do <a>

O alógrafo **a** com um compartimento e a sua réplica aumentada conhecem a seguinte repartição nos documentos analisados: nas cartas de 1293 e 1305 assinale-se a utilização predominante do alógrafo com um compartimento. Em função dos contextos gráficos em que se encontra, este alógrafo sofre modificações morfológicas mínimas que consistem na supressão, em parte, do traço superior que se une à letra precedente formando uma ligadura. O exame dos documentos mostra a constância das ligaduras quando a letra **a** se encontra precedida por **f**, **g**, **t** e, mais raramente, por **c** (Figura 1: "fazer", "graça", "esta", "cada", "carta").

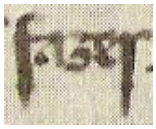
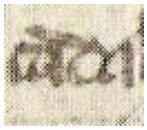
1293	**1305**
 "fazer" (l.2)	 "fazer" (l.3)
 "graça" (l.1)	 "graça" (l.1)
 "esta" (l.1	 "esta" (l.10)
 "cada" (l.9)	 "carta" (l.10)

Figura 1: Exemplos de **a** nas ligaduras de letras **fa**, **ra**, **ta**, **ca**

Nos documentos de 1300, 1302, 1303, 1313 evidencia-se, também, o uso exclusivo do alógrafo com um só compartimento.

A forma particular do **a** inicial aumentado destaca-se nos contextos gráficos: "a quantos" e "Afonso" dos documentos de 1300, 1305 (Figura 2).

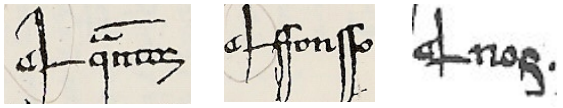


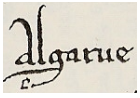
Figura 2: Exemplos de **a**: "a quantos" (1300/l.1), "Affonsso" (1300/l.2), "anos" (1305/l.11)

Como vimos, no manuscrito BC, 2434 também se distinguem os mesmos traçados da letra **a**: um **a** com um compartimento e um **a** aumentado (Figura 3). As ligaduras de letras **ca**, **fa**, **ga**, **ta** não se encontram no manuscrito. Contudo, apesar da presença do **a** aumentado nos últimos documentos, o seu traçado no manuscrito BC, 2434 não apresenta as mesmas característica, ou seja, nos documentos verificámos que o traço direito, além de se separar do corpo da letra, se prolonga abaixo da linha da escrita.



Figura 3: Exemplos de **a**: "amor" (LM/f.67r/col.II/l.9), "algũu" (f.67r/col.II/l.29)

Em relação à forma **a** aumentado, é, todavia, de notar, que se utiliza em todo o material paleográfico comparado em posição inicial de palavra ou de sequência gráfica. A diferença consiste na variação estilística da realização do traço direito (Figura 4).

1293	 "Algarue" (l.1)
1300	 "Algarue" (l.1)
1302	 "Algarue" (l.1)  "anos" (l.7)  "a quantos"(l.7)

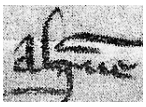
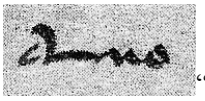
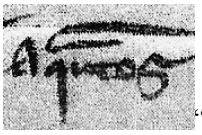
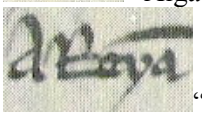
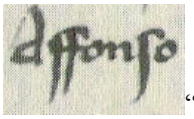
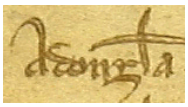
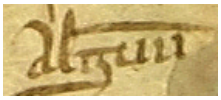
1303	 “Algarue” (l.1)  “ano” (l.10)  “aq*ua*ntos” (l.1)
1305	 ”Amen” (l.1)  ”aq*ua*ntos” (l.1)
1313	 “Alg*ar*ue” (l.2)  “a Reya” (l.2)  “Affonso” (l.2
ms. BC, 2434	 “a donzela”(LM/f.67v/colI/l.1)  “algũu” (LM/f.67r/col.II/l.29)

Figura 4: Exemplos de **a** aumentado

Este facto leva-nos a crer que se trataria de uma característica da documental que está também presente na librária, com as suas especificidades. Contudo, consideramos que uma análise baseada num material paleográfico vasto da Península poderia ser mais concludente neste aspecto.

2. A representação do <d>

Nos documentos analisados, constata-se o emprego de dois alógrafos: o **d** uncial e o **d** em arco. Em quatro destes, mais exactamente, os datados de 1293, 1300, 1302 e 1303, atesta-se a alternância de duas formas que ocorre até dentro da mesma palavra (Figura 1: 1293), enquanto noutros dois documentos, ou seja, os datados de 1305, 1313, se verifica a exclusividade do alógrafo em arco (Figura 2). Sublinha-se ainda que, no documento de 1300, a forma uncial se atesta em três ocasiões num total de 34 (Figura 3).

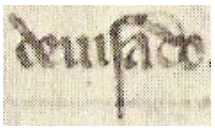


Figura 1: Exemplo de alternância entre **d** uncial e **d** em arco na mesma palavra: "deuisado" (1293/l.10)

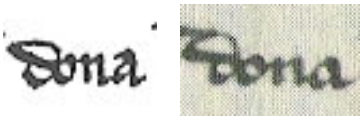


Figura 2: Exemplo de **d** em arco: "dona" (1305/l.2), (1313/l.2)

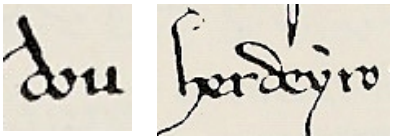


Figura 3: Exemplo de **d** uncial e em arco no documento de 1300: "dou" (l.3), "herdeyro" (l.3)

No manuscrito BC, 2434 dá-se o uso exclusivo do alógrafo **d** em arco fechado em qualquer posição, o que faz com que se aproxime do segundo grupo dos documentos datados de 1305 e 1313 (Figura 4).

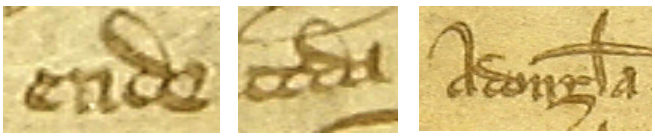


Figura 4: "ende" (LM/f.67r/col.II/l.20), "toda" (LM/f.67r/col.II/30), "a donzela" (LM/f.67v/colI/l.1)

3. A representação do <i>: i curto, i longo

Nos documentos régios, constata-se a utilização dos mesmos alógrafos analisados anteriormente, cuja repartição, porém, não apresenta a mesma coerência. Analisemos, em seguida, os diferentes casos em função da posição e do contexto gráfico em que estes aparecem.

Tratando-se de documentos régios, deparámo-nos com um repertório lexical comum. Este repertório inclui três casos de **i** em posição inicial apenas em três dos seis documentos em análise. A grafia das palavras "j/iur", "j/ir", "j/iugadas", ocorridas nos documentos de 1302, 1305, 1313 será aqui comentada. Dos três exemplos referidos, no documento de 1302, ocorre apenas "jugadas" traçado com o alógrafo longo (Figura 1).

No documento de 1305 aparece a variante breve em "iur", "ir" (Figura 2). À luz da regra já referida em relação à presença do diacrítico em cima do **i** duplo ou à extensão da haste do segundo, quando se encontra em contacto com letra de morfologia similar (**u**) para se evitar a confusão gráfica, observemos, então, as situações da carta de 1305, em que o alógrafo breve inicial ou interior seguido por letra de forma parecida aparece marcado com diacrítico (Figura 3), enquanto, noutras ocasiões, não leva o sinal por se encontrar seguido por letras de morfologia diferente (Figura 10: exemplo "ir"). No documento de 1313, utiliza-se, em posição inicial, o alógrafo longo no exemplo "jur" (Figura 4).



Figura 1: Exemplo de **i** longo no documento de 1302: "jugadas" (l.3 e 5)

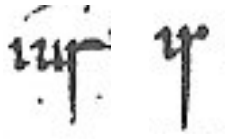


Figura 2: Exemplos de **i** inicial breve no documento de 1305: "iur" (l.6, 8), "ir" (l.9)

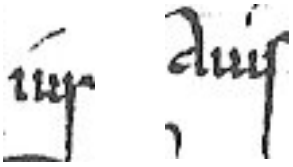


Figura 3: Exemplos de **i** curto com diacrítico no documento de 1305: "iur" (l.6, 8), "Auis" (l.3)



Figura 4: Exemplo de **i** longo inicial no documento de 1313: "jur" (l.3, 6)

A posição interior é dominada em todos os testemunhos régios aqui examinados pelo alógrafo **i** breve, enquanto o **i** longo conhece uma distribuição esporádica condicionada pelos contextos gráficos de duplo **i** ou letra de hastes curtas (**m**, **n**). De facto, examinando o material paleográfico, verificámos que três documentos se destacam pelo uso constante do alógrafo **j** em contextos gráficos com duplo **i** e com letras de morfologia similar: 1293, 1300, 1313 (Figura 5).

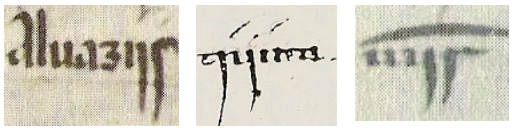


Figura 5: Exemplos de **j**: "aluazijs" (1293/l.8), "trijnta" (1300/l.8), "uijr" (1313/l.12)

O alógrafo **i** breve interior não se encontra regularmente marcado com diacrítico quando ocorre em contexto gráfico com letra de morfologia similar. Exemplo disso mesmo oferece o documento de 1313 (Figura 6).

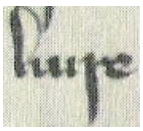


Figura 6: Exemplo de **i** breve interior no documento de 1313: "liure" (l.3)

Em posição final de palavra, regista-se, esporadicamente, o **i** longo e, numa única ocasião, o **i** breve no documento de 1293: "assi" (Figura 7). Mais uma vez, os casos de **i** longo justificam-se, como norma geral, por critérios paleográficos, ou seja, pela presença de letras de morfologia parecida. Em três documentos vê-se "mj̃" (Figura 8). Há, também, a registar outras ocasiões que não se podem justificar pelos mesmos critérios paleográficos, mas, provavelmente, pela preferência do escriba (Figura 9).



Figura 7: Exemplo de **i** breve final no documento de 1293: "assi" (l.10)

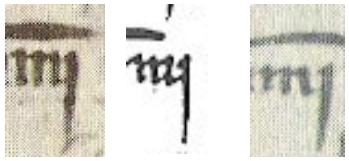


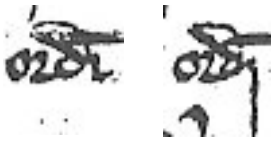
Figura 8: "mj̃" (1293/l.7), (1305/l.4), (1313/l.7)



“recebj” (1302/l.2; 1303/l.2)



“lhj” (1302/l.6)



“ordi”/”ordj” (1305/l.3, 5)

Figura 9: Exemplos de **i** longo e breve final

No manuscrito BC, 2434, a utilização da variante **j** é reduzida às sequências “mj̃” e “xij” (Figura 10) para evitar as confusões gráficas quando o **i** aparece em contacto com outras letras de morfologia similar.

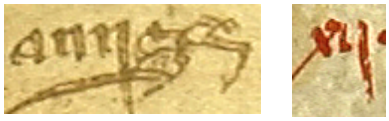


Figura 10: Exemplos de **i** longo: “amjgos” (LM/fol.67v/col.II/l.6), “xij” (LM/f.122v/col.II/l.9)

Concluindo, observe-se que nos documentos régios, **i** longo alterna com **i** breve tanto em posição inicial, como no interior de palavra. Este último aparece condicionado nesta posição pelos critérios paleográficos já referidos, tanto nos documentos régios, como no manuscrito BC, 2434.

4. A representação do <y>

O final da palavra é marcado em todos os documentos por **y** encimado por um ponto (“Rey”, “ffrey”), grafema que também ocupa a posição interior. No manuscrito BC, 2434 ocupa as mesmas posições.

5. A representação do <r>: r redondo, longo, e curto

Nos documentos examinados evidenciam-se três tipos de letra **r**: **r** redondo, longo e curto. A forma redonda ocorre em posição interior e final nos documentos de 1293, 1302, 1303, 1313 e noutros dois, de 1300 e 1305, atesta-se unicamente no interior da palavra. É de assinalar como este alógrafo se evidencia exclusivamente nos contextos gráficos com letras em curva (**o**, **b**, **h**, **p**, **y**). Em todos os documentos se atestam os contextos gráficos **or** e **br**. O contexto gráfico **pr** regista-se apenas em dois documentos (1293, 1313). O documento de 1305 singulariza-se pelo registo de um caso do contexto **yr** e o de 1300 por um de **hr** em que o **r** é grafado na variante redonda. Relativamente à forma longa, observa-se a seguinte configuração: os documentos de 1302 e 1313 agrupam-se pelo uso do alógrafo em qualquer posição, enquanto os de 1293, 1300, 1305 reduzem a sua utilização à posição interior e final. O documento de 1303 é o único em que se utiliza em posição inicial e interior de palavra a variante longa. A situação do alógrafo de haste curta diferencia-se pelo facto de se atestar apenas em três documentos: em 1293 aparece em todas as posições, em 1305 no começo e no interior da palavra, enquanto em 1300 surge no interior e no final (Figura 1).

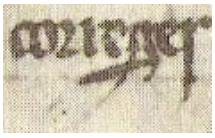


Figura 1: Exemplo de **r** redondo, curto e longo na mesma palavra: "correger-mos" (1293/l.7)

No manuscrito BC, 2434, são dois os alógrafos que traçam a letra **r**: o **r** redondo e o **r** longo. Este último acaba por se impor em qualquer posição e independentemente do contexto gráfico, incluindo em contexto com uma letra em curva contraposta (**o**, **p**). É de assinalar ainda que, nos documentos, o alógrafo longo não se regista após o **o**, como notámos no manuscrito BC, 2434. Quanto às variantes longa e curta, note-se o seu emprego em quaisquer posições, com excepção da ausência da última no manuscrito BC, 2434.

6. A representação do <s>: s alto e s redondo largo

Nos documentos analisados atestam-se dois alógrafos da letra **s**: o **s** alto e o **s** redondo largo. Em posição inicial e em interior da palavra documenta-se em exclusividade o alógrafo alto em todos os documentos.

A constância da variante redonda em posição final individualiza três documentos da presente análise: 1302, 1303 e 1313. O uso alternativo dos dois alógrafos dá-se nos documentos datados de 1293, 1300 e 1305, ou seja, em documentos assinados por Francisques Anes. No primeiro documento (1293) nota-se esporadicamente a forma redonda em posição final de palavra, ou seja, de um total de 71 casos de **s** final apenas em 4 (Figura 1) se atesta o respectivo alógrafo. Contando os casos do documento de 1300, verifica-se o predomínio da variante redonda em 8 de um total de 11 situações (Figura 2). No documento de 1305 a alternância gráfica é razoavelmente equilibrada: em 22 casos de um total de 36 se documenta o **s** largo final.

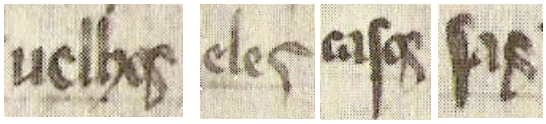


Figura 1: Exemplos de **s** final redondo no documento de 1293: "uelhos" (l.3), "eles" (l.5), "casos" (l.6), "sas" (l.9)

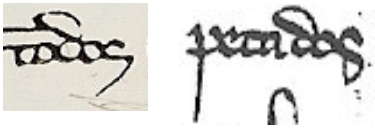


Figura 2: Exemplos de **s** final redondo nos documentos de 1300 e 1305: "todos" (l.4), "pecados" (l.4)

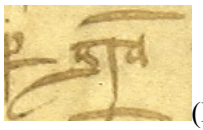
No manuscrito BC, 2434 dá-se o uso exclusivo do alógrafo alto em posição inicial e interior. A mesma regularidade não se aplica em posição final, em que ocorre a alternância das duas formas. Contudo, é importante especificar que a forma alta aparece anteposta às vogais **a**, **e**, **i** e, num único caso, atrás do **o**.

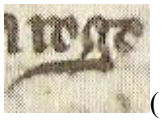
Assim, constata-se que, de um modo geral, se utiliza a variante alta no início e no interior de palavra em todo o material analisado, enquanto a forma redonda ocupa a posição final e, esporadicamente, inicial (1293, 1300, 1305). É importante observar que uma vez mais o grupo dos documentos datados de 1293, 1300 e 1305, tendo como assinante o nome idêntico Francisque Anes apresenta uma tendência comum. Recorde-

se que em duas desta cartas, isto é, as datadas de 1293 e 1305, se atesta o tipo caligráfico e na datada de 1300 o cursivo documental. Assim, pode inferir-se, nesta fase da análise, que o mesmo assinante terá executado cartas em cursiva e em caligráfica.

7. A representação de <g>, <m> e <n>

No tocante à letra **g**, podemos dizer que em todas as cartas avulsas se regista a forma em haste de arco largo bastante semelhante ao que temos vindo a observar no manuscrito BC, 2434 (Figura 1).

 (1305/l.3)  (LM/f.123v/col.1/l.3)

 (1293/l.1)  (LM//f.67r/col.II/l.16)

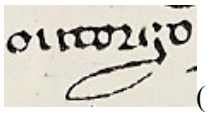
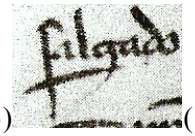
 (1300/l.3) (1302/l.3)

Figura 1: Exemplo de **g**

Não deixa de ser interessante também observar o *ductus* das letras **m** e **n** finais. Apesar da estilização do seu traçado no manuscrito BC, 2434 estas letras apresentam o mesmo arranque na base, específico da cursiva, que permitirá uma comparação com as encontradas nos documentos em estudo (Figura 2). A letra **n** não ocorre em posição final em todas as cartas avulsas consultadas; por isso, foi possível destacá-la apenas na datada de 1300 (Figura 3). Também o **m** final se encontra, por exemplo, nas cartas de 1293, 1300, 1313 (Figura 4).

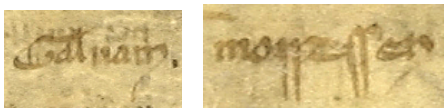


Figura 2: Exemplos de **m** e **n** finais: “Galuam” (LM/f.123v/col.I/l.18), “morressen” (LM/f.123v/col.I/l.12)

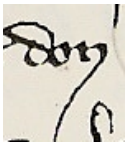


Figura 3: Exemplo de **n**: “don” (1300/l.2)

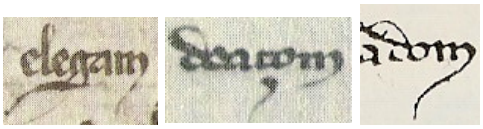


Figura 4: Exemplo de **m**: “elegam” (1293/l.3), “doaçom” (1313/l.12), “dom” (1300/l.3)

8. As fusões

Em função dos casos encontrados, os documentos examinados separam-se em três grupos. O primeiro é formado pelos datados de 1293, 1300, 1305, 1313, em que se realizam as seguintes fusões: **be**, **de**, **do**, **ho**, **os** (em que o **s** é largo), **pe**, **po**. Em relação a este grupo, observamos que, para além dos exemplos mencionados, no documento de 1293 atesta-se, ainda, a fusão **bo**, no de 1300 **he**, no de 1305 **ba**, e no de 1313 as fusões **bo** e **da**. O segundo grupo representado pelo documento datado de 1303 praticamente não atesta este fenómeno e, finalmente, o terceiro grupo, constituído pelo testemunho de 1302, regista, de forma esporádica, as seguintes fusões: **da**, **de**, **do**, **os**.

A cursiva do manuscrito BC, 2434 evidencia-se pela frequência do fenómeno das fusões de letras em curvas. Todas as letras que apresentam este tipo de morfologia criam um nexo com a letra posposta: **ba**, **be**, **bo**, **da**, **de**, **do**, **ha** (esporadicamente), **ho**, **og**, **os**, **or**, **pa**, **po**. Portanto, aqui o manuscrito BC, 2434 está mais próximo do primeiro grupo de documentos régios em que se agrupam, também, os assinados com o nome Francisque Anes.

9. As ligaduras

Este fenómeno gráfico é muito frequente em todos os documentos régios e, como já vimos, também no manuscrito BC, 2434. De uma forma geral, as características morfológicas das letras proporcionam a realização de ligadura. Assim sendo, observa-se que a haste horizontal superior das letras **r**, **g**, **t**, **c** se liga às letras pospostas. O alógrafo **s** alto cria, com regularidade, ligadura com **t** posposto, fenómeno geralmente atestado, e o **r** redondo realiza conexão com outra letra em curva (**o**, **b**). Com a letra **p** atestam-se ligaduras apenas nos documentos de 1305 e de 1313 e no manuscrito BC, 2434. Outros casos assinaláveis são as geminadas **ss**, ligadura comum a todo o material paleográfico em análise, enquanto as geminadas **ff** e **rr** ligadas estão presentes apenas no manuscrito BC, 2434.

10. As abreviaturas e sinais

Nos documentos de D. Dinis[92], com excepção do datado de 1293, assim como observámos atrás, no manuscrito BC, 2434, observa-se um uso abundante de abreviaturas e sinais. O vasto repertório conhecido[93] de abreviaturas e sinais observado nos textos em Latim encontra-se abundantemente adoptado no material paleográfico em vernáculo aqui analisado. Trata-te, pois, dos seguintes procedimentos abreviativos[94]:

A. Abreviaturas:

— por contracção (ms. BC, 2434/DD)

— por suspensão (ms. BC, 2434/DD)

B. Sinais especiais:

— o sinal de origem taquigráfica representa a conjunção **e**: várias formas (ms. BC, 2434/DD)

— o til (*titulos*) dá-se na elisão de um **m** ou **n** e assinala as abreviaturas por contracção e por suspensão (ms. BC, 2434/DD)

— a letra tironiana em forma de **9** tem o valor de **con**- ou -**us**/-**os** (ms. BC, 2434/DD)

— sinais de abreviação de sílabas formadas por **r**+**e** ou **e**+**r** (ms. BC, 2434/DD)

C. Modificações literais:

— **d** indica a preposição "de" ou a respectiva sílaba na palavra (DD)

— **p** indica "per", "por", "pro" ou as respectivas sílabas nas palavras (ms. BC, 2434/DD)

— **q** indica a conjunção "que" ou a respectiva sílaba nas palavras (ms. BC, 2434/DD)

[92] Adiante serão referidos pela sigla DD.
[93] Cf. Nunes, Borges E. (1981), *op. cit.*, Stiennon, Jacques (1973), *op. cit.*, Derolez, Albert (2003), *op. cit*.
[94] Ver Apêndice 7.

D. Letras sobrescritas:

— um derivado do **a** aberto visigótico cuja primeira haste se desenvolve à direita indica a abreviatura de várias sílabas, todas contendo a vogal **a**: o ditongo "ua" e as sílabas "ar", "ra" (ms. BC, 2434/DD)

— um derivado do **i** breve sobrescrito apresenta a mesma situação de múltiplas significações tendo todas em comum a inclusão da vogal **i**, ou seja, esta aparece em expoente com valor do ditongo "ui" e das sílabas "ir", "ri" (ms. BC, 2434/DD)

— a letra **o** sobrescrita indica as sílabas **or** e **ro** (DD)

— o alógrafo **r** redondo de módulo pequeno aparece sobrescrito (ms. BC, 2434)

— a sílaba "er" aparece sobrescrita com **r** redondo (ms. BC, 2434)

— outros casos especiais

As formas das abreviaturas e dos sinais não são sempre idênticas no manuscrito BC, 2434 e nas cartas régias. Por exemplo, o manuscrito BC, 2434 apresenta situações particulares como: **r** redondo sobrescrito ("logar"), "er" sobrescrito ("creer"), sinal especial indicando síncope de **e** nas formas verbais ("auedes"), **o** sobrescrito + suspensão ("como") ou modificação literal **p** + suspensão ("par Deus"). Este tipo de abreviatura já é menos frequente nos documentos régios, onde se registam dois casos em duas cartas: modificação literal de **s** nas palavras "serviço" (1300) e "quiser" (1313)[95].

11. Conclusão

Através desta análise foi possível observar que as cartas, atestando uma documental cursiva, apresentam uma característica em comum, a saber, a extensão excessiva da haste vertical das letras **f** e **s** (1300, 1302, 1303, 1305, 1313), bem como o **s** final que se prolonga numa curva muito abaixo da linha da escrita (1300, 1302, 1313). Tivemos a oportunidade de observar a mesma particularidade no manuscrito BC, 2434. Como já referimos, a função destes traços supérfluos parece ser de natureza mais ornamental do que pragmática. Outras semelhanças podem ser consideradas o *ductus* do **s** final que termina numa curva larga e excessivamente prolongada abaixo da linha da escrita, o arranque da base das letras **m** e **n**, também em posição final ou o **g** de haste em arco largo. Todos estes aspectos comuns caracterizam a cursiva, daí que estejam

[95] Ver Apêndice 7.

presentes tanto nos documentos, como no manuscrito BC, 2434, com a observação de que este tipo escritural conheceu no campo librário as adaptações já referidas.

Como diferenças, podemos notar o uso alternativo do **d** uncial e do **d** em arco inclinado à esquerda nos documentos, enquanto no manuscrito BC, 2434 se dá exclusivamente o emprego do segundo. Apesar de não termos destacado individualmente as letras **b** e **l**, a observação empírica dos documentos permitiu apurar uma outra diferença significativa que reside na presença da haste em arco destas letras em alguns documentos (**b**: 1300, 1303, 1313 e **l**: 1300, 1303, 1313, 1305), enquanto no manuscrito BC, 2434 estas letras não apresentam a respectiva característica. Notámos também a utilização sistemática do **r** redondo posposto ao **o** nas cartas do *scriptoriom* de D. Dinis, enquanto no manuscrito BC, 2434 o **r** redondo alterna, neste contexto, com o longo.

Por outro lado, como referimos atrás, três dos documentos avulsos são assinados com um nome idêntico e apresentam tendências comuns apesar de dois destes atestarem o tipo mais caligráfico e um o tipo cursivo. Referimo-nos aos documentos datados de 1293, 1300, mais caligráficos, e 1305, cursivo, assinados por Francisque Anes. Assim, foi possível identificar, nestes documentos, alguns elementos e comportamentos gráficos similares. Ou seja, a alternância do **d** em arco com a forma uncial e o emprego constante do **j**, segundo os critérios paleográficos já referidos, agrupam as cartas datadas de 1293 e 1300, enquanto o documento datado de 1305 regista apenas a forma em arco fechado conforme se atesta também no ms. BC, 2434. O comportamento gráfico referente ao uso alternativo de um **s** alto e um **s** de curva larga no final de palavra une os documentos assinados por Francisques Anes (1293, 1300, 1305) com o manuscrito BC, 2434. O emprego do **r** curto alia, desta vez, só os documentos assinados por Francisques Anes, enquanto o manuscrito BC, 2434 não conhece este alógrafo. Em contrapartida, o uso exclusivo do **d** em arco agrupa a carta de 1305 e o ms. BC, 2434 e o **a** aumentado da carta de 1293 semelha-se ao do manuscrito da Catalunha.

O que nos podem dizer todos estes elementos? Sendo Francisque Anes o assinante dos documentos datados de 1293, 1300 e 1305, deduzimos que num *scriptorium* régio o mesmo escriba/copista executava tanto uma documental caligráfica como uma cursiva, de acordo com a dignidade do documento a copiar. Daí resultaria, assim, que, em geral, o escriba/copista poderia ter a destreza de executar também uma librária em cujo traçado se poderiam ter infiltrado hábitos da documental.

Por outro lado, tendo em consideração algumas características similares da morfologia das letras apenas entre os documentos assinados por Francisques Anes e o

ms. BC, 2434 (o uso do **a** aumentado; o registo exclusivo do **d** em arco fechado apenas na carta de 1305 e no ms. BC, 2434; a utilização alternativa do **s** alto e redondo na posição final; o traço final prolongado do **n** apenas no documento de 1300 e do **m** nos documentos de 1293 e 1300 e no ms. BC, 2434), podemos pensar, com reservas, numa tendência comum da escrita deste escriba do *scriptorium* de D. Dinis e da do responsável pela cópia do códice BC, 2434. Também se pode inferir que este comportamento paleográfico com tendências similares no material analisado deve ter a ver, em princípio, com a forma como é transportada a cursiva no campo librário na sua evolução entre os séculos XIV-XV.

Seria interessante, todavia, observar a variação dos factos paleográficos num trabalho dedicado especificamente a este tema.

Ainda em relação aos comportamentos gráficos semelhantes (**a** aumentado, **g**, **m**, **n** finais), achamos que se poderiam tornar um indício referente à possibilidade de indagar sobre o lugar da produção de um códice no *scriptorium* régio. Para isso, estamos conscientes de que uma análise baseada num *corpus* vasto de documentos oriundos de vários *scriptoria*, a fim de perceber melhor o que é característico da escrita documental peninsular / portuguesa segundo os meios de origem, poderia oferecer dados mais concludentes em relação ao propósito mencionado. Seria também necessário ter em conta factores socioculturais, como por exemplo, a expansão da cultura laica e o desenvolvimento das instituições administrativas no seio das quais poderão ter sido produzidos manuscritos literários. Trata-se, no entanto, de um estudo que ainda está por fazer no âmbito português.

Por último, a observação do material paleográfico através das imagens disponíveis no portal do Arquivo da Torre do Tombo[96] do fragmento Sharrer, acima referido, e através da reprodução do documento mencionado como elemento comparativo na estampa n.º 88 no *Álbum de Paleografia e Diplomática portuguesas*[97] vem consolidar a pertinência da indagação da hipótese de um códice poder ter sido

[96] Ver DGARQ: DIRECÇÃO-GERAL DE ARQUIVOS, TT ONLINE:
http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqCmd=show.tcl&dsqDb=Catalog&dsqPos=0&dsqSearch=%28RefNo=%27PT/TT/FRA/20/02%27%29
e, também, Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, Manid 1817:
http://ucblibrary4.berkeley.edu:8088/saxon/SaxonServlet?source=BITAGAP/Display/1817MsEd.xml&style=BITAGAP/templates/MsEd.xsl

[97] Costa, Avelino de Jesus (1997), *op. cit*.

realizado no ambiente régio, dadas algumas tendências comuns no traçado de várias letras no respectivo material paleográfico considerado por Harvey L. Sharrer[98].

Assim, consideramos que o paralelismo entre a escrita documental e a escrita librária com a possível origem comum no *scriptorium* régio pode abrir novas perspectivas na análise deste tipo de material paleográfico.

[98] Referimo-nos a tendências comuns, por nós observadas, como por exemplo, o uso constante do **d** uncial, o suave prolongamento à esquerda da haste final do **h** ou a ausência de arco na haste vertical de **b**, **l**.

Parte III

Estudo de colação

1. A Organização Cíclica do Romance Arturiano[99]

O romance medieval que deve ter conquistado o público francês desde a sua produção na trilogia atribuída a Robert de Boron conhece, nas primeiras duas décadas do século XIII, segundo Jean Frappier[100], uma organização cíclica em prosa designada por Ciclo da Vulgata[101] ou Lancelot-Graal[102]. Este novo conjunto de textos teria a seguinte composição:

- a *Estoire del Saint Graal*, representando uma expansão do *Joseph d'Arimathie en Prose* de Robert de Boron, e contendo a história de José de Arimateia, de seu filho Josefes e da sua companhia que têm a missão de espalhar a mensagem cristã pela Grã-Bretanha.
- o *Merlin*, constituindo-se numa versão prosificada do *Merlin* de Robert de Boron[103] e narrando a história do mago e dos primeiros anos do reinado de Artur. Esta parte do ciclo é seguida ainda, em alguns manuscritos, de uma continuação designada por *Suite* da Vulgata.
- o *Lancelot en prose*[104], constituindo um romance biográfico de Lancelot.
- a *Queste del Saint Graal*[105], centrando-se no percurso dos cavaleiros da Mesa Redonda em demanda do Santo Graal.
- a *Mort Artu*[106], fechando o ciclo, com a queda da Távola Redonda e do reino arturiano.

Este conjunto cíclico conheceu, entre 1230-1240, uma versão expandida ou condensada, de acordo com diferentes estudiosos que se debruçaram sobre o problema. A configuração desta nova constituição cíclica do romance arturiano foi objecto de

[99] Esta resumida apresentação baseia-se na *Introdução* do trabalho de Ana Sofia Laranjinha (2010), *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romancesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, pp. 11-23.
[100] Frappier, Jean (1959), "The Vulgate Cycle", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Loomis, Roger, XVII/3, pp. 535-554; Frappier, Jean (1968), *Étude sur la Mort le roi Artu*, seconde édition revue et augmentée, Genève, p. 20.
[101] Cf. a edição integral deste ciclo da responsabilidade de Sommer, H. O. (ed. 1909-1917), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, 7 vols., Washington, The Carnegie Institution of Washington.
[102] Designação utilizada por Ferdinand Lot em Lot, Ferdinand (1918), *Étude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Champion.
[103] Cf. Micha, Alexandre (1979), *Merlin. Roman du XIIIème siècle*, Genève, Droz.
[104] Cf. Micha, Alexandre (1978-1983), *Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle*, 9 vols., Genève, Droz.
[105] Cf. Pauphilet, Albert (reimpr. 1984), *La Queste del Saint Graal*, Paris, Champion.
[106] Cf. Frappier, Jean (1964), *La Mort le Roi Artu. Roman du XIIIème siècle*, Genève/Paris, Droz/Minard, 3ª ed..

estudo de duas importantes teses da área. Referimo-nos ao trabalho de 1966 intitulado *The Romance of the Grail* de Fanni Bogdanow[107] e ao estudo de 1988 dedicado à *Demanda do Santo Graal* e ao *Ciclo da Vulgata* de José Carlos Miranda[108]. É importante assinalar, mesmo que de uma forma resumida, a estrutura, bem como a designação distinta da segunda fase do ciclo arturiano segundo estes autores.

1.1 A Post-Vulgata segundo Fanni Bogdanow

Com a designação Post-Vulgata, Fanni Bogdanow identifica o novo conjunto de textos derivado do ciclo anteriormente descrito apresentando a seguinte arquitectura cíclica:

- uma versão da *Estoire del Saint Graal*, sem modificações substanciais em relação à do ciclo da Vulgata, transmitida na tradução portuguesa, o *Livro de José de Arimateia*[109].
- o *Merlin* em prosa de Robert de Boron seguido de uma *Suite du Merlin*[110], distinta da do ciclo Vulgata e de uma segunda continuação identificada por Fanni Bogdanow pelo título *Folie Lancelot*[111], que reescreve alguns episódios finais do *Lancelot* e desenvolve narrativas oriundas da *Suite* e do *Tristan en prose* com o objectivo de colmatar a lacuna temporal entre a *Suite* e a *Queste*.
- a *Queste del Saint Graal*, incluindo uma *Mort Artu*, que se preserva na *Demanda* portuguesa[112]. Esta *Queste* derivaria, segundo a autora britânica, da da Vulgata e, por isso, recebeu a designação *Queste Post-Vulgata*.

Ao contrário do que sucedeu com o ciclo da Vulgata, o conjunto textual apresentado aqui não se transmite integralmente em nenhum manuscrito ou conjunto de manuscritos, apenas em fragmentos. No que diz respeito ao *Lancelot*, a autora refere que não faz parte do ciclo, baseando-se em algumas indicações redaccionais que remetem para a tripartição deste conjunto textual[113]. Assim, Fanni Bogdanow defende

[107] Bogdanow, Fanni (1966), *op. cit*.
[108] Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.
[109] A única edição integral é da responsabilidade de Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press. Há ainda uma edição parcial por Castro Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643* (tese policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa e, ainda, um fragmento editado por José Carlos Miranda em 1998, *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, Porto, Granito.
[110] Cf. Roussineau, Gilles (ed. 1996), *La Suite du Roman de Merlin*, Genève, Droz, 2 vols.
[111] Cf. Bogdanow, Fanni (1965), *La Folie Lancelot. A Hitherto unidentified portion of the Suite du Merlin contained in MSS. B. N. fr. 112 and 12599*, Tübingen, Max Niemeyer.
[112] Cf. Nunes, Irene Freire (ed. 2005), *Demanda do Santo Graal*, 2.ª ed. revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
[113] Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *op. cit.*, pp. 17-18.

que o novo ciclo é mais condensado do que o primeiro, desenvolvendo-se sobretudo em torno do rei Artur.

1.2 O Ciclo do Pseudo-Robert de Boron segundo José Carlos Ribeiro Miranda

A tese do investigador portuense contraria em dois pontos principais a da estudiosa de Manchester. Em primeiro lugar, José Carlos Miranda discorda da denominação Post-Vulgata, considerando que a *Queste* transmitida pela *Demanda* portuguesa não deve ter derivado da *Queste* Vulgata, mas que as duas representam descendentes paralelos de um original comum perdido designado *Queste Primitiva*[114]. Não concordando com a designação "Post-Vulgata", José Carlos Miranda prefere utilizar a denominação "ciclo do Pseudo-Robert de Boron" tendo em conta o facto de vários romances desta reescrita do ciclo, nomeadamente a *Suite du Merlin*, atribuirem a sua autoria a Robert de Boron[115].

Em segundo lugar, a tese de José Carlos Miranda colide com a de Fanni Bogdanow no que concerne à configuração do ciclo do Pseudo-Robert de Boron. Ou seja, o autor considera que do ciclo também fariam parte o *Lancelot* e ainda uma versão do *Tristan en prose*. Este autor defende que o ciclo do Pseudo-Robert de Boron era maior do que o designado por Vulgata, interpretando as referências à tripartição do ciclo como uma estratégia de organização dos manuscritos.

> *Temos, no entanto, dúvidas de que o redactor tenha pretendido ir tão longe naquela sua alegação proferida nos fólios da SUITE DU MERLIN. A referência à tripartição pode ter a ver apenas com o modo de organizar a escrita de um tão vasto conjunto de textos, que obrigaria a que certos deles devessem permanecer juntos, porque tratavam matéria tida como de maior afinidade e ainda porque a respectiva dimensão não justificava que ocupassem cada um o seu livro, problema que não se colocaria relativamente ao LANCELOT, romance imponente e unitário por si, ao qual teria de corresponder, naturalmente, um livro próprio*[116].

Assim, o ciclo do Pseudo-Robert de Boron teria, segundo o autor portuense, a seguinte configuração:

---

[114] Na sua tese dedicada à *Demanda do Santo Graal*, José Carlos Miranda (1998a) constata que o testemunho peninsular se divide em dois níveis de escrita. O nível primitivo, A, conserva um texto bastante próximo do que teria sido *a Queste Primitiva* e o segundo, B, encerra as interpolações de matéria narrativa oriunda da *Suite* e do *Tristan en prose*.

[115] A própria Fanni Bogdanow refere em 1959 no estudo "The *Suite du Merlin* and the Post-Vulgate Roman du Graal", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Loomis Roger, Oxford que "The *Suite du Merlin*, which repeatedly claims Robert de Bor(r)on as its author, has given rise to a prolific literarure about its relation to the other versions and has led to much speculation about a 'pseudo-Robert de Bor(r)on' cicle", p. 326, remetendo também para o trabalho de Wechessler (1895), *Über die verschiedenen Redaktionen des Robert von Borron zugeschriebenen Graal-Lancelot-Cyklus*, Halle. Contudo, a autora adopta a designação Post-Vulgata.

[116] Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *op. cit.*, p. 18.

- a *Estoire del Saint Graal* com pequenas interpolações que a integram no novo ciclo
- o *Roman de Merlin* e a sua *Suite* atribuída a Robert de Boron
- uma versão do *Lancelot en prose*
- a *Folie Lancelot*
- uma versão do *Tristan en prose* anterior a todas as conhecidas
- uma versão da *Queste* cujo representante mais completo é a *Demanda* portuguesa.

A tese de Ana Sofia Laranjinha[117] que retoma a configuração cíclida defendida por José Carlos Miranda, aduz novos dados em relação ao papel do conjunto dos episódios publicados por Fanni Bogdanow sob o título de *Folie Lancelot*, referido atrás. Ao contrário do que defende a estudiosa de Manchester, a investigadora portuguesa, com base numa exaustiva comparação de textos, entende a *Folie Lancelot* como um grupo de episódios oriundos do *Tristan en prose*, mais especificamente da fase designada 4-A da redacção deste longo romance. A identificação de diversas temáticas e estratégias de escrita permite a esta autora concluir que a redacção do *Tristan en prose* terá sido efectuada em várias fases, que não se podem confundir com as versões manuscritas identificadas por Emmanuèle Baumgartner[118], todas tardias. Depois de identificar a primeira fase de redacção, que se concentra em torno da história dos amantes da Cornualha, e a segunda, onde as aventuras cavaleirescas e as personagens se multiplicam, levando o *Tristan en prose* a transformar-se num verdadeiro romance dos cavaleiros da Távola Redonda, a investigadora portuguesa distingue a terceira fase de redacção do *Tristan en prose*, onde está presente o tema do ódio entre as linhagens de Lot e Pelinor (proveniente da *Suite du Merlin*), em que Galvão é uma personagem negativa e Lamorat é amante da rainha de Orcanie, mãe de Galvão. As fases seguintes são já desenvolvimentos da terceira fase, visando preparar a *Demanda do Santo Graal*.

As conclusões de José Carlos Miranda e de Ana Sofia Laranjinha são imprescindíveis para a compreensão da configuração do ciclo e do processo da reescrita que nele se revela.

A investigação recente de Isabel Correia[119], indagando sobre o lugar do *Lançarote do Lago*, no âmbito da tradição textual do *Lancelot en prose*, revelou novos dados quanto ao relacionamento que este texto estabelece com outros da composição do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, como a *Suite du Merlin* e o *Tristan en prose*. Com base num confronto textual, a investigadora coimbrã identifica no *Lançarote de Lago*

[117] Laranjinha, Ana Sofia (2010), *op. cit*.
[118] Baumgartner, Emmanuèle (1975), *Le **Tristan en prose**: essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Librairie Droz.
[119] Correia, Isabel Sofia Calvário (2010), *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão da versão do ms. 9611 BNE*, [tese policopiada], Porto, Universidade do Porto.

alusões a personagens e episódios sem correspondente no *Lancelot en prose* (para além dos episódios dos fólios finais do *Lançarote de Lago*[120], que já tinham sido identificados anteriormente), facto que lhe permite concluir que a operação de *conjointure* é da responsabilidade do redactor da versão francesa que deu origem ao *Lançarote de Lago* e tinha o objectivo de aproximar o *Lancelot en prose* do universo romanesco representado pelo ciclo do Pseudo-Robert de Boron. Tese que vem ao encontro das defendidas por José Carlos Miranda e Ana Sofia Laranjinha.

Antes de partir para a reflexão sobre os primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano, viramos mais uma página na nossa apresentação, dando a conhecer os testemunhos que atestam a difusão do ciclo na Península Ibérica.

2. O Romance Arturiano na Tradução Peninsular Ibérica[121]

Os testemunhos materiais conservados em arquivos e bibliotecas europeias revelam três línguas alvo, do espaço peninsular ibérico, em que se realizaram as traduções do romance arturiano a partir do Francês. Referimo-nos a Galego-Português, Castelhano e Catalão. É nas primeiras duas línguas que se transmitem versões do ciclo do Pseudo-Robert de Boron. É provável que o contexto histórico da vinda de Afonso III para o Reino de Portugal, em meados do século XIII, tenha marcado a divulgação deste ciclo no Ocidente peninsular[122]. Os testemunhos conservados atestam também o Catalão e o Castelhano como línguas de chegada em que se transmitiu o ciclo da Vulgata, difundido no território hispânico a partir da Catalunha. Assim, do ciclo do Pseudo-Robert de Boron conservam-se em Português:

- um fragmento da *Estória do Santo Graal*, oriundo de Santo Tirso e conservado no Arquivo Distrital do Porto, objecto de estudo desta dissertação[123];
- uma versão integral da *Estória do Santo Graal*, também designada como *Livro de José de Arimateia*, transmitida num manuscrito do século XVI[124];

[120] *Idem*, pp. 329-330.
[121] Descrição detalhada dos testemunhos que apresentamos pode encontrar-se na base de dados Philobiblon, BETA / Bibliografia Española de Textos Antiguos; BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses; BITECA / Bibliografia de Textos Antics Catalans, Valencians I Balears, http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/index_po.html.
[122] Castro, Ivo (1983), *op. cit*.; Miranda, José Carlos Ribeiro (1996), *op. cit*.
[123] Aida Fernanda Dias apresenta um estudo sobre este manuscrito e uma transcrição do texto em Dias, Aida Fernanda (2003-2006), *op. cit*., pp. 204-212 e há ainda outra transcrição do texto em Apêndice 3 desta dissertação.
[124] Ivo Castro apresenta um estudo e uma edição parcial deste texto em Castro, Ivo (1984), *op. cit*.

- um fragmento do *Livro de Merlin*, conservado na Biblioteca da Catalunha, objecto de estudo do presente trabalho[125];

- um fragmento do *Livro de Tristan*, conservado no Arquivo Histórico Nacional de Madrid, objecto de estudo desta dissertação[126];

- uma versão integral da *Demanda do Santo Graal*, datada do século XV e conservada na Biblioteca Nacional de Viena[127].

Em Castelhano conhecem-se também traduções de vários romances do ciclo do Pseudo-Robert de Boron que mencionamos:

- três fragmentos do *Libro del Santo Grial*, do *Libro de Merlin* e da *Morte de Artur*, datados do século XV e conservados no ms. 1877 da Biblioteca da Universidade de Salamanca[128];

- duas versões impressas do *Baladro del Sabio Merlin con sus profecias*, uma em Burgos (1498)[129] e outra em Sevilha (1535)[130];

- duas versões impressas da *Demanda del Sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaz su hijo*, uma em Toledo (1515) e outra em Sevilha (1535)[131];

- um fragmento do *Tristan*, datado de finais do século XIV e conservado na Biblioteca Vaticana[132];

- um fragmento do *Tristan* composto por cinquenta e nove fólios[133], datado do século XV e conservado na Biblioteca Nacional de Madrid;

- três versões impressas do *Tristan de Leonís*[134].

---

[125] Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. A. (eds. 2001), *op. cit*.

[126] *Ibidem*.

[127] Nunes, Irene Freire (ed. 2005), *Demanda do Santo Graal*, 2.ª ed. revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

[128] Pietsch, K. (1924-1925), *Spanish Grail Fragments: El Libro de Joseph Abarimathia, la Estoria de Merlin, Lançarote*, Chicago, Univ. Press, The Modern Philology Monograpfs of the Univ. of Chicago; Garcia de Lucas, Cesar (1997), *La Materia de Bretaña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca* (tesis doctoral), Alcalá, Universidad de Alcalá.

[129] Bohigas Balaguer, Père (ed. 1957-1962), *El baladro del Sabio Merlín según el texto de la edición de Burgos de 1498*, Barcelona, Selecciones Bibliófilas, Segunda Serie, 3 vols;

[130] Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *El baladro del Sabio Merlín, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6, (réédition de l'édition de Séville, 1535) e há ainda uma edição em Bishop, Tracy Van (ed. 2002), *A Parallel Edition of the Baladro del sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Spanish) at the University of Wisconsin-Madison.

[131] Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *El baladro del Sabio Merlín, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6, (réédition de l'édition de Séville, 1535).

[132] Lucía Megías, José Manuel (2005), "Literatura Caballeresca Catalana: de los Testimonios a la Interpretación (un Ensayo de Crítica Ecdótica)", Caplletra (Revista Internacional de Filologia), 39, Tardor, pp. 231-256. Disponível em: http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_(Caplletra).pdf (12.IX.2012)

[133] Descobertos e editados por Carlos Alvar e José Manuel Megías em 1999. Cf. Alvar, C. & Lucía Megías, J. (eds. 1999), "Tristán de Leonís", *Revista de Literatura Medieval*, IX, pp. 9-135.

[134] Conhecem-se as edições de 1501, 1528 e 1534.

Em Catalão existem também dois fragmentos do *Tristan* compostos cada um por quatro fólios[135]: um datado da segunda metade do século XIV, conservado no Arxiu Històric Nacional (Andorra) e um outro, cujo paradeiro permanece desconhecido.

Quanto ao ciclo da Vulgata, mencionamos a sua atestação em Castelhano pela composição da *Demanda*, já aludida, e os testemunhos seguintes em Catalão:

- dois fragmentos do *Lancelot*, datados do século XIV[136];
- uma versão integral da *Queste*, datada do século XIV[137];
- um fragmento da *Morte d'Artur*, incluído num incunábulo conservado na Biblioteca da Catalunha[138].

Neste momento impor-se-ia conhecer a matéria narrativa contemplada nos primeiros testemunhos fragmentários da tradução galego-portuguesa do romance arturiano, de cujo suporte material nos ocupámos nas primeiras duas secções.

3. A matéria narrativa dos Primeiros Testemunhos da Tradução Galego-Portuguesa do Romance Arturiano

3.1 O manuscrito de Santo Tirso (*Estória do Santo Graal*)

A tradução galego-portuguesa da *Estória do Santo Graal*, transmitida por um bifólio pergamináceo oriundo de Santo Tirso, objecto de estudo nas primeiras secções deste trabalho, contém dois segmentos narrativos que têm como protagonista o rei Mordão. O primeiro episódio conta o momento da destruição do ídolo com qual o rei Mordão pecava em segredo e a conversão ao cristianismo do rei e do seu povo. O segundo episódio narra a história da penha do mar, para onde o rei Mordão teria sido levado miraculosamente e onde ainda teria tido outras visões significativas.

O primeiro episódio corresponde à matéria que se pode ler no primeiro fólio de que é constituído o manuscrito fragmentário de Santo Tirso e o segundo à que se encontra no segundo fólio.

[135] Lucía Megías, José Manuel (2005), *op. cit*.
[136] Para mais informações ver Lucía Megías, José Manuel (2005), *op. cit*. e Correia, Isabel Sofia Calvário (2010), *op. cit.*, pp. 11-70.
[137] Para mais detalhe ver Lucía Megías, José Manuel (2005), *op. cit*.
[138] *Ibidem*.

3.1.1 O primeiro episódio: a destruição do ídolo e a cristianização do rei Mordão e do seu povo

O suporte material conservado permite a leitura integral do texto infelizmente apenas de um lado, ou seja, do lado que constituiu o interior da encadernação. Por conseguinte, a leitura da parte menos legível deste fólio do manuscrito de Santo Tirso só foi possível graças ao auxílio do manuscrito quinhentista 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, que transmite o mesmo texto numa versão integral.

Assim sendo, o primeiro episódio inicia-se com o relato de como o rei Mordão, seguindo o conselho de Josefes, destrói, pelo fogo, o seu objecto idólatra, cuja descrição integral se conserva apenas no material quinhentista: "aquela ymagẽ que el Rey aly tynha naquela camara era de paao e a mays fermosa que numca fora per homẽ vysta feyta ẽ forma de homem e jazia el Rey com ela carnallmẽte e vestia muy ricamẽte"[139]. É descrito com muito detalhe o local secreto que Mordão construíra para guardar este objecto, "hũa camara p*or* tam grã soteleza q*ue* bem coydo que hũa coussa terreal lhe podese achar porta"[140].

Após o rei Mordão ter queimado o objecto idólatra diante todos, dá-se o momento da conversão do rei e do seu povo à fé cristã. No dia seguinte, Josefes parte das terras do rei, deixando saudades. Após a partida de Josefes, o rei Mordão experimenta uma grande tristeza e, permanecendo no seu leito, preocupa a rainha com o seu silêncio. É narrado o sonho que originara o estado de espírito do rei Mordão, em que lhe surge um conjunto de elementos oníricos, nomeadamente, um cordeiro que lhe trazia comida e um lobo que lha retirava. Mordão combate e vence o lobo. Um outro elemento do sonho relaciona-se com a sua coroa. Aparece-lhe, ainda, o sobrinho da rainha, filho de Nascião, Celidones — nome que identificamos pela leitura do texto integral do manuscrito lisboeta —, de cujo ventre saía um lago de que derivavam ainda nove rios. Num outro momento da visão uma águia leva-o, pelos ares, até uma montanha estranha. No verso do primeiro fólio é ainda possível ler como a rainha insiste que Nascião, seu irmão, vá perguntar ao rei a razão da inquietude em que está.

[139] Cf. ed. Carter, Henry Hare (ed. 1967), *op. cit.*, p. 163/l.22.
[140] Ver transcrição nossa em Apêndice 3.

3.1.2 O segundo episódio: as experiências oníricas do rei Mordão

A segunda parte do bifólio está muito danificada. O texto refere a penha do mar para onde, de acordo com o testemunho quinhentista, o rei Mordão teria sido levado miraculosamente. Narra o encontro do rei Mordão com um homem de uma beleza extraordinária, que surge numa pequena barca de prata, com uma vela branca assinalada com uma cruz vermelha "moy ffremosa". O texto prossegue com fragmentos, muito danificados, do diálogo entre o rei Mordão e o homem belo da nave. Seguidamente, e numa porção de pergaminho mais bem preservado, o diálogo continua, versando questões teológicas. Após esta conversa o homem da nave desaparece, deixando o rei confuso e com dúvidas sobre a realidade do evento, mas seguro de ter presenciado uma intervenção divina. Finalmente, Mordão tem outro encontro com uma mulher que lhe surge, igualmente, numa barca e que o convida para a sua casa**,** propondo-lhe companhia e… O testemunho galego-português da *Estória do Santo Graal* não conserva mais texto a partir desta passagem.

3.2 O manuscrito da Catalunha (*Livro de Merlin*)

Apesar de ser constituído por um meio fólio e um bifólio, como se referiu, também, na descrição codicológica, o manuscrito da Catalunha não inclui mais matéria narrativa do que o manuscrito anterior, composto apenas por um bifólio. Estes aspectos podem relacionar-se com o tipo de escrita em que o texto se encontra redigido, objecto de estudo da segunda parte deste trabalho[141]. Assim, o testemunho da Catalunha, transmitindo a tradução galego-portuguesa do *Livro de Merlin*, inclui dois segmentos narrativos, a saber, a história de amor do príncipe Anasten que Merlin contara à Donzela do Lago — sabemos isso pelo correspondente francês consultado[142] —, e uma parte do episódio das donzelas da *Roche aux Pucelles* e dos cavaleiros andantes, Galvan e Maroth.

O primeiro episódio pode ler-se no meio fólio do manuscrito fragmentário da Catalunha e o segundo, no bifólio.

[141] Ver a segunda parte deste trabalho.
[142] Cf. Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit*.

3.2.1 O primeiro episódio: a história de amor do príncipe Anasten

A primeira narrativa desenvolve a história de amor do príncipe Anasten, que o opõe ao seu pai, o rei Assen. Por seu pai ter prometido separá-los pela morte da donzela, o príncipe decide esconder a sua amada, filha de um pobre cavaleiro, e manda fazer uma câmara numa "pena nadyua"[143] onde, diz a história, viveram felizes e morreram juntos e, ainda hoje, os corpos permanecerão porque "son Balsamados"[144]. Esta é a história que Merlin conta à Donzela de Lago. Existe ainda o início do diálogo entre a Donzela do Lago e Merlin que lhe promete mostrar-lhe a câmara, mas o testemunho galego-português não contém mais material nesta parte...

3.2.2 O segundo episódio: as donzelas da *Roche aux Pucelles*

A segunda passagem narrativa relata a história das donzelas da *Roche aux Pucelles*. Reconstituindo-a com base no texto francês já referido, podemos deduzir que a história narra como dois cavaleiros iriam matar-se por terem sido encantados se uma donzela — pelo texto francês acima mencionado, sabemos que era "cousine germaine" da Donzela do Lago[145] —, conhecedora desta arte, não os tivesse encontrado e salvo. No início do bifólio lemos que a donzela reconhece, pelas suas armas, Galvan e Maroth como os cavaleiros que combatem e entende que a razão para tal "desamor" era um encantamento. Depois do encontro com uma dona velha e a recusa do pedido do serviço de amor que ela lhes fizera, entre eles desaparecera a paz. Na verdade, esta dona não era velha, mas "muy fremosa"[146] e a autora do encantamento entre os cavaleiros. Depois de terem pernoitado numa abadia, a donzela despede-se dos cavaleiros. Dias mais tarde — sabêmo-lo pelo texto francês[147] —, os cavaleiros também partem em demanda de aventuras até chegarem a uma penha alta habitada por doze donzelas cuja ocupação era falar das coisas futuras.

3.3 O manuscrito de Madrid (*Livro de Tristan*)

A tradução galego-portuguesa do *Livro de Tristan* preservada no manuscrito de Madrid inclui três episódios. A primeira passagem conta a alegria da rainha Iseu devido

[143] *Idem*, p. 152/l.21.
[144] *Idem*, p. 152/l.28.
[145] Cf. Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit.*, §493/5.
[146] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, António José (eds. 2001), *op. cit.*, p. 154/l.56.
[147] Cf. Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit.*, §495/l.8-12.

às novas de Glingain sobre Tristan, a segunda e a terceira narram as aventuras de Lancelot à procura do Cavaleiro da Saia Mal Tallada.

O primeiro episódio corresponde à matéria contida no f.1r/l.1-16, o segundo episódio comparece no f.1r/l.16-1v e o terceiro no f.2r-v.

3.3.1 O primeiro episódio: a alegria da rainha Iseu devido às novas de Glingain sobre Tristan

A primeira passagem relata a alegria de Iseu depois de ter recebido as notícias sobre Tristan e o pedido da rainha para Glingain guardar segredo, pois não queria que os de Cornualha soubessem que o cavaleiro estava vivo.

3.3.2 O segundo episódio: o encontro entre Lancelot e dois cavaleiros e o confronto destes com Neroneus

Neste episódio, vemos Lancelot partir à procura do Cavaleiro da Saia Mal Tallada depois de se ter despedido da donzela que lhe trouxera as cartas de Tristan. Sobre o cavaleiro procurado sabemos, a partir das edições francesas, que se tinha responsabilizado, na corte, pela aventura do escudo trazido por uma donzela. Nas aventuras que se seguem, Lancelot permanece uma noite numa casa onde tinham pernoitado, também, o Cavaleiro da Saia Mal Tallada e a donzela "maldisente". O anfitrião pede a Lancelot que, no seu caminho, não combata com o seu filho que se responsabilizara pela guarda de uma ponte. Em seguida, conta-se que, no seu caminho, Lancelot encontra Brandeliz e Queia d'Estrauz, que não o reconhecem. Quando chegam à ponte guardada por Neroneus, o filho do anfitrião, Lancelot, segundo a promessa que fizera ao pai, deixa os dois cavaleiros passarem a ponte. Brandeliz e Queia serão derrubados pelo cavaleiro da ponte... O testemunho galego-português não contém mais material nesta parte.

3.3.3 O terceiro episódio: o combate de Lancelot no Castelo Uter

O testemunho contém, no segundo fólio, o relato da aventura de Lancelot que, depois de se ter despedido de Brandeliz e Queia, chega ao Castelo Uter — sabemos o

nome do castelo pela leitura da passagem anterior do texto francês[148] —, onde combate seis cavaleiros responsáveis pela guarda do castelo. Depois de os vencer, Lancelot combatera também o senhor da fortaleza e o bifólio termina com a consternação dos do castelo, vendo os seus cavaleiros derrubados por um só.

Partimos então para a reflexão sobre os primeiros testemunhos da tradução galego-portuguesa do romance arturiano e os correspondentes franceses, procurando configurar a fonte francesa e compreender o seu lugar no *stemma codicum* da tradição textual das respectivas obras. Esta parte divide-se em três capítulos complementares. Os aspectos de colação referidos serão examinados, no primeiro capítulo, graças à comparação entre dois testemunhos peninsulares da *Estória do Santo Graal* e dois correspondentes franceses; no segundo, entre o testemunho único galego-português do *Livro de Merlin* e três correspondentes franceses e, no terceiro, entre o testemunho único galego-português do *Livro de Tristan* e cinco correspondentes franceses.

[148] Cf. Ménard, Philippe (ed. 1987), *Le Roman de Tristan en prose*: *Des aventures de Lancelot à la fin de la Folie de Tristan*, vol. I, Genève, Droz, §25/l.18-19.

A. *Estória do Santo Graal*

A primeira parte do ciclo arturiano em prosa, a *Estoire del Saint Graal*, conserva-se em quarenta e quatro manuscritos e duas edições impressas (Paris, 1516 e 1523)[149]. Outros quinze testemunhos transmitem de uma forma muito fragmentária o texto do primeiro romance do ciclo em prosa[150]. Segundo Fanni Bogdanow[151], a *Estoire del Saint Graal* conhece duas redacções, uma longa e uma breve, tese igualmente sustentada posteriormente pelos estudiosos Harvey L. Sharrer e Ivo Castro[152]. Por outro lado, Jean-Paul Ponceau[153] divide a tradição manuscrita francesa, com base no material conservado em vários arquivos e bibliotecas, em versões curtas, longas e mistas. Não é nosso propósito indagar os critérios delimitadores na organização do *stemma codicum* dos testemunhos franceses, mas destacar, deste vasto material, os de maior utilidade para os nossos objectivos. Com base nestas divisões, verificámos que as versões consideradas curta e mista são as mais relevantes para os nossos objectivos. Além disso, manuscritos destas duas versões constituem também a base das edições mais importantes até agora realizadas desta obra, pelo que a nossa tarefa se encontra de certo modo facilitada. Referimo-nos à edição da *Estoire del Saint Graal* sob a responsabilidade de H. Oskar Sommer[154], tendo por base o manuscrito 10292-10294, Londres, British Museum, datado do início do século XIV[155], que transmite a redacção curta desta obra[156]; e à edição de Jean-Paul Ponceau[157], que tem como base dois manuscritos que transmitem uma redacção mista: o manuscrito de Amsterdão, Biblioteca Philosophica Hermetica (sem cota), datado do início do século XIV[158] e o de Rennes, Bibliothèque Municipale, 255, que poderá remontar à década de 1220[159]. No que concerne aos testemunhos do domínio hispânico, tendo em conta que a matéria

[149] Para uma descrição detalhada da tradição manuscrita francesa da *Estoire del Saint Graal* ver Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *L'Estoire del Saint Graal*, vol. I, Paris, Ed. Honoré Champion, pp. xxv-xxvii.
[150] Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *op. cit.*, p. xxv, nota 3.
[151] Bogdanow, Fanni (1960), "The relationship of the Portuguese *Josep Abarimatia* to the extant French MSS. of the *Estoire del Saint Graal*", *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76, pp. 343-375.
[152] Sharrer, Harvey L. (1977), *A critical bibliography of Hispanic Arthurian material. I. Texts: the prose romance cycles*, London, Grant & Cutler; Castro, Ivo (1984), *op. cit.*
[153] Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *op. cit.*, pp. xxv-xlviii.
[154] Passamos a designar esta edição pela sigla So.
[155] Sommer, Oskar H. (ed. 1908-1916), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. I, *L'estoire del Saint Graal*, Washington, The Carnegie Institution of Washington.
[156] O editor inclui, no aparato crítico, lições de outros três manuscritos de Londres, B.L.: Royal 19 C XII, Royal 14 E III et Add. 32125.
[157] Passamos a designar esta edição pela sigla Po.
[158] Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *op. cit.*, p. xlix.
[159] *Idem*, p. lxi.

conservada no manuscrito de Salamanca[160] não contempla a correspondente do testemunho de Santo Tirso, ponto de partida desta secção, utilizaremos, na nossa análise comparativa, o texto oferecido pelo manuscrito de Lisboa que transmite integralmente a *Estoire del Saint Graal*, em tradução portuguesa, na edição paleográfica de Henry Hare Carter[161].

Esta obra abrange, além do espaço francês que a originou, outros três domínios linguísticos, dos quais dois hispânicos — o galego-português e o castelhano —, e o terceiro, o inglês[162]. Até há pouco tempo, os estudos dedicados à tradição manuscrita francesa relacionada com a de expressão linguística do domínio hispânico baseavam-se em apenas dois testemunhos peninsulares[163]. Trata-se do manuscrito 643 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo em que se pode ler uma cópia do século XVI do texto integral da *Estoire del Saint Graal* em tradução portuguesa[164] e de um segundo manuscrito, datado do século XV[165], que contém parcialmente, em tradução castelhana, a *Estoire del Saint Graal* e que se conserva na Biblioteca Universitária de Salamanca, sob a cota 1877[166]. A existência de um novo testemunho, objecto de estudo codicológico e paleográfico nas primeiras secções deste trabalho, da *Estoire del Saint Graal*, em tradução galego-portuguesa, motiva esta parte da nossa dissertação de molde a enquadrá-lo no *stemma codicum*.

Com a recente descoberta de um manuscrito do Arquivo Distrital do Porto, oriundo de um cartório de Santo Tirso, vem a lume no solo peninsular um novo

---

[160] Sobre a relação de parentesco entre as versões castelhana transmitida pelo testemunho de Salamanca, portuguesa contida no testemnho quinhentista da Torre do Tombo e a tradição francesa, ver Castro, Ivo (1984), *op. cit.*.

[161] Carter, Henry Hare (ed. 1967), *op. cit.*.

[162] *Ibidem*.

[163] Castro, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643* [tese policopiada], Lisboa, Universidade de Lisboa.

[164] Este manuscrito conhece uma única edição paleográfica integral sob a responsabilidade de Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press. Para uma descrição detalhada do manuscrito e uma edição parcial do texto ver Castro, Ivo (1984), *op. cit.*.

[165] A matéria arturiana deste manuscrito conhece uma primeira edição sob a responsabilidade de Pietsch, K. (1924-1925), *Spanish Grail Fragments: El Libro de Joseph Abarimathia, la Estoria de Merlin, Lançarote*, Chicago, Univ. Press, The Modern Philology Monographs of the Univ. of Chicago; uma segunda edição e descrição do manuscrito salmantino encontra-se incluída na tese de doutoramento de García de Lucas, César (1997), *La Materia de Bretaña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca* (tesis doctoral), vol. I, Alcalá, Universidad de Alcalá, pp. 139-235.

[166] Constituído fundamentalmente por textos hagiográficos, o manuscrito salmantino recolhe, segundo a descrição de César García de Lucas, "tres fragmentos de traducciones tempranas al castellano del ciclo artúrico en prosa: una parte del *Libro del Santo Grial*, otra del *Livro de Merlin* y unos pocos folios de un *Lançarote*. Pero además, este volumen nos transmite otras obras de importancia como *Barlaam e Josafat*, el *Libro de fray Juan de Rocacisa*, las *Vidas de los Santos Padres* o *los Fueros de Palencia y Sevilla*." Cf. García de Lucas, César (1997), *op. cit.*, vol. I, p. v.

testemunho da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, testemunho que muda o panorama dos estudos da área.

Assume-se ter a primitiva tradução galego-portuguesa desta obra sido realizada, com o conjunto do ciclo arturiano em prosa, que teria penetrado na Península Ibérica do regresso a Portugal do futuro D. Afonso III, na segunda metade do século XIII:

> *embora nada saibamos quanto à datação dos* ***Lais da Bretanha*** *que encabeçam o* ***Cancioneiro da Biblioteca Nacional*** *— que constituem talvez o melhor eco da recepção desta literatura —, as outras duas composições trovadorescas que traduzem conhecimento dos textos deste ciclo, da autoria de Fernand'Esquio e de Estêvão da Guarda, não devem ser anteriores aos inícios do século XIV, o que leva a pensar que a tradução plena daquele deverá ter-se consumado talvez no último quartel do século anterior*[167].

Como defende Ivo Castro, a hipótese de uma tradução anterior ao século XIV situa o seu original num ponto muito alto da tradição manuscrita:

> *visto que a própria Post-Vulgata foi escrita em França entre os anos 1230-1240, uma tradução feita nas décadas imediatas só poderia ter por base um manuscrito extremamente chegado ao original, o que conferiria a este arquétipo do ramo peninsular uma enorme antiguidade e uma autoridade superior à da maioria dos testemunhos que constituem a tradição manuscrita francesa do ciclo*[168].

No seu todo, o novo testemunho do território peninsular vem assim confirmar estas hipóteses outrora avançadas com base em referências externas e argumentos linguísticos[169] no que à antiguidade da tradução para galego-português da *Estoire del Saint Graal* diz respeito. Ora, este achado levantou novas questões que se prendem nomeadamente com o tipo de relação de parentesco com o testemunho de Lisboa: teria o testemunho tirsense uma fonte diferente da do manuscrito quinhentista? Seria o testemunho de Santo Tirso[170] o antecedente do lisbonense[171], ou antes, do original do manuscrito da Torre do Tombo, referido no *explicit* deste e datado de 1314? Seria o testemunho tirsense o original da tradução primitiva galego-portuguesa? Tentando responder a estas questões, já várias hipóteses se avançaram.

---

[167] Miranda, José Carlos Ribeiro (1996), "Como o Rei Artur e os Cavaleiros da sua Corte Demandaram o Reino de Portugal", *Colóquio-Letras*, 142, p. 94.
[168] Castro, Ivo (1983), "Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata", *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, p. 83.
[169] Cf. Nunes, José Joaquim (1908), "Uma amostra do *Livro de Josep ab Arimatia*", *Revista Lusitana*, XI.
[170] Passamos a designar este testemunho pela sigla ST.
[171] Passamos a designar este testemunho pela sigla TT.

Quanto à primeira questão, Aida Fernanda Dias[172], apesar de mencionar várias situações concordantes entre ST e TT que os isolam dos restantes testemunhos franceses confrontados, avança a possibilidade de o testemunho tirsense ter como fonte um manuscrito diferente do que é transmitido no testemunho lisbonense. Esta hipótese baseia-se, segundo esta estudiosa, em divergências sintácticas entre os dois testemunhos[173] e em passagens privativas de ST[174]. No que concerne à segunda questão, Aires A. Nascimento[175], escrevendo em torno do percurso dos textos e do seu público, defende que o bifólio de Santo Tirso poderia constituir uma parte do manuscrito que o pai do corregedor Manuel Álvarez encontrou em Riba de Âncora e que este copia no século XVI com a esperança de o rei D. Duarte se interessar pelo material. Ora, partindo, em primeiro lugar, do facto de o Corregedor não referir o destino final do manuscrito de Riba de Âncora que deve ter sido dividido pelos responsáveis pela cópia quinhentista e, em segundo lugar, do facto de esse antigo manuscrito provavelmente nunca ter voltado a ser recomposto, o autor presume que uma parte deste manuscrito poderia ter chegado às maos do notário João da Costa de Santo Tirso[176], que o terá depois aproveitado para encadernar um dos seus livros.

A indagação destas questões e nomeadamente da possibilidade de o manuscrito tirsense representar o original da tradução galego-portuguesa, continuou com um estudo nosso realizado em 2009[177]. Tendo como objectivos estabelecer a relação de parentesco entre ST e TT, configurar o original francês de que os testemunhos portugueses descendem e delimitar o lugar desta versão francesa no *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*, foi possível concluir que, em primeiro lugar, ST não é o antecedente de TT; em segundo lugar, ST e TT têm um antepassado comum, ou seja, são dois testemunhos distintos da primitiva tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal*; em terceiro lugar, ST e TT transmitem uma versão breve, nalguns segmentos ainda mais breve do que So e, apesar de conterem noutras porções de texto, elementos vocabulares e sintácticos consistentes também com Po, apresentam-se contudo afastados desta versão.

---

[172] Dias, Aida Fernanda (2003-2006), *op. cit.*, pp. 182-185.
[173] *Idem*, p. 183.
[174] *Idem*, p. 184.
[175] Nascimento, Aires A. (2008), "As voltas do *Livro de José de Arimateia*: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado", *Península. Revista de Estudos Ibéricos,* n.º 5, pp. 129-140.
[176] *Idem*, p. 139.
[177] Ailenii, S. (2009), "O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente". *Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade 2007-2008*, coord. Maria do Rosário Ferreira, José Carlos Miranda e Ana Sofia Laranjinha. Disponível em: http://seminariomedieval.com/ineditos.html (*Guarecer* on-line) e, posteriormente, publicado em *Revista Galega de Filoloxía*, n.º 10, 2009, pp. 11-38.

A corroboração dos resultados apresentados no nosso estudo anterior com os da secção dedicada à descrição paleográfica [178] incentivou o apuramento de novos elementos de forma a fundamentar a configuração da versão do romance francês da qual os testemunhos peninsulares descendem e o lugar desta versão no seio do panorama conhecido do *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*. Para a concretização dos nossos objectivos, procedemos a uma colação dos testemunhos portugueses com os acima referidos testemunhos franceses nas edições de H. Oskar Sommer e Jean-Paul Ponceau. Os testemunhos portugueses foram transcritos a partir do manuscrito, no caso do testemunho oriundo de Santo Tirso, e da edição paleográfica de Henry Hare Carter, no caso do manuscrito do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Há ainda a referir um aspecto importante que diz respeito à correspondência textual da matéria que se lê no testemunho de Santo Tirso e no da Torre do Tombo. Como já dissemos na primeira parte desta dissertação, o texto contido no testemunho tirsense corresponde, de uma forma parcial, aos capítulos 57, 58, 61, 62, 63 do manuscrito da Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Ora, o estudo da materialidade textual do manuscrito de Santo Tirso permitiu-nos localizar exactamente o texto parcial correspondente no testemunho quinhentista, que apresentamos num quadro sinóptico:

	ST	**TT**
	f. 1r	**meio do cap. Lvij**
Incipit	osta m[...] de q*ue* podya. E ffezeralhe hũa camara | p*er* tam g*r*ã soteleza ...	e jazia el Rey com ela carnallmẽte e vestia muy ricamẽte e fez lhe huũa camara por tal sotyleza ...
	f. 1v	**meio do cap. Lviij**
Explicit	Er[…]ã[…] [...] ey [...] | disse ermo[…] aq*ue*le [...] e por De*us* | [….]guntar q*ue* he Ca ey [...] […] […] <...>	irmão eu ey grão medo daquele cuydar del rrey hyrmão por Deos vos rogo que vos lhe vades pergumtar que he ...
	f. 2r	**meio do cap. Lxj**
Incipit	tẽ […]g[…] [...] [...] […] | […] […] [...] […] | onde nõ pode ho[…] [...] […] | […]aue nõ ousa de pass[…] […] | pa*r*te podyã [...] […] […] | yto de Ssiujlha Aq*u*el […] […] | uos uydes E[...] […] […]ys esq[…] | [...] E ẽn toda aq*ue*la [...] […] […] […] | [...] […] hũa [...] […] […] | […] nadyua [...] esto [...]a […] ẽn lo[…] | p*er*igosso. E ẽn […] […] [...]lhe […] pena do p [...] | **interrompido: f.2r/col.I/l.11**	tẽ aly estava aquela pena que era tam alta que hera maravylha e de huũa parte do mar docydemte domde nom pode homem achar terrã que nhuũa nao nom ousa de passar la e da outra parte podia bem ver ho mais do mar do estreyto de Sevylha aquella pena era tã alta como vos ouuydes e era o mays esquyuo lugar de todo ho mar ẽ toda ela nom podia homẽ achar erua qua era toda pedra vyua e por esto estava ẽ lugar perigoso ally ẽ aquella pena ...
	f.2r/col.I/l.12	**cap. Lxij**
	Diz o cõto q*ue* el rrey mordaỹ	**DE COMO ELREI mordaym estamdo**

[178] Ver a segunda parte desta dissertação.

	cato[…] [...] | dessy […]sse nõ [...] nẽh[…] | [...] do mũdo onde ...	**na pena | vio huã nao domde sayo hũ | homem bom e dos [Comçelhos] que lhe deu**[179]| Diz o comto que el-rrey Mordaym oulhou derredor desy e nom vio de nenhuã parte do mundo omde …
	f. 2v	**meio do cap. Lxij**
Explicit	Ca eu q*ue*rya auer t*ẽ*po e logar | de ffalar cõtjgo e de sser em tua cãpanha | E sse tu nõ q*u*iseres rreçear mjnha cõpa<...>	qua eu querya aver tempo e lugar de falar comtygo e de ser em tua companhya e se ha tuu nom quyseres reçear …

Como se pode observar no quadro, o segundo fólio do manuscrito tirsense tem início com o relato correspondente no testemunho da Torre do Tombo no meio do capítulo sessenta e um que é interrompido e continua, num novo parágrafo, com o relato que o manuscrito quinhentista regista a partir do capítulo sessenta e dois. Ora, estamos no relato das visões do rei Mordão. Numa delas, o rei é miraculosamente levado a uma pena no meio do mar. A respectiva interrupção contempla a história de um grupo de bandidos liderado por Focaraes — que lemos através da versão quinhentista[180] —, famoso pela estratégia de pilhar os barcos do mar atraindo-os no meio da noite através de um grande fogo que fazia em cima da pena. Este bando de ladrões será vencido pelo rei Pompeio que libertará assim a pena da má fama.

As características da materialidade textual e física que observámos nas primeiras duas secções deste trabalho, nomeadamente as dimensões dos fólios, as dimensões da caixa da escrita correspondendo à materialidade textual, ou seja, por exemplo, o perfil grosso da escrita híbrida com um espaço constante entre as palavras e um número elevado de linhas na caixa da escrita, entre 32~34; o espaço entrelinhado ou o espaço largo entre os parágrafos marcados através das capitais, parecem inviabilizar a hipótese de o corte da sequência narrativa se dever a factores de ordem económica, como por exemplo, a poupança de pergaminho. Como observámos atrás, o tema central desta porção de texto reside nas visões do rei Mordão. Ora, a história dos bandidos liderados por Foracaes, apesar de se relacionar com a história da penha onde o rei é levado, parece gerar uma descontinuidade diegética, dado que o capítulo sessenta e dois retoma o espanto do rei quando se vê em cima da respectiva pena, bem como outras experiências que aí terá. Assim, é possível formular duas hipóteses em torno do corte do relato dos ladrões da penha. Ainda que não se deva descartar a possibilidade de esta intervenção poder pertencer ao próprio redactor do manuscrito oriundo de Santo Tirso, a supressão do relato intercalado no das experiências oníricas do rei Mordão pode ter sido obra do

[179] Sublinhado nosso.
[180] Carter, Henry Hare (ed. 1967), *op. cit.*, pp. 170-174.

redactor do exemplar da *Estória do Santo Graal* que o manuscrito de Santo Tirso copia, limitando-se este a reproduzir o respectivo *hiatus*. De qualquer forma, a falta do episódio intercalado vem reforçar a conclusão de que o testemunho conservado no Arquivo Distrital do Porto não pode ter dado origem ao da Torre do Tombo, ou seja, viabiliza-se a ideia da circulação de mais do que um exemplar desta obra no âmbito galego-português.

Por outro lado, confrontando o texto que se lê em ST com o que é transmitido por TT, confirmámos que, "no fundamental, seguem uma mesma narrativa sem variantes substanciais, o que, à partida, pode apontar no sentido de que descendem de uma única tradução"[181]. Dada esta ascendência comum, considerámos pertinente incluir na nossa análise comparativa os casos que, apesar de serem legíveis apenas em TT, são de relevância para os nossos objectivos. Assim, do confronto dos testemunhos peninsulares com os correspondentes franceses, resultam duas grandes categorias de casos. Referimo-nos, em primeiro lugar, à categoria de casos que contempla a ausência de sintagmas nominais, adjectivais, verbais, adverbiais e de frases e, em segundo lugar, à categoria de casos que indica a afinidade léxico-semântica entre várias unidades sintagmáticas. Ora, estas duas categorias de casos dão lugar a uma variedade de combinações. Ou seja, num primeiro momento, destacar-se-ão os casos de ausência e de afinidade que afastam os testemunhos peninsulares da redacção francesa breve transmitida por So, num segundo momento, evidenciar-se-ão as situações que afastam os testemunhos portugueses da redacção mista lida em Po e, num terceiro momento, assinalar-se-ão os segmentos singulares do lado de ST/TT.

Um outro aspecto importante que deve ser mencionado diz respeito à forma de selecção dos casos nesta secção e na secção seguinte que trata o problema do processo de tradução. Dispondo de mais do que um testemunho francês em confronto com cada testemunho peninsular, com a excepção da segunda narrativa do *Livro de Merlin*[182] em que o único elemento de comparação possível é o ms. BNF, fr. 112, seleccionámos para a análise de colação os casos em que o testemunho galego-português se agrupa com um ou mais do que um dos testemunhos franceses na respectiva situação e para a análise de tradução, os casos em que o testemunho peninsular se mostra divergente de todos os franceses estudados. Esta repartição resulta de uma opção metodológica na tentativa de compreender os fenómenos de ausência e de afinidade léxico-semântica. No que toca ao primeiro, por exemplo, caso se detecte como característica específica apenas do

[181] Ailenii, S. (2009), *op. cit.*, p. 15.
[182] *Infra*, p. 141.

testemunho peninsular, pode explicar-se ou pela redução do texto galego-português produzida no acto de tradução, ou seja, como um procedimento de supressão da expressão redundante ou como resultado de uma amplificação do francês. Esta categoria de casos é assim objecto de estudo na secção dedicada aos aspectos de tradução. Caso se ateste ausência de elementos tanto no testemunho peninsular bem como num ou em mais do que um testemunho francês pode supor-se que se trataria de uma característica que este(s) apresenta(m) em comum com a fonte francesa do testemunho peninsular. Esta categoria de casos entra assim na secção dedicada aos problemas de colação. Relativamente ao fenómeno de afinidade lexical, a repartição segue o mesmo princípio acima exposto com a explicação seguinte: a afinidade lexical pode ser, por um lado, privilegiada pelas semelhanças estruturais das línguas em contacto e, por outro, influenciada pela utilização dos derivados do mesmo étimo (pg. "vergonça", fr. "vergogne" < lat. *vĕrēcŭndia*, *ae*) num ou em mais do que um testemunho francês, facto significativo na configuração da fonte do testemunho peninsular. Estas são questões que o presente estudo se propõe equacionar.

É sabido que a transmissão manuscrita de uma obra supõe um conjunto de transformações do texto. *Supra* classificámos um conjunto de transformações em fenómenos de ausência e de afinidade lexical que condicionam o afastamento ou a proximidade entre os testemunhos aqui colacionados.

Ao contrário do que se formulou até agora em torno de práticas ecdóticas, Inés Fernández-Ordóñez[183] propõe uma nova abordagem dos fenómenos encarados como variantes textuais. A autora considera mais adequada a interpretação da variante linguística como variação "discursiva" enquanto uma das manifestações da transformação do texto no processo de cópia. Apesar de ser também gerada através de mecanismos linguísticos (morfológicos e sintácticos), a variante "discursiva" surge, segundo afirma a autora, "de los matices interpretativos que introduce el copista-hablante al enlazar unas oraciones con otras como parte del discurso que he creado el texto objeto de traslado"[184]. Tendo isto em mente, tentaremos compreender se os mecanismos linguísticos dos testemunhos peninsulares se relacionam com um ou mais do que um dos testemunhos franceses colacionados de forma que se possa configurar o antecedente que originou o texto lido nos testemunhos galego-portugueses.

[183] Fernández-Ordóñez, Inés (2006), "Transmisión manuscrita y transformación "discursiva" de los textos", J. J. de Bustos Tovar y J. L. Girón Alconchel, *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, Madrid, Arco/Libros, III, pp. 3033-3045.
[184] *Idem*, p. 3036.

Vamos ocupar-nos, de seguida, dos casos que ilustram o afastamento entre os testemunhos portugueses e So, de acordo com Po, através de fenómenos de ausência de sintagmas nominais, adjectivais, verbais, adverbiais, frásicos e de afinidade lexical entre as unidades sintagmáticas retidas em ST/TT e Po. Procederemos à colação sistemática dos casos referidos.

1. Afastamento entre ST/TT[185] e So

1.1 Ausência de segmentos em So

Destacam-se várias situações de ausência do lado de So, testemunho que transmite a versão curta da *Estoire del Saint Graal*, em relação a ST/TT e Po.

1.1.1 Ausência de segmentos nominais, adjectivais e adverbiais em So

Chama-se a atenção para dois casos semelhantes de ausência nominal do lado de So. Os segmentos seleccionados fazem parte do episódio em que o rei Mordaim tem visões e trata-se de curtos momentos em que o rei é levado por uma ave "além mar" a um lugar estranho; chega miraculosamente a uma penha muito alta onde é abordado por um homem que vinha numa barca branca; o "omẽ boo da naue" ensina ao rei a importância do sinal da cruz e da fé em Deus; o rei vê no início oito rios em que um homem, vindo do céu, lava os pés e as mãos e um nono rio onde o rei lava o corpo todo.

(i)

ST(f.1v/col.I/l.34-35)	**TT** (p.165/l.12)	**Po** (§288/l.4)	**So** (p.84/l.29-30)
[…]nha aue […] | e poynha y.	e **a ave** ho punha aly e vynha	Illuec le metoit **l'aigle** jus; et quant il estoit a terre, si venoient	et illuec le metoit ius et si tost com il lot mis ius si uenoient

(ii)[186]

[185] Será utilizado o texto da nosa transcrição paleográfica, ver Apêndice 3 desta dissertação.
[186] Outros casos de ausência ou equivalência presentes neste segmento encontram-se assinalados nas devidas secções.

ST (f.2r/col.I/l.20-23)	**TT** (p.174/l.36-39)	**Po** (§319/l.9-13)	**So** (p.93/l.14-16)
q*ue* nõ acha|ua rrem cõ q*ue* lhe p[…]ugesse e comẽçou a pen|ssar E pẽssou **ẽ sseu coraçõ** […] auja todo | p*er*dydo sse a De*us* es[...]esse	e quamdo vio que nom achava com que lhe aprouve se asemtouse e começou a cudar e cuydou **em seu coraçam** que hagora avia todo perdido se esqueçese a Deos	Et quant il vit ke il ne troveroit nul confort, si s'asist et commencha mout durement a souspirer du cuer et a plourer des iex de la teste et commencha a penser **en son cuer** ke ore avoit il tout pierdu, se Nostre Sires l'avoit mis en oublianche et en nonchaloir en cheste doleur et en cheste angoisse ke il soustenoit	Et quant il uit quil ni auoit nul confort si commencha a plorer et a penser mout durement et dist certes ore ai iou trop perdu se Nostre Sires ne me secuert

Tendo em conta que os dois manuscritos peninsulares testemunham uma única tradução é possível, como se referiu acima, conjecturar as lições nas porções danificadas do suporte material do testemunho tirsense a partir do texto integral do manuscrito quinhentista. Assim, note-se, no primeiro exemplo, através das lições de TT e Po, a ausência do correspondente do sintagma "a ave" / "l'aigle" do lado de So. O segundo exemplo, também legível, desta vez, em ST, evidencia uma outra lição ausente em So que consiste no grupo nominal "ẽ sseu coraçõ" registado, igualmente, em TT ("em seu coraçam") e em Po ("en son cuer"). O contexto mostra que "a ave" é referida numa frase anterior registada por todos os testemunhos ("e que hũa aue"(ST) / "e que huã ave"(TT) / "que vns oisiaus"(So) / "ke uns grans oisiaus"(Po)), por isso, So não se revela necessariamente elíptico neste passo, mas não reitera o respectivo elemento na segunda ocorrência comum a ST/TT e Po. Em todo o caso, trata-se de situações que indicam que a fonte de ST/TT apresenta elementos que se encontram também em Po.

O exemplo (iii) evidencia ausências de formas adjectival e adverbial em So.

(iii)

ST (f.1v/col.II/l.11-16)	**TT** (p.165/l.21-24)	**Po** (§288/l.19-23)	**So** (p.85/l.1-4)
[…] | esto uijnha hũu ho[…] [...] […]|tymuynha [...] […] […] […] | lago e lauou y sseus p[…]s e ss[...] | nos oy[...] […] […] E […] […] | ele e lauou y **todo sse**[…] [...]	Depoys vynha huũ homẽ descomtra ho ceo que trazia ho testemunho do verdadeiro crucyfixo e veyo ao lago e levou hy seus pes e suas mãos e o**[u]trosy** nos oyto rios e no novento meteose todo e lavou **todo seu corpo**	Aprés si gardoit, si veoit un home venir de vers le chiel qui portoit le tesmoing del vrai Cruchefi et, quant il estoit venu au lac, si lavoit dedens ses piés et ses mains, et en chascun des .VIII. fluns **autresi**. Et quant il estoit venus au neufvime, si entroit tous dedens et si lavoit ses piés et ses mains et **tout son cors**	Apres si esgardoit et uit . j . homme uenir de deuers le ciel qui portoit le tesmoig del urai crucefis et quant il en uint as lacs si laua en cascun des . viij . lacs ses pies et ses mains et quant il vint al neufisme si entroit dedens et lauoit illuec **son cors**

No segmento acima destacado, trata-se do determinante indefinido "todo" do grupo nominal "todo" sse[...]" / "todo seu corpo" que se regista nos dois testemunhos portugueses de acordo com Po ("tout son cors"), enquanto So não regista a respectiva lição ("son cors"). A ausência do lado de So da forma adverbial "[u]trosy" do exemplo (iii) vem apontar para a hipótese de ST/TT se terem baseado numa fonte francesa com vocábulos também contidos no antecedente de Po ("autresi" / "[u]trosy").

(iv)

ST (f.2v/col.I/l.10-11)	**TT** (p.175/l.34-35)	**Po** (§322/l.4-8)	**So** (p.94/l.13-14)
Ca q*u*ando De*us* ama o homẽ de **todo | coraçõ** entõ he dereyta rrazõ	e quamdo Deos amaa o homem que se a ele chẽga **de todo coraçam** emtam he direyto e rezão	car, puis ke il a mis et le cors et **le cuer de tout en tout** en la creanche Damedieu, dont est il bien drois ke il s'atende a lui de toutes les choses dont il est besoingneus, car teus est la coustume Damedieu ke il aime plus home et en grignour cierté le tient ke ne fait li hom meïsmes. Dont est il bien raisons	Car Diex aime miex lomme qui a li se tient que li homs mismes ne saime. dont est il bien drois

Destaque-se, em último lugar, um outro caso de ausência nominal do lado de So. Assim, a lição "de todo coraçõ" de ST, com a variante "de todo coraçam" em TT, ilustra a descendência de um arquétipo francês com lição parecida com a de Po, no registo da expressão "le cuer de tout en tout". Uma vez mais, em So, esta lição não encontra paralelo directo e pode ilustrar de novo que a fonte francesa dos testemunhos peninsulares apresenta elementos consistentes de Po.

Os elementos seleccionados nos exemplos (ii)-(iv) conferem ao texto um enriquecimento estilístico, enquanto o sublinhado em (i) indica uma expressão mais elíptica em So, devida à sua fonte ou ao processo de cópia.

1.1.2 Ausência de segmentos verbais em So

Um outro conjunto de casos de ausência em So abrange o grupo verbal e põe, assim, em evidência a afinidade entre a fonte de ST/TT e a versão contida em Po.

(i)[187]

[187] Outros casos relacionados com leituras inovadores em ST/TT são assinalados na devida secção.

ST (f.1v/col.I/l.24-29)	**TT** (p.165/l.5-8)	**Po** (§287/l.18-21)	**So** (p.84/l.24-26)
assy pẽ|ssou **q*ue* era mal [...] lho sofrya. E disse** […] | sse conbaterya cõ [...] dya. E [...] | [...] […] grã [...] Assy f[…]gyu ho | lobo q*ue* [...] despoys tolheu sseu mã|gar	asy cuydou **que era mao por que ho sofria e dyse que** se combat[ery]a cõ ele e tamto fez que se combateu com elle hũu dia e vẽceo grão trabalho asy fogio ho lobo que depoys nõ lhe tyrou cousa de seu mamjar	en tel maniere, si se pensa **ke il ne li soufferoit plus**, anchois se conbateroit a lui. Tant fist ke il se conbati un jour et ke il le venqui a mout grant paine. Ensi s'en fui li leus, c'onques puis point de sa viande ne li toli	ensi si sapensa quil se combateroit a lui tant quil auint a . j . ior quil se conbatit au leu et le uenqui a moult grant paine et lors sen fui li leus ne onqeus puis ne li toli de sa uiande

Na porção de texto acima apresentada relata-se como o rei Mordaim, alimentado por um cordeiro, luta contra o lobo que lhe tirava a comida. Apesar das leituras singulares "mal"(ST) / "mao"(TT) e da sintaxe coordenativa com o predicado "disse", que teremos oportunidade de comentar numa categoria dedicada a estas questões, ST/TT estão de acordo com o que lemos em Po, ou seja ao segmento "que era mal [...] lho sofria" corresponde "ke il ne li soufferoit plus". So encontra-se omisso nesta lição.

(ii)

ST (f.1v/col.I/l.31-33)	**TT** (p.165/l.10-11)	**Po** (§288/l.1-3)	**So** (p.84/l.28-29)
E uja seu sobrynho e o a[...] | E q*ue* hũa aue **q*ue* ssemelhaua agea** o leua|ua aalem [...]	e vyase sobyr no ar e que huã ave que lhe **pareceya aguya** ho levava alem mar	si veoit il un sien neveu, qui estoit fiex Nascien, son serourge, ke uns grans oisiaus **en samblanche d'aigle** prenoit et si l'enportoit, voiant ses iex, outre la mer	si uit . j . sien neueu que **vns oisiaus** enportoit outre la mer

Observando o segmento (ii), damo-nos conta de que a equivalência de um grupo nominal por um grupo verbal em ST/TT pode dever-se ao processo de tradução[188]. Em todo o caso, a afinidade entre os testemunhos peninsulares e Po revela-se, uma vez mais, no plano da forma, com a lição verbal comum "que ssemelhaua agea" / "que lhe pareceya aguya"[189] correspondendo a "en samblanche d'aigle". Ou seja, em So, nota-se apenas a omissão de um desenvolvimento linguístico, pois a ideia da "ave" está representada pela lição "vns oisiaus".

[188] As questões relativas ao processo de tradução encontram-se tratadas na quarta parte desta dissertação.
[189] A forma verbal "parecya" de TT pode dever-se ao processo de cópia quinhentista. Por este tipo de divergências lexicais terem sido objecto de estudo em Dias, Aida Fernanda (2003-2006), *op. cit.*, passarão a ser apenas assinaladas como variantes de ST.

(iii)

ST (f.1v/col.II/l.8-11)	**TT** (p.165/l.18-19)	**Po** (§288/l.12-13)	**So** (p.84/l.35-36)
[…] turuo e [...] | do E[...] […]	e aquele rio era asy turvo **e asy espesso como lama** e no meyo asy claro como cristal	Chil fluns estoit si tourbles el commenchement **et si espés comme boe;** et el milieu, s'estoit si clers et si nes comme pierre precieuse	cis fluns estoit si troubles al commenchement et el milieu estoit clers comme cristaus

(iv)

ST (f.2r/col.I/l.26-27)	**TT** (p.175/l.2-3)	**Po** (§320/l.6-7)	**So** (p.93/l.18-19)
Aq*ue*la barca era moy peq*ue*na | e **era de prata**. E […]uja assy brã[…]	aquela barca era muy pyquena e **era de prata** e a vela asy bramqua	Chele nef **estoit** petite et **toute d'argent**, et si estoit li mas d'or, et li voiles estoit ausi blanchoians	Cele neif estoit petite mais ele estoit a merueilles bele car li mas estoit ausi blans

(v)

ST (f.2v/col.II/l.18-20)	**TT** (p.176/l.25-26)	**Po** (§324/l.13-14)	**So** (p.95/l.3-4)
e **uju** ende | ssayr hũa das ffremossas mlheres[sic] q*ue* nũca | el ujra	e **vio** de la sayr hua molher a mais fermosa que numca vira	si **vit** hors issir une des plus tres bieles femes ke il onques eüst veüe et des plus avenans	Et esraument en issi vne dame la plus bele quil eust onques ueue

Com o conjunto dos segmentos (iii), (iv), (v) torna-se também visível a relação entre o antecedente transmitido por ST/TT e o de Po nas respectivas porções de texto. As lições “era (...) asy espesso como lama” (iii), “era de prata” (iv), “uju” de ST/TT mantêm-se apenas em Po (“estoit (...) si espés comme boe”, “estoit (...) toute d'argent”, “vit”), de modo que a sua ausência em So isola novamente este testemunho.

(vi)

ST (f.2v/col.I/l.17-21)	**TT** (p.176/l.1-3)	**Po** (§322/l.14-16)	**So** (p.94/l.18-20)
E aq*ue*ste q*ue* | esto ffaz cae ẽ desasperãça ca tẽ ha | denydade por mortal. **Ca aly onde | diz ca alhur** he dentẽder. E esto q*ue*r | [...] comẽ sse disese	este cay em desesperança que tem a deydade por mortal **aly omde diz que em outra parte** tem em que emtemder e ysto tamto quer dizer como se dysese	Illeuc chiet il en desesperanche, ou il dist et pense cheste desloiauté, car il tient la deïté pour mortel, **la u il dist ke il a assés a penser ailleurs**. Et che vaut autrestant com se il disoit	la chiet li hons en desesperance qui ce dist car il tient la deite a mortel por ce que ce que **il dist** uaut autant com se il desist

No segmento acima destacado assinala-se, desta vez, uma forma verbal mais redutora em So em relação aos restantes testemunhos. Assim sendo, lê-se em ST/TT "Ca aly onde diz ca alhur" / "aly omde diz que em outra parte", em Po "la u il dist ke il a assés a penser ailleurs", enquanto em So é retida apenas a forma verbal "il dist".

1.1.3 Ausência de segmentos frásicos em So

(i)

ST (f.2v/col.II/l.3-6)	**TT** (p.176/l.12-14)	**Po** (§323/l.10-14)	**So** (p.94/l.31-32)
nõ uju a barca nẽ o | homẽ. **E comcou[sic] a catar cõtra toda parte | da pena** e nõ no pode ueer. E assẽtouse | e comçou[sic] a pẽssar.	nom vio a barca nem ho omẽm bom **e começou a oulhar a todas as partes da pena** e depois que ha nam pode ver asemtou se e começou a cuydar	il ne vit onques ne la nef chelui qui dedens estoit venus. **Et il se drecha en son estant, si commencha a regarder de toutes pars en la mer.** Et quant il vit qu'il ne le porroit en nul sens coisir, si se rasist. Lors commencha mout durement a penser tout de rechief	il ne vit la neif ne celui a qui il ot parle et quant il ne uit ne lun ne lautre si sassist

(ii)

ST (f.2v/col.II/l.16-18)	**TT** (p.176/l.23-25)	**Po** (§324/l.8-13)	**So** (p.95/l.2-3)
En tal g*u*issa ueo dereyta aa pena. E **q*u*ando a | el rrey uju arrybar maraujlhusse** q*ue* q*ue*rya hy | buscar. E ergeusse e catoua e uju ende | ssayr hũa das ffremossas mlheres[sic]	e *v*eo direyto a pena **e quamdo ha el-rrey vio hy aribar maravilhou se muyto** e esgeose e esteve oulhamdo ha nao e vio de la sayr hua molher a mais fermosa	En tel maniere vint tout droit a la roche; **et quant li rois le vit ensi arrivee, si se commencha mout durement a mervillier** ke che pooit estre et senefiier et quel chose nef estoit venue querre. Lors se drecha et commencha la nef a regarder d'une part et d'autre et, quant il se regarda si vit hors issir une des plus tres bieles femes	et en tel maniere *s*en uint a la roche . Et li rois se drecha en estant et regarde la neif dune part et dautre Et esraument en issi vne dame la plus bele

(iii)[190]

ST (f.2v/col.II/l.27-31)	**TT** (p. 176/l.30-34)	**Po** (§325/l.1-6)	**So** (p.95/l.9-12)
E el | dyse c*er*tas dona eu uĩj aq*u*i e nõ ssey como |	e ele dyse: -Serto, dona, eu vim aquy e nom sey como	Et li rois respondi: "Chiertes, dame, je sui chi venus, je ne sai comment, **car je ne vi onques chelui qui m'i porta**, mais ensi me trovai en cheste roche;	et li rois li respondi. Certes, dame, jou sui chi uenus si ne sai comment **et ne sai qui mi aporta**
q*ue* jamays ẽde nõ ssayrey ssenõ p*er* aq*ue*l q*ue* | me aq*ui* meteu.	**e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo**	**ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés.**	
E poys assy ssayras ende | p*er* mj̃ dise a dona **Ca eu te trouxe aq*ui* p*er* | meu ssem** Ca eu q*ue*rya auer tẽpo e logar	pois sayras por mym, dise a dona. **Que eu por meu gram saber te trouxe** qua eu querya aver tempo e lugar	- Par foi, dist ele, par le commandement de chelui qui t'i porta t'en istras tu, **car je t'i aportai par mon sens** et par chou ke je voloie avoir lieu et tans	par le commandement, fait ele, de celui qui ti aporta uieng iou chi et por chou que jou uoloie auoir lieu et tans

Comparando o texto transmitido em ST/TT, Po e So, nos trechos *supra* destacados, verifica-se uma divergência no que respeita ao registo de unidades frásicas. Assim, a presença em ST/TT e Po dos mesmos segmentos pode explicar-se pelo facto de os antecedentes destes conterem os mesmos elementos. Os excertos (i) e (ii) podem ilustrar, deste modo, a aproximação entre o antecedente dos testemunhos portugueses e

[190] Existem elementos diferenciadores derivados do processo de tradução que constituem objecto de estudo da quarta parte desta dissertação.

o de Po por ausência em So de correspondente das frases "E comẽcou a catar cõtra toda parte da pena" (ST) (i) e "e quando a el rrey uju arrybar maraujlhusse" (ST) (ii). No passo (iii) lê-se a visão do rei Mordão e o seu encontro com "hũa das ffremossas mlheres[sic]", que desejava a sua companhia. No que diz respeito ao confronto textual do passo (iii), destacamos, em primeiro lugar, uma unidade frásica que separa os testemunhos peninsulares[191] tanto de Po, como de So. Referimo-nos ao segmento "et ne sai qui mi aporta" (So) / "car je ne vi onques chelui qui m'i porta" (Po), sem correspondente directo em ST/TT. Assim, apesar da conjugação do verbo "savoir" em So e "voir" em Po e outras amplificações lexicais típicas do lado de Po — "onques chelui" —, a ausência de paralelo directo nos testemunhos peninsulares poderia levantar duas hipóteses: por um lado, este facto poderia infirmar qualquer proximidade entre o arquétipo francês a montante da tradução primitiva transmitida por ST/TT e os dos testemunhos franceses colacionados e, por outro, este caso poderia mostrar apenas um fenómeno de redução resultado do acto de tradução. Pelos dados colacionados da porção de texto estudada, presume-se que a segunda hipótese pode ter mais crédito, mas sobre este assunto teremos a oportunidade de discutir na quarta parte desta dissertação.

Em segundo lugar, assinalamos duas situações em que o texto conservado nos manuscritos portugueses apresenta indícios de que a fonte destes contém elementos presentes na versão mista. Referimo-nos ao que se lê em ST "que iamays ẽde nõ ssayrey ssenõ per aquel que me aqui meteu" e "Ca eu te trouxe aqui per meu ssem" perante "e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo" e "Que eu por meu gram saber te trouxe" de TT, de acordo com "ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés" e "car je t'i aportai par mon sens" de Po. Estas últimas duas lições não têm paralelo directo em So, o que pode levar a pensar que os testemunhos peninsulares estão a reproduzir um original que contém matéria presente em Po. No que concerne ao último exemplo, repare-se na divergência semântica entre ST e TT da unidade sintagmática "p*er* meu ssem" constante de ST, de acordo literalmente com Po ("par mon sens") perante "por meu gram saber" de TT. É possível que se trate de uma actualização lexical devida ao processo de cópia quinhentista, estando a expressão "per meu ssem", provavelmente, já em desuso na respectiva época.

O conjunto de casos de ausência de So pode apoiar a ideia de os testemunhos peninsulares se basearem numa versão com elementos também retidos na versão mista. Contudo, observa-se que, de um modo geral, apesar das lições afins em certos pontos,

[191] Os casos que singularizam os testemunhos portugueses encontram-se tratados na devida secção.

ST/TT desencontram-se de Po pela visível retórica amplificada deste. Estes casos podem apenas ser indícios de que o arquétipo francês da *Estoire del Saint Graal* que deu origem à tradução galego-portuguesa mantida em ST e TT apresenta vocábulos e estruturas sintácticas ausentes na versão breve que So transmite, elementos presentes, todavia, na versão mista contida em Po. O arquétipo da tradução é, portanto, intermédio entre So e Po.

O exame dos textos em análise permite ainda apurar um outro conjunto de factos que permite realçar a hipótese de o arquétipo francês que ST/TT transmitem conter vocábulos idênticos aos registados em Po. Referimo-nos aos casos que ilustram o fenómeno de afinidade lexical.

1.2 Afinidade lexical entre ST/TT e Po

1.2.1Afinidade nominal e adjectival entre ST/TT e Po

(i)

ST (f.1v/col.I/l.35-f.1v/col.II/l.4)	**TT** (p.165/l.12-13)	**Po** (§288/l.5-6)	**So** (p.84/l.30-31)
toda gente da <terra> [...] [...] [...] [...]	a gẽte da terra e homylhauase e avya cõ ele **grã prazer**	toutes les gens du païs, si l'enclinoient et venoient tout et toutes environ lui. Et quant il li avoient tout encliné et **grant joie** faite	toute la gent et lenclinoient et quant il li orent faite si **grant honor**

(ii)

ST (f.2v/col.II/l.7-8)	**TT** (p.176/l.16)	**Po** (§323/l.15)	**So** (p.94/l.33-34)
q*ue* muyto lhe dera **grã | cõfforto**	que muito lhe dera **gramde comforto**	car mout li avoit doné **grant confort**	car moult li auoit doune **boin comfort**

(iii)

ST (f.2v/col.II/l.25-26)	**TT** (p.176/l.29-30)	**Po** (§324/l.20)	**So** (p.95/l.8-9)
eu te liurarey e leuareyte aa mays | ffremosa **casa** ẽ que tu nũq*u*a ent*r*aste	eu te levarey a mais fermosa **casa** em que numca emtraste	je te menrai en la plus delitable **maison** ou tu onques entraisses	jou te menrai el plus delitable **lieu** ou tu onques entrases

Assim, veja-se que, apesar de ST ser ilegível no primeiro caso (i), TT oferece a lição "grã prazer". Verificamos que esta lição se identifica semanticamente com a correspondente de Po ("grant joie") e se opõe à de So ("grant honor"). Casos similares

constatam-se no segundo e no terceiro excerto, em que se lê, em ST "grã cõfforto", com a variante "gramde conforto" de TT e "casa" como correspondentes fiéis no plano semântico de "grant confort" e "maison" de Po, ao passo que So regista "boine comfort" e "lieu".

1.2.2 Afinidade de segmento verbal entre ST/TT e Po

Uma vez mais, da comparação dos testemunhos portugueses com os franceses nos segmentos seguintes, sobressai uma afinidade lexico-semântica entre os primeiros e a versão mista.

(i)

ST (f.2r/col.I/l.20-21)	**TT** (p.174/l.36-37)	**Po** (§319/l.9-10)	**So** (p.93/l.14-15)
q*ue* nõ **acha|ua** rrem cõ q*ue* lhe p[…]ugesse	e quamdo vio que nom **achava** com que lhe aprouve se	Et quant il vit ke il ne **troveroit** nul confort	Et quant il uit quil ni **auoit** nul confort

(ii)

ST (f.2v/col.I/l.15-16)	**TT** (p.175/l.38-39)	**Po** (§322/l.12-13)	**So** (p.94/l.17-18)
Terreyme a De*us* ẽ **todalas coussas q*ue* | ouuer mester**	tireyme eu a Deos e a **todas as cousas que ouver myster**	je m'atende a Dieu de **toutes les choses qui me convenront**?	m'atendrai jou a Dieu de **toutes mes coses que jou ai a faire nenil**

(iii)

ST (f.2v/col.II/l.14-15)	**TT** (p.176/l.22-23)	**Po** (§324/l.8)	**So** (p.95/l.1-2)
e nõ | **parecya** homẽ nẽ molher q*ue* a gyasse	e nom **pareçia** homem nem molher que a guyase	et si n'i **paroit** ne hons ne feme qui le conduisist	mais il ni **uit** homme ne feme qui la neif conduisoit

(iv)

ST (f.2r/col.I/l.23-24)	**TT** (pp.174/l.39-175/l.1)	**Po** (§320/l.1)	**So** (p.93/l.16-17)
Assy como **pẽssaua** | comẽcou a escuytar [...]	e assy como **cuydava** começou a escutar	Ensi com il **pensoit** en cheste maniere et plouroit	Ensi com il **estoit en cel pense** si escouta

Assim, onde nos testemunhos peninsulares se lê "achaua" (i), "todalas coussas que ouuer mester" (ii), "parecya" (iii) na versão mista conservada em Po aparecem os correspondentes "troveroit", "toutes les choses qui me convenront", "paroit", "pensoit"

que se opõem aos registados em So “avoit”, “toutes mes coses que jou ai a faire nenil”, “uit”. No exemplo (iv), trata-se apenas de uma aproximação no plano da forma entre ST/TT e Po, existindo, de facto, correspondência no plano semântico entre o sintagma verbal “estoit en cel pense” de So e as formas “pẽssaua” / “cuydava” de ST/TT e “pensoit” de Po. Desta vez, portanto, So revela um desenvolvimento linguístico, conferindo uma expressão estilística motivada provavelmente pelo discurso textual.

Os factos linguísticos que apresentam afinidade léxico-semântica entre ST/TT e Po permitem-nos pôr a hipótese de, nestas porções de texto, os arquétipos franceses destes testemunhos conterem as respectivas similitudes.

Em relação à quantidade de texto que se lê em ST/TT e So, por um lado, e Po, por outro, é visível que o último se mostra constantemente retoricamente mais elaborado do que os primeiros. Concluimos também que a narrativa é a mesma em todos os testemunhos e que ST/TT apresenta pontos em que tem vocábulos e estruturas sintácticas comuns com Po, mas, da forma como é contada a história, situa-se do lado da versão breve atestada em So. Ou seja, realça-se a hipótese de a tradução peninsular representar uma versão intermédia entre So e Po.

2. Afastamento entre ST/TT e Po

Num segundo momento da comparação entre estes testemunhos da *Estoire del Saint Graal*, evidenciam-se as situações que aproximam, desta vez, ST/TT da versão breve transmitida por So através de casos de afinidade lexical e sintáctica entre estes e casos de ausência do lado de Po. Procederemos à apresentação dos casos em que se observa como os testemunhos peninsulares, de acordo com So, se afastam da versão mista testemunhada em Po através de fenómenos de ausência, amplificação e afinidade léxico-semântica. Distinguem-se casos de ausência de segmentos verbais, adverbiais e frásicos; os segmentos amplificados são verbais e frásicos e a afinidade léxico-semântica entre ST/TT e So regista-se no âmbito do nome, do verbo e da frase.

2.1 Ausência em Po

2.1.1 Ausência de segmentos verbal, adverbial e frásico em Po

Dando mais um passo à nossa análise, observámos que, ao longo do texto que se lê em ST e no correspondente de TT, detectam-se três casos que revelam o fenómeno de ausência do lado de Po.

(i)

ST (f.1v/col.I/l.18-21)	**TT** (pp.164/l.39-165/l.3)	**So** (p.84/l.21-22)	**Po** (§287/l.15-17)
[...] m[…]gares q*ue* o sseu cora | […] [...] […] […] **despoys uijnha hũu | lobo** [...] […] força q*u*anto lhe o cor | […] [...]	todos hos boõs mãjares que seu coração podia cuydar **depoys vynha hũu lobo** e por força tyrava todo quãto lhe ho Agnho trazia asy	toutes les boines viandes et toutes les riches du monde; **et apres uenoit vns leus** qui lui retoloit si	toutes les boines uiandes del monde et li leus l'en toloit tant ke il ne l'en remanoit ke seulement sa soustenanche, a mout grant poverté

(ii)

ST (f.2v/col.I/l.6-7)	**TT** (p.175/l.32-33)	**So** (p.94/l.12)	**Po** (§322/l.1-2)
Ora ssabe tu **bẽm** dysse ho omẽ | boo q*ue* lhe nõ esquec*er*as	ora sabe tu **bem** dise ho homem que lhe nom esqueçeras	dont saces tu **bien** fait il quil ne te metera ia en oubli	Et li hom de la nef li dist: "Or saches tu **donques** de voir ke il ne t'a mie mis en oubli

(iii)

ST (f.2r/col.I/l.33-f.2r/col.II/l.2)	**TT** (p.175/l.8-10)	**So** (p.93/l.23-25)	**Po** (§320/l.13-15)
Entom ssayu da barca **hũu homẽ | mays ffremoso q*ue* nũca homẽ** | […] […] […] hũu [...] […] | [...] […] […] lhe p*er*g[…]	Entam sayo da barqua **hũ homem tam fermoso qual homem nũca vio** e quamdo el Rey ho vio homylhouselhe ho homem bom lhe pregumtou	Lors issi vns moult biaus hons hors de la neif. **Et sachies que ce estoit li plus biaus hons qui onques fust ueus.** Et quant li rois le uit si lenclina et li biaus hom li demande	Lors issi li biaus hom hors de la nef; et li rois, quant il le vit hors venir, si se drecha encontre lui et dist ke bien fust il venus, si li enclina. Et li biaus hom li commencha a demander

Revelando Po um texto, de um modo geral, retoricamente amplificado em relação aos restantes, às vezes deparamo-nos com passagens tão divergentes que impossibilitam um confronto textual. E, no entanto, no exemplo (i), não se trata necessariamente de uma carência no plano semântico em Po porque "li leus" é, de facto, referido, mas num desenvolvimento sintáctico diferente. No segundo fragmento, assinalamos, de facto, uma divergência lexical, sendo "donques" o elemento edverbial preferido no respectivo segmento conclusivo, ao passo que em So comparece "bien", convertido em "bem" em ST/TT. Em contrapartida, no terceiro trecho, sublinha-se a ausência de uma estrutura sintáctica consistente: "hũu h[...] mays ffremoso que nũca

ho[...] vio" (ST), com a variante "hũ homem tam fermoso qual homem nũca vio" de TT equivalente de "Et sachies que ce estoit li plus biaus hons qui onques fust ueus" presente apenas em So. A ausência, em Po, de correspondente directo dos segmentos sublinhados nos exemplos (i) e (iii), poderia ter a ver, por um lado, com o tipo de desenvolvimento a nível lexical e sintáctico específico deste testemunho que leva a perdas de elementos (iii) ou, puramente, a reestruturação (i), e, por outro, por que não, esta característica pode ter sido consistente da fonte deste testemunho e Po apenas a transmite. Aliás, este exemplo vem colocar o problema referente a quem amplifica e quem reduz elementos no âmbito da tradição textual francesa, mas não é nosso objectivo indagar esta questão, apenas constatar de que lado se alinha o texto galego-português e configurar, assim, a sua fonte francesa. Portanto, deste confronto ressalta que os testemunhos peninsulares revelam aspectos vocabulares e sintácticos presentes na versão breve contida em So.

2.2 Afinidade lexical e sintáctica entre ST/TT e So

Colacionando o texto transmitido pelos testemunhos portugueses e o registado nas redacções francesas, verifica-se que os primeiros oferecem, em algumas porções de texto, correspondentes idênticos no plano semântico com a versão contida em So.

2.2.1 Afinidade de segmentos nominais entre ST/TT e So

(i)

ST (f.2r/col.I/l.27-29)	**TT** (p.175/l.3-5)	**So** (p.93/l.19-20)	**Po** (§320/l.6-8)
E […]uja assy **brã[…] lyreo come** | **ffrol de […]** […] uela […]a hũa cruz | uermelha moy ffremossa	e a vela asy bramqua **como a frol do bramco lyryo** e na vela tynha huã muy fermosa cruz vermelha	mais ele estoit a merueilles bele car li mas estoit ausi **blans comme flor de lis.** Et desus en haut auoit vne crois uermeille	et si estoit li mas d'or, et li voiles estoit ausi **blanchoians comme nois negie** et si avoit el milieu une crois qui estoit toute vermelle

(ii)

ST (f.2r/col.I/l.30-32)	**TT** (p.175/l.5-7)	**So** (p.93/l.20-23)	**Po** (§320/l.8-12)
Aq*ue*la ba[...] apo[…] | [...]a pen[…] […]melh[…] el rrey [...] **todos hos boõs o|[...]s do mũdo** hy q*u*ando [...] […] o ssyn[…] | […] da cruz ffoy hũu pouco c[…]ffortado. |	Aquela barca aportou na pena e pareçeolhe a el Rey que **todos hos bõs cheyros do mumdo** hy chegaram e quamdo na vela vio ho synall da cruz foy jaa alguũ tamto comfortado	Chele neif arriua a la roce si fu auis au roi que **toutes les boines odeurs del monde** fuissent amassees en cele neif et quant il uoit el uoile le signe de la crois si en fu plus asseur	Et quant ele fu arrivee a la roche, si fu avis au roi ke **toutes les boines odeurs ke on peüst deviser ne savoir en herbes et en arbres** fuissent en la nef amassees. Et quant il vit el voile le signe de la sainte crois, si fu auques asseürés, car il pensoit bien dedens son cuer ke en compaignie de crois ne pooit mie venir chose dont maus li venist

(iii)

ST (f.2r/col.II/l.31-33)	**TT** (p.175/l.26-27)	**So** (p.94/l.7-8)	**Po** (§321/l.12-13)
Muyto ffalou cõ elrrey ho […] | boo da […] [...]|sse das **boas** [...]	Muyto falou com el Rey ho homem bom da nao e tamtas de **boas palavras** lhe dyse	Moult parla longement li rois al preudome de la neif et tant li dist de **boines paroles**	Mout parla li hom de la nef au roi longement et tant li dist **paroles de solas et de confort**

O conjunto de segmentos acima expostos coloca em relevo a possível relação entre o texto em que se baseia a tradução portuguesa transmitida por ST/TT e uma versão breve que So testemunha. Assim, as expressões nominais "como a frol do bramco lyryo" (i), "todos hos bõs cheyros do mumdo" (ii) e "boas palavras" de ST/TT, encontram correspondência directa no plano semântico na versão que So transmite pelas lições: "blans comme flor de lis" (i), "toutes les boines odeurs del monde" (ii), "boines paroles" (iii), lições estas que se opõem às que se podem ler na redacção mista Po: "comme nois negie" (i), "toutes les boines odeurs ke on peüst deviser ne savoir en herbes et en arbres" (ii), "paroles de solas et de confort" (iii).

Na realidade, mais do que um fenómeno de afinidade textual, aqui estamos perante uma correspondência *ad verbum* entre os testemunhos da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* e a versão breve, como já se mostrou através de outros fenómenos.

Estes factos levam-nos a pensar que a fonte de ST/TT se enquadra na redacção breve desta obra.

2.2.2 Afinidade de segmentos verbais e frásicos entre ST/TT e So

(i)

ST (f.2r/col.I/l.23-24)	**TT** (pp.174/l.39-175/l.1)	**So** (p.93/l.16-17)	**Po** (§320/l.1-2)
Assy como pẽssaua | comẽcou a **escuytar** [...] […]ya as ondas do mar | ffer[...]	e assy como cuydava começou a **escutar** e **ouvio** as omdas do mar feryr	Ensi com il estoit en cel pense si **escouta** et **oi** vne vois des ondes de la mer	Ensi com il pensoit en cheste maniere et **plouroit**, si **entroï** les ondes de la mer soner

No excerto (i) observa-se que ST/TT e So conjugam étimos verbais idênticos: *auscultāre* e *audīre* nos derivados "escouta" e "oi" em So e "escutar" / "ouvio" em ST/TT, afastando-se, assim, dos correspondentes, *plorāre* e *intrāre*, utilizados em Po, nos derivados "plouroit" e "entroï". No caso do último deve-se considerar o significado "entendre moitié" do segundo registo do verbo "entroir" do *Dictionnaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IXe au XVe Siècle* de Frédéric Godefroy[192]. Trata-se, portanto, de uma variação linguística que permite situar os testemunhos peninsulars mais próximos de So. De qualquer forma, "pleuroit" só está em Po sem implicar sinonimia entre as formas registadas em So e ST/TT, mas como variante "discursiva"[193] surgida dos valores interpretativos que o copista/redactor introduz no complexo discurso textual.

(ii)

[192] Cf. Godefroy, Frédéric (1881-1902) *Dictionaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IXe au XVe Siècle*: http://micmap.org/dicfro/chercher/dictionnaire-godefroy/entroir

[193] Fernández-Ordóñez, Inés (2006), *op. cit.*, p. 3036.

ST (f.2r/col.I/l.12-15)	**TT** (p.174/l.31-34)	**So** (p.93/l.8-12)	**Po** (§319/l.1-7)
Diz o cõto q*ue* el rrey mordaỹ cato[…] [...] | dessy […]sse nõ [...] nẽh[…] | [...] do mũdo onde […] […] con[…] […]e | [...] […] [...]a el rrey […]	**Diz o comto que el-rrey Mordaym** oulhou derredor desy e nom vio de nenhuã parte do mundo omde ouvese que come se que a pena era muy esquyro lugar el-rrey amdou por aderrador da pena	**Chil endroit dist li contes que li rois Mordrains** fu portes en cele roche qui moult estoit haute sauuge . Et quant il i fu mis si esgarda entour lui si ne uit fors mer et ce misme de terre quil i auoit estoit moult hideuse a ueoir . et il ala tout entour le siege de la roce	**Atant se taist ore li contes de Pompee et si retourne au roi** qui est en la roche mout esbahis et mout trespensés de che qu'il ne savoit ou il estoit ne en quel maniere il i estoit venus. Il esgarda entour lui: il ne vit nule riens fors mer et chiel, dont nule garisons li peüst venir ne nule soustenanche. La roche fu haute et en salvaige lieu; et tant d'abitacle com il i avoit, si estoit lais et hideus et escurs. Il ala entour le siege de la roche

Apesar de em ST/TT aparecer uma lição mais concisa no exemplo (ii), originada provavelmente no processo de tradução ou na redacção do apógrafo, este excerto exemplifica, uma vez mais, a aproximação por similitude frásica entre os primeiros e So no registo seguinte: "Diz o cõto que el-rrey Mordaỹ" equivalente de "Chil endroit dist li contes que li rois Mordrains" de So, em desacordo com a lição de Po "Atant se taist ore li contes de Pompee et si retourne au roi". Ora, a variante linguística "dist" de So abona a favor de a versão "diz" de ST/TT colocar estes testemunhos mais próximos de So do que de Po, onde lemos a variação "se taist".

(iii)

ST (f.2v/col.I/l.2-6)	**TT** (p.175/l.29-32)	**So** (p.94/l.10-11)	**Po** (§321/l.16-18)
Co|mo disse omẽ boo da naue nõ as tu | toda tua c*r*ença em Jh*es*u C*rist*o. **E el lhe | dise q*ue* uerdadeyramẽte a auja hy to|da**	como dise ho homem bom da na[o] nam as tu toda tua forca [sic] em Jhesuu Cristo **e ele dise serto verdadeyramemte eu hey hy todo** meu bem	et comment fait li hons de la neif en as tu toute ta creance en Jhesu Crist . **et il dist que uoirement li a il toute**	"Coument? dist li hom de la nef. Dont ne dis tu ke tu as ta creanche toute en Jhesucrist?" **Et li rois respondi ke voirement creoit il de tout en tout en Jhesucrist**

Sublinha-se neste ponto um outro caso relevante que aproxima a fonte francesa de ST/TT da redacção breve testemunhada por So. Assim, notamos que a sintaxe oferecida

pelos testemunhos peninsulares "E el lhe dise que uerdadeyramẽte a auja hy toda" corresponde *ad verbum* em So ao segmento "et il dist que uoirement li a il toute", enquanto em Po se transmite "Et li rois respondi ke voirement creoit il de tout en tout en Jhesucrist". Observamos, desta forma, que Po não se afasta apenas lexicalmente dos restantes textos por utilizar a forma verbal "respondi" correspondendo a "dise"/"dist" em ST/TT/So, mas a respectiva sintaxe centra-se no (f)acto de crer, enquanto nos outros testemunhos se visa a dimensão da crença que o rei teria em Jhesu Cristo.

Tal conjunto de aspectos vocabulares e sintácticos torna-se indício de que a redacção francesa da *Estoire del Saint Graal* representada pela tradução galego-portuguesa em ST/TT se poderia situar, com a porção de texto conservada, no *stemma codicum*, num ramo das redacções breves. Razões para tal, encontrá-las-emos também no conjunto de casos de que ressalta que a versão testemunhada em ST/TT poderia ser ainda mais breve do que a representada em So. Prosseguiremos com a exemplificação dos casos.

3. Casos singulares em ST/TT

Assinalamos um outro conjunto de segmentos que problematiza o lugar do texto que deu origem à tradução portuguesa testemunhada em ST/TT no *stemma codicum* da *Estoire del Saint Graal*. A singularidade de ST/TT ilustra-se, num terceiro momento desta comparação, por duas categorias de casos: lições presentes exclusivamente em ST/TT e lições ausentes de ST/TT. É conveniente tentar perceber se estas leituras singulares poderiam significar particularidades que remetem para o texto francês a partir do qual a tradução foi realizada ou especificidades do acto de tradução[194]. Neste primeiro caso, trata-se de uma unidade adjectival e uma frásica que apenas se encontram em ST/TT.

3.1 Leitura singular de segmento adjectival em ST/TT

[194] Quanto à hipótese de especificidade do texto traduzido ver o primeiro capítulo da quarta parte desta dissertação.

ST (f.2r/col.I/l.26-29)	**TT** (p.175/l.2-5)	**So** (p.93/l.18-20)	**Po** (§319/l.6-8)
Aq*ue*la barca era moy peq*ue*na | e era de prata. E […]uja assy brã[…] lyreo come | ffrol de […] […] uela […]a hũa **cruz** | uermelha **moy ffremossa**	aquela barca era muy pyquena e era de prata e a vela asy bramqua como a frol do bramco lyryo e na vela tynha huã **muy fermosa cruz** vermelha	Cele **neif** estoit petite mais ele estoit a **merueilles bele** car li mas estoit ausi blans comme flor de lis. Et desus en haut auoit vne crois uermeille	Chele nef estoit petite et toute d'argent, et si estoit li mas d'or, et li voiles estoit ausi blanchoians comme nois negie et si avoit el milieu une crois qui estoit toute vermelle

Examinando este excerto, verificamos nos testemunhos peninsulares uma simetria na dupla determinação adjectival. Ou seja, os três símbolos que marcam a aparição de um homem numa das visões do Rei, a barca, a vela e a cruz, são realçados pela descrição física com uma forte compontente estética: a barca é "pequena" e "de prata", a vela é "bramqua" e o seu branco é comparado com "a frol de lyryo" e, finalmente, a cruz é "uermelha" e "moy ffremosa". Ora, esta simetria realiza-se parcialmente em So e Po. O primeiro texto descreve a barca como "petite", mas "merveilles bele", enquanto a cruz é apenas "uermeille"; quanto à descrição da vela deve tratar-se de uma lição redutora em So, porque o adjectivo "blans" e a comparação deste com a "flor de lis" diz respeito a "li mas" enquanto em Po "li mas" é "d'or" e a vela "blanchoians", cor comparada com "nois negie". Neste último texto a cruz é igualmente designada apenas como "vermelle". Assim, observamos que a simétrica determinação adjectival em torno dos três símbolos ("barca": "pequena" e "de prata"; "vela": "bramqua" e "a frol de lyryo"; "cruz": "uermelha" e "moy ffremosa") se realiza só nos testemunhos peninsulares pela lição adicionada "moy ffremosa" sobre a qual vemos que, no respectivo passo, So e Po são omissos. Todavia, é ainda importante chamar a atenção neste ponto para um aspecto relacionado com a fonte de ST/TT na tradução de duas unidades sintagmáticas. Em primeiro lugar, referimo-nos à descrição da barca, sobre a qual verificamos que todos os testemunhos estão de acordo com a descrição física ("pequena" ST/TT / "petite" So/Po). Não acontece o mesmo com a componente estética da descrição, a saber, ST/TT, de acordo com Po, mencionam "prata" / "d'argent", ao passo que So regista "merueilles bele". Decorreria, assim, que a fonte da tradução portuguesa, neste segmento, seria um arquétipo francês que partilhava elementos comuns com Po. Em segundo lugar, no tocante à unidade sintagmática "moy ffremosa", sem paralelo em Po, podemos avançar duas hipóteses: por um lado, o responsável por esta lição poderia ter sido o próprio arquétipo francês que ST/TT transmitem, ou seja, um arquétipo diferente dos que So e Po testemunham, por estes estarem omissos nesta

lição. E, por outro, a fonte possível da tradução portuguesa, neste segmento, poderia ter sido uma versão com lição idêntica a So por esta conter a expressão "merueille bele", embora este testemunho não seja semelhante na distribuição paradigmática dos epítetos, ou seja, a barca é "(merueille) bele", enquanto em ST/TT a cruz é "(moy) ffremosa". Neste último caso, tratar-se-ia, assim, de uma redistribuição de epítetos baseada em So e adoptada em ST/TT seguindo os seus próprios propósitos. Esta característica pode ser resultante quer do processo de tradução, embora não tenhamos aqui dados suficientes para o afirmar, quer da redacção francesa. Este tipo de casos pode revelar que o arquétipo francês que está a montante da tradução galego-portuguesa sofreu contaminações vocabulares de dois ramos distintos.

3.2 Leituras singulares de segmentos frásicos em ST/TT

ST (f.1v/col.I/l.14-21)	**TT** (pp.164/l.37-165/l.3)	**So** (p.84/l.20-22)	**Po** (§287/l.12-16)
q*ue* | ffilhaua el [...] e leu[…] a hũu moy estranho | logar […] [...] […] […]ara. Em | [...] […] […] e t*r*agyalhe cada dya | de corde[…] [...] m[…]gares **q*ue* o sseu cora**|[…] [...] […] […] despoys uijnha hũu | lobo [...] […] força q*u*anto lhe o cor|[…] [...] Assy	que ho tomava e ho levava a huũ muy estranho lugar **homde numca nhũ morava nẽ vyvera** e hy vynha a ele cada d[y]a hũ cordeyro que lhe trazia todos hos boõs mãjares **que seu coração podia cuydar** depoys vynha hũu lobo e por força tyrava todo quãto lhe ho Agnho trazia asy	si lenportoit en vn mout estraigne lieu. et illuec uenoit a lui cascun iour vns lions qui la aportoit toutes les boines uiandes **del monde** et apres uenoit vns leus qui lui retoloit si	et si l'enportoit en un estrange lieu, mout loing. **En chel lieu demouroit mout longement, che li estoit avis**, et si venoit a lui chascun jour uns aigniaus et uns leus. Li aigniaus li aportoit toutes les boines viandes et toutes les riches **du monde** et li leus l'en toloit

O segmento *supra* destacado apresenta duas lições que individualizam novamente os dois testemunhos portugueses. Narra-se neste trecho a visão do Rei Mordaim em que este se encontra num "paço" de onde é ulteriormente levado por "hũ toruão sopramdo" a "huũ muy estranho lugar". Aqui dá-se a luta pelo alimento entre "hũ cordeyro que lhe trazia" e "hũu lobo e por força tyrava". As duas subordinadas "homde numca nhũ morava nẽ vyvera" e "que seu coração podia cuydar", registadas em ST/TT, poderiam atestar um arquétipo francês com estes desenvolvimentos e, por conseguinte, diferente dos evidenciados nas redacções francesas em apreço. Esta hipótese reclama ainda a corroboração de outros elementos de que falaremos de seguida.

Observámos, assim, que os testemunhos franceses não carecem, todavia, completamente de conteúdo nestes segmentos. Embora não se relacione semanticamente com ST/TT, no primeiro momento, So limita-se a descrever o respectivo lugar como "estraigne", enquanto Po desenvolve ainda uma oração: "En chel lieu demouroit mout, che li estoit avis" e, no segundo momento, So menciona, no que ao alimento trazido pelo "lions", neste texto, diz respeito que era "toutes les boines uiandes del monde" e Po indica "toutes les boines viandes et toutes les riches du monde". Corroborando os resultados da análise apresentados em 1.1.1 (ii), (iv) em que So se isola também pela ausência de qualquer correspondente de expressões de realce "en seu coração", a nova ausência de correspondente directo na segunda oração ("que seu coração podia cuydar") da versão breve poderia colocar em relevo, de facto, que a fonte de ST/TT não partilha os mesmos elementos com a que se lê em So. A ausência de paralelo directo em Po não é relevante, por se ter assumido que este testemunho se coloca num ramo distinto no *stemma codicum*, dado o seu caractér misto, mas enfatiza a hipótese de a versão francesa de que descendem ST/TT se diferenciar das transmitidas nos testemunhos franceses colacionados. A possibilidade de estes desenvolvimentos representarem mecanismos derivados do processo de tradução não deve ser também posta de parte, dado que o objectivo deste processo é conferir clareza e precisão ao texto resultante, como será avaliado no estudo de tradução.

Além disso, assim como se constatou em 2009[195], numa outra passagem que visa a designação geográfica "estreyto de Sevylha" e "cordes" — esta última legível apenas em ST —, enquanto os correspondentes franceses mencionam apenas "cordes", foi possível entender que se trataria de interpolação produzida no acto de tradução. De um modo geral, os testemunhos portugueses ilustram uma tradução fiel à fonte francesa, facto que nos leva a pensar que este tipo de elementos singulares podem significar influências culturais do território peninsular. Resta entender de que tipo são estas singularidades, se são explicativas ou inovadoras no plano de conteúdo. Observámos, assim, que o designativo geográfico "estreyto de Sevylha" é um facto que torna mais evidente o procedimento de interpolação com função explicativa, como específico do acto de tradução. Tratando-se, portanto, da geografia peninsular e sendo oriundo provavelmente deste solo, é provável que tenha sido o tradutor a referir a respectiva designação por razões de clareza e precisão.

Ora, este exemplo de *amplificatio* do lado dos testemunhos peninsulares com a função explicativa, não alinha ao que pode revelar o caso da oração "homde numca nhũ

[195] Ailenii, S. (2009), *op. cit.*, pp. 25-27.

morava nẽ vyvera" — legível apenas em TT —, sem paralelo directo em So, mas com quaisquer indícios de similar desenvolvimento em Po. Ou seja, o modelo de descrição "estrange lieu, mout loing. En chel lieu demouroit mout longement, che li estoit avis" de Po pode apenas sugerir que o segmento privativo de [ST]/TT — "muy estranho logar homde numca nhũ morava nẽ vyvera" — pode pertencer ao antecedente francês, ou seja, um intermédio entre So e Po.

3.3 Segmentos frásicos e um nominal ausentes em ST/TT

(i)

ST (f.2v/col.II/l.2-4)	**TT** (p.176/l.11-13)	**So** (p.94/l.30-32)	**Po** (§323/l.9-11)
Q*u*ando tornou ẽn ssua memorya comcou[sic] | a olhar derredor de ssy e nõ uju a barca nẽ o | homẽ	E quamdo tornou em sua memorya começou a oulhar darrador de sy e nom vio a barca nem ho omẽm bom	et quant il fu uenus en sa memoire **ausi com il estoit deuant**. si commencha a regarder enuiron lui . mais il ne vit la neif ne celui a qui il ot parle	Et quant il eschapa de chest pensé et il fu repairiés en se memoire, **si com il estoit devant**, si commencha a regarder environ lui, mais il ne vit onques ne la nef chelui qui dedens estoit venus

(ii)

ST (f.2v/col.II/l.6-10)	**TT** (p.176/l.14-20)	**So** (p.94/l.32-35)	**Po** (§§323/l.14-324/l.1)
E maraujlhouse **q*ue* era aq*ue*l | q*ue* cõ ele ffalara** q*ue* muyto lhe dera grã | cõfforto. Mays tãto entẽdya bẽm q*ue* **nõ | podya sser sse nõ p*er* poder de De*us***. |	e maravilhou se **quem era aquele que tamt[o] com ele falara** que muito lhe dera gramde comforto mas tamto que emtemdia bem que **nam podia ser se nam por Deos**	et sesmerueilla mout **en son corage** ou il pooit estre deuenus car moult li auoit doune boin comfort. et de tant se connissoit il bien quil i estoit de par Dieu uenus **si en ot mout grant joie**	et mout se mervilloit **en son cuer qui chil pooit estre qui tant avoit a lui parlé**, car mout li avoit doné grant confort; et tant s'aperchevoit il bien — **si en avoit mout grant joie** — que li hom ne pooit estre se de par Dieu non a qui il avoit parlé, car, s'il fust contraires a la creanche Damedieu, ne il ne portast le signe de la sainte crois en sa compaignie ne il ne parlast si volentiers de Dieu ne de ses commandemens; et se il fust hom morteus, il ne s'en peüst pas estre si tost alés ke il ne l'eüst veü en aucune maniere ou entroï. Mout demora li rois longhement en chest pensé
	CAP[ITULO] LXIIJ: DE COMO HVMA DONA veio a el Rey Mordaym a pena domde estava e do que com ela pasou		
Mvyto esteue el rrey naq*ue*la pena	Muyto esteve el Rey em seu cudar	En ce que li rois pensoit a ceste cose	

Nos excertos (i) e (ii) desta secção relata-se o momento em que o rei Mordão retorna à realidade depois da experiência onírica com o "omẽ boo da naue" que lhe ensina a fé em Deus. De novo, ST/TT individualizam-se com a diferença de que, nestes casos, o afastamento dos testemunhos franceses se concretiza através do fenómeno de ausência. Desta forma, as orações "ausi com il estoit deuant", "si en ot mout grant joie" e a expressão nominal "en son courage" (So), com a variante "en son cuer" (Po) não conhecem paralelo directo em ST/TT. A ausência de correspondente directo da primeira oração em ST/TT poderia significar uma redução realizada no acto da tradução por esta não afectar, no fundo, o conteúdo da frase. Em contrapartida, apesar de, no excerto (ii), se verificar que a versão francesa em que se baseia a tradução galego-portuguesa continha os mesmos elementos que Po — "qui chil pooit estre qui tant avoit a lui parlé" correspondente de "q*ue* era aq*ue*l \| q*ue* cõ ele ffalara" —, ST/TT surpreende pela ausência de equivalente da expressão "en son courage"(So) / "en son cuer"(Po) e ainda

por uma *abbreviatio* na oração "nõ | podya sser sse nõ p*er* poder de De*us*" com o correspondente "quil i estoit de par Dieu uenus si en ot mout grant joie"(So) / "si en avoit mout grant joie que li hom ne pooit estre se de par Dieu" (Po).

Ora, tendo em conta que existem expressões com uma componente semântica similar ou idêntica à construção "en son cuer" nos parágrafos **1.1.1** (ii), (iv) e **3.2**, dos casos em discussão do segmento (ii) pode inferir-se um arquétipo francês a montante de ST/TT, por não conter um segmento e por abreviar outro, mais breve do que So. Ou seja, uma vez mais, sobressai a hipótese de a tradução galego-portuguesa representar uma versão intermédia entre So e Po.

4. Conclusão

Resumindo, a colação de ST/TT e dois testemunhos da obra *Estoire del Saint Graal* representando as versões breve e mista permite formular algumas hipóteses sobre os parâmetros que definem a fonte francesa que deu origem à tradução galego-portuguesa desta obra. A classificação dos casos em dois tipos (ausência e afinidade) revelou algumas manifestações da transformação do texto em relação ao seu arquétipo no processo de cópia/redacção. Dada a variável proximidade e/ou afastamento através de casos de ausência e afinidade de constituentes entre ST/TT e os testemunhos franceses colacionados, concluiu-se, em primeiro lugar, que nenhum destes serviu como modelo directo da tradução galego-portuguesa. Em segundo lugar, o cotejo dos testemunhos ilustrou, através dos casos de ausência e afinidade de constituentes, que estruturalmente a tradução peninsular se situa no ramo das versões breves. Mais exactamente, dos elementos equacionados depreende-se a posição intermédia entre So e Po do arquétipo francês que deu origem à tradução peninsular. Este perfil condiz com a posição que Fanni Bogdanow[196] atribuiu à versão peninsular da *Estoire del Saint Graal* testemunhada por TT, sendo este o único testemunho conhecido na altura e contemplado na sua análise. A investigadora apresenta duas hipóteses em relação a esta posição intermédia que a versão galego-portuguesa ocuparia. Em primeiro lugar, Fanni Bogdanow considera o facto de poder ser anterior à fase das diversificações das redacções francesas em longa e breve e, em segundo lugar, de poder ser posterior a este processo. A segunda hipótese da investigadora britânica é de certa forma contrariada pelos elementos históricos já referidos: tendo em conta a probabilidade de Afonso III ter

[196] Bogdanow, Fanni (1960a), "The relationship of the Portuguese *Josep Abarimatia* to the extant French MSS. of the *Estoire del Saint Graal*", *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76, pp. 343-375.

trazido o ciclo arturiano em meados do século XIII para Portugal, é provável que nesse momento não se tivesse ainda dado a bifurcação em versão breve e longa que daria, mais tarde, origem à versão mista[197]. Por outro lado, os dados fornecidos pela nossa análise da segunda parte, apontando para a antiguidade do material paleográfico, abonam a favor da ideia da maior probabilidade de o texto em português remontar a uma fase muito remota da tradição manuscrita desta obra. Na verdade, tanto o suporte material como o texto partilham as mesmas características arcaicas.

Não tendo material físico, nem textual em quantidade suficiente para generalizar estas hipóteses, confinamo-nos a avançá-las em relação às porções de texto conservadas e que temos vindo a analisar.

[197] Castro, Ivo (1983), *op. cit.*, pp. 83-98.

B. *Livro de Merlin*

Entre os romances do ciclo do Pseudo-Robert de Boron, a *Suite du Roman de Merlin* é o que tem menos expressão em testemunhos materiais no domínio francês. Até ao início do século passado, este romance era conhecido apenas pela versão conservada no manuscrito Huth (Add. 38117, Londres, British Library), datado do século XIV e editado por Gaston Paris e Jacob Ulrich em 1886[198]. Em 1913, H. Oskar Sommer[199] publica um fragmento do manuscrito BNF, fr. 112[200], datado de fins do século XV, que transmite também uma parte final da *Suite du Merlin*. Mais tarde, em 1945, a fortuna leva Eugène Vinaver a ler no manuscrito Add. 7071 da Universidade de Cambridge, datado do século XIV, uma versão mais completa e anterior, segundo o autor, à do ms. Huth da *Suite du Merlin*[201]. Sobre um outro testemunho incompleto da *Suite du Merlin* escreve, em 1957[202], Alexandre Micha. Trata-se de um testemunho composto por dois fólios do Arquivo Nacional de Siena que contêm um breve segmento narrativo do mesmo romance. O estudioso francês edita-o em 1957 e data-o, pela escrita documentada, dos finais do século XIII[203]. Como se pode constatar, além de representada em escassíssimos testemunhos materiais, a *Suite du Merlin*, não se transmite integralmente em nenhum destes testemunhos conservados. Um outro fragmento da *Suite du Merlin* foi identificado na Biblioteca Comunale de Imola por Monica Longobardi[204] em 1987 e o outro ainda em Bologna[205].

Este romance, tal como o primeiro do ciclo do Pseudo-Boron, a *Estória do Santo Graal*, deve ter conhecido também uma rápida recepção na segunda metade do século

---

[198] Paris, Gaston / Ulrich, Jacob (eds. 1886), *Merlin, roman en prose du XIIIe s. publié avec la mise en prose du poème de Robert de Boron d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred Huth*, Paris.

[199] Sommer, H. Oskar (ed. 1913), "Die Abenteuer Gawains, Ywains und Le Morholts mit den drei Jungfrauen aus der Trilogie (Demanda) des Pseudo-Robert de Boron die Fortsetzung des Huth-Merlin nach der allein bekannten HS. Nr. 112 der Pariser National Bibliothek Herausgegeben", *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*, 47.
Também disponível em http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24848j/f2.image.r=H+O+Sommer.langPT.

[200] "Ce manuscrit, le 112 du fonds français de la Bibliothèque Nationale à Paris, pourrait être décrit comme une somme de romans arthuriens en prose. Presque tous les principaux romans y sont représentés, soit par des fragments plus au moins longs, soit par des analyses". Cf. Pickford, Cedric Edward (1960), *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Âge d'après le manuscrit 112 du fond français de la Bibliothèque Nationale*, Paris, A. G. Nizet, p. 10.

[201] Vinaver, Eugène (1949), "La genèse de la *Suite du Merlin*", *Mélanges de Philologie romane et de Littérature médiévale offerts à Ernest Hoepffner*, Paris, p. 299.

[202] Micha, Alexandre (1957), "Fragment de la Suite-Huth du *Merlin*", *Romania*, 78, pp. 37-45.

[203] *Idem*, p. 37.

[204] Longobardi, Monica (1987), "Frammenti di codici in antico francese della Biblioteca Comunale di Imola", *Cultura Neolatina*, vol. 47, pp. 223-255.

[205] Longobardi, Monica (1992), "Nuovi frammenti della Post-Vulgata: la *Suite du Merlin*, la Continuazione della *Suite du Merlin*, la *Queste* e la *Mort Artu* (con l'intrusione del *Guiron*)", *Studi Mediolatini e Volgari*, vol. XXXVIII, pp. 118-155.

XIII no domínio ibérico tendo em conta a existência de um *Merlin* junto à *Estória* como podemos ler no último fólio do ms. 643 da Torre do Tombo na edição de Hare Henry Carter: "esta estorea era jumtada com a de Merlim na qual comemçamemto da Mesa Redomda e a naçemça de Artur e comemçamemto das avemturas mas por noso livro nom ser muy grãde repartimo-lo cada hũu em sua parte por que cada hũu por sy serão milhores de trazer"[206]. Nesta indicação redaccional, conserva-se a memória do tempo em que os textos circulavam ainda integrados no ciclo.

Quanto à tradição manuscrita peninsular deste romance a situação é semelhante à francesa no que concerne à escassez de testemunhos. A tradução em castelhano conserva-se em dois impressos, de 1498 (Burgos) e 1535 (Sevilha), intitulados *El Baladro del Sabio Merlín, con sus profecias*[207], mas trata-se já de versões alteradas comparativamente às francesas e galego-portuguesa; há ainda uma parte contida no manuscrito de Salamanca com a cota 1877[208]. A tradução em galego-português transmite-se num único testemunho. Este, por sua vez, apresenta um caso particular pela representatividade textual que nele se concentra. Sendo este o objecto de estudo nesta secção, centremo-nos nas questões que lhe são peculiares. Ora, a particularidade deste testemunho reside no facto de, apesar de ser constituído por apenas um bifólio e um meio fólio, como se descreveu nas primeiras duas partes desta dissertação, conter dois episódios que não se encontram juntos em nenhum manuscrito francês, como também confirma Amadeu-J. Soberanas, em 1979[209],

> *nous ne connaissons pas de manuscrit français qui insère, dans une narration complète, les aventures qui se trouvent séparées dans le ms. Huth de Londres, le ms. Add. 7071 de Cambridge et le ms. fr. 112 de Paris...*

nem nos impressos de Castela, como adiante teremos a oportunidade de observar. Tendo em vista esta singularidade textual, importa salientar quais são os textos que a matéria do testemunho galego-português contempla e em que forma. O panorama que apresentamos de seguida contribuirá também para constatar a relevância dos testemunhos seleccionados por nós para o confronto da respectiva matéria.

---

[206] Carter, Henry Hare (ed. 1967), *op. cit.*, p. 379.
[207] Bohigas Balaguer, P. (ed. 1957-1962), *El baladro del Sabio Merlín según el texto de la edición de Burgos de 1498*, Barcelona, Selecciones Bibliófilas, Segunda Serie, 3 vols.; Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *El baladro del Sabio Merlín, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6, (réédition de l'édition de Séville, 1535); Bishop, Tracy Van (ed. 2002), *A Parallel Edition of the Baladro del sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Spanish) at the University of Wisconsin-Madison.
[208] Cf. Pietsch, Karl (1924-1925), *op. cit.*; García de Lucas, César (1997), *op. cit*.
[209] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, pp. 177-178.

Posto isto, observa-se que as duas passagens narrativas — a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago e parte do episódio da *Roche aux Pucelles* —, que o testemunho galego-português transmite, são representadas da forma seguinte nos outros testemunhos da tradição manuscrita francesa e impressa castelhana:

— o fragmento de Siena (finais do século XIII) não contém os segmentos narrativos do testemunho galego-português;

— os fragmentos de Imola (ms. 135, Imola, Biblioteca Comunale, AA25 nº 9 (7)) e de Bologna[210] também não contemplam os segmentos narrativos do testemunho galego-português;

— o ms. Huth (Add. 38117, Londres, British Library, século XIV) contém o primeiro episódio (a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago);

— o ms. de Cambridge (Add. 7071, Cambridge University, século XIV) contém o primeiro episódio (a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago);

— o manuscrito BNF, fr. 112 (1470) contém o segundo episódio (parte da *Roche aux Pucelles*);

— os impressos em castelhano (1498, Burgos; 1535, Sevilha) contêm o primeiro episódio (a história de amor do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago).

— o fragmento de Salamanca 1877 não contempla estes episódios.

Nessa perspectiva, depreende-se com facilidade que o primeiro episódio contido no testemunho peninsular é comparável com apenas dois do espaço francês, a saber, o ms. Huth e o ms. de Cambridge. No que respeita ao segundo episódio, no espaço francês este conserva-se apenas no ms. BNF, fr. 112. Embora transmitam o primeiro episódio contido no testemunho peninsular e nos franceses referidos, os impressos castelhanos não serão contemplados na nossa análise comparativa, visto que transmitem de uma forma amplificada a matéria no seu todo e não se enquadram no mesmo arco cronológico dos restantes testemunhos.

Um outro aspecto importante sobre o qual a crítica se debruçou prende-se com as fases de redacção da *Suite du Merlin*. Tendo como objectivos desta análise a configuração da versão francesa que deu origem à tradução galego-portuguesa e o tipo de relação que se estabelece entre os testemunhos que representam episódios comuns,

[210] Longobardi, Monica (1987), *op. cit.*, Longobardi, Monica (1992), *op. cit*.

torna-se importante seguir as alegações da crítica no que à divisão em fases da redacção desta obra diz respeito.

Em 1960, partindo da comparação de quatro testemunhos da *Suite du Merlin*, a saber, o fragmento de Siena, o ms. Huth, o ms. de Cambridge e as versões castelhanas que transmitem parcialmente a *Suite du Merlin*, Fanni Bogdanow[211] propõe um *stemma codicum* da *Suite* que distingue três fases diferentes de redacção: a primeira é representada pelo fragmento de Siena; a segunda, pelo manuscrito 7071 (Cambridge University) e, finalmente, a terceira fase é representada pelo manuscrito Huth (38117, British Museum, Londres) e as versões impressas em castelhano (1498, Burgos; 1535, Sevilha).

Constata-se, desta forma, que estas divisões em fases de redacção da *Suite du Merlin* não contemplam a versão desta obra que se transmite no ms. BNF, fr. 112, divulgada por Oskar H. Sommer em 1913, como se referiu anteriormente. Esta exclusão deve-se provavelmente ao facto de estes testemunhos não representarem a mesma matéria. De qualquer forma, apesar de o manuscrito parisiense funcionar como uma colectânea da *Matière de Bretagne*, segundo o estudo que Cedric Edward Pickford[212] lhe dedica, e da forma amplificada como esta é tratada, o seu lugar na nossa análise torna-se imprescindível por ser o único a registar o segundo episódio do testemunho peninsular.

Contudo, o mérito do manuscrito BNF, fr. 112 não se limita unicamente ao carácter singular no âmbito da tradição textual francesa por contemplar o episódio das doze irmãs "adeviadores" (*Roche aux Pucelles*) com correspondência no domínio ibérico, segundo referimos acima, apenas na tradução galego-portuguesa.

Também em relação ao domínio peninsular, o testemunho estudado por Cedric E. Pickford deve ser valorizado porque relata apenas em conjunto com as *Demandas* portuguesa e castelhana dois episódios complementares nos enredos desenvolvidos. Referimo-nos ao episódio do crime do rei Marc contra o seu filho Meraugis que se encontra no manuscrito BNF, fr. 112 e na *Demanda* portuguesa e à biografia do Artur Pequeno que lemos apenas no manuscrito francês e, desta vez, nos dois testemunhos peninsulares[213].

[211] Bogdanow, Fanni (1960b), "Essai de classement des manuscrits de la *Suite du Merlin*", *Romania*, 81, pp. 188-198.
[212] Pickford, Cedric Edward (1960), *op. cit*.
[213] *Idem*, p. 198.

Da análise exaustiva de Cedric E. Pickford[214] descobrimos ainda sobre o texto transmitido pelo manuscrito parisiense que apresenta histórias complementares face aos primeiros testemunhos do romance arturiano da tradição francesa. Ou seja, onde em testemunhos franceses anteriores o tratamento diegético se limita não necessariamente a uma apresentação vaga dos factos, mas a um relato sem um aprofundamento temático, deixando ao leitor a capacidade de imaginar, lemos, no manuscrito BNF, fr. 112, as circunstâncias em que se desenvolvem várias aventuras, completando assim a história com vários pormenores: aspectos sobre a origem da Besta Ladrador ou da vida dos heróis (as circunstâncias da morte do rei Bandemagus) etc. Este facto pode também indicar-nos que a matéria do romance arturiano transmitida no ms. BNF, fr. 112 corresponde a outro nível de preparação e/ou de preferências do seu público, do seu redactor/copista e do seu patrocinador do que do dos primórdios da prosificação da matéria arturiana. No caso do manuscrito parisiense, temos razões de pensar que o projecto do redactor/copista Micheau Gonnot, cujo nome é revelado no cólofon[215], era de reunir o corpus da biblioteca arturiana num só testemunho, (cor)respondendo às exigências do seu mecenas que deveria ter sido ao mesmo tempo o seu público imediato. Pelo que se revela na monografia de Cedric E. Pickford, não é justo sermos modestos a seu respeito, dada também a sua arquitectura narrativa numa divisão em quatro livros de que se preservam três ao longo de 761 fólios, o que faz dele um manuscrito sem correspondente neste aspecto nas épocas anteriores[216]. Trata-se, assim, de um testemunho do século XV encomendado por Jacques d'Armagnac, duc de Nemours, um grande amante de romance cavalereisco, cuja assinatura se encontra do lado recto do último fólio do quarto livro[217].

Ao editar a *Suite du Roman de Merlin*, em 1996, Gilles Roussineau[218] reúne o histórico da tradição manuscrita que acima delineamos, decidindo três manuscritos de base da sua edição, a saber, o ms. Huth, o ms. de Cambridge e o ms. BNF, fr. 112. Comparando as partes comuns às redacções representadas na sua edição, Gilles Roussineau afirma com base em lições comuns que o ms. BNF, fr. 112 se aproxima do ms. Huth. Não obstante, o ms. BNF, fr. 112 não pode descender do ms. Huth por não apresentar os mesmos erros. Posto isto, o autor conclui que o ms. BNF, fr. 112 é um

[214] *Idem*, p. 197.
[215] Ms. BNF, fr. 112, IV, f. 233[a]. Cf. *Idem*, p. 19.
[216] Pickford, Cedric Edward (1960), *op. cit*., pp. 14-24.
[217] *Idem*, p. 16.
[218] Roussineau, Gilles (ed. 1996), *La Suite du Roman de Merlin*, Genève, Droz, 2 vols.

testemunho importante por não se afastar do ms. Huth. e por transmitir uma versão mais completa do que o ms. de Cambridge apesar de ser um testemunho tardio (século XV) e de apresentar uma grafia modernizada[219]. Tendo em consideração que nenhuma das redacções escolhidas para a edição crítica da *Suite du Merlin* representa integralmente a matéria e corraborando esta ideia com a referência às narrativas contidas no testemunho galego-português, o editor deduz a existência de uma versão francesa mais completa do que as contempladas na sua edição. E esta versão mais completa deveria ter dado origem ao testemunho peninsular[220]. Estas observações motivam assim a presente análise a fim de configurar o perfil desta fonte francesa.

Após o descobrimento do novo testemunho da *Suite du Merlin* no domínio galego-português, Amadeu-J. Soberanas[221], o responsável pelo achado e pela identificação correcta do texto, problematizando, em 1979, a relação entre os testemunhos franceses e os ibéricos avança a hipótese da maior proximidade entre a redacção do texto transmitido pelo manuscrito galego-português e a do manuscrito de Cambridge (Add. 7071, Cambridge University). Sobre as versões castelhanas, o autor espanhol afirma, com boas razões, que a forma amplificada destes textos se deve

> *soit au modèle français qui a servi de base, soit à la technique stylistique d'un remanieur. De toute façon, ces textes castillans n'ont pas les éléments essentiels que les deux français et le galaico-portugais introduisent, tels les noms des personnages Asen et Anasten. Mais le fil de la narration y est*[222].

Mesmo que Amadeu-J. Soberanas não realize uma colação da segunda passagem narrativa do testemunho peninsular por esta ser representada apenas no ms. BNF, fr. 112, um testemunho amplificado devido provavelmente ao trabalho do "scribe du duc de Nemours, le premier possesseur du manuscrit", segundo este autor, e por o testemunho peninsular seguir "un modèle plus réduit semblable à celui qui a servi dans la comparaison du premier fragment"[223], considerámos, todavia, que, além de ser o único a conter também o segundo episódio do testemunho peninsular, o ms. BNF, fr. 112, confrontado com o galego-português, evidencia casos de ausência de correspondente, amplificação de segmentos e divergência na construção narrativa que merecem ser objecto de estudo na presente análise.

---

[219] Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit.*, pp. LVII-LXI.
[220] *Idem*, p. LVI.
[221] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, p. 178.
[222] *Idem*, p. 185.
[223] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, p. 187.

Conforme dissemos atrás, para a análise comparativa do primeiro segmento narrativo do testemunho peninsular são considerados os dois testemunhos franceses, isto é, os manuscritos de Cambridge (Add. 7071, Cambridge University)[224] e Huth (Add. 38117, British Library, Londres)[225]. No caso da segunda narrativa do testemunho galego-português é considerado o manuscrito BNF, fr. 112[226].

A primeira narrativa corresponde aos parágrafos §§380/21-382/4 e a segunda narrativa corresponde os parágrafos §§493/9-496/83 da edição Roussineau.

A. Primeiro segmento narrativo

Vamos ocupar-nos de seguida das lições da primeira narrativa que separam o testemunho galego-português — que passamos a designar pela sigla LM — e o ms. Huth do manuscrito de Cambridge.

1. Afastamento entre LM[227]/o ms. Huth e o ms. de Cambridge

No breve segmento narrativo, destacam-se algumas situações que afastam LM e o ms. Huth do ms. de Cambridge. Em primeiro lugar, o ms. de Cambridge subordina ao vocábulo "chevalier" duas orações respeitantes à identificação da personagem "que hom apeloit Assen, moult preudome" e "qui rois estoit", enquanto nos restantes o termo regente é o "rey" / "roi" que subordina uma única oração contendo também o vocábulo "caualeyro" / "chevalier" com determinação adjectival ("muy bõo" / "boin chevalier"), omissa no ms. de Cambridge. Uma segunda situação refere-se a uma construção verbal mais amplificada do lado do ms. de Cambridge. Observa-se que no segmento (ii), o testemunho peninsular é de novo concordante com o ms. Huth, lendo-se duas formas verbais: "trouxeo mal" / "blasma" e "gastygalo" / "chastia" em oposição à tripla estrutura verbal do ms. de Cambridge "blama" "dit" e "chastia".

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.1-2)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.21-22)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)

[224] Será utilizada a transcrição da respectiva passagem narrativa do ms. Add. 7071, Cambridge University, do estudo de Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, pp. 179-180.
[225] A edição de referência utilizada é a da responsabilidade de Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit.*, vol. II, § 380/21-382/4.
[226] A edição de referência utilizada é a da responsabilidade de Roussineau, Gilles (ed. 1996), *op. cit.*, vol. II, § 493/9-496/83.
[227] Será utilizado o texto da edição paleográfica de Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.1-2)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.21-22)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
hũu Rey q*ue* chamava*n* Asen. muy bõo cạ home *e* **muy bõo cau*aley*ro**	**un roi que** on apieloit Assen, moult preudomme et **boin chevalier**	**un chevalier que** hom apeloit Assen, moult preudome, **qui rois** estoit

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.6-7)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.2-3)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
e*n* **trouxeo** mal en **gastygalo**	il l'en **blasma** moult et moult l'en **chastia**	il l'en **blama** moult **e dit** e l'**enchastia**

Além destes dois casos aduzidos também por Amadeu-J. Soberanas[228] ilustrando o afastamento entre os testemunhos peninsular e o de Cambridge, o autor menciona ainda uma terceira situação que, a nosso ver, não mostra na totalidade o afastamento entre os respectivos testemunhos.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.19-22)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.15-19)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
e vẽo logo aca, e adusse sigo de seus amjgos aqueles <...> que se mais fyaua. E **omẽes** q*ue* sabyam fazer **casas e camaras**. E fez fazer logo na pena nadyua. **a picões**, hũa **camara** muy **bõa** e mui **ffremosa** *e* muy be*n* **ffeyta**	Si vint maintenant cha et amena cheus de ses compaignons que il plus amoit et **cheus** qui de **chambre** faire et de **maisons** savoient auchune chose. Si fist maintenant faire dedens la roche naïve **a chisel chambre** et **sale belle**	Il vint maintenant la e amena od lui ceus de ces compaignons qu'il mieux amoit e **gent** qi de **maison** faire savoient. E de **masçons** si fist maintenant faire dedenz la roche naif une **chaumbre bele** e **cointe**

Em primeiro lugar, os vocábulos "omẽes" e "camara" com a tripla determinação adjectival "bõa" "ffremosa" e "b*en* ffeyta" indicam um grau elevado de aproximação entre a versão francesa que LM transmite em tradução e o ms. de Cambridge em que se lê "gent" e "chaumbre" com a dupla determinação "bele" e "coincte". Enquanto o ms. Huth, na primeira oração, identifica as personagens pelo demonstrativo "cheus" e na segunda oração refere dois tipos de construções: "chambre" e "sale", das quais apenas a última é descrita como "belle". Todavia, é importante salientar que as lições "casas e camaras" e "a picões" de LM são concordantes com "chambre [...] maisons" e "a

[228] Soberanas, Amadeu-J. (1979), *op. cit.*, p. 185.

chisel" lidas no ms. Huth. Por sua vez, o ms. de Cambridge regista, no primeiro caso, "maison [...] masçons" e no segundo caso é omisso. Conclui-se, por conseguinte, que a versão francesa que serviu como modelo ao tradutor de LM apresentava duas lições de acordo com o ms. Huth, "chambre [...] maisons" e "a chisel" alteradas ou omissas no ms. de Cambridge e outras duas de acordo com este último, "gent" e "chaumbre bele, coincte" contempladas em LM.

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.19)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/15-16)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
e vẽo logo **aca**	Si vint maintenant **cha**	Il vint maintenant **la**

(v)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.23-24)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §**381/l.22-23)**	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
e adusea **aca**	Il l'aporta **cha**	si l'aporta **la**

Os exemplos acima expostos afastam LM/ms. Huth do ms. de Cambridge por os primeiros apresentarem lexemas afins no plano léxico-semântico. Trata-se de duas ocorrências do advérbio de lugar "aca" de LM, correspondente directo de "cha" no ms. Huth opostos a "la" no ms. de Cambridge (iv, v).

2. Afastamento entre LM/ms. de Cambridge e o ms. Huth

Ao contrário do que observámos até agora, desta vez, deparamo-nos com casos que opõem LM e o ms. de Cambridge ao ms. Huth.

2.1 Ausência de segmentos nominal, pronominal e frásico do ms. Huth

Salienta-se um conjunto de passos que sustenta a hipótese avançada por Amadeu-J. Soberanas em 1979 quanto ao parentesco dos testemunhos de Cambridge e LM.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.2-3)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.22-23)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E auya hũu **ma*n*çebo** ffilho cau*aley*ro. muy bõo e muy prezado	et avoit un fil, moult preu et moult vaillant chevalier	et avoit un fiz, **joven** chevalier moult pruz et moult vaillant

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.9-10)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.6-7)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
Se te no*n* quitas dessa conpanha. eu matarey ty **/ou/ ẹela**	Se tu ne laisse briement sa compaignie, je te destruirai	Si tu ne lessasse sa compaignie, jeo te destruierai **od lui**

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.19)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.15-16)	Ms. Add. 7071, Cambridge Univ. (trans. Soberanas, pp. 179-180)
e vẽo logo aca, e adusse **sigo** de seus amjgos	Si vint maintenant cha et amena cheus de ses compaignons	Il vint maintenant la e amena **od lui** ceus de ces compaignons

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.10-11)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.7-8)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
Matarme podedes dissel. **mays** eu no*n* quitarey ende. ante a. amarey senp*re* me*n*tre eu uyuer	Et il dist: Je nel lairai ja ains l'amerai toute ma vie	**Pur tant**, fait il, // **me poez destruire**, **car** jeo ne lerrai ja, ainz l'ameroit tote ma vie

Observamos, deste modo, que o ms. Huth se encontra omisso nas lições "mançebo" / "joven" (i), "/ou/ ẹela" / "od lui" (ii), "sigo" / "od lui" e "Matarme podedes [...] mays" / "Pur tant [...] me poez destruire, car", comuns aos testemunhos de Cambridge e LM.

2.2 Afinidade lexical entre LM/ms. de Cambridge

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.8-9)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.5)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E q*uan*do **o padre** uyu q*ue* **no*n* leixaua** rre*n* por seu rrogo	Quant **li rois** vit qu'**il ne lairoit** riens pour sa priiere	Quant **li peres** vit q'**il n'en feroit** riens por sa prier

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.22-23)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.21-22)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.22-23)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.21-22)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
q*ue* adur o poderya **home** cre/er/ se a no*n* vuissen	qu'a painnes le porroit **on** croire se **on** ne la veoit	que a paines le porroit **home** croire si **home** ne le veoit

Os exemplos (i) e (ii) põem em relevo a proximidade entre LM e o ms. de Cambridge baseada em duas situações: no emprego do nome "o padre" correspondente de "li peres" e da forma "home" do ms. de Cambridge, enquanto no ms. Huth se mencionam "li rois" e "on". No primeiro caso, podemos falar numa afinidade léxico-semântica entre LM e o ms. de Cambridge no uso dos derivados do mesmo étimo *pătĕr*, *patris*. No que concerne ao segundo caso, trata-se da utilização do derivado do étimo *hŏmo*, *hominis* na mesma varainte gráfica em LM e no ms. de Cambridge: "home", enquanto no ms. Huth repare-se na forma "on". Do lado de LM, o derivado português na variante do indefinido "home"[229] pode dever-se à ocorrência, no antecedente francês, da mesma forma gráfica, lida também no ms. de Cambridge, e daí provavelemente a forma coincidente "home" nestes dois testemunhos, sendo também comum a grafia "ome" em português arcaico[230]. Em contrapartida, no passo (i), lê-se a forma verbal "no*n* leixaua" que, desta vez, se relaciona no plano da forma com a correspondente do ms. Huth, "il ne lairoit". Além disso, é interessante referir também a representação do indefinido "on" / "home" na função de sujeito tanto no testemunho peninsular como nos testemunhos franceses nas duas ocorrências acima destacadas, à excepção da segunda onde a expressão do sujeito, no caso do testemunho galego-português, é assumida pela terminação verbal "no*n* vissen". Ora, equacionando estes dados, deparamo-nos com o numidor comum que é o uso do indefinido "on" / "home", o que faz com que estes testemunhos sejam concordantes. Em contrapartida, no ponto em que estão representadas as formas verbais "lairoit" / "leixaua" no ms. Huth e em LM e "feroit" no ms. de Cambridge manifestou-se uma transformação do texto em relação ao seu arquétipo. Esta transformação pode ter surgida no antecedente do testemunho peninsular, concordante com o ms. Huth ou no do ms. de Cambridge. Em todo o caso, estamos, portanto, perante variantes linguísticas que indicam graus diferentes de aproximação entre os testemunhos colacionados.

[229] Cf. Dicionario de dicionarios do galego medieval: http://sli.uvigo.es/DDGM/ddd_pescuda.php?pescuda=home&tipo_busca=lema
[230] *Idem*.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.25-26)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.26)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
E sabede q*ue* qua*n*do morreron q*ue* morreron **anbos** e*n* húúm dya	Et fu voirs qu'il morurent **tout** en un jour	E fu voirs qu'il morurent **ambdui** en un jur

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.27-28)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.27-29)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
E ay*n*da oie os corpos son q*ue* non podreceron. nen podrecera*n* **en nossos tenpos** ca son Balsamados	Et encore i sont li cors, qui ne pourriront pas **a mon vivant** pour chou que embaussemé furent	e oncor i sunt li cors qui ne poriront pas **en noz vivanz**, pur ceo que enbapsmé furent

Outros dois casos evidenciam a afinidade léxico-semântica entre LM e o ms. de Cambridge através das lições "anbos"/"ambdui" (iii) e "en nossos tenpos"/"en noz vivanz" (iv) opostas a "tout" (iii) e "a mon vivant" (iv) no ms. de Huth. Depreende-se que a redacção francesa na base da tradução galego-portuguesa continha provavelmente os elementos "li peres", "il ne lairoit", "home", "ambdui", "en noz vivanz".

Concluída a colação dos casos do primeiro segmento narrativo, constata-se que a versão francesa que deu origem à tradução galego-portuguesa transmitida por LM se aproxima nesta porção de texto, de um modo geral, da redacção lida no ms. de Cambridge. Não deixa, porém, de ser importante assinalar que esta versão deve também ter incluido elementos contidos no ms. Huth (1.(i)-(v)).

B. Segundo segmento narrativo

Vamos ocupar-nos de seguida dos casos do segundo segmento narrativo. Como já dissemos, esta comparação incluirá apenas um testemunho do espaço francês, o ms. BNF, fr. 112. Tendo em vista que este testemunho apresenta uma narrativa mais amplificada, destacar-se-ão, nesta secção, casos de divergência na construção narrativa e de elaboração estilística que poderão contribuir para a configuração da versão de que descende a tradução galego-portuguesa[231].

[231] Os exemplos destacados nesta secção ilustram também situações de amplificação e ausência de equivalente que fazem objecto de estudo da quarta parte desta dissertação.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.153/l.35-37)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §493/l.16-19**)**
Do<...> Galuam onde auẽo este desamor antre uos *e* Maroth *e* **Galuam disse** No*n* sey mais no*n* a rrem q*ue* tanto dessame **como el**, E pore*n* no*n* q*ue*<...> q*ue* aia **antre nos** paz	"Monseigneur Gauvain, dont est ceste grant haine venue qui est entre vous et monseigneur le Morholt? –**Damoiselle**, **fait il**, ne sçay, mais il n'est riens que je tant hee **comme je fais luy**, ne jamais ne quier qu'il ait paix **entre moy et luy**

Detenhamo-nos sobre um primeiro caso que exemplifica uma representação divergente do discurso directo. Ou seja, em LM, a intervenção de Gauvain é reduzida à oração intercalada "Galuam disse" oposta a "Damoiselle, fait il" do texto francês. Das lições "como el", "antre nos" opostas a "comme je fais luy" e "entre moy et luy" decorre uma expressão mais sintética em LM que pode remeter assim para um arquétipo com esta característica, mas também indicar uma tendência de abreviar o texto através do acto de tradução. Situações semelhantes fazem objecto de estudo da quarta parte desta dissertação.

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.153/l.38-40)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §493/l.23-26**)**
Ento*n* osmo<...> q*ue* eram enca*n*tados. *e* disse Ora q*ue*ro <…> ca sobeio seerya gr<…> a sy mataren <…>	**Lors dist a soi mesmes: "Par foi, je cuid que ceulx sont enchantés**. Or le me convient savoir, car ce seroit trop grant dommage se ilz s'entreoccioient en tel maniere."

Um segundo caso põe em evidência a segmentação diferente do discurso directo em LM. Uma donzela vê dois cavaleiros a lutar e, pelas armas, reconhece nestes Gauvain e Maroth. Estranhando "o desamor" entre os dois, a donzela apercebe-se do encantamento que os poderia ter levado ao combate. No testemunho francês o inteiro raciocínio da donzela é apresentado em discurso directo, como se pode ler no exemplo acima destacado, enquanto em galego-português adopta-se uma segmentação. A referência ao encantamento transmite-se no discurso indirecto ("osmo<...> q*ue* eram enca*n*tados. *e* disse"), enquanto o testemunho parisiense apresenta: "Lors dist a soi mesmes: Par foi, je cuid que ceulx sont enchantés".

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.153/l.41-49)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.6-22**)**

E **Maroth disse** Amigo, q*ue* me dema*n*dade*s*	"Sire, **fait le Morholt**, que me demandés vous?
E uos a my*n* **disse Galuan, q*ue* me dema*n*dades**	–Et vous a moy, **beau sire**? **fait messier Gauvain**.
Par De*us* No*n* sey **disse Maroth**. Nen eu ffaço **disse Galuam**.	Par foy, je ne sçay. –Ne je autressi, **fait le Morholt**.
Poys por q*ue* nos conbatemos **assy disse Maroth**.	–Et pourquoy doncques nous sommez nous entrecombatus?
Par De*us* No*n* sey **disse Galuam**. **Sen ffalha** ffomos enca*n*tados. a poucas no*n* fomos mortos por máá ue*n*tuyra.	–Ne sçay, **fait il**, se Dieu m'aït. –Ha! Dieu, **fait messier Gauvain**, nous avons esté enchantés. A pou que nous ne nous sommez entreoccis par mesaventure.
Verdade. e **disse Maroth sen ffalha** foy enca*n*tame*n*to ca nos conbatemos sem rrazo*n*. Mais como uos sentides Aued*e*s chaga mortal	–Par mon chief, vous dictes voir, **fait le Morholt**. Enchantements a ce esté, car nous nous sommes entrecombatus sanz achoison. Et comment vous sentés vous? Avez vous nulle plaie mortelle?
No*n* **disse Galuam** be*n* cuydo. Mais se esta Batalha mays durasse matarades uos my*n* ou eu uos.	–Nenil, **fait il**, si comme je cuid, mais se ceste bataille eust plus duré, vous m'eussiés occis et je vous, **car nous avons ja assés perdu de sang. Et a vous, comment est il? – Il me feust moult mauvaisement esté se ceste bataille eust plus longuement duré, car j'estoie navré durement et si avoie ja assés perdu du sang.**
Se De*us* me aiude **disse a donz*e*la**	–Par mon chief, seigneurs, **fait la damoiselle**

Assinalámos neste segmento narrativo várias oposições na organização interna do estilo directo. Em primeiro lugar, chamámos a atenção para a sistemática indicação do sujeito emissor no texto oferecido pelo testemunho peninsular. O ms. BNF, fr. 112 não partilha a mesma estruturação. Relativamente a esta identificação do sujeito emissor, sublinhámos que em LM o emissor aparece constantemente referido pelo nome próprio ("Gauvain", "Maroth"), enquanto no manuscrito parisiense, se dá a alternância com a forma pronominal ("il"). Assim, note-se que nas linhas

> *-Par foy, je ne sçay.*
> *-Ne autressi, **fait Morholt**.*
> *-Et pourquoy doncques nous sommez nous entrecombatus?*
> *-Ne sçay, **fait il**, se Dieu m'aït.*
> *-Ha! Dieu, **fait messier Gauvain**, nous avons esté enchantés. A pou que nous ne nous sommez entreoccis par mesaventure*[232]

[232] Sublinhados nossos.

o testemunho francês carece de clareza no que diz respeito à atribuição das réplicas, enquanto em LM se oferece uma distinção clara do protagonismo de cada interlocutor. Cada réplica é devidamente marcada pelo seu emissor.

> *Par Deus*
> *Non sey* ***disse Maroth****.*
> *Nen eu ffaço* ***disse Galuam****.*
> *Poys, por que nos conbatemos assy* ***disse Maroth****.*
> *Par Deus Non sey* ***disse Galuam****. Sen ffalha ffomos encantados. a poucas non fomos mortos por máá uentuyra*[233]

A organização das réplicas dos interlocutores Gauvain e Maroth, mais clara no testemunho peninsular do que no ms. BNF, fr. 112, leva-nos a postular duas hipóteses: ou estas características pertencem à fonte da tradução galego-portuguesa, ou estes elementos de organização discursiva representam marcas do acto de tradução que farão objecto da derradeira parte desta dissertação.

É ainda assinalável neste trecho a reiteração da construção verbal "q*ue* me dema*n*dades" surgida na primeira intervenção de Gauvain, sem correspondente no testemunho francês. Existem, igualmente, outros elementos lexicais sem correspondente no testemunho parisiense, como, por exemplo, "poys", "assy", "sen ffalha", que podem remeter para uma fonte francesa diferente da transmitida pelo manuscrito BNF, fr. 112.

Por outro lado, o testemunho parisiense evidencia, também, leituras singulares, como se pode ler no extenso segmento em que se observa a repetição da mesma informação "car nous avons ja assés perdu de sang. Et a vous, comment est il? – Il me feust moult mauvaisement este se ceste bataille eust plus longuement duré, car j'estoie navré durement et si avoie ja assés perdu du sang", sem paralelo na tradução galego-portuguesa.

Por ora, da análise destes dados notamos, na tradução galego-portuguesa, um texto mais reduzido e, ao mesmo tempo, mais explícito na identificação dos protagonistas.

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.153/l.49-154/l.61)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.22-48)

[233] Sublinhados nossos.

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.153/l.49-154/l.61)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.22-48)
Se De*us* me aiude disse a donz*e*la, uos erades enca*n*tados *e* ouueradesuos a matar se De*us* me p*or* aq*u*i /non/ trouxesse.	–Par mon chief, seigneurs, fait la damoiselle, enchantés estiés vous voirement. A mourir vous convenist **sanz retour en ceste bataille** se Dieu ne m'eust ça amenee, **car vous estiés hors du sens**.
Ento*n* disse Maroth Donz*e*la, bẽeto seia que*n* uos enca*n*tamentoo	– Damoiselle, **font ilz**, benoicte soit **l'eure que vous venistes ça et benoit soit Dieux qui ceste part vous amena, car nous sommez de mort eschappez par vostre venue. Et** cil qui vous aprist enchantemens, benoit soit il, **car il nous a tant valu a cest afaire que nous ne le pourrions contrepeser**.
Ora <...> dizede disse ela sabedes que*n* uos encañtou	–Certes, fait elle, ce m'est bel, mes or me dictes: savés vous par cui vous avés ainsi esté enchantés?
Non disser*on* el*e*s Mays ta*n*to nos auẽo. Nos iazyamos folga*n*do *e* uẽo a nos hũa dona uelha E rrogounos q*ue* cada ũu de nos a ffilhassemos por e*n*tendedor. E nos lho teuemos por escarnho.	**–Nenil, font ilz, car nous ne cuidions mie estre haï, et de haine nous est ce venu, ce savons nous bien.** **– Certes, fait elle, vous dictes voir, et je vous diray dont ce vous vint. Une dame vint huy a vous, vieille par semblant. Elle requist chascun de vous que vous devenissiés ses amis, mes nul de vous ne s'i pot acorder.**
IV Como a donzela disse q*ue* a dona no*n* era uelha ante era muy fremosa.	
A Donzela disse Sabede **cau*alei*ros** que non era tal aq*ue*lla uos vistes. ant*e* e hũa das mais fremosas ~~donas~~[234] molher*es* **q*ue* a no mundo**. e **pore*n*** uolo teue a despeyto *e* ela sabe dencantame*n*to ta*n*to q*ue* he hũa **gra*n*** marauilha	Elle n'est mie telle comme vous la veistes, ains est, ce sachés, une des plus belles damoiseles **du monde**, si le tint a moult grant despit, et elle scet d'enchantemens tant que c'est une merveille.
E por este meteu antre uos heste desamor **onde uos ouuerades a matar**	**Si ne sçot comment elle se peust si bien venger fors ce qu'elle feist en aucune maniere que l'ung de vous .II. occeist l'autre**.
P*or* bõa fe disser*on* el*e*s. **ora ente*n*demos ca e uerdade**	Et lors mist elle **par son enchantement** entre vous **.II.** la grant haine **qui y estoit, car bien vous cuida faire entreoccire par ceste chose**. – Par foi, font ilz, **si eust elle fait, se Dieu ne vous eust amenee ça. Et vous prisons ore bien, que vous nous dictes voir, car de telle dame nous avint il tout ainsi comme vous avez devise**."

[234] Lição de acordo com o ms. BC, 2434 (f.122v/col.I/l.12), não contemplada na edição consultada.

Um quarto segmento evidencia articulações narrativas diferentes nos textos em comparação. Trata-se de leituras singulares, lições mais ou menos breves, atribuição divergente da intervenção dialogal. Em seguida, procederemos à observação das relações que se procuram reconstituir entre os dois testemunhos à luz das questões mencionadas. Desta forma, salientam-se, em primeiro lugar, as leituras singulares do texto em galego-português: "Ento*n*", "A Donzela disse", "caualeiros", "poren", "gran". Quanto à oração intercalada "A donzela disse", sem paralelo directo no testemunho parisiense, importa observar que, pela divisão do diálogo através da rubrica, a ocorrência da respectiva oração pode dever-se ao acto de tradução de que resultou a reestruturação do texto para dar continuidade às réplicas. Sobre os outros lexemas já não se pode inferir a mesma variação discursiva pelo afastamento textual em geral entre as versões comparadas. Por isso, resta ponderar aqui a hipótese de a versão francesa que gerou a tradução peninsular se afastar da lida no ms. BNF, fr. 112 nas lições apresentadas.

Até agora analisámos as **leituras singulares recorrentes no testemunho peninsular**. Continuemos a observar as lições singulares que dizem respeito à elaboração estilística do lado do testemunho BNF, fr. 112 destacadas no excerto (iv). Destaquem-se, desta forma, as construções: "sanz retour en ceste bataille", "car vous estiés hors du sens", "par son enchantement" ou os segmentos narrativos mais extensos: "l'eure que vous venistes ça et benoit soit Dieux qui ceste part vous amena, car nous sommez de mort eschappez par uostre venue", "car il nous a tant valu a cest afaire que nous ne le pourrions contrepeser", "Si ne sçot comment elle se peust si bien venger fors ce qu'elle feist en aucune maniere que l'ung de vous .II. occeist l'autre".

Duas construções frásicas evidenciam uma redacção mais breve em relação ao testemunho parisiense. Trata-se de "onde uos ouuerades a matar" e "ora ente*n*demos ca e uerdade" que se opõem aos segmentos: "qui y estoit, car bien vous cuida faire entreoccire par ceste chose" e "si eust elle fait, se Dieu ne vous eust amenee ça. Et vous prisons ore bien, que vous nous dictes voir, car de telle dame nous avint il tout ainsi comme vous avez devise". Estas leituras apontam uma vez mais para uma redacção francesa mais breve testemunhada por LM do que a conservada na versão BNF, fr. 112. Esta característica leva-nos a pensar que ou o arquétipo do ms. BNF, fr. 112 não contemplava as respectivas lições ou o responsável pelo "remaniement" optou por reduzi-las.

Uma outra categoria de situações diz respeito à atribuição divergente do protagonismo dialogal. Trata-se do sujeito emissor da intervenção "Donz*e*la, bẽeto seia que*n* uos enca*n*tamentoo!" que é Maroth em LM, enquanto no ms. BNF, fr. 112 é indicado o plural "ilz". Note-se, finalmente, o segmento narrativo que se prende com uma inversão na ordem das intervenções. Ou seja, em LM, os próprios cavaleiros relatam à donzela o encontro que tiveram com uma "dona uelha" e o estranho pedido de serviço de amor ("Non disser*on* el*e*s Mays ta*n*to nos auẽo. Nos iazyamos folga*n*do *e* uẽo a nos hũa dona uelha E rrogounos q*ue* cada ũu de nos a ffilhassemos por e*n*tendedor. E nos lho teuemos por escarnho"), enquanto no testemunho parisiense é a donzela que lhes conta a história ("Nenil, font ilz, car nous ne cuidions mie estre haï, et de haine nous est ce venu, ce savons nous bien. – Certes, fait elle, vous dictes voir, et je vous diray dont ce vous vint. Une dame huy a vous, vieille par semblant. Elle requist chascun de vous que vous devenissiés ses amis, mes nul de vous ne s'i pot acorder"). Além da inversão do protagonismo dos cavaleiros pela donzela no ms. BNF, fr. 112, o texto oferecido pelo manuscrito parisiense não contém qualquer referência ao repouso em que se encontravam os cavaleiros no momento em que foram abordados pela "dona uelha" ("iazyamos folgando") e adopta uma forma amplificada no tratamento do diálogo.

(v)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.154/l.62-63)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.49-50**)**
Ento*n* metero*n* sas espadas nas Bayas *e* **começaro*n*sse a sinar mais de Mil uezes**	Lors remectent leurs espees en sauf et **se seignent de la merveille qui leur est avenue**

Na continuação do segmento narrativo anterior, vem a unidade frásica do exemplo (v) tornar saliente uma divergência textual entre os dois testemunhos da *Suite du Merlin* comparados. A lição "começaro*n*sse a sinar mais de mil uezes" opõe-se no plano semântico à registada no testemunho parisiense "se seignent de la merveille qui leur est avenue". Este segmento frásico indicia uma vez mais que os testemunhos em apreço não transmitem o texto da mesma fase redaccional da *Suite du Merlin*.

(vi)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.154/l.64-155/l.71)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §§494/l.53-495/l.2**)**

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.154/l.64-155/l.71)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §§494/l.53-495/l.2**)**
sabedes hu poderyamos oie <…> **ensinadenolo**. Aqui <...>to <…> — disse ela — de mo*n*ges <…> uos rreçeber*an* be*n* **porq*ue*** <…> sod<...> <...>ros **andantes**. E e<…> uos ficarey ia <…> oie de ffa<...>er <…> **donz*e*la os g*u*iou a abadya.** Qva*n*do eles chegaro*n* a abadya e os ffrades uiro*n* os caual*ei*ros chagados fforo*n* contra el*e*s	Ha! damoiselle, savés vous ou nous puissons hui maiz herberger? –Certes, fait elle, bien vous en est avenue, car cy pres a une religion de blans moynes qui vous recevront moult volentiers, se vous y alés. Et je mesmes, se vous y voulés venire, yray la pour l'amour de vous et y demoreray anuyt pour vous faire compaignie." Et ilz la mercient moult de ce qu'elle leur offer. "Alés, font ilz, devant, et nous vous suivrons." Et celle le fait tout ainsi comme ilz luy requierent. Quant ilz sont a l'abaÿe venus et les freres voient les chevaliers navrés, ilz leur viennent a l'encontre

Apesar de, nesta secção, o suporte material da tradução galego-portuguesa se encontrar muito danificado, são ainda legíveis elementos lexicais substanciais ("ensinadenolo", "andantes") e partes de segmentos frásicos ("donzela os guiou a abadya") que não encontram correspondente directo no testemunho francês colacionado.

(vii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.155/l.74-77)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.1-4**)**
E hũu dya lhys <...>uẽo q*ue* **entraro*n*** en hũu chaao grande *e* fremoso e **en meogoo daq*ue*l chaao fora do camjo estaua** hũa pena. tan alta q*uan*to podya home os ohos este*n*der	Ung jour leur advent qu'ilz **vindrent** en une lande grant et belle et **virent ou milieu du chemin** une roche tant haulte comme vous peussiés aux yeulx regarder

Uma primeira observação sobre o passo destacado prende-se com os núcleos verbais que indicam provavelmente opções de tradução: em Galego-Português conjugam-se os verbos "entraro*n*" e "estaua", enquanto em Francês "vindrent" e "virent". Uma segunda observação diz respeito à lição "en meogoo daq*ue*l chaao fora do camjo" de LM que parece delimitar o espaço físico, em que se encontram presas as doze irmãs pelo encantamento de Merlin, de uma forma mais desenvolvida e diferente do que na mencionada no testemunho francês "ou milieu du chemin"[235]. Esta ampificação em relação ao texto francês pode dever-se ao arquétipo francês a montante da tradução

[235] Em LT teremos a oportunidade de observar, num contexto guerreiro, a indicação do espaço físico pela lição "fora da uilla". Um dado importante para a compreensão de modelos de expressão adoptados nos textos peninsulares, ou seja, expressões com existência prévia na lírica trovadoresca. Ver 1.1.1 Ausência por redução de forma nominal redundante, exemplos (iv), (iv)a). Cf. *Infra*, pp. 239-240.

peninsular. Este facto levar-nos-ia a ponderar a hipótese de estar igualmente perante a amplificação de um segmento resultante do acto de tradução a fim de conferir clareza ao (con)texto.

(viii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.156/l.107-157/l.109)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.57-59)
Ca sse no*n* ouuesse seno*n* huum pam en todo o mu*n*do. *e* ffosse çen. jornadas de lo*n*ge faryao el **p*or* sa sabedorya** uĩjr a ssy. en hũa ora	car **celle y est que tant scet d'anchantemens** que, s'il n'avoit que ung pain ou monde et il estoit .C. journees loing, si le feroit elle a soi venire en une heure de jour

O sintetismo do segmento "p*or* sa sabedorya" no final da frase não representa provavelmente uma interpretação do texto francês em que se lê "celle y est que tant scet d'anchantemens", mas será oriundo de um arquétipo francês com esta característica. Todos estes elementos indiciam, por conseguinte, que o texto francês que originou a tradução galego-portuguesa não partilha as mesmas características estilísticas do ms. BNF, fr. 112.

C. Conclusão

A análise que fizemos da matéria contemplada em LM e nos correspondentes franceses permite-nos formular algumas conclusões. Em primeiro lugar, sublinha-se, uma vez mais, que os dois episódios, lidos em conjunto unicamente no testemunho galego-português comprovam uma versão francesa da *Suite du Merlin* que nenhum dos testemunhos franceses ou castelhanos conservados retém. Localizando cada episódio em testemunhos diferentes da tradição manuscrita francesa, procurámos, com o confronto sistemático destes, configurar a versão francesa em que se baseou a tradução galego-portuguesa e indiciar o lugar desta no *stemma codicum*. No que respeita ao primeiro objectivo desta secção, do apuramento dos casos seleccionados do primeiro episódio constata-se que a versão francesa que deu origem à tradução galego-portuguesa transmitida por LM se aproxima, nesta porção de texto, de um modo geral, da redacção lida no ms. de Cambridge. Vale a pena ressaltar também que a respectiva versão deve também ter incluído elementos contidos no ms. Huth (1.(i)-(v)) e que divergem do ms. de Cambridge. Da comparação dos testemunhos que contemplam o segundo segmento narrativo, decorre que a tradução galego-portuguesa testemunha um arquétipo francês

distinto do lido no manuscrito parisiense por este se encontrar omisso nalguns passos e por apresentar uma divergente construção narrativa. Pelo exposto, ficou expressamente esclarecido que nenhum dos tetemunhos franceses colacionados transmite a versão em que se baseia a tradução galego-portuguesa. Os resultados obtidos da presente análise indicam, no que diz respeito ao lugar que o ascendente francês de LM ocuparia no *stemma codicum* da *Suite du Merlin*, uma afinidade maior com o ms. de Cambridge. Apesar de estes manuscritos serem diferentes, é possível dizer que têm características semelhantes e portanto terão o mesmo antecedente francês.

C. *Livro de Tristan*

Seguindo a obra pioneira de 1890 em matéria de análise manuscrita de um dos mais divulgados romances medievais, o *Roman de Tristan en prose*, de Eilhert Löseth[236], Emmanuèle Baumgartner[237] elabora em 1975 uma teoria ainda mais desenvolvida aduzindo factos valiosos no que à tradição manuscrita desta obra diz respeito[238]. Assumindo embora a existência de duas versões da obra medieval, uma curta e outra extensa, de acordo com as teses de Eilhert Löseth, Emmanuèle Baumgartner defende que ambas são tardias e identifica ainda mais de quatro redacções partindo das divergências entre os manuscritos que representam a versão extensa estabelecida pelo investigador norueguês. Esta autora conclui também que tanto a versão curta como a extensa têm uma ascendência comum.

Em 1963, já Renée L. Curtis[239], ao preparar uma edição crítica do *Roman de Tristan en prose* baseada no manuscrito 404 de Carpentras, examinara os manuscritos tristanianos conservados em várias bibliotecas do mundo. Renée L. Curtis acaba por considerar relevante classificar a tradição manuscrita da primeira parte de *Tristan* em

[236] Löseth, Eilhert (1890), *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise - analyse critique d'après les manuscrits de Paris*, Paris, E. Bouillon.
[237] Baumgartner, Emmanuèle (1975), *Le **Tristan en prose**: essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Librairie Droz.
[238] A teoria do autor norueguês sobre a divisão em versão curta e versão extensa do *Tristan en prose* fora já adoptada e alargada por Eugène Vinaver em Vinaver, Eugène (1979), "The Prose Tristan", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Roger Sherman Loomis, Oxford, Clarendon Press, pp. 339-347. Contudo, a argumentação deste autor sustentando a atribuição da autoria das respectivas versões a duas figuras — Luce de Gaut e Hélie de Boron — recorrentes no prólogo e no epílogo da obra medieval, será mais tarde debatida e matizada por Renée L. Curtis. Cf. Curtis, Renée L. (1958), "The Problems of the Authorship of the Prose Tristan", *Romania*, LXXIX, pp. 314-338; Introdução à edição Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985) *Le Roman de Tristan en prose*, vol. I, Cambridge, D.S. Brewer, pp. 11-12.
[239] Curtis, Renée L. (1963), "Les deux versions du Tristan en prose: Examen de la théorie de Löseth", *Romania*, 84, pp. 360-398.

seis famílias. Esta classificação baseia-se na comparação da parte inicial, resumida por Eilhert Löseth nos primeiros noventa e um capítulos da sua análise, os contemplados no ms. 404 Carpentras.

Um critério utilizado pela crítica na divisão da tradição manuscrita francesa do *Roman de Tristan en prose* diz respeito à interpolação de narrativas, como procedimento estilístico desenvolvido distintamente nas redacções desta obra. Renée L. Curtis[240] divide, nesta perspectiva, a tradição manuscrita tristaniana em quatro versões com base nas divergências da interpolação de dois significativos episódios. Trata-se das aventuras de Lamorat e de Brun, também designado como Brunor ou Brun le Noir, que não se registam na mesma ordem cronológica nos manuscritos conservados. Assume-se que a fonte das aventuras deste último cavaleiro, inseridas ulteriormente na prosa tristaniana, é um romance biográfico intitulado *Brunor* ou *Vallet a la Cote Mal Tailliee* de que sobreviveu um fólio com 144 versos do qual temos conhecimento através da breve notícia dos finais do século XIX de Paul Meyer e Gaston Paris[241]. Não é nosso propósito rastrear estes temas, mas relacionar esta estratégia ecdótica com um novo/outro testemunho que transmite parcialmente, em tradução galego-portuguesa, apenas três segmentos narrativos, dos quais dois se integram no episódio das aventuras de Brunor. Trata-se do manuscrito conservado no Arquivo Nacional de Madrid, de que se conserva apenas um bifólio[242]. Este testemunho — que passamos a designar pela sigla LT — contém, assim, uma primeira narrativa que relata a alegria da rainha Iseu devido às notícias de Glingain sobre Tristan, uma segunda, em que lemos o encontro entre Lancelot e dois cavaleiros e o confronto destes com Neroneus e uma terceira que contém o combate de Lancelot no Castelo Uter. As útlimas duas sequências narrativas fazem parte do episódio das aventuras de Brunor, designado, nesta porção de texto, como Cavaleiro da Saia Mal Tallada. Esta parte do nosso trabalho dedica-se ao estudo de colação desta matéria contemplada no testemunho galego-português e em cinco testemunhos franceses (ms. BNF, fr. 750[243]; ms. Viena, 2542[244]; ms. Carpentras 404[245];

---

[240] Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *Le Roman de Tristan en prose*, vol. III, Cambridge, D.S. Brewer, pp. XXI e ss.

[241] Meyer, Paul e Paris, Gaston (1897), "Fragment du *Vallet a la cote mal tailliee*", *Romania*, 26, pp. 276-280. A hipótese avançada nos estudos de Löseth, Eilhert (1890), *op. cit.* e Curtis, Renée L. (1988), "A Romance within a Romance: the place of the *Roman du Vallet a la Cote Maltailliee* in the *Prose Tristan*", *Studies in Medieval French Language presented to Brian Woledge in Honour of his 80th Birthday*, ed. Sally Burch North, Genève, Droz, pp. 17-35 sobre uma tradição autónoma do romance biográfico em verso protagonizada por Brunor le Noir confirmou-se com a descoberta do fragmento do romance em verso editado por Paul Meyer e Gaston Paris cuja datação permanece incerta.

[242] Ver a descrição codicológica na primeira parte desta dissertação.

[243] Foi também consultada a transcrição de Soriano Robles, Lourdes (2006), ***Livro de Tristan***. *Contribución al estudio de la filiación textual del fragmento gallego-portugués*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, pp. 74-84.

ms. BNF, fr. 756; ms. BNF, fr. 99), a fim de configurar a versão francesa que deu origem à tradução galego-portuguesa e delimitar o lugar que esta ocupará no *stemma codicum* do *Roman de Tristan en prose*. A particularidade deste testemunho reside na ordem cronológica em que se registam os respectivos episódios — princípio organizador da tradição manuscrita tristaniana, como teremos adiante a oportunidade de observar — e no facto de conter o episódio do Cavaleiro da Saia Mal Tallada dado que nem todos os manuscritos o registam e nem na mesma ordem cronológica. Torna-se, desta forma, mais uma peça reveladora no mecanismo de organização da tradição manuscrita tristaniana.

Segundo o mapa da tradição manuscrita do *Tristan en Prose* realizado por Emmanuèle Baumgartner[246] é possível localizar as aventuras do Cavaleiro da Saia Mal Tallada e da Donzela Maldisente em mais de vinte manuscritos franceses. Conforme a averiguação de Renée Curtis[247], a interpolação de episódios em que o protagonista é Brunor é específica de vinte e três testemunhos tristanianos enquadrados, como já dissemos, em seis famílias distintas. Renée Curtis exclui da lista elaborada por Emmanuèle Baumgartner dois manuscritos que, segundo a autora, não contêm, de facto, as aventuras deste cavaleiro (M, W)[248] e adiciona outros dois (Chantilly: 647 e Viena: 2540)[249]. Patricia Michon, no que diz respeito às versões francesas e sua relação com a tradição manuscrita peninsular, reduz o número de testemunhos a vinte e quatro[250]. Com

---

[244] A edição de referência utilizada é a da responsabilidade de Ménard, Philippe (ed. 1987), *Le Roman de Tristan en prose*: *Des aventures de Lancelot à la fin de la Folie de Tristan*, vol. I, Genève, Droz.

[245] A edição de referência utilizada é a da responsabilidade de Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *Le Roman de Tristan en prose*, vol. III, Cambridge, D.S. Brewer.

[246] Trata-se dos manuscritos: BNF: fr. 94, fr. 97, fr. 99, fr. 100, fr. 102, fr. 103, fr. 104, fr. 334, fr. 335, fr. 750, fr. 756; 758, n. a. 6579; Paris-Arsenal: 3357; Viena: 2537, 2539, 2542; Edimburgo: Ad. 19.1.3; Gand: 6; Carpentras: 404; Roma: 727, 1964; Chantilly: 645, 648; Genebra: 164, 189; Bruxelas: 9087; Aberystwyth: N. L. W. 446, 5667; Modena: E. 59 (a. T. 3. 11). Cf. Baumgartner, Emmanuèle (1975), *op. cit.*, pp. 18-21.

[247] Indicamos os manuscritos pelas siglas utilizadas por Renée L. Curtis: fam. *a*: Carpentras: 404 (C); fam. *b*: BNF, fr. 97, fr. 100, fr. 102; fam. *c*: BNF: 94, fr. 99, fr. 756, n.a. 6579 (N); Chantilly: 645-647 (Ch^1); fam. *d*: Viena: 2537 (V^1), 2539-2540 (V^2), 2542 (V^3); BNF: fr. 335; fam. *e*: BNF: fr. 104, 334; Chantilly: 648 (Ch^2); Roma: 727 (R^1), 1964 (R^2); Genebra: 164 (G^3); fam. *f*: BNF: fr. 750, fr. 12599 e dois manuscritos inquadráveis em família: Edimburgo: Ad. 19.1.3 (E) e Gand: 6 (G) (Cf. Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *Le Roman de Tristan en prose*, vol. III, Cambridge, D.S. Brewer, pp. XXI- XXII).

[248] Trata-se de dois manuscritos da família *a*: Modena: E. 59 (M) e Aberystwyth: N. L. W. 446 (W). Cf. Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *op. cit.*, pp. XXI e ss.

[249] Emmanuèle Baumgartner considera apenas os manuscritos 645 e 648 de Chantilly, enquanto Renée L. Curtis inclui mais dois manuscritos: **647** e **2540**. Ou seja, Renée Curtis inclui o manuscrito **647** designando-o pela sigla Ch^1 como parte do conjunto 645-647 da família *c* e o manuscrito **2540** pela sigla V^2 no conjunto 2539-2540 da família *d*.

[250] Trata-se dos manuscritos seguintes: BNF: fr. 335; fr. 750; fr. 104; fr. 756; fr. 102; fr. 97; fr. 100; fr. 99; fr. 94; fr. 334; fr. 103; Viena, Biblioteca Nacional: 2539; 2537; 2542; Edimburgo, National Library of Scotland: Ad. 19. 1. 3; Gand, Biblioteca da Universidade: 6; Carpentras, Biblioteca Municipal: 404; Roma, Biblioteca Vaticana: Reg. lat. 727; Pal. lat. 1964; Chantilly: 645, 648; Genebra, Biblioteca Pública e Universitária: fr. 189; Biblioteca Bodmer 164; Bruxelas, Biblioteca Royale: 9087 (Cf. Michon, Patricia (1991a), "Le *Tristan* en prose galaico-portugais", *Romania*, 112, p. 262, nota 9). Além destes

base nas características léxico-semânticas, a título de exemplo, o uso do verbo "traer" como correspondente do francês "avoir" no segmento "et avoient avecques eulx .II. escuiers"/"que tragiam senllos escudeyros", esta investigadora põe de parte a hipótese de os manuscritos de Viena 2537 e 2542 e o de Paris, BNF fr. 335 representarem possíveis modelos da tradução peninsular[251]. De facto, dos vinte e quatro manuscritos em que a autora identificou as passagens que correspondem à tradução galego-portuguesa, descarta ainda da lista dos possíveis modelos desta o grupo de manuscritos da Biblioteca Nacional de Viena (B = 2539, C = 2537, D = 2542), o manuscrito fr. 335 da BNF (A), o manuscrito Ad. 19.13 de Edimburgo (E), o manuscrito 727 da Biblioteca Vaticana de Roma (I) e o manuscrito de Gand (G[252]) concluindo que

> *Il nous semble donc, (...), qu'aucun de nos manuscrits n'ait réellement servi de modèle au remanieur ibérique. Il est certain qu'il s'est inspiré de très près d'un ouvrage qu'il avait probablement sous les yeux à tout instant. (...) Mais cet exemplaire de notre* ***Tristan en prose*** *n'existe plus*[253].

Partindo de um erro surgido no processo de cópia que consiste numa repetição, Patricia Michon conclui que o *Tristan* passou pelas fases de tradução, adaptação e de cópia desde os finais do século XIII na Península Ibérica. A autora baseia-se, assim, na repetição da unidade frásica seguinte "**aly soube** as nouas **dele** En out*r*o dia manãa q*u*ando q*u*is caualgar dissolle seu o<...>ede *et* rrogoo be*n* como rrogara **ao da Saya Mal Tallada *et* a Donzela Maldisente** *et* **aly soube el** nouas **deles** En out*r*o dia manãa q*u*ando q*u*is caualgar dissolle seu ospede *et* rrogoo be*n* **assy** como rrogara **o da Ssaya Mal Tallada**"[254].

Contudo, não deixa de ser relevante chamar a atenção para algumas diferenças observáveis entre o primeiro segmento frásico e a sua repetição e tentar compreender o que originou de facto esta repetição: um erro de tradução inicial que foi corrigido a seguir pelo próprio tradutor através da repetição integral do respectivo segmento que se transmite *ad litteram* na cópia que se conservou ou apenas um erro de um copista distraído pelo cansaço da sua tarefa, segundo considera a autora francesa. Ora,

---

manuscritos, no elenco de testemunhos estabelecido por Emmanuèle Baumgartner da segunda versão do *Tristan en prose*, esta matéria ainda se localiza nos seguintes manuscritos: Aberystwyth, N. L.W.: 446; 5667; Modena, Bibl. Estense E. 59 (a. T. 3. 11); Paris, Arsenal: 3357; BNF: fr. 758, n. a. 6579 (Cf. Baumgartner, Emmanuèle (1975), *op. cit.*, pp. 19-20).

[251] Michon, Patricia (1991a), *op. cit.*, p. 264.

[252] Reproduzimos as siglas adoptadas pela autora na sua tese de doutoramento: Michon, Patricia (1991b), *Aventures chevaleresques dans le Tristan en prose, pendant la folie de Tristan. Édition critique du texte (Paris, B. N., fr. 335, fol. 166 - 228 vo) d'après tous les manuscrits*, thèse de Doctorat d'État ès Lettres, Université de Paris-Sorbonne, p. 19 e em Michon, Patricia (1991a), *op. cit.*, pp. 259-268.

[253] Michon, Patricia (1991a), *op. cit.*, p. 266.

[254] Cf. ed. Lorenzo Gradín, Pilar/Souto Cabo, J. Aantónio (eds. 2001), ***Livro de Tristan e Livro de Merlin***. *Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia, p. 74/l.23-28. Sublinhado nosso.

equacionemos os elementos: em primeiro lugar, a ausência da forma pronominal "el" e o valór enfático do advérbio "assy" da primeira frase; em segundo lugar, a forma singular "dele" é contrariada pelo plural "deles" na frase repetida e, em terceiro lugar, ao complemento indirecto múltiplo da primeira frase "ao da Saya Mal Tallada *et* a Donzela Maldisente" opõe-se o simples "o da Ssaya Mal Tallada" na segunda frase repetida. O que podem significar estas variantes linguísticas? Ao comparar, portanto, este segmento frásico:

> **aly soube** as nouas **dele** En out*r*o dia manãa q*u*ando q*u*is caualgar dissolle seu o<...>ede *et* rrogoo be*n* como rrogara **ao da saya mal tallada *et* a donzela maldisente**
>
> *et* **aly soube el** nouas **deles** En out*r*o dia manãa q*u*ando q*u*is caualgar dissolle seu ospede *et* rrogoo be*n* **assy** como rrogara **o da ssaya mal tallada**[255],

onde se resumem ou se suprimem detalhes considerados adiáforos do original, com o que lemos no testemunho 2542, Viena (ed. Ménard):

> Laiens aprist **il** nouveles **de la Damoisele Mesdisant et de celui a la Cote Mautaillie**, car li preudom meïsmes li dist k'il avoient laiens dormi le soir devant. A l'endemain, auques matin, Lanselos se lieve et apareille. Et quant il se dut de laiens partir entre lui et ses esqueirs, tout autretel proiiere com li preudom avoit faite le jour devant **a celui a la Cote Mautaillie** pour son fil fist il a Lanselot[256]

observámos que os pontos débeis de equivalência da primeira tentativa são a ausência do "el" e a forma singular "dele" que serão corrigidos, numa imediata tentativa sucedida, por "el" e "deles", de acordo com a fonte francesa onde lemos: "il" e "de la Damoisele Mesdisant et de celui a la Cote Mautaillie". Ou seja, "el" equivale "il" e "deles" sintetiza de la Damoisele Mesdisant et de celui a la Cote Mautaillie".

Quanto ao registo do nome "a donzela maldisente" no segmento "ao da saya mal tallada *et* a donzela maldisente" da primeira frase, parece ser uma consequência da desatenção do copista deixando-se induzido pela mesma sequência de constituentes na passagem anterior:

> a<...> daq*ue*la noyte youuera **o da ssaya mal tallada *et* a donzela maldisente**.
> **aly soube** as nouas **dele** En out*r*o dia manãa q*u*ando q*u*is caualgar dissolle seu o<...>ede *et* rrogoo be*n* como rrogara **ao da saya mal tallada *et* a donzela maldisente**[257]

[255] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar/Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, 74/l.23-28. Sublinhado nosso.
[256] Cf. Ménard, Philippe (ed. 1987), *op. cit.*, vol. I, §1/l.14-21. Sublinhado nosso.
[257] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, 74/l.23-28. Sublinhado nosso.

e não pelo que leu no texto original devidamente traduzido, como já dissemos, por "deles", dada também a ordem diferente dos constituentes:

> Laiens aprist **il** nouveles **de la Damoisele Mesdisant et de celui a la Cote Mautaillie**

Ora, estes elementos indicam que não se repete meramente a mesma unidade sintáctica, mas se corrige algo que foi, na primeira tentativa, mal redigido. Os erros são tantos que leva o copista/redactor a recopiar integralmente o respectivo segmento.

No espaço hispânico, o testemunho galego-português já foi objecto de estudo em várias ocasiões. Depois da sua descoberta em 1928 por Manuel Serrano y Sanz[258], em 1962 realizou-se a identificação correcta do texto por José L. Pensado Tomé, e, foram, também, debatidas questões de datação do testemunho[259]. O trabalho de Luzdivina Cuesta Torre[260] deduz que se trata de uma tradução directa baseada num testemunho da versão extensa, sem ser possível identificar o antecedente do testemunho galego-português. Em 1998, Ivo Castro[261] conclui, com fundamentos linguísticos, que se trata de uma cópia da tradução original datada das últimas décadas do século XIV, baseada num testemunho francês da versão extensa. Outros importantes estudos dedicados às questões referentes à relação de filiação entre LT e a tradição manuscrita francesa pertencem a Santiago López Martínez-Morás e Gerardo Pérez Barcala[262]. Perante as divergências detectadas através do exame de três representantes franceses, 2542 Viena (A); BNF, fr. 335 (B) e 404 Carpentras (Z), os autores deduzem uma forte ligação entre estes e o testemunho da tradução peninsular. Quanto à ordem dos episódios que aparecem no testemunho galego-português, os autores consideram que não deveria constituir um argumento concludente no estabelecimento da relação deste com a tradição francesa, dada a possibilidade de ser o texto peninsular o responsável pela (re)disposição narrativa. Adiante veremos que esta argumentação não é sustentável.

Lourdes Soriano Robles afirma, também, que, apesar da divergência na ordem cronológica dos episódios de LT e do ms. 404 Carpentras, editado por Renée L. Curtis, estes são afins chamando ainda a atenção para outros três manuscritos que conservam

---

[258] Serrano y Sanz, Manuel (1928), "Fragmento de una versión galaico-portuguesa de *Lanzarote del Lago*", *Boletín de la Real Academia Española*, vol. 15, pp. 308-314.
[259] Ver parte primeira desta dissertação.
[260] Cuesta Torre, M. L. (1993), "Traducción o recreación: en torno a las versiones hispánicas del Tristán en prosa", *Livius*, 3, pp. 65-75.
[261] Castro, Ivo (1998), "O fragmento galego do *Livro de Tristan*", *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, I, D. Kremer ed., Vigo, pp. 135-149.
[262] Estudo incluído na edição Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, pp. 107-136; López Martínez-Morás, Santiago (1999), "Apuntes sobre o Livro de Tristán galego", *Cinguidos por unha arela común: homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, vol. II, Álvarez Rosario e Vilaverdra Rosario (eds.), Santiago de Compostela, Servicio de Publicaciones e Intercâmbio Cientifico, pp. 845-859.

as mesmas passagens narrativas[263]. Trata-se dos manuscritos BNF fr. 758 e n. a. 6579 e Arsenal, 3357. As nossas investigações sobre os três manuscritos parisienses indicados pela autora catalã conduziram a conclusões pouco seguras: o ms. BNF, fr. 758 conserva extremamente resumida a passagem do Cavaleiro da Saia Mal Tallada; o mesmo se verificou com o ms. 3357 da Biblioteca de Arsenal e, finalmente, quanto ao manuscrito n. a. 6579 da BNF, não o pudemos consultar por se encontrar em processo de restauro e sem possibilidade de outro suporte para consultá-lo. A autora catalã investiga num importante estudo de 2006[264] a filiação textual do testemunho galego-português e indica o número de quinze entre os testemunhos que retêm o episódio que LT transmite[265]. Assim, ao contrário do que concluíram os autores anteriores, tendo em vista que no manuscrito BNF, fr. 750 e em LT aparecem os episódios na mesma ordem cronológica, Lourdes Soriano Robles supõe que um manuscrito aparentado a este francês poderia ser a fonte do tradutor. O facto de um texto francês atestar uma característica textual também presente em LT, como a ordem idêntica da sequência narrativa, invalida, asssim, a hipótese avançada por Santiago López Martínez-Morás e Gerardo Pérez Barcala quanto à iniciativa do texto peninsular na organização diferente desta sequência e justificar-se-ia que este fenómeno fosse um critério na averiguação da filiação de LT na tradição manuscrita que manifesta a mesma característica.

Pilar Lorenzo Gradín e Eva María Díaz Martínez[266] concluem, com base num estudo de colação entre vários manuscritos de diferentes famílias, que o texto transmitido por LT não tem como fonte directa o manuscrito A[267] (Viena 2542) editado por Philippe Ménard, por este testemunho não conter alguns segmentos ("E un cavaleiro vello que estava ante as amêas, e que do começo vira a batalla e viu que Lançarot dava enton maiores golpes ca o non começou da primeira, disso aos que estavan en derredor" LT; "<Par Sainte Crois>, fait uns viex cevaliers, ki desus les cresniaus estoit et qui avoit des le conmencement mout ententivement regardee la bataille. Il dist a chiaus ki entour li estoient" A[268]) e apresentar um número elevado de lições singulares. Apesar da

[263] Soriano Robles, Lourdes (1999), "La edición del fragmento de la copia gallega del *Libro de Tristán*", *Actas del I Congresso de jóvenes filólogos. Edición e anotación de textos. A Coruña, 25-28 de septiembre de 1996*, ed. Carmen Parrilla *et alii*, A Coruña, Universidade da Coruña, Publicacións da Universidade, vol. II, p. 674.
[264] Soriano Robles, Lourdes (2006), ***Livro de Tristan***. *Contribución al estudio de la filiación textual del fragmento gallego-portugués*, Roma, Edizioni Nuova Cultura, p. 62.
[265] Edimburgo: Ad. 19.1.3 (E); Gand: 6 (G); Genebra: 189,164 (X); BNF: 94 (Q), 102 (V), 104 (H), 334 (F), 335-336 (B), 750 (I), 756 (N); Vaticano: 1964 (S), 727; Viena: 2537 (C), 2539-2540 (D). Cf. Soriano Robles, Lourdes (2006), *op. cit.*, pp. 48-49.
[266] Lorenzo Gradín, Pilar / Díaz Martínez, Eva (2004), "El fragmento gallego del *Livro de Tristán*. Nuevas aportaciones sobre la *collatio*", *Romania*, 122, p. 395.
[267] Utilizamos nesta apresentação introdutória as siglas adoptadas por Pilar Lorenzo Gradín.
[268] Lorenzo Gradín, Pilar / Díaz Martínez, Eva (2004), *op. cit.*, pp. 380-381.

existência de algumas coincidências, a hipótese de a versão peninsular se relacionar directamente com um outro manuscrito da família *d*, (de que também, faz parte A), o ms. B (= sigla de Patricia Michon, BNF fr. 335), editado por Patricia Michon, também foi descartada devido a algumas importantes divergências. Da colação entre as versões dos manuscritos das famílias *a* (Z = Carpentras 404), *b* (U = ms. fr. 100), *c* (Q = ms. fr. 94), *e* (F = ms. fr. 334; H = ms. fr. 104), *f* (I = fr. 750) e a versão peninsular, a autora conclui que este apresenta tendência para a omissão, o resumo ou a paráfrase de fragmentos. Quanto às lições singulares de LT representadas por simplificações sintácticas e semânticas, Pilar Lorenzo Gradín adianta duas hipóteses. Por um lado, pode tratar-se de variantes devidas ao processo de tradução ou, por outro, de lições transmitidas pelo testemunho utilizado como fonte da tradução. Casos de omissões e amplificações por *homoioteleuton*, considerados erros associados ao acto de cópia, são argumentos que levam Pilar Lorenzo Gradín a defender a existência de uma tradução peninsular perdida de LT, de que o fragmento estudado seria uma cópia. Sendo os manuscritos das famílias *b* (U), *c* (Q), *d* (B) e *e* (F), datados do século XIV, considerados independentes do texto intermediário peninsular e devido a algumas características linguísticas do fragmento conservado, a autora avança a segunda metade do século XIII como datação do suposto modelo peninsular[269].

Os estudos que se debruçaram sobre o problema da fonte francesa do testemunho galego-português e do lugar deste no *stemma codicum* do *Tristan en prose* incentivaram a elaboração deste trabalho pela diversidade/variedade dos resultados obtidos e a averiguação da medida em que o valor em si de tradução do texto transmitido pelo manuscrito de Madrid poderia explicar, de facto, as diferenças lexicais do género "traer" correspondente do francês "avoir" assinaladas por Patricia Michon.

De forma a atingir os nossos objectivos e tendo em consideração os critérios utilizados nas investigações anteriores no tocante à selecção dos testemunhos a comparar com a versão galego-portuguesa, considerámos importante o confronto entre LT e um representante de cada família de manuscritos que contemplam a respectiva matéria narrativa. Assim, com base nas divisões referidas, verificámos que os mais relevantes testemunhos da família *a*, o ms. 404 Carpentras e da família *d*, o ms. 2542 Viena, constituem a base das edições mais importantes até agora realizadas do *Roman de Tristan en prose*, pelo que a nossa tarefa se encontra de certo modo facilitada. Referimo-nos à edição de Renée L. Curtis e Philippe Ménard. Outros três testemunhos representando as famílias *c* e *f* fazem objecto de estudo da nossa comparação: mss.

[269] *Idem*, p. 396.

BNF, fr. 99, fr. 750 e fr. 756. Conforme averigua Renée L. Curtis, a terceira versão de manuscritos representada pelas famílias *b*, *c*, *d*, *e*, *E* e *G*, elaboram estilisticamente do mesmo modo a interpolação das aventuras dos cavaleiros Lamorat, Brunor e Tristan[270]. Posto isto, considerámos relevante incluir na nossa análise representantes de duas famílias (*c* e *d*) desta versão, ou seja, os mss. BNF, fr. 99, fr. 756 e o ms. 2542 Viena. Um outro critério em que se baseiam estas opções reside no enquadramento cronológico de cada manuscrito. Ou seja, o nosso objectivo é poder confrontar testemunhos franceses de períodos diferentes a fim de verificar em que medida se mantém fielmente ou não o texto num arco cronológico tão alargado e, desta forma, detectar as semelhanças e/ou as diferenças e equacioná-las e relacioná-las com o processo de cópia ou de tradução no que a LT diz respeito. Os manuscritos seleccionados são datados dos períodos seguintes: 1278: ms. BNF, fr. 750; aprox. 1300: ms. 2542, Viena (ed. Philippe Ménard); século XIII: ms. 404, Carpentras (ed. Renée L. Curtis); século XIV: ms. BNF, fr. 756 e 1463: ms. BNF, fr. 99. Assinalamos ainda que o texto contido em LT corresponde aos capítulos 91-93 da análise de Eilhert Löseth. Procedemos à análise dos casos.

O confronto sistemático do texto de LT com o correspondente nos testemunhos franceses revela divergências face às quais LT se relaciona de uma forma desigual. Trata-se de casos de ausência de segmentos verbais, divergências lexicais e sintácticas e elaboração estilística que dividem os manuscritos em grupos distintos.

1. Aproximação entre LT[271] e os mss. BNF, fr. 750 / 2542 Viena (ed. Philippe Ménard)[272]

A relação de proximidade entre LT e os dois testemunhos franceses realiza-se através de lições ausentes destes e de afinidade lexical.

1.1 Ausência de segmentos verbais e adverbial de LT/BNF, fr. 750/2542 Viena

Num primeiro momento, chamamos a atenção para um conjunto de casos de ausência de segmentos que leva à divisão dos manuscritos colacionados em dois grupos distintos, ou seja, LT agrupa-se com os manuscritos BNF, fr. 750, e 2542 Viena,

[270] Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *op.cit.*, pp. XXI-XXII.
[271] Será utilizado o texto da edição paleográfica de Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*
[272] Passamos a referir este manuscrito pela cota 2542 Viena.

discordando dos manuscritos 404 Carpentras (ed. Renée L. Curtis)[273], BNF, fr. 756 e fr. 99.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.35-36)	**ms. BNF, fr. 750** (f.128v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.33-34)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.27-29)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (f.144r/col.I)
assy como a amostrara ao da ssaya mal tallada	ensint com il l'avoit ensengnie au Chevalier a la Cote Malltaillie.	ensi com il l'avoit enseignie a celui a la Cote Mautaillie.	autressi com il avoit enseignié au chevalier a la Cote Mautailliee **le jor devant**	autressi come il avoit enseigne au Chevaleirs a la Cote Mautallie celui **deus jour devant**	ainsi come il avoit enseigne au Chevaliers a la Cote Maltaillee **le jour devant**

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.58-60)	**ms. BNF, fr. 750** (f.129r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §3/l.9-12)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.8-11)	**ms. BNF, fr. 756** (f.151v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)
ta*n*to me disede se vos pr*o*uguer sse o uistes em esta terra ca nos disso hũu caualle*ir*o no*n* ha aynda iiij^{o} dias que o viu y	itant me dites, s'il vos plaist: le veistes vos en cest pais? Un chevalier nos dist, n'a mie encore quatre iors, qu'il estoit en cest pais sanz faille	itant me dites, s'il vous plaist: l'avés vous encore veü en cest païs? Uns chevaliers nous dist, n'a mie encore .IIII. jours, k'il estoit en chest païs sans faille	itant nos dites, s'il vos plest, le veïstes vos en cest païs **puis que vos i venistes**? Uns chevaliers nos dist n'a encor mie quatre jorz qu'il estoit en cest païs sanz faille	itant me dites se il vous plest le veistes vous en cest pais **puis que vous venistes?** I chevaliers nous dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit en ceste pais sans faille	ytant me dictes s'il voz plaist le veistez voz en cest pais **puis que vous y venistes?** I chevaliers noz dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit en ce pais sans faille

(iii)

[273] Passamos a referir este testemunho pela cota 404 Carpentras.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.80/l.119)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.25)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.22-23)	**ms.BNF,fr. 756** (f.157r/col.II)	**ms.BNF,fr.99** (f.149r/col.II)
de Casa de Rey artur soo	De la maison dou roi Artus sui ge	De la maison le roi Artu sui je	De la meson le roi Artus sui je **voirement**	de la meson le roi Artus sui ge **voirement**	de la maison le Roy Artus sui je **voirement**

Nos excertos acima destacados, vê-se como LT se alinha ao grupo dos manuscritos BNF, fr. 750 e 2542 Viena na ausência do segmento temporal "le jor devant" (i), da estrutura verbal "puis que vous y venistes" (ii) e do elemento adverbial "voirement" (iii), que o grupo formado pelos manuscritos 404 Carpentras, BNF, fr. 756 e fr. 99 registam. O fenómeno de ausência comum a LT e dois testemunhos franceses destacados pode levar-nos a crer nesta fase de análise que a fonte de LT também não continha os respectivos elementos.

1.2 Afinidade lexical

Configura-se no conjunto dos casos seguintes uma afinidade maioritária na forma de identificar as personagens entre LT e dois dos testemunhos colacionados.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.83-84)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.17-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.14-16)	**ms.BNF,fr. 756** (f.152r/col.I)	**ms.BNF,fr.99** (f.144v/col.I)
e ferio dũa lança curta e grossa de tal golpe q*ue* derribou **o Caual*ei*ro** et o caualo *dessũu* sobre la ponte	et le fiert si durent en son venir d'un glaive cort et gros qu'il abat **le chevalier** et le cheval tot en l'un d'une part et l'autre d'autre	et le fiert en son venir si durement k'il abat **le cevalier** et le ceval desus le pont, l'un d'une part et l'autre d'autre	et le fiert en son venir d'un glaive cort et grox si durement qu'il abat **Kex** sor le pont et le cheval, l'un d'une part et l'autre d'autre	et le fiert en son venir d'un glaive cort et gros si durement qu'il abat **Kex li d'Estraux** que le cheval par dessus le pont l'un d'une part et l'autre d'autre	et le fier en son venir d'un glaive court et gros si durement qu'il abat **Kahedin d'Estraux** et le cheval dessus le pont l'un d'une part l'autre d'autre

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.51-52)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.38-39)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.31-32)	**ms.BNF,fr.756** (f.151v/col.I)	**ms.BNF,fr.99** (f.144r/col.II)
<...> disso **el** – uaamos dessũu ata q*ue* aue*n*tura nos <...>	Or chevauchom donc, fait **il**, ensamble, dusqu'a tant que aventure nos face departir	Or cevauchom dont, fait **il**, ensamble, tant que aventure nous face departir	Or chevauchons donc ensemble, fait **Lanceloz**, dusqu'a tant que aventure nos fera departir	Or chevauchons donc ensemble, fet **Lancelot**, jusques atant que aventure nous face departir	Or chevauchons dont ensemble, fait **Lancelot**, tant que aventure noz face departir

Os excertos (i) e (ii) ilustram a proximidade entre LT e o grupo formado pelos manuscritos BNF, fr. 750/2542 Viena na forma de referir a personagem pelo nome "o caual*ei*ro" / "le chevalier" (ii) e pelo pronome "el" / "il" (iii), ao passo que nos restantes se lêm os nomes próprios em variantes "Kex"(404 Carpentras) / "Kex li d'Estraux"(BNF, fr. 756) / "Kahedin d'Estraux"(BNF, fr. 99) (ii) e "Lanceloz" (iii).

A exemplificação da afinidade lexical entre o testemunho peninsular e dois manuscritos da tradição francesa, ou seja, BNF, fr. 750 e 2542 Viena, é um indício de a fonte francesa se aparentar com os referidos franceses nas respectivas porções de texto. Contudo, o confronto dos testemunhos revela outras situações que o opõem a este grupo de manuscritos, como veremos em seguida.

2. Aproximação entre LT e 404 Carpentras/BNF, fr. 756/BNF, fr. 99

2.1 Ausência de segmentos: *varia*

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.45-46)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.19-20)	**ms.BNF,fr. 756** (f.151v/col.I)	**ms.BNF,fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.23-24)
salvaro*n*sse ssenor disseron eles qu*en* sodes	Lors le saluent, et il lor rent le salu. "Sire, font il, qui estes vos?"	Lors le saluent et a lor rent lor salus. Sire, font il, qui estes vous?	Lors le saluent et il leur rent leur salus. Sire, font ils, que estes vous?	Donc le saluent et il lor rent lor saluz **molt bel et molt cortoisement .**Sire, font il, donc qui estes vos	si le saluent et il lour rent lour salu **mout bel et mout cortoisement .** "Sire, font il, qui estes vous?

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.104)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.1)	**ms. BNF, fr. 756** (f.157r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.I)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.1-2)
Depoys q*ue* Lançarot foy partido de **seus** conpaneyros	Quant Lanceloz se fu departiz de **ses** compaignons	Et quant Lancelot se fu departis de **ces** conpaignons	Quant Lancelot se fu partis de **ces** compagnons	Quant Lancelot se fit partiz de **ces deus** compaignons	Quant Lanselos se fu partis de **ses deus** compaingnons

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.176-177)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.26-28)	**ms. BNF, fr. 756** (f.158r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.14-16)
Et como e esso disse o senor do Castelo **Par de*u*s** disso el aly for*a* esta hũu caual*ei*ro andante	"Et coment est ce avenu?" dit li sires. "**En non Dieu**, sire, la hors est mentenant venuz uns chevaliers erranz	Et quant est ce avenu ce? dist li Sires. **En nom Dieu,** Sire, la hors, est venu maintenant .I. chevaliers errant	Comment est ce avenir, dit li sire **en nom Dieu**, Sire, la hors est maintenant venu I chevaliers errant	Et comment est ce avenu? fait li sires. Sire, la fors est orendroit venuz uns chevaliers erranz	– Et conment est ce avenu? fait li sires. – Sire, fait li cevaliers, la dehors est orendroit venus uns cevaliers errans

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.90-91)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.28-29)	**ms. BNF, fr. 756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.33-34)
et sse passar q*u*iserdes, eu no*n u*olo defendo	**Et** se vos des ores mes volez, passez! Je ne vos deveerai point le passaige	**Et** se vous des or mais voules passer, jel nel nous desveerai le pont ne le passage	**et** se vous des ores me voules passer je ne deveerai le passage	Se vos orendroit volez passer, ge ne vos deffent mie le passage	Se vous des ore mais volés passer, je ne vous deveerai mie le passage

Esta categoria de casos reúne LT e os mss 404 Carpentras/BNF, fr. 756/BNF, fr. 99 pelo fenómeno de ausência de segmentos em direcções diferentes. Detecta-se, deste

modo, nos primeiros dois excertos, a ausência de segmentos do lado de LT e dos mss 404 Carpentras/BNF, fr. 756/BNF, fr. 99 e, nos últimos dois, do lado do grupo BNF, fr. 750/2542 Viena. Ou seja, em (i) e (ii) sucede a ausência de qualquer correspondente dos elementos adverbiais "molt bel et molt cortoisement" e do numeral "deus" em LT/404 Carpentras/BNF, fr. 756/BNF, fr. 99 registados nos restantes e em (iii) e (iv) trata-se da ausência de correspondente da expressão idiomática com cariz religioso "Par deus" / "En non Dieu" e da conjunção coordenativa "*et*" / "Et" nos testemunhos BNF, fr. 750/2542 Viena. Estes factos levam-nos a crer que, provavelmente, a versão em que se baseia a tradução galego-portuguesa apresentava as mesmas características que revelam os testemunhos franceses afins com LT nestes passos.

Em seguida, referimo-nos a algumas situações em que se pode verificar a proximidade entre LT e o ms. BNF, fr. 750.

3. Aproximação entre LT e o ms. BNF, fr. 750

As passagens seleccionadas revelam em LT e no ms. BNF, fr. 750 um texto mais reduzido em relação ao oferecido pelos restantes testemunhos.

3.1 Ausência de segmentos adverbial e nominal

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.116)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.19-20)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.17-18)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.II)
Ento*n* esteue *et* fez catar seu Caualo se era be*n* guisado	Lors s'arreste et fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si escuier puissent amender	Lors s'areste **tout maintenant** et fait regarder a son ceval k'il n'i faille riens que si esquier puissent amender	Lors s'areste **tot mentenant** et fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si escuier i puissent amender	Lors s'arreste **tout maintenant** et fet regarder a son cheval qui ni faille riens que li escuiers puissent amander	Lors s'arreste **tout maintenant** et fait regarder a son cheval qu'il n'y faille riens que ly escuers puisse amender

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.144-145)	**ms. BNF, fr.750** (ff.135v/col.I-135v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §29/l.21-22)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §733/l.13-14)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.I)
Quando eles ujro*n* q*ue* assy lles escapara de todalas justas metero*n* mãos aas espadas	Quant il voient qu'il lor est ensint eschapez de ces jostes il motent les mains as espees	Quant il voient k'il lour est **en tel maniere** escapés de ces joustes, il metent **esranment** les mains as espees	Quant il voient qu'il lor est **en tel maniere** eschapez de ces jostes, il metent **tot mentenant** les mens aus espees	Quant il voient qu'il lor est **en telle maniere** eschapes de ces joustes, il metent **tout maintenant** les mains as espees	Et quant ilz voient qu'il leur est **en telle maniere** eschapez de cez joustes ils mectent **tout maintenant** lez mains aux espes

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.56-57)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §3/l.6-7)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.6)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)
Et conoçedes uos disser*on* eles **dom** Lançarote do lago	Et **monseignor** Lancelot dou Lac, font il, connoissiez le vo*s*	– Et Lanselot du Lac, font il, connissiés le vous?	"Et Lancelot dou Lac, font il, conoissiez vos?"	et Lancelot de Lac, font il, conoissies vous?	et cognoissez voz Lancelot?

Nos casos *supra* apresentados ilustram-se, por conseguinte, em primeiro lugar, ausências de correspondente dos sintagmas adverbiais "tout maintenant" (i) e "en telle maniere"/"esranment"/"tout maintenant" (ii) em LT e no ms. BNF, fr. 750 e, em segundo lugar, utilização do título honorífico na identificação das personagens "dom"/"monseignor" (iii) em LT/BNF, fr. 750 e a ausência desta nos restantes testemunhos colacionados.

Pelo exposto, constata-se que a versão francesa que deu origem à tradução peninsular do *Roman de Tristan en prose* deve ter apresentado lições mais reduzidas nalgumas porções de texto de acordo com a transmitida pelo ms. BNF, fr. 750, e, noutras mais amplificadas, dadas as fórmulas de tratamento social na identificação das personagens[274].

[274] Sobre a utilização das formas de tratamento nos textos traduzidos, ver a quarta parte desta dissertação.

4. Aproximação entre LT e 2542 Viena

Examinando os testemunhos tristanianos, foi ainda possível detectar um conjunto de exemplos que nos permite constatar que a versão que serviu como modelo à tradução galego-portuguesa se aparenta com a conservada no ms. 2542 Viena. Nesta secção, elencam-se situações de redução parcial, afinidade lexical e ausência de vocábulos.

4.1 Redução parcial de elemento nominal

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.90-91)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.33-35)	**ms. BNF, fr.750** [f.129v/col.I]	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.28-30)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)
et sse passar q*u*iserdes eu no*n* uolo defendo Ca ia no*n* podedes passar **sem v*er*gonça**	Se vous des ore mais volés passer, je ne vous deveerai mie le passage, car d'ore en avant ne le poés vous passer **sans honte**	Se vos orendroit volez passer, ge ne vos deffent mie le passage, quar ormais ne le poez vos passer **forz a honte et a vergongne**	Et se vos des ores mes volez, passez! Je ne vos deveerai point le passaige, car dorenavant ne le poez vos passer **fors a honte et a vergoigne**	Et se vous des or mais voules passer, jel nel nous desveerai le pont ne le passage car des ores en avant ne le poes passer **fors a hontes et a vergoigne**	et se vous des ores me voules passer je ne deveerai le passage car des ore en avant ne le povez vous passer **a honte et a vergognie**

O facto de LT concordar com o ms. 2542 Viena na lição nominal "sem v*er*gonça"/"sans honte" (i), oposta ao par sinonímico "forz a honte et a vergongne" dos restantes testemunhos, poderia indicar, num primeiro momento, uma redução ou uma afinidade léxico-semântica entre eles. Não obstante, o texto oferece outros dois contextos em que surge o vocábulo "honte" traduzido por "desonra" (ii), (iii). Estes factos levam-nos, assim, a reflectir sobre outras circunstâncias. No segmento assinalado acima, a opção de tradução "v*er*gonça" como equivalente do par sinonímico "honte" e "vergogne" poderia indicar, de facto, o mecanismo de redução de expressão redundante específico do processo de tradução. Neste aspecto, o texto revela a preferência do tradutor pelo derivado do étimo *vĕrēcŭndia*, *ae*. Tratar-se-ia, por conseguinte, de uma solução de tradução no que toca ao segmento de LT e um caso de redução relacionado com o processo de cópia em relação ao segmento do ms. 2542 Viena, sendo este o único do paradigma francês a notar apenas um constituente nominal. É interessante observar que o vocábulo "desonra",

como solução de tradução do francês "honte", não é inocente e pode dever-se a aspectos de ordem pragmática sobre os quais tornaremos a falar na quarta parte desta dissertação. Contudo, nesta fase de análise é necessário compreender o esquema textual do segmento (ii) que é o seguinte: Lancelot chega a um castelo e, segundo o ritual, deve combater os cavaleiros responsáveis pela guarda deste. Caso vença todos os cavaleiros, Lancelot deve combater com o senhor do castelo. Por conseguinte, trata-se do território do senhor do castelo que deve ser protegido. Ou seja, estamos perante as circunstâncias típicas da sociedade feudal: o senhor, a sua família, os seus domésticos e/ou os seus vassalos viviam num castelo cercado de muralhas ("assy q*ue* o muro todo do castelo sse começou a encher de doñas *et* de Do*n*zelas *et* dout*r*as gentes"[275]), erguido, habitualmente, em meio às suas terras, mas à mercê dos inimigos. As tendas instaladas "fora da uilla" onde os cavaleiros permaneciam prestando serviço de armas ao senhor, protegendo-lhe o domínio indiciam a insegurança territorial, mas também o poder do senhor. Ora, assegurar a protecção do domínio era uma questão de honra do senhor.

No passo (iii), trata-se do prestígio de outra componente da sociedade feudal, a cavalaria. Assim, assistimos à promessa que Lancelot faz ao anfitrião de não combater o seu filho, Neroneus, que guardava uma ponte, salvo este lhe causasse "desonra". Ora, o romance arturiano revela muitas maneiras de desonrar o cavaleiro: recusar combater, vencê-lo e mandá-lo à corte do rei Artur contar a derrota, reter o seu escudo e revelar a sua identidade. O segmento narrativo seleccionado vem, assim, exemplificar uma destas stiuações — sabêmo-lo pelo texto francês[276] — , pois Lancelot, tentando cumprir a promessa que tinha feito ao pai do cavaleiro da ponte de não o combater, evita a ponte e antes de passar pela água, entrega o seu escudo a um dos escudeiros e a sua espada a outro. Passará a ponte apenas o escudeiro incumbido de passar com a espada, mas ao responsabilizado pelo escudo ser-lhe-á proibida a passagem por Neroneus. Assim, Lancelot vê-se obrigado a voltar pela água, depois passar a ponte para recuperar o seu escudo através do combate de que o cavaleiro da ponte sairá derrubado.

Os contextos são, assim, elucidativos quanto ao uso da palavra "desonra" com uma carga pragmática forte por se relacionar com a honra da protecção do domínio senhorial ou com o prestígio do cavaleiro nos casos em apreço (ii), (iii), enquanto no caso (i) se trata da passagem da ponte, no fundo, de uma prova entre os cavaleiros e, assim, justifica-se dos pontos de vista semântico e pragmático a utilização do termo "vergonça".

[275] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 80/l. 123-124.
[276] Cf. Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *op. cit.*, § 715-721.

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.83/l.188-84/l.189)	**ms. BNF, fr.750** (f.136v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.45-48)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §737/l.2-4)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.II)
Et p*re*guntou hu estaua aq*ue*l cavale*i*ro q*ue* lle tal **desonra** fezera *et* disser*o*nlle q*ue* estaua fora da uila	il demande: Ou est li chevaliers qui ceste **honte** nos a faite? Sire, dient il, la defers devant la porte, encore n'est il entrez ceienz	il demande a ciaus ki entour lui estoient: "U est li cevaliers ki ceste **honte** nous a faite? – Sire, font il, il est la hors devant la porte, encore n'est il chaiens entrés."	il demande: "Ou est li chevaliers qui ceste **honte** nos a faite?" "Sire, font il, il est ça defors la porte; il n'est mie encores ceanz entrez."	il demande: Ou est il li chevaliers qui ceste **honte** nous a fete? Sire, font il, est dehors la porte, il n'est mie encore ceens entres	il demande ou est le chevaliers que ceste **honte** ly a faicte. Sire, font ilz, il est la hors de la porte du chastel et il se mist hors

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.74/l.28-29)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.16-18)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.21-22)
q*ue* em seu fillo no*n* meteria mão sse lle ant*e* non fezesse **desonrra** conoçuda	qu'il ne toucheroit a son fill, se il ne veoit qu'il feroit si apertement **honte** qu'il ne li peust laissier	qu'il ne toucheroit a son filz se il venoit elle bassier sa **honte** tot apertement	qu'il ne tocheroit a son fil s'il ne veoit ou lessier sa **honte** tot apertement	qu'il ne toucheroit a son filz s'il ne veoit au bisser sa **lance** tout apertement	k'il ne toucheroit a son fil, s'il ne veoit abaissier sa **lance** tout apertement

4.2 Afinidade lexical entre LT e 2542 Viena

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.146-148)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §29/l.26-30)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §733/l.18-20)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (ff.149v/col.I-149v/col.II)
Eles sse cometer*on* de muytas p*ar*tes muytatreuida me*n*te assy q*ue* be*n* **no cuydaro*n* a desbaratar** mays de guisa conoçia*n* os golpes	Il l'asaillent mout aigrement de toutes pars, et par ce **le quidoient il mener a desconfiture** avant que chis gieus departesist, mais il connoissent bien tout certainneme nt as caus k'il vont recevant de lui	Il l'assaillent molt aigrement de totes parz, et par ce **l'eussent il** bien **mis a desconfiture** avant que cest geu departist, mais il conoissent bien certainement as cox qu'il vont recevant de lui	Il l'asaillent mout aigrement, et par ce **l'eüssent il** bien **mené a desconfiture** avant que cil jeus departist, mes il conoissent bien aus cos qu'il vont recevant de li	Il assaillent moult asprement de totes pars et pour ce **l'eussent il** bien **mene a desconfiture** avant que le geu departist mes il conoissent bien aux cops qu'il vont recevant de lui	Ilz saillent moult aigrement de toutez pars et par ce **l'eussent i**l bien **mene a desconfiture** avant que cist ieux departist mais ilz cognoissent bien aux cops qu'il voit recevant de lui

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.158-159)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.12-14)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.10-12)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)
Et **un caval*ei*ro uello** q*ue* estaua ant*e* as amẽas *et* q*ue* do começo uira a batalla *et* viu q*ue* Lançarot	"Par Sainte Crois", **fait uns viex cevaliers**, ki desus les cretiaus estoit et qui avoit des le conmenceme nt mout ententiveme nt regardee la bataille.	Qui sus les creniaux estoit et avoit des le conmenceme nt molt ententivemen t regardee la bataille et veoit tot apertement que Lancelot	"Par sainte croiz!" fait **uns des chevaliers** qui sor les creniax estoit, et avoit toz jors des le comencemen t mout ententiveme nt regardé la bataille, et veoit tot apertement que Lanceloz	Par Sainte Crois, fet **I des chevaliers** qui sor les creneaus estoit tous jors del conmecemen t moult entenduieme nt regardee la bactalle et veoit tot apertement que Lancelot	Par Sainte Croix, fait **I chevalier** qui sur le creneaux estoit et avoit toujours des le comencemen t moult ententiveme nt regarde la bataille et veoit tout apertement que Lancelot

A semelhança entre a construção verbal "no cuidaron a desbaratar" lida em LT e o correspondente "le quidoient il mener a desconfiture" do ms. 2542 Viena (i) em oposição a "l'eussent il bien mis a desconfiture" do grupo 404 Carpentras, BNF, fr. 756, fr. 99, fr. 750, bem como entre a forma de designar a personagem com o adjectivo "un caualeiro vello"/"uns viex cevaliers" (ii) tornam verosímil a hipótese de aparentar a versão francesa que deu origem à tradução peninsular com a mantida no testemunho vienense. No caso (ii) é flagrante a discrepância entre LT e o ms. BNF, fr. 750 pela ausência de qualquer forma de identificar a personagem no último. Os restantes manuscritos registam uma lição reduzida "uns des chevaliers". Estas lições reduzidas ou simplificadas, se se considerar o grupo dos testemunhos 404 Carpentras / BNF, fr. 756 / fr. 99 / fr. 750 ou acrescentadas, se nos referirmos ao ms. 2542 Viena, podem significar características específicas do processo de cópia.

4.3 Ausência

Por fim, chamamos a atenção para um caso em que se exemplifica a ausência de conjunção coordenativa copulativa "et" no início da oração em LT e no ms. 2542 Viena. Os restantes testemunhos, com excepção do ms. BNF, fr. 99 que se encontra omisso nesta porção de texto, apresentam uma oração iniciada pela copulativa "et".

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.164)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.21-22)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.I)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.20)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**ms. BNF, fr. 99**
O custum*e* do castelo era posto sen falla em tal guisa	Chele coustume sans faille avoit esté en tel maniere establie	**Et** cele costume sanz faille avoit esté en tel maniere establie	**Et** cele costume sanz faille avoit esté en tel maniere establie	**Et** cele costume sans faille avoit en tele maniere estee estabiiee	—

O grau elevado de lições em comum, comparativamente com os outros testemunhos consultados, que aproximam LT do ms. 2542 Viena leva-nos a considerar uma versão francesa com as mesmas características do arquétipo do manuscrito vienense nas porções do texto apresentadas.

5. Conclusão

Em suma, o exame do texto de LT com o correspondente nos manuscritos franceses BNF, fr. 99, 750, 756; 404 Carpentras e 2542 Viena, permitiu-nos extrair alguns dados significativos de forma a configurar a fonte da tradução galego-portuguesa do *Roman de Tristan en prose*. Constatou-se, em primeiro lugar, que, de um modo geral, o texto comum comparado em tradução galego-portuguesa e em original francês se mantém sem variantes substanciais da narrativa apesar da distância temporal que os separa e do valor de cópia que os respectivos testemunhos representam. Em segundo lugar, segundo a classificação dos casos em ausência e afinidade léxico-semântica foi possível deduzir quatro tipos de relações que LT estabelece com os testemunhos franceses analisados. Ou seja, num primeiro momento, LT agrupa-se com os mss. BNF, fr, 750 e 2542 Viena através de casos de ausência de elementos em todos e afinidade léxico-semântica. Num segundo momento, LT aproxima-se do grupo de mss. 404 Carpentras, BNF, fr. 99, fr. 756 por meio de casos de ausência de unidades lexicais. Num terceiro momento, LT individualiza-se, de acordo apenas com o ms. BNF, fr. 750, através de ausência de elementos e, num quarto momento, é concordande apenas com o ms. 2542 Viena por registarem casos de afinidade e ausência de segmentos. As situações de afinidade, como já dissemos, são privilegiadas e influenciadas pela utilização dos derivados do mesmo étimo nos respectivos testemunhos. Os casos de ausência de vocábulos são consequências do acto de cópia dada a recorrência do mesmo em mais de um testemunho, incluindo o peninsular. Estas ausências poderão explicar-se, por conseguinte, ou pela redução dos respectivos testemunhos ou pela amplificação do lado dos restantes. Sendo todos testemunhos da versão extensa, estas duas hipóteses são justificáveis.

No que diz respeito à configuração da versão que deu origem à tradução galego-portuguesa desta obra, o confronto sistemático dos seis testemunhos permite-nos avançar algumas hipóteses. Em primeiro lugar, dada a variável proximidade entre LT e os testemunhos franceses colacionados concluiu-se que nenhum destes serviu como modelo directo da tradução galego-portuguesa e, dado o grau elevado de semelhanças entre BNF, fr. 750 e 2542 Viena com LT, é possível dispensar a hipótese de a fonte deste se relacionar com o(s) antepassado(s) dos restantes (404 Carpentras; BNF, fr. 99, fr. 756). Em segundo lugar, os exemplos de ausência registados nos parágrafos **1., 3., 4.** mostram que a base francesa de LT abrevia o texto na mesma medida que o representado nos mss. BNF, fr. 750 e 2542 Viena nas respectivas porções de texto. Estas situações não invalidam, por outro lado, que sejam os outros testemunhos a amplificar o

texto. Desta variável similitude entre LT e um ou outro testemunho francês pode decorrer que a versão francesa utilizada pelo tradutor peninsular se coloca num ramo mais remoto no *stemma codicum*. Quanto às alterações ou divergências relativamente aos dois testemunhos franceses, torna-se verosímil considerá-las como consequências do processo de cópia e não necessariamente da própria redacção fonte. Na realidade, como já verificámos, a colação evidencia vários factos e conduz-nos à ponderação de certas circunstâncias. No plano dos factos, há que ter em consideração as situações comuns a LT e ao ms. 2542 Viena, apesar de o texto editado por Philippe Ménard não acompanhar desde o início LT e os restantes testemunhos. Este testemunho francês não se encontra entre os quinze mencionados por Lourdes Soriano Robles. Os respectivos quinze testemunhos, já referidos, segundo a autora, são significativos para o confronto com LT por apresentarem as passagens correspondentes aos parágrafos 91-93 da análise de Eilhert Löseth, ou seja, a mesma sequência narrativa que se lê em LT[277]. Como explicar, todavia, a quantidade dos factos linguísticos relevantes que apontam para um denominador comum entre (a versão francesa utilizada por) LT e 2542 Viena nos respectivos excertos? É conveniente pôr a hipótese de qualquer alteração que 2542 Viena manifesta poder ser produzida no acto de cópia deste mesmo testemunho de onde resultaria que a sua fonte poderia manter-se próxima de LT. Também importa ponderar a hipótese de as alterações que 2542 Viena revela pertencerem ao seu antepassado e, assim, teríamos em 2542 Viena apenas uma reprodução deste. Este facto leva-nos, em consequência, a considerar as semelhanças entre LT e 2542 Viena como derivações de um antepassado ainda mais remoto. De tudo isto resulta que a fonte de LT parece situar-se bastante próximo do arquétipo francês que deu origem a esta redacção.

[277] Soriano Robles, Lourdes (2006), *op. cit.*, pp. 44-49.

Parte IV

Estudo de tradução

Esta parte do presente trabalho é dedicada, num primeiro momento, a uma incursão na história da teoria da tradução e, num segundo momento, a um estudo aplicado do processo de tradução dos três textos que vimos a analisar. Com a primeira secção não nos propomos realizar um estudo exaustivo da história da tradução nos aspectos teórico e prático, mas destacar alguns momentos na diacronia do fenómeno em discussão de maneira que sejam extraídos os princípios base da análise dos textos medievais que desenvolvemos na segunda parte.

1. Periodização da história da teoria da tradução – alguns aspectos

George Steiner[277] organiza em quatro períodos os trabalhos que se debruçam sobre o problema da tradução nos aspectos teórico, prático ou histórico. O primeiro período inicia-se com os clássicos *Libellus de optimo genere oratorum* (46 a. C.) de Cícero e a *Epistola ad Pisones* de Horácio, também designada por *Ars poetica*, escrita provavelmente entre 14-13 a. C.[278]. Esta primeira etapa, em que apenas se abordam, segundo aquele autor, os problemas de ordem técnica da tradução, termina com as contribuições do britânico Alexander Fraser Tytler (*Essay on the Principles of Translation*, 1792) e do alemão Friedrich Schleiermacher (*Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, 1813).

O segundo período caracteriza-se por uma orientação hermenêutica da teoria e da investigação da tradução. Integrar-se-iam nesta fase as contribuições teóricas de Goethe (1819), Mathew Arnold (1861-1862), Ezra Pound (1917, 1920), Walter Benjamin (1923), Benedetto Croce (1926), I. A. Richards (1932), Ortega y Gasset (1937), Paul Valéry (1944) e Valéry Larbaud (1946)[279].

---

[277] Steiner, George (1978), *Après Babel: une poétique du dire et de la traduction*. Traduit de l'anglais par Lucienne Lotringer, Paris, Albin Michel, pp. 224-226.

[278] Horácio (ed. 1965), *Arte poética*. Colecção Bilingue. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Livraria Clássica Editora, p. 25.

[279] Ver Goethe, J. W. v. (1819), "Uebersetzungen" in "Noten und Abhandlungen zu bessern Verständnis des west- östlichen Divans", *West-Östlicher Divan*, Stuttgart; Arnold, Mathew (ed. 1905), *On Translating Homer*, ed. W. H. D. Rouse, Londres; Pound, Ezra (ed. 1954), "Notes on Elizabethan Classicists", *Essays of Ezra Pound*, Londres; Pound, Ezra (ed. 1954), "Translators of Greek: Early Translators of Homer", *Essays of Ezra Pound*, Londres; Benjamin, Walter (1923), "Die Aufgabe des

As décadas de 40 e de 60 do século XX delimitam o terceiro período em que a abordagem teórica da tradução se realiza com base na teoria linguística e na estatística. A linguística estrutural e a teoria da informação são outras duas disciplinas que contribuem para novas perspectivas sobre o acto de tradução neste período e a partir das quais surge a prática da tradução automática nas décadas 50 e 60[280].

As contribuições que se inscrevem no quarto período da história da tradução, destacadas por George Steiner, são marcadas pela descoberta do ensaio de Walter Benjamin de 1923. Esta fase teórica, segundo George Steiner, mergulhando na orientação filosófica de Heidegger e Hans-Georg Gadamer, dá início às interrogações hermenêuticas, quase metafísicas sobre o fenómeno da tradução e da interpretação.

Tendo em mente a organização cronológica de George Steiner, é importante conhecer, como preâmbulo ao estudo aplicado que se segue, alguns aspectos fundamentais da história da tradução. Vários estudiosos consideram Marcus Tullius Cicero e Quintus Horatius Flaccus os precursores da reflexão teórica sobre a tradução. E é verdade que os autores de Roma se referem a esta prática nas obras atrás mencionadas. Apesar de não se debruçarem directamente sobre este problema, são colocados por uma maioria da crítica no papel adâmico de nomeação em matéria de teoria da tradução, pois das suas reflexões depreende-se a existência de duas formas de tradução praticadas na Antiguidade clássica. No que diz respeito aos comentários de Cícero inferem-se duas maneiras de traduzir: a do *orator* e a do *interpres*. A primeira forma privilegiada pelo autor na tradução dos discursos de Ésquines e Demóstenes supõe a preservação dos mesmos pensamentos, suas formas e figuras, com palavras adequadas à linguagem da capital latina, enquanto a segunda maneira, formulada com conotação negativa, admite a reprodução inclusive do mesmo número de palavras do original:

> *Converti enim ex Atticis duorum eloquentissimorum nobilissimas orationes inter seque contrarias, Aeschini et Demostheni, nec converti ut interpres, sed ut*

Uebersetzers", introduction à une traduction de Charles Baudelaire, *Tableaux parisiens*, Heidelberg; Croce, Benedetto (1926), *Estetica*, Bari; Richards, I. A. (1932), *Mencius on the Mind: Experiments in Multiple Definition,* Londres; Ortega y Gasset, José (ed.1947), "Miseria y Esplendor de la Traducción", *Obras completas*, Madrid; Valéry, Paul (1944), "Cantiques spirituels de Saint Jean de la Croix". Préface, *Variétés* V, Paris; Larbaud, Valery (1946), *Sous l'invocation de saint Jérôme,* Paris. A lista destas obras foi extraída de Steiner, George (1978), *op. cit.*, pp. 440-453.

[280] George Steiner destaca dois trabalhos principais que expõem estas novas orientações: Brower, Reuben A. (ed. 1959), *On Translation*, Harvard University Press e Arrowsmith, William / Shattuck, Roger (eds. 1961), *The Craft and Context of Translation: A Critical Symposium*, University os Texas Press. A lista foi extraída de Steiner, George (1978), *op. cit.*, p. 225.

> *orator, sententiis isdem et earum formis atque figuris, verbis ad nostram consuetudinem aptis. In quibus non verbum pro verbo necesse habui reddere, sed genus omne verborum vimque servavi: non enim ea me adnumerare lectori putavi oportere sed tamquam appendere*[281].

Também Horácio chama a atenção para a forma de tradução *uerbo uerbum* no contexto da sua obra, em que o ensinamento sobre a criação poética representa o objectivo principal, utilizando o *interpres* como um elemento de comparação negativa.

> *Publica materies priuati iuris erit, si*
> *non circa uilem patulumque moraberis orbem,*
> *nec uerbo uerbum curabis reddere fidus*
> *interpres nec desilies imitator in artum,*
> *unde pedem proferre pudor uetet aut operis lex*[282].

Os defensores da tradução livre e da tradução literal fundamentaram, segundo Mauri Furlan, de uma forma errónea as suas posições teóricas baseadas nos versos de Horácio por não ter tomado em conta o seu contexto histórico-cultural[283]. Vários estudos[284] mostram igualmente a importância deste contexto na compreensão das observações teóricas destes autores e das circunstâncias em que os mesmos recorrem à comparação com qualquer prática de traduzir. De facto, como delineia Rita Copeland, a tradução na cultura romana assume a forma de comentário quando é praticada como um exercício no âmbito da gramática, e de imitação quando é um exercício no âmbito da retórica[285]. As duas formas de tradução reflectem pois a diferença entre duas disciplinas que se estudam na Roma antiga: a gramática e a retórica. Assim, segundo a autora americana, a reflexão de Cícero sobre a tradução, num tratado sobre a *eloquentia*, em que se entende a tradução como forma de *imitatio*, não pretende ser "defining the practice of translation itself, but rather as a way of defining the status of rhetoric in relation to grammar"[286].

Seja como for, assim, que em Roma, o método *ad verbum* é sinónimo da

[281] Ciceronis, M. Tulli (ed.1889), *Libellus De Optime Genere Oratorum*, Edmundus Hedicke Recensuit, Soraviae Lusatorum Impressit J. D. Rauert, V/14-15.
[282] Horácio (ed. 1965), *op. cit.*, pp. 74-76.
[283] Furlan, Mauri (2003), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos", *Cadernos de Tradução nº VIII*, Florianópolis, PGET, pp. 11-28.
[284] Cf. Rener, Frederick M. (1989), *Interpretatio – language and translation from Cicero to Tytler*, Amsterdam-Atlanta, Rodopi; Copeland, Rita (1991), *Rhetoric, hermeneutics and translation in the Middle Ages. Academic translations and vernacular texts*, Cambridge, Cambridge University Press; García Yebra, Valentín (1994), *Traducción: historia y teoría*, Madrid, Editorial Gredos.
[285] Copeland, Rita (1991), *Rhetoric, hermeneutics and translation in the Middle Ages. Academic translations and vernacular texts*, Cambridge, Cambridge University Press, p. 10.
[286] *Idem*, p. 9.

literalidade que carece de valor artístico e literário, enquanto *ad sensum* é um método literário, criativo.

Um dos argumentos que podem ser aduzidos no sentido da prioridade na teorização dos autores de Roma é a própria autoridade que lhes é reconhecida em matéria de tradução por São Jerónimo na sua epístola *Ad Pammachium de optimo genere interpretandi* (ca. 395) quando o autor, ao fundamentar a sua maneira de *interpretatione Graecorum*[287] oposta à das *scripturis sanctis*, recorre aos comentários de Cícero e Horácio das obras acima referidas. Deixemos a palavra ao autor da epístola sobre a melhor maneira de traduzir:

> *Yo tengo en esta parte por maestro a Tulio, que trasladó el* ***Protágonas*** *de Pláton y el* ***Económico*** *de Jenofonte y las oraciones, bellísimas, de Esquines y Demóstenes, que dijeron uno contra otro. No es de este momento decir por menudo cuántas cosas pasara por alto, cuántas añadiera, cuántas cambiara, a fin de explicar las propriedades de una lengua por las propriedades de la otra. Bástame la autoridad misma del traductor, que en el prólogo de la mismas oraciones dijo así: <Pensé haber emprendido un trabajo útil para los estudiosos, aunque a la verdad no necessario para mí mismo, como fue verter dos notabilísimas oraciones de los dos más elocuentes oradores entre los atenienses, Esquines y Demóstenes, que contendieron entre sí. Pero no las vertí como intérprete, sino como orador, con las mismas ideas, con sus formas y figuras, pero con palabras acomodadas a nuestro uso. No me pareció menester trasladar palabra por palabra, sino conservar la propriedad y fuerza de todas las palabras [...]>.*
> *El mismo Horacio, varón ingenioso y docto, da en su* ***Arte poética****, ese mismo precepto al intérprete inteligente: <No trates de verter, escrupuloso | intérprete, palabra por palabra>*[288].

A posição crítica de São Jerónimo é diferente da dos anteriores por duas razões principais. Em primeiro lugar, São Jerónimo destina, pela primeira vez, a forma de tradução *ad verbum* às traduções de textos sagrados. As duas formas de tradução sugeridas pelos comentários de Cícero e Horácio não se distinguem em função do texto, mas dos objectivos do exercício praticado. Na sua epístola dirigida a Pamáquio, São Jerónimo destaca duas ideias fundamentais que separam a história da tradução em dois momentos teóricos importantes. Em primeiro lugar, na sua epístola introduz um novo dado teórico distinguindo a tradução de textos sagrados da de textos profanos e, em segundo lugar, a cada tipo de texto a traduzir corresponde um método de tradução. Ou seja, o método utilizado na tradução das *scripturis sanctis* é *ad verbum*, enquanto no

[287] *Cartas de San Jerónimo* (ed. 1962), Edición bilingüe. Introdución, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno, Madrid, Editorial Catolica, I vol., 5/pp. 490-491.
[288] *Ibidem*.

caso da *interpretatione Graecorum* é *ad sensum*. Com a distinção que São Jerónimo faz no que à natureza do texto a traduzir diz respeito, a conotação negativa que o método *ad verbum* adquirira em Roma[289] desaparece. Esta argumentação decorre da natureza sagrada dos textos a traduzir onde até na ordem das palavras existe:

> *Porque yo no solamente confieso, sino que proclamo en alta voz que, aparte las sagradas Escrituras, en que aun el orden de las palabras encierra misterio, en la traducción de los griegos no expreso palabra de palabra, sino sentido de sentido*[290].

Valentín García Yebra problematiza em várias ocasiões[291] a interpretação que se fez ao longo dos séculos dos comentários relacionados com a tradução nas obras referidas acima de Cícero e Horácio e, implicitamente, a prioridade destes autores no tocante ao problema da teoria da tradução. O estudioso espanhol classifica este postulado crítico, com destaque para a interpretação das linhas de Horácio[292], como um "curioso error en la historia de la traducción" gerado por São Jerónimo e propagado posteriormente em vários estudos sobre o mesmo tema. Apesar de São Jerónimo ter referenciado Cícero e Horácio como autoridades em matéria de tradução, Valentín García Yebra invalida esta posição considerando que Cícero "no fue auténtico traductor, sino refundidor o adaptador, y nunca pensó en dar normas a los traductores; se limitó a explicar cómo procedia él al poner en latín las ideas de los griegos"[293] e, quanto a Horácio, considera que este autor "no da consejos a traductores, sino a jóvenes poetas"[294].

O investigador espanhol atribui o papel de fundador/iniciador da teoria da tradução ao autor da LVII epístola *Ad Pammachium de optimo genere interpretandi* por esta conter "el primero conjunto de enseñanzas escrito en el mundo ocidental sobre como deve proceder un traductor" e concluindo, desta forma, que "nadie podrá negarle el mérito de la prioridad temporal. Su autor ocupará siempre un puesto de honor entre

[289] Furlan, Mauri (2005), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Idade Média", *Cadernos de Tradução nº XII*, Florianópolis, PGET, p. 9.
[290] *Cartas de San Jeronimo* (ed. 1962), 5/p. 490.
[291] García Yebra, Valentín (1979-1980), "Cicerón y Horacio preceptistas de la traducción?", *Cuadernos de Filologia Clásica*, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, vol. XVI, pp. 139-154; García Yebra, Valentín (1994), *Traducción: historia y teoría*, Madrid, Editorial Gredos, pp. 48-64.
[292] García Yebra, Valentín (1994), *op. cit.*, p. 51.
[293] *Idem*, p. 51.
[294] *Idem*, p. 55.

los traductores y entre los teóricos de la traducción"[295].

Em conclusão, de acordo com Valentín García Yebra[296] e Mauri Furlan[297], os comentários dos autores de Roma representam apenas testemunhos que dão a entender indirectamente que a tradução se praticava, *ad uerbum* e *ad sensum* na sua época. A primeira, assim como vimos em cima, segundo Rita Copeland[298], concretizando-se sob forma de comentário, representava um exercício da disciplina da gramática e a segunda, realizando-se sob forma de imitação, integrava-se na disciplina da retórica. Por outro lado, em São Jerónimo, situamo-nos perante a distinção clara sobre a natureza do texto a traduzir (sagrado/profano) e a explicitação argumentada quanto a duas maneiras de traduzir (*verbum e verbo*/*sensum exprimere de sensu*).

Séculos mais tarde, Martinho Lutero encontra-se numa situação semelhante à de São Jerónimo no que diz respeito à conjuntura histórica da sua expressão teórica sobre a maneira de traduzir. Com uma excepção: enquanto São Jerónimo respondia às acusações de não ter sido fiel na tradução de uma carta que o Papa Epifânio havia enviado ao bispo João de Jerusalém[299], isto é, um texto profano, Martinho Lutero dirige uma carta explicativa aos seus acusadores, defendendo a sua liberdade em manusear a língua nacional na tradução das Sagradas Escrituras. O reformador alemão escreve duas cartas (*Sendbrief vom Dolmetschen*, 1530 / *Carta aberta sobre a Tradução*, trad. Mauri Furlan, 2006; *Summarien überdie Psalmen und Ursache des Dolmetschen*, 1531 / *Comentários sobre os salmos e os motivos da tradução*, trad. Raquel Abi-Sâmara, 2006) em que defende a sua tese de liberdade no uso de uma língua que possa ser entendida por qualquer tipo de receptor ("a mãe em casa, as crianças na rua e o homem comum no mercado"[300]). Assim, Martinho Lutero sublinha dois princípios de base que o guiam na tradução do texto bíblico: a pureza e a clareza da língua de destino, sendo, neste caso, prioritários para o tradutor alemão, o receptor do texto e as possibilidades da sua língua.

---

[295] *Idem*, p. 64.
[296] *Ibidem*.
[297] Furlan, Mauri (2003), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos", *Cadernos de Tradução nº VIII*, Florianópolis, PGET, p. 28.
[298] *Supra*, p**.** 183.
[299] Carta que circula nos meios clericais, entre os quais aquele em que se encontrava São Jerónimo. A carta é traduzida por este a pedido de um monge do mesmo mosteiro, um tal Eusébio de Cremona. São Jerónimo aceita fazer a tradução com a condição de esta não sair das portas do mosteiro. A promessa não cumprida atrai acusações graves ao seu tradutor, que se defende através de uma epístola que se torna um verdadeiro tratado sobre o *optimo genere interpretandi*.
[300] Luther, Martin (2006), "Sendbrief vom Dolmetschen / Carta aberta sobre a Tradução", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4*, Renascimento*, trad. de Mauri Furlan, Florianópolis, NUPLITT, p. 105.

O revolucionário tradutor das Sagradas Escrituras em língua alemã pronuncia-se igualmente no tocante aos métodos de tradução: *ad verbum* e *ad sensum*. Relativamente à aplicação destes métodos, Martinho Lutero põe em destaque as limitações à tradução *ad sensum*, afirmando que

> *não abandonei completamente a letra, mas observei-a com grande cuidado junto a meus ajudantes, de maneira que, quando necessário, mantive-a e dela não me afastei tão livremente*[301].

Apesar da distância cronológica, o valor histórico dos comentários de São Jerónimo e Martinho Lutero é inquestionável para a teoria da tradução. Sendo ambos comentadores do próprio texto traduzido, São Jerónimo é o primeiro que apresenta o texto sagrado como referência teórica e, apesar de exemplificar a sua visão sobre o problema baseando-se nas próprias traduções de passagens bíblicas, Martinho Lutero é o primeiro que reflecte sobre a própria tradução do texto bíblico para uma língua nacional.

No mesmo arco cronológico do autor da versão alemã da Santa Escritura, encontramos o humanista espanhol Juan Luis Vives, que se destaca pela classificação tripartida dos métodos de tradução. O livro III da obra *De ratione dicendi* de 1533 trata no último capítulo intitulado *Versiones seu interpretationes* de problemas de tradução. O autor inicia o debate com a seguinte definição da tradução: *Versio est a lingua in linguam uerborum traductio sensu seruato*[302]. Sem apresentar aspectos teóricos novos em relação à Antiguidade clássica, como sublinha Eugenio Coseriu[303] no estudo que divulga a teoria do humanista espanhol, esta definição é notável pela transmissão da mesma base teórica numa época posterior às primeiras manifestações neste campo.

Apresentamos então a teoria tripartida de Juan Luis Vives. Num primeiro momento, o autor fala de uma tradução centrada no conteúdo do texto de partida e defende a técnica de omissão, nos casos em que o sentido do texto original não é afectado, assim como a de amplificação, desde que possa contribuir para um melhor entendimento do conteúdo original. Num segundo momento, o autor descreve uma tradução focada no plano da expressão, considerando este tipo de tradução de aplicação geral. Num terceiro momento, trata-se da tradução centrada tanto no plano semântico como no da forma.

Divulgador da obra do humanista espanhol, Eugenio Coseriu observa que dando

---

[301] *Idem*, p. 111.
[302] Vivis Valentini, Ioannis Lodovici (1537), *De ratione dicendi*, libri III, cap. XII *Versiones seu interpretationes*, Coloniae excudebat Ioannes Gymnicus, pp. 337-338.
[303] Coseriu, Eugenio (1977b), "Vives y el problema de la traducción", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, Madrid, Editorial Gredos, p. 88.

prioridade ao "*cómo* de lo dicho", Juan Luis Vives propõe a forma literal de tradução concretizada na preservação das expressões metafóricas da língua original (*prior lingua*). Contudo, se na língua de destino (*posterior lingua*) não é possível uma tal literalidade, pode haver substituições de formas, mas sempre preservando o sentido do original[304]. A consequência desta forma de traduzir só pode ser o enriquecimento da *posterior lingua* através da criação de novas palavras de acordo com o modelo da *prior lingua*.

Um outro aspecto importante no desenvolvimento que o humanista espanhol atribui à teoria da tradução prende-se com as formas de tradução destinadas a tipos diferentes de textos. Esta observação remete para a tese de São Jerónimo, com a diferença de que, ao contrário da divisão que este propõe em textos sagrados e textos profanos, Juan Luis Vives pondera uma tripartição. Em primeiro lugar, destacam-se os textos em que interessa o conteúdo do texto. Apesar de Juan Luis Vives ser específico em relação à atribuição de um tipo de textos a que se aplica esta forma de tradução, Eugenio Coseriu afirma que poderiam corresponder a esta classe os textos científicos, ideológicos e os de teor informativo[305]. Em segundo lugar, o autor refere-se aos textos em que interessa a forma, sendo este o método de tradução sem um destino específico na sua aplicação. No âmbito do segundo tipo de tradução, o autor particulariza o conceito da forma literal de tradução com aplicação a textos sagrados sobre os quais aprecia que não se deve adicionar nenhuma interpretação, esta cabendo ao leitor[306]. E, finalmente, em terceiro lugar, atenta-se nos textos em que são importantes tanto a forma como o conteúdo. De novo, a ausência no estudo de Juan Luis Vives da indicação específica da classe de texto a que se destina esta forma de tradução leva Eugenio Coseriu a considerar que nesta categoria poderiam ser incluidos os textos literários.

É possível identificar nesta análise o tributo que Juan Luis Vives dá às primeiras manifestações directamente ou indirectamente realizadas em matéria de teoria do processo de tradução pertencentes a Cícero e São Jerónimo. Começando com os elementos teóricos da definição da tradução em que se privilegia o sentido,

[304] Coseriu, Eugenio (1977b), *op. cit.*, pp. 94-95.
[305] *Idem*, p. 92.
[306] "Sunt uersiones quaedam sensorum, in quibus exactissime sunt consyderanda etiam uerba, ut ea interim, fieri si possit, adnumeres, uelut in locis difficillimis, et ad intelligendum perobscuris, cujus sunt generis Aristotelica complura, quae relinquenda sunt lectoris judicio, tum in negotiis publicis aut priuatis magni momenti, in mysteriis pietatis quae libris sacris continentur. In queis omnibus non debet judicium suum interponere, qui uertit. Propria uel hominum uel locorum nomina integra debent transire a lingua in linguam non ad uim significationes mutata." Cf. Vivis Valentini, Ioannis Lodovici (1537), *op. cit.*, pp. 342-343.

desenvolvendo a questão dos diferentes modos de tradução em função dos tipos de textos a traduzir e terminando com a particular referência ao tipo de tradução destinado ao texto sagrado.

Ainda no espaço peninsular, encontrámos uma interessante abordagem do tema em discussão encontrámos nas últimas páginas do *Leal Conselheiro* de Dom Duarte[307]. Sendo este um tratado de ética e moral destinado a ser lido pelos membros da corte régia, num capítulo intitulado *Da maneira pera bem tornar algũa leitura em nossa linguagem*, o rei de Portugal apresenta também cinco ensinamentos que defendem o método de tradução "ad verbum". Para pôr à disposição do leitor as fórmulas de uma visão peninsular quinhentista pelas quais se indicam os passos necessários no acto de tradução em que se toma o latim como língua de partida, considerámos relevante deixar falar o autor através das citações. Assim, Dom Duarte apresenta os "avisamentos" seguintes: em primeiro lugar, "conhecer bem a sentença [...] nom mudando, acrescentando, nem minguando algũa cousa do que está scripto", em segundo lugar, "que nom ponha palavras latinadas", em terceiro lugar, "que sempre se ponham palavras que sejam dereita linguagem, respondentes ao latim", em quarto lugar, "que nom ponha palavras [...] desonestas" e, em quinto lugar, "que guarde aquela ordem que igualmente deve guardar em qualquer outra cousa que se escrever deva, scilicet que screva cousas de boa sustancia, claramente, pera se bem poder entender, e fremoso o mais que ele poder, e curtamente quanto / for necessario"[308]. É importante observar como a ênfase está no princípio de correspondência formal no processo de tradução e, também, na utilização dos recursos próprios de expressão da "linguagem".

Voltando ao espaço alemão, apesar da distância cronológica, deparamo-nos com uma outra contribuição importante no plano teórico da tradução. Trata-se da obra *Des différentes méthodes du traduire* de Friedrich Schleiermacher, de 1813. Nas suas próprias palavras vertidas para a língua original do romance arturiano, observamos que o autor alemão distingue duas formas de tradução "ou bien le traducteur laisse l'écrivain le plus tranquille possible et fait que le lecteur aille à sa rencontre, ou bien il laisse le lecteur le plus tranquille possible et fait que l'écrivain aille à sa rencontre"[309]. De acordo com Friedrich Schleiermacher situa-se o seu divulgador, José Ortega y

[307] Duarte, Rei de Portugal (1999), *Leal Conselheiro*. Edição crítica, introd. e notas de Maria Helena Lopes de Castro, prefácio de Afonso Botelho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 362-370.
[308] Duarte, Rei de Portugal (1999), *op. cit.*, p. 362.
[309] Schleiermacher, Friedrich D. E. (1999), *Des différentes méthodes du traduire et autre texte*, trad. de l'allemand par Antoine Berman et Christian Berner, Paris, Éditions du Seuil, p. 49.

Gasset, na defesa do primeiro método, ou seja, a aproximação do leitor do texto original, num ilustre diálogo imaginário intitulado *Miseria e splendor de la traducción* (1937)[310].

O século XX oferece outras contribuições no campo teórico da tradução, cuja relevância para o nosso estudo se encontra no plano metodológico da análise. Trata-se do estudo *The Theory and Practice of Translation* (1969), versão espanhola *La Traducción: Teoría y Práctica* (1986)[311], de Eugene A. Nida e Charles R. Taber. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para a definição da tradução proposta por estes autores nos seguintes termos: "La traducción consiste en reproducir, mediante una equivalencia natural y exacta, el mensaje de la lengua original en la lengua receptora, primero en cuanto al sentido y luego en cuanto al estilo"[312]. Nesta definição tornam-se salientes dois pontos de vista diferentes sobre a maneira de traduzir. Num primeiro momento, dá-se a prioridade ao sentido no acto de tradução e, num segundo momento, procura-se manter as características estilísticas do texto original. A primeira perspectiva sobre a melhor maneira de traduzir tem como objectivo, segundo estes autores, a "equivalencia dinámica" [313], enquanto a segunda tem como objectivo a "correspondencia formal"[314], dois conceitos base da sua teoria.

Uma nova incursão no espaço espanhol permite-nos o encontro com os estudos de Valentín García Yebra dedicados ao problema da tradução. A teoria conjugou-se com uma prática incomensurável que se revela ao longo de páginas repletas de ensinamentos. Entre os seus estudos mais notáveis sobre este tema mencionamos *Teoría y prática de la traducción* (1982), *En torno a la traducción* (1983), *Traducción:*

---

[310] O autor espanhol reformula da seguinte maneira os métodos de tradução de Friederich Scheleiermacher: "o se trae el autor al lenguaje del lector o se lleva el lector al lenguaje del autor" Cf. Ortega y Gasset, José (2004), "Misère et splendeur de la traduction", *TTR*, trad. Clara Foz, Montreal, Association canadienne de traductologie, vol. 17, n.º 1.
Disponível em http://id.erudit.org/iderudit/011972ar.

[311] Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *La Traducción: Teoría y Práctica*. Versión española y adaptación de A. de la Fuente Adánez, Madrid, Ediciones Cristiandad, S. L.

[312] *Idem*, p. 28.

[313] "Cualidad de una traducción en la que el mensaje del texto original ha sido transferido a la lengua receptora de tal modo que la respuesta del receptor es esencialmente igual que la de los receptores originarios. A menudo cambia la forma del texto original; pero siempre que el cambio siga las normas de la retrotransformación en la lengua original y de la transformación en la lengua receptora, el mensaje se mantendrá y la traducción será fiel". Cf. Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit.*, *Glosario*, pp. 237-238.

[314] "Cualidad de una traducción en la que los rasgos formales del texto original han sido reproducidos mecánicamente en la lengua receptora. La correspondencia formal distorsiona los esquemas gramaticales y estilísticos de la lengua receptora y, por tanto, el mensaje, de modo que impide o dificulta indebidamente la compresión en el lector". Cf. Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit.*, *Glosario*, p. 236.

historia y teoría (1994) e *Traducción y enriquecimento de la lengua del traductor* (2004). Depreendem-se da teoria deste autor três princípios de base no acto de tradução: "decir todo lo que dice el original", "no decir nada que el original no diga" e "decirlo todo con la corrección y naturalidad que permita la lengua"[315]. Os primeiros dois princípios fazem apelo à fidelidade face ao conteúdo do texto original, enquanto o terceiro princípio permite a liberdade no plano estilístico no texto de destino. Veremos como esta reflexão sobre estes três príncipios se revelará fundamental na análise de tradução que se segue.

Permanecendo no espaço neolatino, encontramos sobre o mesmo tema da tradução um estudo de 2005 intitulado *După Luther. Traducerea vechilor texte biblice* (*Depois de Luther. A tradução dos velhos textos bíblicos*, trad. n.) em que o autor, Alexandru Gafton, se ocupa da análise das traduções dos textos sagrados em língua romena dos séculos XVI e XVII. O estudo analítico apoia-se numa apresentação teórica de que destacamos a seguinte definição da tradução:

> [...] *reprezintă un act prin care se încearcă redarea unui conținut exprimat printr-un sistem (cu mijloacele acestuia și în chipul acestuia), într-un alt sistem (cu posibilitățile structurale, funcționale și de nivel ale acestuia și cu caracteristicile sale de aspect)* [...][316].

Esta definição põe em relevo o plano estrutural, funcional e estilístico da língua de destino na passagem do conteúdo da língua original. O professor romeno apresenta duas grandes direcções em que a tradução pode actuar: a tradução orientada sobre a língua fonte ou a tradução centrada sobre a língua alvo[317]. A primeira direcção sugere a adopção das características formais do texto original, enquanto a segunda secundariza o plano da expressão, dando destaque ao plano semântico. Neste último caso, a língua de destino recorre às suas próprias possibilidades de expressão. Alexandru Gafton situa o resultado ideal do acto de tradução no equilíbrio entre a correcção e a inteligibilidade por um lado e, por outro, a fidelidade no plano da forma, equilíbrio dependente da

[315] "La regla de oro para toda traducción es, a mi juicio, decir todo lo que dice el original, no decir nada que el original no diga, y decirlo todo con la corrección y naturalidad que permita la lengua a la que se traduce". Cf. García Yebra, Valentín (1982), *Teoría y prática de la traducción*, vol. I, Madrid, Editorial Gredos, p. 43.

[316] "[...] representa um acto através do qual se tenta redigir o conteúdo expresso por um sistema (com os próprios meios e no seu próprio modo), num outro sistema (com as próprias possibilidades estruturais, funcionais e as próprias características aspectuais) [...]" (trad. n.). Cf. Gafton, Alexandru (2005), *După Luther*. *Traducerea vechilor texte biblice*, Iași, Editura Universității "Alexandru Ioan Cuza, Iași", p. 20.

[317] Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, p. 14.

relação entre a língua e o pensamento[318]. Nos seus comentários às antigas traduções de textos sagrados[319], Alexandru Gafton, operando com os conceitos de afastamento do original e opção de tradução, constata o procedimento da passagem da correspondência formal à reconstrução fiel de conteúdos com material linguístico fornecido pela língua receptora. O autor observa ainda que, em geral, os militantes da corrente da tradução do texto bíblico em língua nacional optaram pela preservação da forma, por vezes em detrimento do conteúdo. Esta perspectiva baseia-se, segundo Alexandru Gafton, no facto de a realidade ser „identic reprezentată în diferitele limbi, doar formele concrete fiind altele"[320].

Não deixa de ser importante observar uma possível aproximação entre as directrizes teóricas do professor romeno e as de Friedrich Schleiermacher no tocante às possibilidades de tradução. Efectivamente, a possibilidade que sugere a aproximação do leitor em relação à língua original, à luz da posição teórica do autor alemão, aparenta-se com a perspectiva que dá enfoque, na visão de Alexandru Gafton, à língua original. Por outro lado, a aproximação do autor à língua de destino assemelha-se à perspectiva que privilegia a língua receptora.

Porque nos debruçamos sobre estes autores, estes estudos e qual a relevância deste percurso teórico para a análise do processo de tradução para galego-português do romance arturiano?

A opção da apresentação cronológica dos estudos analisados teve como objectivo observar a transmissão da base teórica avançada por São Jerónimo em matéria de tradução. Posteriormente, sublinhámos, por um lado, o facto de, com excepção dos exemplos de Horácio, Cícero e Dom Duarte, o denominador comum dos estudos analíticos apresentados ser o texto religioso (bíblico e comentário de teor religioso). Por outro, assinalámos que tanto os estudos analíticos (São Jerónimo, Martinho Lutero,

[318] *Idem*, p. 15.
[319] *Biblia 1688*, ediție întocmită de V. Arvinte, I. Caproșu, Al. Gafton, Laura Manea, N. A. Ursu, 2. Vol., Iași, 2001, 2002; *Codicele Bratul*, ediție de text de Al. Gafton, Iași, 2003; *Texte de limbă din secolul XVI* reproduse în facsimile îngrijite de I. Bianu, membru al Academiei Române. *IV. Lucrul Apostolesc. Apostolul tipărit de diaconul Coresi la Brașov în anul 1563*, București, 1930; *Codicele Voronețean,* ediție critică, studiu filologic și studiu lingvistic de Mariana Costinescu, București, 1981; *Nout Testament*, tipărit pentru prima dată în limba română la 1648 de către Simion Ștefan, mitropolitul Transilvaniei, reeditat după 350 de ani cu binecuvîntarea înalt prea sfințitului Andrei arhiepiscopul Alba Iuliei, Alba Iulia, 1998. A lista destas referências foi extraída de Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, pp. 282-286.
[320] "representada de uma forma idêntica em várias línguas, a diferença consta apenas nas formas concretas." (trad. n.) Cf. Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, p. 21.

Eugene A. Nida e Charles R. Taber, Alexandru Gafton) como os puramente teóricos (Juan Luis Vives, Fredrich Schleiermacher, Valentín García Yebra) opõem ao texto sagrado o texto profano. A relevância da inclusão de referências aos textos sagrados reside na prioridade da Bíblia como texto de partida na tradução para as línguas neolatinas ou germânicas e na resposta de São Jerónimo aos seus acusadores que se tornou um tratado sobre a melhor forma de traduzir um texto profano oposta à melhor forma de traduzir um texto sagrado. Ou seja, é incontestável o impacto cultural que tivera o fenómeno de tradução do texto sagrado, com repercussões, ao mesmo tempo, incomensuráveis no plano linguístico, conferindo, por um lado, à língua nacional o estatuto de língua de cultura e, contribuindo, por outro, para o desenvolvimento da língua literária.

Por outro lado, verificámos que a reflexão de São Jerónimo sobre as maneiras de traduzir tem como ponto de partida uma dicotomia, remetendo para dois tipos de textos que correspondem a duas dimensões, a sacra e a profana. Assim sendo, os comentários do século IV de São Jerónimo desenvolvem uma tradição dicotómica em matéria da teoria da tradução em que os princípios de tradução do texto profano são determinados face aos princípios de tradução do texto sagrado. Posto isto, entendemos que o conhecimento das referências aos textos sagrados é necessário para o estudo do processo de tradução de textos antigos literários, por reflectir, de algum modo, o reverso do que se manifesta na tradução situada no plano profano.

O conhecimento das reflexões e conceitos que apresentámos será muito importante para fundamentar a nossa análise do processo de tradução de romance arturiano. Mas a reflexão de carácter metatextual que os próprios romances arturianos oferece deverá também ser tida em conta.

Como em outros textos ficcionais em língua vulgar, várias passagens referem um livro em latim como autoridade. Este texto, colocado como texto original, obviamente ficcional[321], retira o seu prestígio do idioma latino, que o aproxima do texto sagrado. Assim sendo, tomando como referência duas traduções do espaço peninsular — a *Estória do Santo Graal*, também designada *Livro de José de Arimateia*[322] e a *Demanda*

[321] Sobre o carácter fictício destas referências ver Bogdanow, Fanni (1966), *The Romance of the Grail*, New York, Manchester University Press, Barnes & Noble, INC.
[322] Cf. Carter, Henry Hare (ed. 1967).

castelhana[323] — podemos observar uma estratégia de sacralização do texto arturiano através da referência a um original em latim que não é passível de tradução integral.

Por um lado, o redactor da *Demanda* castelhana refere, no capítulo LII, que o autor a quem estes romances são atribuídos, Robert de Boron, não ousou traduzir para língua vulgar todos os segredos contidos na fonte latina:

> *mas esto no lo oso trasladar Ruberte de Brucon en frances, porque tañe a las poridades de sancta yglesia (no lo quiere descobrir porque no conuiene a honbre lego), e de la otra parte dudaua que si descobriese las poridades del sancto Grial, assi como la verdadera hystoria del latin las cuenta [...] e bien sabian todos que la philosofia que ay conuenia no querria el deuisar, ca seria echado de sancta iglesia; mas quien esto quisiere bien saber trabajese de ver el libro de latin: aquel libro les fara llanamente entender e saber las grandes cosas del sancto Grial; que nos deuimos allanar las poridades de sancta yglesia*[324]

e, de seguida, no mesmo texto, o tradutor toma a palavra em nome próprio,

> *ni yo Joannes Biuas, no vos dire ende mas de lo que vos el dize, ca so frayle, e no quiero mentir*[325].

O *Livro de José de Arimateia* oferece também duas passagens em que se reclama o princípio da fidelidade face à fonte sagrada. No capítulo LXX deparamo-nos com a testemunha seguinte de João Vivas

> *por yso diz ha estoryaa que nenhũ homem podera saber as avemturas do greall amte comvem trespasalas muyto mas an osa estorea que por a boca de Jhesu Cristo foy na terra emviada nom metera em Joam Vivas hũ pomto de falsydade e aqueles sam de gram ousadia que ousão de a jumtar memtira a tam alta estorya como esta verdadeyra e samta estorya que ho verdadeiro croxofixo por a sua boca mamdou escrever*[326]

e no capítulo LXXXVII apresenta-se a genealogia das fontes, ou seja, João Vivas relata uma história cuja fonte é francesa da autoria de Robert de Boron que, por sua vez, traduz um texto do latim.

> *asym como João Biuas volo deuysara nesta estorea e por esta linhajem a tirou de framçes e a treladou Ruber de Burbom de latim ẽ que a primeiro e[s]tpreve o aquele yrmitão a que noso senhor mostrou*[327]

---

[323] Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *La Demanda del Sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaaz su hijo. Segunda parte de la Demanda del Sancto Graal*, Madrid, Bailly y Beilliére.
[324] *Idem*, pp. 180-181.
[325] *Idem*, p. 181.
[326] Carter, Henry H. (ed. 1967), *op. cit.*, p. 204.
[327] *Idem*, pp. 273-274.

Não é nosso objectivo comentar a veridicidade da autoria de Robert de Boron, nem da descendência da matéria de um livro sagrado cuja ficcionalidade já se referiu. Há que ter em conta, também, que esta invenção de uma fonte latina sagrada acessível apenas a alguns escolhidos, de um livro ditado pelo próprio Cristo (no caso do *Livro de José de Arimateia*[328]), é uma estratégia que visa conferir autoridade a um género que era visto com alguma desconfiança pelo seu carácter profano e lúdico[329].

No nosso estudo, porém, interessa-nos reflectir, através da análise do processo de tradução de três textos arturianos, sobre a atitude do tradutor e a forma como é encarrado o acto de traduzir. Por isso, seria interessante para já chamar a atenção para as formas verbais utilizadas nas intervenções do tradutor. Assim, tanto no texto castelhano como no português emprega-se o verbo "trasladar" / "treladou" quando se faz referência à autoridade do texto latino como fonte do texto de Robert de Boron. No que diz respeito ao tradutor peninsular João Vivas, nos dois textos defende-se a veridicidade da sua missão "nom metera [...] hũ pomto de falsydade" / "no quiero mentir". Ainda no texto português lemos na segunda passagem citada que João Vivas "devysara nesta estorea" que "tirou de framçes".

Ora, estes elementos verbais podem indicar-nos que Robert de Boron chama a atenção para o carácter incompleto da sua tradução (ele é cavaleiro, escreve em francês e não pode contar tudo o que está na fonte latina e sagrada). Ao contrário, João Vivas, que é frade, pretende ser muito fiel e rigoroso face ao seu texto original.

A análise que propomos permitirá também observar se, por um lado, os comentários interpolados do tradutor se podem verter em princípios de tradução e se se mantêm válidos em todos os textos estudados. Por outro, permitirá também delinear se o tradutor peninsular, cujo nome, João Vivas, é revelado nos dois textos arturianos, alinha, no fundo, com o seu modelo francês no tocante à reiteração do acto de conferir autoridade à matéria que, por sua vez, "deuysara".

Para responder ainda às perguntas levantadas, ponderando outros aspectos decorrentes da análise do processo de tradução, é igualmente importante recordar a argumentação de São Jerónimo no tocante à tese da liberdade de tradução, aceitável no

[328] Ver Carter, Henry H. (ed. 1967), *op. cit.*, pp. 204-205.

[329] http://books.google.pt/books?id=qmvx-J96kcQC&pg=PA25&dq=li+contes+de+bretaigne+sont+si+vain+et+si+plaisant+spiegel&hl=pt-PT&sa=X&ei=0HbQUPzFLorXsgaOyYCACA&ved=0CDUQ6AEwAA#v=onepage&q=li%20contes%20de%20bretaigne%20sont%20si%20vain%20et%20si%20plaisant%20spiegel&f=false

caso da *interpretatione Graecorum*, ou seja, no tipo de texto não bíblico. Sendo acusado de não ter realizado uma tradução fiel ao texto de partida[330], o autor da epístola dirigida a Pamáquio recorre à autoridade dos comentários de duas figuras romanas, como atrás mencionámos, Cícero e Horácio. Segundo entendemos, São Jerónimo pretende utilizar, na sua defesa, a noção de liberdade no acto de tradução, noção implícita apenas na forma *ad sensum*, que se praticava em Roma no âmbito da disciplina da retórica.

O tradutor medieval pode ter conhecimentos, de uma forma directa ou indirecta, sobre a teoria e a prática da tradução já existentes até à sua época. Assim, por que não considerar que o tradutor do romance arturiano possui não apenas o conhecimento prático, mas também algumas noções teóricas necessárias a um desempenho consciente da sua incumbência? Assim sendo, com base no princípio de liberdade da tradução de textos profanos avançado por São Jerónimo e, suponhamos, dominado pelo tradutor do romance arturiano, poderíamos explicar os afastamentos semânticos e estilísticos detectados nos textos traduzidos. Cumpre, assim, ter em conta que esta constatação vem contrariar o princípio de fidelidade absoluta enunciado por João Vivas.

Por outro lado, o facto de Juan Luis Vives ter defendido as técnicas de omissão e amplificação nos comentários sobre o método de tradução, a favor da preservação do sentido do texto original, pode levar-nos a ponderar a hipótese de o humanista espanhol ter fundamentado esta forma de tradução no conhecimento de obras medievais, como por exemplo, o romance arturiano, em que esta se manifesta.

Os estudos de São Jerónimo, Eugene A. Nida / Charles R. Taber, Valentín García Yebra e Alexandru Gafton representam, igualmente, fontes metodológicas para a nossa análise.

O que nos interessa ainda destacar neste ponto é o facto que as referências seleccionadas neste percurso teórico baseiam a teória da tradução em textos onde as línguas implicadas são estruturalmente diferentes. Ou seja, trata-se do hebraico, do grego, do latim, do eslavo antigo como línguas de partida e do latim, do espanhol, do romeno, do alemão como línguas de chegada. Assim, tendo em conta os dois extremos linguísticos — língua de partida e língua de chegada — representados pelas respectivas línguas, vários factores entram em acção, como por exemplo, a distância entre a língua original e a receptora, o perfil do tradutor e os seus objectivos, o destinatário. Contudo,

[330] O conceito da fidelidade/infidelidade face ao original no acto da tradução encontra-se *sine qua non* ligado ao contexto histórico-cultural em que o tradutor/comentador da tradução se enquadra.

não é nosso objectivo indagar sobre estes aspectos em relação aos textos contemplados nas respectivas análises, mas sublinhar que o estudo de tradução que se segue se propõe observar o diálogo entre dois romances em sincronia como línguas de partida e de chegada. Ou seja, estamos perante uma tradução orizontal[331], segundo considera Folena Gianfranco, que pode implicar identidade nas equivalências léxicais, morfológicas e sintácticas devido a uma estrutura similar e de grande afinidade cultural. Na análise de tradução que se segue veremos quais são as condicionantes que podem determinar este comportamento linguístico.

Terminando este breve percurso teórico pelas reflexões sobre o fenómeno de tradução em épocas anteriores e posteriores à tradução dos romances arturianos em galego-português, resta-nos observar, ao analisar estes textos, se estas manifestações teóricas se reflectem na prática e em que medida se alinham com a realidade dos factos extraídos da sua análise.

2. Estudo de tradução

Esta parte do nosso trabalho é dedicada ao estudo de tradução da *Estória do Santo Graal*, do *Livro de Merlin* e do *Livro de Tristan*, obras traduzidas a partir do francês, provavelmente no final do século XIII-início do século XIV. Os testemunhos de que nos temos ocupado atestam um texto com valor de cópia, neste caso, cópia do texto original da tradução galego-portuguesa, facto já assumido pela crítica, pelo menos no caso de LT[332]. O confronto dos textos que se realizou na parte anterior desta dissertação revelou vários factos linguísticos que se podem relacionar com o processo de tradução. Como referimos atrás, dispondo de vários testemunhos a atestar uma ou mais do que uma versão do texto original francês, seleccionámos nesta parte os casos em que o texto de chegada diverge do texto de partida registado em

[331] "Pur nella visione sincronica che il Medioevo ha dei rapporti fra latino e volgare, in quello che potrebbe definirsi un bilinguismo e biculturalismo in senso sincronico, si deve distinguere un tradurre <<verticale>>, dove la lingua di partenza, di massima il latino, ha un prestigio e un valore trascendente rispetto a quella d'arrivo (si tratti di *scriptura sacra* o di *auctores*), è un modelo ideale o addirittura uno stampo nel quale si versa per ricevere forma il materiale di fusione, e un tradurre <<orizzontale>> o infralinguistico, che fra lingue di struttura simile e di forte affinitá culturale come le romanze assume", Cf. Folena, Gianfranco (1994), *Volgarizzare e Tradurre*, Torino, Piccola Biblioteca Einaudi, p. 12.

[332] Cf. Castro, Ivo (1998), *op. cit.*; Lorenzo Gradín, Pilar / Díaz Martínez, Eva (2004), *op.cit*.

todos os testemunhos consultados. Os casos contemplados revelam um jogo entre divergências e equivalências semânticas e estilísticas[333] ao nível dos textos traduzidos face aos franceses comparados. Além dos factores língua de partida e língua de chegada, por um lado, e o receptor e o tradutor, por outro lado, implicados no acto de tradução[334], propomo-nos também delimitar outras circunstâncias que decorrem destes e em que se baseiam as divergências. Será também possível delinear o método de tradução adoptado em função das respectivas circunstâncias.

Os resultados obtidos na colação permitiram-nos observar o tipo de relação que se estabelece entre cada texto em tradução galego-portuguesa e o correspondente em francês. Com o estudo da tradução temos a oportunidade de averiguar se esta relação se mantém e, caso se verifique alguma discordância, analisaremos os factores que a determinam.

A. *Estória do Santo Graal*

De seguida, procedemos à análise do texto de partida registado em So/Po em confronto com o texto de chegada atestado por ST/TT, destacando os casos em que se evidenciam os fenómenos de ausência por redução, amplificação por reiteração e reformulação. A ausência de um termo/frase/segmento narrativo pode explicar-se, em geral, porque não estava no original do texto galego-português, embora esteja nos testemunhos franceses consultados. Casos destes foram comentados na parte de colação. No estudo de tradução, a utilidade de usar o termo "redução" reside nas circunstâncias que explicam que houve efectivamente redução do modelo, por exemplo, redução de forma redundante, que consiste numa opção de tradução. Por isso, este género de casos será classificado, na análise dos três textos, como ausência por redução.

---

333 As equivalências semânticas e estilísticas são contempladas na definição do verbo "traduire" do *Dictionnaire de linguistique et des Sciences du langage*: "c'est énoncer dans une autre langue (ou langue cible) ce qui a été énoncé dans une langue source en conservant les équivalences sémantiques et stylistiques". Cf. Dubois, Jean *et alii*. (1994), *Dictionnaire de linguistique et des Sciences du langage*, Paris, Larousse.

334 Cf. Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.,* pp. 13-18 e para uma descrição mais detalhada dos factores que intervêm no acto de tradução ver também García Yebra, Valentín (1982), *op. cit*, vol. I, pp. 44-59.

1. Ausência de formas redundantes de ST/TT

O fenómeno de ausência por redução constitui uma opção por parte do tradutor. Esta opção pode ser determinada por factores internos e/ou externos. Como factores internos consideramos o próprio tradutor enquanto entidade cultural, com a sua própria experiência linguística e personalidade e, como factores externos, as adaptações ao sistema da língua receptora, a atenção dirigida ao receptor e a edificação do estilo literário do galego-português.

1.1 Ausência por redução de construção sinonímica

(i)

ST (f.1r/col.II/l.27-33**)**	**TT** (p.164/l.24-29)	**So** (p.84/l.8-11)	**Po** (§286/l.5-8)
Assy q*ue* | a rraynha q*ue* jazya cabo dele ffoy ende | moy maraujlhada Mays nõ lhe pode | tanto p*re*guntar por q*ue* choraua q*ue* lho **ele | q*u*isesse dizer** nẽ ela nõno **oussaua** ende | a **fforçar** Ca ele era a rrẽ do mũdo q*ue* | mays dultaua ca ssenp*re* ffora **brauo**	de sorte que ha rraynha que a cab[o] dele jazia foy muy maravylhada e nõ lhe pode tamto pergumtar por que chorava que **elle lho quysese dyzer** nẽ ella nõ **ousaua** deho muito **forçar** que elle era ho homẽ do mũdo que ela mays duuydava por que sempre fora **cruel**	si que la roine qui dales lui gisoit en fu toute esbahie. Mais ele ne li sot tant enquerre que **il** riens **li en uoloit dire** ne ele ne li en **uoloit esforcier outre sa uolente**. car il auoit este **moult crueus et mout fiers** si le doutoit mout	ke la roïne, qui delés lui gisoit, en estoit toute esbahie. Mais ele ne li pooit tant enquerre ke **il l'en vausist** nule riens **enseignier** ne ele ne l'en **osoit enforchier contre sa volenté** car il li avoit esté **mout fiers** et **mout crueus**: si doutoit mout son mautalent et son courous

(ii)

ST (f.1v/col.II/l.20)	**TT** (p.165/l.27-28)	**So** (p.85/l.5)	**Po** (§288/l.24-25)
C[...] [...] [...]	e **esta vysão** vyo el-rrey domde dormya e tamto lhe durou que foy per todo dia	**Cel soigne et cel auision** uit li rois en son dormant et li dura juscal jour	**Chest songe et cheste avision** vit li rois en son dormant, et tant longement li dura que il fu mout pres du jour

Como decorre do estudo de colação, parece-nos verosímil uma maior afinidade entre a versão francesa que deu origem a ST/TT e a família da versão breve que So também atesta, nomeadamente pela dimensão retórica reduzida do discurso,

embora esse arquétipo também contenha ocasionalmente elementos lexicais (legíveis em ST/TT) que se encontram em Po[335].

O texto francês, tanto na versão breve representada por So, como na mista atestada por Po, revela um uso — mais desenvolvido sobretudo na segunda — da amplificação e da ornamentação dos conceitos através da justaposição de sinónimos. Trata-se de uma característica estilística habitual na redacção do texto arturiano na sua produção original. Esta característica pode ser relacionada com a construção do discurso das literaturas antigas (sagrada e/ou profana), nomeadamente latina, cujo conhecimento o redactor do romance medieval francês deveria dominar.

A utilização de estruturas sinonímicas tem, como dissemos, a função de amplificar o discurso com efeitos estilísticos. Ora, a tradução galego-portuguesa do texto arturiano não mantém, de um modo geral, esta característica retórica. As respectivas estruturas serão constantemente suprimidas no acto de tradução a fim de conseguir, como veremos, um texto económico e conciso. Vários factores podem ter influenciado o método de tradução do texto arturiano através do qual se operou a redução de construções sinonímicas ou amplificações discursivas com maior grau de complexidade. O factor de ordem económico, no que ao suporte material diz respeito, pode contribuir para a redução do texto que neste terá de ser copiado. A língua conjugada com o objectivo da tradução podem também constituir um outro factor. Ou seja, o ambiente linguístico do texto de destino pode não coincidir na totalidade no plano da forma com o do texto de partida, facto que pode ter determinado a redução de qualquer artifício retórico a favor do conteúdo.

O primeiro exemplo aqui destacado evidencia a equivalência da estrutura verbal "esforcier outre sa uolente" de So, com a variante "enforcier contre sa volenté" de Po pela forma verbal "forçar" na tradução galego-portuguesa lida em ST/TT. O valor semântico "contraindre, forcer"[336] do verbo "esforcier" do texto de partida encontra-se completamente restituído pela forma verbal "forçar" do texto de chegada. No entanto, a segunda parte da construção verbal francesa "outre sa volente"(So) /

[335] Referimo-nos, por exemplo, à utilização em ST/TT e Po dos derivados de um étimo comum: "dizer"/"dire" < lat. *dicĕre*; "oussaua"/"osoit" < lat. *ausus*, part de *audēre*, como se pode ler no excerto destacado (i). Sendo assim, decorre que o texto de chegada dificilmente poderia estar a traduzir o verbo "enseignier", no primeiro caso, ou "uoloit", no segundo, registados em So. Exemplos semelhantes encontram-se comentados na segunda parte desta dissertação.

[336] Godefroy, Frédéric (1881-1902) *Dictionaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IXe au XVe Siècle*.
Disponível em http://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire_ancien.htm.

"contre sa volente"(Po) tem a função de desenvolver semanticamente a primeira parte verbal. Este desenvolvimento não se mantém na solução de tradução pela forma verbal simples "forçar" do texto de destino devido à tendência desta tradução para a redução da expressão redundante de que resulta a contracção de texto original.

É possível detectar a mesma técnica de tradução na forma de suprimir a construção sinonímica adjectival "moult crueus et mout fiers" registada no texto de partida representado por So e Po. Ora, apesar de os dois testemunhos peninsulares registarem termos diferentes, "brauo"(ST) / "cruel"(TT), podemos supor que o texto original da tradução mantém apenas um elemento do par sinonímico do texto de partida[337]. Quanto a um outro elemento da oração, o advérbio "sempre", interrogamo-nos se é possível considerá-lo uma compensação da redução da repetição do superlativo adjectival "mout fiers mout crues". Dado o carácter de redução de expressão redundante do texto receptor, poder-se-ia levantar esta hipótese. Por outro lado, há que ter em conta os elementos que indicam que o tradutor utiliza recursos estilísticos independentes da fonte, sobretudo, em contextos em que esta parece carecer de clareza. Por exemplo, a utilização da formulação "o rrẽ do mũdo" de ST, com a variante "ho homẽ do mũdo" de TT, identifica de uma forma mais expressiva a personagem que, no texto de partida, é designada apenas pela forma pronominal "il". Aquela construção nominal não é, porém, da autoria do tradutor, dada a sua ocorrência ao longo do texto original, apenas a sua utilização neste segmento poderá sê-lo. Assim, em So e Po lemos, numa passagem ulterior, a referência seguinte, relativa à mesma personagem: "Et cest **la riens el monde** dont jou sui plus dolans. Car vous estes **li hom del monde** uers qui jou deuroie mains mesprendre"(So) / "Et ch'est **la riens du monde** dont je sui plus dolens, car vous estes **li hom vivans** vers qui je devroie mains mesprendre"(Po §291/l.10-11)[338].

O segundo excerto assinalado (ii) põe, uma vez mais, em relevo a supressão de repetição sinonímica. Ou seja, a unidade sintagmática sinonímica "cheste songe et cheste avision" do texto de partida encontra equivalente apenas do segundo sinónimo no texto de chegada legível em TT ("esta vysão"). É possível postular duas situações que podem ter determinado a respectiva redução lexical. Em primeiro lugar, a utilização, nos testemunhos franceses, dos dois lexemas — "soigne" e "avision" —,

[337] A divergência lexical entre ST e TT pode dever-se, no caso de TT, à intervenção no acto de cópia quinhentista.
[338] Sublinhado nosso.

em relação de coordenação, pode indicar que o redactor francês identificou e marcou linguisticamente dois níveis da experiência onírica que o rei Mordaim tem enquanto dorme: na primeira fase, o rei vê-se "en. j. palais vne cort mout grande. A chele court uenoient tout li cheualier del pais et toutes les dames de la contree"(So) / "en la chité de Sarras une court mout riche et mout honeree. A chele court venoient tout li chevalier et toutes les dames de la contree"(Po). Aqui tratar-se-á do nível denotado como um "soigne". Na segunda fase da experiência onírica, o rei vê-se levado por "vns estorbillons si lenportoit en vn mout estraigne lieu" onde tem a visão em que se luta contra "li leus" que lhe retirava o alimento divino trazido por um "vns lions". Esta fase será, pois, designada como "avision". Seria esta, a nosso ver, uma explicação para o uso dos dois lexemas no texto francês que So e Po representam, lexemas que a tradução galego-portuguesa não mantém.

Quanto a esta primeira situação, é possível que a respectiva interpretação das experiências oníricas por níveis não seja entendida pelo tradutor peninsular ou, pura e simplesmente, este não alinhe nessa leitura, resultando, assim, a eliminação de um dos termos. Está presente neste caso uma marca do processo de tradução que proporciona ao receptor peninsular um texto mais económico. Em segundo lugar, o facto de os termos "soigne" e "avision" surgirem conjugados nos testemunhos franceses sugere uma interessante reflexão sobre a dicotomia dos significados. A percepção desta dicotomia pode ter influenciado a preferência ou a escolha na equivalência de um termo ou outro no caso da tradução peninsular. Em vários estudos[339] sobre os textos bíblicos em que surge esta dicotomia, sublinha-se a divergência entre os dois termos — o sonho é uma visão nocturna e a visão é como um sonho acordado — ou a conjugação dos dois termos na designação de uma aparição onírica[340]. Na tradução da Bíblia, por exemplo, segundo uma recente investigação de Rafaela Silva (2009)[341], "os dois termos surgem conjugados, embora os termos difiram no texto original". Assim, seria possível inferir que, pela natureza da experiência onírica apresentada e pela maneira como se desenrola, o tradutor peninsular possa ter interpretado esta referência como uma única experiência, optando por designá-la como "visão". Em qualquer dos casos, trata-se claramente de

[339] Le Goff, Jacques (1994), *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa; Silva, Rafaela (2009), *Da Bíblia à Estória do Santo Graal. A Linguagem Divina e os Sonhos dos Eleitos*, [tese policopiada], Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 53 e ss.
[340] Le Goff, Jacques (1994), *op. cit.*, p. 268.
[341] Silva, Rafaela (2009), *op. cit.*, p. 53.

uma marca do processo de tradução que confere ao receptor peninsular um texto mais económico. Observámos, por conseguinte, que dependendo dos objectivos da tradução, o texto apresenta uma equivalência dinâmica, de acordo com o conceito dos comentadores da tradução do texto sagrado, Eugene Nida e Charles Taber[342]. O receptor do texto de chegada tem acesso ao mesmo conteúdo que o receptor do texto de partida.

1.2 Ausência por redução parcial de segmentos

(i)

ST (f.1v/col.II/l.28-29)	**TT** (p.165/l.32-33)	**So** (p.85/l.9-11)	**Po** (§289/l.6-7)
[...]yto. [...]	e quãdo Nacyão asy avyo **(a)chorar** ouue dyso grã pesar que **(b)muyto** amava e tom[a]va ẽ seus braços	et quant Nascien le uit si **(a)**en fu moult esbahis car **(b)**il lamoit **de mout grant amor.** si la prinst entre ses bras	Et quant Nasciens le vit **(a)plorer**, si fu mout esbahis, **(b)**car il l'amoit **mout coreument**, si le prist entre ses bras

(ii)

ST (f.2v/col.II/l.20-24)	**TT** (p.176/l.26-29)	**So** (p.95/l.4-8)	**Po** (§324/l.14-19)
E q*u*ando a ele uju espãtousse p*er*o | disselhe que ffosse bẽm uijnda. E ela disse | q*ue* assy era **poys lo achara**. |Rey Euelac disse ela ssenp*re* ouue | ssabor de ffalar c[…]g[…]	e quamdo a vio espamtou se em pero dyselhe que fose bem vimda e ela dise que asy era **pois ho achava** Rey Ebala[c], dise ela, sempre tive sabor de falar comtygo	et quant il la uit si en fu tout esbahis que trop. et nonporquant si dist que bien fust ele uenue. et la dame li dist que ausi estoit ele. **car ele veoit lomme de tout le monde quele desiroit plus a veoir.** Rois Euelac, fait ele, tous les jours de ma uie ai jou eu desirier de parler a toi	Et quant il la vit, si fu mout esbahis, et nepourquant il li dist ke bien fust ele venue; et la dame respondi ke ele estoit bien venue sans faille, **puis ke ele avoit trové l'omme del monde qui ele plus desiroit a veoir.** "Rois Evalach, dis ele, je ai tous les jours de ma vie eũ couvoitise de parler a toi ne onques mais n'en poi avoir ne lieu ne aaise, mais puis ke tu iés chi venus, or arai jou bien loisir de parler a toi

[342] Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit*.

O excerto (i) evidencia um caso de redução de equivalente de expressão adverbial. Ao longo da presente análise, observar-se-á que, em geral, nos contextos em que a forma adverbial tem uma expressão mais desenvolvida nos testemunhos de partida, a tradução galego-portuguesa apresenta uma tendência para a redução, como se verifica neste exemplo. Esta supressão deve-se, de um modo geral, à expressão redundante que o tradutor peninsular pretende eliminar constantemente no seu texto, como temos visto.

Assim, o verbo "aimer", conjugado na frase "il lamoit de mout grant amor" de So e a variante "l'amoit mout coreument" de Po, gera um contexto de redundância. Tendo como texto de base uma redacção contendo elementos semelhantes a Po — facto que se pode assumir neste segmento dada a ocorrência em TT e, respectivamente, em Po dos verbos "chorar" e "plorer", omisso em So (i) (a) —, ou uma redacção semelhante a So, a tradução galego-portuguesa, em qualquer relação de parentesco, não adopta a forma redundante, conjungando apenas o verbo "amava". Assim, onde se lê em So "de mout grant amor" e em Po "mout coreument", TT apresenta uma forma adverbial curta "muyto". A redução da unidade lexical, sem afectar o conteúdo da frase, torna-se, desta forma, uma marca do processo de tradução concretizado pelo método *sensum de sensu*.

Ao longo da análise de colação, foi possível verificar que existem casos que evidenciam em ST/TT uma redacção ainda mais breve do que a que se encontra em So. Assim, a mulher que miraculosamente aparece ao rei Mordão, numa das suas visões, ao vê-lo, exprime-se da seguinte forma (ii): "car ele veoit lomme de tout le monde quele desiroit plus a veoir" em So, com a variante em Po "puis ke ele avoit trové l'omme del monde qui ele plus desiroit a veoir". Este segmento frásico não se encontra completamente ausente na tradução galego-portuguesa, mas reduzido à forma verbal "poys lo achara" em ST, com a variante quinhentista "pois o achava". O segmento sublinhado mostra uma redução discursiva que produz, de facto, uma omissão de conteúdo em relação ao texto de partida. Esta brevidade pode reflectir ou uma marca do processo de tradução ou uma fonte francesa ainda mais curta do que o antepassado de So. Os exemplos observados revelaram até agora que a redução como opção de tradução se produz quando incide sobre uma expressão redundante. Neste caso não temos muitas razões para pensar que tal ocorreu, por isso, a segunda hipótese parece-nos mais verosímil.

1.3 Ausência por redução total de segmentos

(i)

ST (f.2v/col.II/l.2-4)	**TT** (p.176/l.11-13)	**So** (p.94/l.30-32)	**Po** (§323/l.9-11)
Q*u*ando tornou ẽn ssua memorya comcou[sic] | a olhar derredor de ssy e nõ uju a barca nẽ o | homẽ	E quamdo tornou em sua memorya começou a oulhar darrador de sy e nom vio a barca nem ho omẽm bom	et quant il fu uenus en sa memoire **ausi com il estoit deuant**. si commencha a regarder enuiron lui. mais il ne vit la neif ne celui a qui il ot parle	Et quant il eschapa de chest pensé et il fu repairiés en se memoire, **si com il estoit devant**, si commencha a regarder environ lui, mais il ne vit onques ne la nef chelui qui dedens estoit venus

(ii)

ST (f.2r/col.I/l.33-34-f.2r/col.II/l.1-2)	**TT** (p.175/l.8-10)	**So** (p.93/l.23-25)	**Po** (§320/l.13-15)
Entom ssayu da barca hũu homẽ | mays ffremoso q*ue* nũca homẽ | | […] […] […] hũu [...] […] | [...] […] […] lhe p*er*g[…]	Entam sayo da barqua hũ homem tam fermoso qual homem nũca vio e quamdo el Rey ho vio homylhouselhe ho homem bom lhe pregumtou	Lors issi vns moult biaus hons **hors** de la neif. Et sachies que ce estoit li plus biaus hons qui onques fust ueus. Et quant li rois le uit si lenclina et li biaus hom li demande	Lors issi li biaus hom **hors** de la nef; et li rois, quant il le vit hors venir, si se drecha encontre lui et dist ke bien fust il venus, si li enclina. Et li biaus hom li commencha a demander

O segmento narrativo apresentado em (i) evidencia que a ausência, em ST/TT, de equivalente do sintagma verbal "ausi com il estoit deuant" de So, com a variante de Po "si com il estoit devant", não afecta o plano semântico do enunciado. A estrutura verbal "tornou em sua memorya" de ST/TT, corresponde quase *ad verbum* à construção "il fu uenus en sa memoire" em So e "il fu repairiés en se memoire" de Po. O segundo segmento verbal do texto de partida "ausi com il estoit deuant"(So) / "si com il estoit devant"(Po) não adiciona informação ou conotação expressiva à oração, mas revela um desenvolvimento da noção anteriormente manifesta. Trata-se, assim, de construções fraseológicas sinonímicas com a função de ênfase do momento em que o rei desperta da visão que não são revertidas no texto de destino. No exemplo (ii), a redução total do segmento adverbial deve-se,

provavelmente, à expressão redundante que se cria com o semantismo do verbo "sair" ("ir ou passar para fora"[343]), expressão não adoptada no acto de tradução.

(iii)

ST (f.2v/col.I/l.7-11)	**TT** (p.175/l.32-36)	**So** (p.94/l.12-14)	**Po** (§322/l.2-10)
(a)q*ue* lhe nõ esquec*er*as ca lhe nõ es|[...] **q*ue*m a ele tẽ.**	**(a)**que lhe nom esqueçeras que lhe nom esqueçem **quem se a ele chega**	**(a)**quil ne te metera ia en oubli.	**(a)**ke il ne t'a mie mis en oubli, car il n'oubliera ja nului **qui a lui s'atende** ne qui l'ait en ramenbranche toutevoie.
(b)E q*u*ando o hom[sic] | sse esmaya entõ **he ffora de c*r*ença** |	**(b)**e quamdo ho homem desespera emtam **he fora de fe**	**(b)**Ne ia ne sesmait li hons qui **fors est en sa creance**.	**(b)**Et la ou li hom s'esmaie de nule chose qui li conviegne, la te di jou pour verité ke **il est hors de creanche**,
(c) Ca q*u*ando **De*us* ama o homẽ de todo | coraçõ** entõ he **dereyta rrazõ**	**(c)**e quamdo **Deos amaa o homem que se a ele chẽga de todo coraçam** emtam he **direyto e rezão**	**(c)**Car **Diex aime miex lomme qui a li se tient que li homs mismes ne saime**. dont est il bien **drois**	**(c)**car, plus ke il a mis et le cors et **le cuer de tout en tout** en la creanche Damedieu, dont est il bien **drois ke il s'atende a lui** de toutes les choses dont il est besoingneus, car teus est la coustume **Damedieu ke il aime plus home et en grignour cierté le tient ke ne fait li hom meïsmes.** Dont est il bien **raisons**
(d)q*ue* o | ome[sic] nõ aja cuyra doutra coussa. |	**(d)**que homem nam aja cudado de outra cousa	**(d)**que li hons ne prenge ia cure de riens **quil li couiegne ains sen tiegne du tout a Dieu**	**(d)**ke li hom ne prengne sour soi nule cure de che **ke lui convenra, mais a chelui en laist convenir**
(e) Ca mays o ama De*us* q*ue* se ele pod*er*ya amar	**(e)**que mais ho ama Deos do que ele se pode amar	**(e)**car Diex laime plus quil ne se poroit mismes amer	**(e)**qui plus l'aime ke il meïsmes ne se porroit amer ne tenir chier

[343] Houaiss, Antoine (dir. 2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates.

Este excerto trata do amor divino. Torna-se evidente que o factor delimitador entre os antepassados de So e Po, como fonte da tradução galego-portuguesa, nesta porção de texto, se encontra nos registos "qui a lui s'atende", "drois", "raisons", "le cuer de tout en tout", "il est hors de creanche" do último, com os equivalentes directos "quem a ele tẽ" / "quem se a ele chega" (a), "he ffora de c*r*ença" / "he fora de fe" (b), "dereyta rrazõ" / "direyto e rezão" (c), "de todo coraçõ" / "de todo coraçam" (c), em ST/TT, opostos a um conjunto de apenas duas formas retidas em So — "drois" e "fors est en sa creance". Ou seja, em ST/TT existe uma transferência quase *ad verbum* dos elementos contidos em Po, nesta porção de texto.

Ainda assim, nos segmentos sublinhados, deparamo-nos com a ausência de equivalente em ST/TT de duas orações: "que li homs mismes ne saime" de So, com a variante "ke ne fait li hom meïsmes" (c) de Po e "quil li couiegne ains sen tiegne du tout a Dieu" de So, com a variante "ke lui convenra, mais a chelui en laist convenir" (d) de Po. O texto de partida constrói-se com base em repetições de segmentos idênticos enfatizando a ideia de fé e do amor superior de Deus, que o ser humano é incapaz de ter por si próprio. Esta ênfase não se transfere para o texto de chegada, como se verifica, com a redução do segmento (c) que será, afinal, retomado na parte derradeira da porção do texto destacado em (e), e a redução do segmento (d). O resultado do processo de tradução é um texto depurado de construções repetidas que tornaria a leitura menos fluida e mais monótona para o receptor. Seriam estes os objectivos do tradutor peninsular na redacção do texto de chegada, um texto corrente e económico. Assinalámos ainda um aspecto importante no que à redução de estruturas sintagmáticas diz respeito. Referimo-nos ao sintagma "quem se a Ele tẽ" que não se repete em ST no segmento (c), como lemos nos restantes testemunhos, incluido TT. Esta diferença pode ter-se produzido no acto da cópia de ST. Este facto permite, assim, postular que, dado que TT contém a respectiva lição repetida em (a) e (c), de acordo com Po — (a) e (c) — e So — (c) e (d) —, o texto original da tradução peninsular a apresentou também e que ST a eliminou, provavelmente, no processo de cópia.

A presente análise revelou factos que põem em evidência a tendência para a economia do texto de chegada. Esta tendência manifesta-se nas situações em que as ausências de equivalentes não afectam o plano semântico (1.2; 1.3) e nas ocasiões em que o texto de chegada opta por uma solução de tradução mais sintética do que a fonte francesa (1.1). À luz da teoria de Eugene Nida e Charles Taber, notámos que a

correspondência formal se concretiza, no caso deste texto, como teremos a oportunidade de constatar também em relação a LM e LT também, através da manutenção das estruturas sintácticas da língua de partida. Não podemos excluir, também, que existam contextos em que o tradutor pretenda seguir o modelo francês de expressão pela relevância semântica deste.

Veremos, nos casos estudados em seguida, que a atitude do tradutor muda e este intervém quando o texto de partida parece carecer de clareza e concisão para os propósitos da tradução. Será importante perceber em que medida estas intervenções são consequências do acto de tradução ou se remetem para uma fonte francesa.

2. Amplificação por reiteração em ST/TT

2.1 Amplificação de segmentos: *varia*

(i)

ST (f.1v/col.I/l.14-25)	**TT** (pp.164/l.37-165/l.5)	**So** (p.84/l.20-24)	**Po** (§287/l.12-18)
q*ue* | ffilhaua el [...] e leu[…] a hũu moy estranho | logar […] [...] […] […]ara. Em | [...] […] […] e **t*r*agyalhe cada dya | de corde[…] [...]** m[…]gares **(a) q*ue* o sseu cora|[...] [...]** [...] [...] despoys ujnha hũu | lobo **(b) [...] [...] força (c) q*u*anto lhe o cor|[...] [...]**	que ho tomava e ho levava a huũ muy estranho lugar homde numca nhũ morava nẽ vyvera e hy vynha a ele cada d[y]a **hũ cordeyro que lhe trazia** todos hos boõs mãjares **(a)que seu coração podia cuydar** depoys vynha hũu lobo e **(b)por força** tyrava **(c)todo quãto lhe ho Agnho trazia**	si lenportoit en vn mout estraigne lieu. et illuec uenoit a lui **cascun iour vns lions** qui la aportoit toutes les boines uiandes **(a)del monde** et apres uenoit vns leus qui lui retoloit	et si l'enportoit en un estrange lieu, mout loing. En chel lieu demouroit mout longement, che li estoit avis, et si venoit a lui **chascun jour uns aigniaus** et uns leus. Li aigniaus li aportoit toutes les boines viandes et toutes les riches **(a)du monde** et li leus l'en toloit
Assy q*ue* lhe nõ f[...] senõ | [...] [...]en [...]to **(d) nõ bẽ assy q*ue* aas uezes morrya de ff[…]me** E q*u*ando | el uya que o lobo lhe rob[…] [...] assy pẽ|ssou	asy que lhe nõ ficava senã ho ẽ que [s]e mãtynha e **(d)nã bem asy que as vezes avya fame** e quãdo elle vya que ho lobo lhe tyrava todo asy cuydou	si quil ne li remanoit fors sa soustenance e **(d)ce asses pourement** et quant il uit que li leus li toloit ensi si sapensa	tant ke il ne l'en remanoit ke seulement sa soustenanche, **(d)a mout grant poverté**. En la fin, quant il veoit ke chil leus le reuboit en tel maniere, si se pensa

Repare-se que neste trecho as lições sublinhadas "que o sseu cora[...] [...]" (a), "[...] força" (b), "quanto lhe o cor[...] [...]" (c) e "nõ bẽ assy que aas [...] morrya de ff[...] [...]" (d) de ST, com as variantes de TT "que seu coração podia cuydar" (a), "por força" (b), "todo quãto lhe ho Agnho trazia" (c) e "nã bem asy que as vezes avya fame" (d) não conhecem paralelo directo nas redacções francesas confrontadas. Contudo, é importante reflectir sobre alguns aspectos de conteúdo. No que aos segmentos (b) e (c) diz respeito é possível verificar a ausência de qualquer correspondente do lado de So e Po. No entanto, as secções (a) e (d) parecem ter equivalente, ainda que parcialmente, no texto francês. De facto, no segmento (a) trata-se da avaliação do alimento que o rei recebia miraculosamente através de um "cordeiro"(ST) / "agnho"(TT). As versões francesas apresentam uma determinação neutra e profana: "toutes les boines viandes del monde"(So) / "toutes les boines viandes et les riches du monde"(Po), enquanto em ST/TT, a expressão se centra na apreciação subjectiva sugerindo a qualidade sagrada do alimento, distinta, pois, da apreciação deste em termos qualitativos no texto de partida ("toutes les boines uiandes del monde"(So) / "toutes les boines viandes et toutes les riches du monde" (Po))[344]. A apreciação do alimento nos termos "que seu coração podia cuydar" está de acordo com a natureza espiritual do próprio objecto referenciado. Uma associação análoga entre o diálogo com o Divino através da "oraçom" e o alimento físico humano encontra-se, por exemplo, na *Demanda do Santo Graal* quando Lancelot "Cada vez que aquela oraçom fazia, achava-se tam avondado de graça de Deus que lhi semelhava que comera de todolhos manjares do mundo"[345]. É interesante neste excerto a mesma comparação entre o alimento espiritual destinado alimentar o coração e o corpo, com a diferença na apreciação final, que na tradução da *Estória do Santo Graal* se apresenta mais desenvolvida.

No que concerne ao segmento (d), encontramos no texto de chegada de uma interpretação explicativa. Na fonte do texto de partida, pode ter-se lido tanto "ce asses

[344] Dos inúmeros registos do lexema "cuydar" datados do século XIV do *Corpus do Português*, destaca-se um contexto em que se associa "o coração" ao acto de "cuydar" nos *Textos Notariais. Arquivo de Textos Notariais em Português Antigo* datados entre 1309-1336: "por rogo da uirgem gloriosa sancta Maria; uoluou deus as almas aos corpos daquiles que erã perdudos e fezerõ peendença e forõ saluos per ela e outros muytos milagres que deus fez e faz por ela que **coraçõ cuydar** e lingua d'ome nõ poderia cõtar. E outrossy as portas do parayso que pelo pecado d'eua erã sarradas: pela uirgë gloriosa sancta Maria son abertas a todo-los fiees de Jesu Cristo". Sublinhado nosso. Resultaria, assim, um indício de um modelo de expressão no âmbito linguístico peninsular?

[345] Nunes, Irene Freire (ed. 2005), *Demanda do Santo Graal*, 2ª ed. revista, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, §518.

pourement"(So), como "a mout grant poverté"(Po), mas o tradutor opta claramente por um desenvolvimento com carácter explicativo conferindo uma imagem mais dramática às condições penosas em que o rei se encontrava. Resulta que a oração "nõ bẽ assy q*ue* aas uezes morrya de ff[...]me"(ST), com a variante quinhentista "nã bem asy que as vezes avya fame" se opõe à atenuação linguística da expressão francesa acima citada. Em consequência, a tradução das secções (a) e (d) baseia-se em elementos constantes do texto de partida que se encontram amplificados ou desenvolvidos no texto receptor, de acordo com a dimensão espiritual que o tradutor pretende enfatizar.

O exame das lições apresentadas em (b) e (c), sem correspondente no texto de partida, indicam uma tendência para enfatizar a experiência mística. É, porém, possível postular que a reiteração da oração com referência ao responsável pelo acto de trazer o alimento (c): "quanto lhe o cor[...] [...]"(ST) / "todo quãto lhe ho Agnho trazia"(TT) se pode basear na sintaxe segmentada e explicativa que se lê em Po — "si venoit a lui chascun jour uns aigniaus et uns leus. Li aigniaus li aportoit toutes les boines viandes et toutes les riches du monde et li leus l'en toloit" — e que a fonte da tradução galego-portuguesa poderia tê-la contido também. O que se aplica ao segmento (c), não se verifica no (b), sendo o texto de partida omisso em qualquer paralelo com a forma adverbial "por força". Tendo em consideração, assim, as circunstâncias de desenvolvimento semântico constatadas nos casos (a) e (d), os casos (b) e (c) podem igualmente significar uma intervenção do tradutor. Este facto leva-nos a pensar que este género de amplificações conceptuais se baseia em razões de compreensão e clareza do texto receptor, dado, aliás, o carácter reiterativo e/ou explicativo dos respectivos segmentos[346]. Um argumento peremptório no que às interpolações com carácter explicativo e/ou reiterativo diz respeito, é a tradução *ad verbum* das orações à volta dos segmentos (a), (b), (c), (d). Este género de reiteração pode ainda constatar-se nos exemplos seguintes.

[346] Repare-se que, em Po, se refere desde o início os dois animais presentes "et si venoit a lui chascun jour uns aigniaus et uns leus", discriminando-se, depois, quem trazia (o cordeiro) e quem tirava (o lobo), enquanto So, ST e TT mencionam apenas, separadamente, os responsáveis pelo trazer e pelo tirar, ou seja, quem trazia o alimento em So era "vns lions"; "cordeiro"(ST) / "hũ cordeyro"(TT) e quem tirava era "leus" em So e "lobo" em ST/TT. Com uma única excepção: ST/TT repete a fracção que indica o responsável pelo trazer ("quanto lhe o cor[...] [...]" em ST, com a variante "todo quãto lhe ho Agnho trazia" de TT). Note-se ainda que o indefinido "todo" de TT, sem correspondente em ST, pode indicar uma amplificação devida ao processo de cópia quinhentista ou a um vestígio da cópia perdida que representa.

2.2 Amplificação de expressão verbal

(i)[347]

[347] As situações relacionadas com o grau de aproximação ou de afastamento entre ST/TT e os testemunhos franceses são assinaladas na terceira parte desta dissertação.

ST (f.2v/col.II/l.23-33)	**TT** (p.176/l.28-35)	**So** (p.95/l.7-13)	**Po** (§§324/l.17-325/l.7)
Rey Euelac disse ela ssenp*re* ouue | ssabor **de ffalar c[…]g[…]** e sse […] ti nõ | fficar eu te liurarey e leuareyte aa mays | ffremosa casa ẽ que tu nũqu*a* ent*r*aste. E el | dyse c*er*tas dona eu uĩj aqu*i* e nõ ssey como | q*ue* jamays ẽde nõ ssayrey ssenõ p*er* aqu*e*l q*ue* | me aqu*i* meteu. E poys assy ssayras ende | p*er* mj̃ dise a dona Ca eu te trouxe aqu*i* p*er* | meu ssem Ca eu q*ue*rya **auer t*ẽ*po e logar** | **de ffalar cõtjgo** e de sser em tua cãpanha | E sse tu nõ q*u*iseres rreçear mjnha cõpa |	Rey Ebala[c] dise ela sempre tive sabor **de falar comtygo** e se por ty nom ficar eu te levarey a mais fermosa casa em que numca emtraste e ele dyse: -Serto, dona, eu vim aquy e nom sey como e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo pois sayras por mym, dise a dona. Que eu por meu gram saber te trouxe qua eu querya **aver tempo e lugar de falar comtygo** e de ser em tua companhya e se ha tuu nom quyseres reçear	Rois Euelac, fait ele, tous les jours de ma uie ai jou eu desirier **de parler a toi** et se en toi ne remest jou te menrai el plus delitable lieu ou tu onques entrases et li rois li respondi. Certes, dame, jou sui chi uenus si ne sai comment et ne sai qui mi aporta par le commandement, fait ele, de celui qui ti aporta uieng iou chi et por chou que jou uoloie **auoir lieu et tans** d'estre en ta compaignie et se tu ne ueus ma compaignie refuser	"Rois Evalach, dis ele, je ai tous les jours de ma vie eũ couvoitise de parler a toi ne onques mais n'en poi avoir ne lieu ne aaise, mais puis ke tu iés chi venus, or arai jou bien loisir **de parler a toi** et, se en toi ne remaint, je te menrai en la plus delitable maison ou tu onques entraisses." Et li rois respondi: "Chiertes, dame, je sui chi venus, je ne sai comment, car je ne vi onques chelui qui m'i porta, mais ensi me trovai en cheste roche; ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés. - Par foi, dist ele, par le commandement de chelui qui t'i porta t'en istras tu, car je t'i aportai par mon sens et par chou ke je voloie **avoir lieu et tans** d'estre en ta compaignie, ke je ai tous jours desiree tant. Et se tu ne veus refuser si biele compaignie com est la moie

(ii)

ST (f.1r/col.II/l.26-33)	**TT** (p.164/l.23-29)	**So** (p.84/l.6-11)	**Po** (§286/l.3-8)
Em aq*ue*l pesar durou muyto e | sospirou e **chorou** moy muyto. Assy q*ue* | a rraynha q*ue* jazya cabo dele ffoy ende | moy maraujlhada Mays nõ lhe pode | tanto p*re*guntar **por q*ue* choraua**	e naquele cuydar durou muito e sospyrou e **chorou** de sorte que ha rraynha que a cab[o] dele jazia foy muy maravylhada e nõ lhe pode tamto pergumtar **por que chorava**	ou quel il demoura moult longement. si souspiroit et **ploroit** mout durement si que la roine qui dales lui gisoit en fu toute esbahie. Mais ele ne li sot tant enquerre	En cel pensé demoura mout longhement en tel maniere dont vous avés oï et si **plouroit** si durement des iex et souspiroit del cuer ke la roïne, qui delés lui gisoit, en estoit toute esbahie. Mais ele ne li pooit tant enquerre
q*ue* lho ele | q*u*isesse dizer nẽ ela nõno oussaua ende | a fforçar Ca ele era a rrẽ do mũdo q*ue* | mays dultaua ca ssenp*re* ffora brauo	que elle lho quysese dyzer nẽ ella nõ ousaua deho muito forçar que elle era ho homẽ do mũdo que ela mays duuydava por que sempre fora cruel	que il riens li en uoloit dire ne ele ne li en uoloit esforcier outre sa uolente. car il auoit este moult crueus et mout fiers si le doutoit mout	ke il l'en vausist nule riens enseignier ne ele ne l'en osoit enforchier contre sa volenté car il li avoit esté mout fiers et mout crueus: si doutoit mout son mautalent et son courous

O primeiro segmento deste conjunto de casos vem fundamentar a técnica de amplificação detectada na tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* em relação aos testemunhos franceses da presente análise. Nestes casos trata-se claramente de um procedimento estilístico desenvolvido no acto de tradução. Situamo-nos na parte final da porção do texto conservado em ST que contém outra visão do rei Mordão com "hũa das ffremossas mlheres[sic]" que desejava a sua companhia. Como se pode observar no trecho seleccionado, a frase "Ca eu querya auer tẽpo e logar de ffalar cõtjgo e de sser em tua cãpanha" de ST, com a variante "qua eu querya aver tempo e lugar de falar comtygo e de ser em tua companhya" de TT, contém dois complementos determinativos, "de ffalar cõtjgo" e "de sser em tua cãpanha", enquanto nas redacções francesas, se nota apenas o equivalente do segundo complemento, ou seja, "jou uoloie auoir lieu et tans d'estre en ta compaignie"(So) / "je voloie avoir lieu et tans d'estre en ta compaignie"(Po).

Para se entender melhor o mecanismo de amplificação revelado no segmento destacado, é importante chamar a atenção para um momento dialogal anterior em que, tanto em ST/TT, como nas redacções francesas, a "dona" toma a palavra da maneira seguinte: "Rey Euelac, disse ela, ssenp ouue ssabor de ffalar cotigo"(ST) /

“Rey Ebala[c], dise ela, sempre tive sabor de falar comtygo”(TT), correspondendo a “Rois Euelac, fait ele, tous les jours de ma uie ai jou eu desirier de parler a toi”(So) / “Rois Evalach, dis ele, je ai tous les jours de ma vie eũ couvoitise de parler a toi”(Po). Nota-se, assim, pela primeira vez, o desejo da “dona” de falar com o rei. De onde se pode concluir que a reiteração do complemento circunstancial de fim “de ffalar cõtjgo” em ST/TT, sem correspondente nas redacções francesas, exemplifica o procedimento de amplificação como uma característica resultante do processo de tradução. Infere-se, também, pela respectiva reiteração, na tradução galego-portuguesa, a importância que se dá ao acto de falar com o Rei.

O segundo segmento salienta, uma vez mais, a técnica de amplificação verbal por reiteração como característica da tradução galego-portuguesa. É importante assinalar aqui que este é o segundo caso ao longo do texto oferecido pelo testemunho de Santo Tirso e o seu correspondente quinhentista que exemplifica o procedimento de amplificação por reiteração, assim como se pode confirmar no exemplo (i) deste conjunto. Estamos no momento ulterior às visões, quando o rei Mordão acorda e permanece numa grande tristeza sobre a qual a rainha não ousa interrogá-lo. Pode ler-se, neste segmento, o estado em que o rei Mordão se encontra após ter tido as visões. Chame-se a atenção para as duas formas verbais “chorou” e “por que choraua” de ST/TT. Só a primeira destas ocorrências encontra paralelo nas redacções francesas em apreço, ou seja, “ploroit” em So, com a variante gráfica “plouroit” em Po. O sintagma “por que choraua”, lição amplificada no processo de tradução, evidencia uma tendência para articular retoricamente alguns episódios da vivência das personagens. Todos estes factos linguísticos revelam a ênfase que se dá na tradução aos respectivos segmentos por razões de clareza da expressão discursiva. O conjunto de elementos deste elenco (1.1) dão razão ao humanista Juan Vives quando defende a técnica da amplificação de que decorreria um melhor entendimento do conteúdo original. Quanto aos pontos do grupo apresentado em 2.2, trata-se de razões intrínsecas aos objectivos da tradução que não têm a ver necessariamente com a compreensão do texto original, mas, provavelmente, com a ênfase em (con)textos passíveis neste sentido.

3. Reformulação

Partimos sempre do princípio de que o processo de tradução pressupõe um conjunto de operações que se realizam em diálogo entre a língua do texto de partida e

a língua do texto de chegada. A posição da língua de partida foi ocupada, na sincronia da Idade Média, pelo hebraico, o árrabe, o grego, o latim, o eslavo antigo e a posição da língua de chegada pelo latim e vernacular. Falando do protagonismo do latim na posição da língua de partida e do vernacular na posição da língua de chegada, Gianfranco Folena[348] situa o acto de tradução no plano vertical dado o prestígio do primeiro. Situando-nos na época em que se dá a emergência da literatura em línguas nacionais, sobretudo neolatinas, as respectivas posições começam a ser ocupadas pelas línguas vernaculares. Com este protagonismo o acto de tradução situa-se, segundo a autora italiana, no plano horizontal, dadas as semelhanças lexicais, morfológicas e sintácticas entre as duas línguas em contacto. É interessante observar, no nosso caso, como se concretiza o acto de tradução entre as posições ocupadas pelo francês, como língua de partida, e pelo galego-português, como língua de chegada, nas circunstâncias em que, apesar das semelhanças estruturais, a língua B não assimila a língua A no plano da forma, mas adapta-a conforme os seus próprios recursos lexicais e estilísticos sem afectar o plano semântico. Prosseguiremos com a análise de um conjunto de casos que põe em relevo estes recursos.

3.1 Reformulação de segmentos verbais e frásicos

(i)

[348] Folena, Gianfranco (1994), *op. cit.*, pp. 12-13.

ST (f.2v/col.II/l.26-31)	**TT** (p.176/l.30-34)	**So** (p.95/l.9-12)	**Po** (§325/l.1-6)
E el | dyse c*er*tas dona eu uĩj aq*u*i e nõ ssey como	e ele dyse: -Serto, dona, eu vim aquy e nom sey como	et li rois li respondi. Certes, dame, jou sui chi uenus si ne sai comment **(d)et ne sai qui mi aporta**	Et li rois respondi: “Chiertes, dame, je sui chi venus, je ne sai comment, **(d)car je ne vi onques chelui qui m'i porta**, mais ensi me trovai en cheste roche;
(a) | q*ue* jamays ẽde nõ ssayrey ssenõ p*er* aq*uel* q*ue* | me aq*ui* meteu	**(a)e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo**		**(a)ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés.**
E poys assy **(b)ssayras** ende | p*er* **mj̃** dise a **dona** **(c)Ca eu te trouxe aq*ui* p*er* | meu ssem** Ca eu q*ue*rya auer tẽpo e logar	pois **(b)sayras por mym**, dise a **dona**. **(c)Que eu por meu gram saber te trouxe qua** eu querya aver tempo e lugar	**(b)par le commandement**, fait **ele**, **de celui qui ti aporta** uieng iou chi et por chou que jou uoloie auoir lieu et tans	- Par foi, dist **ele**, **(b)par le commandement de chelui qui t'i porta t'en istras tu**, **(c)car je t'i aportai par mon sens** et par chou ke je voloie avoir lieu et tans

A porção de texto destacado apresenta um conjunto complexo de fenómenos de modificação estrutural. Em primeiro lugar, é importante sublinhar que, relativamente a esta porção dialogal, os testemunhos peninsulares apresentam segmentos também contidos em Po. Este facto, como também verificámos no estudo de colação, atesta-se em três segmentos em que a redacção breve contida em So é omissa. Trata-se dos excertos seguintes: (a) “que iamays ẽde nõ ssayrey ssenõ per aquel que me aqui meteu”(ST) / “e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo”(TT), com o correspondente “ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés” em Po; (b) “ssayras por mym”(ST/TT), equivalente de “par le commandement de chelui qui t'i porta t'en istras tu” em Po e (c) “Ca eu te trouxe aqui per meu ssem”(ST) / “Que eu por meu gram saber te trouxe qua”(TT), traduzindo “car je t'i aportai par mon sens” em Po. Note-se, contudo, que o segmento (b) encontra também paralelo em So, mas de uma forma elíptica. Serão observadas, em segundo lugar, as características do texto receptor no processo de assimilação do seu suposto modelo que poderá ser uma redacção francesa contendo elementos comuns a Po ou ao antepassado de Po. Note-

se, assim, que a tradução galego-portuguesa opera, no trecho, uma selecção na equivalência das construções frásicas em que ocorrem as formas verbais "porter" e "aporter". Mais precisamente, em So/Po, existem quatro frases construídas em torno destes núcleos verbais: (d) "et ne sai qui mi aporta"(So) / "car je ne vi onques chelui qui m'i porta"(Po); (a) "ne jamais a nul jor ne quir issir, ce chil ne m'en jete par qui commandement je i fui aportés" (Po); (b) "par le commandement [...] de celui qui ti aporta"(So) / "par le commandement de chelui qui t'i porta"(Po) e (c) "car je t'i aportai par mon sens"(Po). Estes segmentos frásicos mencionam a personagem feminina, "dame", responsável pela presença do rei na "roche" em que este estava. Por um lado, observe-se que a primeira construção frásica desta série, (d), não conhece correspondente em ST/TT; quanto aos segmentos (a) e (c), o texto de chegada apresenta a solução de tradução "que iamays ẽde nõ ssayrey ssenõ per aquel que me aqui meteu"(ST)/"e jamais daquy nom sayrey se nam por quem aquy me meteo"(TT) e "Ca eu te trouxe aqui per meu ssem"(ST) / "Que eu por meu gram saber te trouxe qua"(TT). Assim, apesar da redução de elementos adverbial ("nul jor"), verbal ("m'en jete") e nominal ("commandement") no caso (a), deparamo-nos, no texto traduzido, com uma transferência semântica completa da frase francesa, específica e directa. O texto galego-português aborda um estilo directo ("por mym"), enquanto o francês é misterioso ("par le commandement de chelui qui t'i porta"). Também quanto ao segmento (b), é o plano semântico a prioridade do tradutor peninsular. O texto de chegada mantém o equivalente do componente semântico do plano de profundidade "per mj"(ST) / "por mym"(TT). Em suma, os segmentos (d), (a), (b) e (c) evidenciam a capacidade de abreviar a expressão dos conteúdos do texto a traduzir, sendo esta abreviação determinada pelo contexto global e estando de acordo com o objectivo da economia do texto. Neste caso, como referimos, todos os quatro segmentos indicam a figura feminina e a abundância de referências sugestivas a esta personagem na fonte francesa pode ter determinado a redução, no acto de tradução, do primeiro segmento em que esta aparece referida em (d). Observe-se ainda a alternância verbal "meteu" (a) e "trouxe" (c) que equivalem às formas francesas "fui aportés" e "je aportai". Esta alternância lexical revela a capacidade da língua receptora de variar no plano da expressão linguística. Note-se que os segmentos construídos em torno do núcleo verbal "porter" são afectados no processo de tradução pelo procedimento de reformulação por síntese.

Em último lugar, é ainda de assinalar o facto de a tradução galego-portuguesa substituir a forma de identificação da figura feminina pela forma nominal "dona", enquanto nas redacções francesas em apreço se utiliza a forma pronominal "ele". Daí pode depreender-se uma equivalência mais precisa do conteúdo do texto de partida no texto de chegada.

(ii)

ST (f.2v/col.II/l.2-6)	**TT** (p.176/l.11-14)	**So** (p.94/l.30-32)	**Po** (§323/l.9-14)
Q*u*ando tornou ẽn ssua memorya	E quamdo tornou em sua memorya	et quant il fu uenus en sa memoire ausi com il estoit deuant.	Et quant il eschapa de chest pensé et il fu repairiés en se memoire, si com il estoit devant,
comcou[sic] | a olhar derredor de ssy e **nõ uju a barca nẽ o | homẽ**. E comcou[sic] a catar cõtra toda parte | da **pena** e **nõ no pode ueer**. E assẽtouse | e comçou[sic] a pẽssar	começou a oulhar darrador de sy e **nom vio a barca nem ho omẽm bom** e começou a oulhar a todas as partes da **pena** e depois que ha **nam pode ver** asemtou se e começou a cuydar	si commencha a regarder enuiron lui. mais il ne vit la neif **ne celui a qui il ot parle**. et quant **il ne uit ne lun ne lautre** si sassist	si commencha a regarder environ lui, mais il ne vit onques **ne** la nef **chelui qui dedens estoit venus**. Et il se drecha en son estant, si commencha a regarder de toutes pars en la **mer**. Et quant **il vit qu'il ne le porroit en nul sens coisir**, si se rasist. Lors commencha mout durement a penser tout de rechief

Neste segmento constatamos, uma vez mais, procedimentos específicos de equivalência de fórmulas quando se trata de identificação das personagens. Note-se, deste modo, que a expressão nominal "o homẽ" de ST e "ho omẽm bom" de TT corresponde à perífrase "celui a qui il ot parle" em So e "chelui qui dedens estoit venus" em Po. No exemplo anterior destacaram-se, em galego-português, o mesmo procedimento de marcar a forma de referência à "dona": a indicação directa do protagonista em vez da sua sugestão pela descrição da acção empreendida. Estes aspectos indicam o carácter coerente da tradução galego-portuguesa. Sendo a tradução uma interpretação *per se*, como refere Alexandru Gafton[349], de que resulta

[349] Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, p. 65.

um afastamento face ao modelo, é possível observar neste segmento que, além da interpretação concretizada no plano da forma, o texto traduzido revela capacidades de reflectir sobre a sua fonte pelas opções léxico-semânticas que apresenta. Atente-se, desta forma, no segmento "E comẽcou a catar cõtra toda parte da pena"(ST) / "e começou a oulhar a todas as partes da pena"(TT) que traduz a estrutura frásica registada apenas em Po "si commencha a regarder de toutes pars en la mer" em que o elemento lexical "pena" do texto receptor, que substitui o lexema francês "mer", indica o microespaço, enquanto o texto de partida, pelo termo "mer", se situa no macroespaço físico. A opção do tradutor peninsular indica evidentemente uma interpretação do espaço físico. Em último lugar, chame-se a atenção para o contexto "nõ no pode ueer"(ST) / "nam pode ver"(TT) que pode traduzir os segmentos "il ne uit ne lun ne lautre"de So ou "il vit qu'il ne le porroit en nul sens coisir" de Po. A presença da forma verbal negativa "no pode" em ST/TT aproxima-os linguisticamente da redacção mista contida em Po. Todavia, o texto de chegada oferecido neste passo é um exemplo de modificação estrutural da frase em relação ao texto francês consultado.

O texto de chegada mostra uma preferência pela expressão directa, clara e sucinta, pelo recurso à identificação dos participantes através das formas nominais, evitando, desta forma, as referências muito elaboradas do texto fonte. Estes casos vêm novamente dar razão tanto aos autores que defendem o método de tradução *ad sensum*, desde São Jerónimo até aos nosso dias, como a Eugene Nida e Charles Taber que falam do princípio da equivalência dinâmica no acto de tradução. Parece-nos evidente que o princípio da correspondência formal ou palavra por palavra se torna uma opção de tradução nos casos em que o jogo das semelhanças estruturais das línguas em contacto não permite ao tradutor soluções originais. De um modo geral, o tradutor do texto arturiano parece procurar constantemente uma expressão sintética, assim como vimos também na categoria dos casos de ausência, mantendo-se sempre atento à semântica textual da fonte francesa. Esta é uma característica da tradução dos textos arturianos em galego-português que ainda teremos a oportunidade de observar.
(iii)

ST (f.1r/col.I/l.31-32-f.1r/col.II/l.1-3)	**TT** (p.164/l.6-9)	**So** (p.83/l.28-30)	**Po** (§285/l.1-3)
Q*u*ando ffoy en eutro[sic] dya des|poys q*ue* a jmagem ffoy q*u*eymada **Espydy| usse** Jo. a el rrey e a Reynha e a Nacyam | e **partyuse de ssarrays**. E el rrey cõ [...] | conpanha ssayu cõ ele hũu p[...]	e quamdo foy ao outro dia depoys que a ymagẽ se queymou **despediose** Josefes del Rey e da Raynha e de Nascyão e **partiose de Sarrat** E elRey cõ toda sua companh[y]a sayo cõ elle hũu pedaço	Et quant ce uint a la nuit apres que li soir ot fait ardoir cele ymagene si **sen parti** Josephe **de Sarras** et sa compaignie si **prinst congie** au roy et a la roine et a Nascien qui le conuoierent grant piece	Et quant vint le jour aprés qu'il ot fait ardoir l'ymage, **si s'en parti de Sarras** et **prist congié** au roi et a Nascien et a la roïne. Et il convoierent mout longhement et lui et sa compaignie

O segmento (iii) põe em relevo uma outra característica da tradução que consiste na correcção das incongruências da sua fonte. Observe-se, assim, que a ordem ilógica do desenrolar das acções no texto de partida é corrigida no texto de chegada. Ou seja, em So e Po o conto narra, em primeiro lugar, a partida de Josephes de Sarras e só depois é mencionado o momento da despedida do rei, da rainha e de Nasciam. ST/TT corrige os momentos narrativos da seguinte forma: em primeiro lugar menciona-se o momento da despedida e em seguida o da partida de Sarras. Sendo as duas redacções francesas concordantes nesta irreguladidade discursiva, este facto leva-nos a considerar que este género de incoerências textuais foi detectado no acto de tradução.

(iv)

ST (f.2v/col.II/l.10-15)	**TT (**p.176/l.19-23)	**So** (pp.94/l.35-95/l.2)	**Po** (§324/l.1-8)
Mvyto **esteue** el rrey **naq*ue*la pena** | ata q*ue* catou a sseestro cõtra galer|na	Muyto **esteve** el Rey **em seu cudar** e tamto ata que oulhou comtra salerna a maõ esquerda	En ce que li rois **pensoit a ceste cose** si resgarde deuers senestre partie uers gallerne.	Mout **demora** li rois longhement **en chest pensé**, tant qu'il esgarda a senestre partie, devers galerne,
e uju uijr **hũa naue moy rrycamẽte | g*u*issada**	e vio vir **huã nao muy ricamemte gizada**	Si vit **vne neif uenir moult ricement atornee**.	si vit venir **une nef mout richement encourtinee.**
cob*e*rta de hũa cortjnha.	**cuberta de huã cortina**	**Li uoiles de cele neif estoit tous noirs**	**La nef fu mout grant atour et de mout biel:**
E a uela | daq*ue*la naue e a cortjnha erã neg*r*as e nõ | parecya homẽ nẽ molher q*ue* a gyasse	**e a vela da nao e a cortyna eram negras** e nom pareçia homem nem molher que a guyase	**et la neif estoit toute couerte de noire couerture**, mais il ni uit homme ne feme qui la neif conduisoit	**et fu toute coverte d'un riche drap de soie tout noir, et li voiles fu tout autreteus, et li mas estoit tous couverts d'autrestel, et la nef estoit autresi couverte et dedens et dehors jusk'ens es bors**, la u les ondes hurtoient. Ensi richement venoit la nef com vous avés oï, et si n'i paroit ne hons ne feme qui le conduisist

Em relação a este segmento, destacam-se duas situações de reformulação, uma específica e outra sintética. Em primeiro lugar, atente-se na forma verbal "esteue [...] naquela pena"(ST) / "esteve [...] em seu cudar"(TT), correspondendo a "pensoit a ceste cose"(So) / "demora [...] en chest pensé"(Po). A opção de tradução de ST parece indicar o lugar onde se encontra a personagem, enquanto nas redacções francesas se refere o acto de pensar. A lição oferecida por TT mantém este sentido, que se perdeu em ST. Em segundo lugar, evidencia-se a técnica de síntese recorrente no texto de chegada na descrição da nave em que aparece "hũa das ffremossas mlheres[sic] que nũca el ujra". A tradução galego-portuguesa transmitida por ST e TT constrói sinteticamente o seu texto em torno do elemento cromático ("erã negras"), enquanto as versões So e Po apresentam este segmento descritivo de uma forma muito elaborada. Assim, lê-se em ST/TT a sequência "hũa naue moy rrycamẽte

guissada, coberta de hũa cortjnha e a uela daquela naue e a cortjnha erã negras" / "huã nao muy ricamemte gizada cuberta de huã cortina e a vela da nao e a cortyna eram negras", comparada com a elaboração estilística "vne neif uenir moult ricement atornee. Li uoiles de cele neif estoit tous noirs et la neif estoit toute couerte de noire couerture" de So e sobretudo "une nef mout richement encourtinee. La nef fu mout grant atour et de mout biel: et fu toute coverte d'un riche drap de soie tout noir, et li voiles fu tout autreteus, et li mas estoit tous couverts d'autrestel, et la nef estoit autresi couverte et dedens et dehors jusk'ens es bors" de Po. A solução de tradução sintética da sequência descritiva dos três elementos (a nave, a vela e a cortina) revela, novamente, a redução da expressão reiterada sem afectar o plano do conteúdo.

4. Conclusão

Em conclusão, constatámos que o conjunto dos casos de ausência por redução e a amplificação por reiteração e reformulação põe em evidência tanto a utilização da língua de chegada como a construção do texto de chegada. No plano da forma, referimo-nos aos recursos léxico-semânticos e estilísticos que o texto de chegada utiliza na transferência de conteúdos do texto de partida. Verifique-se, assim, como característica da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* uma escrita que não adopta literalmente os artifícios estilísticos na medida em que estes são desenvolvidos na sua fonte vislumbrada aqui através de duas redacções. O procedimento estilístico da amplificação por reiteração, desenvolvido independente da fonte francesa, indica um elevado grau de interesse e/ou preocupação por parte do tradutor de transmitir os respectivos conteúdos de uma forma clara, por exemplo, em relação aos aspectos espirituais (2.1). No que à construção do texto diz respeito, constatámos a preferência pela forma sintética de redacção, a tendência para a economia do texto. Evidencia-se que a característica dominante desta tradução é a redução da redundância, a supressão da elaboração retórica. Este facto leva-nos a crer que o tradutor não deu importância a estes recursos estilísticos ou que não os julgou relevantes para os objectivos do texto alvo. Não deixa de ser relevante considerar o factor de ordem material que poderia ter determinado a economia do texto redigido, ou seja, a forma reduzida do suporte físico disponível. A consideração do receptor é igualmente importante no método de tradução adoptado. Ou seja, o receptor que o tradutor tem em vista determina os princípios de tradução: a concisão e a clareza. Este facto permite-nos pensar nos princípios de tradução praticados por Lutero na

tradução da Bíblia (a pureza e a clareza da língua de destino) tendo como prioridade o seu receptor: a mãe em casa, as crianças na rua e o homem comum. No nosso caso, poderia tratar-se de um receptor da leitura em voz alta ou silenciosa, um receptor menos habituado à elaboração retórica evidenciada pela escrita francesa. Finalmente, o próprio tradutor é importante na realização do acto de tradução. Por isso, as características do receptor acima delineadas podem ser também válidas no caso do tradutor e constituem, assim, o seu perfil.

B. *Livro de Merlin*

Com o presente estudo pretende-se distinguir as características de LM derivadas especificamente do processo de tradução. Procedemos, nesse sentido, ao elenco dos casos classificados como ausência por redução, amplificação, adaptação e reformulação.

1. Ausência de equivalente de LM

1.1 Ausência por redução de forma adverbial redundante

No texto francês observa-se um uso abundante dos elementos adverbiais, que não se mantém com a mesma intensidade na tradução peninsular. A ausência frequente de equivalente adverbial produz-se, de um modo geral, com a expressão redundante que o texto peninsular suprime no processo de tradução. Esta supressão configura-se como uma técnica aplicada nos contextos em que a ausência não determina qualquer alteração no plano semântico. Alguns dos casos apresentados em seguida serão comentados em paralelo com a tradução galego-portuguesa do *Livro de Tristan*, uma vez que se trata de casos / processos semelhantes comuns aos dois textos e relevantes do ponto de vista da comparação do processo de tradução[350].

(i)

[350] ST/TT não podem constituir também elemento comparativo nesta análise porque não apresentam casos similares.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.93)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (ff.152r/col.I-152r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §6/l.1-2)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §714/l.1-2)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)
Falando eles **assy**	La ou li dui chevaliers parloient **ensemble en telle maniere** come je voz di	La ou li doi chevaliers parloient **ensamble en tel maniere** come je vous cont	La u li doi cevalier parloient **ensamble en tel maniere** con je vous cont	La ou li dui chevalier parloient **ensemble en tel maniere** com je vos di	La ou li dui chevalier parloient **ensamble** com ge vos di

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.157/l.110-111)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.63-64)
vos ueedes be*n* q*ue* fala*n* **assy**. **Come** se teuessen conselh<...> dũu gra*n* ffeyto	Vous veez bien qu'elles parlent **ensemble ainsi comme** si elles tenoient conseil d'ung grant afaire

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.155/l.83-156/l.85)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.14-16)
e falaua*n* **desũu**. E<...>taua*n* tanto del <…> q*ue* as poderya*n* ia ouu<...> ia qua*n*to	Et parloient **ensemble** les damoiselles si hault que ceulx dessoubz les pouoient auques oïr

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.51-52)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.38-39)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.31-32)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)
<...> disso el uaamos **dessũu** ata q*ue* aue*n*tura nos <...>	Or chevauchons dont **ensemble**, fait Lancelot, tant que aventure noz face departir	Or chevauchons donc **ensemble**, fet Lancelot, jusques atant que aventure nous face departir	Or cevauchom don't, fait il, **ensamble**, tant que aventure nous face departir	"Or chevauchons donc **ensemble**, fait Lanceloz, dusqu'a tant que aventure nos fera departir."	Or chevauchom donc, fait il, **ensamble**, dusqu'a tant que aventure nos face departir

Como já vimos a propósito de ST/TT, as traduções suprimem sistematicamente um elemento do par sinonímico adverbial para evitar a redundância e proporcionar ao mesmo tempo um texto mais económico. Assim, relativamente ao texto tristaniano, pode ler-se em francês o binómio adverbial "ensemble en telle maniere" cuja função é ornamental, enquanto na tradução galego-portuguesa a expressão se reduz a um elemento adverbial: "assi" (i). Assim, apesar de o ms. BNF, fr. 750 se encontrar omisso no segmento "en telle maniere", observa-se que o termo "assi" do testemunho peninsular se refere semanticamente a "en telle maniere", registado nos outros manuscritos franceses, enquanto o segmento adverbial "ensemble" não conhece paralelo directo em galego-português. Quanto a LM observa-se uma situação similar. O texto francês apresenta a dupla construção "ensemble" e "ainsi comme" e corresponde em galego-português à leitura singular "assy. Como" (ii). Mas nos exemplos (iii) e (iv) evidencia-se a tradução do elemento adverbial quando forma uma composição com um único elemento ("desuu" traduz "ensemble")[351]. A operação de redução dos elementos elencados não afecta o plano semântico do texto fonte, apenas revela a tendência para a sua contracção. Este facto vem ao encontro do princípio de tradução enunciado por Juan Vives, como referimos atrás, conforme o qual a omissão pode tornar-se uma opção quando não afecta o conteúdo do texto original. Estas observações levam-nos, de facto, a constatar que o galego-português, como *posterior* língua, não adopta as formas de *ornatio*, sobretudo a reiteração sinonímica, que o francês, como *prior* língua, deve ter herdado e desenvolvido através da escrita latina. Como observámos no testemunho anteriormente estudado, LM e LT também revelarão a supressão constante destas formas discursivas ornamentais.

Vamos ocupar-nos de seguida de casos relevantes, extraídos de LM, de ausência por redução de formas redundantes do texto fonte.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.22)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.20)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp. 179-180)
ouue feyta **aa guisa**	il l'ot faite **a la maniere et a la guise**	E quant il l'out fait **a la maniere e a la guise**

[351] Casos similares de paralelismo entre LM, LT e inclusive ST/TT são objecto de estudo no último capítulo da quarta parte desta dissertação.

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.156/l.93)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.28-29**)**
ca no*n* posso entender. **a ne*n*hũa g*u*isa**. p*or* u ala podesse sobyr	Je ne voi pas **en nulle maniere** comment elles y peussent estre montees

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.155/l.79-80)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.7-8**)**
e a pena era assy tal<...>ada *e* nedea **en g*u*isa q*ue*** se hũu esq<...>rol podesse ala so<...>	et la roche estoit si roide et si polie **que**, se ung escureux montast

Na categoria dos três casos acima destacada chamamos a atenção para o uso do vocábulo "guisa". Observamos que, dos três registos, na tradução peninsular, dois representam equivalentes adverbiais do francês (i, ii) e o terceiro uso é exclusivo do texto de chegada pela função de elemento de relação sintáctica que desempenha. Tratar-se-ia, no último caso (iii), de um desenvolvimento gramatical produzido no acto de tradução ou, considerando a diferença textual constatada entre os dois textos comparados, pode adiantar-se, também, a hipótese de a lição galego-portuguesa derivar de uma fonte francesa distinta do ms. BNF, fr. 112 ou do seu antepassado. Quanto ao primeiro exemplo, é importante assinalar que se trata de uma ausência por redução da segunda parte da construção sinonímica adverbial no texto de chegada. Ou seja, "a la maniere et a la guise" é traduzida apenas por "aa guisa". Este caso exemplifica, assim, como, apesar da expressividade da construção sinonímica do texto de partida, esta não é adoptada no texto de chegada. As razões para tal serão a expressão redundante intolerável na língua de chegada e/ou no estilo do tradutor e a economia textual. Casos similares veremos de seguida.

1.2 Ausência por redução parcial e total de elementos adverbiais

Seleccionámos um outro conjunto de casos de ausência de equivalente, desta vez apenas de LM, que pode indicar, por um lado, uma técnica de tradução que consiste na redução de elementos que não afectam o conteúdo semântico, ou, ainda, a existência de lições oriundas de um arquétipo francês com as mesmas características. A segunda hipótese, a nosso ver, parece logo invalidada pela constatação do fenómeno de ausência por redução tanto nos exemplos extraídos da primeira

passagem comparada com os mss. Cambridge e Huth, como nos seleccionados da passagem correspondente no ms. BNF, fr. 112, que veremos em seguida. Assim, como veremos, esta característica é específica do texto de chegada e não da sua fonte francesa.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.155/l.82-83)	**BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.11-13)
E el*e*s isto **dize*n*do** cataro*n* **suso**. *e* uiro*n* ata .x. do*n*ze*l*as	Et **endementres** qu'ilz parloient **ainsi**, ilz regardent **lasus en haut** et voient damoyselles jusqu'a .XII.

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.156/l.88-89)	**BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.22-23)
E qua*n*do el*e*s as uiro*n*	Quant les .II. compaignons les voient **lasus**

Prosseguiremos com a apresentação das situações em que encontramos quatro formas adverbiais na mesma frase: "endementres", "ainsi", "lasus" e "en haut" (i) e, de novo a forma "lasus", num contexto distinto (ii), de que LM retém apenas um equivalente em (i) e, em (ii), nada. Quanto ao primeiro caso, se pusermos a hipótese de o arquétipo francês apresentar o mesmo número de advérbios que o manuscrito BNF, fr. 112, a operação de *electio verbis* de LM é uma consequência do acto de tradução. No que concerne ao caso (ii), ao percorrer o texto ou apenas os dois exemplos destacados, damo-nos conta de que a forma adverbial localiza o mesmo espaço em que se encontram as doze irmãs presas pelo encantamento de Merlin. Resulta, assim, uma outra ocasião em que a reiteração adverbial é suprimida no acto de tradução. A redução dos componentes sem relevância no contexto semântico torna o texto mais económico. É ainda de notar a frase do primeiro exemplo em que se emprega a forma verbal no gerúndio ("dizendo"). Pela expressão da acção continuada que o gerúndio confere, a oração pode dispensar-se semanticamente de forma adverbial modal (cf. "endementres" e "ainsi" (i)), de onde resultaria que o contexto linguístico pode condicionar a ausência de constituente adverbial equivalente no texto de chegada através do acto de tradução.

Outros casos de binómios adverbiais sem correspondentes na versão galego-portuguesa ou com correspondência parcial, como por exemplo, "briement", "ainsi", "lors", "moult" ou o conjunto de segmentos verbais formado por "la ou il l'avoit mis" e "tant que il vesqui", tratados num estudo nosso de 2011[352], vêm confirmar a tendência para a economia do texto traduzido. Observa-se ainda que a classe morfológica adverbial é a mais afectada por este fenómeno nestas porções de texto. Concluímos, assim, que os efeitos estilísticos da escrita francesa, realizados através de construções sinonímicas ou apenas de repetições do mesmo elemento em frases distintas, com preponderância adverbial em LM, não encontram paralelo na economia da escrita galego-portuguesa.

1.3 Ausência por redução de segmentos frásicos redundantes

Em relação ao fenómeno de ausência de segmentos frásicos, destacam-se apenas casos pertencentes à parte em que a tradução galego-portuguesa só pode ser comparada com o texto correspondente no ms. BNF, fr. 112. Decorre daí a necessidade de formular as hipóteses de um modo mais prudente.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.156/l.94-98)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.30-41**)**

[352] Ailenii, S. (2011), "*Livro de Merlin* galicien-portugais. Quelques aspects de *collatio* et traduction", *Temps et mémoire dans la littérature arthurienne*, *Actes du colloque international de la Branche roumaine de la Société Internationale Arthurienne, Bucharest, 14-15 mai, 2010*, Bucarest, Editura Universităţii din Bucureşti, p. 350.

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.156/l.94-98)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.30-41**)**
disse Maroth no*n* ssey q*ue* uos y diga fora q*ue* me semelha q*ue* naçero*n* da pena. ou q*ue* caero*n*. y do çeeu. mays de q*ue* come*n* ou de q*ue* beue*n* soo chus marauilhado. Ca no*n* ueio como ala possam auer. se ue*n*to lho no*n* leuar Ay Deus disse Maroth q*ue* ffassen ala suso	– Je n'en sçay que dire, fait le Morholt, fors que il me semble qu'elles naissent de la roche ou elles y sont choites du ciel. **Autre chose je n'y voy**. Mês de leur manger et de leur boire suis je plus esmaiés **que eles mesmes ne sont**, car je ne voy **en nulle guise** comment elles puent avoir a manger, **se elles ne le prennent en la roche** ou le vent ne leur apporte. **– Par foi, fait messire Gauvain, encor cuide je mieulx que elles vivent de vent, car en la roche ne pourroient elles prendre se roche non, la plus dure et la plus naïve que je onques veiss**e. – Ha! Dieux, fait le Morholt, de quoi servent elles lasus?

Mesmo sem uma análise detalhada, o segmento narrativo seleccionado torna evidente a distância textual que separa a fonte de LM e o antepassado do ms. BNF, fr. 112. No primeiro episódio comparado com os mss. de Cambridge e Huth não foi possível detectar casos de ausência de unidades frásicas. Este facto leva-nos a reiterar a hipótese de a fonte francesa de LM não apresentar os desenvolvimentos específicos do ms. BNF, fr. 112. Contudo, neste excerto é possível assinalar um conjunto de ausências produzidas provavelmente no acto de tradução. É importante, por conseguinte, delinear as circunstâncias em que se dá este fenómeno.

No que concerne à ausência de equivalente da oração "Autre chose je n'y voy", esta pode relacionar-se com a tendência para evitar uma apresentação inestética da escrita, dada a reiteração da oração "car je ne voy" na passagem a seguir, forma verbal traduzida, desta vez, por "Ca no*n* ueio". No segundo e terceiro casos reparamos na oração "que eles mesmes ne sont" e na forma adverbial "en nulle guise", cujas ausências por redução no texto de chegada não afectam o sentido da frase. Trata-se-ia, provavelmente, nestas situações, de novo, de uma opção de tradução.

A possibilidade de se evidenciar a técnica de ausência por redução como opção de tradução dilui-se, porém, nos dois casos de que nos vamos ocupar de

seguida. Referimo-nos às unidades frásicas "se elles ne le prennent en la roche" e "Par foi, fait messire Gauvain, encor cuide je mieulx que elles vivent de vent, car en la roche ne pourroient elles prendre se roche non, la plus dure et la plus naïve que je onques veisse". Constatámos que, de um modo geral, a redução afecta partículas breves e simples da frase e se dá nos contextos em que o conteúdo do texto original não é afectado. Ora, as duas situações acima destacadas contêm informação que o texto de chegada, pelas caracerísticas delineadas até agora, não teria posto de parte no acto de tradução, se a sua fonte a contivesse. Este facto leva-nos assim a crer que as respectivas unidades frásicas pertencem ao redactor do ms. BNF, fr. 112 ou ao seu antepassado e não à fonte da tradução galego-portuguesa.

2. Amplificação em LM

Prosseguindo a nossa análise, veremos que o confronto entre LM e os correspondentes franceses revelou casos de amplificação do lado de LM apenas na porção de texto localizada no manuscrito parisiense, ou seja, no testemunho que atesta, de um modo geral, uma redacção mais elaborada. Tendo, assim, como elemento comparativo apenas o ms. BNF, fr. 112, omisso nestes casos, tratar-se-ia do recurso à técnica de *amplificatio* do lado do texto traduzido ou de lições oriundas da fonte francesa. Os exemplos destacados evidenciarão de que modo se concretiza este fenómeno e em que posição se situa cada caso.

2.1 Amplificação de segmentos nominal, verbal e frásico

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.157/l.120-125)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.78-88**)**

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.157/l.120-125)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.78-88**)**
E se nos esteuermos aqui hũa peça n<...> po<...> seer q*ue* no*n* ap*re*ndamos algũa cousa q*ue* a<...> assy como elas dyra*n*. VI Como as donze*l*as da pena disser*o**n*** a Gal<...> a morte *e* de se<...> <...>yo R<...> <...>rtur. Ento*n* <…> **cuydaro*n*** e **ouuiro*n*** o q*ue* hũa <...> disse. Senhor destes dous cau*alei*ros q*ue* <…>	Et je vous di que se nous demorons granment cy, il ne puet estre que nous n'y apreignons aucune chose que nous verrons avenir." Lors commencent a **escouter** les damoyselles ensemble parloient, tant que l'une dist: "Et de ces .II. chevaliers qui nous escoutent, dame, que dictes vous?". - Je dy, fait la dame, de Gauvain que ly homs estranges qu'il avra plus amé li donra la plaie mortel, et ce lui aviendra par son orgueil. Et lors decharront moult li preudommes de la Grant Bretaigne et a neant yront les proeces, car le pere de la Table Ronde recevra mort a cellui temps par la mains de son filz

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.156/l.89-94)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.23-30**)**
disse Maroth a Gal*uan* No*n* ueede*s* as marauilhas q*ue* aca suso esta pena. donas mora*n* y fremosas. mais d*eus* p*or* u sobyro*n* ala. no*n* cuydarya p*or* rre*n* q*ue* y. podesse sobyr hũu esq*ui*rol. **ne*n* que aue ala podesse uoar se a gra*n*de affam no*n***. par Deus disse Galua*n* isto semelha dyabrya. ca no*n* posso entender. a ne*n*hũa g*u*isa. p*or* u ala podesse sobyr. se De*us* **aas** lhy dessen	le Morholt dist a monseigneur Gauvain: "Avés vous veu, sire, merveilles, qu'il a lassus ou sommet de celle roche damoiselles manans belles et coinctes? Ha! Dieu, comment y peurent elles aller? Ja ne cuidasse je pas que ung escureux y peust aler. –Par foi, fait messire Gauvain, ce me ressemble deablerie. Je ne voi pas en nulle maniere comment elles y peussent estre montees, neiz se Dieu leur eust donné **esles a voler**

A situação apresentada no exemplo (i), a dupla predicação "cuydaron e ouuiron", em relação ao texto oferecido pelo ms. BNF, fr. 112 em que se lê apenas a forma "escouter", torna evidente que estes elementos verbais remetem para um modelo francês diferente do ms. BNF, fr. 112, já que observámos que a tendência do tradutor galego-português é, exactamente, a supressão de elementos supérfluos. O segundo exemplo mostra que, de um modo geral, o texto de chegada se mantém fiel à narrativa que se lê no ms. BNF, fr. 112. Surpreende, todavia, a oração "nen que aue ala podesse uoar se a grande affam non" sem paralelo directo no texto francês. Verificamos que esta frase contém um lexema presente na parte final da passagem em

francês, a saber, "uoar"/"voler". Dado a escassez do material físico e a possibilidade de consultar apenas um testemunho a atestar o texto francês nesta porção, confinamo-nos a ponderar hipóteses. Há que formular, assim, duas possibilidades: em primeiro lugar, tratar-se-ia de indícios de um desenvolvimento de conteúdo, dando destaque à ideia de voar associada a uma "aue" e não às próprias donzelas, assim como sugere ironicamente o texto francês e, em segundo lugar, seria possível que esta sintaxe pertencesse à fonte francesa do texto traduzido, dada a inovação no plano semântico em relação ao texto francês estudado.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.25-28)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.26-29)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E sabede **q*ue* quan*d*o morreron q*ue* morreron anbos** e*n* huum dya. E fforo*n* soterrados desũu en aquela camara. E ay*n*da oie os corpos son **q*ue* non pedreçeron. nen podreçeran** en nossos tenpos ca son Balsamados	Et fu voirs q**u'il morurent tout** en un jour et furent mis en terre ensamble en la chambre meesmes. Et encore sont li cors, **qui ne pourriront pas** a mon vivant pour chou que embaussemé furent	E fu voirs **qu'il morurent ambdui** en un jur e furent enterré ensemble en la chaumbre mesmes, e oncor i sunt li cors **qui ne poriront pas** en noz vivanz, pur ceo que enbapsmé furent

O exemplo (iii) vem sublinhar a forma como se acentua no acto de tradução a perenidade dos corpos do príncipe Anasten e da sua amiga através das repetições verbais "que quando morreron que morreron anbos" e "que non podreceron. nen podreceran". A intensificação tem a função de enfatizar a ideia da eternidade dos corpos dos dois amantes. É possível, também, que esta intensificação conseguida graças à repetição do mesmo termo, com ou sem variação morfológica, se baseie no modelo bíblico[353] (*in saecula saeculorum*), facto que dá uma dimensão exemplar a esta história. Revela-se assim um recurso estilístico decorrente do acto de tradução.

A comparação entre ST/TT e a versão mista da *Estoire del Saint Graal* atestada em Po revelou, neste último, uma redacção muito mais elaborada do ponto de vista estilístico, o que tornou, por vezes difícil estabelecer a correspondência entre

[353] "cui est gloria in saecula saeculorum" *Epistula Pauli ad Galatas, caput 1:5*; "ipsi gloria in ecclesia et in Christo Iesu in omnes generationes saeculi saeculorum amen" *Epistula Pauli ad Ephesios, caput 3:21*, *Biblia Sacra*, *Prologi Sancti Hieronymi in Biblia Sacra*.
Disponível em: www.thelatinlibrary.com/bible.html (20.XII.2011).

os textos. No caso de LM e do ms. BNF, fr. 112, não constatámos necessariamente uma dificuldade semelhante, apesar de o manuscrito francês ser desprezado pela crítica por representar um "remaniement". O desenvolvimento estilístico constatado no texto de partida representado pelo ms. BNF, fr. 112, não dificultou a observação dos fenómenos decorridos do processo de tradução. Ou seja, a forma *ad verbum* como se traduzem, em geral, os fragmentos em que se enquadram os elementos sublinhados em (i), (ii) (iii), revela que a diversificação estilística e/ou textual da *Suite du Merlin* contida no ms. BNF, fr. 112 não atingira o nível de elaboração da *Estoire del Saint Graal* transmitida por Po.

3. Adaptação

Esta categoria de casos destaca o uso da língua de chegada com os seus recursos gramaticais e estilísticos na equivalência de conteúdos da língua de partida.

3.1 Adaptação estrutural

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.3-5)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.23-25)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E amaua hũa ffilha dúúm pobre caualeyro de tan gra*n*de amor que ne*n*huu<...> home **no*n* poderya <...> mayor amor a molher**	Il amoit la fille d'un povre chevalier de si grant amour que morteus hom **ne pooit plus feme amer**	e amoit la fille d'un povr [sic] chevalier de si grant amur que morteuz home **ne porroit tant femme amer**

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.8-10)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.5-7)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E q*uan*do o padre uyu q*ue* no*n* leixava **rre*n* por seu rrogo. ne*n* por seu castigo**. disselhy. Se te no*n* quitas dessa conpanha. eu matarey ty /ou/ ęela	Quant li rois vit qu'il ne lairoit **riens pour sa priiere, il l'en menacha** et li dsit: "Se tu ne laisse briement sa compaignie, je te destruirai."	Quant li peres vit q'il n'en feroit **riens por sa prier, il li manaça** e li dit: -Si tu ne lessasse sa compaignie, jeo te destruierai od lui

Nos segmentos acima assinalados, o texto de chegada mostra uma tendência para a expressão em grupo nominal. O segmento "non poderya <...> mayor amor a

molher" (i) marca a utilização do nome "amor" em LM, correspondente do verbo "amer" em ms. Huth/ms. Cambridge. Neste caso, tratar-se-ia de uma mera preferência no texto de chegada pela expressão nominal.

No exemplo (ii), em contrapartida, a equivalência do segmento composto por grupo nominal + grupo verbal ("riens pour sa priiere, il l'en menacha") por grupo nominal + grupo nominal ("rren por seu rrogo. nen por seu castigo") evidencia, no texto traduzido, uma simetria sintagmática através da sequência nominal. Estes exemplos ilustram o princípio de equivalência dinâmica do acto da tradução que se centra no conteúdo do texto de partida.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.9-12)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.6-9)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
Se te no*n* quitas dessa conpanha. **eu matarey ty** /ou/ ęela. **Matarme** podedes dissel. mays eu no*n* quitarey ende. ante a. amarey senp*re* me*n*tre eu uyuer. Sy disse el Rey. ora saby q*ue* **eu ty partyrey dela. ca a matarey ante ty**.	"Se tu ne laisse briement sa compaignie, **je te destruirai**." Et il dist: "Je nel lairai ja, ains l'amerai toute ma vie. –Voire? che dist li rois. Or saches que **je t'en destruirai et li devant toi**."	-Si tu ne lessasse sa compaignie, **jeo te destruierai** od lui. -Pur tant, fait il, // me poez **destruire**, car jeo ne lerrai ja, ainz l'ameroit tote ma vie. -Voire, dist li rois, ore sachiez que **jeo te destruierai et li devant toi**.

A primeira menção diz respeito às formas verbais "matar" e "partir" que aparecem em LM como equivalentes de "destruire" do ms. Huth e do ms. Cambridge. Assim, os segmentos verbais "eu matarey ty", "Matar" correspondem semanticamente às estruturas verbais "je te destruirai" no ms. Huth/"jeo te destruierai" no ms. Cambridge, sendo a segunda ocorrência de "Matar" equivalente de "destruire" registado apenas no ms. Cambridge. Neste último caso, o ms. Huth é omisso.

Uma terceira situação vem mostrar como a atenção do tradutor se centra preferencialmente na expressão explícita de determinadas acções, tal como se confirmou também nos exemplos das repetições verbais dos casos anteriores (2.1 (iii)). A utilização dos núcleos verbais do segmento "eu ty partyrey dela. ca a matarey ante ty", como equivalentes de "je t'en destruirai et li devant toi" do ms. Huth e "jeo

te destruierai et li devant toi" do ms. Cambridge, difere no plano semântico. Ou seja, o texto de chegada indica o plano do rei de separar o príncipe da sua amante pela morte desta, enquanto os testemunhos franceses sugerem, pela conjugação do mesmo verbo ("destruire"), a morte dos dois amantes causada pelo rei. Tratar-se-ia novamente de uma correcção produzida no acto de tradução, porque, afinal, a espada do rei mata apenas a "amjga" do príncipe.

4. Reformulação por anáfora

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.14)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.9-11)	**ms. Add. 7071, Cambridge Univ.** (trans. Soberanas, pp.179-180)
II **Co*m*o Anaste*n*, con pauor de aSen seu padre fez a camar na pena.** Qvando **Anasten isto** ouuyu. ffez asconder a do*n*zela.	Quant **li chevaliers** entent **ceste nouviele**, il fist la damoisele destorner et reponre	Quant **li chevaliers** oi **ceste novele**, si fist la damoisele desturner e respondre

Evidencia-se, no texto de chegada, o uso da forma anafórica "isto" substituindo o grupo nominal "ceste nouviele". Não deixa de ser importnate chamar a atenção também para a designação do príncipe pelo nome próprio "Anasten", enquanto o texto francês utiliza o nome "li chevaliers". A utilização do nome próprio na referência à personagem é justificada pela cisão que a interpolação da rubrica cria a nível textual. Se LM optasse por manter o equivalente directo do francês "li chevaliers", resultaria uma lição confusa; mas, o nome próprio "Anasten" exprime de uma forma clara o sujeito desta oração que, aliás, é antecipado pela rubrica. No caso da anáfora, trata-se de uma opção pela brevidade resultante do acto de tradução. No texto de chegada recorre-se à expressão anafórica a fim de obter uma redacção económica da fonte francesa. Em LT, veremos o uso abundante deste tipo de expressões como característica decorrida do acto de tradução.

5. Conclusão

A presente análise vem consolidar o recurso às mesmas técnicas de tradução evidenciadas no estudo de tradução sobre ST/TT. A diferença consiste nas formas em

que estas se concretizam em LM. Constatámos assim que a ausência se realiza por redução de formas redundantes, por redução parcial de elementos ou contracção de texto e, finalmente, por redução total de vocábulos. LM destaca-se pela forma sistemática de suprimir as construções adverbiais, não só quando aparecem em par sinonímico, mas também em casos singulares. Existe também um controlo estético do texto, sendo dispensada a oração com o mesmo núcleo verbal e relacionada com o mesmo tema (1.3 (i)). Revela-se, ainda, a tendência para a contracção da estrutura lexical e a concisão. Apesar de o texto de chegada não seguir o princípio da correspondência formal do texto de partida, constatámos que, no fundo, os receptores dos dois textos têm acesso à mesma narrativa.

Quanto à segunda técnica utilizada na redacção do texto de chegada, a amplificação, observámos um uso moderado em formas variadas. Em ST/TT, a *amplificatio* realiza-se por reiteração, dando destaque às particularidades de uma certa ideia ou facto. Em LM, evidencia-se também a amplificação que se centra na consolidação da ideia da eternidade (2.1(iii)) e, além dessa, deparamo-nos também com uma amplificação lexical que consiste no desenvolvimento de uma ideia latente na fonte francesa (2.1(ii)). Todas estas formas de expansão de texto indicam uma intervenção da parte do tradutor mais acentuada do que em ST/TT.

Por outro lado, o fenómeno de adaptação privilegia também a correcção da fonte (3.1 (iii)) e põe em relevo os recursos gramaticais e estilísticos da língua de destino. A técnica de reformulação por anáfora, bem como a de redução evidenciam o carácter económico do texto de chegada.

C. Livro de Tristan

O *Livro de Tristan*, transmitido em testemunho único, será confrontado com o mesmo texto francês contemplado na análise de colação atestado nos manuscritos BNF, fr. 99, fr. 756, fr. 750, 404 Carpentras (ed. Renée Curtis) e 2542 Viena (ed. Philippe Ménard). Neste estudo, a relevância da inclusão de vários testemunhos franceses que transmitem o texto de partida enquadrados num arco cronológico do século XIII até ao século XV reside na constatação de fenómenos de ausência e amplificação apenas do lado do texto de chegada. De facto, dado que o texto francês se mantém, de um modo geral, sem variantes substanciais em todos os testemunhos franceses, os casos de ausência e amplificação exclusivos do texto galego-português levam-nos a pensar que se trata de mecanismos resultantes do acto de tradução. O objectivo deste estudo será assim delinear as circunstâncias que determinaram o recurso a estas técnicas na redacção do texto traduzido e, com base nas características resultantes, traçar também o perfil do tradutor do texto galego-português. Além das técnicas de ausência e de amplificação, foram, também, detectadas outras como a reformulação (por síntese e por anáfora) e a modificação estrutural.

1. Ausência em LT

Como se verificou nas análises de ST/TT e LM, o texto de chegada nem sempre adopta os recursos estilísticos do texto de partida. Referimo-nos nomeadamente à elaboração retórica concretizada por repetições sinonímicas ou por construções frásicas que pretendem consolidar uma ideia anteriormente mencionada.

É importante observar os factos resultantes do processo da tradução de LT e os factores que os determinam. A técnica de ausência por redução detecta-se em casos de formas redundantes, de elementos com ou sem relevância para o conteúdo global da frase e de expansão lexical. No primeiro caso das formas redundantes, resulta a redução de uma destas, no segundo caso dos elementos com ou sem relevância semântica, elimina-se completamente o respectivo segmento e, no terceiro caso de expansão, realiza-se uma contracção lexical ou uma redução parcial. Este fenómeno afecta os grupos nominal, verbal, adverbial, a unidade frásica e o segmento narrativo. Para facilitar a análise seguimos a classificação dos casos que evidenciam esta técnica de tradução por critérios morfológicos.

1.1 Ausência por redução de grupo nominal

1.1.1 Ausência por redução de forma nominal redundante

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.70-71)	**ms. BNF, fr.750** (ff.129r/col.I-129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §4/l.18-21)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.31-33)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)
et ora ta*n*to q*ue* uiu **(a)o Caual*ei*ro** q*ue* **a ponte** guardava vai fica*n*do detras por nos meter dea*n*te et q*ue* lle paguemos **(b)esta portage*n***	et maintenant lors qu'il apercut **(a)chevalier** qui **cest pont** garde, il se mist derriere nos por ce que nos alissom devant et que nos li aquitissom **(b)le passage de cest pont**	et orendroit, tout maintenant k'il aperchut **(a)cest cevalier** ki **chest pont** garde, il se mist deriere nous pour ce que nous alissom devant et li aquitissom **(b)le passage de cest pont**	et orandroit tot mentenant qu'il aperçut **(a)le chevalier** qui **cest pont** garde, il se mist par derrieres nos por ce que nos alissiens devant et li aquitisiens **(b)le passaige de cest pont**	et orendroit tout maintenant qu'il apercut **(a)cest chevaliers** qui **cest pont** garde il se mist derriere nous pour ce que nous alissons devant et li aquitissons **(b)le passage de cel pont**	et orendroit tout maintenant qu'il aparcut **(a)cest chevaliers** qui **cest pont** garde il se mist par derrieres nous pour ce que noz alissions davant et li acquictissons **(b)le passage de cest pont**

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.107-108)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.4-7)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §731/l.4-6)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.I)
auya h**ũu fremoso chão** q*ue* duraua bem duas legoas Et era be*n* guarnido de padros *et* de fontes *et* de aruores	avoit **une plaigne trop bele**, qui duroit bien de totes parz trois liues engleches, et estoit **cele plaigne** garnie merveillouse ment de prez et de bois et de fotaines	avoit **une plaingne trop bele**, qui duroit bien de toutes pars deus lieues englesques, et estoit **cele plaingne** garnie merveilleuse ment de prés, de bois et de fontainnes	avoit **une pleigne trop bele** qui duroit bien de totes parz deus liues englesches et estoit **cele plene** merveilleuse ment garnie de prez et de bois et de fontenes	avoit **une plaigne trop bele** qui duroit bien de totes pars II liues englese et estoit **cele plaigne** merveilleuse ment garnie de pres de hies et de fontaines	avoit **une plaine trop belle** qui duroit bien de toutes pars II lieues engleces et estoit **celle plaine** merveilleuse de pres et de boiz et de fontaines

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.112-114)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.14-16)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.13-15)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.II)
Quando lançarot*e* uiu os Caualos e os escudos ant*e* **as te*n*das** *et* ta*n* p*re*to da **porta** disso en seu coraço*n*	Quant Lancelot voit les chevaus et les escus devant **les pavillons** et si pres de la porte **des pavillons et de la porte del chastel** il dist bien a soi meismes	Quant Lanselos voit les cevaus tous apareilliés et les escus devant **les paveillons** et si pres **de la porte du castel**, il dist bien a soi meïsmes	Quant Lanceloz voit les chevax et les escuz devant **les paveillons** et si pres **de la porte dou chastel** il dit bien a soi meïsmes	Quant Lancelot voit les escuz devant **les paveillons** et si pres **de la porte dou chastel**, il dist bien a soi meimes	Quant Lancelot voit les escus et les chevaux davant **les paveillons** et si pres **de la porte du chastel** il dist bien a soy mesmes

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.84/l.189-190)	**ms. BNF, fr.750** (f.136v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.46-49)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §737/l.3-5)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** f.150r/col.II
Et disseron*n*lle q*ue* estaua **fora da uila** Et el sse foy **aa porta** *et* ssayu fora	Sire, dient il, **la defers devant la porte,** encore n'est il entrez ceienz Li chevaliers s'en vait atant dusqu'a **la porte do chastel** et s'en ist fors	Sire, font il, il est **la hors devant la porte**, encore n'est il chaiens entrés." Li cevaliers s'en vait atant dusc'a **la porte du castel** et s'en ist hors tous maintenant	"Sire, font il, il est **ça defors la porte**; il n'est mie encores ceanz entrez." Li chevaliers s'en vet atant defors **la porte dou chastel** et s'en ist fors	Sire, font il, est **dehors la porte**, il n'est mie encore ceens entres. Les chevaliers s'en vet atant dehors **la porte del chastel** s'en ist hors	Sire, font ilz, il est **la hors de la porte du chastel** et il se mist hors

No primeiro caso (i) tratar-se-ia, à primeira vista, de uma forma de redundância eliminada no texto traduzido, mas, de facto, a língua receptora privilegia a redução da expressão redundante "ponte" do grupo (b) optando pelo uso do vocábulo "portagen" que assume a ideia da ponte e acrescenta o valor pecuniário da

forma de passar a ponte[354]. A solução na redução da redundância do segundo exemplo difere completamente do primeiro. Neste caso, recorre-se à mera eliminação da repetição do grupo nominal "cele pleingne". Os casos (iii) e (iv) referem a passagem em que Lancelot, depois de abandonar Brandeliz e Queia, continua o seu caminho "ata que chegou preto da montaña do castelo" que era "mais rico e mais viçoso". Aqui, Lancelot será convocado a lutar contra alguns cavaleiros, incluindo o senhor do castelo. Destes combates, Lancelot sairá vencedor. Nestes excertos, observa-se a ausência, no texto de chegada, de equivalente da indicação específica sobre a porta do castelo, surgindo apenas "porta". O texto traduzido oferece uma possível explicação para este aspecto. Lendo a porção de texto anterior a estas passagens, podemos observar a preocupação com o enquadramento geográfico do castelo e a estética deste. Nesta descrição, "o castelo" é referido três vezes, das quais duas são comuns aos dois textos e uma terceira lição exclusiva do texto galego-português[355] (iv) a).

(iv) a)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr.750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr.756**	**ms. BNF, fr.99**
ata q*ue* chegou p*re*to da montana **do Castelo** (p.79/l.105)	la ou il avoit une plaigne et tant fist qu'il vint pre*s* **dou chastel** (f.135r/col.I)	et tant fist k'il vint pres **du castel** (vol.I, §27/l.2-3)	et tant fist qu'il vint pres **dou chastel (**§731/l.2-3)	et tant fist qu'il vint pres **del chastel** (f.157r/col.I)	et tant fist qu'il vint pres **de chastel** (f.149r/col.I)
Et sabede q*ue* susu na mo*n*tana **a derredor do Castelo** (p.79/l.106-107)	Et sachiez que la desus en la Montaigne (f.135r/col.I)	Et saciés que la desus en la montaingne (vol.I, §27/l.3-4)	Et sachiez que la desus en la montaigne (§731/l.3)	Et sachies que la dessus en la montaigne (f.157r/col.I)	Et saches que dessus en la montagne (f.149r/col.I)
p*or* q*ue* **o Castelo** era mays Rico (p.79/l.108-109)	qui **le chastel** faisoient bel et riche (f.135r/col.I)	ki **le castel** faisoient rice (vol.I, §27/l.7)	qui **le chastel** faisoient riche (§731/l.6)	qui **le chastel** fesoient riche (f.157r/col.I)	qui **le chastel** faisoient riche (f.149r/col.I)

[354] Sobre este tema, ver 2.3 Amplificação de frase, exemplo (i).
[355] Sobre a lição exclusiva de LT, ver 2.1 Amplificação de grupo nominal, exemplo (ii).

A seguir a estas passagens em que o tradutor alinha com o texto de partida na transferência dos respectivos conteúdos, existem essas duas ocorrências do lexema "chastel" sem equivalente em galego-português, referindo-se à porta do castelo (iii), (iv). É possivel que estas três lições anteriores, referenciando o castelo onde Lancelot chega e vê perto da porta seis tendas, devam ter condicionado a redução das ulteriores expressões contendo este vocábulo, a fim de eliminar a redundância de uma noção implícita. No quarto exemplo, além da adaptação do discurso directo, resultante igualmente do acto da tradução, a opção de tradução "fora da uila" equivalendo "la hors devant la porte" indica um espaço físico mais largo do que o transmitido na lição do texto de partida. O texto galego-português sugere a localização de um espaço inseguro, vago, indeterminado onde se encontra Lancelot, enquanto, em francês, se oferece um indicador exacto relativo à localização, "la porte". O vocábulo "uila", da solução em Galego-Português, designa aqui o espaço abrigado pelos muros do castelo habitado pelo senhor e os seus vassalos. Pode inferir-se como base desta solução de tradução o eco da lírica trovadoresca em que "fora da vila" é o espaço da aventura[356]. (v)[357]

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.80-82)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.10-17)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.9-14)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)

[356] "Ay fremosinha, se bem ajades / longi de vila, quem asperades? / Vim atender meu amigo / (...)" Cf. Brea, Mercedes (coord., 1996), *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, vol. 1, Santiago de Compostela, CIRP, Xunta de Galicia, p. 165; Sobre este assunto ver também Ferreira, Mª do Rosário (2010), "*Aqui, alá, alhur*: reflexões sobre poética do espaço e coordenadas do poder na *Cantiga de Amigo*", *Aproximacións ao estudo do Vocabulario Trobadoresco*, ed. Mercedes Brea e Santiago Lopes Martínéz-Morás, Santiago do Compostela, Centro Ramón Piñeiro, pp. 209-225. Disponível em: http://www.cirp.es/pub/docs/argamed/estudo_vocabulario_trobadoresco.pdf#page=210

[357] O caso de ausência de equivalente da frase "Et sachiez que li ponz estoit biaus et granz et forz et avoit plus d'une lance de lé" encontra-se comentado em 1.4 (i).

Ento*n* leixaro*n* yr c*ontr*a ssy os caual*os* **por çima da ponte**	Aprés icestui parlement laisse corre li uns vers l'autre tant com il puent des chevaux traire **par desus le pont**. Et sachiez que li ponz estoit biaus et granz et forz et avoit plus d'une lance de lé.	Aprés cestui parlement laisse courre li uns vers l'autre sans faire autre delaiement, tant com il pueent des chevaus traire **par desus le pont**. Et saciés que li pons estoit biaus et grans et fors et avoit plus d'une lance de lé.	Aprés cesti parlement lesse corre li uns vers l'autre tant com il pueent des chevax traire **par desus le pont**; et sachiez que li ponz estoit biax et granz et forz, et avoit plus d'une lance de lé.	Apres cestui parlement laissent corre li uns en contre l'autre tant come il poent des chevaus traire **par dessus le pont**. Et sachies que li pont estoit biax et fors et avoit plus d'une lance de le.	Apres cestui parlement laissent courre li uns vers l'autre tant come ilz puent dez **chevaux par dessus le pont**. Et sachies que le pont estoit biaux et grans et fors et avoit plus d'une lance de le.
Et o Caual*eir*o da ponte q*ue* era muy grande *et* muyto arrizado leixousse yr	Et li chevaliers dou pont, qui granz, chevaliers estoit et de merveillouse force, laisse corre **par desus le pont**	Li cevaliers du pont, ki grans estoit et de merveilleuse forche, laisse courre	Et li chevaliers dou pont, qui granz estoit et de merveilleuse force, lesse corre	Et li chevaliers del pont qui grans estoit et de merveilleuse force lesse corre	Et le chevaliers du pont qui grans estoit et de merveilleuse force laisse courre
a q*ue*ya ta*n* brauame*n*te como sse fosse Corisco	vers Keux d'Estraux, ausi ravinosemen t com se la foldre le chacast	vers Keu d'Estraus **par desus le pont**, ausi ravineuseme nt com se li foudres le cachast	a Kex d'Estax **par desus le pont** ausi ravineuseme nt com se foudre le chaçast	vers Keux d'Estraus **par desus le pont** ainssi ravineuseme nt come **ce** [sic] la foudre le chacast	vers Kahedin d'Estraux **par dessus le pont** autresi roidement come se la fouldre le chacast

A ausência da referência à ponte no exemplo (v) (b) explica-se pela mesma técnica de redução de formas redundantes, dada a ocorrência do mesmo segmento nominal numa passagem anterior (v) (a): “enton leixaron ir contra si os caualos por cima da ponte” correspondendo a “Aprés icestui parlement laisse corre li uns vers l'autre tant com il puent des chevaux traire par desus le pont” lida, por exemplo, no ms. BNF, fr. 750 (f.129r/col.II).

1.1.2 Ausência por redução total de grupo nominal

Neste conjunto de casos, há uma perda constante de detalhes no texto de chegada. Por vezes, resulta daqui uma sensível perda de dados significantes, outras vezes não há relevância no plano semântico.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.83-84)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.17-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.14-16)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)
et ferio dũa lança curta *et* grossa de tal golpe q*ue* derribou o Caval*ei*ro *et* o caualo **dessũu** sobre la ponte	et le fiert si durent **en son venir** d'un glaive cort et gros qu'il abat le chevalier et le cheval tot en**l'un d'une part et l'autre d'autre**	et le fiert **en son venir** si durement k'il abat le cevalier et le ceval desus le pont, **l'un d'une part et l'autre d'autre**	et le fiert **en son venir** d'un glaive cort et grox si durement qu'il abat Kex sor le pont et le cheval, **l'un d'une part et l'autre d'autre**	et le fiert **en son venir** d'un glaive cort et gros si durement qu'il abat Kex li d'Estraux que le cheval par dessus le pont **l'un d'une part et l'autre d'autre**	et le fier **en son venir** d'un glaive court et gros si durement qu'il abat Kahedin d'Estraux et le cheval dessus le pont **l'un d'une part l'autre d'autre**

(ii)[358]

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.77/l.84-78/l.87)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.20-26)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.16-21)	**ms.BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)
desy tornousse p*er*a hu estaua Ante,	puis s'en vait oltre. Et quant il a son poindre parfurni, il s'en retorne la droit ou il estoit au comencement. Et Kex, qui **de ceste ioste** n'avoit eu nul mal fors tant solement qu'il abatuz estoit, se relieve molt	puis s'en revait outre et, quant il a son poindre parfurni, il s'en retourne la u il estoit au conmenceme nt. Et Kex, ki **de ceste jouste** n'avoit eü nul mal du monde fors tant seulement	et puis s'en vet outre. Et quant il a son poindre parforni, il s'en retorne la ou il estoit au comencemen t. Et Kex d'Estrax, qui **de ceste joste** n'avoit eü nul mal fors tant seulement qu'il avoit	puis se vuet oultre la ou il estoit au comencemen t. Et Keux d'Estraus qui **de ceste joste** eu nul mal fors tant seulement que n'avoit eu nul mal fors tant seulement qu'il avoit este abatu se relieve moult	puis s'en vait oultre et come il a son poindre parfurni il s'en retorne la ou il estoit au comencemen t. Et Kahedin d'Estraux que **de ceste jouste** n'avoit eu nul mal fors tant seulement qu'il avoit
et q*u*eya q*ue* out*r*o mal no*n* Reçebeu seno*n* do caer, levantousse muy uiuamuyta *et* subiu en sseu					

[358] Os segmentos verbais e frásicos ausentes são debatidos nas partes dedicadas a estas categorias.

caualo *et* disso señor caualeiro derrebastesme	vistement, puis vient a son cheval et remonte. Lors dist **au chevalier dou pont** Ge voi bien que vos m'avez abatu	k'il avoit esté abatus, se relieve mout vistement et vient esranment a son ceval et monte, puis dist **au cevalier du pont** "Sire cevaliers, je voi bien que vous m'avés abatu	esté abatuz, se releve mout vistement et vient a son cheval, et monte. Puis dit **au chevalier dou pont** "Sire chevaliers, je voi bien que vos m'avez abatu	justement et vient a son cheval et monte puis dit **au chevaliers del pont** Sire chevalier, je voi bien que vous m'aves abatu.	este abatus se relieve moult vistement et vient a son cheval et monte, puis dist **au chevaliers du pont** Sire chevaliers, je vois bien que voz m'aves abatu

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.96-97)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §6/l.8-10)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §714/l.7-9)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)
e Neroveix quando uiu que non queria leixar a passage da ponte meteu a la*n*ça	Et li chevaliers dou pont voit qu'il ne velt laissier a passer **por doutance de lui** il li laisse corre	Et li cevaliers du pont, quant il voit que chil ne veut laissier cheste voie **pour doutance de lui** il li laisse courre le glaive baissié	Et quant li chevaliers dou pont voit que cil ne veust lessier le passaige **por do/tance de li** il li lesse tot mentenant corre le glaive bessié	Et quant li chevaliers del pont voit que cil ne velt lessier le pont ne le passage **pour doute de lui** il lesse tout maintenant core le glaive bessie	Et quant le chevaliers du pont vit que cil ne veult laisser cest passage **pour doubtance de lui** il li laisse tout maintenant courre le glaive brisie

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.109-110)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.8-11)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.7-9)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.I)
Quando lançarot sse foy chega*n*do uiu p*re*to da porta vj te*n*das armadas muy fremosas *et* Ricas	Quant Lancelot fu devant le chastel venuz, il voit **en un pre, la devant, assez** pres de la porte, **en une**	Quant Lanselos fu devant le castel venus, il voit **en un pré, la devant, auques** pres de la porte,	Quant Lanceloz fu devant le chastel venuz, il vit **en une place la devant assez** pres de la porte **en**	Quant Lancelot fu devant le chastel venus, il voit **en I pre la devant le chastel asses** pre **de la montaigne**	Quant Lancelot fut davant le chastel venuz il voit **en un pre la davant asses** pres de la porte **en une**

ademays	**grant arbroie dusqu'a** .vj. paveillons tenduz biaus et riches	**en une grant arbroie tendus dusc'a** .VI. paveillons biaus et riches	**une grant arbroie tendus dusqu'a** sis paveillons biax et riches	**et** de la porte del chastel **en uns grans arbres tendus jusques a** VI pavillons biaus et riches	**grant arbre tenans jusques a** VI paveillons biaux et riches

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.110-112)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.11-12)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.9-11)	**ms. BNF, fr. 756** (f.157r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (ff.149r/col.I-149r/col.II)
et ant*e* Cada hũa tenda estaua hũu Caualo ensselado *et* guisado p*er*a subir hũu ome em ele E sabede que	Delez chascun des paveillons avoit un cheval **tot** ensele et **tout** apareillie dou monter **et un escu tot novel** Et sachiez que	Delés cascun paveillon avoit un ceval **tout** enselé et **tout** apareillié pour monter **et un escu tout nouvel** Et sachiés que	Delez chascun paveillon avoit un cheval **tot** enselé et **tot** apareillié de monter, **et un escu tot novel** Et sachiez que	Deles chascun pavillonn avoit I cheval **tout** ensele et **tot** appareillie de monter **et I escu tot novel** Et sachies que	Delez chascun paveillon avoit un cheval **tout** enselle et **tout** appareillie de monter **et un escu tout nouvel** Et sachies que

No exemplo (i) há uma redução quanto às etapas dos momentos de combate "en son venir"; ou, no caso (ii), encontram-se ausentes dois complementos: "de ceste jouste" e "au chevaliers du pont". Nestas situações não se regista necessariamente uma perda de sentido global da segmento discursivo. Em contrapartida, o segmento "l'un d'une part et l'autre d'autre" (i) não parece encontrar um equivalente directo no texto de chegada, pois pelo lexema "desuu", como solução de tradução, se perde o sentido do texto de partida. Na mesma linha, nos exemplos (iii), (iv) e (v), a ausência de equivalente dos segmentos "por doutance de lui" (iii), "en un pre, la devant, assez" e "en une grant arbroie dusqu'a" (iv) e "et un escu tot novel" (v) causa uma perda de dados significantes em relação a estas porções do texto fonte. A ausência do segmento apresentado em (v), por exemplo, será explicada pela referência ao mesmo numa passagem contigua, mas neste contexto já se perde o significado "novel"

exclusivo da lição (v)[359]. Concluimos que, nesta porção de texto, se trata de uma forma *ad sensum* de tradução em que o pormenor sem relevância na semântica textual não é adoptado pelo tradutor. Atráves deste método de tradução é favorecido o sentido e, de acordo com o que o humanista espanhol Juan Vives[360] afirma relativamente à forma de traduzir os textos literários, é importante, além de "o que se diz", o modo como se concretiza a expressão. Aqui, evidencia-se a redução de elementos supérfluos como maneira sintética de reproduzir o conteúdo do texto original.

1.1.3 Ausência por redução parcial de grupo nominal

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.93-94)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §6/l.2-4)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §714/l.2-3)	**ms. BNF, fr. 756** (f.152r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)
Brandeliz q*ue* uiu **seu Co*n*pan*ei*ro** derribado guisousse de passar A ponte	Brandelis, qui **Keux d'Estraux**, **son compaignon**, voit abatu, s'apareille de passer le pont	Brandelis, qui **Kex d'Estraus son compaingnon** voit abatu, s'apareille de passer le pont	Brandeliz, qui **Keu d'Estax**, **son compaignon**, voit abatu, s'apareille de passer le pont	Brandelis, qui **Keu d'Estraus**, **son compaignon** voit abatu, s'appareille del passer le pont	Brandeliz qui **Kahedin d'Estraux** voit **son compagnon** abatu, s'appareille de passer le pont

No segmento acima seleccionado, nota-se uma redução parcial da forma de identificação da personagem Queia, mantendo-se apenas o aposto "seu Co*n*pan*ei*ro".

1.1.4 Ausência por redução de construção sinonímica

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.74/l.29-75/l.31)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.22-24)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.18-20)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
Ay por deus disse o padre el he hũu Caual*ei*ro	Ha! pour Dieu, Sire, fait le pere, c'est un	Ha! pour Dieu, sire, fet li peres c'est I jeunes	"Ha! pour Dieu, sire, fait li peres, ce est uns	"Ha! sire, por Dieu, fait li peres, c'est uns joenes	Ha por Dieu, sire, ce est uns joeunes

[359] Sobre este caso, ver 4. Modificação estrutural, exemplo (vi).
[360] Vivis Valentini, Ioannis Lodovici (1537), *op. cit.*, pp. 342-343.

muy menino *et* no*n* he ta*n* **sisudo** como lle seria mest*er*	jeunes chevaliers et non mie **si sages ne si mesures** come il li seroit mestiers	chevaliers, non mie t**ant sachez ne si amesures** come il li fesoit mestiers	jovenes cevaliers et non mie **si sages ne si amesurés** com mestiers li seroit	chevaliers et non mie **si saiges ne si amesurez** com il li seroit mestiers	chevalier et non mie **si sages et si amesures** com mestier li seroit

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.32-34)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms.BNF,fr. 756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.27-30)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.22-25)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
Ora sabede por uerdade q*ue* em uosso fillo no*n* meterey mão saluo se mo **cuyta** no*n* fas fas*er*	Biaus hostes, fait Lancelot, et saches que en vrement fait je ne meitrait main en nulle maniere du monde se **grant besoing** ne le me fait force au s'il ne me fait **trop grant oustrage**	Biax hostes, fet Lancelot, or saches que en votre fill ne metrai je main en nule del monde, se g**rant besoign** ne le me fet fere ou il ne me fesoit **trop grant oultrage** que chevaliers ne deust souffrir	"Biaus ostes, fait Lanselos, or sachiés tout vraiement que ja a vostre fil ne metrai main, se **grant besoingne** ne le me faisoit faire u il ne me faisoit tel **outrage** que chevaliers nel deüst souffrir."	"Biax ostes, fait Lanceloz, or sachiez que en vostre fil je ne metré men en nule maniere dou monde se **granz besainz** ne le me fait faire, ou il ne me faisot tel **otraige** que chevaliers ne deüst sofrir."	Biaus hostes, fait Lancelot, or sachiez tot veraiement que en vostre fill ge ne metra ia main, e **molt grant besong** ne le me fait fa ire ou il ne me faisoit tel **oltrage** que chevaliers ne deust souffrir

Assim como observámos em ST/TT, a sinonímia como artifício retórico característico do texto de partida não será mantida no estilo do texto de chegada. Os dois exemplos destacados de LT vêm revelar, uma vez mais, que esta é uma característica do texto arturiano em galego-português. Encontra-se, assim, presente, no texto de chegada, apenas um equivalente do binómio sinonímico "sage" et "mesure", ou seja "sisudo", no primeiro exemplo e, do par sinonímico "grant besoing"/"grant oustrage", é mantido o equivalente "cuyta". Apesar de não conferir mais informação ou conotação expressiva, o segundo elemento da construção sinonímica desenvolve a noção emitida pelo elemento precedente, tendo a função estética, nestes casos, de dar mais relevo à questão da imaturidade do cavaleiro da ponte e mais ênfase ao prejuízo que este poderá causar a Lancelot. Todos estes efeitos

estilísticos não conhecem paralelo no texto galego-português dado o seu carácter conciso e menos elaborado em termos de retórica. Sobre o receptor do texto de chegada, podemos dizer que, na verdade, não fica a saber menos com estes cortes redaccionais operados pelo tradutor peninsular do que o do texto de partida, apenas percorre um texto menos desenvolvido no plano da forma.

1.2 Ausência por redução de grupo verbal

Até agora analisámos os casos que exemplificam a ausência de equivalente de construção nominal. Referir-nos-emos em seguida a uma outra categoria do inventário da língua afectada pelo fenómeno de ausência: o grupo verbal. Destacam-se casos que reflectem, apesar de ausência de correspondente directo, uma equivalência funcional no plano semântico e estilístico no texto de chegada. Parece, assim, estar presente o objectivo de transferir conteúdos claros, redistribuindo os componentes semânticos de uma forma sintética privilegiada pela língua receptora. Procederemos, de seguida, ao elenco dos casos relevantes para a nossa análise.

1.2.1 Ausência por redução de forma verbal redundante

O segmento seguinte oferece-nos um exemplo de ausência de correspondente de grupo verbal determinada pela repetição da forma "regarder" em duas sequências verbais.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.155-157)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.4-6)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.3-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
Et os das amẽas q*ue* **catau*a****n*** q*u*ando **uiro*n*** a ma*n*teeça de lançarot *et* o seu ardime*n*to	Cilz des carneaux qui la bataille **regardoient** quant **<u>ilz l'on grant piece regarde et</u>** ilz **voient** le contentement Lancelot et sa proece et sa vitexe	Cils des creneas qui la bactalle **regardoient** quant **<u>il ont grant piece regarde et</u>** il **voient** le doutement Lancelot et sa prouesce et la viste	Chil des cretiaus, ki la bataille **regardoient**, quant **<u>il l'ont une grant piece regardee et</u>** il **voient** le contenement Lanselot, l'aspreche qui en lui estoit et la vistece	Cil des creniax, qui la bataille **regardoient**, quant **<u>il ont grant piece regardee, et</u>** il **voient** le contenement Lancelot, la proesce et la grant vistece	Cil des creneaux, qui la bataille **regardoient**, quant **<u>il ont grant piece regardee et</u>** il **voient** le contenement des quatre chevaliers

Além de haver uma reiteração na conjugação do verbo "regarder" em duas orações consecutivas, observamos que se trata, também, do mesmo sujeito "Cilz des creniaus" / "ilz", marcando momentos da acção insignificantes no plano do sentido. Assim, sendo esta uma tradução centrada no conteúdo do texto *prior*, recorre-se à redução, no texto *posterior*, do segundo grupo verbal dado que o sentido não é afectado.

1.2.2 Ausência por redução total de grupo verbal

(i)[361]

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.79-80)	**ms.BNF, fr.99** (f.144v/col.I)	**ms.BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.7-10)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.6-9)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)
Ne*n* eu nom q*ue*ro ir q*u*ite disso q*ue*ya *et* poys uos a justa q*ue*redes auelaedes Ento*n* leixaro*n* yr	En nom Dieu, Sire chevaliers, fait Kahedin d'Estraux, ne je quictez n'en vueil estre. Et quant vous jouste demandes et voz l'aurez tout maintenant. **A jouste ne povez voz faillir** Apres cestui parlement laissent courre	En non Dieu, Sire, fet Kex d'Estraux, ne je quites n'el vueill passer le pont. Et quant jouste voles et vous l'avrois tout maintenant. **A jouste ne poes vous faillir** Apres cestui parlement laissent corre	– En non Dieu, sire cevaliers, fait Kex d'Estraus, ne je quites n'en voel estre! Et quant vous jouste demandés, vous l'arés! **A jouste ne poés vous faillir legierement a chestui point!** Aprés cestui parlement laisse courre	"En non Dieu, sire, fait Kex d'Estrax, ne je quites n'en veil estre! Et quant vos joste demandez, et vos l'avrez mentenant. **A joste ne poez vos faillir.**" Aprés cesti parlement lesse corre	En non Dieu, sire chevaliers, fait Keux d'Estraux, ne ge quite n'en voill estre Et quant vos ioste demandez, et vo*s* l'avroiz **A joste ne poez vos faillir a cest point** Aprés icestui parlement laisse corre

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.86-87)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.25-27)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.21-22)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)
Senor Caualeiro	Sire chevaliers, **je**	Sire chevalier, **je**	"Sire cevaliers, **je**	"Sire chevaliers, **je**	**Ge voi bien que** vos

[361] Para os casos de ausência de equivalente das expressões idiomáticas de teor religioso, ver o último capítulo desta parte.

derrebastesme mays non me uençestes	**vois bien que** voz m'aves abatu, ne m'aves vous pas mene jusqu'a outrance	**voi bien que** vous m'aves abatu. Mes pour ce m'aves abatu ne m'aves vous pas mene a oultrance	**voi bien que** vous m'avés abatu. Mais pour ce se vous m'avés abatu, ne m'avés vous pas mené a outrance	**voi bien que** vos m'avez abatu. Mes por ce se vos m'avez abatu ne m'avez vos pas mené a outrance	m'avez abatu. Mais por ce s'il est ensint, ne m'avez vos pas mené dusqu'a outrance

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.116-117)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.21-23)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.19-21)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.II)
El estando assy chegou a el hũu escudeyro q*ue* lle disso sem salualo	Et la ou il c'estoit arestes en telle maniere atant es vous a luy venir ung escuier **qui venoit des paveillons** qui ly dist sans saluer	Et la ou il s'estoit arestes en tele maniere atant es vous a lui venir I escuiers **qui venoit des paveillons** et dit sans saluer	Et la u il s'estoit illuec arrestés en tel maniere, atant es vous vers lui venir un esquier, **ki venoit droit des paveillons** et li dist sans lui saluer	Et la ou il s'estoit arestez en tel maniere, atant ez vos vers li venir un escuier qui venoit des paveillons et li dist sanz saluer le	Et la ou il s'estoit arrestez en tel maniere, atant ez vos un escuier vers lui venir, qui venoit droit des paveillons et li dist sanz saluer loi

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.80/l.133-134)	**ms.BNF, fr.99** (f.149v/col.I)	**ms.BNF, fr. 756** (f.157r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §28/l.8-10)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §732/l.18-19)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.I)
disso a la*n*çarot*e* senor Caual*eir*o guardadeu*os* de mi*n* E q*u*ando viu la*n*çarot	il dist il a Lancelot: Sire chevaliers, gardez vous de moi **que je ne voz abate se je puis** Quant Lancelot voit	il dis a Lancelot: Sire chevaliers, gardes vous de moi **car je vous abatrai ce je puis** Quant Lancelot voit	il dist a Lanselot: "Sire cevaliers, gardés vous de moi, **car je vous abatrai, se je puis**!" Quant Lanselos voit	il dist a Lancelot: "Gardez vos de moi, sire chevaliers, **car je vos abatrai, se je puis**." Quant Lanceloz voit	il dist a Lancelot: Sire chevaliers, gardez vos de moi, **quar ge vos abaterai, se ge puis** Quant Lancelot apercoit

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.154-155)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.1-3)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.1-3)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
Gran peça durou a batalla em esta guisa q*ue* ne*n*gũu no*n* no podia saber q*u*aes auyan mellor sse lançarot*e* se os Cauall*eiros*	Grant piece dura la bataille en telle maniere que nul ne **lez veist adont qui** peust legierement cognoistre lequel en avoit le meilleur ou Lancelot ou les IIII chevaliers	Grant piece dura la bactalle en tele maniere que nus ne **les veist a donc qui** peust legierement conoistre qui a donc en avoit le meillor ou Lancelot ou les .IIII. chevaliers	Grant pieche dure la bataille en tel maniere que nus ne **les veïst adont ki** peüst mie legierement connoistre qui en avoit le meillour, u Lanselos u li .IIII. cevalier.	Grant piece dure la bataille en tel maniere que nus ne **les veïst adonc qui** poïst mie legerement conoistre li quiex en ait le meillor, ou Lanceloz ou li quatre chevalier	Grant piece dure la bataille en tel maniere que nuls ne **le veïst adonc qui** poïst mie connoistre legierement li quel en avoit le meillor, ou Lancelot ou li quatre chevalier

O elenco dos casos acima destacado evidencia, de um modo geral, ausência total dos grupos verbais sublinhados. Como já observámos, no caso do grupo nominal, a ausência por redução parcial ou total afecta as formas redundantes ou as que realizam uma expansão de texto sem redundância, mas contribuem para a consolidação de uma ideia. Constatámos assim que se trata de uma redução como opção de tradução. No caso do grupo verbal, observámos a ausência sistemática e total de equivalente sem afectar a relevância que tem no contexto semântico. Dado o número elevado destas ausências há que ter em conta duas hipóteses: por um lado, existe a possibilidade de estarmos, em LT, perante um texto derivado de uma fonte francesa com as mesmas características, por outro, e tendemos a inclinar-nos para esta hipótese, estas ausências significam operações específicas do processo de tradução.

No plano dos factos evidencia-se a forma *verbum* e *verbo* em que se realiza a correspondência de elementos em torno dos grupos verbais ausentes (ii), (v). O resultado deste método de tradução, uma correspondência léxico-semântica entre o texto de partida e o de chegada, é privilegiado, por outro lado, também pela semelhança estrutural entre as duas línguas em contacto. Não deixa, contudo, de ser relevante o facto de a ausência do respectivo grupo verbal se poder efectuar por redução como opção de tradução. No fundo, trata-se de ausências de elementos

retóricos que têm a função de realçar a ideia de combate: "A jouste ne poés vous faillir legierement a chestui point!" (i); "que je ne voz abate se je puis" (iv); de indicar a deslocação das personagens em combate: "qui venoit des paveillons" (iii). A ausência de explicações relativas ao combate pode relacionar-se com uma tendência para secundarizar o tema ou minimizar a importância dos passos de preparação e dos elementos que compõem o aparato bélico do cavaleiro em combate, como vimos acima ("un escu" 1.1.2 (v)).

Como já se observou nas análises anteriores, o texto de chegada não mantém as formas de retórica do texto de partida, com destaque para a *amplificatio*, quando tal é possível sem que haja alteração de sentido. Estes factos levam-nos, assim, a considerar mais provável a hipótese de estarmos perante a técnica de ausência por redução como opção de tradução. A porção de texto resultante depois deste procedimento de tradução é assim mais económica.

(vi)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.80/l.135-81/137)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.I)	**ms. BNF, fr. 756** (ff.157r/col.II-157v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §28/l.11-15)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §732/l.20-23)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.I)
A*n*te sse leixou correr ao Caualle*i*ro *et* foylle dar eno peyto em descuberto do escudo hũu ta*n* gram golpe q*ue* lle no*n* p*res*tou loriga q*ue* lle nom metesse a la*n*ça pelo peyto	ainz laisse coure au chevaliers **(a)au ferir des esperons** et ly donne I si grant cop en mi le pis a descouvert que pour l'aubert ne remaint qu'il qu'il ne ly face son glaive boire ou pis et li met auques **(b)parfons le fer tranchant**	ains laisse courre au chevalier **(a)au ferir des esperons** et li donne I si grant cop en mi le pis a descovert que pour hauberc ne remaint qu'il ne li face son glaive bouire en mi le pis et li met aucqs **(b)en parfont le fer tranchant**	ains laisse courre au cevalier **(a)au ferir des esperons** et li donne un si grant cop en mi le pis tout a descouvert que pour le hauberc ne remaint k'il ne li fache le glaive boire u pis et li met auques **(b)em parfont la dedens le fer trenchant**	enz lesse corre au chevalier **(a)au ferir des esperons** et li done un si grant cop en mi le piz a descovert que por le haubert ne rement qu'il ne li face son glaive boivre el piz, et li met auques **(b)en parfont le fer tranchant**	ainz laisse corre au chevalier **(a)au ferir dos esperons** et li done un si grant cop en mi le piz en descovert que por le hauberc ne remaint qu'il ne li face boivre le glaive ou piz, et li met auques **(b)en parfont la dedenz le fer trenchant**

Repare-se que, no exemplo (vi), apesar de alguns elementos de técnicas e/ou desenvolvimento da luta não encontrarem correspondente literal — (a), (b) — a tradução galego-portuguesa mantém, em geral, o plano léxico-semântico do modelo francês. Ou seja, os grupos verbais — "li donne", "li met" — ou os nominais — "I si grant coup", "en mi le pis", "son glaive" — estão presentes em galego-português sob a forma seguinte: "foille dar", "lle non metesse", "un tan gran golpe", "eno peito", "a lança". Deduz-se que, por um lado, a estrutura semelhante das línguas em contacto favorece este grau elevado de identidade léxico-semântica e, por outro, no caso da ausência dos segmentos (a) e (b), que se secundarizam os pormenores relacionados com a técnica do combate[362]. Esta constatação condiz com a ausência de elementos relacionados com o tema bélico evidenciada nos exemplos anteriores (1.2.2 (i)-(v)).

1.3 Ausência por redução de grupo adverbial

O advérbio tem a função estilística de intensificação e o valor de modalizador do verbo. No texto francês, nota-se um uso abundante destas partículas lexicais. Ora, de um modo geral, tivemos a oportunidade de constatar que o texto galego-português não lhe confere a mesma atenção, não dá o mesmo crédito a estas estruturas com a função de marcar estilisticamente a narração. Assim, a ausência parcial destes elementos torna-se uma característica do texto traduzido. Neste caso, constatando a ausência sistemática de equivalente de segmentos adverbiais, supomos que se trata de uma política do método de tradução *ad sensum* à luz da qual o advérbio se torna um elemento supérfluo. Assim, no texto de chegada o advérbio tem uma presença muito esporádica, resultando num texto mais económico e com uma narração fluida.

[362] A prática dos livros de ensinamentos de conduta moral e cortês é frequente na Europa medieval, facto que nos leva a pensar que poderia haver uma tendência, na tradução do romance arturiano, para manter esta funcionalidade, para além da função de diversão da classe alta da sociedade. Ao que parece, o tradutor não se propõe cultivar o espírito guerreiro, já que o texto peninsular sofre "simplificações", em relação às cenas bélicas limitando-se, assim, a notar o começo e o fim da acção como se pode observar também nos exemplos: "E o cavaleiro caeu tal como morto" (1.5 Ausência por redução de segmento narrativo, exemplo (ii) a)), face a "Le chevaliers ne puet le cop soustenir come cil qui durement ce sent ferus et pour ce cheis il a terre moult feloinieusement et gist illec ainsi come mors". Ou no caso do segmento em que se indica a derrota do cavaleiro que provoca uma cena medonha de que o tradutor reproduz apenas o elemento "sangue", reduzindo a referência cromática que, além de estilizar a expressão, enfatiza o dramatismo da cena: "e foi toda a terra en derredor dele mollada do seu sangui" (1.5 Ausência por redução de segmento narrativo (ii) b)), correspondendo à oração "Et maintenant est environ lui la terre tainte se son sanc et tote vermeille". Tratar-se-ia de opções de tradução que evidenciam uma contracção de texto que aborda factos relacionados com as cenas bélicas ou com a preparação dos cavaleiros para a luta por estes temas não representarem interesse quer para o tradutor, quer para o receptor.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.58-60)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §3/l.9-12)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §712/l.8-11)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.I)
ta*n*to m*e* disede se uos p*ro*uguer sse o uistes em esta terra ca nos disso hũu caualle*i*ro no*n* ha aynda iiij^{o} dias q*ue* o viu i.	ytant me dictes s'il voz plaist le veistez voz en cest pais puis que vous y venistes? I chevaliers noz dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit en ce pais **sans faille**	itant me dites se il vous plest le veistes vous en cest pais puis que vous venistes? I chevaliers nous dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit en ceste pais **sans faille**	itant me dites, s'il vous plaist: l'avés vous encore veü en cest païs? Uns chevaliers nous dist, n'a mie encore .IIII. jours, k'il estoit en chest païs **sans faille**	itant nos dites, s'il vos plest, le veïstes vos en cest païs puis que vos i venistes? Uns chevaliers nos dist n'a encor mie quatre jorz qu'il estoit en cest païs **sanz faille**	itant me dites, s'il vos plaist: le veistes vos en cest païs? Un chevalier nos dist, n'a mie encore quatre iors, qu'il estoit en cest pais **sanz faille**

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.181-182)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.21-22)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §736/l.2-3)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)
ca teuo q*ue* era bl*i*oberis	Car il cuide **tout maintenant** que ce soit Blioberis de Gaunes	car il cuide **tot maintenant** que ce soit Blioberis de Gaunes	car il quide vraiement **tout maintenant** que ce soit Blyoblerys de Gaunes	car il cuide **tot mentenant** que ce soit Blioberis de Gaunes	quar il quide **tot maintenant** que ce soit Blioberis de Gaunes

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.148-150)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (ff.157v/col.I-157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §29/l.30-33)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §733/l.20-23)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)

q*ue* disia*n* q*ue* era bóó Caualeyro darmas a marauilla *et* o mays arrizado *et* o mays ardido	qu'il est bons chevaliers et preudoms et de grant force et de grant pavoir li plus vistes et le plus hardis	qu'il est preudom et bon chevaliers et de grant force et de grant poeir li plus vistes et li plus hardis	k'il est preudom, boins chevaliers de grant forche et de grant pooir, li plus vistes et li plus hardis	qu'il est preudons et bons chevaliers et de grant force et de grant pooir, et li plus vistes et li plus hardiz	qu'il est proudom et bons chevaliers de grant force et de grant pooir, li plus viste*s* et li plus hardiz
q*ue* nu*n*ca ent*re*les ent*ra*rara	qu'ilz oncques veissent entre eulx voir ce dient il **bien tout parlement**	qu'il oncques veissent entr'els venir, ce dient il **bien tot plainement**	k'il onques mais veïssent venir entr'aus, ce dient il **bien tout vraiement**	qu'il onques veïssent entr'ex venir, ce dient il **bien tot plenement**	qu'il onques veïssent entr'elx venir, tot ce vont il **bien** disant

A ausência de equivalente adverbial que se pode observar nos três primeiros exemplos não afecta necessariamente o plano semântico destes segmentos. A comparação destes excertos torna evidente, uma vez mais, a tendência, no texto de chegada, para a expressão concisa, sem desenvolvimentos retóricos adverbiais. Há, contudo, dois aspectos importantes a assinalar. Um primeiro aspecto diz respeito ao uso da forma adverbial no texto de chegada em contextos de relevância semântica, como se pode ler no segmento (iv) (a). Um segundo aspecto prende-se com a ausência de elemento adverbial, no texto de chegada, de acordo com dois testemunhos franceses, 2542 Viena e ms. BNF, fr. 750, no segmento (iv) (b). Ora, o estudo de colação mostrou uma grande afinidade entre estes testemunhos e LT, facto que nos leva a crer que outras situações em que ocorrem estas ausências podem basear-se numa fonte francesa com as mesmas características. Ou seja, a ausência de correspondente pode produzir-se, também, no acto da cópia da própria fonte. Tendo em conta a problemática da tradição manuscrita de todos os romances arturianos e especialmente do texto tristaniano, a sua análise situa-nos no plano das hipóteses e esta seria assim digna de ser ponderada neste caso.

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.80/l.119-120)	**ms. BNF fr.750** (f.135r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.24-26)	**ms.BNF, fr. 756** (f.157r/col.II)	**Carpentras 404** (ed. Curtis, §731/l.22-23)	**ms.BNF, fr.99** (f.149r/col.II)

escudeiro disso Lançarote si soo **(a)sen falla** de casa de rei Artur soo *et con*pan*eir* o da tauola redonda	Vallet, fait Lancelot, oïl, **(a)sanz faille**. De la maison dou roi Artus sui ge et compaignon do la Table Reonde	–Vallet, fait Lanselos, oïl, **(a)sans doute**. De la maison le roi Artu sui je et compains de la Table Reonde	Vallet, fet Lancelot, oil, **(a)sans faille** de la meson le roi Artus sui ge **(b)voirement** et conpains de la Table Reonde	"Vallez, fait Lanceloz, oïl, **(a)sanz faille**. De la meson le roi Artus sui je **(b)voirement** et compainz de la Table Reonde	Vaslet, fait Lancelot, ouil, **(a)sans faille**, de la maison le Roy Artus sui je **(b)voirement** et compains de la Table Reonde

Dando continuação à nossa análise, deparámo-nos com outros casos que nos levam a formular hipóteses diferentes. Os excertos seguintes ilustram uma redução parcial dos elementos de amplificação adverbial e, desta vez, apesar de os dois testemunhos de que LT se aproxima mais — 2542 Viena e ms. BNF, fr. 750 — os conterem, o testemunho galego-português selecciona apenas alguns correspondentes.

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.177-179)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.15-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.27-30)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)
Aly for*a* esta hũu caual*ei*ro andant*e* q*ue* el **(b)soo** em seu cabo fes esto mays p*er*o **(d)ta*n*to** sofreu dafam *et* de t*r*aballo q*ue* no*n* poderia ia ora durar co*ntr*a uos	la hors est **(a)maintenant** venu I chevaliers errant qui par son corps **(b)tant seulement** a ceste desconfiture faicte mais il est **(c)sans faille** **(d)<u>tant durement</u>** travailliez et si navres qu'il n'aura ja duree a vous	la hors, est venu **(a)maintenant** .I. chevaliers errant qui par son cors **(b)tant seulement** a ceste desconfiture faite, mes il est **(c)sans faille** **(d)<u>tant durement</u>** travallies et si navres que il n'aura ja duree a vous	la dehors est **(a)orendroit** venus uns cevaliers errans ki par son cors **(b)tant seulement** a ceste desconfiture faite. Mais il est **(c)sans faille** **(d)<u>tant durement</u>** navrés et si traveilliés k'il n'ara ja duree encontre vous	la hors est **(a)mentenant** venuz uns chevaliers erranz qui par son cors **(b)tant solement** a ceste desconfiture faite. Mes il est **(c)sanz faille** **(d)<u>tant</u>** traveilliez et si tres **<u>durement</u>** navrez qu'il n'avra duree a vos	la fors est **(a)orendroit** venuz uns chevaliers erranz qui par son cors **(b)sol** a ceste desconfiture faite. Mais il est **(c)sanz faille** **(d)<u>tant durement</u>** travailliez et si navrez qu'il n'aura ja cest point duree contre vos

(vi)[363]

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.158-160)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.12-14)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.10-13)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
Et un caual*ei*ro uello q*ue* estaua ant*e* as amẽas *et* q*ue* do começo vira a batalla	Par sainte croix, fait I chevalier qui sur le creneaux estoit et avoit **(a)toujours** des le comencemen t **(b)moult ententiveme nt** regarde la bataille	Par Sainte Crois, fet I des chevaliers qui sor les creneaus estoit **(a)tous jors** del conmecemen t **(b)moult entendiveme nt** regardee la bactalle	“Par Sainte Crois”, fait uns viex cevaliers, ki desus les cretiaus estoit et qui avoit des le commencem ent **(b)mout ententivement** regardee la bataille	“Par sainte croiz!” fait uns des chevaliers qui sor les creniax estoit, et avoit **(a)toz jors** des le comencemen t **(b)mout ententiveme nt** regardé la bataille,	Qui sus les creniaux estoit et avoit des le conmenceme nt **(b)molt ententiveme nt** regardee la bataille
et uiu	et veoit **(c)tout apertement**	et veoit **(c)tot apertement**	—	et veoit **(c)tot apertement**	et veoit **(c)tot apertement**
q*ue* La*n*çarot daua **(d)ento*n*** mayores golpes	que Lancelot aloit **(d)toutes voies** plus grans cops donant	que Lancelot aloit **(d)orendroit** plus grant cor donant		que Lanceloz aloit **(d)orandroit** plus granz cos donant	que Lancelot aloit **(d)orendroit** donant plus granz cox

Nos passos (v) e (vi) está patente um uso abundante de segmentos adverbiais. Nos dois casos, observámos que o texto de chegada censura semanticamente a sua equivalência. Assim, no excerto (v), dos quatro advérbios registados em todos os manuscritos que atestam o texto de partida, apenas dois encontram paralelo no texto de chegada: (v) (b) e (d). Na situação (v) (c), podemos admitir que a construção sinonímica nominal da oração “sofreu d’afam e de traballo” *per se* se constituir como solução de tradução dos constituentes adjectivais da oração “il est sans faille navrés et si travailliés”, ao assumir a ideia ainda mais realçada pela forma adverbial “sans faille” deste segmento. No que concerne ao excerto (vi), as formas adverbiais do texto de partida estaõ anda mais sujeitas à técnica de redução no texto de chegada. Observámos, por conseguinte, que, à excepção do 2542 Viena, que é omisso na

[363] Sobre a ausência de equivalente de expressão idiomática, ver o último capítulo desta parte.

segunda parte da passagem, nos restantes testemunhos franceses existem entre três e quatro registos adverbiais, enquanto em LT lemos apenas o correspondente ao último segmento (d).

Esta passagem vem, assim, realçar a hipótese de certas ausências detectadas em relação a estes testemunhos se deverem a uma fonte francesa igualmente omissa nas respectivas lições. Como se pode ler neste excerto, dos cinco testemunhos seleccionados para a análise, nos dois mais próximos de LT — 2542 Viena e ms. BNF, fr. 750 — há uma presença menos consistente do segmento adverbial. Ou seja, LT é concordante com estes dois testemunhos na ausência do advérbio (a). Assim, pelo menos neste caso, a ausência adverbial no texto de chegada pode justificar-se com a hipótese de a fonte francesa ser igualmente omissa neste aspecto. Relativamente às outras formas adverbiais, temos dados diferentes que sustentam a possibilidade de se tratar de mecanismos de tradução. Todos os testemunhos, salvo 2542 Viena, omisso nos segmentos (vi) (c), (d), concordam no registo dos três advérbios seguintes: (b), (c), (d), dos quais LT retém apenas o equivalente do último. Apesar de ser um dos testemunhos que parece aparentar-se com a fonte francesa de LT em várias porções de texto, o texto editado por Philippe Ménard do ms. 2542 Viena, como vimos, não acompanha os restantes testemunhos, incluindo o galego-português, em todos os segmentos do excerto (vi). Este facto impossibilita, assim, formular a hipótese de ser uma fonte francesa com as mesmas características que LT revela, mas permite ponderar a possibilidade de ser este a abreviar, no acto de tradução, a forma de expressão ampla do texto de partida.

1.4 Ausência por redução de frase

A categoria de casos sem correspondência no texto de chegada estende-se também ao nível da unidade superior da língua, a frase.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.80-82)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.10-16)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.9-13)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)

Ento*n* leixaro*n* yr c*ontr*a ssy os caual*os* p*or* çima da ponte	Aprés icestui parlement laisse corre li uns vers l'autre tant com il puent des chevaux traire par desus le pont.	Aprés cestui parlement laisse courre li uns vers l'autre sans faire autre delaiement, tant com il pueent des chavaus traire par desus le pont.	Aprés cesti parlement lesse corre li uns vers l'autre tant com il pueent des chevax traire par desus le pont;	Apres cestui parlement laissent corre li uns en contre l'autre tant come il poent des chevaus traire par dessus le pont.	Apres cestui parlement laissent courre li uns vers l'autre tant come ilz puent dez chevaux par dessus le pont.
	Et sachiez que li ponz estoit biaus et granz et forz et avoit plus d'une lance de lé.	**Et saciés que li pons estoit biaus et grans et fors et avoit plus d'une lance de lé.**	**et sachiez que li ponz estoit biax et granz et forz, et avoit plus d'une lance de lé**	**Et sachies que li pont estoit biax et fors et avoit plus d'une lance de le.**	**Et sachies que le pont estoit biaux et grans et fors et avoit plus d'une lance de le.**
E o cavaleiro da ponte, que era mui grande e muito arrizado	Et li chevaliers dou pont, qui granz, chevaliers estoit et de merveillouse force	Li chevaliers du pont, ki grans estoit et de merveilleuse force	Et li chevaliers dou pont, qui granz estoit et de merveilleuse force	Et li chevaliers del pont qui grans estoit et de merveilleuse force	Et le chevaliers du pont qui grans estoit et de merveilleuse force

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.157-159)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.7-13)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.6-11)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)

disser*on* que nu*n*ca tal caual*ei*ro uira*n* como aq*ue*l	il dient tot apertement qu'il ne virent onques mai*s* un preudome com celui est.	il dient tout apertement k'il ne virent onques mais a nul jour un si preudome n'ausi boin cevalier com chis est.	il dient tuit apertement qu'il ne virent onques mes un si preudome come cist est.	il dient tuit apertement qu'il ne virent oncques mes I si preudome come cils est.	ilz dient tuit apertement qu'ilz ne virent oncques mais i si preudome come ceste est.
	Il lor est bien avis que au darrien ne porront il contre lui durer, ainz les metra toz quatre a mort ou a desconfiture .	**Il lour est bien avis sans doute que au daerrain ne porront encontre lui durer li .IIII. chevalier du castel, ains les metra tous a mort et a desconfiture** .	**Il lor est bien avis tot plenement que au derrien ne porroient mie durer li chevalier, enz les metra toz quatre a mort ou a desconfiture** .	**Et il lor est bien avis tout plainement que au derraine porront mie durer li qatre chevaliers encontre lui ains les metra tos .IIII. a mort ou a desconfiture** .	**Il leur est bien avis tout plainement que au derrain ne porroit il mie durer mais le mectront toz IIII a mort ou a desconfiture** .
E un cavaleiro vello que estava ante as amẽas	Qui sus les creniaux estoit	"Par Sainte Crois", fait uns cevaliers, ki desus les cretiaus estoit	Par sainte croix, fait uns des chevaliers qui sor les creniax estoit	Par Sainte Crois, fet I des chevaliers qui sor les creneaus estoit	Par Sainte Crois, fet I des chevaliers qui sor les creneaus estoit

No primeiro caso, observa-se a ausência de equivalente da descrição da ponte que um cavaleiro chamado Neroveix guardava e que Queia e o seu companheiro, Brandeliz, queriam passar. No segundo caso, deparamos com a ausência de equivalente, no texto traduzido, das falas do narrador quanto à conclusão do combate entre Lancelot e quatro cavaleiros[364]. A ausência de equivalente, no texto de chegada, da frase "et sachiez que li ponz estoit biax et granz et forz, et avoit plus d'une lance de lé", destacada no exemplo (i), pode justificar-se pela característica de economia deste texto. Ou seja, na porção do texto que se pode ler no testemunho peninsular, há

[364] Outras divergências, como ausências de segmentos nominal ou verbal, são debatidas nas secções anteriores.

uma menção à ponte que remete, por sua vez, para uma referência ou descrição anterior desta (i) a).

(i) a)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.61-62)	**ms.BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF fr.756** (f.151v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §4/l.1-3)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §712/l.16-17)	**ms.BNF, fr.750** (f.129r/col.I)
Et eles en este falando chegaro*n* a aq*ue*la ponte q*ue* aquele caual*ei*ro guardaua **de q*ue* vos ia falamos**	En telle maniere chevauchent li III chevaliers tant qu'ilz sont venus jusqu'au pont que cil garde **dont noz avons parle autrefois**	En tele maniere li tre compaignon tant qu'il sont venu jusques au pont que cil gardoit **dont nous avons parler ca arriere autre fois**	En tel maniere cevaucent li troi chevalier, tant k'il sont venu trusc'au pont que cil gardoit **dont nous avom autre fois parlé cha devant**	En tel maniere chevauchent li troi chevalier tant qu'il sont venu dusqu'au pont que cil gardoit **d'ou nos avons parlé autre foiz**	En tel maniere chevauchent li troi chevalier, tant qu'il vienent dusqu'al pont que cil gardoit **dont nos autre foiz avom parle**

Ora, a partir da leitura do texto francês, por exemplo, da edição de Renée Curtis, encontrámos o episódio para o qual se remete pela indicação redaccional "de que vos ja falamos" / "don't nos avons parlé autre foiz", na passagem destacada no exemplo (i) a)[365]. Trata-se da cena em que o pai do cavaleiro da ponte pede ao Cavaleiro da Saia Mal Talhada para não combater quando chegar à ponte que o seu filho guarda. A ponte é assim descrita como "bel et riche" (§697/l.14). Seriam estes os elementos que determinariam a ausência do equivalente de uma descrição repetida da ponte no texto de chegada, apesar da elaboração de mais dados neste caso: "biaus et granz et forz et avoit plus d'une lance de lé" (i). Dado o uso, nestas porções de texto, do método de tradução centrado no conteúdo do texto de partida, método que pressupõe a selecção de segmentos significantes no acto de tradução, temos razões para atribuir ao tradutor peninsular estes cortes que preservam a semântica textual.

No excerto (ii), na oração ausente do texto de chegada, estamos perante uma conclusão, provavelmente não adoptada no acto de tradução, de um conjunto de

[365] Em LT não é possível ler este episódio, dado que esta porção de texto não está contida no suporte material conservado deste testemunho.

avaliações anteriores sobre a valentia de Lancelot durante o combate deste com os cavaleiros que guardavam o castelo, como se pode ler nas passagens seguintes — (ii) a); (ii) b) —:

(ii) a)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.148-150)	**ms.BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (ff.157v/col.I-157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §29/l.30-33)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §733/l.20-23)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
q*ue* disi*an* q*ue* era boo Caualeiro darmas a marauilla *et* o mays arrizado *et* o mays ardido q*ue* nu*n*ca ent*re*les ent*ra*rara	qu'il est bons chevaliers et preudoms et de grant force et de grant pavoir li plus vistes et le plus hardis qu'ilz oncques veissent entre eulx voir ce dient il bien tout parlement	qu'il est preudom et bon chevaliers et de grant force et de grant poeir li plus vistes et li plus hardis qu'il oncques veissent entr'els venir, ce dient il bien tot plainement	k'il est preudom, boins chevaliers de grant forche et de grant pooir, li plus vistes et li plus hardis k'il onques mais veïssent venir entr'aus, ce dient il bien tout vraiement	qu'il est preudons et bons chevaliers et de grant force et de grant pooir, et li plus vistes et li plus hardiz qu'il onques veïssent entr'ex venir, ce dient il bien tot plenement	qu'il est proudom et bons chevaliers de grant force et de grant pooir, li plus vistes et li plus hardiz qu'il onques veïssent entr'elx venir, tot ce vont il bien disant

(ii) (b)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.150-152)	**ms.BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §29/l.33-38)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §733/l.23-27)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
Pero co*n* todo esto porq*ue* era soo *et* eles iiij^{o} cuydaro*nn*o a matar ou a ue*n*çer *et* traballaro*n*sse ende q*uan*to podero*n* mays seu t*r*aballo no*n* lles ualuo rre*n* ca mal coñoçero*n* co*n* q*uen* no auya*n*	Mais pour ce qu'il est tout seul et ilz sont IIII cuident il bien metre a mort ou jusqu'a outrance si s'en travaillent mout durement, mais leurs travail ne leurs vault riens; deceu sont engengue trop malement a trop mauvaiseme nt cognoissent cellui encontre qui ilz se combatent	Mes pour ce qu'il est tos cels et il sont .IIII. le cuidoient il metre a mort ou a outrance si se travallent moult durement mes lor travaill ne riens; deceu sont et engigne trop malement. Maiviesemen t conoissent celui encontre qu'il se conbatent	Mais pour ce k'il est tous seus et il sont .IIII., le quident il bien metre a mort u a outranche, si s'en traveillent mout durement, mais lour travaus ne lour i vaut. Decheü sont et engingnié trop malement. Mauvaiseme nt connoissent celui encontre qui il se combatent	Mes por ce qu'il est toz seus, et il sont quatre, le cuident il bien metre a mort ou a outrance; si s'en travaillent mout durement. Mes lor travax ne lor vaut riens: deceü sont et engignié trop malement. Mauvese/me nt conoissent celi encontre qui il se combatent	Mais por ce qu'il est tot sol et il sont quatre, le quident il bien metre a mort ou a oltrance; si s'en travaillent durement, mais lor travaill ne lor i vaut: doceu sont et durement engingnié. Malvaisemen t connoissent celui encontre qui il se combatent

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.86-90)	**ms. BNF, fr.750** (ff.129r/col.II-129v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.25-33)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.21-27)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)

(a)senor Caualeiro derrebastesme mays non me uençestes **(c)***et* o Caual*ei*ro da ponte q*ue* auya num*e* Renoueis disso **(d)**ssabede ora Caual*ei*ro desaue*n*turos o q*ue* no*n* ey ora uoontade de batalla **e)**ca tal he meu custum*e* de me no*n* conbat*er* Co*n* Caual*ei*ro **depoys q*ue* o derribo**	**(a)**Ge voi bien que vos m'avez abatu. Mais por ce s'il est ensint, ne m'avez vos pas mené dusqu'a outrance. **(b)Si vos plaist et vos avez talent de bataille, ge sui appareilliez de combatre a vos**. **(c)**Sertes, sire chevalier aventurox, fait Neroneux, or **(d)**sachiez bien que **puis que ge vos ai abatu**, ge n'ai nule volente de combatre a vos, **(e)**ne la costume de cest pont n'est mie tele que ge ja me doie combate a chevalier **puis que ge l'ai abatu**	**(a)**"Sire cevaliers, je voi bien que vous m'avés abatu. Mais pour ce se vous m'avés abatu, ne m'avés vous pas mené a outrance. **(b)S'il vous plaist et vous avés talent de bataille, je sui apareilliés de combatre a vous**. **(c)**–Sire cevaliers, fait Neroneus, **(d)**or sachiés tout certainnement que je n'ai nule volenté de combatre a vous **puis que je abatu vous ai**, **(e)**ne la coustume de cest pont n'est mie tele que je me combate a cevalier **puis que je l'ai abatu**	**(a)**"Sire chevaliers, je voi bien que vos m'avez abatu. Mes por ce se vos m'avez abatu ne m'avez vos pas mené a outrance. **(b)S'il vos plest et vos avez talent de bataille, je sui apareilliez de combatre a vos**." **(c)**"Certes, sire chevaliers aventureus, fait Neroneus, **(d)**or sachiez que je n'ai nule volenté de combatre a vos, **puis qeu je vos ai abatu**; **(e)**ne la costume de cest pont n'est mie tele que je me combate a nul chevalier puis que je l'ai abatu	**(a)**Sire chevalier, je voi bien que vous m'aves abatu. Mes pour ce m'aves abatu ne m'aves vous pas mene a oultrance **(b)se il vous plest, vous aves talant de bataille je sui appareillie de combatre a vous**. **(c)**Certes, Sire chevaliers aventureus, fet Neroneaus, **(d)**or sachiez que je n'ai ore volente de combatre a vous puis que je vous ai abatu, **(e)**ne la costume de cest pont n'est mie tele que je me combate a nul chevalier **puis que je l'ai abatu**	**(a)**Sire chevaliers, je vois bien que voz m'aves abatu, ne m'aves vous pas mene jusqu'a outrance, **(b)s'il vous plaist et voz avez talent de la bataille, je sui appareilles de combatre a voz** **(d)puis que je vous ai abatu,** ne m'aves pas mene jusqu'a outrance, **(e)**ne la coustume de ce pont n'est mie telle que je me combate a nul chevaliers **puis que je l'ai abatu**

No trecho (iii), assistimos a um segundo momento do confronto entre Queia e Neroveix. Trata-se do ritual da passagem da ponte guardada por Neroveix que consiste num combate com este cavaleiro. A oração ausente em LT significa o apelo de Queia a um novo confronto depois de ter sido derrubado por Neroveix, segundo se

menciona numa passagem anterior ("q*ue* out*r*o mal no*n* recebeu seno*n* do caer"[366]). Este, como lemos no texto de partida, não dá ouvidos ao apelo de Queia. Ora, LT reduz a segunda fala de Queia (b), mas regista a resposta de Neroveix (d). Apesar de em LT não se manter esta fala relativa a um novo combate (b), o texto receptor não carece de coerência. A forma adversativa em que é estruturada verbalmente a constatação de Queia quanto ao primeiro confronto, lido no segmento (a), sugere o convite a um outro confronto com o cavaleiro da ponte que se revela na resposta deste "non ey ora uoontade de batalla" (d). O corte do grupo verbal redundante "puis que ge vos ai abatu" do segmento (d) significa, assim, uma operação realizada no acto de tradução, dada a sua repetição em (e).

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.94-97)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §6/l.5-9)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §714/l.5-8)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)
Cauale*i*ro no*n* passedes a ponte sse migo nom q*ue*redes j*u*star	Sire chevaliers, ne passez mie lor mon pont, se vos a moi ne volez joster	"Sire cevaliers, le passage laissiés, se vous a moi ne vous volés combatre!"	"Sire chevaliers, lessiez le passaige, se vos a moi ne vos volez combatre."	Sire chevaliers, lessies le passage se vous a moi ne vous voules combatre!	Sire chevaliers, laisses le passage se vous a moi ne voz voulez combatre!
et Brandeliz sse leixou veyr p*or* la ponte	Brandelis **ne li respont riens, com cil qui a ce n'entent pas**, ainz s'apareille de passer.	Brandelis **ne li respont nul mot, com cil ki a ce n'entendoit pas**, ains s'apareille du passer.	Brandeliz **ne li respont nul mot, come cil qui ni entendoit pas**, enz s'apareille de passer.	Brandelis **ne li respont nul mot come cil qui ne l'entendoit pas**, ains s'appareille de passer.	Brandelis **ne li respont nul mot come cellui qui ni entendoit pas** ains s'appareille de passer.
et neroueix q*uan*do uiu q*ue* nom q*ue*ria leixar a passage da ponte	Et li chevaliers dou pont voit qu'il ne velt laissier a passer	Et li cevaliers du pont, quant il voit que chil ne veut laissier cheste voie	Et quant li chevaliers dou pont voit que cil ne veust lessier le passaige	Et quant li chevaliers del pont voit que cil ne velt lessier le pont ne le passage	Et quant le chevaliers du pont vit que cil ne veult laisser cest passage

[366] Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op.cit.,* p. 78/l.85.

Por sua vez, Brandeliz chega à ponte guardada por Neroveix e este incita-o à luta, assim como fez com Queia, conforme o costume da "portagem". Brandeliz ignora Neroveix e mostra a vontade de passar a ponte sem respeitar o ritual. LT não regista a oração que exprime a forma como Brandeliz ignora o rogo do cavaleiro da ponte relativo ao referido ritual da "portagem". Deduz-se, em LT, uma contracção do texto de partida, tratando-se, de novo, de elementos que não conferem ao leitor mais informação, mas representam uma explicitação.

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.97-99)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §6/l.10-17)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §714/l.9-15)	**ms. BNF, fr. 756** (f.152r/col.II)	**ms. BNF, fr.750** (f.129v/col.I)
meteu a la*n*ça su u braço *et* foyo ferir tan brauame*n*te q*ue* lle fes out*r*ossy como a q*ue*ya desy tornousse a sseu lugar a seus Cauall*eir*os *et* dissolles	il li laisse tout maintenant courre le glaive brisie **tant come il puet du cheval traire** et fiert **Brandeliz en son venir** si durement que autrement come il avoit fait de son compaignon **fist il de lui a celle fois.** **Quant il a ces II chevaliers abatus en telle maniere** si s'en retorne arriere maintenant et s'areste de ceste part ou il cuidoit estre assiduelment quant il cuidoit	il li laisse courre le glaive baissié, **tant com il puet du cheval traire,** et fiert **Brandelis en son venir** si durement que, autretant com il avoit fait de son compaing, **fist il sans faille de cestui a ceste fois.** **Quant il a ces deus cevaliers abatus en tel maniere com je vous cont,** il s'en retourne esranment ariere et s'arreste de cele part u il soloit estre	il li lesse tot mentenant corre le glaive bessié **tant com il puet del cheval trere,** et fiert **Brandeliz en son venir** si durement que autretant com il avoit fait de son compaignon **fist il de li a ceste foiz.** **Quant il a ces deus chevaliers abatuz,** il s'en retorne arrieres mentenant et s'areste de cele part ou il cuidoit estre assiduelment quant il soloit garder le pont. Et puis dit aus deus chevaliers	il lesse tout maintenant core le glaive bessie **tant come il puet del cheval trere** et fiert **Brandelis en son venir** si durement que autretant come il avoit fet de son compaignon **fist de lui a cele fois**. **Quant il a ces II chevaliers abatus en tele maniere,** il s'en retourne arriere maintenant et s'areste de cele part ou il estoit assiduelment puis dist as III chevaliers aventureus	il li laisse corre **tant com il puet dou cheval traire**, et fiert **Brandelis en son venir** si durement **qu'il fist au tant de lui sanz faille,** com il avoit fait de son compagnon. **Et quant il a ces deus chevaliers abatuz en tel maniere,** il s'en torne arriere et s'arreste droit la ou il soloit estre assiduelment por garder le pont, et dist atant au deus

	garder le pont et puis dist aux II chevaliers	assidueument quant il le pont gardoit, et dist adont as deus cevaliers			chevaliers

(vi)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.170-172)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.1-5)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.15-20)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.I)
Os braados *et* a uolta foy muy grande atal q*ue* o senor do castelo q*ue* era em ssa camara	— si que li sires du chastel qui estoit en la maistre tour **et se gisoit en son lie tous vestus l'entent bien**	La criee est merveillouse que li sire del chastel que estoit en la mestre tour **et se gisoit en son lit tos vestus l'entent bien**	La criee est si merveilleuse que li sires du castel, ki estoit en la maistre tour **et se gisoit en son lit tous vestus**	La criee est si merveilleuse que li sires dou chastel, qui estoit en la mestre tor **et se gisoit en son lit toz vestuz, l'entent bien;**	La criee est merveillouse orendroit per les murs que li sires dou chastel, qui estoit en la maistre tor **et se gisoit en son lit tot vestuz**,
et desto no*n* sabia rre*n*	ne de celui ne savoit il encore riens **et quant il entent la noise**	ne de celui fet ne l'avoit il encore riens. **Et quant il entent la noise**	ne de celui fait ne savoit encore riens, **entent la noise**. Dont	ne de celi fait ne savoit il encores riens. **Et quant il entent la noise**,	**en oi la criee**; et de tot celui fait ne savoit encore riens, donc
foy marauillado					
et p*re*gu*n*tou	si demande **tout maintenant a ceulx qui davant lui estoient:**	il demande **tout maintenant a cels qui devant lui estoient:**	demande **a ciaus ki devant lui estoient:**	il demande **tot mentenant a cez qui entor li estoient:**	demande **tot erranment a celz qui en tor lui estoient:**
q*ue* uolta era aq*ue*la	**Quel noise est ce que je oy pourquoi crient si fort ces gens?**	**Que le noise est ce que je oi? Por quoi crient cil si fort?**	**“Quele noise est ce que je oi? Pour coi crie si fort chis pules?”**	**“Quel noise est ce que je oi? Por quoi crïent si fort ces genz?”**	**Quele noise est ce que ge oi la fors? Et por quoi ere si forte el peuple**

Nos exemplos (v) e (vi), as amplificações do texto de partida concentram-se no desenvolvimento ou na consolidação das etapas progressivas do combate entre

Brandeliz e o cavaleiro que guardava a ponte (v) e do espanto do senhor do castelo perante a situação crítica que se cria entre os seus, depois de os cavaleiros responsáveis pela guarda "do camĩo" terem sido vencidos por Lancelot (vi). Em LT, nota-se uma contracção de texto, centrando-se nos momentos-chave das acções narradas, sem qualquer expansão interpretativa: o cavaleiro da ponte fere Brandeliz, assim como o fez com Queia, e depois retoma o seu lugar (v); os "braados" da multidão supreendem o senhor do castelo que estava na sua "camara", o espanto deste e a curiosidade de saber de que se trata (vi). Não deixa de ter interesse o facto de a noção de "merveilleuse"/"maravilhado" ser desenvolvida, no texto de partida, na descrição da "criee" — "La criee est si merveilleuse" — nesta passagem, enquanto em LT é visado o senhor do castelo ao ouvir os "braados" — "foy marauillado" —. Tratar-se-ia mesmo de uma fonte francesa com estas características ou da capacidade do tradutor de adaptar os conteúdos do texto de partida aos objectivos do texto de chegada?

Fazendo a leitura do texto seguinte, deparamo-nos com uma outra passagem que refere expressamente o espanto do senhor do castelo, desta vez, face ao relato do "caualeiro uello", que era "seu parente", sobre a derrota dos seus cavaleiros e um "cavaleiro andante", que era Lancelot, e face à emergência da sua intervenção (ver o exemplo (viii)). Torna-se interessante, neste momento, o facto de no texto de chegada não se registar o correspondente directo da expressão do espanto na passagem (viii) — "il devient un poi esbahis et est auques espoentés" —, mas uma interpretação desta — "non soubo que fezesse". A razão para tal seria assim a sua menção antecipada na passagem anterior — "foy marauillado" (vi) —. Além disso, a sintaxe "non soubo que fezesse", na passagem (viii), parece tomar o lugar da expansão lexical do binómio adjectival "esbahis"/"espoentés" que marca o grau da intensidade do estado em que se encontra o senhor do castelo.

(vii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.173-176)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.9-14)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.23-26)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)
Armadeuos toste ca o co*n*bater uos	armez voz tost a combatre vos	armes vous tost, a conbatre	armes vous tout esranment,	armez vos tost! A combatre vos	armez vos tost, quar a combatre vo*s*

co*n*ue*n* ca dos uoss*o*s vj. caual*ei*ros q*ue* auyan *a* guardar o camĩo	couvent car de voz VI chevaliers que le passage gardoient **pour coustume maintenir que vous aves mise avant**	vous estuet, car de vos .VI. chevaliers qui le passage gardoient **por la costume garder et maintenant que vous avies mise avant**	car a combatre vous couvient. Car de vos .VI. cevaliers ki le passage gardoient **pour la coustume maintenir que vous aviés mise avant**	estoit, car de vos sis chevaliers qui le passaige gardoient **por la costume mentenir que vos aviez mise avant**	estuet. Sachiez que de vos .vj. chevaliers qui le passage gardoient **por la costume maintenir que vos aviez mise avant**
som ende os iiij^{o} mortos *et* os out*r*os dous son taes p*ar*ados*s* q*ue* tarde auera*n* sabor de fillar armas	sont mors lez IIII et les autres II sont tel atorne qu'ilz n'auront jamais pavoir de poster armes	sont mort li .IIII. et li autre dui sont tel atorne qu'il n'auront james poer de porter armes	sont mort li .IIII. et li autre doi sont tel atorné k'il n'avront jamais pooir de porter armes	sont mort li quatre, et li autre dui sont tel atorné qu'il n'avront jamés pooir de porter armes	sunt mort li quatre, et li autre dui tel atorné qu'il n'avront jamais pooir de porter armes

(viii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.181-182)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (ff.158r/col.I-158r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.20-25)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §736/l.1-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)
Quando o senor do castelo esto oyu no*n* soubo q*ue* fezesse	Et quant le Sire du chastel entent ceste parole il en devient tous esbahis et auques en est espovente.	Quant li Sires del chastel entent ceste parole il en devient moult esbahis et auques en est espoventes	Quant li sires entent ceste nouvele, il devient un poi esbahis et est auques espoentés,	Quant li sires dou chastel entent ceste parole, il en devient toz esbahiz et auques en est espoentez,	Quant li sires dou chastel entent ceste novele, il devient un poi esbahiz et est auques espoentez,
ca teuo q*ue* era bl*i*oberis	Car il cuide tout maintenant que ce soit Blioberis de Gaunes **qui ceste part soit retornes pour lui mectre a**	car il cuide tot maintenant que ce soit Blioberis de Gaunes **qui ceste part soit retornes pour lui**	car il quide vraiement tout maintenant que ce soit Blyoblerys de Gaunes **ki ceste part soit retornés pour lui metre a**	car il cuide tot mentenant que ce soit Blioberis de Gaunes **qui ceste part soit retornez por li metre a mort; et**	quar il quide tot maintenant que ce soit Blioberis de Gaunes **qui cele part soit retornez por lui metre a**

ca o dultaua mays ca todolos do mu*n*do	**mort et sachies que Blioberis estoit un des chevaliers** du monde que il puis redoubtoit	**metre a mort. Et sachies que Blioberis estoit .I. des chevaleirs** del monde que il plus redoutoit	**mort. Et saciés que Blyoblerys estoit li chevaliers** du monde que il plus redotoit	**sachiez que Blioberis estoit uns des chevaliers** ou monde que il plus redotoit	**mort. Et sachiez que bien estoit Blioberis li chevaliers** de tot le monde que il plus redoutoit

(ix)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.45-47)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.24-28)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §711/l.20-23)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)
Ssenor disser*o*n eles q*uen* sodes Eu sõo disso el hũu Caual*ei*ro andante et sodes disser*o*n eles de Casa de Rey Artur	Sire, font ils que estes vous?Seigneurs, fait il, je suis un chevaliers errant **qui vois querant aventures ainsi come les chevaliers errans doivent faire**. Et estes vous, font il, de la maison le Roy Artus?	Sire, font il, qui estes vous? Seignors, fet il, je sui un chevaliers errant **qui vois querant aventures ainssi come li chevaliers errant et doivent fere**. Et estes vous de la meson le roi Artus?	"Sire, font il, qui estes vous? – Signeur, fait il, je sui uns cevaliers errans, **ki vois querant aventures, ensi com li cevalier aventurous le doivent faire**. –Et estes vous de la maison le roi Artu? dient il.	"Sire, font il, qui estes vos?" "Seignor, fait il, je suis uns chevaliers erranz **qui vois querant aventures ensi com li chevalier errant devent faire**." "Et iestes vos, font il, de la meson le roi Artus?"	Sire, font i1, donc qui estes vos Seignor, fait il, ge sui uns chevaliers erranz, **qui vois aventures querant, ensint com doivent faire li chevalier aventurox** Et estes vo*s*, dient il, de la maison dou roy Artus

Nos excertos (vii), (viii) e (ix) trata-se de ausências, no texto de chegada, de orações relativas, com a função de interpretar ou explicitar os temas já referidos. Ou seja, ao tema, em primeiro lugar, da guarda do "camĩo", corresponde a respectiva explicitação "pour la coustume maintenir que vous avies mise avant" (vii), em segundo lugar, a inimizade que Brandeliz representa para o senhor do castelo é interpretada como "ki ceste part soit retornés pour lui metre a mort. Et sacies que Blyoblerys estoit li chevaliers du monde" (viii) e, em terceiro lugar, à missão do cavaleiro andante corresponde a oração relativa "ki vois querant aventures, ensi com

li cevalier aventurous le doivent faire". Notamos, assim, que o texto peninsular apresenta sucintamente a acção ou o enquadramento desta.

Significarão todas estas lições ausentes de LT heranças do arquétipo francês em que a tradução se baseou ou mecanismos lógicos do processo de tradução? A primeira hipótese pode carecer de argumentos dado que os testemunhos franceses comparados são idênticos nestas passagens narrativas. Prosseguimos a nossa análise com exemplos de uma unidade superior à frase, a saber, o segmento narrativo que apresenta as mesmas alterações de forma no texto de chegada. Delinear as circunstâncias em que estas surgem constitui o objectivo desta análise.

1.5 Ausência por redução de segmento narrativo

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.60-62)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §§3/l.12-4/l.3)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §712/l.11-17)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)
Et q*ue*n foy esse cavale*i*ro disso la*n*çarote	Et qui fu celui chevalier, fait Lancelot,	–Et ki fu cis cevaliers, fait, fait Lanselos,	"Et qui fu cil chevaliers, fait Lanceloz,	Et qui fu cil chevaliers, fet Lancelot,	Et qui fu cil chevaliers, fait Lancelot,
	qui de Lancelot vos dist noveles Certes, fait Keux d'Estraux, l'en l'apele Breuz sanz Pitié. Cist nos dist certainement que Lancelot est en cest pais Ce ne sai ge mie, fait il, tres bien	**ki de Lanselot vous dist nouveles? – Certes, fait Kex d'Estraus, ce fu Breüs sans Pitié. Chil nous dist tout vraiement que Lanselos estoit en cest païs. – Ce ne sai je mie tres bien, fait Lanselos."**	**qui de Lancelot vos dist noveles?" "Certes, fait Kex d'Estax, l'en l'apele Breuz sanz Pitié. Cil nos dist que Lanceloz estoit en cest païs." Ce ne sai je, fait Lanceloz, s'il vos dist verité ou non."**	**qui de Lancelot vous dist nouvelles? Certes, fet Kex d'Estrux, l'on apele Breus Sans Pitie. Cil nous dist que Lancelot estoit en ceste pais. Ce ne saige, fet Lancelot, s'il vous dist verite ou menconge.**	**que de Lancelot voz dist nouvelles? Certes, fait Kahedin d'Estraux l'en s'appelle Brehus sans Pitie. Si noz dist que Lancelot estoit en ce pais. Ce ne sai je, fait Lancelot, s'il voz dist droite ou non.**
et **eles em este falando chegaro*n*** a aq*ue*la ponte q*ue* aq*ue*le cavale*i*ro guardaua de	En tel maniere **chevauchent** li troi chevalier, tant qu'il **vienent**	En tel maniere **cevaucent** li troi	En tel maniere **chevauchent** li troi chevalier tant qu'il **sont venu**	En tele maniere li tre compaignon tant qu'il **sont venu**	En telle maniere **chevauchent** li III chevaliers

q*ue* uos ia falamos	dusqu'al pont que cil gardoit dont nos autre foiz avom parle	chevalier, tant k'il **sont venu** trusc'au pont que cil gardoit dont nous avom autre fois parlé cha devant	dusqu'au pont que cil gardoit d'ou nos avons parlé autre foiz	jusques au pont que cil gardoit dont nous avons parler ca arriere autre fois	tant qu'ilz **sont venus** jusqu'au pont que cil garde dont noz avons parle autrefois

No passo (i), observa-se que o testemunho galego-português parece abandonar completamente o diálogo entre os cavaleiros, Brandeliz, Queia d'Estraux e Lancelot. O início da frase seguinte "E eles en esto falando", sem correspondente directo nos testemunhos franceses analisados indica, porém, que a supressão do diálogo pode ter sido intencional por parte do tradutor. A estrutura verbal no gerúndio "E eles en esto falando", por um lado, dá conhecimento de uma continuação dialogal existente provavelmente na fonte francesa e, por outro, oferece, através dessa forma verbal, uma espécie de um resumo da acção abandonada na tradução. Além da redução do desenvolvimento do diálogo, o texto peninsular oferece uma lição divergente, tanto pelo sintetismo da forma verbal no gerúndio "falando", como pela forma pronominal "eles" na identificação das personagens — "li trois chevalier" —. Todas estas medidas redaccionais poderão ser indícios de que o receptor e as possibilidades da língua de chegada são as prioridades do tradutor, produzindo assim um texto económico e conciso pelas lições conferidas nestes segmentos.

É importante assinalar aqui que no texto galego-português surge, numa outra passagem, anterior à sublinhada no excerto (i), também um momento dialogal entre Queia e Neroveix, o cavaleiro da ponte. Trata-se do momento em que Queia é derrubado por Neroveix ao passar a ponte que este guardava. Desta vez, a lição do texto de chegada corresponde, no plano da expressão, à fonte francesa atestada pelos cinco testemunhos, ou seja, "La u li doi cevalier parloient ensamble en tel maniere con je vous cont" é pura e simplesmente traduzido por "Falando eles assy"[367]. Observe-se, desta forma, que a funcionalidade do gerúndio como modalidade de expressão concisa de acção em curso é muito valorizada no texto peninsular, seguindo os objectivos da tradução.

[367] Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.,* p. 78/l.93.

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.81/l.137-140)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §§28/l.15-29/l.7)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §732/l.24-33)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.I)
(a) Et o Caual*ei*ro caeu tal como morto	**(a)**Le chevaliers ne puet le cop soustenir come cil qui durement ce sent ferus et pour ce cheis il a terre moult feloinieuseme nt et gist illec ainsi come mors	**(a)**Li chevaliers ne puet le cop soustenir come cil qui durement se sent feru. Et pour ce chiet il a terre moult felon**n**euseme nt et gist illuec aussi come mors	**(a)**Li cevaliers ne puet le caup soustenir, com chil ki se sent durement feru. Et pour ce vole il du ceval a tere mout felenessement et gist illuec autresi conme mors	**(a)**Li chevaliers ne puet le cop sostenir come cil qui durement se sent feruz; et por ce vole il par terre mout felenessement, et gist illec ausi come morz.	**(a)**Li chevaliers ne puet le cop sostenir, com cil qui durement se sent feru; et por ce chiet il dou cheval a terre molt felonessement et gist iloc ausint comme mort.
(b) Et foy toda a t*e*rra en derredor dele mollada do seu sanguj	**(b)**et tout maintenant est la terre entour luy tainte et vemeille de sang. **Ciez qui dessus les murs estoient quant ilz voient le chevaliers gesir par terre en tel maniere que il ne fasoit nul semblance de soi relever, ilz cuident tout vraiement qu'il soit mors et pour ce s'escrient il tuit comement a une vois mors est nostre chevaliers mauvaisemen t cest esprouves a ceste fois.**	**(b)**et tout maintenant est la terre environ lui tote tainte et vermelle de son sanc. **Cil que desus les murs estoient quant il voient lor chevaliers gesir par terre en tele maniere que il ne fesoit nul samblant de soi relever, il cuidoient tout maintenant qu'il soit mort et pour ce s'escrient il tous comunement a une vois: Est nostre chevaliers mort, mauvesement c'est esprove a ceste jouste!**	**(b)**et maintenant est environ lui la tere tainte de son sanc et vermeille. **Quant chil ki desus les murs estoient voient lour cevalier gesir par tere, ki ne faisoit nul samblant de soi remuer, il quident tout vraiement k'il soit mors et pour ce s'escrient il tout conmunaume nt a une vois: "Mors est nostres cevaliers! Mal s'est prouvés de ceste jouste!"**	**(b**)Et tot mentenant est la terre environ li tainte et vermeille de son sanc. **Cil qui desus les murs estoient, quant il voient lor chevalier gesir par terre en tel maniere qu'il ne faisoit nul semblant de soi remuer, il cuident tot vraiement qu'il soit morz. Et por ce s'escrient il tot comunement a une voiz: "Morz est nostres chevaliers! Mau/vesemen t s'est provez a ceste foiz."**	**(b)**Et maintenant est environ lui la terre tainte se son sanc et tote vermeille. **Cil qui desus les murs estoient, quant il voient lor chevalier gesir par terre qui ne fait nul semblant de soi relever, quident tot maintenant que il soit mort. Et por ce s'escrient il tuit a une voiz Mort est nostre chevalier Malvaisemen t s'est provez a ceste joste**
(c) Et la*n*çarot*e* como o	**(c)**Et Lancelot quant il l'a	**(c)**Et Lancelot quant il abatu,	**(c)**Et quant Lanselos l'a	**(c)**Et Lanceloz quant il l'a	**(c)**Et quant Lancelot l'a

derribou tantó ó catou como sse o nu*n*ca uisse	abatu ne le regarde plus que se il ne l'eust oncques vois	ne le regarde plus que ce il ne l'eust oncqs veu	abatu, il nel regarde plus, non plus que s'il ne l'eüst onques veü	abatu il ne le regarde plus que se il ne l'eüst onques veü	abatu, il nel garde point, non plus que s'il onques ne l'eüst veü

No trecho (ii) estamos perante o mesmo mecanismo de ausência por redução de expressão reiterativa. O extenso segmento narrativo "Cil qui desus les murs estoient ... Malvaisement s'est provez a ceste joste" significa, no fundo, uma elaboração reiterativa sobre o mesmo tema anteriormente resumido no segmento (a), ou seja, a queda letal do primeiro cavaleiro armado responsável pela guarda do caminho do castelo que Lancelot confronta.

O modo de tradução adoptado nos textos arturianos em galego-português encontra-se, de algum modo, contemplado no método que prevalece o conteúdo da teoria de Juan Vives. Este método, como já referimos, é defendido desde São Jerónimo, até aos estudos mais recentes sobre o tema. O autor espanhol, em contrapartida, defende também a técnica de omissão no caso em que o sentido do texto original não sofre alterações e a de amplificação que pode contribuir para um melhor entendimento do conteúdo original. Quanto a esta última técnica teremos a possibilidade de observar exemplos mais adiante. O que revela a análise destes textos é o grau de omissão que se pode atingir no acto de tradução. Observando LT, constatamos que o tradutor deste texto não se limita à redução de constituentes simples da língua, mas também de frases e de segmentos narrativos. Quais seriam as razões destes cortes? A resposta deverá ser o tipo do texto a traduzir e os objectivos do texto traduzido. Quanto à primeira razão, pelo menos no que diz respeito à porção de texto que se conserva de LT, encontrámos, de um modo geral, temas relacionados com combates entre cavaleiros. Dado que o texto de chegada não adopta as descrições em detalhe destes episódios, presumimos que este tipo de relato não tem interesse para o tradutor e/ou para o seu receptor. No que concerne à segunda razão, concluímos que a técnica da redução permite atingir os objectivos da economia, da coerência e da clareza do texto de chegada.

Esta análise permitiu-nos observar que LT reproduz, de um modo geral, um texto mais económico em relação aos franceses consultados nas porções de texto estudadas. É importante sublinhar, contudo, que esta característica se manifesta em graus diferentes nas três traduções galego-portuguesas do romance arturiano aqui

estudadas. Ou seja, LT revela-se mais redutor, de um modo geral, em relação à sua fonte do que ST/TT e LM.

Este facto leva-nos a concluir que a redução de expressão redundante é uma característica comum aos textos galego-portugueses. Também, o carácter económico de LT é conferido, além da redução de constituentes redundantes nominais, verbais e adverbiais, por um conjunto de ausências de unidades frásicas e segmentos narrativos mais extensos. O texto de chegada ilustra, assim, uma tendência para a contracção de texto ao contrário do que revela a redacção francesa. Também se pode pôr a hipótese de haver uma tendência para secundarizar pormenores sobre as derrotas dos cavaleiros, dado que as porções de texto afectadas por ausência ou simplificação de equivalente abordam este tema. Não deixa de ser importante considerar, em último lugar, o factor de índole material quanto à economia da versão galego-portuguesa. O pergaminho era um suporte muito dispendioso e o tamanho do texto redigido pode ter-se provavelmente sujeitado, também, às possibilidades de ordem material.

2. Amplificação em LT

A *amplificatio* surge no texto de chegada em grupo nominal, verbal e em frase. Como já referimos no caso dos dois textos anteriormente estudados, esta técnica justifica-se em contextos que pode realçar alguns conteúdos do texto original e segundo a teoria de Juan Vives sobre os métodos de tradução, contribui apenas para o melhor entendimento do conteúdo original. Da análise que se segue veremos como se manifesta este tipo de transformação de texto na tradução galego-portuguesa do *Livro de Tristan*. Prosseguiremos, assim, com os exemplos que comprovam esta técnica na tradução de LT.

2.1 Amplificação de grupo nominal

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.38-40)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.1-6)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §711/l.1-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
Depoys q*ue* sse lançarote p*ar*tiu de **casa** de seu	Quant Lancelot se fu partis du preudome a	Quant Lancelot se fu departi del preudome a	Quant Lanselos se fu partis du preudoume	Quant Lanceloz se fu partiz dou preudome a	Quant Lancelot se fu parti du preudome a

ospede non andou muyto que achou dous Caualeiros andantes que tragian senllos escudeyros	qui il avoit faite la promesse telle come je vous ai devise, il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ses escuers. Il n'ot mie granment ale qu'il atant li chevaliers errans que chevauchoien t tout le grant chemin et menoient avec eulx II escuers	qui il avoit fete la promesse cele come je la vous ai devisie il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ces escuers. Il n'ot mie granment ale quant il ataint II chevaliers qui chevauchoien t tout le grant chemin et menoient avoec euls II escuers de la Table Reonde	a qui il avoit faite la proumesse tele con je vous ai devisee, il se mist maintenant au chemin entre lui et ses esquiers. Dont n'ot mie granment alé quant il ataint deus cevaliers errans ki cevauchoient tout le grant cemin et menoient avoec ax deus esquiers tant seulement	qui il ot faite la promesse tele com je vos ai devisé, il se mist tot mentenant au chemin entre li et ses escuiers. Il n'ot mie granment alé qu'il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoien t tot le grant chemin, et menoient avec eus deus escuiers	cui il avoit faite la promesse tele com ge vos ai devisee, il se mist maintenant a la voie entre lui et ses escuiers. Dont n'ot mie granment ale quant il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoien t tot le grant chemin et menoient avec elx deus escuiers

(i) a)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.74/l.24)	**ms.BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.17-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.13-14)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
En outro dia manãa quando quis caualgar	A l'endemain quant Lancelot se deust de leans partir entre lui et ses escuers	A l'andemant quant il se dut de leenz partir entre lui et ses escuers	A l'endemain, auques matin, Lanselos se lieve et apareille. Et quant il se dut de laiens partir entre lui et ses esqueirs	A l'endemen quant Lanceloz se dut de leanz partir entre li et ses escuiers	A 1'endemain, quant Lancelot se dut de leienz de partir entre lui et ses escuiers

Reflectindo sobre o exemplo (i), colocámos a possibilidade de a utilização do lexema "casa", em LT, na qualidade de *amplificatio* face aos restantes testemunhos,

se relacionar com a ocorrência, numa passagem anterior em que o texto de chegada, desta vez, é concordante, no aspecto léxico-semântico, com o de partida, da forma seguinte: "Aa noite lle avẽo que seu camĩo o levou a **casa** do home boo"[368] correspondente à lição "Au suer li avint que ses chemins l'aporta **chiex** le preudome"[369]. No caso destacado, a amplificação parece, por um lado, ser induzida pela sua anterior ocorrência, a fim de tornar o texto mais preciso para o seu leitor, e, por outro lado, parece restituir de uma forma explícita a noção subentendida, no texto de partida, do local que Lancelot irá abandonar.

Além disso, neste mesmo segmento, é interessante assinalar como o texto de chegada, de novo, não retém a oração relativa "a qui il avoit fete la promesse cele come je la vous ai devisie"[370], com a função de interpretar o termo regente ("preudome")[371]. Pela mesma técnica, omite-se do texto de chegada a frase "il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ses escuers" que realiza uma ditologia sinonímica com a anterior forma verbal "fu partis". A expressão frequente no texto francês "entre lui et ses escuiers", a marcar a forma de partida do cavaleiro, encontra-se, de facto, solucionada, no texto de chegada, por formas verbais sintéticas como "cavalgar" (i) a) ou, pura e simplesmente, "partir" (i)[372].

O texto traduzido torna-se, assim, mais específico, nesta porção de texto, através da técnica de amplificação e, novamente, mais redutor face às formas redundantes. Aliás, a tradução do "preudome", que designa frequentemente e de um modo genérico, no texto francês, figuras masculinas (personagens ligadas à religião, o pai do cavaleiro da ponte), por "ospede" realça, neste caso, o carácter específico do texto de chegada em determinadas situações com relevo para a compreensão e precisão do respectivo segmento.

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.106-	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.3-5)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.3-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.I)

[368] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 74/l.21-22.
[369] Cf. Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *Le Roman de Tristan en prose*, vol. III, Cambridge, D.S. Brewer, §710/l.9-10.
[370] ms. BNF, fr. 756/f.151r/col.II.
[371] Tivemos oportunidade de observar exemplos disto em 1.4 Ausência por redução de frase, os casos (vii), (viii), (ix).
[372] Ver o que dizemos adiante sobre a ausência dos cavaleiros que acompanham Lancelot.

107)					
Et sabede q*ue* susu na mo*n*tana **a derredor do Castelo** auya hũu fremoso chão q*ue* duraua bem duas legoas	Et saches que dessus en la montagne avoit une plaine trop belle qui duroit bien de toutes pars II lieues engleces	Et sachies que la dessus en la montaigne avoit une plaigne trop bele qui duroit bien de totes pars II liues englese	Et saciés que la desus en la montaingne avoit une plaingne trop bele, qui duroit bien de toutes pars deus lieues englesques	Et sachiez que la desus en la montaigne avoit une pleigne trop bele qui duroit bien de totes parz deus liues englesches	Et sachiez que la desus en la montaigne avoit une plaigne trop bele, qui duroit bien de totes parz trois liues engleches

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.79/l.117-80/l.120)	**ms. BNF, fr.99** (f.149r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.23-26)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.21-23)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.II)
Senor Caual*eir*o onde sodes uos Se sodes **dos Caualeiros de Casa de Rey artur** Escudeyro disso lança*rote* ssi sóó sem falla de Casa de Rey art*ur* sóó *et con*pane*i*ro da tauola redonda	le sire chevaliers qu'il estes vous, estes vous **de la maison le Roy Artus**? Vaslet, fait Lancelot, ouil, sans faille, de la maison le Roy Artus sui je voirement et compains de la Table Reonde	Sire chevaliers qui estes vous? Estes vous **de la meson le roi Artus**? Vallet, fet Lancelot, oil, sans faille de la meson le roi Artus sui ge voirement et conpains de la Table Reonde	"Sire cevaliers ki estes vous? Estes vous **de la maison le roi Artu**? -Vallet, fait Lanselos, oïl, sans doute. De la maison le roi Artu sui je et compains de la Table Reonde	"Sire chevaliers, qui estes vos? Estes vos **de la meson le roi Artus**?" "Vallez, fait Lanceloz, oïl, sanz faille. De la meson le roi Artus sui je voirement et compainz de la Table Reonde	Sire chevaliers, qui estes vos? Estes vos **de la maison dou roi Artus** Vallet, fait Lancelot, oïl, sanz faille. De la maison dou roi Artus sui ge et compaignon do la Table Reonde

Das lições sublinhadas nos excertos (ii) e (iii) sobressai novamente o carácter explícito da tradução em construções em que o texto de partida parece carecer de clareza no respectivo segmento ou ser apenas insuficientemente marcado do ponto de vista léxico-semântico, segundo entendemos pela ênfase que o tradutor dá a questões de teor geográfico (ii) ou identificação das personagens (iii).

2.2 Amplificação de grupo verbal

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.160-163)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.15-18)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.14-17)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
disso aos q*ue* estaua*n* em derredor uos ueeredes a boa fe q*ue* aq*ue*l cavale*ir*o q*ue* esta emde os **ue*n*çera** todos ou os **desbaratara** *et* se deus m*e* ualla **ue*n*çeria** *et* **mataria** taes x. como eles	il dist a ceulx qui entour luy estoient: En nom Dieu, il les **mectra** toz **a desconfiture** ou **mors** encore que la nuit venist en **occiroit** il telx X come sont ceulx IIII	i fist a tos cels qui entors lui estoient: En nom Dieu, il les **metra** tos .IIII. **a desconfiture** ou a **mort** et encois que la nuit venist en **ocirroit** il tiex .X. come sont cils qatre	Il dist a chiaus ki entour lui estoient: "Par Sainte Crois, il les **metra** tous quatre **a desconfiture** u a **mort**, et ançois que la nuis venist en **ociroit** il teus .X. com cist cevalier sont	il dist a cez qui entor li estoient: "En non Dieu, il les **metra** toz quatre **a desconfiture** ou a **mort**, etençois que la nuit venist en **ocirroit** il tiex dis come sont cil quatre	ele dist a celx entor lui estoient: Par Sainte Croiz, il les **metra** toz quatre **a desconfiture** ou a **mort**, et ancors que la nuit venist en **ocirroit** il telx .x. com cil quatre sunt

A amplificação verbal do segmento (i) gera uma modificação de ênfase no conteúdo em relação ao texto francês. Referimo-nos ao facto de lermos na versão francesa três grupos verbais "metra ... a desconfiture ou a mort et ... ocirroit", enquanto em galego-português se registam quatro núcleos verbais, a saber, "os ue*n*çera ... ou os desbaratara et ... ue*n*çeria et mataria". A modificação de ênfase no conteúdo, envolvendo a repetição da forma verbal "ve*n*çeria" em LT, consiste no facto de o objectivo do combate ser (re)dirrecionado, ou seja, o objectivo não é matar mas apenas vencer. Em francês, acentua-se a questão de matar pela utilização das construções verbais, exprimindo o mesmo valor semântico "metra ... a mort" e "ocirroit", enquanto em português se enfatiza "vencer" pela repetição da forma verbal "ve*n*çeria" e a conjugação do verbo "desbaratara". Podemos relacionar este tipo de modificação de ênfase de conteúdo relativo ao objectivo do combate com a redução dos pormenores referentes ao mesmo tema. Assim, notamos uma coerência interna na utilização das técnicas abordadas pelo tradutor de LT.

2.3 Amplificação de frase

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.70-71)	**ms. BNF, fr.750** (ff.129r/col.I-129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §4/l.18-21)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.31-33)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.II)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)
et ora ta*n*to que uiu **o Caualeiro** q*ue* **a ponte** guardaua uay fica*n*do detras por nos met*er* dea*n*te et q*ue* lle paguemos **esta portage*n***	et maintenant lors qu'il apercut **chevalier** qui **cest pont** garde, il se mist derriere nos por ce que nos alissom devant et que nos li aquitissom **le passage de cest pont**	et orendroit, tout maintenant k'il aperchut **cest cevalie**r ki **chest pont** garde, il se mist deriere nous pour ce que nous alissom devant et li aquitissom **le passage de cest pont**	et orandroit tot mentenant qu'il aperçut **le chevalier** qui **cest pont** garde, il se mist par derrieres nos por ce que nos alissiens devant et li aquitisiens **le passaige de cest pont**	et orendroit tout maintenant qu'il apercut **cest chevalie**rs qui **cest pont** garde il se mist derriere nous pour ce que nous alissons devant et li aquitissons **le passage de cel pont**	et orendroit tout maintenant qu'il aparcut **cest chevaliers** qui **cest pont** garde il se mist par derrieres nous pour ce que noz alissions davant et li acquictissons l**e passage de cest pont**

(i) a)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.76-79)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.4-8)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.3-6)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)
S<…> Caual*ei*ros andantes allur yde <…> ca no*n* passaredes p*or* aq*u*i ca uos no*n* leixarey eu p*or* aq*u*i pa<…> **sse ant*e* no*n* pagardes o passo *et* esta he a paga de justardes co*n*migo *et* dout*r*a guisa no*n* podedes yr q*u*ites ne*n* eu nom q*ue*ro yr q*u*ite disso q*ue*ya	Seigneurs chevaliers aventureux, autre passage que verez que cestui ce vous a moi ne voulez jouster car bien sachiez que quictement ne povez voz mie passer cest pont. En nom Dieu, Sire chevaliers, fait Kahedin d'Estraux, ne je quictez n'en vueil estre	Seignors chevaliers aventureus, autre passage queres autre passage que cestui ce vous a moi ne voles jouster, car bien sachiez que qui revient ne poes vous passer le pont. En non Dieu, Sire, fet Kex d'Estraux, ne je quites n'el vueill passer le pont	"Signeur cevalier aventureus, autre passage querés que cestui se vous a moi ne volés jouster, car bien saciés certainnemen t que quitement vous ne poés cest pont passer! – En non Dieu, sire cevaliers, fait Kex d'Estraus, ne je quites n'en voel estre	"Seignor chevalier aventurous, autre passaige querez que cesti, se vos a moi ne vos volez combatre, car bien sachez que quitement ne poez vos passer cest pont." "En non Dieu, sire, fait Kex d'Estrax, ne je quites n'en veil estre	Seignor chevalier aventureox, autre passage querez que cestui, se vos a moi ne volez jouster, quar bien sachiez que quitement vos ne poez passer cest pont En non Dieu, sire chevaliers, fait Keux d'Estraux, ne ge quite n'en voill estre

Para entender o aumento da frase "sse ant*e* no*n* pagardes o passo et esta he a paga de justardes conmigo et doutra guisa non podedes yr quites" (i) a) é necessário retomar uma passagem anterior em que esta questão é referida pelo lexema "portagen" (i), que parece introduzir a noção de pagamento pecuniário na passagem da ponte. Aqui, Queia, Brandeliz e Lancelot chegam à ponte guardada por Neroveix. Lancelot deixa os dois companheiros ultrapassá-lo e Queia comenta com Brandeliz esta atitude de Lancelot. Na passagem a seguir, que salientamos em (i) a), os cavaleiros já se confrontam com "o pagamento" da passagem da ponte — um combate com o cavaleiro encarregado da guarda deste. Neste exemplo, parece que houve a necessidade de amplificar o texto para corrigir o afastamento do significado que se tinha operado devido à introdução anterior do termo "portagen", que tem uma

dimensão material que o correspondente francês "le passaige de cest pont" não tinha (i). Também se pode entender uma intensificação da ideia de pagamento, mais uma vez. É igualmente importante referir que o texto de chegada não descarta o significado de "quictement", dada a distribuição deste no fim da passagem pela expressão sintacticamente amplificada "non podedes yr quites" e, no fundo, dá-se ênfase à forma de pagamento da passagem da ponte — um combate, e não um pagamento pecuniário. É possível vislumbrar o comportamento do tradutor que não parece seguir o seu modelo fielmente, mas, a partir dos conteúdos fornecidos por este, recria, na língua receptora, formas específicas de expressão.

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.73/l.9-12)	**ms.BNF, fr.99** (f.143v/col.II)	**ms.BNF, fr.756** (f.151r/col.I)	**2542Viena**	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §940/l.14-27)	**ms.BNF, fr.750** (f.128r/col.II)
(a) Assy foy aq*ue*la ora a poridade ta*n* encuberta q*ue* o no*n* soube out*r*o fora a Reyna *et* dinaux *et* bra*n*ge*n*	**(a)**Ainsi fu a celui point celee la vie de Tristan **a toz ceulz de Cornoaille** fors que a la royne Yseult tant seulement et a Dinas et a Brangain.	**(a)**Ainssi fu a celui point celee a celui point la vie de Tristan **a toz ceux celx de Cornoaille** fors que a la roine Yseult tant seulement et a Dynadin et a Brangain,	—	**(a)**Ensi fu a celi point celee la vie Tristan **a toz cez de Cornoaille** fors que a la roïne Yselt tant solement, et a Dynas et a Brangien.	**(a)**Ensint fu adonc celee a celui point la vie de Tristan **a toz celx de Cornoaille** fors que a la royne a Dynas et a Brangien.
aq*ue*les tres ou souber*o*n *et* no*n* mays	Cil III seulement le savoient et non plus.	cil troi seulement le savoient et non plus.		Cil troi solement le savoient et non plus.	Cil le savoient et non plus.
(b)ca todolos out*r*os cuydaro*n* q*ue* era morto todauia	**(b)**Tuit li autre **de Cornoaille** cuidoient certainement que Tristan fu mors	**(b)**Tuit li autres **de Cornoaille** cuidoient bien certamemt que Tristan fust mort		**(b)**Tuit li **autre de Cornoaille** cuidoient tot certenement que Tristanz fust morz,	**(b)**Tui li autre quidoient certainement que Tristan fust morz.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.73/l.9-12)	**ms.BNF, fr.99** (f.143v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.I)	**2542Viena**	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §940/l.14-27)	**ms. BNF, fr.750** (f.128r/col.II)
—	**(c)**et que la damoiselle que a cort estoit venue et qui nouvelle leur avoit aportees de la mort Tristan que Audrez y avoie ansi come je vous ai conte ca eu arrieres leur eust dist vres mais non avoit. **(d)**Mais atant laisse ore li contes a parler de la royne Yseult et de tout son fait **et de toz ceulz de Cornoaille** et retorne a Lancelot du Lac pour deviser coment il delivra de prison le Chevalier a la Cote Maltaillee et la Damoiselle Mesdisant **(e)qui estoit en prison au chastel Uter ainsi come je vous ai conte ca en arrieres**	**(c)**et que la damoisele cele qui a cort estoit venue et que nouveles lors avoit aportees de la mort Tristan que Audret y avoit envoie ainssi come je ai conte ca arriere lor eust dit verite. **(d)**Mes atant lesse ores li conte a parler de la roine Yseult et de tot son fet **et de toz celz de Cornoalle** et retorne a Lancelot del Lac por deviser il delivra de prison le Chevaliers a la Cote Mautaillee et la Damoisele Mesdisant **(e)qui estoit en prison ou Chastel Uter ainssi come je vous ai conte ca en arrieres**	—	**(c)**et que la demoisele qui a cort estoit venue et qui noveles avoit aportees de la mort Tristan que Audrez i avoit envoié, ensi com je vos ai conté ça arrieres, lor eüst dit verité; mes non avoit. **(d)**Si lesse li contes atant a parler de la roïne dou tout – ele se reconforta par les paroles que Guiclains li dist – **si retorne a Kahedin** por devisier coment il se parti dou roi Marc, a qui il avoit tenu parlement entre li et Palamedes si grant come je vos ai devisié, et por devisier coment il vint en son païs, et coment il morut por les amors madame Yselt, la roïne de Cornoaille	**(d)**Mais atant laisse ore li contes a parler de la royne et de tot son fait et retorne a Lancelot dou Lac por deviser coment il delivra de prison le chevalier a la Cote Maltaillie et la Damoisele Mesdisant

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.73/l.13-14)	**ms. BNF, fr.99** (ff.143v/col.II-144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.1-3)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.1-2)	**ms. BNF, fr.750** (f.128r/col.II)
(f) Em esta p*ar*te diz o c*on*to q*ue* poys se don lanzarote p*ar*tira da donzela que **lle trouxe*r*a as let*r*as das nouas de dom Trista*n***	*Comment Lancelot se combate au chevalier du pont et en osta la mauvaise coustume et comment il se combaty puis devant I chastel ou il avoit VI paveillons tendus contre VI chevaliers et les mist tous a outrance*. **(f)**Or dit li contes que quant Lancelot se fu partis de la demoiselle qui a lui estoit venue de par Tristan	**(f)**Or dit li contes que quant Lancelot se fu parti de la damoisele qui a lui estoit venue	**(f)**Or dist li contes que quant Lanselos se fu partis de la damoisele ki a lui estoit venue de par monsigneur Tristran, **ensi com je vous ai conté**	**(f)**Or dit li contes que quant Lanceloz se fu partiz de la demoisele qui a li estoit venue de par Tristan	**(f)**Or dist li contes que quant Lancelot se fu partiz de la damoisele qui a lui estoit venue de par Tristan

Tendo como base a leitura do texto francês, constatámos que a frase "lle trouxera as letras das nouas de dom Tristan" poderia significar uma amplificação explicativa própria do texto galego-português. A interpolação da história do Cavaleiro da Saia Mal Talhada e da Donzela Maldisente cria uma cisão entre os segmentos narrativos que têm como protagonistas Tristan, Lancelot e Lamorat[373] ao longo do romance tristaniano.

As frases-chave que fecham e iniciam um momento narrativo — "Mes atant lesse ores li contes a parler de", "Or dist li contes que" — representam indicações redaccionais recorrentes no texto francês. Como se pode ler no excerto destacado, o texto galego-português reproduz apenas a frase que reinicia uma história em que

[373] Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *op. cit.*, pp. XXI e ss.

Lancelot é o protagonista. Este, depois de ter encontrado o Cavaleiro da Saia Mal Talhada e a Donzela Maldisente, abandona-os logo por ter sido interpelado por uma donzela mensageira que lhe trazia cartas da parte de Tristan. O conto diz que Lancelot não quer tardar na resposta às cartas de Tristan e, por isso, escreve-lhe durante a noite. A seguir, o conto retoma as aventuras do Cavaleiro da Saia Mal Talhada e da Donzela Maldisente que pernoitarão em casa do pai do cavaleiro da ponte. De manhã, o hóspede pede a este cavaleiro para não combater com o seu filho que guarda a ponte. Segue-se a aventura da passagem da ponte sem combate, o que resulta da promessa cumprida.

Uma outra aventura dos mesmos cavaleiros termina com a captura do Cavaleiro da Saia Mal Talhada e da Donzela Maldisente no Castelo Uter. Neste momento é retomada a história de Lancelot, em que o texto peninsular já se realinha com o francês. Assim, entre o encontro de Lancelot com a donzela mensageira, enquanto acompanhado pelo Cavaleiro da Saia Mal Talhada e a Donzela Maldisente, e a retoma da história de Lancelot, depois de ter entregado à donzela a resposta às cartas de Tristan, existem, por conseguinte, outras aventuras que se interpolam com as protagonizadas por Lancelot. Este facto poderia ter levado o tradutor do texto peninsular ou o redactor da sua fonte francesa a amplificar a frase "lle trouxera as letras das nouas de dom Tristan" (iii) (f), com a função de (re)contextualizar o momento anterior das cartas trazidas da Petite Bretagne da parte de Tristan pela donzela mensageira.

O mesmo mecanismo pode observar-se na redacção contida no ms. 2542 Viena, em que lemos "ensi com je vous ai conté" (iii) (e). Ora, o facto de nenhum dos testemunhos franceses atestarem uma construção semelhante à registada em LT, permite-nos dar crédito à intervenção redaccional da parte do tradutor neste aspecto. Dado que o ms. BNF, fr. 750, testemunho que mostra um elevado grau de afinidade com o nosso texto traduzido[374], é igualmente omisso em dois segmentos — (iii) (b), (e) —, quanto aos segmentos (iii) (a), (b), (c), (d), (e), ausentes de equivalente no texto galego-português, podemos avançar a hipótese de alguns casos, por exemplo (iii) (c) e (d), significarem derivações da fonte francesa, e outros — (iii) (a) e (b) — representarem consequências do acto de tradução ou a hipótese de todas estas

[374] Sobre este assunto, ver a terceira parte desta dissertação.

divergências apontarem para o procedimento de contracção de texto de forma que se obtenha uma narrativa económica e concisa.

3. Reformulação

Detectamos, em LT, dois métodos de reformulação — por síntese e por anáfora —, cuja análise de exemplos se segue.

3.1 Reformulação por síntese

A reformulação por síntese é uma das técnicas de tradução que concretizam o objectivo da economia no texto de chegada. Perceber em que medida esta técnica é utilizada em detrimento ou a favor da transferência de conteúdo semântico e das características estilísticas do texto de partida será o objectivo do elenco dos casos seguintes.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.74/l.26-28)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.17-21)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.13-16)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
En out*r*o dia manaa **q*uan*do q*ui*s cavalgar** dissolle seu **ospede** *et* Rogoo be*n* assy como rrogara o da ssaya[375] mal tallada	A l'endemain **quant Lancelot se deust de leans partir entre lui et ses escuers** tout autretel priere come **le preudoms** avoit faite au Chevaliers a la Cote Maltaillee por son fils le jour devant fist il a Lancelot	A l'andemant **quant il se dut de leenz partir entre lui et ses escuers** toute autretele priere come **li preudons** avoit fet le jor devant a Celui a la Cote Mautallie por son fill fist il a monseigneur Lancelot	A l'endemain, auques matin, Lanselos se lieve et apareille. Et **quant il se dut de laiens partir entre lui et ses esqueirs**, tout autretel proiiere com **li preudom** avoit faite le jour devant a celui a la Cote Mautaillie pour son fil fist il a Lanselot	A l'endemen **quant Lanceloz se dut de leanz partir entre li et ses escuiers**, tout autretel proiere com **li preudons** avoit fait le jor devant au chevalier a la Cote Mautailliee por son fil fist il a Lancelot	A 1'endemain, **quant Lancelot se dut de leienz de partir entre lui et ses escuiers,** tote autel proiere com **il** avoit faite le jor devant a celui a la Cote Maltaillie por son fill fist il a monseignor Lancelot

(ii)

[375] Num trabalho anterior em que nos debruçámos sobre a relação entre a biografia e o nome desta personagem a fim de vislumbrar as diferenças semânticas entre *Chevalier a la Cote Mautaille* e a sua tradução em *Cavaleiro da Saia Mal Tallada* verificou-se que "o termo francês *cotte* reflecte uma especificação semântica denotando uma peça de vestuário em tecido, enquanto o termo português *cota* designa um elemento de vestuário em metal e o termo *saia* uma peça de vestuário de tecido. Contudo, nota-se que o termo francês origina sintagmas específicos, indicando elementos do vestuário militar em metal: *cotte de maillee* ou *cotte d'armes*, tal como os equivalentes portugueses, *cota de malha* e *cota de armas*. A solução encontrada pelo tradutor peninsular com a designação *Cavaleiro da Saia Maltalhada* (*Chevalier a la Cote Mautailliee*) revela rigor e conhecimento da especificidade da terminologia militar dentro do espaço linguístico peninsular ibérico e da língua do texto original". (trad. n). Cf. Ailenii, S. (2009), "Traducerea onomasticii în *Cartea lui Tristan* din franceză în galiciano- portugheză", *Spațiul lingvistic și literar românesc în orizont european*, Lucrările Sesiunii de comunicări din cadrul Zilelor Universității "Alexandru Ioan Cuza" Iași, org. Luminița Cărăușu, Lăcrămioara Petrescu, Iași, 2009, p. 185.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.38-40)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.1-6)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.1-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
Depoys q*ue* sse lançarote **p*ar*tiu** de casa de seu **ospede**	Quant Lancelot se fu partis **du preudome** a qui il avoit faite la promesse telle come je vous ai devise, **il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ses escuers**.	Quant Lancelot se fu departi **del preudome** a qui il avoit fete la promesse cele come je la vous ai devisie **il se mist tout maintenant a la voie entre lui et ces escuers**.	Quant Lanselos se fu partis **du preudoume** a qui il avoit faite la proumesse tele con je vous ai devisee, **il se mist maintenant au chemin entre lui et ses esquiers**.	Quant Lanceloz se fu partiz **dou preudome** a qui il ot faite la promesse tele com je vos ai devisé, **il se mist tot mentenant au chemin entre li et ses escuiers**.	Quant Lancelot se fu parti **du preudome** a cui il avoit faite la promesse tele com ge vos ai devisee, **il se mist maintenant a la voie entre lui et ses escuiers**.
no*n* andou muyto q*ue* achou dous Caual*eir*os andantes q*ue* tragi*an* senllos escudeyros	Il n'ot mie granment ale qu'il atant li chevaliers errans que chevauchoie nt tout le grant chemin et menoient avec eulx II escuers	Il n'ot mie granment ale quant il ataint II chevaliers qui chevauchoie nt tout le grant chemin et menoient avoec euls II escuers de la Table Reonde	Dont n'ot mie granment alé quant il ataint deus cevaliers errans ki cevauchoient tout le grant cemin et menoient avoec ax deus esquiers tant seulement	Il n'ot mie granment alé qu'il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoie nt tot le grant chemin, et menoient avec eus deus escuiers	Dont n'ot mie granment ale quant il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoie nt tot le grant chemin et menoient avec elx deus escuiers

O exemplo (i) revela uma tradução mais concisa, sintética e específica no aspecto léxico-semântico. Em primeiro lugar, o termo "ospede" reproduz os componentes semânticos de substrato dos franceses "leans" e "preudoms", referindo a personagem em cuja casa Lancelot pernoitará. A opção lexical do galego-português revela, assim, uma tradução *sensum de sensu* oposta a *verbum e verbo*. Assinala-se, também, que o texto de chegada designará esta personagem, em quatro ocorrências[376], pelo mesmo vocábulo, com a excepção da primeira referência a esta

[376] "dissolle seu **ospede** *et* Rogoo be*n* assy como rrogara o da ssaya mal tallada" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 74/l.27-28; "Et o **ospede** llo g*r*açiu muyto" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 75/l.34); "Depoys q*ue* sse lançarote p*ar*tii de casa de seu **ospede**" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001) ,

personagem. Neste último caso emprega-se, no texto de chegada, a construção "home boo", como equivalente de "preudome" (iii). Poderíamos concluir, neste caso, que os contextos ulteriores permitiram ao tradutor encontrar uma solução que reflecta melhor o conteúdo semântico e, assim, optou, nas ocorrências seguintes, pelo lexema específico "ospede" na designação desta personagem. Assim, o emprego de lexemas específicos como opções de tradução salienta, novamente, o carácter conciso do texto receptor[377].

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.74/l.21-22)	**ms.BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms. BNF,fr .756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.11-12)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.9-10)	**ms. BNF,fr .750** (f.128v/col.I)
Aa noyte lle auẽo q*ue* sseu camĩo o leuou a casa do **hom*e* bóó**	Au soir li avint en tel maniere que ses chemins l'aporta **chiez le preudome**	Au soir li avint en telle maniere que son chemin l'aporta **chies li preudome**	Au soir li avint en tel maniere que ses chemins l'aporta droitement **chiés le preudoume**	Au suer li avint que ses chemins l'aporta chiex **le preudome**	Au soir li avint en tel maniere que son chemin 1'aporta **ches le preudome**

Em segundo lugar, é de assinalar a estrutura verbal "quis cavalgar" como equivalente de "quant il se dut de laiens partir entre lui et ses esqueirs". Neste caso, a construção verbal do texto galego-português parece simplificar o ritual da partida do cavaleiro. Por outro lado, como já analisámos atrás, a ausência de equivalente da referida companhia de Lancelot ("ses escuiers") pode explicar-se por uma tendência para secundarizar estas personagens muito representativas na ideologia cavalheiresca medieval.

Note-se, desta forma, que em outras duas passagens ulteriores (ii) (iv), a referência aos escudeiros de Lancelot está novamente ausente na tradução galego-portuguesa, embora a menção aos escudeiros de Brandeliz e Queia, os dois cavaleiros que Lancelot encontra a seguir à sua partida da casa do hóspede, conheça paralelo no texto de chegada (ii). Tratar-se-á de uma eliminação da companhia de Lancelot operada pelo tradutor ou de uma ausência da mesma referência no texto fonte? Em

op. cit., p. 75/l.38); "ne*n*brousse logo do rrogo q*ue* lle seu **ospede** Rogara *et* esteue q*ue*do" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 76/l.63-64). Sublinhado nosso.

[377] Ver, também, o exemplo "portagen" em 2.3 Amplificação de frase (i).

qualquer das hipóteses, estamos perante uma tendência para distinguir a forma como os heróis se deslocam: Lancelot, neste caso, sozinho, enquanto os outros, Brandeliz e Queia, aparecem acompanhados por escudeiros nas suas demandas. Poderá este ritual denotar, também, a valentia do herói que anda sozinho nas suas aventuras?

Em relação às hipóteses levantadas, seria ainda relevante assinalar que no testemunho BNF, fr. 757[378], na edição dirigida por Philippe Ménard[379], apesar de transmitir uma versão heterogénea do *Tristan en prose*, regista em várias ocasiões Lancelot acompanhado por escudeiros[380], de acordo com o que encontrámos nos exemplos dos testemunhos franceses aqui colacionados. Os episódios em que Lancelot surge acompanhado por escudeiros eviênciam, em geral, o esplendor dos cavaleiros e da corte. Ora, a ausência deste elemento no texto peninsular pode ter resultado de num conjunto de circunstâncias decorrentes do acto de tradução e da época em que se realiza a tradução. Ou seja, além dos factores a língua fonte/a língua alvo, o tradutor/revisor e receptor (leitor ou auditório)[381], seria ainda necessário ponderar os de ordem material, o perfil do próprio autor da tradução (social e/ou profissional), a recepção do texto (leitura de lazer ou de (in)formação[382]), as ideias dominantes, os modelos literários e o mecenas[383].

Ora, da concorrência destas condicionantes devem ter resultado as limitações temáticas assinaladas em LT.

Este facto pode, assim, viabilizar a hipótese, quanto à ausência dos escudeiros da companhia de Lancelot no texto peninsular, que aponta para uma característica que deriva do processo de tradução.

---

[378] É necessário assinalar que não se deve dizer que o ms. BNF, fr. 757 não inclui a história do Cavaleiro da Saia Mal Talhada, mas que a versão V.1, que este ms. representa, só começa numa fase mais avançada da íntriga, depois do episódio deste cavaleiro.

[379] Ménard, Philippe (dir. ed. 1997-2003), *Le Roman de Tristan en Prose* (version du ms. 757 de la Bibliothèque nationale de Paris), Paris, Champion, vol. I, ed. par Joël Blanchard et Michel Quéreuil (1997); vol. II, ed. par Noëlle Laborderie et Thierry Delcourt (1999), vol. III, ed. par Jean Paul Ponceau (2000), vol. IV, ed. par Monique Léonard et Francine Mora (2003).

[380] "Mesire **Lancelot** estoit toz arméz fors que sien hiaume que **uns siens escuiers** portoit e prent hastivement et monte en un chevalier", Cf. vol. I, p. 320; "Lors fet mesire **Lancelot** aporter [...] il monte sur un cheval fort et isnel, et s'en part leanz, si seul que il n'enmaine en sa conpaignie seulement **un escuier**", Cf. vol. I, p. 425; "Mesire Tristan monte ainsi con il puet et mesire **Lancelot** et **li escuiers**, si se partent leanz", Cf. vol. I, p. 435. Sublinhados nossos.

[381] Ver Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, pp. 14-18.

[382] Tratar-se-ia das vertentes moral e didáctica do romance arturiano, do cuidado de instruir o leitor? Pois estes são valores que serão reclamados em prólogos e cólofones das edições tardias dos romances em que protagonizam Lancelot e Tristan, por exemplo. Cf. Pickford, Cedric Edward (1960), *op. cit.*, pp. 266-271.

[383] Ver Rubio Tovar, J. (1997), "Algunas características de las traducciones medievales", *Revista de Literatura Medieval*, IX, p. 203.

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.116-117)	**ms.BNF, fr.99** (f.149r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.19-21)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.17-19)	**ms. BNF, fr.750** (f.135r/col.II)
Ento*n* esteue *et* fez catar seu Caualo se era be*n* guisado E el estando assy chegou a el hũu escudeyro	Lors s'arreste tout maintenantet fait regarder a son cheval qu'il n'y faille riens que **ly escuers** puisse amender. Et la ou il c'estoit arestes en telle maniere	Lors s'arreste tout maintenant et fet regarder a son cheval qui ni faille riens que **li escuiers** puissent amander. Et la ou il s'estoit arestes en tele maniere	Lors s'areste tout maintenan et fait regarder a son ceval k'il n'i faille riens que si **esquier** puisse amender. Et la u il s'estoit illuec arrestés en tel maniere	Lors s'areste tot mentenant et fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si **escuier** i puissent amender. Et la ou il s'estoit arestez en tel maniere	Lors s'arresteet fait regarder a son cheval qu'il n'i faille riens que si **escuier** puissent amender. Et la ou il s'estoit arrestez en tel maniere

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.62-64)	**ms. BNF, fr.99** (ff.144r/col.II-144v/col.I)	**ms. BNF, fr.756** [f.151v/col.II]	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §4/l.3-6)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.18-20)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.I)
Et ta*n*to q*ue* la*n*çarote uiu a ponte ne*n*brousse logo do rrogo q*ue* lle seu ospede Rogara ***et*** **esteue q*ue*do**	Tout maintenant que Lancelot voit le pont souvient de la priere que le preudome li avoit faicte **il s'areste arrament et laise aler les chevaliers avant**	Tout maintenant que Lancelot voit le pont, il si souvient de la priere que li preudom li avoit fete, **se areste erranment et lesse les chevaliers aler avant**	Quant Lanselos voit le pont, il li souvient tout maintenant de la proiiere que li preudom li avoit faite. Dont **s'areste esranment et laisse les cevaliers aler devant**	Tout mentenant que Lanceloz voit le pont, il li sovient de la proiere que li preudons li avoit faite; **si s'areste erranment, et lesse les chevaliers aler avant**	Et lors que Lancelot voit le pont, tot maintenant li sovient de la proiere que li preudom li avoit faite. **Si s'areste maintenant et laisse les deus chevaliers aler atant avant**

A expressão sintética "esteve quedo", destacada no excerto (v), em relação à frase "s'areste esranment et laisse les cevaliers aler devant", realça novamente, no texto receptor, a utilização dos próprios recursos linguísticos na equivalência sintética de conteúdos do texto de partida. Uma vez chegados à ponte, Lancelot lembra-se da promessa que tinha feito ao seu hóspede de não combater o filho deste, responsável pela guarda da dita ponte e, por isso, deixará passar à frente Brandeliz e Queia. Neste contexto, o tradutor parece seguir um mecanismo lógico: ficando Lancelot parado e sem qualquer aviso, os outros cavaleiros naturalmente avançarão. Ora, esta noção explícita em francês em duas orações "si s'areste erranment, et lesse les chevaliers aler avant" passará, através da solução oferecida pelo texto peninsular "*et* esteue qu*e*do", para o plano implícito.

(vi)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.45)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.22-23)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.18-19)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)
(a)*et* tanto q*ue* sse chegaro*n*	—	**(a)**Quant il voient dex aprocher dels, il s'arestent tout maintenant, il s'arestent en mi le chemin et atandent que il est jusques a els venus.	**(a)**Quant il le voient aprochier d'aus, il s'arestent et atendent tant k'il est venus dusques a aus,	**(a)**Quant il le voient d'eus aprochier, il s'arestent tot mentenant et atendent tant qu'il est dusqu'a eus venuz.	**(a)**Quant il le voient aprochier d'elx, il s'arestent et l'atendent tant q u ' i l est venuz dusqu'a elx.
(b)saluaro*n*sse	tant qu'il est jusqua eulx venir **(b)**Lors le saluent et il leur rent leur salus	**(b)**Lors le saluent et a lor rent lor salus	**(b)**si le saluent et il lour rent lour salu mout bel et mout cortoisement	**(b)**Lors le saluent, et il lor rent le salu	**(b)**Donc le saluent et il lor rent lor saluz molt bel et molt cortoisement

Embora o ms. BNF, fr. 99 apresente uma lição reduzida no segmento (a), como LT (indício possível de uma fonte com a mesma característica a montante da tradução peninsular), a repetição sintética do núcleo verbal (b) permite-nos supor que, de facto, se trataria de um mecanismo resultado do processo de tradução.

Assim, as formas verbais reflexivas "sse chegaron" (a) e "saluaronsse" (b) abrangem, a primeira, três núcleos verbais consequentes do texto de partida "il le voient aprochier d'aus", "il s'arestent" e "atendent", e a segunda forma, dois núcleos verbais: "saluent", "il rent salus". A forma sintética das opções de tradução reduz, assim, os mecanismos estilísticos verbais do texto de partida que marcam successivamente o desenrolar das acções. A forma elaborada de marcar os momentos da acção não corresponde, por conseguite, aos objectivos da tradução galego-portuguesa.

(vii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.83/l.185-84/l.189)	**ms.BNF,fr.99** (ff.150r/col.I-150r/col.II)	**ms.BNF, fr.756** (f.158r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.33-46)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §§736/l.13-737/l.2)	**ms. BNF, fr.750** (ff.136r/col.II-136v/col.I)
Ora toste disso dadem*e* as armas Et poys um soo t*r*ouxe tal mal os vj[es] caual*eiros* co*n* ele sóó Eu.	Or tost, fait li Sirez, aportes moi mes armes **puis que les chevaliers de leans sont si honnis et si mal mis qu'ilz sont retornes a recreandise par I seul chevalier estrange. Certes, jamais jour de ma vie n'aurai en eulx fiance. Or, povez ja veoir tout apertement que moi tout seul ai plus de povoir que eulx tous n'ont.**	Or tost, fet li Sires, aportes moi mes armes **puis que li chevaliers de leens sont honis et si mauvesement qui sont tuit torne a recreantise par .I. seul chevaliers estrange. Certes, james a nul jor de ma vie, en euls n'aurai fiance! Or porrois ja veoir tout apertement que je tot seul ai plus de poeir qu'il n'ont tuit.**	Or tost! fait il. Aportés moi mes armes, **puis que li cevalier de chaiens sont si honi et si maumis k'il sont tout mené a recreandise par un seul chevalier estrange! Certes jamais a nul jour de ma vie e naus n'avrai fianche! Or porrés já veoir tout apertement se je tous seus n'ai plus de pooir que il n'ont tout**	Or tost, fait li sires, aportez vos mes armes, **puis que li chevalier de ceanz sont si honi et si maumis qu'il sont torné a desconfiture par un sol chevalier estrange. Certes, jamés a nul jor de ma vie n'avré en eus fiance. Or porrez ja veoir apertement que je toz seus ai plus de pooir qu'il n'ont tuit.**	Or tost! fait il. Apportez moi mes armes, **puis que li chevalier de ceienz sunt si honi et si malmis qu'il sont tuit mené a recreantise par un sol chevalier estrange! Se Diex m'ait jamais miliorde ma vie m'avrai fiance en elx! Or porront il ja veoir tost et tot apertement que ge tot sol ai plus assez de pooir qu'il n'ont trestuit**

			.VI.!”		

continuação

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.83/l.185-84/l.189)	**ms.BNF,fr.99** (ff.150r/col.I-150r/col.II)	**ms.BNF, fr.756** (f.158r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.33-46)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §§736/l.13-737/l.2)	**ms.BNF, fr.750** (ff.136r/col.II-136v/col.I)
Et poys pidiu suas armas dero*n*llas *et* armousse *et* sobiu em seu caualo *et* p*re*guntou hu estaua aq*ue*l caualeiro q*ue* lle tal desonrra fezera	**Tout maintenant qu'il a comande que ses armes ly soient aportees l'en ly aporte tout maintenant. Si l'arment bien et bel essanment au mieulx qu'ilz peuent. Et quant il est bien armes il s'en ist hors de la chambre et vint en mi la court et monte sur un cheval fort et isnel et de grant bonte palin. Et quant il est toz appareilliez qu'il n'y saut que du ferir** il demande ou est le chevaliers que ceste honte ly a faicte	**Tant maintenant qu'il a conmande que ces armes li soient aportees et l'en les li aporte maintenant si l'arment bien et bel erranment au miels qu'il poent. Et quant il est bien armes il s'en ist hors de la chambre et vient en mi la cort et monte sor I cheval fort et isnel et de grant bounte plain. Quant il est tos appareillies qu'il ni faut fors del ferir** il demande: Ou est il li chevaliers qui ceste honte nous a fete	**Si tost com il a conmandé que ses armes li soient aportees, et on li aporte tout maintenant, si l’arment esranment bien et bel a tout le mieus k’il onques pueent. Et quant il est armes, il s’en ist hors de la cambre et vient en mi la court et monte sour un ceval fort et isnel, de grant bonté. Quant il est tous apareilliés k’il n’i faut fors du ferir** il demande a ciaus ki entour lui estoient: “U est li cevaliers ki ceste honte nous a faite?	**Tot mentenant qu'il a comandé que ses armes li soient aportees, en les li aporte, si l'arment erranment bien et bel au mieuz qu'il onques pueent. Et quant il est bien armez, il s'en ist hors de la chambre et vient enmi la cort, et monte sor un cheval fort et inel et de grant bonté plen. Quant il est toz apareilliez qu'il n'i faut fors del ferir** il demande: “Ou est li chevaliers qui ceste honte nos a faite?”	**Si tost com li sires a commande que ses armes li soient aportees, et on l'en li aporte erranment, si l'arment tot maintenant bien et bel a tot le mielz qu'il onques poent. Et il s'en ist fors de la chambre et puis s'en vient en mi sa cort, et monte sor un cheval for et ysnel et de grant bonté. Quant il est toz appareilliez qu'il n'i faut fors dou ferir** il demande: ou est li chevaliers qui ceste honte nos a faite

O excerto (vii) evidencia a técnica do resumo dos respectivos segmentos narrativos sublinhados. Trata-se, de novo, do desenvolvimento do tema relacionado com o combate a que o texto traduzido parece não dar a mesma ênfase que se encontra no texto de partida.

(viii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.168-169)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.41-43)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §735/l.10-12)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.I)
O <…> a viver, quando **os das amẽas** viron seus [cava]leiros tan maltreitos por ũu soo	Et li cris est grant de toutes pars et la huee merveilleuse	Et li cris est grant de toutes pars et la huee merveilleuse, car **cil qui sor les crencaux estoient** quant il voient lors chevaliers	Li cris est grans de toutes pars et la huee merveilleuse, car **cil ki sour les cretiaus estoient**, quant il voient lour chevaliers	Li criz est granz de totes parz et la huiee merveilleuse, car **cil qui sor les creniax estoient**, quant il voient lor chevaliers	Li criz est grant de totes parz et la huee trop merueillouse, quar **cil qui de sur les murs estoient**, quant il voient lor chevaliers

Um outro exemplo de reformulação por síntese encontra-se na forma de identificar as personagens: "os das amẽas" corespondendo a "cil qui sor les crencaux estoient" (viii).

3.2 Reformulação por anáfora

Os elementos gramaticais deícticos que realizam uma expressão anafórica são as formas pronominal e adverbial.

(i)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.34)	**ms.BNF, fr.99** (f.144r/col.I)	**ms.BNF, fr.756** (f.151r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §1/l.30-32)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §710/l.25-26)	**ms.BNF, fr.750** (f.128v/col.I)
Et o ospede ll**o** g*ra*çiu muyto desy come*n*doo a deus	Et le preudoms l'en mercie moult **de ceste promesse** et le comande a Nostre Sires	Et li preudons le mercia moult **de ceste promesse** et le comande a Nostre Seigneur	Et li preudom le merchie mout durement **de cele proumesse**. Atant le conmande a Nostre Signeur	Et li preudons le mercie mout **de ceste promesse**, et le comande a Nostre Seignor,	Et le preudom le mercie molt durement **de cele promesse** et le commande adonc a Nostre Seignor

(ii)[384]

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.177-179)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.15-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.27-30)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)
Aly for*a* esta hũu caual*ei*ro andant*e* q*ue* el sóó em seu cabo fes **esto** mays p*er*o ta*n*to sofreu dafam *et* de t*r*aballo q*ue* no*n* poderia ia ora durar c*ontr*a uos	la hors est maintenant venu I chevaliers errant qui par son corps tant seulement a **ceste desconfiture** faicte mais il est sans faille tant durement travailliez et si navres qu'il n'aura ja duree a vous	la hors, est venu maintenant .I. chevaliers errant qui par son cors tant seulement a **ceste desconfiture** faite, mes il est sans faille tant durement travallies et si navres que il n'aura ja duree a vous	la dehors est orendroit venus uns cevaliers errans ki par son cors tant seulement a **ceste desconfiture** faite. Mais il est sans faille tant durement navrés et si traveilliés k'il n'ara ja duree encontre vous	la hors est mentenant venuz uns chevaliers erranz qui par son sors tant solement a **ceste desconfiture** faite. Mes il est sanz faille tant traveilliez et si tres durement navrez qu'il n'avra duree a vos	la fors est orendroit venuz uns chevaliers erranz qui par son cors sol a **ceste desconfiture** faite. Mais il est sanz faille tant durement travailliez et si navrez qu'il n'aura ja cest point duree contre vos.

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.181)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.20-21)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §736/l.1-2)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)

[384] Sobre as situações de ausência de segmentos adverbiais, ver 1.3 Ausência por redução de grupo adverbial.

Quando o senor do castelo **esto** oyu no*n* soubo q*ue* fezesse	Et quant le Sire du chastel entent **ceste parole** il endement tous esbahis et auques en est espovente	Quant li Sires del chastel entent **ceste parole** il en devient moult esbahis et auques en est espoventes	Quant li sires entent **ceste nouvele**, il devient un poi esbahis et est auques espoentés	Quant li sires dou chastel entent **ceste parole**, il en devient toz esbahiz et auques en est espoentez	Quant li sires dou chastel entent **ceste novele**, il devient un poi esbahiz et est auques espoentez

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.84/l.190-191)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (ff.158r/col.II-158v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §32/l.8-10)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §737/l.11-13)	**ms. BNF, fr.750** (f.136v/col.I)
Et os das amẽas dero*n* uozes a seu senor et disseron*n*lle uedes aly o bom caual*eir*o uedel**o** ali	Et quant ilz le voient venir ilz s'escrient tuit a une vois: Veez venir **le bon chevalier**	Et quant il voient venir il s'escrient tuit a une vois: Vees ci venir le bon chevaliers! Vees ci venir **le bon chevaliers**!	quant il le voient venir, il s'escrient tout conmun aument a une vois: "Veés chi le boin chevalier! Veés ci **le boin cevalier**!"	et quant il le voient venir, il s'escrient tuit a une voiz: "Veez ci venir le bon chevalier! Veez ci venir **le bon chevalier**!"	Quant il le voient venir, il s'escriont tuit a une voiz: Veez ici venir le bon chevalier! Veez ici venir **le bon chevalier**

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.59-60)	**ms.BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF fr.756** (f.151v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §3/l.11-12)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §712/l.9-11)	**ms. BNF, fr750** (f.129r/col.I)
ca nos disso hũu caualle*i*ro non ha aynda iiij^{o} dias q*ue* o viu **y**	I chevaliers noz dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit **en ce pais** sans faille	I chevaliers nous dist n'a mie encore IIII jours qu'il estoit **en ceste pais** sans faille	Uns chevaliers nous dist, n'a mie encore .IIII. jours, k'il estoit **en chest païs** sans faille	Uns chevaliers nos dist n'a encor mie quatre jorz qu'il estoit **en cest païs** sanz faille	Un chevalier nos dist, n'a mie encore quatre iors, qu'il estoit **en cest pais** sanz faille

(vi)

LT (ed. Lorenzo	**ms.BNF, fr.99**	**ms. BNFfr.**	**2542 Viena** (ed. Ménard,	**404 Carprentras**	**ms. BNFfr.**

Gradín/Souto Cabo, p.76/l.52)	(f.144r/col.II)	**756** (f.151v/col.I)	vol.I, §2/l.39-40)	(ed. Curtis, §711/l.32-33)	**750** (f.128v/col.II)
Et eles sse acordaro*n* **y**	Ilz s'acordent tuit **a ceste chose**	Et il s'acordent tuit **a ceste chose**	Et il s'acordent **a ceste cose**	Et il s'acordent tuit **a ceste chose**	Et il s'acordent **a ceste chose**

Os segmentos acima seleccionados exemplificam um conjunto de operações gramaticais que podem ter como função a *abbreviatio* do texto. Sem diferenciar necessariamente o tipo de referente, encontram-se com função anafórica as formas pronominais "o", "esto" e o advérbio "y". Encontramos a distribuição seguinte: os grupos nominais "de ceste promesse" (i) e "le bon chevalier" (iv) correspondem, no texto de chegada, ao elemento anafórico "o" aglutinado quer com a forma pronominal "llo" quer com a forma verbal "uedelo"; os grupos nominais "ceste desconfiture" (ii) e "ceste parole" (iii) correspondem à forma anafórica "esto"; as unidades sintagmáticas "en ce pais" e "a ceste chose" correspondem ao advérbio "y" (v), (vi). Estas situações marcam uma opção de tradução que proporciona um texto mais sintético e menos redundante em determinados contextos. Trata-se de um procedimento de expressão sintética com base em recursos gramaticais proporcionados pela língua de destino condizente, outra vez, com o objectivo da economia do texto.

4. Modificação estrutural

Uma última operação detectada em LT que ocorre no acto de tradução, envolvendo, desta vez, redistribuição dos componentes semânticos com repercussões no plano estilístico é a modificação estrutural[385]. Neste caso, observamos uma modificação estrutural no que diz respeito ao tratamento do discurso reportado. A tendência geral é para adoptar o estilo indirecto em vez do directo e para reduzir os diálogos.

(i)[386]

[385] Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit.,* p. 153.
[386] Sobre a ausência de equivalente de expressão idiomática de carácter religioso, ver o último capítulo desta parte.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.158-160)	**ms. BNF, fr.99** (f.149v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.157v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.12-14)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734/l.10-13)	**ms. BNF, fr.750** (f.135v/col.II)
Et un caual*eir*o uello q*ue* estaua ant*e* as amẽas *et* q*ue* do começo uira a batalla et uiu q*ue* La*n*çarot daua ento*n* mayores golpes	**Par sainte croix, fait I chevalier** qui sur le creneaux estoit et avoit toujours des le comencemen t moult ententivemen t regarde la bataille et veoit tout apertement que Lancelot aloit toutes voies plus grans cops	**Par Sainte Crois, fet I des chevaliers** qui sor les creneaus estoit tous jors del conmecemen t moult entenduieme nt regardee la bactalle et veoit tot apertement que Lancelot aloit orendroit plus grant cop donant	**“Par Sainte Crois”, fait uns viex cevaliers**, ki desus les cretiaus estoit et qui avoit des le conme ncement mout ententivement regardee la bataille. —	**“Par sainte croiz!” fait uns des chevaliers** qui sor les creniax estoit, et avoit toz jors des le comencemen t mout ententivemen t regardé la bataille, et veoit tot apertement que Lanceloz aloit orandroit plus granz cos donant	Qui sus les creniaux estoit et avoit des le conmenceme nt molt ententivemen t regardee la bataille et veoit tot apertement que Lancelot aloit orendroit donant plus granz cox

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, pp.83/l.188-84/l.190)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.45-49)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §737/l.2-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.136v/col.I)
Et preguntou hu estaua aq*ue*l caual*eir*o q*ue* lle tal desonrra fezera ***et* disser*o*nlle q*ue* estaua fora da uila** E el sse foy aa porta *et* ssayu fora	il demande ou est le chevaliers que ceste honte ly a faicte. **Sire, font ilz, il est la hors de la porte du chastel** et il se mist hors	il demande: Ou est il li chevaliers qui ceste honte nous a fete? **Sire, font il, est dehors la porte, il n'est mie encore ceens entres**. Les chevaliers s'en vet atant dehors la porte del chastel s'en ist hors	il demande a ciaus ki entour lui estoient: “U est li cevaliers ki ceste honte nous a faite? **–Sire, font il, il est la hors devant la porte, encore n’est il chaiens entrés.**” Li cevaliers s’en vait atant dusc’a la porte du castel et s’en ist hors	il demande: “Ou est li chevaliers qui ceste honte nos a faite?” “**Sire, font il, il est ça defors la porte; il n'est mie encores ceanz entrez.**” Li chevaliers s'en vet atant defors la porte dou chastel et s'en	il demande: Ou est li chevaliers qui ceste honte nos a faite **Sire, dient il, la defers devant la porte, encore n'est il entrez ceienz** Li chevaliers s'en vait atant dusqu'a la porte do

			tous maintenant	ist fors	chastel et s'en ist fors

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.78/l.87-89)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.152r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.29-31)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.24-26)	**ms. BNF, fr.750** (ff.129r/col.II-129v/col.I)
***Et* o Caual*eir*o da ponte q*ue* auya num*e* Renoueis disso** ssabede ora Caual*eir*o desaue*n*turos o q*ue* no*n* ey ora uoontade de batalla	puis que je vous ai abatu, ne m'aves pas mene jusqu'a outrance	**Certes, Sire chevaliers aventureus, fet Neroneaus,** or sachiez que je n'ai ore volente de combatre a vous puis que je vous ai abatu	**– Sire cevaliers, fait Neroneus,** or sachiés tout certainnement que je n'ai nule volenté de combatre a vous puis que je abatu vous ai	"**Certes, sire chevaliers aventureus, fait Neroneus,** or sachiez que je n'ai nule volenté de combatre a vos, puis que je vos ai abatu	**Sertes, sire chevalier aventurox, fait Neroneux**, or sachiez bien que puis que ge vos ai abatu

As modificações estruturais sobressaem ao nível do tratamento do estilo directo e indirecto nos segmentos narrativos (i), (ii) e (iii). Estes casos mostram a preferência pelo estilo indirecto no texto galego-português.

Os problemas gerados pela reestruturação do discurso afectam também o plano semântico. Nos trechos (ii) e (iii), por exemplo, a forma de tratamento "sire"/"sire chevalier" não será reproduzida e, no passo (i), a expressão idiomática "Par Sainte Crois"[387] também não. A opção pelo discurso indirecto resulta, assim, numa simplificação e redução do texto de partida.

No terceiro exemplo, torna-se evidente um mecanismo de tradução na forma como o cavaleiro da ponte é duplamente destacado: pelo nome próprio e pela referência à sua função, enquanto nos testemunhos franceses, com excepção do *lapsus* narrativo do ms. BNF fr. 99, é referido, na oração intercalada, apenas pelo nome próprio. Em primeiro lugar, reflecte-se aqui um procedimento estilístico específico do romance arturiano através do qual o nome da personagem é revelado em conjunto com a descrição física desta da forma seguinte: "Li chevalier faisoit son escu porter covert d'une houce vermeille. Et se auscuns me demandoit qui li

[387] Sobre a equivalência das formas de tratamento e das expressões idiomáticas, ver o último capítulo desta parte.

chevaliers estoit, je diroie que c'estoit messire Lancelot dou Lac"[388] ou "Li chevaliers, qui Neroneus estoit apelez, ert armez de totes armes de l'autre part dou pont"[389]. No nosso exemplo, trata-se da associação entre a função que o cavaleiro desempenha e o seu nome próprio. Em segundo lugar, a opção pelo discurso indirecto determina assim uma modificação estrutural através da qual se recorre a uma redistribuição dos componentes semânticos: em galego-português, o nome próprio faz parte de uma oração relativa ("que auya nume Renoueis"[390]) enquanto em francês é mencionado numa oração intercalada ("fait Neroneus").

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.76/l.55-56)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §3/l.2-5)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §712/l.2-5)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.I)
Et eles lle preguntaron ssenor conoçedes uos algũus caualeyros **de Casa de Rey Artur**	Ilz comencent a demander a Lancelot se il fut oncques **en la maison le Roy Artus**. Seigneurs, fait il, voirement	Il comencent a demander a Lancelot se il fu oncques **en la meson le roi Artus**. Seignors, fet il, oil, je i fu ja voirement et conoissiez vous nul **des chevaliers de celui hostel**?	Il demandent a Lanselot s'il fu onques **en la maison le roi Artu**. "Signeur, fait il, oïl. G'i fui ja, fait il, voirement. – Et connissiés vous aucun **des cevaliers de celui ostel**?	Il comencent a demnader a Lancelot s'il fu onques **en la meson le roi Artus**. "Seignor, fait il, oïl. Je i fui ja voirement." "Et conoissiez vos nus **des chevaliers de celi ostel**?"	Il demandent a Lancelot se il fu onques **en la maison dou roy Artus**. Seignor, fait il, oil. Ge fui la voirement Et conoissiez vos, font il, aucun **de cels chevaliers de celui hostel**

O diálogo entre Lancelot e os dois companheiros, Brandeliz e Queia, é mantido na tradução peninsular com excepção da primeira pergunta "s'il fu onques

[388] Cf. Curtis, Renée (ed. 1963-1985), *op. cit.*, §684/l.4-7.
[389] *Idem*, §698/l.7-8.
[390] A grafia "Renoueis" do nome do cavaleiro da ponte pode dever-se ao processo de cópia da tradução galego-portuguesa, dada a sua ocorrência com grafia correcta, conforme o texto francês, "Neroueix", em duas rúbricas: "Como Neroueix derribou q*ue*ya destrauz na ponte" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 77); "Como Neroueix derribou Brandeliz ena ponte" (Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 78).

en la maison le roi Artu". Contudo, é importante sublinhar que o texto de chegada restitui na segunda pergunta a referência à casa do Rei Artur. Esta menção, apesar de ser colocada na segunda intervenção dialogal, permite-nos concluir que a fonte francesa apresentava uma lição idêntica à lida nos cinco testemunhos e que a sua reestruturação se deve ao processo de tradução.

A opção pela ausência de equivalente frásico parece realçar a tendência para a simplificação e contracção do texto de partida. Esta opção gera também, no texto de chegada, uma modificação estrutural. A forma de tratamento "ssenor" já não faz parte da resposta de Lancelot à primeira pergunta dos cavaleiros, mas da segunda pergunta destes. O facto de o texto de chegada apresentar uma vez mais indícios de lições presentes na fonte mas abandonadas estruturalmente no texto receptor, assim como tivemos a oportunidade de constatar no caso (1.5, exemplo (i)), reflecte a coerência do método de tradução e do seu objectivo.

(v)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.77/l.75-76)	**ms. BNF, fr.750** (f.129r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §5/l.1-3)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §713/l.1-3)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.II-152r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144v/col.I)
T <…> eles chegaro*n* aa **ponte**	Quant il sont dusqu'al **pont** venu,	Quant il sont trusc'au **pont** venu,	Quant il sont dusqu'au **pont** venu,	Quant il sont jusques au **pont** venus,	Quant ilz sont jusqu'au **pont** venus
o Caual*eir*o **q*ue* os no*n* q*u*is leixar yr q*u*ites**	li chevalier **qui le pont gardoit estoit ja montez, toz garniz et appareilliez dou ferir.**	li cevaliers **ki le pont gardoit estoit ja montés sour son ceval tous garnis et tous aparailliés de ferir.**	li chevaliers **qui le pont gardoit estoit ja montez, toz garniz et apareilliez de ferir.**	li chevaliers **qui le pont gardoit fu ja montes et apparaillies de ferir.**	le chevaliers **que le pont garde fi ja montes et garnis et appareillies de ferir.**
deu uozes	Si s'escrie si haut com il puet	Dont s'escrie, tant com il puet	Si s'escrie si haut com il puet	Si s'escrie tant come il puet	Si s'escrie si ault come il puet

O exemplo (v) revela a técnica de reestruturação da frase que torna o texto menos monótono, apesar de se afastar literalmente da fonte francesa. O segmento "T <…> eles chegaron aa ponte o Caualeiro que os non quis leixar yr quites" face a "Quant ilz sont jusqu'au pont venus le chevaliers que le pont garde" prova, no caso do

texto galego-português, por um lado, a tendência para evitar a expressão redundante concretizada pelo lexema "ponte". Por outro, observa-se que a tradução peninsular apresenta uma reestruturação léxico-semântica em relação ao texto francês, indicando, desta forma, uma situação diferente, ou seja, a acção de guardar a ponte ("que le pont garde) é substituída pelo resultado desta ("que os non quis leixar yr quites") e isto parece tornar o texto de chegada mais coerente em relação à semântica textual, evitando, também, a expressão redundante. Efectivamente, pela frase em francês ("li chevalier qui le pont gardoit"), fica-se com a ideia de que é a primeira vez que Brandeliz e Queia encontram este cavaleiro, o que é verdade, ora, o texto galego-português parece remeter para um episódio anterior, o que faz com que se torne preciso e coerente pela maneira de identificar uma personagem já conhecida ao seu receptor. Este facto reforça a coesão textual do romance traduzido. Ou seja, a cena anterior mostra o Cavaleiro da Saia Mal Talhada, acompanhando a Donzela Maldisente, a tentar passar a respectiva ponte e a ser impedido pelo cavaleiro que a guardava. Por ter prometido ao pai deste em cuja casa tinha pernoitado, o Cavaleiro da Saia Maltalhada não combate com ele e passará pela água[391], de que ja falámos, também, através de outros casos anteriormente tratados**.**

(vi)

[391] Esta passagem corresponde aos parágrafos 588 da análise de Eilhert Löseth e 698-699 da edição Renée Curtis.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.109-113)	**ms.BNF, fr.99** (ff.149r/col.I-149r/col.II)	**ms.BNF fr.756** (f.157r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.8-15)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §731/l.8-14)	**ms.BNF fr.750** (f.135r/col.I)
viu p*re*to da porta **(a)**vj te*n*das **armadas** muy **fremosas *et* Ricas** ademays	il voit en un pre la davant asses pres de la porte en une grant arbre tenans jusques a **(a)**VI paveillons **biaux et riches**.	il voit en I pre la devant le chastel asses pre de la montaigne et de la porte del chastel en uns grans arbres tendus jusques a **(a)**VI pavillons **biaus et riches**.	il voit en un pré, la devant, auques pres de la porte, en une grant arbroie tendus dusc'a **(a)**.VI. paveillons **biaus et riches**.	il vit en une place la devant assez pres de la porte en une grant arbroie tendus dusqu'a **(a)**sis paveillons **biax et riches**.	il voit en un pre, la devant, assez pres de la porte, en une grant arbroie dusqu'a **(a)**.vj. paveillons tenduz **biaus et riches**.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.79/l.109-113)	**ms.BNF, fr.99** (ff.149r/col.I-149r/col.II)	**ms.BNF fr.756** (f.157r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.8-15)	**404 Carpentras (**ed. Curtis, §731/l.8-14)	**ms.BNF fr.750** (f.135r/col.I)
Et ant*e* Cada hũa tenda estaua hũu **Caualo** emsselado *et* guisado **(b)p*er*a subir hũu ome em ele** Et sabede q*ue* era*n* todos **(c)dũas sinaes** **(d)**Quando lançarote uiu **os Caualos *et* os escudos**	Delez chascun paveillon avoit un **cheval** tout enselle et tout appareillie **(b)de monter** et **un escu tout nouvel**. Et sachies que ly escus estoient **(c)tuit d'une semblance et noir come meure**, ne nulle autre descognoisse nce n'y avoit **(d)**Quant Lancelot voit **les escus et les chevaux**	Deles chascun pavillonn avoit I **cheval** tout ensele et tot appareillie **(b)de monter** et **I escu tot novel**. Et sachies que li escu estoient **(c)tous de une samblance et noir come meure** ne nule autre desconoissan ce il ni avoit **(d)**Quant Lancelot voit **les chevaus et les escus**	Delés cascun paveillon avoit un **ceval** tout enselé et tout apareillié (a)**pour monter** et **un escu tout nouvel**. Et sachiés que li escu estoient **(c)tout d'une samblanche et noir comme meure** **(d)**Quant Lanselos voit **les cevaus** tous apareilliés **et les escus**	Delez chascun paveillon avoit un **cheval** tot enselé et tot apareillié **(b)de monter**, et **un escu tot novel**. Et sachiez que li escu estoient **(c)tuit d'une semblance, et noir come meure**, ne nule autre desconoissan ce il n'i avoit **(d)**Quant Lanceloz voit **les chevax et les escuz**	Delez chascun des paveillons avoit un **cheval** tot ensele et tout apareillie **(b)dou monter** et **un escu tot novel**. Et sachiez que li escu estoient **(c)tuit d'une samblance et d'une color et noir comme more** **(d)**Quant Lancelot voit **les escuz**

Eis um outro caso em que o texto de chegada se revela inovador em relação ao texto de partida, atestado pelos cinco testemunhos franceses em estudo, através de operações específicas do acto de tradução, que envolvem redistribuição dos componentes semânticos com repercussões no plano estilístico.

Em primeiro lugar, atente-se na lição "armadas" (vi) (a), sem correspondente directo no texto francês. É importante procurar no texto os dados que possam explicar esta aparente singularidade da tradução peninsular. Assim, observámos que nesta sequência narrativa existem três ocorrências do lexema "tenda"[392], das quais na primeira se indica o quantificador adjectival "armadas" o que nos leva a pensar numa

[392] "uiu p*r*eto da porta vj **te*n*das** armadas" p. 79/l. 109-110; "uiu os Caualoa *et* os escudos a*n*te as **te*n*das**" p. 79/l. 13; "<...> de hua **tenda** et começoo a ta*n*ger" p. 80/l.122. Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.* Sublinhados nossos.

variação linguística introduzida pelo tradutor com base no enlace dos elementos do discurso textual, o que faz de toda a construção "tendas armadas" uma variante discursiva.

Contudo, no segmento (b), deparamo-nos com a ausência da referência ao escudo e com uma equivalência dinâmica do grupo de constituentes "guisado pera subir hũu ome em ele" correspondente de "tout apareillie de monter". A estrutura do texto de chegada tem a particularidade de ser descritiva.

As operações efectuadas na transferência de conteúdos semânticos dos segmentos (b) e (c) geram, em primeiro lugar, ausências nos dois, em segundo lugar, uma expressão sintética, nomeadamente em (c). Ou seja, apesar de retirar o equivalente do termo "escu" do segmento (b) o que, por consequência condiciona, logicamente, a ausência da descrição ulterior deste — "tout d'une samblanche et noir comme meure" — do segmento (c), regista-se uma antecipação no plano semântico pela construção "dũas sinaes" de (c). Resta indicar que a ausência de equivalente do vocábulo "escu" do segmento (b) poderia significar, para a economia do texto de chegada, uma redução de repetição, dado que este elemento se lê, também, no segmento (d) e que "dũas sinaes" de (c) devem ser "os cavalos" e "os escudos" mencionados em (d).

5. Conclusão

A análise de LT permitiu-nos observar o mesmo conjunto de técnicas de tradução que detectámos em ST/TT e LM. As técnicas de tradução representam manifestações de transformação do texto intrínsecas do processo de tradução, técnicas que se concretizam com base no material linguístico. Assim, a ausência por redução afecta em LT, além do grupo nominal, verbal, adverbial e frase, que também são alvo deste procedimento de tradução em ST/TT e LM, a unidade do segmento narrativo, ou seja, uma quantidade mais significativa de texto se encontra resumida.

De acordo com os exemplos, existem graus de probabilidade diferentes no que respeita aos factores que condicionam a ausência de equivalente no texto receptor. O denominador comum das passagens afectadas pela ausência é, em geral, o tema do combate ou pormenores relacionados com este. Este facto pode indicar que estes aspectos não tiveram interesse para o tradutor do texto galego-português ou, podemos também pôr a hipótese de o receptor deste texto, prioridade do tradutor, não se interessar por estes temas do romance em causa.

A técnica de amplificação parecer tornar o texto de destino mais específico e preciso em contextos em que o francês pode carecer destas características, contribuindo, assim, para uma expressão mais concisa do conteúdo original. Um outro argumento relevante consiste na opção por enfatizar um sentido diferente do que está presente no texto fonte (por exemplo, "vencer", e não "matar" como propósito do combate).

No caso dos segmentos frásicos, o recurso à *amplificatio* justifica o uso de termos específicos aplicados ao contexto ("portagem", "ospede"), termos privilegiados pela língua receptora e que necessitam de uma elaboração explicativa da circunstância dada. A utilização destas técnicas deve ter como objectivo a simplificação do texto de partida e, implicitamente, a economia do texto de chegada. Os recursos estilísticos de redundância (nominal, verbal, adverbial), evidenciando o fenómeno de reiteração de conteúdos, especícifos do texto de partida são alvo dos fenómenos de ausência, reformulação e modificação estrutural, pois estes não correspondem a uma escrita económica que se pretende realizar na tradução galego-portuguesa do romance arturiano. Assim, dispensa-se qualquer elemento que conduz à expansão do texto.

As técnicas de ausência, reformulação e modificação estrutural evidenciam tanto a utilização da língua do texto receptor como a construção deste.

O factor material é também importante considerar na economia do texto receptor. Havendo, provavelmente, como suporte físico um determinado tamanho de pergaminho, esta condicionante torna-se decisiva na quantidade de texto a ser redigido.

6. Algumas conclusões

Se a qualidade da tradução e a sua eficiência se verificam, segundo Alexandru Gafton[393], na capacidade de o tradutor encontrar na língua receptora a forma que exprima o mesmo conteúdo da língua original, a análise de ST/TT, LM e LT permite-nos constatar que o(s) seu(s) tradutor(es) possui(em) esta qualidade e o receptor do texto resultante do processo de tradução tem acesso ao mesmo conteúdo que o do texto original, com a diferença de em galego-português este ser redigido de uma

[393] Gafton, Alexandru (2005), *op. cit.*, pp. 13-18.

forma sucinta. Contudo, é conveniente falar das semelhanças e das dissemelhanças entre a concretização desta forma sucinta nos textos arturianos galego-portugueses em análise.

Dadas as características destes textos, foi possível distinguir atitudes diferentes na realização da sua tradução e perfis diferentes dos seus autores. Como referimos atrás, LT oferece, na porção de texto conservada, um texto mais redutor em relação à sua fonte do que ST/TT e LM face às suas fontes. É necessário entender em que consiste este carácter económico da narrativa tristaniana em galego-português em comparação com ST/TT e LM e em que é que se baseiam as medidas redaccionais. As razões para tal poderiam residir no tipo de texto a ser traduzido, por um lado, e, por outro, na atitude e no perfil do tradutor a efectuar a tarefa. Assim, o texto de ST/TT que aborda temas de teor religioso — a conversão ao cristianismo do Rei Evelac e as suas visões — ou de LM que trata da história do príncipe Anasten contada por Merlin à Donzela do Lago ou o desencantamento entre Galvan e Maroth por uma donzela, parece ter tido mais interesse para o tradutor e para o receptor por ter sido reproduzido de uma forma mais fiel no plano da forma e contéudo. Enquanto no caso de LT, que se centra, por um breve momento, na alegria de Iseu provocada pela notícia sobre Tristan e depois desenvolve as aventuras de Lancelot à procura do Cavaleiro da Saia Mal Talhada, observámos que o texto já não é revertido em galego-português com a mesma fidelidade no plano da forma. Quanto ao passo referente à alegria da rainha Iseu, não pudemos verificar cortes, dada a quantidade diminuta de texto conservado. Mas as aventuras com carácter bélico conhecem um tratamento redutor na sua passagem para a língua receptora. Poderia residir, por conseguinte, no aspecto temático a razão para o recurso às técnicas de redução e de síntese na forma de tradução desta porção de texto.

No tocante ao perfil do tradutor, em primeiro lugar, é necessário fazer a referência à figura de Joam Vivas. O nome desta personagem aparece como o do tradutor em dois textos arturianos ibéricos. Referimo-nos à *Estória do Santo Graal*, também designada como *Livro de José de Arimateia*, transmitida no manuscrito quinhentista da Torre do Tombo e à versão castelhana da *Demanda do Santo Graal*[394]. Os dados históricos recolhidos por Ivo Castro[395] e corroborados com a

[394] Cf. Carter, Henry Hare (ed. 1967), *op. cit.*, pp. 205 e 273; Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *La Demanda del Sancto Grial*, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6, Madrid, p. 181.

[395] Castro, Ivo (1983), "Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-

referência ao nome Joam Vivas no corpo dos dois textos referidos, permitiram ao autor atribuir a tradução galego-portuguesa daquilo que o autor designa como ciclo da Pós Vulgata no seu todo ao "frade português Joam Vivas que viveu em meados do século XIII com raízes e família em Lisboa e com acesso à corte"[396]. Falando sobre os meios em que circulavam os textos arturianos depois da chegada ao território peninsular com a corte de D. Afonso III, José Carlos Miranda[397] problematiza a possibilidade de Joam Vivas, tradutor assumido de pelo menos dois livros do romance arturiano através das referências metatextuais do *Livro de José de Arimateia* e da *Demanda* castelhana, já referidas[398], e personagem religiosa pertencente a uma família que circulava na vassalidade daquele rei[399], ser o incumbido da tradução integral dos "livros do Graal".

Ora, é nosso objectivo tentar perceber se a atribuição da tradução integral do romance arturiano a um único indivíduo, seja ele qual for, é também sustentada pelos dados linguísticos que foi possível extrair através da análise dos textos traduzidos em comparação com as fontes atestadas em vários testemunhos franceses. Chamamos a atenção aqui para o facto de que não se põe em causa necessariamente a autoria de Joam Vivas cuja historicidade é generalizadamente aceite, mas a atribuição da tradução na íntegra a esta figura histórica.

Em primeiro lugar, assinalámos as características afins nos textos traduzidos e, em segundo lugar, as que os separam. O estudo individual dos textos peninsulares em comparação com a fonte francesa permitiu-nos detectar técnicas idênticas de tradução em ST/TT, LM e LT, tendo estes o denominador comum da contracção lexical, no caso das ausências por redução e reformulação, e a melhor explicitação do conteúdo original, no caso das amplificações. A característica comum dos textos traduzidos resultante do procedimento da ausência através da redução das formas de redundância é uma expressão textual menos pesada e económica.

Em segundo lugar, como característica diferenciadora entre os textos galego-portugueses mencionamos o facto de ST/TT e LM, nas porções de texto conservadas, se manterem mais fiéis face ao original francês consultado do que se constatou em

---

Vulgata", *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, pp. 91-98.

396 *Idem*, p. 97.

397 Miranda, José Carlos Ribeiro (1998), *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, Porto, Granito, p. 18; Miranda, José Carlos Ribeiro (1996), "Como o Rei Artur e os Cavaleiros da sua Corte Demandaram o Reino de Portugal", *Colóquio-Letras*, 142, pp. 83-102.

398 *Supra*, pp. 194-195.

399 Miranda, José Carlos Ribeiro (1998), *op. cit.*, p. 18; Castro, Ivo (1983), *op. cit.*

LT. Apesar de terem sido detectadas as mesmas técnicas de tradução em todos os textos, pelos factos evocados de ausência, de reformulação e de modificação estrutural, concluimos que, em LT, se realizou uma sistemática contracção não apenas de lexemas, mas também de segmentos mais compósitos, o que nos leva a delinear um perfil diferente do tradutor deste livro e/ou uma atitude diferente no acto de tradução do que se verificou em ST/TT e LM. Observámos, assim, que os diálogos são os pontos sensíveis em que LT se destaca dos restantes textos galego-portugueses. A forma como são reproduzidos, por exemplo, em LM os diálogos entre Maroth e Galvan[400], revela uma preocupação propositada por parte do tradutor na atribuição das falas a cada personagem, de uma forma até excessiva em relação ao texto francês. Enquanto em LT, nos deparamos com uma redução de texto dialogal entre Lancelot e os dois companheiros, Queia e Brandeliz[401] ou nas réplicas de Queia, também, ao dialogar com o cavaleiro da ponte depois de ter sido derrubado por este[402]. O texto resultante em LT não carece de informação, apenas de elementos de reforço contidos no texto francês. Contudo, por que razão teria o mesmo tradutor revertido integralmente os diálogos na tradução do *Livro de Merlin* e não do *Livro de Tristan*? Outra diferença é o conjunto de orações relativas que em LT são suprimidas[403], enquanto em ST/TT, por exemplo, até se constituem em lições exclusivas destes testemunhos[404].

Ainda em relação ao carácter ecónomico da dimensão textual de LT, seria interessante referir o caso do *hiatus* narrativo detectado em ST[405]. Uma comparação entre os factores que condicionaram a redução total de um segmento narrativo em ST e os que determinaram a redução de detalhes narrativos em LT pode trazer apoio à ideia de economia textual no caso deste último.

Como já dissemos, pelas características paleográficas e codicológicas realça-se a hipótese de a ausência do respectivo segmento narrativo de ST ser uma medida redaccional baseada em aspectos de lógica diegética, ou seja, suprimir uma passagem que parece interromper o fio narrativo e não uma técnica de redução de uma narrativa

[400] Ver 2.2 Casos de afinidade léxico-semântica entre LM/ms. de Cambridge, caso (iii) do estudo de colação referente ao *Livro de Merlin*.
[401] Ver 1.5 Ausência por redução de segmento narrativo, exemplo (i).
[402] Ver 1.4 Ausência por redução de frase, exemplo (iii).
[403] Ver 1.4 Ausência por redução de frase, exemplos (viii), (ix).
[404] Ver 2.1 Amplificação de segmentos: *varia*, exemplo (i) do estudo de tradução referente à *Estória do Santo Graal* e 3.2 Leituras singulares de segmentos frásicos em ST/TT do estudo de colação referente ao mesmo.
[405] *Supra*, pp. 110-112.

por condicionantes de ordem material, enquanto em LT se evidencia a técnica de *abbreviatio* semântica por razões de economia material e/ou por não existir interesse nos respectivos momentos narrativos quer por parte do tradutor, quer por parte do receptor. Em conclusão, o copista/redactor de ST deve ter considerado adiáfora a respectiva parte textual, enquanto o tradutor de LT valoriza a história, mas sem transferir todos os seus detalhes da fonte francesa.

Com o estudo de elementos comuns nas fontes francesas com soluções divergentes nos textos resultantes do processo de tradução, de que nos vamos ocupar de seguida, será possível averiguar mais aprofundadamente a hipótese de estarmos perante mais do que um autor da tradução do romance arturiano.

D. Estudo do léxico comum nos textos galego-portugueses

O confronto sistemático entre os textos galego-portugueses e os respectivos correspondentes franceses revelou que os primeiros apresentam soluções diferentes de tradução para elementos idênticos nos textos de partida e/ou a mesma solução de tradução corresponde a elementos distinctos nos textos franceses. Assim, começaremos por analisar individualmente estas situações de tradução segundo critérios semânticos e estilísticos[406] a fim de delinear o perfil do(s) tradutor(es).

1. "Deus" e expressões idiomáticas

A tradução do nome da Divindade difere em função do uso singular da palavra ou em expressões idiomáticas onde o cariz religioso é acentuado. Sublinhamos, deste modo, as situações do uso singular em que deparamos com a mesma forma nos três textos peninsulares ("De*us*"), apesar de nos correspondentes franceses se registarem formas distintas, como se pode ver na seguinte tabela:

[406] Através dos critérios semânticos serão observadas as modificações no plano do conteúdo operadas no acto de tradução que pressupõem a utilização de lexemas com sentido genérico ou o sentido específico em função dos objectivos/preferências do tradutor e as redistribuições dos componentes semânticos. Em relação aos critérios estilísticos referimo-nos, em primeiro lugar, às modificações estruturais que podem conferir mais clareza, concisão ao texto de chegada e, em segundo lugar, ao uso de unidades lexicais com componentes semânticos concordantes que realçam a acção.

(i)

ST/TT: 9 casos **LM: 5 casos** **LT: 1 caso**	**So**	**Po**	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)	**ms. BNF, fr. 750** **2542 Viena** (ed. Ménard) **404 Carpentras** (ed. Curtis) **ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
De*us*	Jhesu Cris[t] Nostre Sire Dieu Dieux Diex Dieu Diex Dieu Dieu	Nostre Sire Nostre Sire Dieu Damedieu - Dieu Diex Damedieu Dieu	Dieu Dieux Dieu Dieu Dieux	Nostre Seignor	Nostre Sires

Além da forma "Deus", a expressão "Nosso Senhor" surge também noutras partes do texto que lemos, por exemplo, em TT como equivalência do nome da Divindade.

A fórmula "Nosso Senhor" ocorre também na lírica profana galego-portuguesa[407]. As várias formas aí recolhidas, são indícios da possibilidade que a língua oferece para variar a respectiva tradução.

Além disso, segundo a tradição hebraica, existe o hábito de substituir na leitura em voz alta o nome YHWH, traduzido por Yahve, Yave ou Yahveh por *Adonay*, com o significado "Senhor". Assim, do ponto de vista da expressividade, a utilização do nome "Deus" supõe uma relação menos pessoal e menos directa do que a expressão "Nosso Senhor", segundo consideram os especialistas da tradução do texto bíblico[408].

Ora, a equivalência do nome da Divindade, nos textos traduzidos, pela mesma forma, nas respectivas passagens, pode entender-se como uma preferência da parte do tradutor baseada nos póprios critérios de nomear o Divino.

Partindo destas situações, é interessante examinar as expressões idiomáticas

[407] O TMILG regista várias ocorrências das fórmulas "Nostro Senhor" e "Senhor Deus" de que destacamos "Sennor, sennor, agora vi | de vus quant ' eu senpre temi! | A ren do mundo que eu mais amava | e mais servia, nen mais desejava, | **Nostro Senhor**, quant ' end ' eu receava | ei! ei! ei!"; "**Senhor Deus**, que coita que ei | co coraçon! E que pesar" em Brea, Mercedes (coord.) (1996): *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*, vol. 2. Santiago de Compostela, Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro", pp. 993-1002. Sublinhado nosso.
[408] Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit.*, pp. 45-46.

com acentuado cariz religioso, de forma que delimite os modos de tradução ("correspondencia formal" ou "equivalencia dinámica"[409]). Temos, assim, em análise as seguintes expressões: "par/por Deus", "por boa fe", "Se Deus me ajude", "No nume de Deus", "Uos veeredes, a boa fe", "se Deus me ualla", "se Deus quiser" a que correspondem formas diferentes nos textos franceses comparados.

Em primeiro lugar, observamos a expressão "par Deus" correspondendo a várias fórmulas francesas: "por Dieu" / "pour l'amour del haut Signour "; "Par foy", "se Dieu m'aït", "Par foi"; "por/pour Dieu", "En non Dieu".

(ii)

ST (f.1v/col.II/l.31-32)	**TT** (p.165/l.35-37)	**So** (p.85/l.13)	**Po** (§289/l.11-12)
por De*us* | [...]guntar q*ue* he Ca ey	hyrmão **por Deos** vos rogo que vos lhe vades pergumtar que he que grã sabor hey deho saber	**por Dieu** leues sus et li ales demander que il a car volentiers le sauroie.	Et je vous pri et requier **pour l'amour del haut Signour**, a la qui creanche vous vous estes dounés [...]

(iii)

LM	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)
a) **Par De*us***. No*n* sey disse Maroth (p.153/l.43)	**Par foy**, je ne sçay. –Ne je autressi, fait le Morholt (§494/l.8-9)
b) **Par De*us***. No*n* sey disse Galuam (p.153/l.44-45)	–Ne sçay, fait il, **se Dieu m'aït** (§494/l.10)
c) **par Deus** disse Galua*n* isto semelha dyabrya (p.156/l.92-93)	–**Par foi**, fait messire Gauvain, ce me ressemble deablerie (§496/l.27-28)

(iv)

LT	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) Ay **por Deus** disse o padre el he ũu Caual*ei*ro muy meniño (p.74/l.29-30)	Ha! **por Dieu**, sire, ce est uns joeunes chevalier (f.128v/col.I)	Ha! **Pour Dieu**, sire, fait li peres, ce est uns jovenes cevaliers (vol.I,	Ha! sire, **por Dieu**, fait li peres, c'est uns joenes chevaliers (§710/l.18-19)	Ha! **pour Dieu**, sire, fet li peres c'est I jeunes chevaliers (f.151r/col.II)	Ha! **pour Dieu**, Sire, fait le pere, c'est un jeunes chevaliers (f.144r/col.I)

[409] Correspondência formal (palavra por palavra). Equivalência dinâmica pressupõe um afastamento no plano da forma em relação ao original e a adaptação no plano semântico aos contextos culturais e/ou aos meios linguísticos do texto de destino. Cf. Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *op. cit*.

		§1/l.22-23)			
b) Ay **por deus** disso Keya destrauz (p.76/l.57-58)	Ha! **por Dieu**, fait Kex d'Est'raiz (f.129r/col.I)	– Ha! **pour Dieu**, fait Kex d'Estraus (vol.I, §3/l.8-9)	Ha! sire, **por Dieu**, fait Kex d'Estax (§712/l.7)	**Pour Dieu**, fet Kex (f.151v/col.I)	Ha! **pour Dieu**, fait Kahedin d'Estraux (f.144r/col.II)
c) **Par de*u*s** disso el aly for*a* esta hũu caval*ei*ro andant*e* (p.83/l.177)	Sire, la fors est orendroit venuz uns chevaliers erranz (f.136r/col.II)	Sire, fait li cevaliers, la dehors est orendroit venus uns cevaliers errans (vol.I, §31/l.15-16)	**En non Dieu,** sire, la hors est mentenant venuz uns chevaliers erranz (§735/l.27-28)	**En nom Dieu**, Sire, la hors, est venu maintenant .I. chevaliers errant (f.158r/col.I)	**en nom Dieu**, Sire, la hors est maintenant venu I chevaliers errant (f.150r/col.I)

Como se pode ler nos exemplos citados, a construção "por Deus" (ST/LT), com a variante "par Deus" (LM/LT), representa o equivalente de mais de uma variante francesa ("Por Dieu" (ii), (iv); "Par foi" (iii), "se Dieu m'ait" (iii); "En non Dieu" (iv)). Na única ocorrência de ST, notamos um afastamento em relação à versão registada em Po ("pour l'amour del haut Signour"). Este tipo de afastamento situa a versão da *Estoire del Saint Graal* que se transmite em Po numa família distinta no *stemma codicum* da que se atesta noutras redacções aqui analisadas[410], sendo, assim, irrelevante relacionar esta diferença no plano da expressão entre ST/TT e Po com o processo de tradução. Em contrapartida, a variante registada em So, "por Dieu", parecer ter sido decalcada na forma "por Deus" de ST. Em LT, a expressão "por Deus" corresponde, também, em duas situações, a "por Dieu" ou "pour Dieu" e, numa situação, corresponde à construção "En non Dieu" em três dos textos franceses comparados (404, Carpentras, ed. Curtis; mss. BNF, fr. 756, fr. 99).

Em outros dois textos franceses (ms. BNF, fr. 750; 2542, Viena, ed. Ménard) não se regista qualquer correspondente desta última situação[411]. Assim, a hipótese de a construção "por Dieu" ter sido decalcada na forma "por Deus" torna-se mais provável, mas a identidade estrutural entre as línguas em contacto pode igualmente privilegiar a respectiva forma.

[410] Sobre este tema, ver a terceira parte desta dissertação.
[411] Este tipo de questões fazem objecto de estudo da terceira parte desta dissertação.

Em LM, deparamo-nos com uma situação peculiar. Desta vez, a construção "Par Deus" equivale em dois casos à fórmula francesa "Par foy"/"Par foi" e num situação regista-se a expressão francesa "se Dieu m'aït".

Da análise destas construções em LM e LT, decorre a irregularidade da preposição "por" / "par" que se pode dever a uma semelhante irregularidade manifesta nos correspondentes franceses: "por"/"pour"/"par", enquanto derivados por metátese do latim *pro*. Em geral, esta irregularidade poderia explicar-se pela instabilidade dos sistemas gráficos em contacto ou pela interpretação errónea da abreviatura do **p** cortado.

Um último aspecto importante refere-se ao facto de que, além da constante correspondência formal com a construção francesa "por Dieu" nos três textos traduzidos, a versão peninsular "por Deus" abrange em LM e LT outras três estruturas: "Par foy" (LM), "se Dieu m'aït" (LM) e "En non Dieu" (LT). Dada a diminuta extensão dos textos peninsulares preservados é possível apenas formular a hipótese de esta opção de tradução constituir uma preferência do tradutor pela simplificação da expressão.

Falaremos de seguida de outras expressões idiomáticas, desta vez presentes apenas em LM e LT. Trata-se de "Por boa fe" e "Se Deus me aiude" em LM e "No nome de Deus", "Uos veeredes, a boa fe", "se Deus me ualla" e "se Deus quiser" em LT.

(v)

LM	**ms. BNF, fr. 112 (ed. Roussineau)**
a) **Por bõa fe**. disser*o*n el*e*s. ora ente*n*demos ca e uerdade (p.154/l.61)	**Par foi**, font ilz, si eust elle fait, se **Dieu** ne vous eust amenee ça. Et vous prisons ore bien, que vous nous dictes voir (§494/l.45-47)
b) **Se Deus me aiude** disse a donz*e*la (p.153/l.49)	**Par mon chief**, seigneurs, fait la damoiselle (§494/l.22)
c) a poucas no*n* fomos mortos por máá ue*n*tuyra. **Uerdade. e** disse Maroth (p.153/l.45-46)	A pou que nous ne nous sommez entreoccis par mesaventure. –**Par mon chief**, **vous dictes voir**, fait le Morholt (§494/l.11-13)

Em relação a estas passagens, assinalamos um conjunto de formas diferentes para traduzir expressões que não têm na língua de chegada equivalente directo. Em LM, como se pode ler na tabela, nota-se uma diferença nas opções de tradução da expressão "Par foi". Num caso, acima referido (iii) a), o texto de chegada apresenta a solução de tradução "Par Deus" e, num segundo momento (v) a), lê-se a tradução

"Por boa fe". Ou seja, podemos observar neste caso uma variação linguística evidenciada pela *amplificatio* inovadora do qualificativo "boa".

No mesmo texto, uma segunda situação de forma diferente de tradução refere-se à expressão "Par mon chief". Assim, num primeiro caso, o texto de chegada soluciona a tradução pela forma "Se Deus me aiude" (v) b), enquanto num segundo não se regista qualquer equivalente (v) c). Nesta última situação, é importante observar que uma fórmula exclamativa redundante no texto de partida ("Par mon chief, vous dictes voir") poderia ter condicionado a redução do texto de chegada de uma parte desta, tendo assim correspondente apenas na segunda parte da construção frásica: "Uerdade. e". Verifica-se, uma vez mais, neste caso, que a redução de elementos redundantes pode ser um recurso estilístico característico do texto de chegada.

Apesar de em ST/TT não se encontrar correspondente formal para a construção "Par foi" registada apenas em Po, é interessante chamar a atenção para este caso, pela relevância da equivalência semântica. Como tentámos exemplificar na terceira parte desta dissertação, ST/TT transmite uma versão breve da *Estoire del Saint Graal*, opondo-se, assim, a Po por este se revelar um testemunho da versão mista. Apesar desta distância na relação de parentesco, ST não deixa de se cruzar nalguns elementos lexicais com Po, elementos em que So são omissos. Este seria mais um exemplo disso.

(vi)

ST (f.2v/col.II/l.29-31)	**TT** (p.176/l.32-33)	**So** (p.95/l.10-11)	**Po** (§325/l.4-5)
E **poys** assy ssayras ende | p*er* mj̃ dise a dona Ca eu te trouxe aq*u*i p*er* | meu ssem	**pois** sayras por mym, dise a dona. Que eu por meu gram saber te trouxe qua	par le commandement, fait ele, de celui qui ti aporta uieng iou chi	- **Par foi**, dist ele, par le commandement de chelui qui t'i porta t'en istras tu, car je t'i aportai par mon sens

Mencionámos que, no segmento seleccionado, a fórmula "Par foi" de Po não encontra correspondente formal em ST/TT, nem em So. Tal passa-se até nos centrarmos nos valores semânticos da expressão "Par foi" e da partícula adverbial "poys" e estendermos a nossa leitura até a frase "Ca eu te trouxe aq*ui* p*er* meu ssem" ST / "Que eu por meu gram saber te trouxe qua" TT, que apenas Po regista. Através desta afinidade entre ST/TT e Po, decorre a relevância da análise da partícula

adverbial “poys” que pode representar, a nosso ver, uma equivalência dinâmica da fórmula assertiva “Par foi” de Po. O tradutor peninsular recorre ao valor assertivo da construção francesa reproduzindo-o pela forma adverbial “poys”, perdendo, desta forma, o conteúdo religioso da expressão, sema mantido nas soluções de tradução de LM (iii) a), c); (v) a).

Dado o tratamento diferente nas soluções de tradução da fórmula “Par foi”, poderíamos levantar a hipótese de estarmos perante os primeiros indícios de que a tradução do romance arturiano se realizou em *scriptoria* diferentes ou de que no *scriptorium* onde se realizou a tradução tenha havido mais de que uma pessoa responsável pela incumbência.

Vamos ocupar-nos de seguida das construções “No nome de Deus”, “Uos veeredes, a boa fe”, “se Deus me ualla” e “se Deus quiser” de LT e dos seus correspondentes franceses.

(vii)

LT(ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) Verdade dizedes dom brandeliz (p.77/l.72)	**En non Dieu**, fait Brandelis, vos dites voir **(**f.129r/col.II**)**	**En non Dieu**, fait Brandelis, vous dites voir (vol.I, §4/l.21-22)	**En non Dieu**, fait Brandeliz, vos dites voir (§712/l.34)	**En nom Dieu**, fet Brandelis, vous dites voir (f.151v/col.II)	**En nom Dieu**, fait Brandeliz, voz dictes voir (f.144v/col.I)
b) Ne*n* eu nom q*ue*ro yr q*u*ite disso q*ue*ya (p.77/l.72)	**En non Dieu**, sire chevaliers, fait Keux d'Estraux, ne ge quite n'en voill estre (f.129r/col.II)	**En non Dieu**, sire cevaliers, fait Kex d’Estraus, ne je quites n’en voel estre (vol.I, §5/l.7-8)	**En non Dieu**, sire, fait Kex d'Estrax, ne je quites n'en veil estre (§713/l.6)	**En non Dieu**, Sire, fet Kex d'Estraux, ne je quites n'el vueill passer le pont (f.152r/col.I)	**En nom Dieu**, Sire chevaliers, fait Kahedin d'Estraux, ne je quictez n'en vueil estre (f.144v/col.I)

c) Ora [...]ia disser*o*n os Caual*ei*ros mays se q*u*iserdes iustar co*n*nosco <…> (p.78/l.100-101)	**En non Dieu**, fait Brandelis, danz chevaliers, or sachiez tot veraiement que ensint ne m'eschaperez vos mie com vos cuidiez: a combatre vos convient a moi avant que ge de vos me parte (f.129v/col.I)	Sire cevaliers, fait Brandelis, or saciés tout vraiement que ensi ne m'escaperés vous mie com vous quidiés: a combatre vous couvient a moi avant que je de vous departe (vol.I, §6/l.20-23)	**En non Dieu**, danz chevalierz, dit Brandeliz, or sachiez tot certenement que ensi ne m'eschaperez vos mie com vos cuidiez. A combatre vos covient a moi avant que je de vos me departe (§714/l.17-20)	**En non Dieu**, dant chevaliers, se dit Brandelis: Or sachies tout certainement que enissi ne meschaperois vous mie come vous cuides a combatre vous conment a moi avant que de vous me departe (f.152r/col.II)	**En nom Dieu**, dant chevaliers, fait Brandeliz, or saches tout certainement que ainsi ne m'eschappere s vous mie come vous cuides a combatre voz, couvient a moi avant que de voz ne mie departe (f.144v/col.II)
d) **No nume de Deus** disso o escudeyro (p.80/l.120)	**En non Dieu**, fait li vallez (f.135r/col.II)	–**En non Dieu**, ce dist li vallés (vol.I, §27/l.27-28)	**En non Dieu**, danz chevaliers, fait li vallez (§731/l.24-25)	**En non Dieu**, dant chevaliers, fet li vallet (f.157r/col.II)	**En nom Dieu**, dant chevaleirs, fait le vaslet (f.149r/col.II)
e) **Uos ueeredes a boa fe** q*ue* aq*ue*l caual*ei*ro q*ue* esta emde os ue*n*çera todos ou os desbaratara *et* **se deus m*e* ualla** ue*n*çeria et mataria taes x. como eles (p.82/l.161-163)	**Par Sainte Croiz**, il les metra toz quatre a desconfiture ou a mort, et ancors que la nuit venist en ocirroit il telx .x. com cil quatre sunt (f.135v/col.II)	**Par Sainte Crois**, il les metra tous quatre a desconfiture u a mort, et ançois que la nuis venist en ociroit il teus .X. com cist cevalier sont (vol.I, §30/l.15-18)	**En non Dieu**, il les metra toz quatre a desconfiture ou a mort, etençois que la nuit venist en ocirroit il tiex dis come sont cil quatre (§734/l.15-17)	**En nom Dieu**, il les mectra toz a desconfiture ou mort encore que la nuit venist en occiroit il telx X come sont ceulx IIII (f.157v/col.II)	**En nom Dieu**, il les mectra toz a desconfiture ou mort encore que la nuit venist en occiroit il telx X come sont ceulx IIII (f.149v/col.II)
f) mays no*n* uos ynchal ca nos anbos **se Deus q*u*iser** liuraremos a ponte (p.77/l.72-73)	Mais ne vos chaut, quar bien le deliverrom del pont, **se Diex plaist** (f.129r/col.II)	Mais ne vous caut, car bien deliverrom le passage, **se Dieu plaist** (vol.I, §4/l.23-24)	Mes ne vos chaut, car bien deliverrons le pont, **se Dieu plest** (§712/l.35-36)	Mes ne vous chaut car bien delivrerons le pont **se Diex plest** (f.151v/col.II)	Mais ne voz chaut car bien delivrerons le pont **se Dieu plaist** (f.144v/col.I)

A expressão francesa "En non Dieu" é solucionada no texto de chegada, numa das ocorrências acima referidas, pela construção "Par Deus" (iv) c). Nos casos aqui

destacados, constatamos, por um lado, uma selecção e, por outro, uma variação na tradução desta expressão.

Nos primeiros exemplos (vii) a), b), c) o texto de chegada não regista qualquer equivalente. A variação encontra-se no exemplo (vii) d). Coloca-se o tradutor, com este exemplo (vii) d) no plano do decalque da expressão do texto de partida: "No nume de Deus" / "En non Dieu". Situação similar de decalque apresenta também o exemplo (vii) f): "se Deus quiser" / "se Dieu plaist".

O segmento (vii) e) contém duas expressões no texto de chegada ("Uos veeredes, a boa fe", "se Deus me valla") com uma só correspondência no texto de partida ("Par Sainte Croiz", com a variante "En non Dieu"). Não há uma correspondência fiel entre a dupla solução do texto de chegada e a única expressão do texto de partida, mas uma equivalência dinâmica. No plano semântico o trecho inteiro consiste numa interpretação textual em relação ao correspondente francês, sendo, assim, a dupla construção de teor religioso um recurso estilístico específico do texto de chegada.

Contudo, examinando o conjunto das expressões em que ocorre o termo "fe" em LM e LT, verifica-se que no primeiro texto a solução de tradução "Por boa fe" encontra correspondente formal no texto de partida ("Par foi [...] Dieu"), enquanto no segundo texto a construção "Uos veeredes, a boa fe" não se baseia em qualquer correspondência formal do texto de partida ("Par Sainte Croiz", com a variante "En non Dieu").

Do exame dos últimos textos em que nos centrámos, LM e LT, observa-se um outro facto linguístico que tornaria possível esboçar o perfil do tradutor. Trata-se da construção "benoit soit Dieux" que, nos dois textos de chegada, encontra soluções diferentes de tradução. Ou seja, LM regista um resumo do segmento narrativo do texto de partida em que se dá mais enfoque e expansão à questão da benção, mantendo, porém, de uma forma sucinta, a respectiva referência na frase "bẽeto seia quen uos encantamentoo". Em LT, a ausência de qualquer correspondente formal da frase de que faz parte a expressão "Benoiez soit Dieu" pode levantar a hipótese de a redução de expressão redundante (característica geral do texto de chegada) explicar a ausência de correspondente devido à dupla expressão idiomática com cariz religioso na réplica do mesmo cavaleiro que interroga Lancelot sobre o estatuto deste (ix).

(viii)

LM (pp.153/l.51-154/l.52)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.25-32)
Ento*n* disse Maroth Donz*e*la **bẽeto seia quen uos encantamentoo** Ora <...> dizede disse ela sabedes que*n* uos enc*an*tou	– Damoiselle, font ilz, **benoicte** soit l'eure que vous venistes ça et **benoit soit Dieux qui ceste part vous amena**, car nous sommez de mort eschappez par uostre venue. Et cil qui vous aprist enchantemens, **benoit** soit il, car il nous a tant valu a cest afaire que nous ne le pourrions contrepeser. – Certes, fait elle, ce m'est bel, mes or me dictes: savés vous par cui vous avés ainsi esté enchantés?

(ix)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.80/l.120)	**ms. BNF, fr. 750** (f.135r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.26-28)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §731/l.24-25)	**ms. BNF, fr. 756** (f.157r/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (f.149r/col.II)
No nume de deus disso o escudeyro	**Benoiez soit Diex**, qui l'onor m'en volt consontir a avoir et qui la motroia!**En non Dieu**, fait li vallez	**Beneois soit Nostres Sires**, ki l'ounour m'en vaut otroiier! –**En non Dieu**, ce dist li vallés	**Beneoiz soit Diex** qui l'onor m'en vos otroier." "**En non Dieu**, danz chevaliers, fait li vallez	**Benoit soit Diex** qui l'onnor m'en volt octroier! **En non Dieu**, dant chevaliers, fet li vallet	**Benoit soit Dieux** qui l'onneur m'en veult octroier! **En nom Dieu**, dant chevaleirs, fait le vaslet

Dado o tratamento diferente no plano semântico e estilístico destas soluções de tradução, é possível ponderar a hipótese de estarmos perante perfis diferentes dos responsáveis pela tradução dos textos. LT não mantém, por um lado, os elementos estilísticos do texto de partida (ix), e, por outro, apresenta desenvolvimentos lexicais independentes do texto de partida (vii b). LM mostra-se mais fiel ao seu texto de partida mantendo os núcleos semânticos (vii) a); (viii).

2. Formas de tratamento social: "don", "senor", "dona", "donzela", "molher"

O exame dos textos peninsulares revela mais um caso de tradução divergente que merece uma especial atenção. Sendo esta uma literatura de feição cavaleiresca, as formas de tratamento são lexemas muito recorrentes na expressão das personagens. Trata-se das formas "don", "señor", cujos correspondentes nos textos de partida são "messire", "monseigneur", "sire", "seigneur", "dant", e das formas femininas "dona", "donzela", "molher" com os correspondentes franceses "dame", "damoisele" e

"femme"[412]. Os três textos analisados — ST/TT, LM, LT — apresentam um tratamento diferente relativamente às soluções de tradução dos lexemas referidos. Vamos ocupar-nos de seguida dos contextos em que estas diferenças ocorrem e das bases semânticas e estilísticas das mesmas.

2.1 "don" / "senor" // "monseigneur" / "sire" / "seigneur" / "dant"

Assinalamos um caso particular de tradução ocorrido em ST/TT. Apesar de ST não ser legível em algumas porções de texto devido ao estado danificado do material, dispomos, para os nossos objectivos, do texto contido em TT, dado que os dois testemunhos transmitem, no fundo, o arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal*[413]. Assim sendo, observamos em TT duas situações em que o lexema "el-rrey" corresponde, no texto de partida representado por duas versões, (So e Po), às formas "mon signor" e "ses sires". A utilização deste título honorífico neste contexto linguístico pode reflectir a relação paradigmática desenvolvida na sociedade medieval, ou seja, uma relação de suserania. Os exemplos destacados mostram que o texto de chegada neutraliza esta relação pela opção "el-rrey" como equivalente das expressões "mon signor" e "ses sires".

(i)

ST	TT	So	Po
(a) Er[…]ã[…] [...] ey [...] | disse ermo[…] aq*ue*le [...] e por De*us* | [….]guntar (f.1v/col.II/l.30-32)	irmão eu ey grão medo daquele cuydar **del rrey** hyrmão por Deos vos rogo que vos lhe vades pergumtar (p.165/l.34-36)	biaus dous freres iou me dout mout de **mon signor** quil ne soit cheus en maluaise pensee por Dieu leues sus et li ales demander (p.85/l.11-13)	et si li conta l'aventure de **son signour**, des larmes et des souspirs ke li avoit la nuit jetés "Biaus dous frere, dist ele, pour che criem jou qu'**il** ne soit cheüs en mauvais pensé. Et je vous pri et requier pour l'amour del haut Signour, a la qui creanche vous vous estes dounés, ke

[412] É notável, do ponto de vista gráfico, a variabilidade que se verifica nas formas de tratamento: "don" / "dom", "senor" / "senhor"; "mesire" / "messire"; "monseigneur"; "seigneur" / "seignor" / "signeur" / "signor" / "signour"; "sire"; "feme" / "femme"; "damoisele" / "damoiselle".

[413] Ver Ailenii, S. (2009), "O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente". *Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade 2007-2008*, coord. Maria do Rosário Ferreira, José Carlos Miranda e Ana Sofia Laranjinha. Disponível em: http://seminariomedieval.com/ineditos.html (*Guarecer* on-line) e posteriormente publicado em *Revista Galega de Filoloxía*, nº 10, 2009, pp. 11-38.

			vous alés a lui et si li demandés (§289/l.8-12)
(b) [...] […] […] […] | mo [...] […] […] el[…] […] | (f.1v/col.II/l.24-25)	e a rraynha cuy[d]ou por que **el-rrey** asy cuydara (p.165/l.29-30)	et la roine fu moult esbahie de ce que **ses sires** estoit en si grant pense (p.85/l.7-8)	Et la roïne, qui bien l'avoit veü pensieu et courechié toute nuit, si fu mout espoentee et ne seut comment ele peüst esploitier vers lui tant k'ele seüst son pensé (§289/l.1-3)

(ii)

ST	TT	So	Po
(a) Certas […] elrrey (f.2r/col.II/l.14)	Serto, dyse el Rey (p.175/l.17)	Certes, dist li rois (p.93/l.32)	Chertes, **sire**, dist li rois (§321/l.1)
(b) [...] (f.2r/col.II/l.16)	Bem, el Rey dise que era bom nome. **Senhor**, dise el rey, (p.175/l.19-20)	Et li rois li dist quil auoit moult haut non. Puis li dist: **Sire** (p.93/l.35-36)	Et li rois respondi ke mout avoit haut non et haut mestier et si dist: **Sire** (§321/l.3-4)

Em relação a esta solução de tradução, não deixa de ter interesse determo-nos sobre algumas razões que poderiam ter conduzido à neutralização do valor semântico no texto de chegada. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para as razões de teor teológico, e em segundo lugar, para as linguísticas.

A *Estória do Santo Graal* é um livro em que predominam temas com uma forte mensagem religiosa: o percurso espiritual dos protagonistas, a evangelização do Oriente e do Ocidente, os milagres e as visões maravilhosas em que são envolvidas as figuras romanescas [414]. Não é nosso propósito considerar estes temas, mas pretendemos evidenciar de que maneira a recepção socio-cultural deste romance, no espaço peninsular, poderia ter condicionado do ponto de vista léxico-semântico a tradução do lexema "seigneur" e a forma do caso sujeito "sire" quando referem outras entidades que não Deus. Assim, observamos casos no texto de partida em que o título honorífico é recorrente na fórmula referente à Divindade ("Nostre Signour", "Nostre Sires"), ao rei ("mon signor", "ses sires") e na função apelativa ("Sire, dist li rois"),

[414] Cf. Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, pp. 92-108; Correia, Isabel Sofia Calvário (2004), "O Graal no *Livro de José de Arimateia*, versão Portuguesa da *Estoire del Saint Graal*", *Espéculo. Revista de estudios literarios*, Universidad Complutense de Madrid.
Disponível em http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/graal.html.

enquanto no texto de chegada observamos uma distribuição restrita do correspondente deste. Poderia levantar-se, porém, uma pergunta quanto à tradução da fórmula "Nostre Senhor" ou "Nostre Sires" no texto de chegada. Como acima sublinhámos (1. exemplo (i)), na porção de texto conservado em ST, a construção "Nostre Signour" ou "Nostre Sires" corresponde sistematicamente ao nome "Deus" nas ocorrências assinaladas, mas, o exame atento de TT, um testemunho integral da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal*, permite-nos verificar que o resto do texto traduz "Nostre Seignour" ou "Nostre Sires" pelo correspondente formal "Nosso Senhor"[415]. Assim, as ocorrências "mon signor" e "ses sires", como acima se destacou, encontram o equivalente "el-rey" no texto de chegada. A forma "sire" ocorre uma vez com a sua função apelativa no diálogo entre "hũu homẽ" e o rei Mordão, numa das visões que este experimenta, correspondendo ao lexema "senhor".

Note-se, ainda, que existe uma outra ocorrência, com a mesma função, sem qualquer equivalente no texto de partida ("Certas [...] el-rrey" (ST) / "Serto, dyse el Rey" (TT)), que se situando, assim, de acordo com So ("Certes, dist li rois") em oposição a Po, o único a registar, neste caso, o termo "sire" ("Chertes, sire, dist li rois"). Este caso, em contrapartida, diz respeito a questões de filiação entre os testemunhos de que tratamos na terceira parte desta dissertação. Notamos, deste modo, que o texto de chegada mantém "senhor" como o equivalente de "sire" apenas na função apelativa. Este uso restrito revela, assim, a língua como o espaço em que se reflecte qualquer comportamento ideológico.

As razões linguísticas que poderiam explicar esta utilização restrita do equivalente "senhor" relacionam-se com as preferências lexicais do tradutor na identificação das personagens. Recorre-se à terminologia social em vez de às formas honoríficas na designação das personagens. Nesta perspectiva, não deixa de ter interesse ponderar um outro factor que poderia ter determinado a opção ou a preferência de traduzir "mon seignour" ou "mes sires" por "el-rrey" e não pelo correspondente formal "senhor". Trata-se da linguagem de amor alternativa trovadoresca. Sendo muito provável que o tradutor tenha sido um conhecedor da produção literária coeva, não nos surpreenderia detectar aqui uma forma de evitar a recepção de uma ambiguidade semântica desenvolvida pela lírica medieval. Ou seja,

[415] Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, p..

o lexema "senhor" pode designar a figura amada, masculina ou feminina[416]. À luz deste conhecimento, poderia ter cumprido o tradutor as exigências socio-linguísticas do seu texto, optando pelo termo "el-rrey" com um âmbito semântico mais restrito do que "senhor" neste contexto, pois "o rei" também é "senhor", mas nem todos "os senhores" são "reis".

Por outro lado, é pertinente tomar em conta ainda um factor linguístico: TT é um testemunho tardio realizado no século XVI que, sabemos pelo Corregedor Manuel Álvares[417], contém actualizações de vocábulos. Assim, apesar de nos parecer pouco provável, as situações em que "el-rey" corresponde aos contextos franceses "mon seignour" ou "mes sires", poderiam significar, de facto, uma actualização de um potencial "senhor" constante da sua fonte perdida e impossível de ler em ST, o testemunho mais próximo cronologicamente do arquétipo peninsular da *Estória do Santo Graal*. Este dado poderia invalidar, teoricamente, as hipóteses anteriormente avançadas através da operação linguística assumida pelo Corregedor na cópia quinhentista. Na prática, todavia, as hipóteses avançadas permanecem justificadas dado que é impossível ter em ST uma prova contrária.

Em resumo, o leque das hipóteses quanto à equivalência das fórmulas "Nostre Seignour", "Nostre Sires", "mon seignour", "ses sires" no texto de chegada é vasto e digno da nossa atenção. Neutralizar um valor semântico, restringir ou preferir uma área léxico-semântica são opções da parte do tradutor. Os factores que condicionam as diferenças têm, assim, carácter delimitador.

Prosseguiremos com a análise da tradução das formas de tratamento em LM e LT. Ao contrário do que se constatou em ST, estes dois textos revelam, em primeiro lugar, um uso recorrente de títulos nobiliárquicos na identificação das personagens e, em segundo lugar, uma particularidade estilística no que à tradução destes diz respeito. A utilização variada destas formas de tratamento prende-se, claramente, com o tipo de texto contido em LM e LT e, implicitamente, com o estatuto das respectivas figuras narrativas.

Observamos, assim, a utilização das seguintes formas de tratamento em LM e

[416] Sobre este assunto, ver Oliveira, António Resende (1994), *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Edições Colibri; Miranda, José Carlos Ribeiro (2004), *Aurs mesclatz ab argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*, Porto, Edições Guarecer.

[417] "nõ mudei senã vocabulos inẽteligiueis, que hos que se podem ẽtender na antiguidade daquelle tempo os leixei hir". Cf. Carter, Henry Hare (ed. 1967), p. 76.

LT: “don” equivalente de “messire”, “monseigneur” e “senor” correspondente de “seigneur”, “sire”. Chamamos a atenção de seguida para um aspecto estilístico da tradução. Trata-se da ausência em LM, com uma única excepção relativa a uma passgem pouco legível no manuscrito, de qualquer equivalente para as formas de tratamento “messire” e “monseigneur”, acompanhando os nomes próprios “Yvain”, “Gauvain”, “Morholt” (iii) e “seigneur” e “sire” (iv), numa função apelativa, do texto de partida.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)
a) Ca **yuan** co*n* que*n* ela ffal<...>ra aq*ue*l dya (p.152/l.33-34)	car **messire Yvain**, auquel elle avoit le jour mesmes parlé (§493/l.12-13)
b) Ay Deus disse Maroth q*ue* ffassen ala suso be*n* o podedes uéér disse **Galuam** (p.156/l.97-98)	– Ha! Dieux, fait le Morholt, de quoi servent elles lasus? – Or le poués veoir, fait **messire Gauvain** (§496/l.40-41)
c) E **Galua*n*** lhy p*reguntou* q*ue* pensauam (p.156/l.99)	et **messire Gauvain** lui demande qu’il pense (§496/l.43)
d) E verdade. e disse **Galuam** (p.157/l.109)	– Est ce voir? fait **messire Gauvain** (§496/l.60)
e) onde auẽo este desamor antre uos *e* **Maroth** (p.153/l.35)	dont est ceste grant haine venue qui est entre vous et **monseigneur le Morholt**? (§493/l.16-18)

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)
a) Se De*us* me aiude disse a donze*l*a (p.153/l.49)	– Par mon chief, **seigneurs**, fait la damoiselle (§494/l.22)
b) No*n* uéédes as marauilhas q*ue* aca suso esta pena. donas mora*n* y fremosas (p.156/l.89-90)	Avés vous veu, **sire**, merveilles, qu’il a lassus ou sommet de celle roche damoiselles manans belles et coinctes? (§496/l.24-25)

Parcialmente legível, o caso de excepção merece a nossa atenção: “**do**<...> Galuam onde auẽo este desamor antre uos *e* Maroth”[418] correspondente de “Monseigneur Gauvain, dont est ceste grant haine venue qui est entre vous et monseigneur le Morholt”.

(v)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.153/l.42-43)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau**,** §494/l.6-8**)**
E Maroth disse	**Sire**, fait le Morholt,

[418] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 153/l.35.

Amigo q*ue* me dema*n*dade*s* E uos a mj*n* disse Galvan q*ue* me dema*n*dades	que me demandés vous? – Et vous a moy, **beau sire**? fait messire Gauvain

LM revela, todavia, um caso divergente de tradução que se pode ler no exemplo destacado (v): o termo "Amigo" representaria no plano da expressão o equivalente de "Sire". Ora diz o conto que uma "dona uelha", por ter sido recusada no serviço de amor pelos dois cavaleiros, Maroth e Galvan, sabendo ela "dencantame*n*to ta*n*to q*ue* he hũa gra*n* marauilha", mete entre eles "heste desamor" que os leva a combaterem-se. O próprio testemunho dos dois cavaleiros ("iazyamos folgando") indica que entre estes existe uma ligação de amizade. Ora, o termo "Amigo", como equivalente de "Sire" no plano da forma, engloba igualmente o valor semântico da construção "beau sire" evitada, assim, no texto de chegada, da réplica de Galvan. Através desta opção de tradução, o texto de chegada realça a ligação de companheirismo que existe entre os dois cavaleiros, secundarizando, desta forma, a formalidade dos títulos de cortesia do texto de partida[419].

Retomando o problema da ausência de equivalente dos títulos honoríficos em LM, consideramos este facto uma especificidade estilística de LM que o distancia de LT pelo facto de que no último detectamos os respectivos correspondentes: "don" — traduzindo "messire" e "monseigneur" — acompanha os nomes próprios "Lançarote", "Tristan" (vi) e "señor" — equivalendo "seigneur" e "sire" — determina os substantivos "cavaleiro" e "do castelo" (vii) ou desempenha apenas uma função apelativa (viii).

(vi)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
E coñocedes vos disseron eles **dom Lançarote do Lago** (p.76/l.56-57)	Et **monseignor Lancelot dou Lac**, font il, connoissiez le vos? (f.129r/col.I)	– Et **Lanselot du Lac**, font il, connissiés vous? (vol. I, §3/l.6-7)	Et **Lancelot dou Lac**, font il, connoissiez vos? (§712/l.6)	et **Lancelot de Lac**, font il, conoissies vous? (f.151v/col.I)	et cognoissez voz **Lancelot** (f.144r/col.II)

[419] Sobre um outro caso em que LM opta pelo termo "amjgo" como solução de tradução, ver D. Casos afins nos testemunhos peninsulares, 4. "compaignon".

Todo aquel dia pensara Lançarote en **don Tristan**, que non pensou en al (p.74/l.20-21)	Tot celui jor pensa tant a **monseignor Tristan** qu'il ne pensa mie granment a autre chose (ff.128r/col.II-128v/col.I)	Tout celui jour pensa tant Lanselos a **monsigneur Tristran** k'il ne pensa mie granment a autre cose (vol. I, §1/l.9-10)	Tot celi jor pensa tant a **Tristan** qu'il ne pensa mie granment a autre chose (§710/l.7-8)	Tot celui jor pensa tant a **Tristan** qu'il ne pensa granment a autre chose (ff.151r/col.I-151r/col.II)	Tout celui jour pensa tant a **Tristan** qu'il ne pensa mie granment a autre chose (f.144r/col.I)

(vii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
Senor Caual*ei*ro, derrebastesm*e* (p.78/l.86-87)	Ge voi bien que vos m'avez abatu (f.129r/col.II)	**Sire cevaliers**, je voi bien que vous m'avés abatu (vol.I, §5/l.25-26)	**Sire chevaliers**, je voi bien que vos m'avez abatu (§713/l.21)	**Sire chevalier**, je voi bien que vous m'aves abatu (f.152r/col.I)	**Sire chevaliers**, je vois bien que voz m'aves abatu (f.144v/col.II)
Quando **o senor do castelo** esto oyu no*n* soubo q*ue* fezesse (p.83/l.181)	Quant **li sires dou chastel** entent ceste novele, il devient un poi esbahiz et est auques espoentez (f.136r/col.II)	Quant **li sires** entent ceste nouvele, il devient un poi esbahis et est auques espoentés, (vol.I, §31/l.20-21)	Quant **li sires dou chastel** entent ceste parole, il en devient toz esbahiz et auques en est espoentez (§736/l.1-2)	Quant **li Sires del chastel** entent ceste parole il en devient moult esbahis et auques en est espoventes (f.158r/col.I)	Et quant **le Sire du chastel** entent ceste parole il endement tous esbahis et auques en est espovente (f.150r/col.I)

(viii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.47)	**ms. BNF, fr.750** (f.128v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.28-29)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.23-24)	**ms. BNF, fr.756** (f.151v/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.144r/col.II)
Señoes disso el no*n* uos pes	**Seignor**, fait il, ne vos poist il mie a ceste foiz	– **Signeur**, fait il, ne vous poist il mie a ceste fois	**Seignor**, fait il, ne vos poist	**Seignors**, fete vous poist il mie a ceste fois	**Seigneurs**, fait il, ne vous poist mie a celle fois

A oposição entre ST/TT, LM e LT no que à tradução dos títulos honoríficos diz respeito leva-nos a postular duas hipóteses: em primeiro lugar, poderia tratar-se de

comportamentos diferentes da parte do tradutor, sendo o tipo de texto a traduzir um factor que condiciona um modo de traduzir (texto com uma mensagem profundamente religiosa: ST/TT). Em segundo lugar, o estatuto social ou o perfil do tradutor pode ter influenciado a tradução. O estatuto social ou o perfil do tradutor poderia reflectir-se na tendência de igualdade manifesta na língua de destino (a ausência de títulos honoríficos de LM).

Por outro lado, deparamo-nos com uma particularidade de tradução de LT em relação ao texto de partida representado por cinco testemunhos franceses. Trata-se de quatro registos da forma de respeito "don" sem correspondente, desta vez, no texto de partida.

(ix)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr.750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr 756**	**ms. BNF, fr.99**
a) mays la fazenda de **dom T*ristan*** era em out*r*a guisa ca el dissera aa Reyna (p.73/l.3-4)	li afaires de **Tristan** aloit molt a celui point en autre maniere que Gynglains ne li avoit conté (f.128r/col.II)	—	mes li afaires de **Tristan** aloit donc tot autrement que Guiclains n'avoit conté (§940/l.3-4)	mes li afferez de **Tristan** aloit a donc autrement que Guyglain n'avoit conte (f.150v/col.II-151r/col.I)	li afaires de **Tristan** aloit du tot autremont que Guinglains ne li avoit conte (f.143v/col.I)
b) Em esta p*ar*te diz o c*on*to q*ue* poys se **don lanzarote** p*ar*tira da donzela (p.73/l.13-14)	Or dist li contes que quant **Lancelot** se fu partiz de la damoisele (f.128r/col.II)	Or dist li contes que quant **Lanselos** se fu partis de la damoisele (vol.I, §1/l.1-2)	Or dit li contes que quant **Lanceloz** se fu partiz de la demoisele (§710/l.1-2)	Or dit li contes que quant **Lancelot** se fu parti de la damoisele (f.151r/col.I)	Or dit li contes que quant **Lancelot** se fu partis de la demoiselle (f.144r/col.I)
c) Poys uos **dom lançarote** conoçedes (p.76/l.58)	puis que vos **Lancelot** connoissiez (f.129r/col.I)	quant vous **Lanselot** connissiés (vol.I, §3/l.9)	quant vos **Lancelot** conoissiez (§712/l.8)	quant **Lancelot** vous conoissies, pour Dieu, (f.151v/col.II)	quant voz **Lancelot du Lac**, cognoissez (f.144r/col.II)
d) Verdade dizedes **dom brandeliz** (p.77/l.72)	En non Dieu, fait **Brandelis**, vos dites voir (f.129r/col.II)	– En non Dieu, fait **Brandelis**, vous dites voir. (vol.I, §4/l.21-22)	"En non Dieu, fait **Brandeliz**, vos dites voir! (§712/l.34)	En nom Dieu, fet **Brandelis**, vous dites voir.(f.151v/col.II)	En nom Dieu, fait **Brandeliz**, voz dictes voir (f.144v/col.I)

O registo do título honorífico em LT sem correspondente no texto de partida poderá reflectir uma tendência de uniformizar a identificação das personagens como característica deste texto.

Em relação à utilização do termo "don", é ainda necessário chamar a atenção para um elemento textual de LT sem correspondente no texto de partida. Referimo-nos às rubricas que dividem o livro em capítulos. Este tipo de organização é específico dos textos peninsulares em estudo, com excepção de ST em que esta divisão é assinalada apenas por uma capital de cor diferente. As rubricas são importantes, em primeiro lugar, porque representam uma especificidade de LM e de LT em relação aos textos de partida e, em segundo lugar, porque o nome próprio "Lançarote" aparece num total de nove rubricas, em seis acompanhado pela forma de tratamento "don"[420] e em três sem a respectiva determinação[421]. Analisando internamente LT, observamos que, no corpo do texto, excluindo as rubricas, o nome próprio "Tristan" ocorre constantemente seguido do título honorífico "don", enquanto "Lançarote" aparece apenas em dois casos acompanhado por "don". Assim, a ocorrência de "don" junto a "Lançarote", no espaço das rubricas, poderia reflectir uma tendência da parte do responsável pela divisão do texto — o próprio tradutor ou o revisor — de equilibrar linguisticamente a forma de identificar as duas personagens (Tristan, Lançarote) no texto de chegada ou representaria pura e simplesmenete uma iniciativa linguística do tradutor de acordo com outros casos da respectiva secção (ix).

Todavia, é relevante notar que estas iniciativas não são únicas ao longo deste texto. Existem duas situações em LT em que a figura do cavaleiro, neste caso Lancelot, é identificada pelo nome próprio, enquanto o texto de partida utiliza a forma pronominal (x) b) ou a identificação da personagem subentende-se pela terminação verbal (x) a). Neste conjunto de situações integra-se igualmente a identificação de uma outra personagem, "o señor do castelo" que Lançarote combate.

[420] Como o home boo Rogou a **dom la*n*çalot** q*ue* lle no*n* metesse mão em seu fillo (p. 73); Como Brandeliz *et* q*ue*ya pusfaçaro*n* de **dom lançarot** (p. 76); Como o escudeyro do castello desfiov a **dom lançarote** (p. 79); Como **dom lançalot** derribou huu Cauall*ei*ro *et* foy ferir os Çinq*u*o (p. 80); Como o ssenor do Castelo ssayu a **dom la*n*çarote** (p. 83); Como Neroueix enuyou ss<...> donzela por ueer o q*ue* faria **do*n* la*n*calot** (p. 84), Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit*.

[421] Como **la*n*çarote** sse achou co*n* Brandeliz *et* co*n* q*ue*ya destrauz (p. 75); Como **lançarot** sse conbateu co*n* q*u*atro caualeyros (p. 81); Como ho Cauall*ei*ro disse q*ue* **lancarot** auya de ue*n*çer os iiij (p. 81), Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit*.

O exemplo (xi) revela de facto duas formas nominais "seu señor" e "os das amẽas", sem correspondentes directos no texto de partida. Este facto poderia evidenciar a tendência para a clareza, a precisão manifestada no texto de chegada no que à identificação das personagens diz respeito.

Por outro lado, a utilização da forma "seu señor" em LT opõe-se à opção que ST/TT apresenta em contextos ideologicamente similares: uma relação paradigmática entre o senhor de um domínio/um castelo e os seus vassalos (LT) e entre o senhor/o rei e a sua esposa/a rainha (ST/TT). Ou seja, ST/TT, apesar de o texto de partida registar o termo "mon seignor", opta por uma solução de tradução mais abrangente semanticamente ("el-rey" (i)), facto que nos levou a ponderar a hipótese de se tratar de influências da linguagem religiosa[422] ou de uma tendência para a concisão na identificação das personagens; em LT, a presença da respectiva forma de tratamento mantém-se de acordo com o texto de partida. Assim, esta diferença torna-se mais um motivo para formular as seguintes hipóteses: por um lado, tratar-se-ia de traduções com características estilísticas divergentes, indicando tradutores distintos ou, por outro, impor-se-ia o tipo de texto a ser traduzido como factor que determina o campo léxico-semântico em que se manifesta a opção de tradução.

(x)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr.750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr.756**	**ms. BNF, fr.99**
a) **Lançarote** foy a maravilla mui ledo en sou coraçon de como respondera ao q*ue* lle enuyara dis*er* don T*ristan* (p.74/l.18-19)	Et molt est liez et joianz en soi meimes de ce qu'il a si bel respons mande a monseignor Tristan (f.128r/col.II)	Et mout est liés et joians en soi meïsmes de ce k'il avoit si biau respons mandé a monsigneur Tristran (vol.I, §1/l.5-7)	Et mout est liez et joianz en soi meïsmes de ce qu'il avoit si bel respons mandé a Tristan (§710/l.4-6)	que moult est liez et joianz en soi mesmes (f.151r/col.I)	de ce qu'il avoit si biau respons mande a Tristan et de ce qu'il avoit si sagement respondu sur toutes les paroles de sa chartre (f.144r/col.I)
b) mays **lançarote** os conoçeu logo	mais **il** reconut bien elx tot	mais **il** les reconnut mout bien,	mes **il** reconut bien eus tot	mes **il** reconut bien eux tout	mais reconnut bien eulx tout

[422] Entre as definições do termo "seigneur" o *Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)*. Disponível em: www.cnrtl.fr/portail/ notamos a seguinte: "[Comme forme allocutive ou délocutive pour désigner Dieu]".

tanto q*ue* uyo os escudeyros *et* os escudos (p.75/l.44-45)	maintenant qu'il vit les escuz (f.128v/col.II)	tout maintenant k'il vit lour escus (vol.I, §2/l.19-20)	mentenant qu'il les vit par les escuz (§711/l.15-16)	maintenant qu'il les vit alors escus (f.151v/col.I)	maintenant qu'il vit les escus (f.144r/col.II)

(xi)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.84/l.190-191)	**ms. BNF, fr.750** (f.136v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §32/l.8-10)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §737/l.11-13)	**ms. BNF, fr.756** (ff.158r/col.II - 158v/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.II)
Et **os das amẽas** dero*n* uozes a **seu senor** e disseron*l*le uedes aly o bom caual*eir*o uedelo aly	Quant **il** le voient venir, il s'escriont tuit a une voiz: Veez ici venir le bon chevalier! Veez ici venir le bon chevalier!	quant **il** le voient venir, il s'escrient tout conmunau ment a une vois: "Veés chi le boin chevalier! Veés ci le boin cevalier!	et quant **il** le voient venir, il s'escrient tuit a une voiz: "Veez ci venir le bon chevalier! Veez ci venir le bon chevalier!	Et quant **il** voient venir il s'escrient tuit a une vois: Vees ci venir le bon chevaliers! Vees ci venir le bon chevaliers!	Et quant **ilz** le voient venir ilz s'escrient tuit a une vois. Veez venir le bon chevalier

Um último aspecto relacionado com os títulos honoríficos prende-se com a forma selectiva como LT os traduz. Ou seja, existem alguns casos em que o texto de chegada não regista equivalente para estas formas por optar por um resumo do respectivo segmento (xii) d) ou por reduzir a expressão (xii) a), b), c).

(xii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr.750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr.756**	**ms. BNF, fr .99**
a) Eu sõo disso el hũu Caual*eir*o andante (p.75/l.46)	**Seignor**, fait il, ge sui uns chevaliers erranz (f.128v/col.II)	**Signeur**, fait il, je sui uns cevaliers errans (vol.I, §2/l.25-26)	**Seignor**, fait il, je sui uns chevaliers erranz (§711/l.21)	**Seignors**, fet il, je sui un chevaliers errant (f.151v/col.I)	**Seigneurs**, fait il, je suis un chevaliers errant (f.144r/col.II)

b) **Caual*eir*os aue*n*turos< …>s** ora podedes passar a ponte (p.78/l.99)	**Seignor chevalier aventurox**, or poez le pont passer (f.129v/col.I)	**Signeur cevalier aventureus**, or poés le pont passer (vol.I, § 18)	**Seignor chevalier aventureus**, or poez vos le pont passer (§714/l.15-16)	Or poes vous le pont passer (f.152r/col.II)	**Seigneurs chevaliers aventureux**, or povez le pont passer (f.144v/col.II)
c) Ora podedes uéer q*ue* nossas justas sera*n* catadas bem (p.80/l.130-131)	Or poez veoir, **seignor vallet**, que nos jostes seront hui ja bien esgardees (f.135r/col.II)	"Or poés veoir, **signeur** que nos joustes seront bien regardees!" (vol.I, §28/l.3-4)	"Or poez veoir, **seignor vallet**, que nos jostes seront bien regardees!" (§732/l.13-14)	Or poes veoir **Seignors vales** que nos jostes seront bien regardes (f.157r/col.II)	Or, poues voir, **Seigneurs valles**, commes nous joustes seront regardees (f.149r/col.II)
d) Ora <...>ia disser*o*n os Caual*eir*os mays se q*u*iserdes iustar co*n*nosco <…>. (p.78/l.100-101)	En non Dieu, fait Brandelis, **danz chevaliers**, or sachiez tot veraiement que ensint ne m'eschaperez vos mie com vos cuidiez: a combatre vos convient a moi avant que ge de vos me parte! (f.129v/col.I)	Sire cevaliers, fait Brandelis, or saciés tout vraiement que ensi ne m'escaperés vous mie com vous quidiés: a combatre vous couvient a moi avant que je de vous departe! (vol.I, §6/l.20-23)	En non Dieu, **danz chevaliers**, dit Brandeliz, or sachiez tot certenement que ensi ne m'eschaperez vos mie com vos cuidiez. A combatre vos covient a moi avant que je de vos me departe. (§714/l.17-20)	En non Dieu, **dant chevaliers**, se dit Brandelis: Or sachies tout certainement que enissi ne meschaperois vous mie come vous cuides a combatre vous conment a moi avant que de vous me departe! (f.152r/col.II)	En nom Dieu, **dant chevaliers**, fait Brandeliz, or saches tout certainement que ainsi ne m'eschappere s vous mie come vous cuides a combatre voz, couvient a moi avant que de voz ne mie departe (f.144v/col.II)

Em suma, os factores que poderão ter determinado a solução de tradução diferente dos elementos lexicais idênticos são o carácter do texto a traduzir e os diferentes perfis dos tradutores. Estes casos evidenciam assim, a forma como o texto de chegada (ST/TT, LM, LT) opta por identificar as personagens: por equivalência estilística ou por equivalência semântica.

2.2 "dona" / "donzela" / "molher" // "dame" / "damoisele" / "femme"

Debruçemo-nos agora sobre os termos femininos "dona" (< lat. *domĭna*, *ae*), "donzela" (< lat. *dom(i)nicĕlla*) e "molher" (< lat. *mulĭer*, *mulĭĕris*), terminologia que

refere a figura feminina nos textos traduzidos e que pode oferecer uma imagem geral sobre as designações sociais da época transparentes nos textos literários.

O exame dos textos galego-portugueses permite observar que a utilização da terminologia feminina tem duas funcionalidades diferentes. Uma terminologia feminina é especializada na identificação/caracterização de uma personagem em concreto ("donzela", "dona") e outra é utilizada para a designação geral ("molher").

Começando pelo lexema "donzela", sem ocorrências em ST/TT, mas com várias em LM e LT, o que nos dizem estes textos é que "donzela" designa uma personagem feminina em concreto.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.14)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp.179-180)	**ms. Huth** (ed. Roussineau)
a) Qva*n*do Anasten isto ouuyu. ffez asconder **a do*n*zela**	Quant li chevaliers oi ceste novele, si fist **la damoisele** desturner e respondre	Quant li chevaliers entent ceste nouviele, il fist **la damoisele** destorner et reponre (§381/l.9-11)
LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. Huth** (ed. Roussineau)	
b) Qvando **a donze*l*a do lago** ojo estas nouas ffoy muy leda. *e* ouue ende gram prazer (p.152/l.30-31)	Quant **la damoisele** entent ceste nouviele, elle en est moult lie et moult joieuse (§382/l.1-2)	
c) Se De*us* me aiude disse **a donze*l*a** uos erades enca*n*tados *e* ouueradesuos (p.153/l.49-50)	Par mon chief, seigneurs, fait **la damoiselle**, enchantés estiés vous voirement (§494/l.22-23)	
d) E el*e*s isto dize*n*do cataro*n* suso. *e* uiro*n* ata .x. **do*nze*las** muy fremosas *e* muy ben uestidas (p.155/l.82-83)	Et endementres qu'ilz parloient ainsi, ilz regardent lasus en haut et voient **damoyselles** jusqu'a .XII., les plus belles et les mieulx appareillees qu'ilz eussent pieça mais veues (§496/l.11-14)	

No exemplo (i) a) trata-se da "amiga" do príncipe Anasten que este esconderá do rei Asen, seu pai, que se opõe ao seu amor. Nos segmentos (i) b), c), d) são referidas a Donzela do Lago, a donzela que livrará Galvan e Maroth do encantamento feito sobre eles por uma "dona uelha" e, finalmente, as dez irmãs "adeuĩadores" da penha ("*e* uiro*n* ata .x. do*nze*las") ou doze, segundo o testemunho francês ("voient damoyselles jusqu'a .XII.").

O que nos dizem então os textos sobre essas personagens? É notável o pormenor sobre o vestuário das ".x. do*n*zelas", detalhe que marca a condição social

elevada das personagens, enquanto sobre a amiga do príncipe Anasten sabemos que é filha de um pobre cavaleiro, o que não exclui, aliás, o facto de ela não pertencer à classe elevada, pois o romance arturiano revela muitos cavaleiros nobres empobrecidos.

Assim, os elementos fornecidos pelos exemplos de LM permitem-nos destacar os seguintes valores semânticos do lexema "donzela": mulher jovem (em oposição à dona velha) e provavelmente nobre.

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr.750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr.756**	**ms. BNF, fr.99**
a) En esta parte diz o c*on*to q*ue* poys se don lanzarote p*ar*tira da **donzela** (p.73/l.13-14)	Or dist li contes que quant Lancelot se fu partiz de la **damoisele** (f.128r/col.II)	Or dist li contes que quant Lanselos se fu partis de la **damoisele** (vol.I, §1/l.1-2)	Or dit li contes que quant Lanceloz se fu partiz de la **demoisele** (§710/l.1-2)	Or dit li contes que quant Lancelot se fu parti de la **damoisele** (f.151r/col.I)	Or dit li contes que quant Lancelot se fu partis de la **demoiselle** (f.144r/col.I)
b) Aa noyte lle auẽo q*ue* sseu camĩo o leuou a casa do hom*e* bóó, hu a[...] daq*ue*la noyte youuera o da ssaya mal tallada *et* a **donzela maldisente** (p.74/l.21-23)	Au soir li avint en tel maniere que son chemin 1'aporta ches le preudome ou cil a la Cote Maltaillie avoit geu le soir devant entre lui et la **Damoisele Mesdisant** (f.128v/col.I)	Au soir li avint en tel maniere que ses chemin l'aporta droitement chiés le preudoume u chil a la Cote Mautaillie avoit le soir devant geü entre lui et la **Damoisele Mesdisant** (vol.I, §1/l.11-14)	Au suer li avint que ses chemins l'aporta chiex le preudome ou li chevaliers a la Cote Mautailliee avoit le soir geü entre li et la **demoisele mesdisanz** (§710/l.9-11)	Au soir li avint en telle maniere que son chemin l'aporta chies li preudome ou li Chevaliers a la Cote Mautaillie avoit le soir devant geu/jeu entre lui et la **Damoisele Mesdisant** (f.151r/col.II)	Au soir li avint en tel maniere que ses chemins l'aporta chiez le preudome ou li Chevaliers a la Cote Maltaillee avoit devant geu entre lui et la **Demoiselle Mesdisant** (f.144r/col.I)
c) sse começou a encher de **doñas *et* de do*n*zelas** *et* dout*r*as gentes (p.80/l.123-124)	commencerent tuit a emplir de **dames et de damoiseles** et d'unes genz et d'autres (f.135r/col.II)	conmenchierent tout a emplir de **dames et de damoiseles** et d'unes gens et d'autres (vol.I, §27/l.44-45)	comencerent tuit a emplir de **dames et de demoiseles** et d'unes genz et d'autres (§732/l.8-9)	comancerent a enplir de **dames et de damoiseles** et d'autre gens (f.157r/col.II)	comencerent a emplir de **dames et de demoiselles** et d'autres gens (f.149r/col.II)

d) Como Neroueix enuyou ss[...] **donzela** por ueer o q*ue* faria do*n* la*n*calot (p.84/l.192-193)					

O termo "donzela" designa em LT figuras femininas como a personagem que aparece junto a Lancelot com notícias sobre Tristan (ii) a), a Donzela Maldisente que marca o percurso do Cavaleiro da Saia Mal Tallada (ii) b) e a donzela do cavaleiro da ponte, Neroveix, referida numa rubrica (ii) d). As três personagens femininas apresentam uma característica comum: ligação à presença/ao percurso de um cavaleiro (Tristan, Cavaleiro da Saia Mal Tallada, Neroveix).

Numa outra ocorrência (ii) c), sobressai o valor social nobre da mulher designada por "donzela". Este valor é sugerido em oposição à identificação da multidão à volta do muro do castelo onde Lancelot derruba vários cavaleiros, por "doutras gentes". Destacam-se, assim, dos exemplos de LT os seguintes valores da personagem designada por "donzela": mulher jovem, solteira, possivelmente nobre, acompanhante. Prosseguiremos com a análise dos casos que evidenciam o lexema "dona", termo que designa igualmente uma personagem feminina concreta. As ocorrências de ST/TT, LM e LT permitir-nos-ão destacar os valores semânticos do lexema em discussão.

(iii)

ST (f.2v/col.II/l.26-27)	**TT** (p.176/l.30-31)	**So** (p.95/l.9-10)	**Po** (§325/l.1-2)
E el dyse Certas **dona** eu uĩj aq*u*i e nõ ssey como	e ele dyse Serto, **dona**, eu vim aquy e nom sey como	et li rois li respondi. Certes, **dame**, jou sui chi uenus si ne sai comment	Et li rois respondi: "Chiertes, **dame**, je sui chi venus, je ne sai comment

Em ST/TT, aparece uma única figura feminina identificada por "dona". Trata-se da personagem que surge numa visão do rei Mordão. Existem indícios sobre o estatuto social desta personagem. A dona propõe ao rei uma visita "aa mays fremosa casa ẽ que tu nũq*u*a ent*ra*ste". E mais adiante, apesar de o texto não figurar em ST pela falta do material, mas sim em TT, a dona afirma: "eu te farey senhor de quamto

tenho". Deduz-se, assim, que ela tem domínios e que não é casada por querer fazer do rei "senhor de quamto tenho". O uso do lexema "dona" é marcado pelos seguintes valores semânticos: solteira, proprietária, eventualmente nobre.

(iv)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)
a) hũa **dona** uelha (p.154/l.54)	Une **dame** vint huy a vous, vieille par semblant (§494/l.35-36)
b) No*n* uéédes as marauilhas q*ue* aca suso esta pena. **donas** mora*n* y fremosas (p156/l.89-90)	Avés vous veu, sire, merveilles, qu'il a lassus ou sommet de celle roche **damoiselles** manans belles et coinctes (§496/l.24-25)

A identificação de figuras femininas concretas como "dona" surge em LM em duas situações: a "dona uelha" que encantará Galvan e Maroth (iv) a) e, de novo, as dez irmãs "adeuĩadores" da penha encantadas por Merlin.

Sobre a dona velha o manuscrito revela que, no fundo, era "hũa das mais fremosas ~~donas~~ molheres q*ue* a no mundo", facto que nos pode indicar um elevado estatuto social.

Quanto às irmãs, tivemos a oportunidade de observar num exemplo anterior, estas personagens são referidas pelo lexema "donzelas" (i) d). Depreende-se, assim, um uso alternativo destes vocábulos na designação da mulher, sugerindo a mesma ambiguidade detectada na linguagem trovadoresca. Em relação a este aspecto, conclui José Carlos Ribeiro Miranda[423] num estudo recente sobre o uso da "dona" e "donzela" na lírica medieval, nomeadamente nos versos do trovador Joan Soares Somesso, que

> *dona é uma designação genérica abrangendo todas as mulheres da nobreza — um lexema hiper-ordenador —, identificador de um campo semântico-lexical. Este, por sua vez, pode ser repartido num conjunto de designações específicas que visam pôr em relevo a condição particular de cada mulher. Na realidade, a dona tanto pode ser solteira como casada, viúva ou freira [...].*

A opção de tradução "donas" no caso da designação das dez irmãs, que, mais do que provavelmente, fazem parte da classe social elevada segundo os indícios do próprio texto ("muy ben uestidas"), vem ao encontro das conclusões de José Carlos Miranda quanto à terminologia social destinada a identificar a figura feminina nobre. O tradutor

[423] Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), "SOMESSO, A DONA E A DONZELA - A Segunda Geração de Trovadores Galego-Portugueses e a Linguagem do Amor". *Guarecer* on-line. Disponível em www.seminariomedieval.com, p. 14.

ter-se-ia permitido, neste caso, uma revisão da linguagem referente à figura feminina nobre? É possível, embora a designação "donzela" referindo as mesmas personagens ocorra duas vezes, uma já mencionada (i) d) e outra, na rubrica "Como as donzelas da pena disseron a Gal<...> a morte e de se<...> <...>yo R<...> <...>rtur."[424].

Em versões tardias do *Baladro del sabio Merlin*, de Burgos 1498 e de Sevilla 1535, verificámos uma hesitação na designação da figura feminina com o estatuto matrimonial indefinido. Ou seja, a designação "dona" carece nestes exemplos do valor genérico "abrangendo todas as mulheres da nobreza"[425], sendo visada a filha de "un cavallero pobre"[426], ou seja, a amiga do príncipe Anasten[427]. Encontra-se, assim, esta figura feminina referida no mesmo episódio tanto por "donzela" como por "dueña".

Baladro del sabio Merlin, (Burgos 1498), ed. Bohigas, III, pp. 64.75-70.262	*Baladro del sabio Merlin,* (Sevilla 1535), ed. Bonilla y San Martín, pp. 147b-149b
Entonces metió mano a la espada e dióle tal golpe **a la donz[e]lla**	Estonce metio mano a la espada, e diole vn tal golpe **a la dueña**
que mande fazer un monumento noble **en aquella cámara** donde yo e **esta donzella** muchas vezes ovimos plazer	que faga fazer vn monumento alli **en aquella camara** do **esta dueña** e yo ouimos muchas vezes plazer
Muerta **la donzella**, el rey dexó su espada con que la mató, e tomó otra, que él uvo dado a su fijo	El rey, desque mato a **la donzella**, por que entendiesse su fijo que la matara el, dexo su espada con que la mato, e tomo otra que el diera a su fijo
Después que el infante esto dixo, tomó la espada con que mataran **la dueña**, e dixo contra los escuderos	Despues quel infante esto vuo dicho, tomo la espada con que su padre matara **la dueña**, e dixo contra los escuderos

No que se refere a LT, a designação "dona" ocorre em conjunto com "donzela" e tal como acima referimos (ii) c), possui o valor semântico "nobre". Além disso, por surgir em contexto com "donzela", seria possível pressupor aqui também o valor de mulher casada em oposição à "donzela", mulher solteira (ou + jovem e - jovem). Explicar-se-ia, desta forma, a especificação das duas categorias no mesmo contexto.

(v)

[424] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 157/l.21-23
[425] *Ibidem*.
[426] Bohigas Balaguer, Père (ed. 1957-1962), *El baladro del Sabio merlín según el texto de la edición de Burgos de 1498*, Barcelona, Selecciones Bibliófilas, Segunda Serie, t. III, p. 64.75.
[427] Em termos sociais, a pobreza não deveria excluir a nobreza e, à luz deste princípio, "e*n* tan Bayxo log*ar* en tan pobre", como classifica o rei Asen a origem da amiga do príncipe, seu filho, só pode reflectir uma tal realidade social. (Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 151/l.6).

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.80/l.123-124)	**ms. BNF, fr. 750** (f.135r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §27/l.44-45)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §732/l.8-9)	**ms. BNF, fr. 756** (f.157r/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (f.149r/col.II)
sse começou a encher de **doñas *et* de donzelas** et dout*r*as gentes	commencerent tuit a emplir de **dames et de damoiseles** et d'unes genz et d'autres	conmenchierent tout a emplir de **dames et de damoiseles** et d'unes gens et d'autres	comencerent tuit a emplir de **dames et de demoiseles** et d'unes genz et d'autres	comancerent a enplir de **dames et de damoiseles** et d'autre gens	comencerent a emplir de **dames et de demoiselles** et d'autres gens

O terceiro elemento lexical desta terminologia social é "molher". Em oposição às designações "dona" e "donzela", "molher" refere, nos textos traduzidos, a personagem feminina em termos gerais. Ocorrências deste lexema registam-se em ST/TT e LM. Seleccionamos de seguida, os exemplos de ST/TT.

(vi)

ST	**TT**	**So**	**Po**
a) disse eu ssõ[…] hũu homẽ | […] […] […] ffeyo homẽ e hũa | **[...]** tornar ffremossos (f.2r/col.II/l.7-9)	e ele lhe dyse eu sam hũ homem que saberya hũ feo homẽm e huã fea **molher** tornar fermosos (p.175/l.13-14)	Et il dist quil sauroit faire d'un lait homme et d'une laide **feme** deuenir a si grant biaute comme nule biautes puet estre (p.93/l.28-30)	et li biaus hom respondi ke il estoit menestreus de tel mestier qui ne fu onques mais autreteus oïs et si ne pooit nus hom riens savoir ne ouvrer se par lui non. Lors li demanda li rois quels mestiers ch'estoit; et il dist qu'il savoit bien un lait home ou une laide **feme** cangier en biauté (§320/l.19-22)
b) e nõ | parecya homẽ nẽ **molher** q*ue* a gyasse (f.2v/col.II/l.14-15)	e nom pareçia homem nem **molher** que a guyase (p.176/l.22-23)	mais il ni uit homme ne **feme** qui la neif conduisoit (p.95/l.1-3)	et si n'i paroit ne hons ne **feme** qui le conduisist (§324/l.8)
c) e uju ende | ssayr hũa das ffremossas **mlheres**[sic] q*ue* nũca | el ujra (f.2v/col.II/l.18-20)	e vio de la sayr hua **molher** a mais fermosa que numca vira (p.176/l.25-26)	Et esraument en issi vne **dame** la plus bele quil eust onques ueue (p.95/l.3-4)	si vit hors issir une des plus tres bieles **femes** ke il onques eüst veüe et des plus avenans (§324/l.13-14)

Nos passos assinalados, observamos o uso com valor genérico da designação "molher" correspondendo ao francês "feme" (Po) ou "dame" (So). Particular atenção merece um exemplo de ST/TT em que o lexema "molher" designa a rainha. Trata-se de um segmento privativo dos testemunhos galego-portugueses da *Estória do Santo Graal* (ST/TT) que se relaciona com questões de linhagens já abordadas num estudo nosso[428].

(vii)

ST (f.1v/col.II/l.17-19)	**TT** (p.165/l.25-27)	**So**	**Po**
mordaỹ chamaua sob[…] [...] […] | amor de ssua **m[…]lher** [...] […] […] | [...] de Nacya[…]	Mordão chamava sobrynho a Celydones por amor de sua **molher** cujo sobrynho ele era e por amor de Nacyão seu paay que ho amava muito	—	—

Além do valor genérico dos segmentos anteriores, a designação "molher", pela utilização dada no exemplo (vii), transporta, também, o sema específico da matrimonialidade ("esposa"), embora, em outras ocasiões, esta personagem seja referida por "raynha" ("Espydyusse Josephes a el rrey e a Reynha e a Nascyam", ST/f.1r/col.II; "Assy q*ue* a rraynha q*ue* jazya cabo dele", ST/f.1r/col.II) como correspondente do francês "roine" ("si prinst congie au roy et a la roine et a Nascien", So; "si que la roine qui dales lui gisoit", So). Trata-se de particularidades semânticas e estilísticas da língua de chegada valorizadas no contexto da *Estoire del Saint Graal*.

Em LM, deparamos com o uso do lexema "molher" com valor genérico, tendo como correspondente no texto de partida o lexema "femme".

(viii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.3-5)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp. 179-180)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.23-25**)**

[428] Ailenii, S. (2009), "O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente". *Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade 2007-2008*, coord. Maria do Rosário Ferreira, José Carlos Miranda e Ana Sofia Laranjinha. Disponível em: http://seminariomedieval.com/ineditos.html (*Guarecer* on-line) e posteriormente publicado em *Revista Galega de Filoloxía*, nº 10, 2009, pp. 11-38.

a) E amaua hũa ffilha dúúm pobre caualeyro de tan gra*n*de amor que ne*n*huu<...> home no*n* poderya <...> mayor amor a **molher**	e amoit la fille d'un povr [sic] chevalier de si grant amur que morteuz home ne porroit tant **femme** amer	Il amoit la fille d'un povre chevalier de si grant amour que morteus hom ne pooit plus **feme** amer
LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. Huth** (ed. Roussineau)	
b) Sabede, cau*alei*ros, que non era tal aq*ue*lla uos vistes. ant*e* e hũa das mais fremosas ~~**donas**~~[429] **molher*e*s** q*ue* a no mundo (p.154/l.57-58)	Elle n'est mie telle comme vous la veistes, ains est, ce sachés, une des plus belles **damoiseles** du monde (§494/l.37-39)	
c) eu no*n* cuydo q*ue* o sabha hom<...> ne*n* **molher** se Merly*n* non (p.157/l.117-118)	Je ne cuit mie que homs ne **femme** en sache granment si ce n'est Merlin (§496/l.74-75)	

Todavia, o segmento (viii) b) põe em relevo o dilema do tradutor/revisor perante o par lexical "dona"/ "molher": em princípio, deve ter correspondido ao termo "damoisele" o lexema "donas", mas ulteriormente[430] foi corrigido por "molheres". Dado que na identificação da mesma personagem, o texto de chegada emprega o vocábulo "dona", equivalente de "dame" (iv) a), é provável que no segmento (viii) b) a primeira opção de tradução "donas" se deva à ocorrência anterior. Enquanto a segunda, "molheres", vem superá-la pelo valor genérico. De qualquer forma, a tradução de "damoiseles" por "donas" vem confirmar a conclusão de José Carlos Miranda relativa à distribuição destes dois termos.

Um argumento peremptório no que se refere ao conhecimento da produção lírica trovadoresca da parte do tradutor do romance arturiano consiste na ocorrência do lexema "senhor"[431] traduzindo "dame"[432].

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.157/l.124-125)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §496/l. 80-83)

[429]Lição de acordo com o ms. BC, 2434 (f.122v/col.I/l.12), não contemplada na edição consultada.

[430] Este momento pode referir-se ao acto de tradução ou de cópia. Sobre este assunto, ver *Supra*, a parte dedicada à descrição codicológica deste testemenho.

[431] "no português arcaico, como ocorria com todas as palavras terminadas em *–or*, a forma "senhor" era tanto masculina como feminina". Cf. Houaiss, Antoine (dir. 2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates.

[432] Este tema foi debatido num trabalho nosso anterior. Cf. Ailenii, S. (2011), "*Livro de Merlin* galicien-portugais. Quelques aspects de *collatio* et traduction", *Temps et mémoire dans la littérature arthurienne*, *Actes du colloque international de la Branche roumaine de la Société Internationale Arthurienne, Bucharest, 14-15 mai, 2010*, Bucarest, Editura Universităţii din Bucureşti, pp. 346-356.

Ento*n* <…> cuydaro*n* e ouuiro*n* o q*ue* hũa <...> disse **Senhor** destes dous cau*alei*ros q*ue* <…>	Lors commencent a escouter les **damoyselles** qui ensemble parloient, tant que l'une dist: "Et de ces .II. chevaliers qui nous escoutent, **dame**, que dictes vous?

Em resumo, o emprego da terminologia social que refere a figura feminina fornece ao receptor uma imagem sobre as designações sociais da época, pois a língua é o espaço em que se reflecte a realidade.

É possível observar, em primeiro lugar, que o texto de chegada nem sempre alinha com o texto de partida no que à tradução desta terminologia diz respeito, como evidencia a tradução de "damoiseles" por "donas" (iv b) e "molheres" (viii) b). Em segundo lugar, no que se refere aos lexemas "dona" e "donzela", LM hesita na utilização destas designações: em duas situações a designação "donzela" refere as dez irmãs, encontrando-se uma destas ocorrências na última rubrica ("donzela" (i) d); "Como as donzelas da pena"[433]) e, numa outra ocasião, utiliza-se "donas" (iv) b), apesar de, no testemunho francês, apenas ocorrer "damoiselles". ST/TT isola-se pela única ocorrência "dona" de acordo com o texto de partida ("dame"). A designação "donzela" emprega-se em LT (ii, c) e LM (a "amiga" do príncipe Anasten) para distinguir a figura feminina nobre (ii) c). O lexema "dona" designa qualquer mulher da nobreza que pode ser casada ou solteira. O vocábulo "molher" emprega-se com valor genérico na designação do feminino em ST/TT e LM. Todavia, ST/TT individualiza-se pelos valores de "esposa" do lexema "molher" e "proprietária" do lexema "dame".

3. "travaillez et si navrez"

O conjunto "travaillez et si navrez" suscita a nossa atenção pela maneira diferente como se realiza a sua tradução em LM e LT. É possível ler em LM a variante "maltreytos e malchagados" como equivalente da expressão em análise.

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.154/l.62-63)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §494/l.49-52)

[433] Cf. Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), *op. cit.*, p. 157/l.121-122.

Ento*n* meteron sas espadas nas Bayas *e* começaron*n*sse a sinar mais de Mil uezes. Ento*n* sobyron en se*us* caualos **maltreytos** *e* **malchagados**	Lors remectent leurs espees en sauf et se seignent de la merveille qui leur est avenue, et viennent a leurs chevaux et montent, moult las et **moult travailliés et navrés durement**, et avoient assés perdu du sang

LM oferece, desta forma, uma tradução interpretativa do segmento "moult travailliés et navrés durement". Os superlativos "moult" e "durement" são semanticamente mantidos, na tradução, pelo prefixo "mal" das formas "maltreytos" e "malchagados" (i). Trata-se de uma equivalência estilística concretizada por unidades rítmicas através da partícula "mal". Entendemos assim um efeito de ritmo e rima no plano formal. Numa segunda ocorrência, o lexema "navrés" encontra-se traduzido por "chagados" (ii), evidenciando uma equivalência semântica. Através do mesmo procedimento realiza-se a tradução do lexema "maltreytos", ocorrido desta vez em LT, por "desconfit" (iv).

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.155/l.70-71)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §495/l.1-2)
Qva*n*do eles chegaro*n* a abadya e os ffrades uiro*n* os caual*ei*ros **chagados**	Quant ilz sont a l'abaÿe venus et les freres voient les chevaliers **navrés**

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.168-169)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.42-44)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.11-13)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**ms. BNF, fr. 99**
q*uan*do os das amẽas uiron seus <...>l*eir*os **ta*n*** **malt*r*eyt*os*** p*or* ũu sóó começaro*n* a dar uozes *et* braados	quar cil qui de sur les murs estoient, quant il voient lor chevaliers qui si sont del **tot desconfi** et par le cors d'un sol chevalier, il crient aprés	car cil ki sour les cretiaus estoient, quant il voient lour chevaliers ki ensi sont **desconfit** et par le cors d'un seul chevalier, il crient tout aprés conmunaume nt	car cil qui sor les creniax estoient, quant il voient lor chevaliers qui sont del **tout desconfit** et par le cors d'un sol chevalier, il s'escrient aprés eus tot comunement	car cil qui sor les crencaux estoient quant il voient lors chevaliers qui sont **desconfit** et par le cors de un seul chevaliers si s'escrient apres euls tos conmunemen t	—

Por outro lado, em LT deparamos com uma opção diferente no que diz respeito à tradução da unidade sintagmática "tant durement travailliez et si navrez". Trata-se da construção "tanto sofreu d'afam e de traballo" no seguinte contexto:

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.177-179)	**ms. BNF, fr.750** (f.136r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.15-19)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §735/l.27-30)	**ms. BNF, fr.756** (f.158r/col.I)	**ms. BNF, fr.99** (f.150r/col.I)
Aly for*a* esta hũu caual*ei*ro andant*e* q*ue* el soo em seu cabo fes esto mays p*er*o **ta*n*to sofreu dafam *et* de t*r*aballo** q*ue* no*n* poderia ia ora durar c*ontr*a uos	la fors est orendroit venuz uns chevaliers erranz qui par son cors sol a ceste desconfiture faite. Mais il est sanz faille **tant durement travailliez et si navrez** qu'il n'aura ja cest point duree contre vos	la dehors est orendroit venus uns cevaliers errans ki par son cors tant seulement a ceste desconfiture faite. Mais il est sans faille **tant durement navrés et si traveilliés** k'il n'ara ja duree encontre vous	la hors est mentenant venuz uns chevaliers erranz qui par son cors tant solement a ceste desconfiture faite. Mes il est sanz faille **tant traveilliez et si tres durement navrez** qu'il n'avra duree a vos	a hors, est venu maintenant .I. chevaliers errant qui par son cors tant seulement a ceste desconfiture faite, mes il est sans faille **tant durement travallies et si navres** que il n'aura ja duree a vous	la hors est maintenant venu I chevaliers errant qui par son corps tant seulement a ceste desconfiture faicte mais il est sans faille **tant durement travailliez et si navres** qu'il n'aura ja duree a vous

Tendo em consideração o conjunto de transformações do texto no acto de tradução, é importante observar o resultado obtido neste exemplo: o sema do sofrimento de "navrez" acaba por se manter na forma verbal "sofreu" e a utilização do par sinonímico "afam" / "traballo" substitui no plano semântico provavelmente os superlativos "tant durement" e "si". A opção de tradução por um verbo ("sofreu") poderia explicar a tendência para produzir um texto mais explícito. De certa forma, este mantém-se mais próximo da expressão original ("trabalho"), só que provavelmente não podia usar "trabalhado".

Nesta perspectiva, é possível deduzir duas maneiras através das quais se realiza a tradução da expressão "tant durement travailliez et si navrez" que ocorre em contexto similar nos dois textos, ou seja, o combate entre cavaleiros. Em LM, trata-se

do combate entre Galvan e Maroth e, em LT, do combate entre Lancelot e seis cavaleiros, cuja função principal era a de defrontar quem pretendia entrar no castelo do senhor.

Por um lado, as duas soluções de tradução (LM, LT) são condicionadas pelo modo de traduzir adoptado em cada texto de chegada. Assim, no caso de LM, observa-se uma abordagem interpretativa mantendo, contudo, a estrutura da *prior lingua*. O outro texto, adopta uma tradução *ad sensum*, distribuindo os semas da língua de partida da forma que possa servir os objectivos de uma tradução mais explícita e precisa para o seu receptor, mantendo o valor intensivo das estruturas adverbiais "tant", "si tres durement" através do uso do par sinonímico "afam", "traballo".

Consideramos, assim, que os factores tipo de texto e as condicionantes textuais não podem invalidar a hipótese de estas preferências linguísticas representarem indícios de responsáveis/autorias diferentes da tradução de LM e LT.

4. "compaignon"

Vamos ocupar-nos de seguida da tradução do lexema "compaignon", presente em dois dos textos traduzidos, LM e LT. Os segmentos seleccionados ilustram soluções diferentes de tradução. Para a presente análise, é relevante observar em que consistem estas diferenças e os factores determinantes.

Trata-se da identificação das personagens que em LM se realiza de um modo mais diferenciado do ponto de vista semântico. Ou seja, no primeiro segmento, são os cavaleiros do séquito do príncipe Anasten designados pelo vocábulo "amjgos"; no segundo passo, Galvan e Maroth são identificados por "cau*alei*ros", sendo eles os que uma donzela livrará de um "encantamento", com os quais pernoitará numa abadia e dos quais depois, de manhã, se despedirá; e, finalmente, no terceiro exemplo, são, de novo, Galvan e Maroth, designados, desta vez, pela forma pronominal "eles", estando estes a observar a penha onde encontraram as dez irmãs "adeuĩadores".

(i)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.152/l.19-20)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp.179-180)	**ms. Huth** (ed. Roussineau §381/l.16-17)
a) e adusse sigo de seus **amjgos** aqueles	e amena od lui ceus de	et amena cheus de

<...> que sse mais fyaua	ces **compaignons** qu'il mieux amoit	ses **compaignons** que il plus amoit
LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau)	
b) Manhãa <…> foy manhaa espediusse <...> <…> os **cau*alei*ros** ffolgaro*n* <…> (p.155/l.72-73)	A l'endemain, si tost comme le jour fu venus, se leva la damoiselle et prist congié aux .II. **compaignons** et s'en ala en sa besoingne (§495/l.5-7)	
c) E qua*n*do **el*e*s** as uiro*n* (p.156/l.88-89)	Quant les .II. **compaignons** les voient lasus (§496/l.22-23)	

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) anbolos Caualeir*os* era*n* de Casa de Rey art*ur et* **co*n*paneyros** da tauola Redonda (p.75/l.40-41)	cil dui chevalier estoient des chevaliers erranz de la maison le roy Artus et **compagnon** de la Table Reonde (f.128v/col.I)	chil doi chevalier estoient des cevaliers errans de la maison le roi Artu et **compaingnon** de la Table Reonde (vol.I, §2/l.6-8)	cil dui chevalier estoient des chevaliers erranz de la Table Reonde (§711/l.5-6)	—	cez II chevaliers estoient des chevaleirs errans de la Table Reonde (f.144r/col.I)
b) Brandeliz, q*ue* uiu seu **Co*n*pañ*ei*ro** derribado (p.78/l.93)	Brandelis, qui Keux d'Estraux, son **compaignon**, voit abatu (f.129v/col.I)	Brandelis, qui Kex d'Estraus son **compaingnon** voit abatu (vol.I, §6/l.2-3)	Brandeliz, qui Keu d'Estax, son **compaignon**, voit abatu (§714/l.2-3)	Brandelis, qui Keu d'Estraus, son **compaignon** voit abatu (f.152r/col.II)	Brandeliz qui Kahedin d'Estraux voit son **compagnon** abatu (f.144v/col.II)
c) Depoys q*ue* Lançarot foy partido de seus **conpaneyros** (p.79/l.104)	Quant Lancelot se fit partiz de ces deus **compaignons** (f.135r/col.I)	Quant Lanselos se fu partis de ses deus **compaingnons** (vol.I, §27/l.1-2)	Quant Lanceloz se fu departiz de ses **compaignons** (§731/l.1)	Et quant Lancelot se fu departis de ces **conpaignons** (f.157r/col.I)	Quant Lancelot se fu partis de ces **compagnons** (f.149r/col.I)
d) e **conpan*ei*ro** da tauola redonda (p.80/l.120)	et **compaignon** do la Table Reonde (f.135r/col.II)	et **compains** de la Table Reonde (vol.I, §27/l.26)	et **compainz** de la Table Reonde (§731/l.23)	et **conpains** de la Table Reonde (f.157r/col.II)	et **compains** de la Table Reonde (f.149r/col.II)

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) *Et* **eles** em este falando chegaro*n* (p.76/l.61)	En tel maniere chevauchent li troi **chevalier**, tant qu'il vienent (f.129r/col.I)	En tel maniere cevaucent li troi **chevalier**, tant k'il sont venu (vol.I, §4/l.1-2)	En tel maniere chevauchent li troi **chevalier** tant qu'il sont venu (§712/l.16-17)	En tele maniere li tre **compaignon** tant qu'il sont venu (f.151v/col.II)	En telle maniere chevauchent li III **chevaliers** tant qu'ilz sont venus (f.144r/col.II)
b) meteu a la*n*ça su u braço *et* foyo ferir tam brauame*n*te q*ue* lle fes out*r*ossy como a **que*y*a** (p.78/l.97-98)	il li laisse corre tant com il puet dou cheval traire, et fiert Brandelis en son venir si durement qu'il fist au tant de lui sanz faille, com il avoit fait de son **compagnon** (f.129v/col.I)	il li laisse courre le glaive baissié, tant com il puet du cheval traire, et fiert Brandelis en son venir si durement que, autretant com il avoit fait de son **compaing**, fist il sans faille de cestui a ceste fois (vol.I, §6/l.10-13)	il li lesse tot mentenant corre le glaive bessié tant com il puet del cheval trere, et fiert Brandeliz en son venir si durement que autretant com il avoit fait de son **compaignon** fist il de li a ceste foiz (§714/l.9-12)	il lesse tout maintenant core le glaive bessie tant come il puet del cheval trere et fiert Brandelis en son venir si durement que autretant come il avoit fet de son **compaignon** fist de lui a cele fois (f.152r/col.II)	il li laisse tout maintenant courre le glaive brisie tant come il puet du cheval traire et fiert Brandeliz en son venir si durement que autrement come il avoit fait de son **compaignon** fist il de lui a celle fois (f.144v/col.II)

Observamos, assim, que o tradutor baseia a sua opção de tradução no contexto semântico. A opção do primeiro exemplo (i) a) ilustra uma distribuição semântica diferente dos lexemas "compaignons" e "amoit". Ou seja, o sema "amor" do texto de partida encontra-se no nome "amjgo" no texto de chegada e o sema "confiança" visa a forma verbal "fyaua" no texto de chegada. Neste caso, enfatiza-se a qualidade das personagens (cavaleiros ou/e companheiros) reflectida na relação de proximidade e revela-se, assim, uma coerência linguística interna, dado o uso do mesmo lexema num contexto anteriormente analisado em que traduz o título honorífico "sire"[434].

Por outro lado, parece que há uma diferença entre "fiar" (usado para a relação de amizade, companheirismo entre homens) e "amar", usado para a relação entre os amantes, o que é muito interessante e talvez mais complexo do que poderia parecer à

[434] Ver *Supra* **2.1** (v), pp. 325-326.

primeira vista. É que amor estava reservado à relação entre homem e mulher, mas também (e originariamente) entre senhor e vassalo. Aqui, tratar-se-ia de uma relação entre iguais, logo "amar" não servia… Esta opção de tradução revela uma reflexão ainda mais profunda sobre o texto a traduzir da parte do tradutor, que problematiza a questão do amor.

Outra explicação possível para a utilização do verbo "fiar" "em vez de "amar" e implicitamente para a substituição do nome "compaignons" por "amjgos" incidiria, mais especificamente, sobre a situação em que se encontrava o príncipe Anasten de oposição ao seu pai, o rei Asen, pelos sentimentos do príncipe face a "hũa ffilha duum pobre caualeyro". Ou seja, não procurava a companhia dos que o "amavam", como, naturalmente, o seu pai, mas daqueles em que se fiava, ou seja, em quem confiava, que são os "seus amjgos". E, neste caso, o texto português seria mais rigoroso, distinguindo confiança de amor, que na verdade já estava de certa forma implícito no termo "amigos".

No segundo exemplo (i) b), as personagens são identificadas pelo termo com o valor genérico "cau*alei*ros" em oposição à categoria social feminima designada por "donzela". O lexema "cau*alei*ros" refere a função social das personagens e é um lexema hiperónimo, designando genericamente os *bellatores*. A identificação das personagens, no terceiro exemplo seleccionado (i) c), realiza-se pela forma pronominal "eles". Esta opção ilustra provavelmente uma preferência lexical da parte do tradutor por uma expressão neutra e sintética que, ao mesmo tempo, evite a redundância.

O lexema "compaignon" encontra em LT, em quatro ocasiões, o correspondente "conpañeiro". Esta opção na identificação das personagens em LT pode ser explicada por uma preferência do tradutor ou pelo contexto semântico que determina o respectivo uso lexical.

Em outras duas passagens notamos a designação das personagens pelo nome próprio "Queia" (iii) b) e pela forma pronominal "eles" (iii) a) apesar de o texto de partida mencionar os termos "compagnon" / "chevalier". Estas opções poderiam indicar assim, uma preferência lexical da parte do tradutor, enquanto a opção "conpañeiro" ilustrada na tabela (ii) de acordo com o texto de partida ("compaignon") destaca a designação com valor social de "companheiros da Távola Redonda".

Em conclusão, as soluções de tradução do lexema "compaignon" de LM e LT divergem pelo contexto semântico e pelas próprias preferências lexicais dos tradutores. LM acentua uma qualidade humana e a categoria social, enquanto LT baseia a opção apenas na função social. O uso da terminologia que designa os *bellatores* delimita uma hierarquia do ponto de vista do relacionamento que se pode estabelecer. Parte desta hierarquia é referida em LT: "anbolos caualeiros eran de casa de rei Artur e conpañeiros da Tavola Redonda" (ii) a). Em primeiro lugar, situa-se o lexema hiper-ordenador "cavaleiros", seguido por "conpañeiros". O terceiro elemento da hierarquia é sugerido pela designação fornecida por LM: "amjgos".

Assim, analisando os contextos em que ocorrem os lexemas "caualeiros", "conpañeiros" e "amjgo", deduz-se uma hierarquia no plano semântico: por "cau*alei*ros" entendemos a categoria geral dos homens das armas, dentro desta categoria distingue-se uma área mais restrita a dos "conpañeiros" ("da Tavola Redonda") e dentro desta área existe uma ainda mais restrita, a dos "amigos" (em "que se mais fyaua") que se poderia ilustrar da seguinte maneira:



Figura 1

5. "grant piece" / "granment"

Do confronto dos três textos traduzidos revelou-se ainda mais um achado que dificultará a conclusão de que a tradução tenha sido da responsabilidade de um só autor. Referimo-nos às formas adverbiais dos textos de partida "grant piece" e "granment" que têm um tratamento distinto no processo da tradução dos textos galego-portugueses.

Chamamos a atenção, em primeiro lugar, para o caso que se detecta em ST/TT. Apesar de ST não ser totalmente legível neste passo, é pertinente indicar a lição integral do elemento adverbial "hũu pedaço" oferecida por TT como tradução de

"grant piece" de So.

(i)

ST (f.1r/col.II/l.2-3)	**TT** (p.164/l.8-9)	**So** (p.83/l.30)	**Po** (§285/l.2-3)
E el rrey cõ [...] | conpanha ssayu cõ ele **hũu p[...]**	E elRey cõ toda sua companh[y]a sayo cõ elle **hũu pedaço**	qui le conuoierent **grant piece**	Et il convoierent **mout longhement** et lui et sa compaignie

Seria igualmente justificada a hipótese de o texto de chegada traduzir, neste segmento, a variante registada em Po ("mout longhement") e não a oferecida por So. Este facto tornará, de algum modo, irrelevante a comparação deste caso com os outros delimitados em LM e LT que teremos adiante a oportunidade de observar. Contudo, a análise mais atenta dos textos permite verificar que nos passos em que So e Po mencionam a construção "mout longhement" / "maint ior", o texto de chegada opta por "tãto" ("q*ue* **tãto** ffezera e manteuera" ST/f.1r/col.I; "que **tamto tẽpo** sostyvera" TT // "quil auoit **maint ior** maintenue" So / "qu'il avoit **si longement** menee" Po[435]) e "muyto" ("Em aq*ue*l pesar durou **muyto**" ST / "e naquele cuydar durou **muito**" TT // "ou quel il demoura **moult longement**" So / "En cel pensé demoura **mout longhement**" Po; "**Muyto** ffa[...] cõ el-rrey ho [...] da barca [...]" ST / "**Muyto** falou com el Rey ho homem bom da nao" TT // "**Moult** parla **longement** li rois al preudome de la neif" So / "**Mout** parla li hom de la nef au roi **longement**" Po[436]).

A construção "grant piece" (ii) encontra em LT o correspondente fiel "gran peça", facto que opõe LT a ST/TT pela equivalência "hũu p[...]" / "hũu pedaço" (i) do mesmo segmento.

(ii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.82/l.154-155)	**ms. BNF, fr. 750** (f.135v/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §30/l.1-2)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §734, 1-2)	**ms. BNF, fr. 756** (f.157v/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (f.149v/col.II)

[435] Sublinhado nosso.
[436] Sublinhado nosso.

Gran peça durou a batalla en esta guisa q*ue* ne*n*gũu no*n* no podia saber	**Grant piece** dure la bataille en tel maniere que nuls ne le veïst adonc qui poïst mie connoistre legierement	**Grant pieche** dure la bataille en tel maniere que nus ne les veïst adont ki peüst mie legierement connoistre	**Grant piece** dure la bataille en tel maniere que nus ne les veïst adonc qui poïst mie legerement conoistre	**Grant piece** dura la bactalle en tele maniere que nus ne les veist a donc qui peust legierement conoistre	**Grant piece** dura la bataille en telle maniere que nul ne lez veist adont qui peust legierement cognoistre

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.157/l.120)	**ms. BNF, fr. 112** (ed. Roussineau, §496/l.78)
E se nos esteuermos aqui **hũa peça**	Et je vous di que se nous demorons **granment** cy

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.75/l.38-40)	**ms. BNF, fr. 750** (f.128v/col.I)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §2/l.3-6)	**404 Carpentras** (ed. Curtis, §711/l.3-5)	**ms. BNF, fr. 756** (f.151r/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (f.144r/col.I)
non andou **muito** que achou dous caualeiros andantes que tragian senllos escudeiros	Dont n'ot mie **granment** ale quant il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoien t tot le grant chemin et menoient avec elx deus escuiers	Dont n'ot mie **granment** alé quant il ataint deus cevaliers errans ki cevauchoient tout le grant cemin et menoient avoec ax deus esquiers tant seulement	Il n'ot mie **granment** alé qu'il ataint deus chevaliers erranz qui chevauchoien t tot le grant chemin, et menoient avec eus deus escuiers	Il n'ot mie **granment** ale quant il ataint II chevaliers qui chevauchoien t tout le grant chemin et menoient avoec euls II escuers de la Table Reonde	Il n'ot mie **granment** ale qu'il atant li chevaliers errans que chevauchoien t tout le grant chemin et menoient avec eulx II escuers

LM, por outro lado, aproxima-se de ST/TT pela solução "hua peça" (iii) na tradução do advérbio "granment". Ora, a forma adverbial "granment" ocorre também em LT e será traduzida por "muito". Este facto leva-nos a concluir que a expressão "hua peça" aproxima LM, por um lado, de ST/TT e, por outro, distancia-o de LT.

Assim, sobre LT, concluimos que se singulariza duas vezes: num primeiro momento, em relação a ST/TT pela tradução da expressão "grant piece" por "gran peça" e, num segundo momento, em relação a LM pela equivalência do elemento adverbial "granment" por "muito" (iv). Uma vez mais, temos soluções diferentes para

segmentos idênticos indicando a possibilidade de estarmos perante actos de tradução sob a incumbência de mais de que um só tradutor.

6. "meismes"

O derivado "mesmes" do latim vulgar *metĭpsĭmus*, *a*, *um*[437] é usado com dois valores semânticos em francês: um primeiro valor intensivo, de realce e o segundo de identidade. A equivalência destes valores realiza-se de forma distinta nos textos galego-portugueses em análise.

Vamos ocupar-nos de seguida das diferenças na tradução do lexema "mesmes" em ST/TT, LM e LT. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para os segmentos que evidenciam o valor enfático do lexema "mesmes" nos três textos traduzidos. O factor delimitador entre ST/TT, LM e LT é a forma como se concretiza a expressão com este valor semântico. Assim, ST singulariza-se pela forma "meesmo" como solução de tradução em única ocorrência (i).

(i)

ST (f.1r/col.I/l.19-21)	**TT** (p.163/l.37-39)	**So** (p.83/l.21-22)	**Po** (§283/l.9-13)
Entõ ent*r*ou el rrey dentro	e depoys que abrio ẽtrou demtro	puis entra ens	et en cheste maniere entroit ens li rois, quant il voloit aler a l'ymage pour faire sa desloiauté et son pechié. Quant il lor eut moustré la grant soutilleche de l'huis, si les mena en la chambre et, quant il
e tomou a jymagẽ **ele meesmo** aa costas e deyto|ua no ffogo ante todos	e **elle mesmo** as *s*uas costas tomou ha ymagem e diamte todos a deytou no fogo	et **il mismes** prinst limagene et le porta el fu uoiant aus tous.	vint el sousterrin, si prist **il meïsmes** l'ymage et si la porta el fu ardant, voiant aus tous.

Além disso, outras duas situações do texto de partida (ii) sem equivalente directo no texto de chegada vêm realçar o carácter singular desta ocorrência no material estudado.

Analisando um corpus de textos notariais, historiográficos e líricos datados dos

[437] "debia tener una forma coloquial **medĭpsĭmus*" Cf. Corominas, Joan (1980-1991), *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*, Madrid, Editorial Gredos, 5. vols.

séculos XIII-XIV, detectamos um largo uso das formas "meesmo"[438] e "medes"[439].

(ii)

ST	TT	So	Po
Dessy conhoçeu sseu pe|cado dante todos aq*ue*les q*ue* estauã com ele (f.1r/col.I/l.25-26)	e depoys diamte de todos hos que hy estaũa conheceo seu pecado (p.164/l.3-4)	Apres conut **il mismes** ses pechies si que tout loirent (p.83/l.24-25)	Apriés counut **il meïsme** son pechié, si ke tout l'oïrent (§283/l.17)
Ca q*u*ando De*us* ama o homẽ de todo | coraçõ (f.2v/col.I/l.10-11)	e quamdo Deos amaa o homem que se a ele chẽga de todo coraçam (p.175/l.34-35)	Car Diex aime miex lomme qui a li se tient que **li homs mismes** ne saime (p.94/l.13-14)	Car, puis ke il a mis et le cors et le cuer de tout en tout en la creanche Damedieu, dont est il bien drois ke il s'atende a lui de toutes les choses dont il est besoingneus, car teus est la coustume Damedieu ke il aime plus home et en grignour cierté le tient ke ne fait **li hom meïsmes** (§322/l.4-8)

[438] O *Corpus do Português* regista inúmeras ocorrências do século XIV do lexema "meesmo" das quais destacamos: "aquelle que o fezer abriloã de uento pera aquelle **meesmo** logo per que a carne foy inchada" em *Posturas de concelho de Lisboa* (1360); "conhoçer que era deus & homë & per este cõto **meesmo** ssegundo disse o propheta" em *Primeyra Partida - Afonso X* (1300?); "lhe fezesse tanta hõrra e prazer como faria a elle **meesmo**" em *Crónica Geral de Espanha de 1344*. O TMILG regista 607 casos dos quais mencionamos: "Et eso **meesmo** con os moradores e pobladores de seus coutos" em Ferro Couselo, X. (ed.) (1967), *A vida e a fala dos devanceiros, Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*, 2 vols., Vigo, Galaxia; "e condiçõos sobreditas e que obligava e obligou a sy **meesmo** e a todos seũs bẽes asy movlles como reizes abidos" em Rodríguez González, Ángel (ed.) (1989) *Livro do Concello de Pontevedra (1431-1463),* Pontevedra, Museo de Pontevedra. Sublinhado nosso; O TMILG oferece também inúmeros casos registados em *varia* documentação e também em textos líricos: "Mais a Virgen gloriosa, | que chaman os pecadores || e que ela mui de grado | acorr ' aas sas doores, || log ' a santa verdeira | Madr ' e Sennor das sennores || troux ' aquel canto **meesmo** | que el ouvera comprado || O que a Santa Maria | serviço fezer de grado ...||"; E el **meesmo** non foi y de dur || en pos deles, buscando -os assaz, || ata que os viu jazer como jaz || o cõello ascondud ' ou o mur.|| em Mettmann, Walter (ed.) (1959-72), *Cantigas de Santa Maria*, 4 vols. Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis. Reed. de Ed. Xerais de Galicia en 1981 (2 vols.), vol. II, p. 270; p. 196. Sublinhado nosso.

[439] O *Corpus do Português* indica várias ocorrências das quais mencionamos: "E per esta **medes** gisa vendede tantos dos seus bëes" em *1200-1300: Textos Notariais. Documentos Notariais dos Séculos XII-XIII*; "Dona Vyolante, vossa filha, per essa **medes** graça, raynha de Castella e de Leon" em *Crónica de Espanha de 1344*. O TMILG regista também ocorrências do mesmo das quais indicamos: "Unha pastor se queixava | muit ' estando noutro dia, | e sigo **medes** falava, | e chorava e dizia" em Brea, Mercedes (coord.) (1996), *Lírica profana galego-portuguesa. Corpus completo das cantigas medievais, con estudio biográfico, análise retórica e bibliográfica específica*, vol. 2. Santiago de Compostela, Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias "Ramón Piñeiro", pp. 993-1002; "lle disseron aquesta razon **medes**"; **"**E meteu -ss ' enton a vao | en aquel rio **medes**"; "Enton lle contou o sonno, | ben de tal guisa **medes**"; "E a nav ' alumeada | aquela ora **medes** || foi toda con craridade" em Mettmann, Walter (ed.) (1959-72), *Cantigas de Santa Maria*, 4 vols., Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, Reed. de Ed. Xerais de Galicia en 1981, 2 vols. Sublinhado nosso.

Um outro texto que oferece uma solução diferente na tradução do lexema "mesmes", marcando a característica da ipseidade, é LM. Destacam-se três ocasiões ao longo deste texto, das quais sobressai, em primeiro lugar, a equivalência com a forma verbal "osmou". No segundo caso, é impossível delimitar o correspondente galego-português pelo estado danificado do testemunho e, no terceiro segmento, notamos a ausência de qualquer correspondente no texto de chegada.

(iii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 112 (ed. Roussineau)**
a) Ento*n* **osmo<**...> q*ue* eram enca*n*tados. *e* disse (p.153/l.38-39)	Lors **dist a soi mesmes**: "Par foi, je cuid que ceulx sont enchantés (§493/l.23-24)
b) E e<…> uos ficarey ia <…> oie de ffa<...>er <…> donz*e*la os g*u*iou a abadya (p.154/l.66-67)	Et **je mesmes**, se vous y voulés venir, yray la pour l'amour de vous et y demoreray anuyt pour vous faire compaignie. Et ilz la mercient moult de ce qu'elle leur offre. Alés, font ilz, devant, et nous vous suivrons. Et celle le fait tout ainsi comme ilz luy requierent (§494/l.56-61)
c) mays de q*ue* come*n* ou de q*ue* beue*n* soo chus marauilhado Ca no*n* ueio como ala possam auer (p.156/l.95-97)	Mes de leur manger et de leur boire suis je plus esmaiés que **elles mesmes** ne sont, car je ne voy en nulle guise comment elles puent avoir a manger (§496/l.33-35)

Centrando a nossa atenção em LT, é possível destacar um conjunto de exemplos. A expressão enfática realiza-se nos seguintes segmentos pelas construções "en soi meismes" (iv) a) e "a soi meismes" (iv) b) que encontram o correspondente "en sou coraçon" no texto de chegada. Esta solução de tradução opõe LT tanto a ST/TT como a LM.

(iv)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) Lançarote foi a maravilla mui ledo **en sou coraçon** (p.74/l.18)	Et molt est liez et joianz **en soi meimes** (f.128r/col.II)	Et mout est liés et joians **en soi meïsmes** (vol.I, §1/l.5-6)	Et mout est liez et joianz **en soi meïsmes** (§710/l.4-5)	que moult est liez et joianz **en soi mesmes** (f.151r/col.I)	—

b) disso **en seu coraçon** (p.79/l.114)	il dist bien **a soi meimes** (f.135r/col.I)	il dist bien **a soi meïsmes (**vol.I, §27/l.16)	il dit bien **a soi meïsmes** (§731/l.14-15)	il dist bien **a soi meismes** (f.157r/col.I)	il dist bien **a soy mesmes** (f.149r/col.II)

Os exemplos destacados evidenciam, assim, opções diferentes de tradução em três textos distintos na expressão do valor intensivo do lexema "mesmes".

O segundo valor semântico que marca o lexema "mesmes" é a identidade. Apesar de LM ser o único que contém registos do lexema com este valor, não deixa de ter interesse pelo modo particular de tradução: "aquela camara" (v) a) e "aq*ue*l dya" (v) b).

O sistema demonstrativo do latim clássico sofre alterações no latim vulgar. Entre estas alterações mencionamos o desenvolvimento de novas funções das formas pronominais de demonstrativo, como *ipse*, *a*, *um*. Esta função exemplifica-se pela tradução galego-portuguesa de LM: no primeiro caso, o demonstrativo "aquela" realiza uma identidade no espaço, enquanto no segundo caso se trata de uma identidade temporal. O texto de chegada traduz, de facto, através do lexema "mesmes" do texto de partida, o latim *ipse*, *a*, *um* com o valor que este desenvolve já no latim vulgar.

(v)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp.179-180)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §381/l.26-27)
a) E fforo*n* soterrados desũu **en aquela camara (**p.152/l.26-27)	e furent enterré ensemble **en la chaumbre mesme**	et furent mis en terre ensamble **en la chambre meesmes**
	ms. Huth (ed. Roussineau, §493/l.12-13)	
b) co*n* que*n* ela ffal<...>ra **aq*ue*l dya** (p.152/l.33-34)	auquel elle avoit **le jour mesmes** parlé	

Chamamos ainda a atenção para os constituentes da estrutura de identidade assim como aparecem nos exemplos extraídos, por exemplo, do *TMILG*[440]. Assim,

[440] O TMILG regista ocorrências, como por exemplo: "Et outrosy en **este día meesmo**, fomos a Sanctiago de Boevre" em Fernández de Viana, José Ignacio / González, Mª Teresa / De Pablos, Juan Carlos (eds.) (1996, 1997): "El Tumbo de Caaveiro. 1ª Parte. | 2ª Parte", Cátedra, *Revista eumesa de estudios*, p. 435; "... de Monfero pola parte do abade e do conuento **desse méésmo logar**. sobre herdades dOuana e de Mogardos sobrela va esobrela ..." em Martínez Salazar, Andrés (ed.) (1911), *Documentos gallegos de los siglos XIII al XVI*, A Coruña, Casa de la Misericordia, p. 22; "Et en **aquel**

observámos que dos inúmeros casos registados o termo "meesmo" com este valor se atesta quase sistematicamente em conjunto com um dos determinantes "este", "esse" ou "aquel", enquanto nos exemplos de LM, *supra* destacados, este determinante parece superar o "mesmes". Além de poder significar uma preferência do tradutor pela expressão menos enfática, é, também, uma outra particularidade da utilização da língua de chegada.

Tendo como objectivo rastrear o comportamento do tradutor nos textos galego-portugueses em estudo, fizemos ainda o levantamento da expressão "ẽ sseu coraçõ" com valor enfático, intensivo em ST/TT em comparação com LT. Esta construção traduz em ST/TT de um modo fiel o texto de partida, ou seja, "en son cuer" (vi), enquanto em LT, como já vimos acima, equivale semanticamente a construção intensiva "en soi mesmes" / "a soi meïsmes" (vii). Assim, no primeiro realiza uma tradução *ad verbum* e no segundo uma tradução *ad sensum*.

(vi)

ST	TT	So	Po
a) e comẽçou a pen|ssar E pẽssou **ẽ sseu coraçõ** [...] auja todo | p*er*dydo (f.2r/col.I/l.21-23)	e começou a cudar e cuydou **em seu coraçam** que hagora avia todo perdido (p.174/l.37-39)	si commencha a plorer et a penser mout durement et dist certes ore ai iou trop perdu (p.93/l.15-16)	et commencha mout durement a souspirer du cuer et a plourer des iex de la teste et commencha a penser **en son cuer** ke ore avoit il tout pierdu (§319/l.10-12)
b) Ca el nõ coydaua q*ue* jamays **ende o sseu coraçom** dela podesse partyr (f.1r/col.I/l.23-25)	que ele nõ cuydaua que jamays **ẽ seu coraçã** podesse ẽtrar (p.164/l.2-3)	car il ne quidoit mie quil en peust iamais estre ostes (p.83/l.23-24)	car il ne quidoit mie ke jamais **ses cuers** en peüst estre ostés (§283/l.15-16)

(vii)

---

lugar meesmo, du iazia morto dom Gonçaluo Gostios, morreu outrosy hũ sobrino do conde, cõ que lidara hũu dos mellores mouro et mays esforçado caualeyro que y andaua, et matarõsse hũu por outro" em Lorenzo, Ramón (ed.) (1975), *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*, Tomo I: Introducción, texto anotado e índice onomástico; Tomo II: Glosario, Ourense, I. E. O. P. F., p. 112.

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. BNF, fr. 750**	**2542 Viena** (ed. Ménard)	**404 Carpentras** (ed. Curtis)	**ms. BNF, fr. 756**	**ms. BNF, fr. 99**
a) Lançarote foi a maravilla mui ledo **en sou coraçon**	Et molt est liez et joianz **en soi meimes** (f.128r/col.II)	Et mout est liés et joians **en soi meïsmes** (vol.I, §1/l.5-6)	Et mout est liez et joianz **en soi meïsmes** (§710/l.4-5)	que moult est liez et joianz **en soi mesmes** (f.151r/col.I)	—
b) disso **en seu coraçon**	il dist bien **a soi meimes** (f.135r/col.I)	il dist bien **a soi meïsmes** (vol.I, §27/l.16)	il dit bien **a soi meïsmes** (§731/l.14-15)	il dist bien **a soi meismes** (f.157r/col.I)	il dist bien **a soy mesmes** (f.149r/col.II)

Há, portanto, um facto que é necessário explicar: só há uma ocorrência da tradução literal de "meisme"! Dado que "mismo" é corrente em castelhano e o registo mais antigo que o TMILG, por exemplo, atesta é datado de 1200[441], pode tratar-se de uma influência castelhana. Em todo o caso, a ausência quase sistemática do lexema pode apontar para traduções iniciais antigas: finais do século XIII, inícios do século XIV, o máximo, visto que o lexema "meesmo" começa a ser frequente no século XIV no espaço galego-português, como o atestam as numerosas ocorrências.

7. "on"

Os textos de chegada oferecem soluções diferentes em relação à forma pronominal correspondente "on" nos textos de partida. Em primeiro lugar, notamos, em ST/TT, três soluções diferentes para a forma correspondente "on": "homem", "nymgem", "tu".

(i)

ST	**TT**	**So**	**Po**
a) [...] onde nõ pode **ho**[...]	aly estava aquela pena que era tam alta	la est cele roce qui estoit tant haute que	En che trespas est chele roche et si est

[441] Dos inúmeros casos do TMILG destacámos os seguintes: *"*ossera. e dixo mays que ossera ha en aquel logar **mismo** una eglisia que xaman sancta maria con otras casas" em Gallego, Olga (ed.) (1986), "Tumbo de las viñas de Ribadavia", *Boletín Auriense*, XVI, p. 162; "gracia de Deus bispo de Mendonnedo et o cabidoo desse **mismo** lugar sobre queixume que ... a proueer doutros desse **mismo** lugar de Ribadeu assi como de suso dito e" em Cal Pardo, Enrique (ed.) (1999), *Colección diplomática medieval do arquivo da catedral de Mondoñedo. Transcrición íntegra dos documentos*, Santiago, Consello da Cultura Galega (Ponencia de Patrimonio Histórico), p. 62.

[...] […] | [...]aue nõ ousa de pass[…] [...] | pa*r*te podyã [...] **(**f.2r/col.I/l.2-5**)**	que hera maravylha e de huũa parte do mar docydemte domde nom pode **homem** achar terrã que nhuũa nao nom ousa de passar la e da outra parte podia bem ver (p.170/l.7-10)	**on** ne pooit ueoir toute la meir dune part . et dautre part pooit **on** veoir (p.89/l.6-8)	de si tres grant hauteche ke **on** en peut sourveoir toute la mer d'Occident jusc'a ichés lieus ou terre puet estre trovee, et de l'autre part, a destre si comme devers galerne, en puet **on** veoir (§304/l.3-6)
b) [...] […] […] | ssem ele. E [...] […]te […]es cõtjgo | hũa coussa [...] […] […] | [...] […] […] | nõ [...] […] […] q*ue* e[…] **(**f.2r/col.II/l.25-29**)**	porque **nymgem** pode fazer boa obra sem ele e em quamto tuu o tyveres comtygo nenhuã cousa te pode ẽpeçer se fores perfeyto em fee (p.175/l.22-24)	Car **on** ne fera ia boine oeure sans li et saces que tant comme tu auras cest signe auoec toi et en ta compaignie tu nauras garde que nule cose soit en ta nuisance mais que tu aies parfaite creance en toi (p.94/l.1-3)	ke sans lui ne puet **on** faire nule oevre parfitement boine; et tant com tu aras chest signe en ta compaignie, tant porras tu estre seürs et certains ke nule riens ne te sera nuisans, pour ke tu aies parfaite creanche (§321/l.7-9)
c) E por este podes **tu** ssa | […]er q*ue* aq*ue*l q*ue* esto coyda **(**f.2v/col.I/l.23-24**)**	e por ysto podes **tu** saber que aquele que ysto cuida (p.176/l.5-6)	et par ce puet **on** prouer et connoistre que cil qui ce dist (p.94/l.21-22)	Et par che poés savoir et counoistre ke chil qui est en chest pensé (§322/l.19-20)

O primeiro segmento seleccionado evidencia a tradução de apenas uma das duas ocorrências da forma "on" por "homem". O pronome indefinido "nymgem" do exemplo (i) b) exemplifica a maneira sintética com que o texto de chegada soluciona a tradução da frase negativa do texto de partida. Quanto ao terceiro passo destacado, é possível observar vários elementos em comum entre ST/TT e a versão Po. Este facto não se revela também em relação a ST/TT e So: da forma verbal da segunda pessoa "poés" até aos vocábulos "savoir", "pensé" em que So é omisso. Assim, é prudente ponderar a hipótese de o pronome pessoal "tu" do texto de chegada ser induzido na tradução galego-portuguesa pela forma verbal da segunda pessoa "poés" de Po do que ser o equivalente semântico de "on" de So. Em suma, as opções de tradução evidenciadas nestes segmentos põem novamente em relevo a variedade de soluções fornecidas pela língua de chegada.

Em contrapartida, LM soluciona de duas maneiras diferentes a equivalência da forma pronominal "on".

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp.179-180)	**ms. Huth** (ed. Roussineau)
a) t*e*rra hũu Rey q*ue* **chamaua*n*** Asen (p.151/l.1)	pais un chevalier que **hom apeloit** Assen	païs un roi que **on apieloit** Assen (§380/l.21)
b) q*ue* adur o poderya **home** cre/er/ se a no*n* uissen (p.152/l.22-23)	que a paines le porroit **home** croire si **home** ne le veoit	qu'a painnes le porroit **on** croire se **on** ne la veoit (§381/l.21-22)

Observe-se que a expressão do sujeito é assumida pela terminação verbal da terceira pessoa plural equivalente à forma pronominal "on" em duas ocasiões: "chamaua*n*" (ii) a) e "uissen" (ii) b). Deparamo-nos com uma solução gráfica comum — "home" — a ST/TT no segmento (i) a) e LM no exemplo (ii) b).

Em LT, não é possível verificar a tradução da forma pronominal "on". O carácter conciso deste texto poderia explicar o resumo do segmento do texto de partida em que ocorre este elemento.

(iii)

LT (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.83/l.187-188)	**ms. BNF, fr. 750** (f.136r/col.II)	**2542 Viena** (ed. Ménard, vol.I, §31/l.39-41)	**404 Carprentras** (ed. Curtis, §736/l.17-20)	**ms. BNF, fr. 756** (f.158r/col.II)	**ms. BNF, fr. 99** (ff.150r/col.I-150r/col.II)
Et poys pidiu suas armas dero*n*llas *et* armousse *et* sobiu em seu caualo	Si tost com li sires a commande que ses armes li soient aportees, et **on** l'en li aporte erranment, si l'arment tot maintenant bien et bel a tot le mielz qu'il onques poent	Si tost com il a conmandé que ses armes li soient aportees, et **on** li aporte tout maintenant, si l'arment esranment bien et bel a tout le mieus k'il onques pueent	Tot mentenant qu'il a comandé que ses armes li soient aportees, **en** les li aporte, si l'arment erranment bien et bel au mieuz qu'il onques pueent	Tant maintenant qu'il a conmande que ces armes li soient aportees et l'**en** les li aporte maintenant si l'arment bien et bel erranment au miels qu'il poent	Tout maintenant qu'il a comande que ses armes ly soient aportees l'**en** ly aporte tout maintenant. Si l'arment bien et bel essanment au mieulx qu'ilz peuent

Os três textos abordam de três maneiras diferentes a tradução do derivado latim *homo*, *homĭnis*. Este facto pode vir, assim, realçar as duas hipóteses atrás mencionadas: por um lado, o tipo do texto condiciona as opções de tradução e, por outro, cada livro

foi traduzido por um tradutor diferente.

8. "morteus hom"

A expressão "morteus hom" ou "nus hons morteus" encontra em dois dos textos traduzidos três soluções diferentes. Trata-se de ST/TT e LM.

Em primeiro lugar, observamos que ST/TT evidencia duas soluções de tradução para a expressão "nus hons morteus": "hũa coussa terreal" ST, com a variante "nhũa cousa terreal" de TT e "os homẽs", visível apenas em TT. Em segundo lugar, LM destaca-se pela literalidade da solução "ne*n*huu<...> home".

(i)

ST	TT	So	Po
E ffezeralhe hũa camara | p*er* tam g*r*ã soteleza q*ue* bem coydo que **hũa cou|ssa terreal** lhe podese achar porta **(**f.1r/col.I/l.1-3**)**	e fez lhe hũua camara por tal sotyleza que bem cuydava que **nhũa cousa terreal** lhe pudesse achar paar (p.163/l.25-27)	et li auoit fait faire vne cambre dont il ne quidoit mie que **nus hons morteus** peust trouer luis (p.83/l.13-14)	i avoit fait li rois faire un huis si soutil ke il ne quidoit mie ke **nus hom morteus** le peüst aperchevoir, tant i seüst esgarder (§282/l.6-8)
Certas [...] elrrey esta [...] | [...] **(**f.2r/col.II/l.14-15)	Serto, dyse el Rey, mestrya pasa todas as mestryas que **os homẽs** sabem (p.175/l.17-18)	Certes, dist li rois, chis mestiers a passe tous autres mestiers que **hons morteus** poroit faire (p.93/l.32-33)	Chertes, sire, dist li rois, chis mestiers a passés tous chiaus que **nus morteus hom** porroit faire por soi (§321/l.1-2)

(ii)

LM (ed. Lorenzo Gradín/Souto Cabo, p.151/l.3-5)	**ms. Huth** (ed. Roussineau, §380/l.23-25)	**ms. Add. 7071 Cambridge** (trans. Soberanas, pp.179-180)
E amaua hũa ffilha dúúm pobre caualeyro de tan gra*n*de amor que **ne*n*huu<...> home** no*n* poderya <...> mayor amor a molher	Il amoit la fille d'un povre chevalier de si grant amour que **morteus hom** ne pooit plus feme amer.	e amoit la fille d'un povr [sic] chevalier de si grant amur que **morteuz home** ne porroit tant femme amer.

ST/TT e LM distanciam-se, desta forma, uma vez mais no acto de tradução.

9. Conclusões

A análise dos casos afins nos textos que transmitem a tradução galego-portuguesa de três livros do romance arturiano permitiu-nos, por um lado, concluir que existem diferenças de natureza semântica e estilística no processo de tradução destes textos e, por outro, possibilitou-nos investigar em que consistem estas diferenças de tradução e os factores que as podem determinar. Os factores de que resultam diferenças no acto de tradução prendem-se com o tipo de (con)texto (religioso, guerreiro) e com as condicionantes textuais (semânticas, estilísticas).

A afinidade lexical entre ST/TT, LM e LT proporcionou a selecção de casos similares que revelam soluções diferentes de tradução: expressões de carácter religioso, construções nominais, lexemas singulares. Um conjunto de casos separam individualmente os textos analisados: a utilização dos títulos honoríficos pode ter sido motivada pelos objectivos do tradutor em ST/TT; as formas de tratamento estão ausentes em LM e presentes em LT; o lexema "mesmes" encontra em ST/TT um decalque linguístico ("meesmo") e, em outras ocasiões, ausência de equivalente ou soluções alternativas; o indefinido "on" soluciona-se em ST/TT por "homem", "nymgem", "tu", em LM é "home" ou a terminação verbal que expressa o sujeito e em LT não se regista equivalente.

Um outro tipo de casos opõe LM a LT: o grupo nominal "travailliez et navrés" mantém-se estruturalmente em LM com uma inovação estilística fornecida pela língua de destino (a repetição da partícula "mal" em dois partícipios adjectivais), enquanto LT modifica estruturalmente o texto original mantendo todavia o sentido ("sofreu d'afam e de traballo").

O lexema "compagnons" é traduzido conforme o valor semântico que o tradutor pretende realçar: LM opta pelos termos "amjgo", "cau*alei*ros", enquanto LT regista sistematicamente o vocábulo "conpañeiro".

Uma terceira situação de diferenças de tradução isola ST/TT de LM. Trata-se do grupo nominal "morteus hom" que em ST/TT é solucionado de duas maneiras: "hũa coussa terreal" ST / "nhũa cousa terreal" TT e "os homẽs" visível apenas em TT. Enquanto LM apresenta a solução "ne*n*huu<...> home".

Em quarto lugar, assinalámos singularidades de LT. Este texto individualiza-se em dois momentos: num primeiro caso, afasta-se de ST/TT pela tradução da expressão "grant piece" por "gran peça", enquanto em ST/TT se regista "hũu pedaço"

e, num segundo, afasta-se de LM pela equivalência do elemento adverbial "granment" por "muito", enquanto LM traduz por "hũa peça".

Dada a variedade de famílias de casos, é possível formular duas possibilidades: por um lado, a hipótese de a tradução do romance arturiano ter sido incumbência de mais do que um indivíduo, por outro, a possibilidade de este conjunto de diferenças reflectir modos distintos de tradução adoptados segundo o tipo do texto a ser traduzido.

Conclusões Gerais

Ao longo deste trabalho procurámos num primeiro e num segundo momento descrever o suporte material dos primeiros testemunhos existentes da tradução galego-portuguesa do romance arturiano. Após a descoberta dos preciosos fragmentos pergamináceos, tornou-se um dever dar conhecimento da sua condição através de uma descrição codicológica e paleográfica mais profunda. Assim, apesar de existirem outras descrições resumidas da responsabilidade dos primeiros editores dos textos que nestes manuscritos se transmitem, considerámos relevante dedicar-lhes mais do que umas linhas por várias razões.

De facto, estes manuscritos são testemunhos de dois momentos histórico-culturais antes e após o advento da imprensa. No que diz respeito ao primeiro, esta dissertação aborda-os de quatro pontos de vista correspondentes às quatro partes de que se compõe este trabalho (codicologia, paleografia, colação e tradução). Após o advento da imprensa, foram reutilizados na confecção de encadernações, processo que, por um lado, poderá ter assegurado a sua sobrevivência durante séculos, mas que também levou à sua fragmentação. O facto de servirem de encadernação tanto para um livro notarial do século XVII, como para o testamento de um poeta do século XV ou para uma obra significativa do mesmo período indica que, no fundo, as práticas de encapamento permaneceram semelhantes após o advento da imprensa, reaproveitando-se o material sem olhar ao texto que transmitiam.

A observação paleográfica levou-nos a identificar três traçados distintos na escrita dos fragmentos de códices arturianos. A sua análise revelou que o manuscrito ADP, NOT/CNSTS01/001/0012 atesta uma dominante *textualis* invadida de traços cursivos, o que faz com que se enquadrasse no tipo designado *hibrida* específico da Península Ibérica, segundo o sistema de Albert Derolez. No que diz respeito ao manuscrito BC, 2434, atesta-se uma gótica cursiva com traçados próximos da documental coeva e, finalmente, quanto ao manuscrito AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7, tendo como material disponível para a sua análise apenas um fac-símile, pelas razões já expostas, seria inseguro pronunciarmo-nos sobre o tipo de cursiva que representa. Constatámos, todavia, que estamos perante uma cursiva com

características distintas da que se atesta no manuscrito BC, 2434, marcada pela articulação contínua dos traços cursivos redondos de que resulta uma escrita mais ligada, mais compacta. Uma análise paleográfica baseada na observação empírica do manuscrito poderá, numa investigação futura, ser concludente neste aspecto.

A análise codicológica dos três manuscritos permitiu-nos, também, comparar a forma como é dividido o texto dentro da caixa da escrita. Ou seja, no manuscrito de Santi Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012) constatámos uma divisão por parágrafos através de capitais (A, C, M, Q), enquanto nos fragmentos da Biblioteca da Catalunha (BC, ms. 2434) e do Arquivo Hostórico Nacional de Madrid (AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7) encontrámos uma prática divisória por rubricas, atestando uma organização do texto relativamente tardia no romance arturiano. O facto de o manuscrito de Santo Tirso não apresentar a técnica de rubricação pode indiciar a antiguidade do testemunho e/ou da sua fonte directa, dado que só a partir do século XIV se verificou a introdução de rubricas nos manuscritos arturianos franceses. A existência de treze rubricas, introduzindo capítulos no manuscrito de Madrid, num espaço de um bifólio, e de seis no manuscrito da Catalunha, num espaço de um meio fólio e de um bifólio, associada à condensação do próprio texto do manuscrito de Madrid, levou-nos a pôr a hipótese de que o processo de redução do texto pode ter determinado a maior frequência de títulos.

Os elementos evidenciados pela análise codicológica e paleográfica permitiram-nos ainda indiciar como datação, no caso do manuscrito de Santo Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012), os finais do século XIII, inícios do século XIV pela dominante *textualis* e, também, pela ausência de rubricas na organização textual. As características da gótica cursiva atestada no manuscrito da Catamunha (BC, ms. 2434), bem como a existência de rubricas permitem supor que este testemunho poderá situar-se, pelo menos, na primeira metade do século XIV. No que concerne ao manuscrito de Madrid (AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7), pelas particularidades da cursiva destacadas e pela existência de rubricas, poderá apontar para a segunda metade deste século.

Tendo disponíveis documentos coevos assinados e oriundos do *scriptorium* de D. Dinis e partindo do pressuposto de que o rei trovador e a sua corte poderão ter

constituído o primeiro público do romance arturiano em galego-português, procedemos ao estudo comparativo entre os referidos documentos e o manuscrito BC, 2434, procurando compreender se se pode colocar a hipótese de a cópia do códice arturiano ter sido realizada neste meio. Conforme constatámos, a hipótese deveria manter-se, mas só um estudo exaustivo baseado num *corpus* vasto de documentos do *scriptorium* régio e de outros *scriptoria* do espaço galego-português poderá permitir chegar a uma conclusão sobre o lugar de produção deste códice.

Nesta investigação foi também nosso objectivo o estudo do texto que se transmite nos manuscritos descritos nas primeiras duas secções, a saber, o manuscrito de Santo Tirso (*Estória do Santo Graal*), o manuscrito da Catalunha (*Livro de Merlin*) e o manuscrito de Madrid (*Livro de Tristan*). Para estudar os três textos procurámos, por um lado, configurar a fonte francesa que deu origem a cada um e perceber o lugar desta na densa tradição textual das respectivas obras e, por outro, compreender as suas particularidades. Assim, optámos por um método comparativo, colacionando o texto peninsular com os correspondentes franceses para tentar perceber em que ramo se situa a fonte francesa que esteve na base da tradução peninsular de cada texto e, também, as suas especificidades resultantes do acto de cópia/tradução.

Num primeiro momento, o confronto de ST/TT, que parecem decorrer da mesma tradução, com a versão curta representada por So e a versão mista atestada por Po, permitiu-nos identificar a família em que se inseria o original francês do texto peninsular. Assim, a fonte francesa que deu origem à tradução peninsular da *Estória do Santo Graal* pode situar-se no ramo das versões breves, contendo embora elementos comuns à versão mista, o que se poderá explicar pelo facto de remontar a uma fase anterior à diversificação das versões.

Num segundo momento, o confronto do *Livro de Merlin* com os testemunhos de Cambridge e Huth na parte que narra a história do príncipe Anasten permitiu-nos determinar que existe uma afinidade maior entre o testemunho peninsular e a versão de Cambridge (trans. Amadeu-J. Soberanas, 1979). A comparação do episódio da *Roche aux Pucelles* apenas com a versão transmitida pelo manuscrito BNF, fr. 112 (ed. Gilles Roussineau, 1996), revelou, em primeiro lugar, a importância deste para a tradição textual da *Suite du Merlin* por ser o único do âmbito francês a transmitir a mesma narrativa que a tradução peninsular e, em segundo lugar, por mostrar, através dos afastamentos verbais e textuais, que a fonte francesa a montande de LM não

pertencia ao mesmo ramo que o testemunho parisiense. Por outro lado, constatámos, também, que nem os manuscritos contemplados no confronto da primeira narrativa, nem o da segunda passagem podem ter constituído a fonte da tradução peninsular. Além disso, a fonte francesa que deu origem à tradição peninsular era mais completa do que todos os testemunhos franceses que chegaram até aos nossos dias, visto que incluía os dois episódios em causa.

Num terceiro momento desta análise, o confronto de várias redacções do *Tristan en prose* com a tradução peninsular revelou que nenhuma daquelas pode ter representado a sua fonte. Constatámos também que existe um número elevado de lições comuns a LT e a dois dos testemunhos consultados, ou seja, os manuscritos BNF, fr. 750 e 2542, Viena (ed. Philippe Ménard, 1987). Este facto permitiu-nos verificar que é possível que o seu antepassado se situe bastante próximo da fonte francesa que deu origem à tradução peninsular. Por outro lado, o manuscrito de Paris revela uma versão com a mesma sequência narrativa que LT e, além disso, apresenta também um número elevado de lições comuns com a tradução peninsular. Assim, a hipótese de o arquétipo do ms. BNF, fr. 750 estar próximo da fonte francesa que originou a tradução peninsular não deve ser posta de parte.

Além de determinar o perfil de cada fonte francesa que deu origem à tradução peninsular dos textos estudados, foi também nosso propósito compreender as especificidades decorrentes do acto de tradução, ou seja, se o texto de chegada se revelara inovador face ao de partida ou se, pelo contrário, se pautara por uma atitude de fidelidade. Procurámos ainda traçar o(s) perfil(s) do tradutor.

O confronto dos textos peninsulares com os correspondentes franceses permitiu-nos detectar técnicas idênticas de tradução em ST/TT, LM e LT. Assim, através dos procedimentos de ausência por redução e de reformulação sintética deve ter-se procurado a contracção lexical de que decorre uma expressão económica e, através da técnica de amplificação, pode ter-se tentado facilitar a compreensão do conteúdo original nos casos em que este parece carecer de clareza.

Por outro lado, verificou-se, também, que ST/TT e LM, nas porções de texto conservadas, se mantêm, de um modo geral, mais fiéis no plano da forma face aos textos franceses consultados do que LT. Conforme constatámos, neste último não só operou uma redução sistemática de elementos relacionados com as cenas bélicas,

como não menciona os escudeiros de Lancelot. No seu todo, o texto tristaniano revelou-se mais redutor do que ST/TT e LM, verificando-se ausências de segmentos mais compósitos, o que nos levou a crer que estas modificações foram feitas em território peninsular.

Todavia, dado que se conservam unicamente testemunhos tardios da tradição textual francesa do *Tristan en prose*, não podemos afastar definitivamente a hipótese de uma fonte francesa, igualmente breve e anterior às redacções francesas que chegaram até aos nossos dias, poder ter dado origem ao texto peninsular.

Por outro lado, com a análise paleográfica do manuscrito de Madrid (AHNM, Larg. Carp. 1501 B, n. 7), assinalámos um conjunto de elementos que nos permitiram ponderar a hipótese de a economia do texto redigido se poder relacionar com certas condições de ordem material. Referimo-nos ao traço contínuo da letra que denota uma escrita mais rápida; uma letra mais compacta, mais miúda, de hastes ascendentes e descendentes menos elaboradas em comparação com o manuscrito da Catalunha (BC, 2434), de que resulta um maior número de palavras na linha e um maior número de linhas na caixa da escrita. Assim, todos estes elementos paleográficos podem indiciar que a condensação do texto tristaniano pode ter sido induzida também por condicionantes de ordem material, ou seja, pelo facto de haver apenas uma quantidade diminuta de pergaminho disponível para a cópia do texto.

Nesta investigação foi também nosso propósito identificar o(s) perfil(s) do tradutor dos textos peninsulares. O confronto de um conjunto de casos lexicais e unidades sintagmáticas presentes em todos os textos analisados permitiu-nos delinear perfis e atitudes distintos na tradução dos textos arturianos para galego-português. Conforme já constatámos, para além do carácter mais conservador no plano da forma de ST/TT e LM relativamente a LT, existem inovações em todos os três textos. Assim, verificámos que LM se opõe a LT pela ausência de equivalente dos títulos de cortesia “don” / “senhor”, correspondendo a “monseigneur” / “sire”, no primeiro. Um outro ponto de divergência entre estes textos encontra-se nas soluções de tradução “amjgo” ou “caualeiros” por “compagnons” em LM, enquanto LT equivale por “conpaneiro”. No que respeita às formas de tratamento, a singularidade de LM pode ter-se fundamentado numa atitude, por parte do tradutor, de igualdade no tratamento das personagens. Esta atitude pode, assim, ter sido induzida pelo perfil socio-cultural

do próprio tradutor. Em relação às opções de tradução do vocábulo "compagnons" podem ser motivadas pelo valor semântico que o tradutor pretende realçar. Daí decorre a liberdade que o tradutor se pode permitir ao "interpretar" o (con)texto de partida.

Existe um outro caso de tradução que determina a oposição, desta vez, entre a ST/TT e LM. Conforme constatámos, o vocábulo "meesmo" representa, numa das ocorrências de ST/TT, o correspondente literal de "mesmes", enquanto em LM se apresentam diversas soluções, a saber, "osmou", "aquel" / "aquela", como equivalente do mesmo.

Ainda sobre o perfil do tradutor de LM e LT, verificámos que diversas soluções de tradução — a utilização do vocábulo "senhor" enquanto equivalente de "dame" em LM ou as lições exclusivas dos textos peninsulares "fora do comjo" (LM) e "fora da uilla" (LT) —, parecem ser modelos de expressão que mergulharam na lírica trovadoresca.

Todos estes elementos abonam a favor da hipótese de a tradução do romance arturiano pode ter sido a incumbência de mais do que um tradutor ou, pelo menos, parecem destacar-se três atitudes distintas no que diz respeito à forma de solucionar os mesmos vocábulos e/ou construções sintagmáticas.

Siglas utilizadas

ANTT — Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ADB — Arquivo Distrital de Braga

ADP — Arquivo Distrital do Porto

AHNM — Arquivo Histórico Nacional de Madrid

BC — Biblioteca da Catalunha

BNF — Biblioteca Nacional de França

DD — Documentos D. Dinis

ST — Ms. de Santo Tirso, Arquivo Distrital do Porto, NOT / CNSTS01 / 001 / 0012.

TT — Ms. 643, Arquivo Nacional da Torre do Tombo; Ver também: Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

LM — Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha; Ver também: Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. A. (eds. 2001), ***Livro de Tristan*** *e* ***Livro de Merlin***. *Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia.

LT — Arquivo Histórico Nacional de Madrid, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7; Ver também: fac-símile, Pensado Tomé, José L. (1962), "Fragmento de um *Livro de Tristan* galaico-portugués", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Anejo XIV, Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Gallegos; Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. A. (eds. 2001), ***Livro de Tristan*** *e* ***Livro de Merlin***. *Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia.

So — Sommer, Oskar H. (ed. 1909-1917), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, *Lestoire del Saint Graal*, vol. I, Washington, The Carnegie Institution of

Washington.

Po — Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *L'Estoire del Saint Graal*, vol. I, Paris, Ed. Honoré Champion.

Bibliografia

Manuscritos

Arquivo Distrital do Porto, ms. NOT / CNSTS01 / 001 / 0012 [*capa*]
Arquivo Histórico Nacional Madrid, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7
Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ms. 643
Biblioteca da Catalunha, ms. 2434
BNF, ms. fr. 99
BNF, ms. 112
BNF, ms. 113-116
BNF, ms. fr. 750
BNF, ms. fr. 756
BNF, ms. fr. 758
Paris, Arsenal, 3357
ANTT, *Chancelaria de Afonso III*, *Livros I-III*
ANTT, *Chancelaria de D. Dinis*, *Livros I-IV*
ANTT, gav. 3, n.º 4, n.º 10
ANTT, gav. 3, n.º 3, n.º 15
ANTT, Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 2
ANTT, Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 6
ANTT, Ordem de Avis e Convento de S. Bento de Avis, mç. 4, n.º 369 ou mç. 3, n.º 292 (translado)
ADB, gav. 2ª das Igrejas, n.º 92

Edições

Bohigas Balaguer, Père (ed. 1957-1962), *El baladro del Sabio Merlín según el texto de la edición de Burgos de 1498*, Barcelona, Selecciones Bibliófilas, Segunda Serie, 3 vols.

Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *El baladro del Sabio Merlín, primera parte de la Demanda del Sancto Grial, Libros de caballerías. Primera parte: Ciclo artúrico*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles 6, (réédition de l'édition de Séville, 1535).

Bonilla y San Martín, Adolfo (ed. 1907), *La Demanda del Sancto Grial con los maravillosos fechos de Lanzarote y de Galaaz su hijo. Segunda parte de la Demanda del Sancto Graal*, Madrid, Bailly y Beilliére.

Bishop, Tracy Van (ed. 2002), *A Parallel Edition of the Baladro del sabio Merlin: Burgos 1498 and Seville 1535*. A dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy (Spanish) at the University of Wisconsin-Madison.

Carter, Henry Hare (ed. 1967), *The Portuguese Book of Joseph of Arimathea*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press.

Curtis, Renée L. (ed. 1963-1985), *Le Roman de Tristan en prose*, vol. I-III, Cambridge, D.S. Brewer.

Lorenzo Gradín, Pilar / Souto Cabo, J. António (eds. 2001), ***Livro de Tristan*** *e* ***Livro de Merlin***. *Estudio, edición, notas e glosario*, Santiago de Compostela, Centro de Ramón Piñero para a Investigacións en Humanidades, Xunta de Galicia.

Löseth, Eilhert (1890), *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise - analyse critique d'après les manuscrits de Paris*,

Paris, E. Bouillon.

Ménard, Philippe (ed. 1987), *Le Roman de Tristan en prose*: *Des aventures de Lancelot à la fin de la Folie de Tristan*, vol. I, Genève, Droz.

Nunes, Irene Freire (ed. 2005), *Demanda do Santo Graal*, 2.ª ed. revista, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Paris, Gaston / Ulrich, Jacob (eds. 1886), *Merlin, roman en prose du XIIIe s. publié avec la mise en prose du poème de Robert de Boron d'après le manuscrit appartenant à M. Alfred Huth*, Paris.

Pensado Tomé, José L. (1962), "Fragmento de um *Livro de Tristan* galaico-portugués", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Anejo XIV, Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Gallegos.

Ponceau, Jean-Paul (ed. 1997), *L'Estoire del Saint Graal*, 2 vols., Paris, Ed. Honoré Champion.

Roussineau, Gilles (ed. 1996), *La Suite du Roman de Merlin*, Genève, Droz, 2 vols.

Sommer, Oskar H. (ed. 1908-1916), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, vol. I, *Lestoire del Saint Graal*, Washington, The Carnegie Institution of Washington.

Sommer, H. Oskar (ed. 1913), "Die Abenteuer Gawains, Ywains und Le Morholts mit den drei Jungfrauen aus der Trilogie (Demanda) des Pseudo-Robert de Boron die Fortsetzung des Huth-Merlin nach der allein bekannten HS. Nr. 112 der Pariser National Bibliothek Herausgegeben", *Beihefte zur Zeitschrift für romanische Philologie*, 47. Também disponível em: http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k24848j/f2.image.r=H+O+Sommer.langPT.

Outras edições de obras arturianas

Alvar, C. / Lucía Megías, J. (eds. 1999), "Tristán de Leonís", *Revista de Literatura Medieval*, IX, pp. 9-135.

Bogdanow, Fanni (1965), *La Folie Lancelot. A Hitherto unidentified portion of the Suite du Merlin contained in MSS. B. N. fr. 112 and 12599*, Tübingen, Max Niemeyer.

Frappier, Jean (1964), *La Mort le Roi Artu. Roman du XIIIème siècle*, Genève/Paris, Droz/Minard, 3ª ed.

Ménard, Philippe (dir. ed. 1997-2003), *Le Roman de Tristan en Prose* (version du ms. 757 de la Bibliothèque nationale de Paris), Paris, Champion, vol. I, ed. par Joël Blanchard et Michel Quéreuil (1997); vol. II, ed. par Noëlle Laborderie et Thierry Delcourt (1999), vol. III, ed. par Jean Paul Ponceau (2000), vol. IV, ed. par Monique Léonard et Francine Mora (2003).

Micha, Alexandre (ed. 1978-1983), *Lancelot. Roman en prose du XIIIème siècle*, 9 vols., Genève, Droz.

Micha, Alexandre (1979), *Merlin. Roman du XIIIème siècle*, Genève, Droz.

Pauphilet, Albert (réimpr. 1984), *La Queste del Saint Graal*, Paris, Champion.

Pietsch, K. (1924-1925), *Spanish Grail Fragments: El Libro de Joseph Abarimathia, la Estoria de Merlin, Lançarote*, Chicago, Univ. Press, The Modern Philology Monograpfs of the Univ. of Chicago.

Estudos

Abi-Sâmara, Raquel, *Martin Luther – "efeito de distanciamento" e camadas temporais*

na tradução, http://www.abrapa.org.br/cd/pdfs/Abi-Samara-S6-Raquel.pdf (25.V.2012).

Ailenii, S. (2009), "O arquétipo da tradução galego-portuguesa da *Estoire del Saint Graal* à luz de um testemunho recente". *Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade 2007-2008*, coord. Maria do Rosário Ferreira, José Carlos Miranda e Ana Sofia Laranjinha. Disponível em: http://seminariomedieval.com/ineditos.html (*Guarecer* on-line) e posteriormente publicado em *Revista Galega de Filoloxía*, nº 10, 2009, pp. 11-38.

Ailenii, S. (2009), "Traducerea onomasticii în *Cartea lui Tristan* din franceză în galiciano-portugheză", *Spațiul lingvistic și literar românesc în orizont european*, *Lucrările Sesiunii de comunicări din cadrul Zilelor Universității "Alexandru Ioan Cuza" Iași*, org. Luminița Cărăușu, Lăcrămioara Petrescu, Iași, pp.178-185.

Ailenii, S. (2010a), "O Fragmento do *Livro de Tristan*. Aspectos de *collatio* e tradução", *Actas del XIII Congreso Internacional Asociación Hispánica de Literatura Medieval. In memoriam ALAN DEYERMOND*, José Manuel Fradejas Rueda, Déborah Dietrick Smithbauer, Demetrio Martín Sanz, Mª Jesús Díez Garretas (eds.), Valladolid, Universidade de Valladolid, pp. 287-297.

Ailenii, S. (2010b), "Testemunhos arturianos galego-portugueses", *Language and Literature-European Landmarks of Identity*, Pitești, University of Pitești, vol. I, pp. 134-140.

Ailenii, S. (2011), "*Livro de Merlin* galicien-portugais. Quelques aspects de *collatio* et traduction", *Temps et mémoire dans la littérature arthurienne*, *Actes du colloque international de la Branche roumaine de la Société Internationale Arthurienne, Bucharest, 14-15 mai, 2010*, Bucarest, Editura Universității din București, pp. 346-356.

Alvar, Carlos *et alii* (1994), "Manuscritos románicos no castellanos. Presentación", *Revista de Literatura Medieval*, VI, pp. 185-191. Também disponível em:

http://dspace.uah.es/jspui/bitstream/10017/5226/1/Manuscritos%20Románicos%20no%20Castellanos.%20Presentación.pdf (20.XII.2010).

Alvar, Carlos (2010), *Traducciones y Traductores. Materiales para una historia de la traducción en Castilla durante la Edad Media*, Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos.

Álvarez Márquez, M.ª del Carmen (1985), "Escritura latina en la Plena y Baja Edad Media: la llamada "gótica libraria" en España", *Historia, instituciones, documentos*, 12, pp. 377-400.

Antonino de Florença, Santo (1491), *Chronicon*, Basilea, Bicolaus Kesler, Segunda Parte, Título XI, Capítulo II.

Azevedo, Maia Clarinda (1997), *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI com referência à situação do galego moderno*, reimpr. da edição do INIC(1986), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Ballard, Michel (1995), *De Ciceron a Benjamin. Traducteurs, traductions, réflexions*, Lille, Presses Universitaires de Lille.

Baumgartner, Emmanuèle (1975), *Le **Tristan en prose**: essai d'interprétation d'un roman médiéval*, Genève, Librairie Droz.

Beltrán, R. (1996), "Itinerario de los Tristanes", *Voz y Letra*, [Vol] 7, pp. 17-44.

Bischoff, Bernhard (1985), *Paléographie de l'Antiquité romaine et du Moyen Âge occidental*, Paris, Picard.

Blecua, Alberto (1983), *Manual de crítica textual*, Madrid, Editorial Castalia.

Bogdanow, Fanni (1959), "The *Suite du Merlin* and the Post-Vulgate Roman du Graal", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Loomis Roger, Oxford, pp. 325-335.

Bogdanow, Fanni (1960a), "The relationship of the Portuguese *Josep Abarimatia* to the extant French MSS. of the *Estoire del Saint Graal*", *Zeitschrift für romanische Philologie*, 76, pp. 343-375.

Bogdanow, Fanni (1960b), "Essai de classement des manuscrits de la *Suite du Merlin*", *Romania*, 81, pp. 188-198.

Bogdanow, Fanni (1966), *The Romance of the Grail*, New York, Manchester University Press, Barnes & Noble, INC.

Brea, Mercedes (coord., 1996), *Lírica Profana Galego-Portuguesa*, vol. 1, Santiago de Compostela, CIRP, Xunta de Galicia.

Busby, Kieth (1999), "Rubrics and the Reception of Romance", *French Studies*, LIII (2), Society for French Studies, pp. 129-141.

Casamassima, Emanuele (1963), "Note sul metodo della descrizione dei codici", *Rassegna degli Archivi di Stato*, XXIII, nr. 2, pp. 181-205.

Cartas de San Jerónimo (ed. 1962), Edición bilingüe. Introdución, versión y notas por Daniel Ruiz Bueno, Madrid, Editorial Catolica, I vol., pp. 486-504.

Castro, Ivo (1983), "Sobre a Data da Introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata", *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1, pp. 81-98.

Castro, Ivo (1984), *Livro de José de Arimateia: estudo e edição do cod. ANTT 643* (tese policopiada), Lisboa, Universidade de Lisboa.

Castro, Ivo (1988), "Remarques sur la tradition manuscrite de l'*Estoire del Saint Graal*", *Homenagem a Joseph M. Piel por ocasião do seu 85.º aniversário*, ed. D. Kremer, Tubingen, Max Niemayer, pp. 195-206.

Castro, Ivo (1991), *Curso de história da língua portuguesa*, colab. de Rita Marquilhas, J. Léon Acosta, Lisboa, Universidade Aberta.

Castro, Ivo (1993a), "Matéria de Bretanha", *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, trad. José Colaço Barreiros, Artur Guerra, Lisboa, Caminho, pp. 445-450.

Castro, Ivo (1993b), "Livro de José de Arimateia", *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, trad. José Colaço Barreiros, Artur Guerra, Lisboa, Caminho, pp. 409-411.

Castro, Ivo (1998), "O fragmento galego do *Livro de Tristan*", *Homenaxe a Ramón Lorenzo*, I, D. Kremer ed., Vigo, pp. 135-149.

Castro, Ivo (2007), "Josefes caminha sobre as águas", *eHumanista*, vol. 8, pp. 28-37.

Cazacu, Boris (1960), "Influența latină asupra limbii și stilului lui Miron Costin", *Studii de limbă literară. Probleme actuale ale cercetării ei*, București, Editura de Stat pentru Literatură și Artă, pp. 83-110.

Ciceronis, M. Tulli (ed.1889), *Libellus De Optime Genere Oratorum*, Edmundus Hedicke Recensuit, Soraviae Lusatorum Impressit J. D. Rauert.

Cintra, Lindley (2009), *Crónica Geral de Espanha de 1344*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Copeland, Rita (1991), *Rhetoric, hermeneutics and translation in the Middle Ages. Academic translations and vernacular texts*, Cambridge, Cambridge University Press.

Correia, Isabel Sofia Calvário (2004), "O Graal no *Livro de José de Arimateia*, versão Portuguesa da *Estoire del Saint Graal*", *Espéculo. Revista de estudios literarios*, Universidad Complutense de Madrid.
Disponível em http://www.ucm.es/info/especulo/numero26/graal.html.

Correia, Isabel Sofia Calvário (2010), *Do Lancelot ao Lançarote de Lago: tradição textual e difusão da versão do ms. 9611 BNE*, [tese policopiada], Porto, Universidade do Porto.

Correia, Isabel Sofia Calvário / Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), "Os fragmentos A19 da BGUC e a tradição textual do *Lancelot*". *Guarecer* on-line. Disponível em www.seminariomedieval.com (3.I.2012).

Coseriu, Eugenio (1977a), "Acerca de la teoría del lenguaje de Juan Luis Vives", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, Madrid, Editorial Gredos, pp. 62-85.

Coseriu, Eugenio (1977b), "Vives y el problema de la traducción", *Tradición y novedad en la ciencia del lenguaje*, Madrid, Editorial Gredos, pp. 86-101.

Costa, Avelino de Jesus (1997), *Álbum de Paleografia e Diplomática portuguesas*, 6ª ed., Coimbra, IDP da FLUC, estampa n.º 88: 1299 Nov. Portalegre — D. Dinis doa à Ordem de Avis o padroado da igreja de Santa Maria do Castelo de Portalegre e de todos os templos sujeitos a ela. (T. T., Ordem de Avis, m. 2, n.º 82); estampa n.º 91: 1309 Ag. 26, Torres Vedras - *Inquérito sobre os rendimentos das quatro freguesias da vila de Torres Vedras* (T. T., Colegiada de S. Miguel de Torres Vedras, *<<Livro das emquirições>>*, fl.1).

Cruz, António (1987), *Paleografia portuguesa*, Porto, Cadernos Portucale.

Cuesta Torre, M. L. (1993), "Traducción o recreación: en torno a las versiones hispánicas del Tristán en prosa", *Livius*, 3, pp. 65-75.

Cuesta Torre, M. L. (1999), "Problemas para la edición de las *traducciones* medievales de la *Materia de Bretaña*", *Actas del I Congresso de jóvenes filólogos. Edición e anotación de textos. A Coruña, 25-28 de septiembre de 1996*, ed. Carmen Parrilla *et alii*, A Coruña, Universidade da Coruña, Publicacións da Universidade, vol. I, pp. 193-205.

Cuesta Torre, M. L. (2002), "Tristán de Leonís", *Diccionario filológico de literatura medieval española*. *Textos y transmission*, org. José Manuel Lucía Megías, Carlos Alvar Ezquerra, Madrid, Editorial Castalia, pp. 972-978.

Curtis, Renée L. (1958), "The Problems of the Authorship of the Prose Tristan", *Romania*, LXXIX, pp. 314-338.

Curtis, Renée L. (1963), "Les deux versions du Tristan en prose: Examen de la théorie de Löseth", *Romania*, 84, pp. 360-398.

Curtis, Renée L. (1988), "A Romance within a Romance: the place of the *Roman du Vallet a la Cote Maltailliee* in the *Prose Tristan*", *Studies in Medieval French Language presented to Brian Woledge in Honour of his 80th Birthday*, ed. Sally Burch North, Genève, Droz, pp. 17-35.

Curtius, Ernest (1967), *European Literature and the Latin Middle Ages*, New York, Princeton University Press.

Derolez, Albert (2003), *The Paleography of Gothic Manuscript Books*, Cambridge, Cambridge University Press.

Deyermond, Alan (1997), "Obras artúricas perdidas en la Castilla medieval?", ***Anclajes***.

Revista del Instituto de Análisis Semiótico del Discurso, I. 1, pp. 95-114.

Dias, Aida Fernanda (2003-2006), "A matéria da Bretanha em Portugal: relevância de um fragmento pergamináceo", *Revista Portuguesa de Filologia, Miscelânea de estudos in memoriam José G. Herculano de Carvalho*, Coimbra, vol. XXV, tomo I, pp. 145-221.

Duarte, Rei de Portugal (1999), *Leal Conselheiro*. Edição crítica, introd. e notas de Maria Helena Lopes de Castro, prefácio de Afonso Botelho, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 362-370.

Entwistle, William (1942), *A lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa.

Faulhaber, Charles (1997), "Sobre la cultura ibérica medieval: Las lenguas vernáculas y la traducción", *Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Alcalá de Henares, Universidad de Alcalá, pp. 587-597.

Fernández-Ordóñez, Inés (2006), "Transmisión manuscrita y transformación "discursiva" de los textos", J. J. de Bustos Tovar y J. L. Girón Alconchel, *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, Madrid, Arco/Libros, III, pp. 3033-3045.

Ferreira, Mª do Rosário (2010), "*Aqui, alá, alhur*: reflexões sobre poética do espaço e coordenadas do poder na *Cantiga de Amigo*", *Aproximacións ao estudo do Vocabulario Trobadoresco*, ed. Mercedes Brea e Santiago Lopes Martínéz-Morás, Santiago do Compostela, Centro Ramón Piñeiro, pp. 209-225. Disponível em: http://www.cirp.es/pub/docs/argamed/estudo_vocabulario_trobadoresco.pdf#page=210

Ferreira, Manuel Pedro (2005), *Cantus coronatus: 7 cantigas d'El-Rei Dom Dinis*, Kassel, Edition Reichenberger.

Folena, Gianfranco (1994), *Volgarizzare e Tradurre*, Torino, Piccola Biblioteca Einaudi.

Frappier, Jean (1959), "The Vulgate Cycle", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Loomis, Roer, XVII/3, pp. 535-554.

Frappier, Jean (1968), *Étude sur la Mort le roi Artu*, seconde édition revue et augmentée, Genève.

Frâncu, Constantin (1979), *Curs de lingvistică generală*, Iași, Editura Universității "Alexandru Ioan Cuza" din Iași.

Frâncu, Constantin (1998), *Reflecții asupra limbajului din Antichitate pînă la Kant*, Iași, Casa Editorială "Demiurg".

Frâncu, Constantin (2005), *Evoluția reflecțiilor privind limbajul din Antichitate pînă la Saussure*, Casa Editorială "Demiurg".

Furlan, Mauri (2003), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: I. Os Romanos", *Cadernos de Tradução nº VIII*, Florianópolis, PGET, pp. 11-28.

Furlan, Mauri (2004), "A teoria de tradução de Lutero", *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*, Annete Endruschat & Axel Schönberger (orgs.), Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea, pp. 11-21.

Furlan, Mauri (2005), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: II. Idade Média", *Cadernos de Tradução nº XII*, Florianópolis, PGET, pp. 9-28.

Furlan, Mauri (2005), "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente: III. Final da Idade Média e o Renascimento", in *Cadernos de Tradução nº XIII*, Florianópolis, PGET, pp. 9-25.

Gafton, Alexandru (2005), *După Luther*. *Traducerea vechilor texte biblice*, Iași, Editura Universității "Alexandru Ioan Cuza, Iași".

Gafton, Alexandru (2009a), "La traduction du texte sacré: entre contraintes et libertés", *Actes du 1er Colloque International* ***Perspectives contemporaines sur le monde médiéval***, n.º 1, pp. 29-32.

Gafton, Alexandru (2009b), "Relația dintre sursele traducerilor biblice și concepția de la baza acestora", *Text și discurs religios. Lucrările Conferinței Naționale, ed. I, Iași, 5-6 decembrie 2008*, Iași, Editura Universității Alexandru Ioan Cuza, pp. 125-134.

Gafton, Alexandru (2010), "La traduction en tant que lettre et la glose en tant qu'esprit", *Language and Literature-European Landmarks of Identity*, Pitesti, University of Pitesti, vol. I, pp. 7-17.

García de Lucas, César (1997), *La Materia de Bretaña del Manuscrito 1877 de la Biblioteca Universitaria de Salamanca* [tesis doctoral], Alcalá, Universidad de Alcalá.

García Yebra, Valentín (1979-1980), "Cicerón y Horacio preceptistas de la traducción?", *Cuadernos de Filologia Clásica*, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, vol. XVI, pp. 139-154.

García Yebra, Valentín (1982), *Teoría y prática de la traducción*, 2 vols., Madrid, Editorial Gredos.

García Yebra, Valentín (1983), *En torno a la traducción*, Madrid, Editorial Gredos.

García Yebra, Valentín (1994), *Traducción: historia y teoría*, Madrid, Editorial Gredos.

García Yebra, Valentín (2004), *Traducción y enriquecimento de la lengua del traductor*, Madrid, Editorial Gredos.

Gillisen, Léon (1991), "Analyse et évolution des formes graphiques", *Anuario de*

Estudios Medievales, vol. 21, pp. 323-346.

Gracia, Paloma (1996), "El ciclo de la Post-Vulgata artúrica y sus versiones hispánicas", *Voz y Letra*, VII/I, pp. 5-15.

Guillerm, Luce (1984), "L'intertextualité démontée: le discours sur la traduction", *Littérature*, 55, pp. 54-63.

Guerra, António J. R., "Contribuições para a Análise Material e Paleográfica do Fragmento Sharrer", *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. I, Sessões Plenárias, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 31-34.

Guina, Nuno Garcia (1992), *Levantamento de manuscritos em capas de livros notariais do Arquivo Distrital do Porto, cartórios de Santo Tirso e Penafiel*, [texto policopiado], Coimbra, Universidade de Coimbra.

Gutiérrez García, Santiago / Lorenzo Gradín, Pilar (2001), *A Literatura Artúrica en Galicia e Portugal na Idade Media*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.

Gutierrez-García, Santiago / Lorenzo Gradín, Pilar (2001), *A Literatura Arturica en Galicia e Portugal na Idade Media, Santiago de Compostela*, USC.

Horácio (ed. 1965), *Arte poética*. Colecção Bilingue. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira.

Huber, Joseph (2006), *Gramática do Português Antigo*, 2.ª ed., trad. Maria Manuela Gouveia Delille, Lisboa, Gundação Calouste Gulbenkian.

Jeanrenaud, Magda (2006), *Universaliile traducerii. Studii de traductologie*, Iaşi, Polirom.

Laranjinha, Ana Sofia (2010), *Artur, Tristão e o Graal. A Escrita Romancesca no Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas.

Le Goff, Jacques (1994), *O Imaginário Medieval*, Lisboa, Editorial Estampa.

Lemaire, Jacques (1989), *Introduction à la codicologie*, Louvain, Louvain-La-Neuve.

Lieftinck, Gerard I. (1954), "Pour une nomenclature de l'écriture livresque de la période dite gothique", in *Nomenclature des écritures livresques du IXe au XVIe siècle, Premier colloque international de paléographie latine (Paris, 28-30 avril 1953)*. Paris: Colloques internationaux du C.N.R.S., Sciences humaines, 4, 1954, pp. 15-33.

Longiano, Sebastiano Fausto da (2006), "Diálogo sobre o modo de traduzir de uma língua a outra", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4, *Renascimento*, trad. de Mauri Furlan, Florianópolis, NUPLITT, pp. 321-373.

Longobardi, Monica (1987), "Frammenti di codici in antico francese della Biblioteca Comunale di Imola", *Cultura Neolatina*, vol. 47, pp. 223-255.

Longobardi, Monica (1992), "Nuovi frammenti della Post-Vulgata: la *Suite du Merlin*, la Continuazione della *Suite du Merlin*, la *Queste* e la *Mort Artu* (con l'intrusione del *Guiron*)", *Studi Mediolatini e Volgari*, vol. XXXVIII, pp. 118-155.

Lorenzo Gradín, Pilar / Díaz Martínez, Eva (2004), "El fragmento gallego del *Livro de Tristán*. Nuevas aportaciones sobre la *collatio*", *Romania*, 122, pp. 371-396.

Lorenzo Gradín, Pilar (2005-2006), "Tristán en Portugal. Reescritura y alteración organizativa de las fuentes", *Incipit*, XXV-XXVI, pp. 357-380.

Lucía Megías, José Manuel (2005), "Literatura Caballeresca Catalana: de los Testimonios a la Interpretación (un Ensayo de Crítica Ecdótica), Caplletra (Revista Internacional de

Filologia), 39, Tardor, pp. 231-256". Disponível em: http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_(Caplletra).pdf. (12.IX.2012)

Lot, Ferdinand (1918), *Étude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Champion.

Luther, Martin (2006), "Sendbrief vom Dolmetschen / Carta aberta sobre a Tradução", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4*, Renascimento*, trad. de Mauri Furlan, Florianópolis, NUPLITT, 2006, pp. 95-115.

Luther Martin (2006), "Summarien überdie Psalmen und Ursache des Dolmetschen / Comentários sobre os salmos e os motivos da tradução", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4*, Renascimento*, trad. de Raquel Abi-Sâmara, Florianópolis, NUPLITT, 2006, pp. 136-159.

López Martínez-Morás, Santiago (1999), "Apuntes sobre o Livro de Tristán galego", *Cinguidos por unha arela común: homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, vol. II, Álvarez Rosario e Vilaverdra Rosario (eds.), Santiago de Compostela, Servicio de Publicaciones e Intercâmbio Cientifico, pp. 845-859.

Marques, José (2002), "Práticas paleográficas em Portugal no século XV", *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*, I Série, vol. I, Porto, Faculdade de Letras, pp. 73-96.

Martins, Ana Maria (2007), "O primeiro século do português escrito", *Na nosa lyngoa galega: a emerxencia do galego como lingua escrita na Idade Media*, ed. Ana Isabel Boullón Agrelo, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, Instituto da Lingua Galega, pp. 161-184.

Mattoso, José (1999), "A transmissão textual dos livros de linhagens", *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*, org. I. Hub Faria, Lisboa, Edições

Cosmos, pp. 565-584.

Mattoso, José (coord. 1994), *História de Portugal - A Monarquia Feudal (1096-1480)*, vol. II, colab. Armindo de Sousa, Lisboa, Editorial Estampa.

Meyer, Paul e Gaston, Paris (1897), "Fragment du *Vallet a la cote mal tailliee*", *Romania*, 26, pp. 276-280.

Micha, Alexandre (1957), "Fragment de la Suite-Huth du *Merlin*", *Romania*, 78, pp. 37-45.

Michon, Patricia (1991a), "Le *Tristan* en prose galaico-portugais", *Romania*, 112, pp. 259-268.

Michon, Patricia (1991b), *Aventures chevaleresques dans le Tristan en prose, Pendant la folie de Tristan. Édition critique du texte (Paris, B. N., fr. 335, fol. 166 - 228 vo) d'après tous les manuscrits*, thèse de Doctorat d'État ès Lettres, Paris, Université de Paris-Sorbonne.

Millares Carlo, Agustín / Ruiz Asencio, José Manuel (1983), *Tratado de paleografia española*, Madrid, Espasa-Calpe, 3 vols.

Miranda, José Carlos Ribeiro (1996), "Como o Rei Artur e os Cavaleiros da sua Corte Demandaram o Reino de Portugal", *Colóquio-Letras*, 142, pp. 83-102.

Miranda, José Carlos Ribeiro (1998a), *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito.

Miranda, José Carlos Ribeiro (1998b), *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito.

Miranda, José Carlos Ribeiro (1998), *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, Porto, Granito.

Miranda, José Carlos Ribeiro (2004), *Aurs mesclatz ab argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*, Porto, Edições Guarecer.

Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), "SOMESSO, A DONA E A DONZELA - A Segunda Geração de Trovadores Galego-Portugueses e a Linguagem do Amor". *Guarecer* on-line. Disponível em www.seminariomedieval.com (1.VI.2012).

Morreale, Margherita (1959), "Apuntes para la historia de la Traducción en la Edad Media", *Revista de Literatura*, XV, nr. 29-30, Madrid, Instituto "Miguel de Cervantes" de Filologia Hispanica, pp. 3-10.

Mounin, Georges (1955), *Les belles infidèles*, Paris, Cahiers du Sud.

Mounin, Georges (1986), *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard.

Nascimento, Aires A. (2008), "As voltas do *Livro de José de Arimateia*: em busca de um percurso, a propósito de um fragmento trecentista recuperado", *Península. Revista de Estudos Ibéricos,* n.º 5, pp. 129-140.

Niculescu, Alexandru (1980), "Structuri sinonime binare în stilul lui Dimitrie Cantemir", *Între filologie și poetică*, București, Editura Eminescu, pp. 99-104.

Nida, Eugene A. / Taber, Charles R. (1986), *La Traducción: Teoría y Práctica*, versión española y adaptación de A. de la Fuente Adánez, Madrid, Ediciones Cristiandad, S. L.

Nunes, Borges E. (1981), *Abreviaturas paleográficas portuguesas*, Lisboa, Faculdade de Letras.

Nunes, José Joaquim (1908), "Uma amostra do *Livro de Josep ab Arimatia*", *Revista Lusitana*, XI.

Ordóñez López, Pilar (2009), ***Miseria y esplendor de la traducción**: la influencia de Ortega en la traductología*, Castelló de la Plana, Publicacions de la Universitat Jaume I, D.L.

Ortega y Gasset, J. (2004), "Misère et splendeur de la traduction", *TTR*, Montreal, Association canadienne de traductologie, vol. 17, n.º 1, traduction de Clara Foz. Disponível em http://id.erudit.org/iderudit/011972ar (20.XII.2011).

Paredes, Juan & Muñoz Raya, Eva (eds. 1999), *Traducir la Edad Media. La Traducción de la Literatura Medieval Románica*, Granada, Editorial Universidad de Granada.

Pensado Tomé, José L. (1962), "Fragmento de um *Livro de Tristan* galaico-portugués", *Cuadernos de Estudios Gallegos*, Anejo XIV, Santiago de Compostela, Instituto de Estudos Gallegos.

Pergnier, Maurice, "Introduction: Existe-t-il une science de la traduction?", *Colloque international du CNRS* ***Traduction et traducteur au Moyen Âge***, Paris, Éditions du CNRS, pp. xiii-xxiii.

Petrucci, Armando (1995), *Writers and Readers in Medieval Italy: studies in the history of written culture*, Yale University Press.

Pickford, Cedric Edward (1960), *L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Âge d'après le manuscrit 112 du fond français de la Bibliothèque Nationale*, Paris, A. G. Nizet.

Pio, Carlos (2007), "Da «Estoire del Saint Graal» ao «Livro de José de Arimateia»: as relações entre a edição de Paris de 1516 e o manuscrito português", *Actas del XI*

Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (Univ. de León, 20 al 24 de septiembre de 2005). Armando López Castro y María Luzdivina Cuesta Torre (ed.), León, Universidad de León, pp. 953-958.

Pizarro, J. A. de Sotto Mayor (2005), *D. Dinis*, Mem Martins, Círculo de Leitores.

Rener, Frederick M. (1989), *Interpretatio – language and translation from Cicero to Tytler*, Amsterdam-Atlanta, Rodopi.

Oliveira, António Resende (1994), *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A estrutura dos cancioneiros peninsulares e as recolhas dos séculos XIII e XIV*, Lisboa, Edições Colibri.

Ricoeur, Paul (2005), *Sobre a tradução*, trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa, Cotovia.

Rodríguez, José Luís (1999), "De castelhano para galego-português: as traduções medievais", *Cinguidos por unha arela común: homenaxe ó profesor Xesús Alonso Montero*, vol. II, Álvarez Rosario e Vilavedra Rosario (coords.), Santiago de Compostela, Servicio de Publicaciones e Intercâmbio Cientifico, pp. 1285-1299.

Rossi, L. (1979), *A literatura novelística na Idade Média portuguesa*, trad. Carlos Moura, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa.

Rossi, L. (1993), "Livro de Tristan", *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani, Giuseppe Tavani, trad. José Colaço Barreiros, Artur Guerra, Lisboa, Caminho, pp. 414-415.

Ruiz, Elisa (1988), *Manual de codicología,* Madrid, Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Rubio Tovar, J. (1997), "Algunas características de las traducciones medievales", *Revista de Literatura Medieval*, IX, pp. 197-243.

Santos, Maria José Azevedo (1988), *Da visigótica à carolina. A Escrita em Portugal de 882 a 1172 (Aspectos técnicos e culturais)*, Dissertação de doutoramento em História apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Santos, Maria José Azevedo (2000), *Ler e compreender a escrita na Idade Media*, Coimbra, Edições Colibri.

Sanz Fuentes, M.ª Josefa (1991), "Paleografia de la baja Edad Media castellana", *Anuario de Estudios Medievales*, vol. 21, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, pp. 527-536.

Schleiermacher, Friedrich D. E. (1999), *Des différentes méthodes du traduire et autre texte*, trad. de l'allemand par Antoine Berman et Christian Berner, Paris, Éditions du Seuil.

Serrano y Sanz, Manuel (1928), "Fragmento de una versión galaico-portuguesa de *Lanzarote del Lago*", *Boletín de la Real Academia Española*, Vol. 15, pp. 308-314.

Sharrer, Harvey L. (1977), *A critical bibliography of Hispanic Arthurian material. I. Texts: the prose romance cycles*, London, Grant & Cutler.

Sharrer, Harvey L. (1991), "Fragmentos de Sete Cantigas d'Amor de D. Dinis, Musicadas — uma Descoberta", *Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, vol. I, Sessões Plenárias, Lisboa, Edições Cosmos, pp. 13-29.

Silva, Maria João Oliveira (2010), *A Escrita na Catedral: A Chancelaria Episcopal do Porto na Idade Média (Estudo Diplomático e Paleográfico)*. Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Silva, Rafaela (2009), *Da Bíblia à Estória do Santo Graal. A Linguagem Divina e os*

Sonhos dos Eleitos, [tese policopiada], Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Soberanas, Amadeu-J. (1979), "La version galaïco-portugaise de la *Suite du Merlin*", *Vox Romanica*, XXXVIII, p. 174-193.

Soriano Robles, Lourdes (1999), "La edición del fragmento de la copia gallega del *Libro de Tristán*", *Actas del I Congresso de jóvenes filólogos. Edición e anotación de textos. A Coruña, 25-28 de septiembre de 1996*, ed. Carmen Parrilla *et alii*, A Coruña, Universidade da Coruña, Publicacións da Universidade, vol. II, pp. 667-675.

Soriano Robles, Lourdes (2006), ***Livro de Tristan***. *Contribución al estudio de la filiación textual del fragmento gallego-portugués*, Roma, Edizioni Nuova Cultura.

Souto Cabo, José António (1996), "O <<Testamento de Estévão Peres>> (1230). Aproximação à primeira escrita galego-portuguesa na Galiza", *Revista de Filología Románica*, 13, pp. 123-149.

Souto Cabo, José António (1999), "A Crónica de Santa Maria de Iria: entre tradução e (re)criação", *Traducir la Edad Media. La Traducción de la Literatura Medieval Románica*, Granada, Editorial Universidad de Granada, pp. 405-421.

Souto Cabo, José António (2003), "Nas origens da expressão escrita galego-portuguesa. Documentos do séc. XII", *Diacrítica. Ciências da Linguagem*, 17, pp. 329-385.

Souto Cabo, José António (2004), "Novas perspectivas sobre a génese da *escripta* romance na área galego-portuguesa. Textos e contextos", *Aemilianense* 1, pp. 569-599.

Souto Cabo, José António (2011), "*A cessão do mosteiro de Armeses à condessa Dª Sancha Fernandes* (1222). Intercecções escriturais no primeiro documento romance na Galiza", *Revista Galega de Filoloxía*, 12, pp. 217-243.

Steiner, George (1978), *Après Babel: une poétique du dire et de la traduction*, traduit de l'anglais par Lucienne Lotringer, Paris, Albin Michel.

Stiennon, Jacques (1973), *Paléographie du Moyen Âge*, Paris, Librairie Armand Colin.

Teyssier, Paul (2001), *História da língua portuguesa*, trad. de Celso Cunha, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

Toledo Neto, Silvio Almeida (2012), "Os testemunhos portugueses do *Livro de José de Ariamteia* e o seu lugar na tradição da *Estoire del Saint Graal*: colação de exemplos". Disponível em: http://editora.fflch.usp.br/sites/editora.fflch.usp.br/files/579-589.pdf (16.VIII.2012).

Torrens Álvarez, Jesús María (1995), "La paleografía como instrumento de datación. La escritura denominada littera textualis". *Cahiers de linguistique hispanique médiévale*, 20, pp. 354-380.

Torrens Álvarez, Jesús María (2002), *Edición y estudio linguistico del Fuero de Alcalá (Fuero Viejo)*, Alcalá, Fundación Colegio del Rey.

Valdés, Juan de (2006), "Diálogo da Língua", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4, *Renascimento*, trad. de Mauri Furlan, Florianópolis, NUPLITT, pp. 185-193.

Vàrvaro, A. (1967), "La teoria dell'archetipo tristaniano", *Romania*, LXXXVIII, pp. 13-58.

Ventura, Leontina (2006), *D. Afonso III*, Mem Martins, Círculo de Leitores.

Vinagre, Ana Bela (1995), "Manuscritos de capas de livros paroquiais e notariais do

distrito de Leiria do séc. XII e XIX: inventário preliminar", *Actas do II coloquio sobre a história de Leiria e sua Região*, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, pp. 13-54.

Vinaver, Eugène (1925), *Etudes sur le Tristan en Prose. Les sources, les manuscrits, bibliographie critique*, Paris, Champion.

Vinaver, Eugène (1949), "La genèse de la *Suite du Merlin*", *Mélanges de Philologie romane et de Littérature médiévale offerts à Ernest Hoepffner*, Paris, pp. 295-300.

Vinaver, Eugène (1979), "The Prose Tristan", *Arthurian Literature in the Middle Ages*, ed. Roger Sherman Loomis, Oxford, Clarendon Press, pp. 339-347.

Vivis Valentini, Ioannis Lodovici (1537), *De ratione dicendi*, libri III, cap. 12 *Versiones seu interpretationes*, Coloniae excudebat Ioannes Gymnicus, pp. 337-349.

Vives, Juan Luis (2006), "Versões ou Traduções", *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilíngüe*, vol. 4, *Renascimento*, trad. Mauri Furlan, Florianópolis, NUPLITT, pp. 121-131.

Base de Dados e outros Recursos em Linha

Davies, Mark. (2002-) *Corpus del Español (100 milliones de palabras, siglo XIII - siglo XX)*. Available online at http://www.corpusdelespanol.org.

Davies, Mark and Michael Ferreira. (2006-) *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at http://www.corpusdoportugues.org.

DDGM — *Dicionario de dicionarios do galego medieval - Corpus lexicográfico medieval da lingua galega*, Ernesto González Seoane (coord.), María Álvarez de la Granja, Ana Isabel Boullón Agrelo, Seminario de Lingüística Informática — Grupo TALG / Instituto da Lingua Galega, 2006-2012. Disponível em: sli.uvigo.es/DDGM/

Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500). Disponível em: www.cnrtl.fr/portail/

DGARQ: DIRECÇÃO-GERAL DE ARQUIVOS, TT ONLINE, http://ttonline.dgarq.gov.pt/index.htm

Philobiblon, BITAGAP / Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, http://bancroft.berkeley.edu/philobiblon/bitagap_po.html

TMILG = Varela Barreiro, Xavier (dir.) (2004-): *Tesouro Medieval Informatizado da Lingua Galega*. Santiago de Compostela, Instituto da Lingua Galega. [http://ilg.usc.es/tmilg]. [12-23/12/2007].

www.thelatinlibrary.com/bible.html

Dicionários e Glossários

Corominas, Joan (1980-1991), *Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana*, Madrid, Editorial Gredos, 5. vols.

Corominas, Joan (2006), *Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana*, 3ª ed. muy revisada y mejorada, Madrid, Gredos.

Dubois, Jean et alii. (1994), *Dictionnaire de linguistique et des Sciences du langage*, Paris, Larousse.

Ferreira, António Gomes (1983), *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Editora.

García, Teresa / Tormo, Sabel (1990), *Léxico Francés nos Cancioneiros Galego-Portugueses: Revisión Crítica*, Vigo, Editorial Galaxia.

Godefroy, Frédéric (1881-1902) *Dictionaire de l'Ancienne Langue Française et de Tous ses Dialectes du IXe au XVe Siècle*.
Disponível em http://www.lexilogos.com/francais_dictionnaire_ancien.htm

Houaiss, Antoine (dir. 2003), *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Lisboa, Temas e Debates.

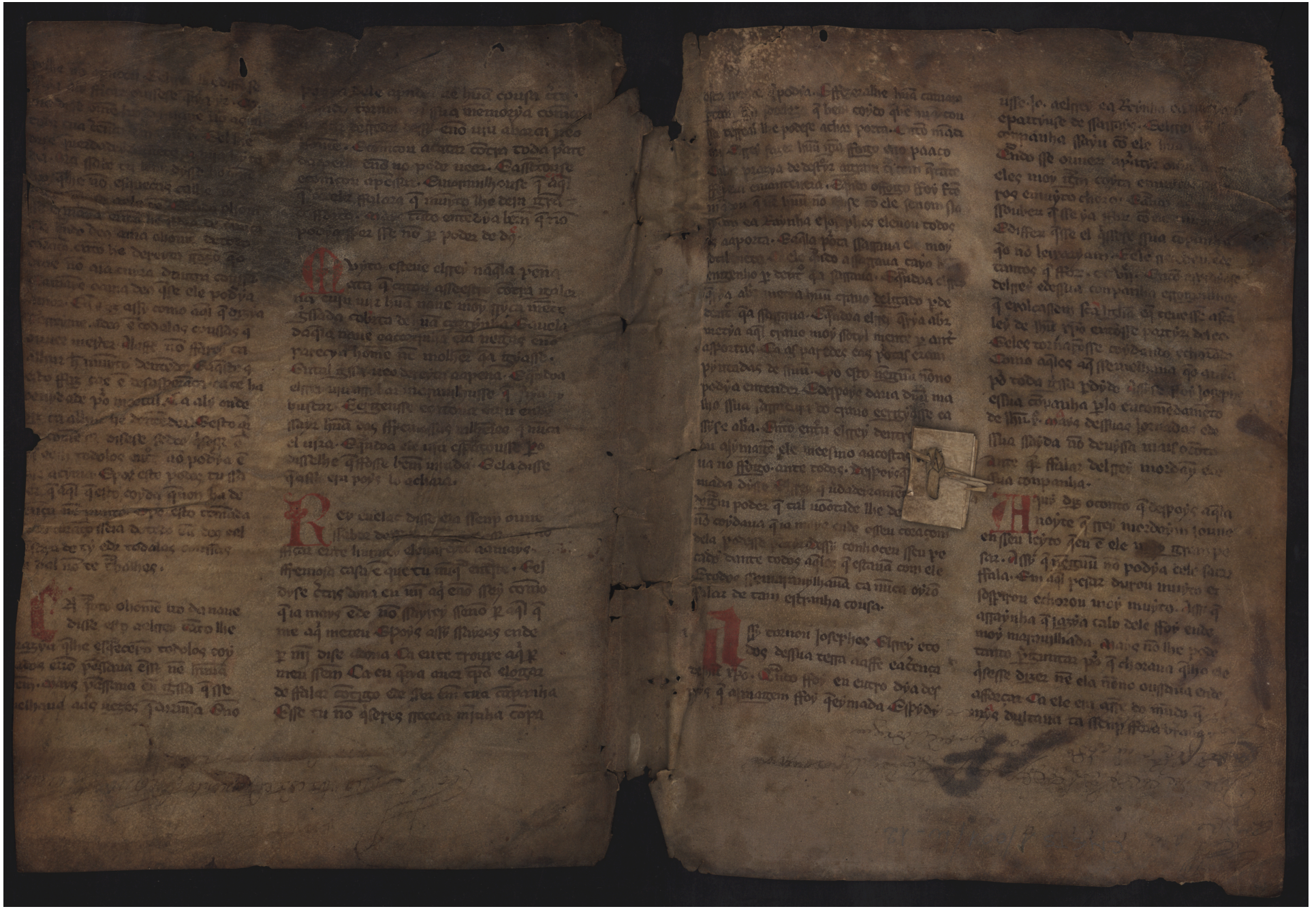
Lorenzo, Ramón (1977), *La Traducción Gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla*, *Glosario*, vol. II, Oriense, Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo".

Meyer-Lübke, W. (1911), *Romanisches Etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, Carl Winter's Universitätsbuchhandlung.

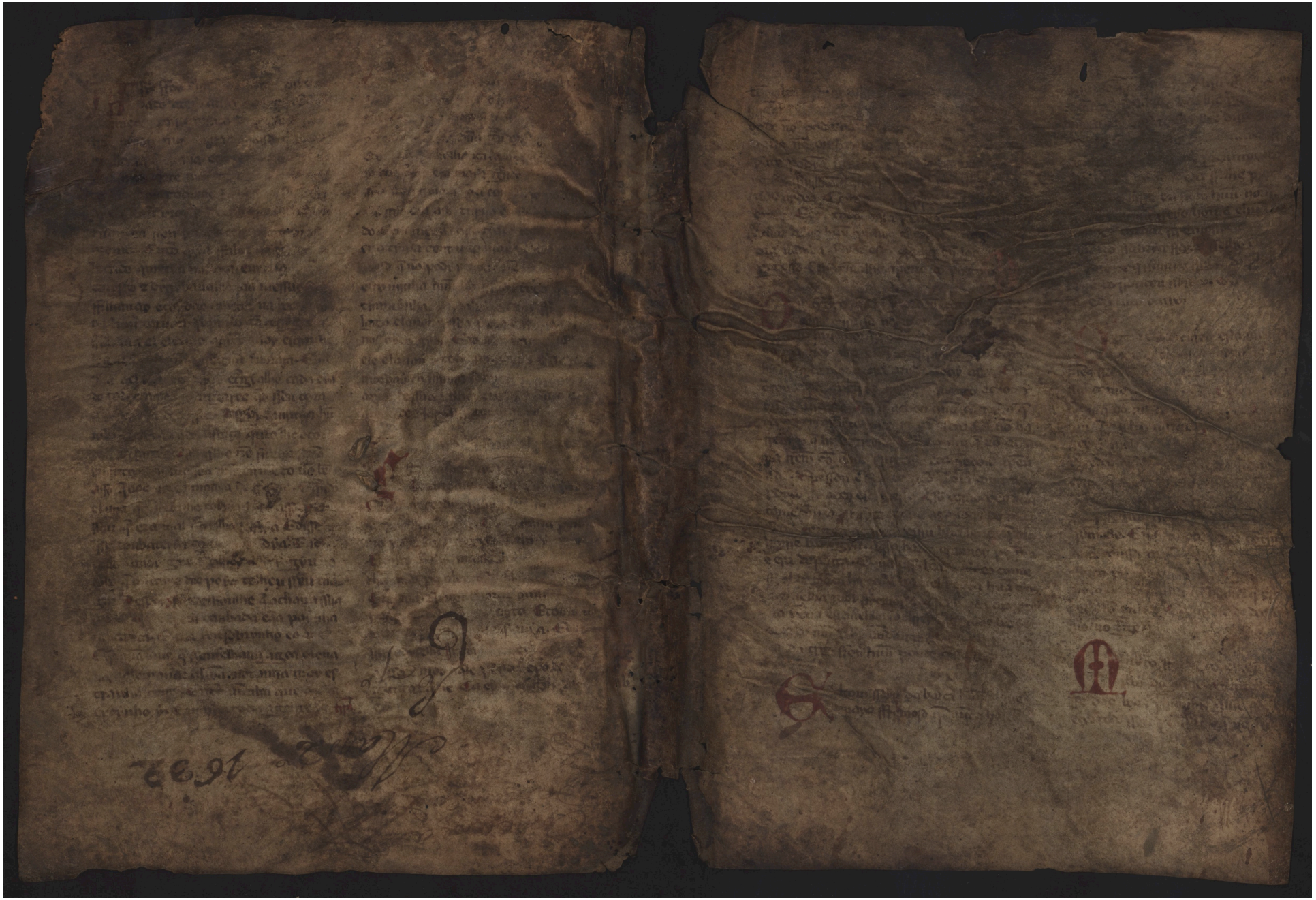
Niermeyer, J. F. (1976), *Mediae Latinitatis Lexicon Minus. Lexique latin médiéval - français/anglais. A Medieval latin-french/english dictionary*. *Abreviationes et index fontium* composuit C. van de Kieft, adiuvante G. S. M. M. Lake-Schoonebeek, Lieden, E. J. Brill.

Regnaud, Paul (1908), *Dictionnaire étymologique du latin et du grec dans ses rapports avec le latin d'aprés la méthode évolutionniste*, Lyon / Paris, A. Rey, Éditeur / Librairie E. Leroux.

Apêndice 1



Arquivo Distrital do Porto, NOT/CNSTS01/001/0012,
f. 2v, f. 1r

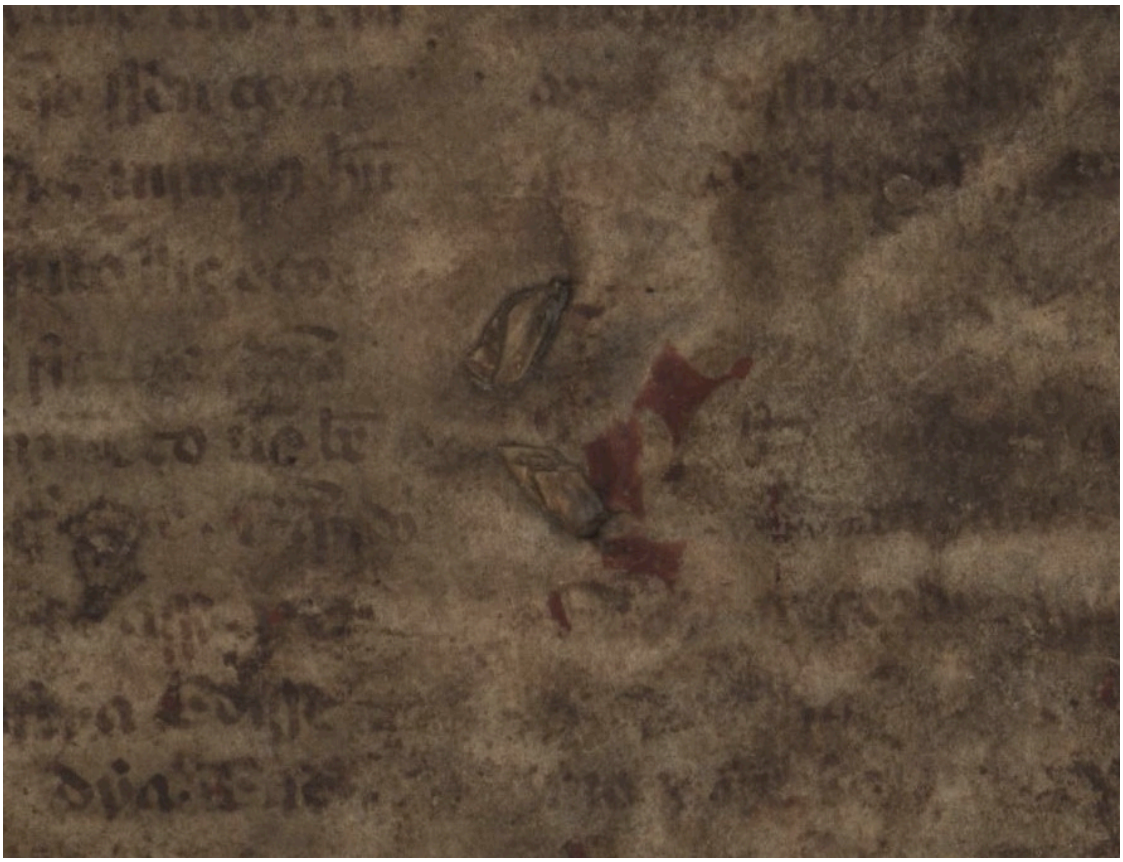


Arquivo Distrital do Porto, NOT/CNSTS01/001/0012,
f. 1v, f. 2r

Apêndice 2



Ms. Arquivo Distrital do Porto, NOT/CNSTS01/001/0012,
(detalhe — f.1r)



Ms. Arquivo Distrital do Porto, NOT/CNSTS01/001/0012,
(detalhe — f.1v)

Apêndice 3

Critérios de Transcrição

Como dissemos na nossa dissertação, transcrevemos em apêndice o manuscrito de Santo Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012). Efectuamos uma transcrição peleográfica. Apresentamos abaixo uma lista dos critérios que seguimos nesta transcrição:

— respeitamos a divisão em linhas do texto do manuscrito;

— assinalamos o desdobramento de abreviaturas pelo itálico;

— introduzimos a separação de palavras;

— utilizamos as maiúsculas nos nomes próprios de acordo com os usos actuais e desenvolvemos as formas abreviadas, de acordo com a norma actual e/ou o *usus scribendi*, prática que no texto se limita a: de[9] = De*us*, Jhũ Xpõ = Jh*es*u C*rist*o e Jo. = Jo*sephes*;

— assinalamos as letras sobrepostas a vermelho pelo itálico;

— mantemos a pontuação do manuscrito;

— omitimos o ponto em cima do *y*;

— respeitamos a grafia do manuscrito no caso dos pronomes enclíticos que aparecem aglutinados ao verbo anterior: *ffezeralhe*.

— assinalamos com [...] letras e palavras ilegíveis no texto.

Manuscrito de Santo Tirso

ADP, NOT/CNSTS01/001/0012

f. 1r|col. I osta m[...] de q*ue* podya. E ffezeralhe hũa camara | p*er* tam g*r*ã soteleza q*ue* bem coydo que hũa cou|ssa terreal lhe podese achar porta. Entõ mãd|ou El rrey fazer hũu grã ffogo eno paaço | Ca lhe prazya de dest*r*oyr a gram t*r*ayçom q*ue* tãto | ffezera e manteuera. E q*u*ando o ffogo ffoy f*ec*to | mãdou q*ue* nẽhũu nõ ffose cõ ele senom Na|cyam e a Raynha e Josephes e leuou todos | os aa porta. E aq*ue*la porta ssarraua ele moy | sotilmẽte. Ca ele q*u*ando a ssarraua cayo hũu | engenho p*er* dent*r*o q*ue* a ssarraua. E q*u*ando a el rrey | q*ue*rya ab*r*ir metya hũu crauo delgado p*er* de | dent*r*o q*ue* a ssarraua. E q*u*ando a el rrey q*ue*rya ab*r*ir | metya aq*ue*l crauo moy ssotylmente p*er* ant*re* | as portas. Ca as paredes e as portas eram | pyntadas dessũu. E por esto nẽgũu nõno | podya entender. E despoys daua dũu ma|lho ssua sarradura do crauo e ergyasse e a|ssy se ab*r*ia. Entõ ent*r*ou el rrey dentro e tom|ou a jymagẽ ele meesmo aa costas e deyto|ua no ffogo ante todos. Despoys q*ue* ffoy q*u*ey|mada dysse El rrey q*ue* u*er*dadeyramẽte era De*us* | de g*r*am poder q*ue* tal uõotade lhe dera. Ca el | nõ coydaua q*ue* jamays ende o sseu coraçom dela podesse partyr. Dessy conhoçeu sseu pe|cado dante todos aq*ue*les q*ue* estauã com ele | E todos sse marauylhauã ca nũca oyrõ | ffalar de tam estranha cousa. |

Assy tornou Josephes El rrey e to|dos de ssua terra aa ffe e a c*r*ença | de Jh*es*u C*rist*o. Q*u*ando ffoy en eutro[sic] dya des|poys q*ue* a jmagem ffoy q*u*eymada Espydy| **f. 1r|col. II** usse Jo*sephes* a el rrey e a Reynha e a Nacyam | e partyuse de ssarrays. E el rrey cõ [...] | conpanha ssayu cõ ele hũu p[...] | Q*u*ando sse ouuer*om* a partyr ouue antre | eles moy g*r*am coyta e muytos sospi|ros e muyto choro. E q*u*ando [...] | ssouber*om* q*ue* sse ya ffor*om* cõ ele muyto | E disser*om* q*ue* sse el q*u*issese ssua cõpanha | q*ue* o nõ leixaryam. E ele rrecebeu ẽde | tantos q*ue* ffor*om* .cc e vii. Entõ espydyose | del rrey e de ssua conpanha e rrogoulhes | q*ue* exalçassem S*anct*a Igl*es*ia e q*ue* teuesse a s*anc*ta | ley de Jh*es*u C*rist*o entõ sse partyr*om* deles. | E eles tornarõsse coydando e chorãdo | Como aq*ue*les a q*ue* ssemelhaua q*ue* o auyã | por toda g*u*issa p*er*dydo Assy se ffoy Josephs[sic] | e ssua cõpanha p*er* lo encomẽdamẽto | de Jh*es*u C*rist*o. Maays[sic] de ssuas jornadas e de | ssua ssayda nõ deuyssa mais o cõto | ante q*ue*r ffalar del rrey Mordaỹ e de | ssua conpanha. |

Aquy diz o conto q*ue* despoys aq*ue*la | noyte q*ue* rrey Mordaym jouue | en

sseu leyto q*ue*eu ẽ ele moy gram pe|sar. Assy q*ue* nẽgũu nõ podya dele sacar | ffala. Em aq*ue*l pesar durou muyto e | sospirou e chorou moy muyto. Assy q*ue* | a rraynha q*ue* jazya cabo dele ffoy ende | moy maraujlhada Mays nõ lhe pode | tanto p*re*guntar por q*ue* choraua q*ue* lho ele | q*u*isesse dizer nẽ ela nõno oussaua ende | a fforçar Ca ele era a rrẽ do mũdo q*ue* | mays dultaua ca ssenp*re* ffora brauo | **f. 1v|col. I** | Assy ffoy el rrey […] […] | […]ado ate [...] […] […] | […]dormece[…] […] [...] […] | hũa [...]ysso[…] […] […] | [...]ia […] […] […] | [...]te […] […] […] | [...] | [...] […]o […] […] […] | [...] […] moy [...] […] […] | […] en […]eu […] […] […] | […]ome. Entõ q*ue*rya ffalar [...] […] | ….]do parecya m[...] […] […] | corysco e derrybaualhe na messa [...] | ffilhauao e [...]ydas […]ter na boca | […] hũu toruon soprãdo tã de rryg[...] q*ue* | ffilhaua el [...] e leu[…] a hũu moy estranho | logar […] [...] […] […]ara. Em | [...] […] […] e t*r*agyalhe cada dya | de corde[…] [...] m[…]gares q*ue* o sseu cora|[…] [...] […] […] despoys uijnha hũu | lobo [...] […] força q*u*anto lhe o cor|[…] [...] Assy q*ue* lhe nõ f[…] senõ | [...] […]en […]to nõ bẽ | assy q*ue* aas uezes morrya de ff[…]me E q*u*ando | el uya que o lobo lhe rob[…] [...] assy pẽ|ssou q*ue* era mal [...] lho sofrya. E disse […] | sse conbaterya cõ [...] dya. E [...] | [...] […] grã [...] Assy f[…]gyu ho | lobo q*ue* [...] despoys tolheu sseu mã|gar Despoys ssemelhoulhe q*ue* achaua a ssua | […] […] q*ue* era canbada e q*ue* a poynha | […] cabeça. E uja seu sobrynho e o a[...] | E q*ue* hũa aue q*ue* ssemelhaua agea o leua|ua aalem [...] a hũa mõtanha moy es|tranha terra Entõ […]nha aue […] | e poynha y. E […] toda gente da <t*e*rra>. | **f. 1v|col. II** | [...] […] […] […] | [...] […] […] […] | [...] […] […] […] | [...] […] […] hũa [...] […] | […] […] [...] lhe [...] […] | [...] era m[…] grã[...] | [...] […] […] […] cõ[…] | [...] rr[…] […] […] turuo e [...] | do E[...] […] […] […] | [...] […] co[…] […] […] | ….]so q*ue* nõ pody[...] […] […] | esto uijnha hũu ho[…] [...] […]|tymuynha [...] […] […] […] | lago e lauou y sseus p[…]s e ss[...] | nos oy[...] […] […] E […] […] | ele e lauou y todo sse[…] [...] E | mordaỹ chamaua sob[…] [...] […] | amor de ssua m[…]lher [...] […] […] | [...] de Nacya[…] [...] […] |

C[...] […] […] […] | […] […] […] [...] | […] [...] acordo[…] [...] […] | [...] […] […] […] | mo [...] […] […] el[…] […] | E [...] […] m[…] [...] […] | cho[...] […]po o[…] [...] […] | E [...] N[…] chorar ouu[…] | […] […] […] […]yto. E to[….] | [...] […] […] q*ue* auya. E el[…] | [...] e dysselhe Er[…]ã[…] [...] ey [...] | disse ermo[…] aq*ue*le [...] e por De*us* | ….]guntar q*ue* he Ca ey [...] […] […] |

f. 2r|col. I | tẽ […]g[…] [...] [...] […] | […] […] [...] […] | onde nõ pode

ho[…] [...] […] | […]aue nõ ousa de pass[…] […] | pa*r*te podyã [...] […] […]|yto de Ssiujlha Aq*u*el […] […] | uos uydes E[...] […] […]ys esq[…] | [...] E ẽn toda aq*ue*la [...] […] […] […] | [...] […] hũa [...] […] […] | […] nadyua [...] esto [...]a […] ẽn lo[…] | p*er*igosso. E ẽn […] […] [...]lhe […] pena do p [...] |

Diz o cõto q*ue* el rrey mordaỹ cato[…] [...] | dessy […]sse nõ [...] nẽh[…] | [...] do mũdo onde […] […] con[…] […]e | [...] […] [...]a el rrey […] E q*u*anto | [...] […] de […] era […]oy as[…] E[…] | e[...]ou […] […]eu […]dor […] […]chou[…] | ende […] […] q*ue* achou hũu cam[…]o q*ue* | […] [...] coua tã esc[…] nõ ha | rrem[...] q*ue* hy [...]trasse […] […] q*ue* nõ acha|ua rrem cõ q*ue* lhe p[…]ugesse e comẽçou a pen|ssar E pẽssou ẽ sseu coraçõ […] auja todo | p*er*dydo sse a De*us* es[...]esse. Assy como pẽssaua | comẽcou a escuytar [...] […]ya as ondas do mar | ffer[...] e ergeu a cabeça e uju hũa barca q*ue* hũu | homẽ boo t*r*agya. Aq*ue*la barca era moy peq*ue*na | e era de prata. E […]uja assy brã[…] lyreo come | ffrol de […] […] uela […]a hũa cruz | uermelha moy ffremossa Aq*ue*la ba[...] apo[…] | [...]a pen[…] […]melh[…] el rrey [...] todos hos boõs o|[...]s do mũdo hy q*u*ando [...] […] o ssyn[…] | […] da cruz ffoy hũu pouco c[…]ffortado. |

Entom ssayu da barca hũu homẽ | mays ffremoso q*ue* nũca homẽ | **f. 2r|col. II** | […] […] […] hũu [...] […] | [...] […] […] lhe p*er*g[…] [...] | [...] […] […] lhe disse [...] | [...] […] […] […] | [...] […] […] p[…]tou | [...] […] […] sse lhe p[…] | […] omẽ lhe disse eu ssõ[…] hũu homẽ | […] […] […] ffeyo homẽ e hũa | [...] tornar ffremossos […] | [...] nõ ssab*e*rya ffazer sse lho […] | [...] E q*ue* […] ffazer do p[…]bre | […] E do ssandeu ssysudo E d[...] | [ ] e do alto bayxo. |

Certas […] elrrey esta [...] | [...] […] […] […] | [...]es ss[…] […] […] | […] como [...] […] […] | [...] q*ue* nõ [...]de […] […] | [...] […] […] […] […] | rrey ss[...] […] […] | t*r*agedes [...] […] […] | cr[...] q*ue* [...] […] […] | [...] […] […] | [...] […] […] | ssem ele. E [...] […]te […]es cõtjgo | hũa coussa [...] […] […] | [...] […] […] | nõ [...] […] […] q*ue* e[…] | [...] […] […] […] do[…] | [...]uo nõ t*r*age[…] |

Muyto ffalou cõ elrrey ho […] | boo da […] [...]|sse das boas [...] […] […]lhe […] | [...] todo ss[…] […] […] q*ue* nẽhũa | **f. 2v|col. I** | re lhe nõ ap*r*endeu E el rrey lhe disse se | q*ue*rya aly fficar ou sse se q*ue*rya yr. Co|mo disse omẽ boo da naue nõ as tu | toda tua c*r*ença em Jh*es*u C*rist*o. E el lhe | dise q*ue* uerdadeyramẽte a auja hy to|da. Ora ssabe tu bẽm dysse ho omẽ | boo q*ue* lhe nõ esquec*er*as ca lhe nõ es|[...] q*ue*m a ele tẽ. E q*u*ando o hom[sic] | sse esmaya entõ he ffora de c*r*ença | Ca q*u*ando De*us* ama o homẽ de todo | coraçõ entõ he dereyta rrazõ q*ue* o | ome[sic] nõ aja cuyra

doutra coussa. | Ca mays o ama De*us* q*ue* se ele pod*er*ya | amar. E q*ue* ffaz assy como aq*ue*l q*ue* dizya | Terreyme a De*us* ẽ todalas coussas q*ue* | ouuer mester. A la ffe nõ ffarey ca | alhur h*e* muyto dent*ẽ*der. E aq*ue*ste q*ue* | esto ffaz cae ẽ desasperãça ca tẽ ha | denydade por mortal. Ca aly onde | diz ca alhur he dentẽder. E esto q*ue*r | [...]comẽ sse disese se De*us* q*u*isesse ẽ | [...]s e em todolos out*r*os nõ pod*er*ya ẽ | ujr a cyma. E por este podes tu ssa | […]er q*ue* aq*ue*l q*ue* esto coyda q*ue* non ha de | […]ença nẽ punto. E po*r* esto te mãda | [...] coraçõ sseja de todo en De*us* e el | […]ẽsara de ty e de todolas coussas | e dal nõ te t*r*abalhes. |

Ca q*u*ando o homẽ boo da naue | disse esto a el rrey tãto lhe | […]razya q*ue* lhe esq*u*aecerõ todolos coy | […]ados e nõ pẽssaua ẽ ssy nẽhũua | […]em. Mays pẽssaua ẽn g*u*issa q*ue* sse | […]elhaua aas uezes q*ue* dormja E nõ | **f. 2v|col. II** | podya dele ap*re*nder nẽhũa cousa c*er*ta. | Q*u*ando tornou ẽn ssua memorya com̃cou | a olhar derredor de ssy e nõ uju a barca nẽ o | homẽ. E com̃cou a catar cõtra toda parte | da pena e nõ no pode ueer. E assẽtouse | e com̃çou a pẽssar. E maraujlhouse q*ue* era aq*ue*l | q*ue* cõ ele ffalara q*ue* muyto lhe dera grã | cõfforto. Mays tãto entẽdya bẽm q*ue* nõ | podya sser sse nõ p*er* poder de De*us*. |

Mvyto esteue el rrey naq*ue*la pena | ata q*ue* catou a sseestro cõtra galer|na e uju uijr hũa naue moy rrycamẽte | g*u*issada cob*e*rta de hũa cortynha. E a uela | daq*ue*la naue e a cortjnha erã neg*r*as e nõ | parecya homẽ nẽ molher q*ue* a gyasse. | En tal g*u*issa ueo dereyta aa pena. E q*u*ando a | el rrey uju arrybar maraujlhusse q*ue* q*ue*rya hy | buscar. E ergeusse e catoua e uju ende | ssayr hũa das ffremossas mlheres[sic] q*ue* nũca | el ujra. E q*u*ando a ele uju espãtousse p*er*o | disselhe que ffosse bẽm uijnda. E ela disse | q*ue* assy era poys lo achara. |

Rey Euelac disse ela ssenp*re* ouue | ssabor de ffalar c[…]g[…] e sse […] ti nõ | fficar eu te liurarey e leuareyte aa mays | ffremosa casa ẽ que tu nũq*u*a ent*r*aste. E el | dyse c*er*tas dona eu uĩj aq*u*i e nõ ssey como | q*ue* jamays ẽde nõ ssayrey ssenõ p*er* aq*ue*l q*ue* | me aq*ui* meteu. E poys assy ssayras ende | p*er* mj̃ dise a dona Ca eu te trouxe aq*u*i p*er* | meu ssem Ca eu q*ue*rya auer t*ẽ*po e logar | de ffalar cõtjgo e de sser em tua cãpanha | E sse tu nõ q*u*iseres rreçear mjnha cõpa |

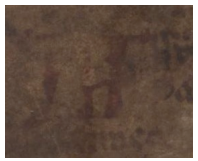
Apêndice 4

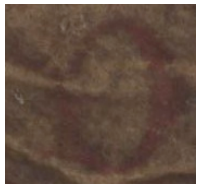
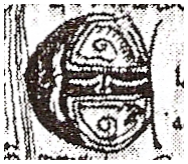
Capitais

Ms. NOT/CNSTS01/001/0012, Arquivo Distrital do Porto (Manuscrito de Santo Tirso)

Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha (Manuscrito da Catalunha)

Fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962 (Manuscrito de Madrid)

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
A	  	f.1r/col.I  f.1r/col.II  f.1v/col.I  		f.122v/col.I 	-	-

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
C	 	f.1v/col.II  f.2v/col.I 	-	-	-	-
D		f.2r/col.I 	-	-		f.1r/col.II 
E		f.2r/col.I 		f.123v/col.II 		f.1r/col.I 

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
G	-	-	-	-		f.2v/col.I 
L	-	-	-	-		f.1r/col.I 
M	 	f.2r/col.II  f.2v/col.II 	-	-	-	-

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
O	-	-	-	-		f.2v/col.II 

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
Q	-	-		f.122v/col.II 		f.2v/col.I 
						f.2v/col.II 
				f.67r/col.II 		f.2v/col.II 
				f. 67v/col.I 		

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012		BC, ms. 2434		fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962	
	alógrafos	referência	alógrafos	referência	alógrafos	referência
R		f.2v/col.II 	-	-	-	-

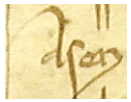
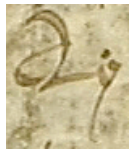
Apêndice 5

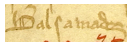
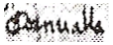
Maiúsculas

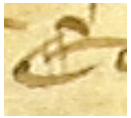
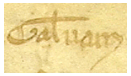
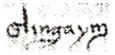
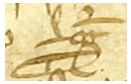
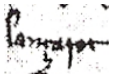
Ms. NOT/CNSTS01/001/0012, Arquivo Distrital do Porto (Manuscrito de Santo Tirso)

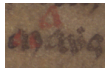
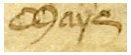
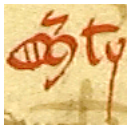
Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha (Manuscrito da Catalunha)

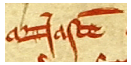
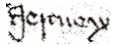
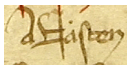
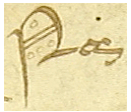
Fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962 (Manuscrito de Madrid)

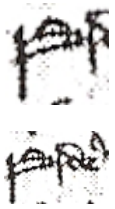
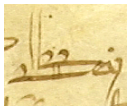
grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
A			Assy	f.1r/ col.II/l. 25			Asen	f.67r/ col.II/l. 2			Assy	f.1r/ col.II/l. 12
							Amigo	f.122r/ col.II/l. 1			Ay	f.1r/ col.II/l.4
							Ay	f.123r/ col.II/l. 20				

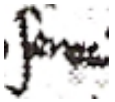
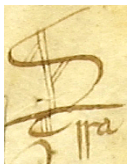
grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
B	-	-	-	-	  	  	Bayxo Balsamados Batalha	f.67r/ col.II/l. 11 f.67v/ col.I/l. 26 f.122r/ col.II/l. 16			Brandeliz	f.1r/ col.II/l. 14
C			Como	f.1r/ col.II/l. 15	 	 	Co*mo* Como	f.67v/ col.I/l. 26 f.122v/ col.I/l.7			Cornualla	f.1r/ col.I/l.10
D			Despoys	f.1r/ col.I/l. 21			Donzela	f.122v/ col.I/l.9			Deus	f.1r/ col.II/l.4

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
E			E	f.1r/ col.I/l. 17			E	f.67r/ col.II/l. 3			Et	f.1r/ col.I/l.6
G	-	-	-	-			Galuan	f.122r/ col.II/l. 2			Glingaym	f.1r/ col.I/l.8
J			Josephes	f.1r/ col.I/l. 29	-	-	-	-	-	-	-	-
K	-	-	-	-	-	-	-	-			Keya	f.1r/ col.II/l. 21
L	-	-	-	-	 	 	Logar Lago	f.67r/ col.II/l. 11 f.67v/ col.I/l. 27			Lançarot	f.2v/ col.I/l.23

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
M			Mays	f.1r/ col.II/l. 18			Mays	f.67r/ col.II/l. 12	-	-	-	-
							Matar me	f.67r/ col.II/l. 19				
							Merlyn	f.67v/ col.I/l. 27				

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
N	-	-	-	-			Anasten	f.67r/ col.II/l. 24			Nerouei x	f.2v/ col.II/l. 33
							Anasten	f.67r/ col.I/l. 26				
							Nen	f.122r/ col.II/l. 4				
							Non					
							Nos	f.122r/ col.II/l. 25 f.122v/ col.I/l.1				

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
O			Ora	f.2v/ col.I/l.6	-	-	-	-			Ora	f.1r/ col.II/l.8
P	-	-	-	-			Poys	f.122r/ col.II/l. 5			P*ar* (De*us*)	f.2v/ col.II/l. 17
Q			Q*u*ando	f.1r/ col.I/l. 31	-	-	-	-			Q*u*ando	f.1r/ col.II/l. 22
R			Reynha	f.1r/ col.II/l. 1	 	 	Rey Rey	f.67r/ col.II/l. 1 f.67r/ col.II/l. 22	 	 	Reyna Rey	f.1r/col.I/ l.14 f.1r/ col.II/l.19

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
S	-	-	-	-	  	  	Se Sy Sabede	f.67r/ col.II/l. 17 f.67r/ col.II/l. 22 f.122v/ col.I/l.9	 	 	Señores Senor	f.1r/ col.II/l. 29 f.2v/ col.II/l. 21
T	-	-	-	-			T*erra*	f.67r/ col.II/l. 1	 	 	T*ristan* Todo	f.1r/ col.I/l.25 f.1r/ col.I/l.26

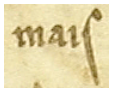
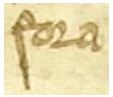
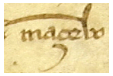
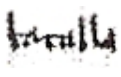
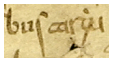
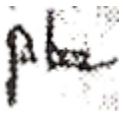
Apêndice 6

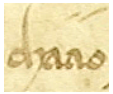
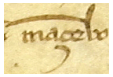
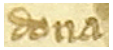
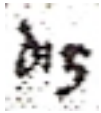
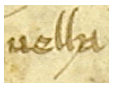
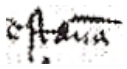
Minúsculas

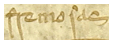
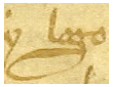
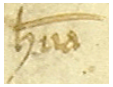
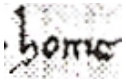
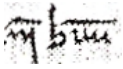
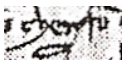
Ms. NOT/CNSTS01/001/0012, Arquivo Distrital do Porto (Manuscrito de Santo Tirso)

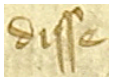
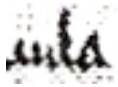
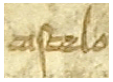
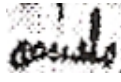
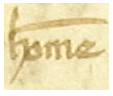
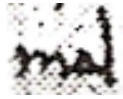
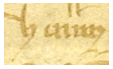
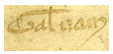
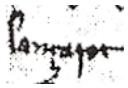
Ms. 2434, Biblioteca da Catalunha (Manuscrito da Catalunha)

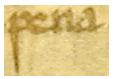
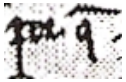
Fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1962 (Manuscrito de Madrid)

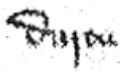
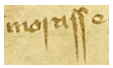
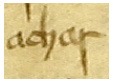
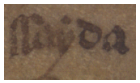
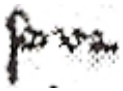
grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
a			podya	f.1r/ col.I/l. 1			anbos	f.1v/col.I/ l.21			ela	f.1r/ col.I/l.11
					inicial 		ala	f.3r/ col.II/l.8				
					interior 		mais	f.3r/ col.II/l.5				
					final 		fora	f.3r/col.I/ l.2				
b			bem	f.1r/ col.I/l.2			ma*n*çebo	f.1r/col. II/l. 3			batalla	f.2v/ col.I/l.20
							buscarya	f.1r/ col.II/ l. 29			saber	f.2v/ col.I/l.21
							conbate mos	f.2r/ col.II/l.12				

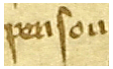
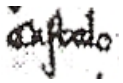
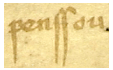
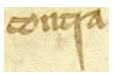
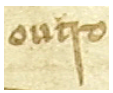
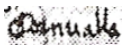
grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
c			ca	f.1r/ col.I/l.27	 	 	camara chaao	f.1v/col.I/ l.23 f.3r/col.I/ l.1			começo	f.2v/ col.I/l.26
ç			paaço	f.1r/ col.I/l.4	 	 	man*ç*ebo receber*an*	f.1r/col. II/l. 3 f.2v/ col.II/l.3			peça	f.2v/ col.I/l.20
d			podya	f.1r/ col.II/l. 25			dona	f.2v/col.I/ l.3	**inicial**  	 	diz de	f.1r/ col.I/l.17 f.1r/ col.II/l. 13
									interior 		Redonda	f.1r/ col.II/l. 20
e			ele	f.1r/ col.II/l. 24			uelha	f.2v/col.I/ l.3			estava*n*	f.2v/ col.I/l.28

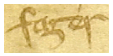
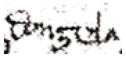
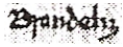
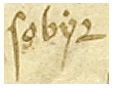
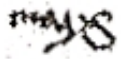
grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
f/ff (sempre dupla inicial em ESG)			ffogo	f.1r/ col.I/l.21			fremosas	f.2v/col.I/ l.12			fora	f.2v/ col.II/l. 30
							faço	f.2r/ col.II/l.4				
g			cõtigo	f.2v/ col.II/l. 34			logo	f.1v/col.I/ l.15			logo	f.1r/ col.II/l. 25
h			mjnha	f.2v/ col.II/l. 35			hũa	f.2v/col.I/ l.3	**inicial**			home	f.1r/ col.I/l.21
									interior			njhũu	f.1r/ col.I/l.9
												chegaro*n*	f.1r/ col.II/l. 26

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
i			liurarey	f.2v/ col.II/l. 27			disse	f.2v/col.I/ l.9			uila	f.2v/ col.II/l. 30
j			jouue	f.1r/ col.II/l. 23	-	-	-	-	-	-	-	-
l			tal	f.1r/ col.I/l.23			castelo	f.3r./col.I/ l.14			caualo	f.2v/ col.II/l. 28
m			meesmo	f.1r/ col.I/l.20	**interior** 		home	f.3r/col.I/ l.4	**inicial** 		mal	f.1r/ col.II/l. 13
					final  	 	huum Galuam	f.1v/col.I/ l.21 f.2r/ col.II/l.5	**final** 		dom	f.1r/ col.I/l.22
n			entender	f.1r/ col.I/l.17	**inicial** 		no*n*	f.2r/ col.II/l.9			Lançarot	f.2v/ col.I/l.23

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
					interior 		andaua	f.2r/ col.I/l.3				
o			ouue	f.2v/ col.II/l. 25			ouue	f.1v/col.I/ l.12			ora	f.1r/ col.I/l.13
p			pena	f.2v/ col.II/l. 11			pena	f.3v/col.I/ l.11			poridade	f.1r/ col.I/l.13
q			q*ue*ymada	f.1r/ col.I/l.33			quis	f.1r/ col.II/l.14			porq*ue*	f.1r/ col.II/l. 23
											q*ue*	f.1r/ col.II/l. 26
											aq*ue*la	f.1r/ col.I/l.12
r	inicial 		rrey	f.1r/ col.II/l. 23			rrogo	f.1r/ col.II/l.16	-	-	-	-

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012					BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos		exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
	interior			tornou	f.1r./ col.I/l.30			prezado	f.1r/ col.II/l.4			durou	f.2v/ col.I/l.20
				estranha	f.1r/ col.I/l.28			estranho	f.1r/ col.II/l.30			derredor	f.2v/ col.I/l.28
				ssarraua	f.1r/ col.I/l.9			morasse	f.1r/ col.II/l.31			fora	f.2v/ col.II/l. 30
				terra	f.1r/ col.I/l.31								
	final			pesar	f.1r/ col.II/l. 26			achar	f.1r/ col.II/l.28			derredor	f.2v/ col.I/l.28
								desamor	f.2v/col.I/ l.17				
s	inicial			ssayda	f.1r/ col.II/l. 19			sen	f.2r/ col.II/l.11			senor	f.2v/ col.II/l. 17
												Ssaya	f.1r/ col.II/l. 13

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012					BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926				
	alógrafos		exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos		exemplo	transcrição	referência
	interior			esteue	f.2v/ col.II/l. 11			pensou	f.1r/ col.II/l.29				Castelo	f.2v/ col.II/l. 17
				disse	f.2v/ col.II/l. 22			penssou	f.1v/col.I/ l.31					
	final			todos	f.1r/ col.I/l.21			estas	f.1v/col.I/ l.24				mays	f.2v/ col.I/l.15
t				võotade	f.1r/ col.I/l.23			contra	f.3r/col.I/ l.5	inicial			Tallada	f.1r/ col.II/l. 13
										interior			esto	f.2v/ col.I/l.15
u				cousa	f.1r/ col.I/l.28			outro	f.3r/ col.II/l.1				Cornualla	f.1r/ col.I/l.10
v	-		-	-	-			verdade	f.2r/ col.II/l.10	-		-	-	-

grafema	ADP, NOT / CNSTS 01 / 001 / 0012				BC, ms. 2434				fac-símile, ed. Pensado Tomé, 1926			
	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência	alógrafos	exemplo	transcrição	referência
x			trouxe	f.2v/ col.II/l. 32			bayxo	f.1r/ col.II/l.11	-	-	-	-
z			jazya	f.1r/ col.II/l. 28			fazer	f.1v/col.I/ l.8	 	 	donzela Brandeliz	f.2v/ col.II/l. 34 f.1r/ col.II/l. 14
y			dya	f.1r/ col.I/l.32			sobyr	f.3r/ col.II/l.7			mays	f.2v/ col.I/l.15

Apêndice 7

Abreviaturas

ms. BC, 2434 / DD

BC, ms. 2434 (Manuscrito da Catalunha)

ANTT, gav. 3, n.º 4, n.º 10 = 1293

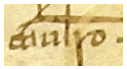
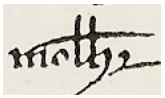
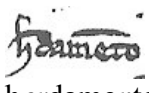
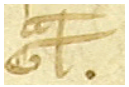
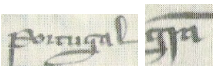
ADB, gav. 2ª das Igrejas, n.º 92 = 1300

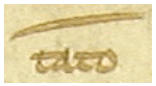
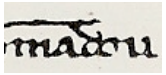
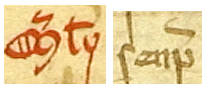
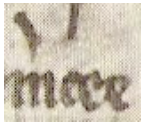
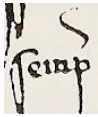
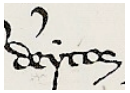
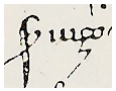
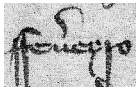
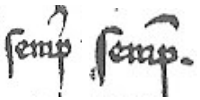
ANTT, Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 2 = 1302

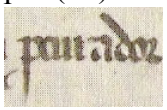
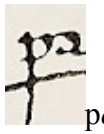
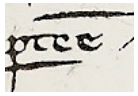
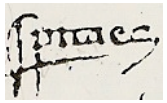
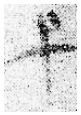
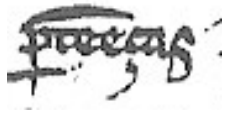
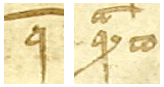
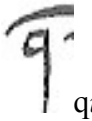
ANTT, Corporações Religiosas, Alcobaça, Documentos Régios, n.º 3, n.º 6 = 1303

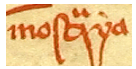
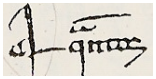
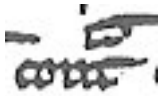
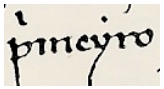
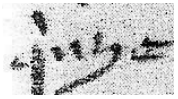
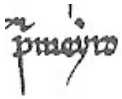
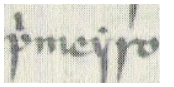
ANT T, Ordem de Avis e Convento de S. Bento de Avis, mç. 4, n.º 369 = 1305

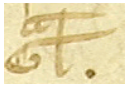
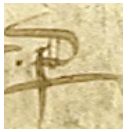
ANTT, gav. 3, n.º 3, n.º 15 = 1313

abreviaturas e sinais	**BC, ms. 2434**	**1293**	**1300**	**1302**	**1303**	**1305**	**1313**
contracção + til	 cau*aley*ro (f. 67r/col.II/l.3)	—	 molh*er* (l.2)	 Joh*a*ne (l.2)	 sab*er* (l.2)	 h*er*dam*en*to (l. 8)	 t*er*ra (l.10)
a sobrescrito + suspensão; suspensão + til	 Gal*uan* (f123r/ col.II/l.2)	 Port*ugal* (l.1)	 Port*ugal* (l.1); gra*ça* (l.1)	 Port*ugal* (l.1); gra*ça* (l.1)	 Port*ugal* (l.1); gra*ça* (l.1)	 Port*ugal* (l.2)	 Port*ugal* (l.1); gra*ça* (l.1)

abreviaturas e sinais	BC, ms. 2434	1293	1300	1302	1303	1305	1313
sinal da conjunção **e**		—					
tironiana **9** com valor de: “con”, “us”, “os”	 De*us* (f.122r/ col.II/l.3)	 do*os* (l.3)	 De*us* (l.1)	—	—	 me*us* (l.4)	 De*us* (l.1)
til indicando a elisão de **m** ou **n**	 ta*n*to (f.121v/ col.I/l.1)	 enqua*n*to (l.7)	 ma*n*dou (l.7)	 vij*n*te (l.6)	 trij*n*ta (l.3)	 Conue*n*to (l.4)	 ame*n* (l.1)
sinais especiais de abreviação indicam: “er”, “re”	 M*er*ly*n* (f.67v/ col.I/l.27); senp*re* (f.67r/ col.II/l.21)	 m*er*cee (l.1)	 semp*re* (l.3)  de*re*ytos (l.4)  se*r*uiço (l.6)	 trezen*t*os (l.7)	 feue*r*eyro (l.6)	 semp*re* (l.5 e l. 8)  m*er*cee (l.3)	 semp*re* (l.3)  liu*re*s (l.7)  faz*er* (l.12)  qui*s*er (l.13)

abreviaturas e sinais	BC, ms. 2434	1293	1300	1302	1303	1305	1313
modificação literal de **d** indica: “de”	—	—	 *de* (l.4)	—	—	 *de* (l.6)	—
modificação literal de **p** indica: “per”, “por”, “pro”, “pir”	 p*or* (f.67v/col.I/ l.4)	 p*er* (l.9)  p*ro*curador (l. 10)	 pe*r*a (l.3)  perteença (l.4-5)  sp*ir*itaes (l.5)	 p*or* (l.2)	 p*or* (l.3)	 p*ar*te (l.4)  pe*r*a 5  pe*r*teen*ç*as (l.8)  sp*ir*itual (l.6)	 pe*r*a (l.3)  pe*r*teen*ç*as (l.6)  e p*ro*meto (l.11)
modificação literal de **q** indica: “que”	 q*ue* (f.67r/col.II/ l.10); q*uan*to (f. 123r/col.I/l.4)	—	 q*ue* (l.2)	 q*ue* (l.5)	 q*ue* (l.2)	 q*ue* (l.4)	 q*ue* (l.5)

abreviaturas e sinais	BC, ms. 2434	1293	1300	1302	1303	1305	1313
a aberto sobrescrito indica: “ua”, “ar”, “ra”	  q*u*ando (f.123r/ col.I/l.7); most*r*arya (f. 67v/col.I/l.27)	—	 a q*u*antos (l.1)	 a q*u*antos (l.1)  alga*r*ue (l.1)	 a q*u*antos (l.1)  alga*r*ue (l.1)	 a q*u*antos (l.1)  cont*r*a (l.9)	 qua*n*t*os* (l.1)  alga*r*ue (l.2)
i sobrescrito indica: “ui”, “ir”, “ri”	 g*u*isa (f.123r/ col.II/l.12	—	 p*ri*meyro 3	 t*r*inta (l.4)	 t*rij*nta (l.3)  q*u*inze (l.9)	 p*ri*meyro (l.11)	 p*ri*meyro (l.2)  conp*r*irem (l.16)  q*ui*serem (l.13)
o sobrescrito indica: “ro”	—	—	—	—	—	—	 out*r*o (l.6)
r redondo sobrescrito	 log*a*r (f.67r/ col.II/l.11)	—	—	—	—	—	—

abreviaturas e sinais	BC, ms. 2434	1293	1300	1302	1303	1305	1313
"er" sobrescrito	 creer (f.67v/ col.I/l.14)	—	—	—	—	—	—
sinal especial indica sincopa de **e** nas formas verbais:	 aued*e*s (f.122r/ col.II/l.14)	—	—	—	—	—	—
a aberto sobrescrito + suspensão	 Gal*uan* (f123r/ col.II/l.2)	—	—	—	—	—	—
o sobrescrito + suspensão	 Co*m*o (f.67r/ col.II/l.24)	—	—	—	—	—	—
modificação literal **p** + suspensão	 p*ar* (De*us*) (f.122v/ col.I/l.18)	—	—	—	—	—	—

Índice

Nota prévia **(3)**

Introdução **(6)**

Partea I: Descrição codicológica (10)

A. O manuscrito de Santo Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012) **(12)**

B. O manuscrito da Catalunha (BC, ms. 2434) **(19)**

C. O manuscrito de Madrid (AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7) **(28)**

Parte II: Descrição paleográfica (33)

A. O manuscrito de Santo Tirso (ADP, NOT/CNSTS01/001/0012) **(40)**

B. O manuscrito da Catalunha (BC, ms. 2434) **(55)**

C. O manuscrito de Madrid (AHNM, Códices. Leg. Carp. 1501 B, n. 7) **(66)**

D. Estudo de caso: documentos régios *versus* BC, ms. 2434 **(77)**

Partea III: Estudo de colação (94)

1. A Organização Cíclica do Romance Arturiano **(94)**

1.1 A Post-Vulgata segundo Fanni Bogdanow **(95)**

1.2 O Ciclo do Pseudo-Robert de Boron segundo José Carlos Ribeiro Miranda **(96)**

2. O Romance Arturiano em Tradução Peninsular Ibérica **(98)**

3. A matéria narrativa dos Primeiros Testemunhos da Tradução Galego-Portuguesa do Romance Arturiano **(100)**

3.1 O manuscrito de Santo Tirso (*Estória do Santo Graal*) **(100)**

3.1.1 O primeiro episódio: a destruição do ídolo e a cristianização do rei Mordão e do seu povo **(101)**

3.1.2 O segundo episódio: as experiências oníricas do rei Mordão **(102)**

3.2 O manuscrito de Catalunha (*Livro de Merlin*) **(102)**

3.2.1 O primeiro episódio: a história de amor do príncipe Anasten **(103)**

3.2.2 O segundo episódio: *Roche aux Pucelles* **(103)**

3.3 O manuscrito de Madrid (*Livro de Tristan*) **(103)**

3.3.1 O primeiro episódio: a alegria da rainha Iseu devido às novas de Guinglain sobre Tristan **(104)**

3.3.2 O segundo episódio: o encontro entre Lancelot e dois cavaleiros e o confronto destes com Neroneus **(104)**

3.3.3 O terceiro episódio: o combate de Lancelot no Castelo Uter **(104)**

A. *Estória do Santo Graal* (106)

1. Afastamento entre ST/TT e So **(114)**

1.1 Ausência de segmentos em So **(114)**

1.1.1 Ausência de segmentos nominais, adjectivais e adverbiais em So **(114)**

1.1.2 Ausência de segmentos verbais em So **(117)**

1.1.3 Ausência de segmentos frásicos em So **(120)**

1.2 Afinidade lexical entre ST/TT e Po **(123)**

1.2.1 Afinidade nominal e adjectival entre ST/TT e Po **(123)**

1.2.2 Afinidade de segmento verbal entre ST/TT e Po **(124)**

2. Afastamento entre os ST/TT e Po **(125)**

2.1 Ausência em Po **(125)**

2.1.1 Ausência de segmentos verbal, adverbial e frásico em Po **(125)**

2.2 Afinidade lexical e sintáctica entre ST/TT e So **(127)**

2.2.1 Afinidade de segmentos nominais entre ST/TT e So **(127)**

2.2.2 Afinidade de segmentos verbais e frásicos entre ST/TT e So **(129)**

3. Casos singulares em ST/TT **(131)**

3.1 Leitura singular de segmento adjectival em ST/TT **(131)**

3.2 Leituras singulares de segmentos frásicos em ST/TT **(133)**

3.3 Segmentos frásicos e um nominal ausentes em ST/TT **(135)**

4. Conclusão **(137)**

B. *Livro de Merlin* (139)

A. Primeiro segmento narrativo **(145)**

1. Afastamento entre LM/o ms. Huth e o ms. de Cambridge **(145)**

2. Afastamento entre LM/ms. de Cambridge e o ms. Huth **(147)**

2.1 Ausência de segmentos nominal, pronominal e frásico do ms. Huth **(147)**

2.2 Afinidade lexical entre LM/ms. de Cambridge **(148)**

B. Segundo segmento narrativo **(150)**

C. Conclusão **(158)**

C. *Livro de Tristan* (159)

1. Aproximação entre LT, ms. BNF, fr. 750 e Viena 2542 (ed. Ménard) **(167)**

1.1 Ausência de segmentos verbais e adverbial de LT/BNF, fr. 750/2542 Viena **(167)**

1.2 Afinidade lexical **(169)**

2. Aproximação entre LT e 404 Carpentras/BNF, fr. 756/BNF, fr. 99 **(170)**

2.1 Ausência de segmentos: *varia* **(170)**

3. Aproximação entre LT e o ms. BNF, fr. 750 **(172)**

3.1 Ausência de segmentos adverbial e nominal **(172)**

4. Aproximação entre LT e 2542 Viena **(174)**

4.1 Redução parcial de elemento nominal **(174)**

4.2 Afinidade lexical entre LT e 2542 Viena **(176)**

4.3 Ausência **(178)**

5. Conclusão **(179)**

Partea IV: Estudo de tradução (181)

1. Periodização da história da teoria da tradução – alguns aspectos **(181)**

2. Estudo de tradução **(197)**

A. *Estória do Santo Graal* (198)

1. Ausência de formas redundantes de ST/TT **(199)**

1.1 Ausência por redução de construção sinonímica **(199)**

1.2 Ausência por redução parcial de segmentos **(203)**

1.3 Ausência por redução total de segmentos **(205)**

2. Amplificação por reiteração em ST/TT **(208)**

2.1 Amplificação de segmentos: *varia* **(208)**

2.2 Amplificação de expressão verbal **(211)**

3. Reformulação **(214)**

3.1 Reformulação de segmentos verbais e frásicos **(215)**

4. Conclusão **(222)**

B. *Livro de Merlin* (223)

1. Ausência de equivalente de LM **(223)**

1.1 Ausência por redução de forma redundante **(223)**

1.2 Ausência por reduções parcial e total de outros elementos adverbiais **(226)**

1.3 Ausência por redução de segmentos frásicos redundantes **(228)**

2. Amplificação em LM **(230)**

2.1 Amplificação de segmentos nominal, verbal e frásico **(230)**

3. Adaptação **(233)**

3.1 Adaptação estrutural **(233)**

4. Reformulação por anáfora **(235)**

5. Conclusão **(235)**

C. *Livro de Tristan* (237)

1. Ausência em LT **(237)**

1.1 Ausência por redução de grupo nominal **(238)**

1.1.1 Ausência por redução de forma nominal redundante **(238)**

1.1.2 Ausência por redução total de grupo nominal **(243)**

1.1.3 Ausência por redução parcial de grupo nominal **(246)**

1.1.4 Ausência por redução de construção sinonímica **(246)**

1.2 Ausência por redução de grupo verbal **(248)**

1.2.1 Ausência por redução de forma verbal redundande **(248)**

1.2.2 Ausência por redução total de grupo verbal **(249)**

1.3 Ausência por redução de grupo adverbial **(253)**

1.4 Ausência por redução de frase **(258)**

1.5 Ausência por redução de segmento narrativo **(271)**

2. Amplificação em LT **(275)**

2.1 Amplificação de grupo nominal **(275)**

2.2 Amplificação de grupo verbal **(279)**

2.3 Amplificação de frase **(280)**

3. Reformulação **(286)**

3.1 Reformulação por síntese **(286)**

3.2 Reformulação por anáfora **(295)**

4. Modificação estrutural **(298)**

5. Conclusão **(306)**

6. Algumas conclusões **(307)**

D. Estudo de léxico comum nos textos peninsulares (ST/LM/LT) (311)

1. “Deus” e expressão idiomática **(311)**

2. Formas de tratamento social **(320)**

2.1 “don” / “senor” // “monseigneur” / “sire” / “seigneur” / “dant” **(321)**

2.2 “dona” / “donzela” / “molher” // “dame” / “damoisele” / “femme” **(332)**

3. “travailliez et si navres” **(341)**
4. “compaignons” **(344)**
5. “grant piece” / “granment” **(38)**
6. “meismes” **(351)**
7. “on” **(356)**
8. “morteus home” **(359)**
9. Concluão **(360)**

Conclusões Gerais (362)
Siglas utilizadas (368)
Bibliografia (369)
Apêndice 1 (395)
Apêndice 2 (398)
Apêndice 3 (410)
Apêndice 4 (407)
Apêndice 5 (415)
Apêndice 6 (423)
Apêndice 7 (433)
Índice (439)